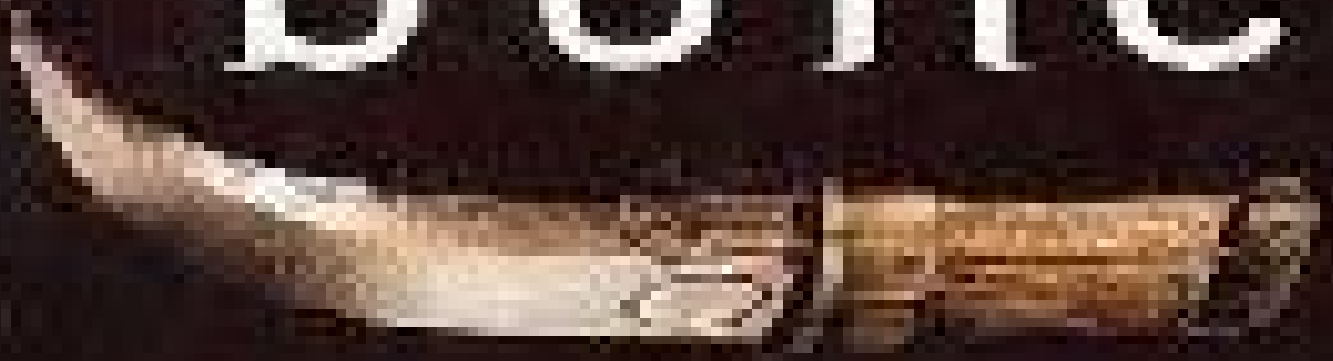
BRIAN HERBERT KEVIN J. ANDERSON

DUNE



A CASA ATREIDES



Brian Herbert e Kevin J. Anderson

DUNE

A CASA ATREIDES

Este livro é para nosso mentor, Frank Herbert, que foi tão fascinante e complexo como o maravilhoso universo de Dune ele que criou.

Transmissão da Corporação Espacial à corporação mercantil galáctica Combine Honnete Ober Advanced Mercantis.

“Nossa responsabilidade específica nesta missão extra-oficial consistiu em explorar os planetas desabitados com o objetivo de encontrar outra fonte da preciosa especiaria melange, da qual tanto depende o Império. documentamos as viagens de muitos de nossos Navegantes e Pilotos, que inspecionaram centenas de planetas. Entretanto, até a data não obtivemos o menor êxito. A única fonte de melange que existe no universo conhecido continua a ser o planeta deserto Arrakis. A Corporação, a CHOAM e todos os outros elementos dependentes têm que continuar sujeitos ao monopólio dos Harkonnen.

Não obstante, o esforço de explorar territórios longínquos em busca de novos sistemas planetários e novos recursos dá seus frutos. As explorações detalhadas e os mapas orbitais contidos nas folhas de cristal riduliano anexas serão de grande importância comercial para a CHOAM.

“Depois de cumprir as especificações do contrato assinado previamente, solicitamos a CHOAM que deposite a quantia acordada em nossa sede oficial do Banco da Corporação.

A sua Alteza Real o imperador Padishah Elrood IX, regente do Universo Conhecido”

“De seu fiel súdito o barão Siridar Vladimir Harkonnen e Senhor Supremo de Giedi Prime, Lankiveil e planetas aliados.

“Senhor, permita-me uma vez mais reafirmar o compromisso de servi-lo com lealdade no planeta deserto Arrakis. Durante os sete anos posteriores à morte de meu pai, envergonha-me dizer que meu incompetente meio-irmão Abulurd permitiu que a produção de especiaria se reduzisse. As perdas de equipes foram

elevadas, e as exportações desceram a níveis abismais. Devido à dependência do Império pela especiaria melange, este fato poderia trazer graves conseqüências. Não duvidem que minha família tomou medidas para corrigir tão desafortunada situação: Abulurd foi afastado de suas funções e deportado ao planeta Lankiveil Seu título de nobreza foi retirado, embora seja possível que algum dia reclame o governo de algum distrito.

"Agora que a supervisão direta de Arrakis depende de mim, permita-me dar minha garantia pessoal de que utilizarei todos os meios necessários (dinheiro, dedicação e mão de ferro) para conseguir que a produção de melange alcance ou exceda nossos níveis de produção anteriores.

Como ordenou sabiamente,

a especiaria tem que fluir.

A melange é o elemento econômico primitivo das atividades da CHOAM. Sem a especiaria, as reverendas madres da Bene Gesserit não poderiam realizar suas experiências de observação e controle humano, os Navegadores da Corporação não poderiam localizar caminhos seguros através do espaço, e milhares de cidadãos imperiais morreriam devido à síndrome de abstinência. Qualquer néscio sabe que a dependência de apenas uma substância degenera em abusos. Todos corremos um grave perigo.

Análise econômica de circulação de materiais da CHOAM

O barão Vladimir Harkonnen, esbelto e musculoso, estava inclinado para frente, ao lado do piloto do ornitóptero. Esquadrinhou com olhos negros através do cristal côncavo, ao mesmo tempo que seu olfato sentia o aroma da areia e do pó onipresentes.

Enquanto o ornitóptero couraçado voava a considerável altura, o sol branco de Arrakis arrancava reflexos das areias infinitas. A visão das dunas, que brilhavam devido ao calor do dia, feriu suas retinas. A paisagem e o céu eram de um branco cegante. Nada conseguia distrair o olho humano.

Um lugar infernal

O barão desejava retornar à placidez industrializada e a complexidade civilizada de Giedi Prime, o planeta central da Casa Harkonnen. Tinha melhores coisas a

fazer no quartel general da família, situado na cidade de Carthag, e seus gostos exigentes desejavam outras diversões.

Mas a especiaria tinha prioridade absoluta. Sempre. Sobretudo quando surgia uma greve tão selvagem como seus rastreadores tinham informado.

Na cabine lotada, o barão apresentava um ar de confiança absoluta, indiferente às oscilações produzidas pelas turbulências de ar. As asas mecânicas do ornitóptero batiam ritmicamente, como as de uma vespa. O

couro negro de seu casaco se ajustava perfeitamente sobre seus peitorais bem desenvolvidos. Com mais de quarenta anos, era atraente, com um ar de fanfarronice em suas feições. Usava o cabelo vermelho-dourado cortado e penteado conforme instruções precisas, para que destacasse seu penteado característico. O rosto do barão era imberbe, as maçãs do rosto altas e bem esculpidas. Ao longo do seu pescoço e mandíbula destacavam músculos muito pronunciados, dispostos a deformar seu rosto em uma expressão raivosa ou em um duro sorriso, segundo as circunstâncias.

— Quanto falta?

Olhou de esguelha para o piloto, que dava sinais de nervosismo.

— O lugar fica nas profundezas do deserto, barão. Tudo indica que se trata de uma das mais ricas concentrações de especiaria jamais escavada.

O aparelho estremeceu quando passaram sobre um afloramento de lava negra. O piloto engoliu em seco e se concentrou nos controles do ornitóptero.

O barão relaxou em seu assento e reprimiu a impaciência. Estava satisfeito porque o novo tesouro estava a salvo de olhos inquisidores, longe de funcionários imperiais ou da CHOAM que pudessem levar registros chatos. O senil imperador Elrood IX não tinha por que saber nada sobre a produção de especiaria dos Harkonnen em Arrakis. Graças a informes falsificados com supremo cuidado e livros de contas manipulados, para não falar dos subornos, o barão contava aos supervisores extra planetários somente o que queria que soubessem.

Passou a mão pelo suor que cobria seu lábio superior, e ajustou os controles da cabine do ornitóptero para uma temperatura mais fresca e um ambiente mais

úmido.

O piloto, nervoso por ter sob sua responsabilidade um passageiro tão importante e de caráter tão mutável, aumentou a velocidade. Olhou para a projeção cartográfica do console, e estudou os contornos do terreno deserto que se estendia até perder-se de vista.

Depois de examinar as projeções cartográficas, sua escassez de detalhes desagradou o barão. Como alguém podia orientar-se naquele planeta deserto? Como era possível que um planeta vital para a estabilidade econômica do Império nunca tivesse sido cartografado? Outra falha de seu fraco meio-irmão, Abulurd.

Mas Abulurd se fora, e o barão estava no comando. Agora que Arrakis é meu, porei tudo em ordem. Assim que retornasse a Carthag, poria gente a trabalhar em novos mapas e planos, se os malditos Fremen não matassem uma vez mais os exploradores, ou destruíssem os pontos cartográficos.

Durante quarenta anos este mundo deserto tinha sido o semi-feudo da Casa Harkonnen, um acordo político garantido pelo imperador, com a bênção da poderosa CHOAM. Embora sórdido e desagradável, Arrakis era uma das jóias mais importantes da coroa imperial, em virtude da preciosa substância que fornecia.

Entretanto, depois da morte do pai do barão, Dimitri Harkonnen, o velho imperador tinha concedido o poder, devido a alguma deficiência mental, ao fraco Abulurd, que conseguira arruinar a produção de especiaria em apenas sete anos. Os lucros caíram, e perdeu o controle graças a contrabandistas e sabotagem. Caído em desgraça, o imbecil tinha sido deposto e exilado sem título oficial em Lankiveil, onde não podia prejudicar muito às atividades baleeiras desenvolvidas no planeta.

Em todo o Império, Arrakis (um inferno que alguns consideravam um castigo) era a única fonte conhecida da melange, uma substância muito mais valiosa que qualquer metal precioso. Neste mundo seco valia mais que seu peso em água.

Sem especiaria, as viagens espaciais seriam impossíveis... e sem viagens espaciais, o Império cairia. A especiaria prolongava a vida, protegia contra doenças e acrescentava vigor à existência. O barão, que a consumia com moderação, agradecia sobremaneira a sensação que produzia. Claro que a

melange, em contrapartida, era ferozmente aditiva, o que mantinha seu preço alto...

O ornitóptero couraçado sobrevoou uma cordilheira que parecia uma mandíbula cheia de dentes podres. Ao longe, o barão viu uma nuvem de pó que se estendia como uma bigorna até o céu.

— São os trabalhos de coleta, barão.

Ornitópteros de ataque semelhantes a falcões apareceram como pontos negros no céu monocromático e se precipitaram para eles. O

comunicador soou, e o piloto enviou um sinal de identificação. Os defensores, mercenários com ordem de manter afastados moradores indesejáveis, descreveram um círculo e adotaram uma posição protetora no céu.

Enquanto a Casa Harkonnen alimentasse a ficção de progresso e benefícios, a Corporação Espacial não tinha por que ser informada de nenhuma descoberta de especiaria. Nem o imperador nem a corporação de comércio galáctico CHOAM. O barão ficaria com a melange e aumentaria seus já enormes depósitos.

Depois dos anos de decadência, se o barão conseguisse ao menos a metade do que era capaz, a CHOAM e o Império notariam uma grande melhora. Sim isso os contentaria, não repararam em suas consideráveis manobras, nunca suspeitariam da existência de suas reservas secretas. Um estratagema perigoso, se fosse descoberto... mas o barão sabia como tratar os olhos curiosos.

Enquanto se aproximavam da nuvem de pó, pegou um binóculo e regulou as lentes. A ampliação lhe permitiu ver a fábrica de especiaria em funcionamento. Com seus gigantescos pneumáticos e enorme capacidade de carga, a monstruosidade mecânica era incrivelmente cara, e valia todos os *Solaris* que sua manutenção custava. Suas escavadoras expulsavam pó avermelhado, areia cinza e lascas de pedra à medida que afundavam e cavavam a superfície do deserto, em busca da especiaria.

Unidades terrestres móveis percorriam a areia estripada nas vizinhanças da fábrica, afundavam sondas sob a superfície, recolhiam amostras, riscavam o plano do veio de especiaria enterrada. No céu, maquinaria mais pesada transportada por ornitópteros jumbo dava voltas, esperando. Na periferia, aparelhos de observação percorriam as areias de um lado a outro, com vigias a

bordo concentrados em encontrar sinais de vermes. Qualquer dos gigantescos vermes de areia de Arrakis podia engolir todo o complexo.

— Senhor barão — disse o piloto ao mesmo tempo que lhe estendia o comunicador —, o capitão da equipe de trabalho deseja falar com o senhor.

— Fala o barão. Informe. Quanta especiaria encontrou?

O capitão respondeu com voz áspera, pelo visto indiferente à importância do homem com quem estava falando.

— Faz dez anos que dirijo equipes de especiaria, e este depósito supera tudo que vi até agora. O problema e que está enterrada a grande profundidade. Geralmente, os elementos deixam a especiaria descoberta, e assim a encontramos. Desta vez está muito concentrada, mas...

O barão só aguardou um momento.

— Sim, o que acontece?

— Está acontecendo algo estranho, senhor. Nos aspectos químicos, quero dizer. Há dióxido de carbono que se filtra de baixo, uma espécie de bolha formada sob nossos pés. O coletor está escavando através de capas exteriores de areia para acessar à especiaria, mas também há vapor de água.

— Vapor de água!

Era algo inédito em Arrakis, onde a de umidade do ar era mínima, mesmo no melhor dos dias.

— Talvez encontramos um antigo aquífero, senhor, sepultado sob uma capa de rocha.

O barão jamais tinha imaginado que se encontraria água sob a superfície de Arrakis. Considerou a possibilidade de explorar um curso de água e vendê-la à população. Isso irritaria sem dúvida aos mercadores de água existentes, que já se davam ares de importância excessiva.

Sua voz de baixo retumbou.

— Acha que está poluindo a especiaria?

— Não sei, senhor — disse o capitão —. A especiaria é uma matéria estranha, mas nunca tinha visto uma jazida semelhante. Não parece...

normal.

O barão olhou para o piloto do ornitóptero.

— Ponha-me em contato com os rastreadores. Pergunte se localizaram sinais de vermes.

— Não há sinais de vermes, meu senhor — disse o piloto ao ver a resposta na tela. O barão observou gotas de suor na testa do homem.

— Ha quanto tempo o coletor esta lá embaixo?

— Quase duas horas normais, senhor.

O barão franziu o cenho. Já deveria ter aparecido um verme.

Sem perceber, o piloto tinha deixado aberto o sistema de comunicações, e o capitão da equipe confirmou a circunstância pelo alto-falante.

— Nunca demoraram tanto, senhor. Os vermes sempre vêm. Sempre.

Mas algo está acontecendo ali embaixo. Os gases estão aumentando.

Cheira-se no ar.

O barão absorveu o ar reciclado da cabine e detectou o aroma almiscarado de canela da especiaria bruta recolhida do deserto. O

ornitóptero se encontrava a algumas centenas de metros do coletor principal.

— Também detectamos vibrações subterrâneas, uma espécie de ressonância. E não gosto disso, senhor.

— Você não é pago para gostar — replicou o barão —. É um verme profundo?

— Não acredito, senhor.

Examinou os cálculos estimados que o coletor de especiaria emitia.

As cifras nublaram sua mente.

— O que estamos obtendo desta escavação equivale à produção mensal das outras jazidas.

Tamborilou com os dedos sobre sua coxa.

— Entretanto, senhor, sugiro que nos preparemos para recolher tudo e abandonar a jazida. Poderíamos perder...

— De maneira alguma, capitão — disse o barão —. Não há sinais de vermes, e quase recolheu a carga de toda uma feitoria. Se precisar, baixaremos um coletor vazio. Não vou abandonar uma fortuna em especiaria porque esta ficando nervoso... só porque tem uma sensação estranha. Ridículo!

Quando o chefe da equipe tentou defender seu ponto, o barão o interrompeu.

— Capitão, se é um covarde nervoso, escolheu mal a profissão e a Casa que lhe dá emprego. Continue.

Fechou o comunicador e tomou nota mentalmente de despedir aquele homem o quanto antes.

No alto flutuavam os transportadores preparados para recolher o coletor de especiaria e a sua tripulação assim que aparecesse um verme.

Mas por que demoravam tanto? Os vermes sempre protegiam a especiaria.

A especiaria. Saboreou a palavra em seus pensamentos.

A substância, rodeada de superstições, existia em uma quantidade desconhecida, como um chifre de unicórnio moderno. Por outro lado, Arrakis era tão inóspito que ninguém tinha descoberto ainda a origem da melange. Na imensa extensão do Império, nenhum explorador nem prospector tinha encontrado melange em nenhum outro planeta, nem ninguém tinha conseguido sintetizar um substituto, apesar de séculos de tentativas. Desde que a Casa Harkonnen detinha o governo de Arrakis, e portanto controlava toda a produção de especiaria, o barão não desejava que se desenvolvesse um substituto ou se encontrasse outra fonte.

Equipes do deserto peritas localizavam a especiaria, e o Império a utilizava mas, alem disso, os detalhes não eram conhecidos. Sempre existia risco para os trabalhadores, o perigo de um ataque de verme muito cedo, de que um transportador se danificasse, de que uma feitoria de especiaria não fosse içada a tempo.

Tormentas de areia inesperadas surgiam com surpreendente velocidade. Os números de baixas e de perdas de equipes eram estarrecedores... mas a melange pagava quase qualquer custo, em dinheiro ou sangue.

Enquanto o ornitóptero descrevia círculos a um ritmo constante, o barão estudou o espetáculo industrial. O sol abrasador se refletia no casco poeirento da feitoria de especiaria. Os rastreadores continuavam sulcando o ar, enquanto veículos terrestres coletavam amostras.

Ainda não se viam sinais de nenhum verme, e cada momento que passava permitia à equipe recolher mais especiaria. Os trabalhadores receberiam bonificações, exceto o capitão, e a Casa Harkonnen se enriqueceria ainda mais. Os registros seriam alterados mais adiante.

O barão se voltou para o piloto.

— Chame a base mais próxima. Ordene que preparem outro transportador e outra fabrica de especiaria. Este veio parece inesgotável. —

Baixou a voz —. Se ainda não apareceu nenhum verme talvez haja tempo...

O capitão da equipe de terra voltou a chamar, retransmitindo em uma freqüência geral desde que o barão tinha fechado seu receptor.

— Senhor, nossas sondas indicam que a temperatura está se elevando abaixo do solo... Um pico drástico! Algo está acontecendo lá embaixo, uma reação química. Além disso, um de nossos grupos de exploração terrestre acaba de encontrar um ninho de trutas de areia.

O barão grunhiu, furioso com o homem porque se comunicou mediante um canal não codificado. E se espiões da CHOAM estivessem escutando? Além disso, ninguém se importava com as trutas de areia.

Aqueles animais gelatinosos que viviam sob a areia eram tão irrelevantes para

ele como um enxame de moscas ao redor de um cadáver.

Tomou nota mental de castigar o homem com algo mais que a demissão e lhe negar a bonificação. Abulurd em pessoa deve ter escolhido esse bastardo afeminado.

O barão viu as diminutas figuras dos exploradores avançando pela areia, brincando de correr como formigas enlouquecidas por vapor ácido.

Correram de volta para a fabrica de especiaria principal. Um homem saltou de seu veículo encravado na areia e se precipitou para a porta aberta da enorme máquina.

— O que esses homens estão fazendo? Estão abandonando seus postos? Desça um pouco para vê-los melhor.

O pilotou inclinou o ornitóptero e desceu como um escaravelho detestável para a areia. Os homens se agacharam, tossiram, enquanto tentavam colocar filtros sobre o rosto. Dois caíram sobre a areia. Outros retrocederam depressa para a fabrica de especiaria.

— Tragam o transportador! Tragam o transportador! — gritou alguém.

Todos os rastreadores informaram.

— Não vejo sinais de vermes.

— Ainda nada.

— Tudo limpo por aqui.

— Por que estão evacuando? — perguntou o barão, como se o piloto soubesse.

— Algo está acontecendo! — chiou o capitão —. Onde está o transportador? Precisamos dele já!

A terra oscilou. Quatro operários caíram de bruços na areia antes de chegar à rampa da fabrica de especiaria.

— Olhe, meu senhor! — O piloto apontou para baixo, com voz trêmula de terror.

Quando o barão deixou de concentrar-se nos homens acovardados, viu que a areia tremia ao redor da jazida, e vibrava como um tambor.

O coletor de especiaria se inclinou e escorregou para um lado. Abriu-se uma rachadura na areia, e toda a jazida começou a erguer-se no ar como uma bolha de gás em uma panela de barro salusana fervendo.

— Tire-nos daqui! — gritou o barão. O piloto olhou para ele por uma fração de segundo, e o barão lhe deu um tapa na bochecha com a mão esquerda, veloz como o raio —. Mexa-se!

O piloto puxou os comandos e iniciou a subida. As asas articuladas bateram furiosamente.

Abaixo deles, a bolha subterrânea alcançou seu ponto máximo e explodiu. O coletor de especiaria, as equipes móveis e todo o resto saltou pelos ares. Uma gigantesca explosão de areia se elevou para o ar, arrastando rocha destroçada e a volátil especiaria alaranjada. A gigantesca fabrica foi feita em pedacinhos, que foram espalhados como trapos perdidos em uma tormenta Coriolis.

— Que diabos aconteceu ali?

Os olhos escuros do barão se arregalaram, incrédulos, ao contemplar a magnitude do desastre. Toda a preciosa especiaria desaparecida, engolida em um instante. Toda a equipe destruída. Não pensou na perda de vidas, apenas nos gastos para treinar outras equipes.

— Segure-se, meu senhor! — gritou o piloto. Os nódulos dos seus dedos ficaram brancos sobre os comandos.

Uma potente rajada de vento os alcançou. O ornitóptero couraçado perdeu sua posição no ar, enquanto as asas se agitavam freneticamente. Os motores zumbiram e grunhiram, ao mesmo tempo em que tentavam manter a estabilidade. Projéteis de areia se chocaram contra as janelas de plaz.

Obstruídos pelo pó, os motores do ornitóptero falharam. O aparelho perdeu altitude e caiu para o revolto estômago do deserto.

O piloto gritou palavras ininteligíveis. O barão agarrou seus protetores contra colisões, e viu que a terra se precipitava para ele rapidamente, disposto a

esmagá-lo como um inseto.

Como cabeça da Casa Harkonnen, sempre tinha pensado que morreria nas mãos de um assassino traidor... mas ser vítima de um desastre natural imprevisível lhe pareceu quase divertido.

Enquanto caíam, viu a areia aberta como uma ferida. As correntes de convecção e as reações químicas absorviam o pó e a melange bruta. O rico veio de especiaria se transformou em uma boca leprosa disposta a engoli-los.

Mas o piloto, que tinha parecido fraco e distraído durante o vôo, adotou uma rigidez total, devida à concentração e a determinação. Seus dedos voavam sobre os comandos, aproveitando as correntes, mudava o fluxo de um motor para outro afim de aliviar o estrangulamento produzido pelo pó nos tubos de recepção de ar.

Por fim, o ornitóptero nivelou, estabilizou-se e voou a baixa altura sobre a planície de dunas. O piloto emitiu um suspiro de alívio.

O barão viu sombras translúcidas reluzentes no grande desfiladeiro aberto na areia, sombras similares a vermes sobre uma carcaça: trutas de areia que corriam para a explosão. Não demorariam para surgirem os gigantescos vermes. Aqueles monstros não resistiriam a tentação.

Por mais que tentasse, o barão não conseguia compreender a especiaria.

O ornitóptero ganhou altitude e os conduziu para os rastreadores e transportadores, que tinham sido tomados de surpresa. Não tinham conseguido recuperar a fabrica de especiaria e seu precioso carregamento antes da explosão, e não podia culpar ninguém por isso. Só a si mesmo. O

barão tinha dado ordens explícitas para se manterem afastados.

— Acabou de salvar minha vida, piloto. Como se chama?

— Kyrubi, senhor.

— Muito bem, Kyrubi. Já tinha visto algo semelhante? Que aconteceu ali embaixo? Qual foi a causa da explosão?

O piloto respirou fundo.

— Ouvi os Fremen falarem a respeito de algo que chamam explosão de especiaria. — Agora parecia uma estátua, como se o terror o tivesse transformado em algo muito mais forte —. Ocorre nas profundezas do deserto, onde muito pouca gente pode presenciar.

— Quem se importa com o que dizem os Fremen? — Seu lábio se curvou desdenhoso quando pensou nos sujos nômades indígenas do grande deserto —. Todos ouvimos falar de explosões de especiaria, mas ninguém viu nenhuma. Superstições estúpidas.

— Sim, mas as superstições sempre tem uma base. Eles viram muitas coisas no deserto.

O barão admirou o homem por sua determinação em falar, embora Kyrubi devia conhecer seu temperamento e espírito vingativos. Talvez seria prudente promovê-lo...

— Dizem que uma explosão de especiaria é uma explosão química

— continuou Kyrubi —, talvez o resultado de uma massa de pré-especiaria sob as areias.

O barão pensou na informação recebida. Não podia negar a evidência de seus próprios olhos. Algum dia, possivelmente alguém descobriria a verdadeira natureza da melange e seria capaz de evitar desastres como este.

Até o momento, como a especiaria parecia inesgotável para aqueles dispostos a levar a cabo o esforço, ninguém tinha se incomodado em efetuar análises detalhadas. Para que perder tempo em testes, quando uma fortuna aguardava? O barão tinha o monopólio de Arrakis, mas era um monopólio apoiado na ignorância.

Apertou os dentes e compreendeu que, assim que voltasse para Carthag, seria obrigado a relaxar um pouco, liberar suas tensões acumuladas com algumas diversões, talvez com mais vigor de imaginação.

Desta vez teria que encontrar um candidato especial, em vez de um de seus amantes habituais, alguém a quem nunca mais voltaria a utilizar. Isso o liberaria das travas.

Já não é preciso ocultar esta jazida do imperador, pensou. Seria registrada, como se fosse um achado, e documentaria a destruição dos equipamento e da equipe. Tampouco seria necessário manipular os registros. O velho Elrood não se sentiria nada satisfeito, e a Casa Harkonnen deveria assumir o prejuízo econômico.

Enquanto o piloto voltava, os sobreviventes da patrulha examinavam os danos sofridos, e mais tarde informaram pelo comunicador sobre a perda de homens, equipamento e a carga de especiaria. O barão sentiu a raiva ferver em seu interior.

Maldito Arrakis. Maldita seja a especiaria, e maldita seja nossa dependência dela!

Somos generalistas. Não se pode delimitar com nitidez problemas de alcance planetário. A planetologia é uma ciência feita sob medida.

Pardot Kynes, Tratado sobre a recuperação ambiental da Salusa Secundus depois do holocausto

No planeta imperial Kaitain, imensos edifícios beijavam o céu.

Magníficas esculturas e opulentas fontes, como visões de um sonho, flanqueavam as avenidas de chão acristalado. Uma pessoa podia contemplar o espetáculo durante horas.

Pardot Kynes só conseguiu vislumbrar o espetáculo urbano, enquanto os guardas reais escoltavam-no até o palácio. Não tinham paciência para a curiosidade de um simples planetólogo, nem tampouco nenhum interesse nas maravilhas da cidade. Seu trabalho consistia em escoltá-lo ao imenso salão abobadado do trono, e sem mais demora. Não se podia fazer o imperador do Universo Conhecido esperar por uma tolice.

Os membros da escolta de Kynes usavam uniformes cinza e negro, impecavelmente limpos e cobertos de galões e medalhas, todos os botões e adornos reluzentes, até a última cinta alisada e engomada. Quinze dos homens escolhidos em pessoa pelo imperador, os Sardaukar, rodeavam-no como um exército.

Mesmo assim, o esplendor da capital do planeta sobressaltava Kynes. Voltou-se

para o guarda mais próximo e disse:

— Estou acostumado a trabalhar ao ar livre, ou atravessando pântanos de planetas onde ninguém mais quer ir. Nunca tinha visto, ou imaginado, nada parecido a isto nas paisagens selvagens e afastadas que estudei.

Os guardas não responderam ao forasteiro gorducho. Os Sardaukar eram treinados para serem máquinas de combate, não anfitriões.

— Aqui me esfregaram até a terceira capa e me vestiram como um nobre.

Kynes tocou o grosso tecido trançado de sua jaqueta azul escuro, cheirou o sabão e o aroma de sua pele. Sua face estava limpa, com o cabelo escasso e loiro penteado para trás.

A escolta subiu a toda pressa uma escada, que parecia interminável, com degraus de pedra adornados com filigranas de ouro e pedras *soo* cintilantes de cor nata.

Kynes se virou para o guarda da esquerda.

— Esta é minha primeira viagem ao planeta. Suponho que quando se trabalha aqui, depois de um tempo nem se repara na paisagem.

Suas palavras se apoiaram em um sorriso ofegante, mas uma vez mais caíram em ouvidos surdos.

Kynes era um perito e respeitado ecologista, geólogo e meteorologista, especializado em botânica e microbiologia. Era um prazer para ele desentranhar os mistérios de planetas inteiros, mas as pessoas eram muito freqüentemente um mistério insondável para ele, como estes guardas.

— Kaitain é muito mais... confortável que Salusa Secundus. Cresci ali — continuou —. Também estive na Bela Tegeuse, e é quase tão espantoso, iluminado por sóis anões.

Por fim, Kynes olhou à frente e murmurou para si:

— O imperador me fez vir da outra metade da galáxia. Eu gostaria de saber por que.

Nenhum dos homens lhe ofereceu a menor explicação.

O cortejo passou sob uma arcada de rocha de lava carmesim, que suportava a pesada opressão de uma idade muito avançada. Kynes ergueu a vista, e com sua experiência de geólogo reconheceu a curiosa e imensa pedra: uma antiga arcada do planeta destruído Salusa Secundus.

Surpreebdeu-o que alguém conservasse uma relíquia tão antiga do austero planeta onde Kynes tinha passado muitos anos, um planeta prisão isolado com um ecossistema destruído. Mas então se lembrou, e sentiu-se como um idiota por ter esquecido que Salusa tinha sido em outro tempo a capital imperial, milênios antes... antes do desastre que o alterou. Sem dúvida a Casa Corrino havia trazido intacta a arcada como uma lembrança de seu passado, ou como uma espécie de troféu para demonstrar que a família imperial tinha superado a adversidade da devastação do seu planeta.

Enquanto o cortejo atravessava o arco de lava e entrava no ressoante esplendor do palácio, soou uma fanfarra executada por instrumentos de sopro que Kynes não reconheceu. Nunca tinha dedicado muito tempo ao estudo da música e das artes, nem sequer quando criança. Para que, quando havia tanta ciência natural para assimilar?

Pouco antes de passar sob o teto resplandecente de jóias da imensa estrutura real, Kynes contemplou uma vez mais o céu espaçoso e azul.

Durante a viagem, dentro de uma seção fechada do Cruzeiro da Corporação, Kynes tinha aproveitado o tempo para aprender algo sobre o planeta capital, embora nunca tivesse aplicado seus conhecimentos sobre planetas a um lugar tão civilizado. Kaitain fora planejada e construída com gosto primoroso, e contava com avenidas flanqueadas por árvores, arquitetura esplêndida, jardins bem regados, muralhas de flores e muito mais.

Os relatórios imperiais afirmavam que o clima era sempre temperado. As tormentas não existiam. Nenhuma nuvem manchava o céu.

A princípio pensava que a informação era pura propaganda turística, mas quando a bela nave escolta da Corporação aterrissou, observou a flotilha de satélites meteorológicos, a tecnologia que, mediante força bruta, dominava o clima e conservava Kaitain como um lugar plácido e sereno. Os engenheiros do clima podiam modificar o tempo, para que se ajustasse ao que um louco tinha decidido

como ótimo, mas estavam expostos a outro perigo ao criar um habitat que, a longo prazo, afetava negativamente a mente, o corpo e o espírito. A família imperial nunca tinha entendido.

Continuava relaxada sob seus céus ensolarados e passeava por seus esplêndidos viveiros, indiferente à catástrofe ecológica que algum dia desabaria ante seus olhos. Seria um desafio ficar no planeta e estudar os efeitos, mas Kynes duvidava que o imperador Elrood IX o tivesse convocado para isso.

A escolta entrou no palácio, passaram em frente a estátuas e pinturas clássicas. A ampla sala de audiências poderia ser uma arena de antigas lutas de gladiadores. O chão se estendia a frente deles como uma planície de quadrados de pedra polida e multicolorida, cada um procedente de um dos planetas do Império. Foram acrescentando nichos e quadros à medida que o Império crescia.

Os funcionários da corte, adornados com vestimentas deslumbrantes e plumas brilhantes, iam de um lado para outro exibindo tecidos feitos com fios de metal precioso. Carregados com documentos, dedicavam-se a assuntos inimagináveis, corriam para realizar reuniões, sussurravam entre si como se só eles compreendessem suas funções reais.

Kynes era um estranho neste mundo político. Preferia a desolação.

Embora o esplendor o fascinasse, desejava a solidão, as paisagens inexploradas, e os mistérios da flora e da fauna. Aquele lugar tão ocupado ia lhe dar dor de cabeça de um momento para outro.

Os guardas Sardaukar o conduziram por um longo caminho sob luzes prismáticas, com enérgico passo marcial que ressoava em uníssono. Os tropeções de Kynes causavam a única dissonância.

Mais adiante, sobre um estrado elevado de cristal verde-azulado, descansava o Trono do Leão Dourado translúcido, esculpido em uma só peça de quartzo de Hagal. E sobre a deslumbrante cadeira estava sentado o velho em pessoa: Elrood Corrino IX, regente imperial do Universo Conhecido.

Kynes observou-o. O imperador era um homem muito fraco, quase esquelético, com uma cabeça enorme sobre um pescoço magro. O regente ancião, rodeado de um luxo tão incrível e uma riqueza tão imensa, parecia insignificante. Entretanto, com um movimento mínimo de seu dedo, o imperador podia condenar planetas

inteiros à aniquilação e matar milhões de pessoas. Elrood ocupava o Trono do Leão Dourado durante quase um século e meio.

Quantos planetas havia no Império? Quantas pessoas aquele homem governava? Kynes se perguntou se era possível que alguém possuísse tal quantidade de informação.

Enquanto era guiado até a base do estrado, Kynes sorriu hesitante para Elrood; depois engoliu em seco, desviou a vista e abaixou a cabeça.

Ninguém tinha explicado qual era o protocolo no palácio, e não conhecia os costumes e frivolidades sociais. O tênue aroma de canela da melange chegou ao seu nariz, procedente de uma jarra de cerveja de especiaria que o imperador tinha sobre uma mesinha ao lado do trono.

Um pajem se adiantou, saudou o chefe da escolta Sardaukar com um movimento de cabeça, virou-se e trovejou em *galach*, o idioma comum:

— O planetólogo Pardot Kynes!

Kynes empertigou-se, enquanto perguntava a si mesmo por que fora apresentado de forma tão ostensiva, quando era evidente que o imperador sabia quem ele era. Do contrário não o teria convocado. Kynes ficou em duvida se devia dizer olá, mas decidiu deixar que a corte determinasse o desenrolar dos acontecimentos.

— Kynes — disse o velho imperador com voz aguda e áspera, afligida por muitos anos de ordens firmes —, vem a mim muito bem recomendado. Nossos conselheiros estudaram muitos candidatos, e o escolheram. O que tem a dizer?

O imperador se inclinou e arqueou as sobrancelhas, de forma que sua fronte se enrugou até o alto do crânio.

Kynes murmurou algo a respeito de sentir-se honrado e lisonjeado, depois pigarreou e formulou a verdadeira pergunta.

— Mas, senhor, para que fui escolhido exatamente?

Elrood estalou a língua e se reclinou no trono.

— Me agrada ver alguém mais preocupado em satisfazer sua curiosidade que

seguir a etiqueta, ou adular estes bajuladores estúpidos e bufões. — Quando sorriu, o rosto de Elrood pareceu adquirir a textura da borracha e as rugas se alargaram. Sua pele possuía, o tom cinzento do pergaminho —. O relatório diz que cresceu em Salusa Secundus, e que escreveu relatórios complexos e definitivos sobre a ecologia do planeta.

— Sim, senhor... majestade. Meus pais eram funcionários, enviados para trabalhar em sua prisão imperial. Eu era muito pequeno e me levaram com eles.

Na verdade, Kynes tinha ouvido rumores de que seu pai ou sua mãe tinham aborrecido o imperador e tinham sido exilados naquele planeta. Mas Pardot Kynes tinha achado aquela desolação fascinante. Depois que os professores terminaram sua educação, passava seus dias explorando as terras ermas, tomava notas, estudava os insetos, as ervas e os animais que tinham conseguido sobreviver ao antigo holocausto atômico.

— Sim, eu sei — disse Elrood —. Depois de um tempo seus pais foram transferidos para outro planeta.

Kynes assentiu.

— Sim, senhor. Foram para Harmonthep.

O imperador agitou a mão para desprezar a referência.

— Mas mais tarde retornou a Salusa. Por vontade própria?

— Bem, tinha muitas coisas que aprender em Salusa — respondeu, e reprimiu um dar de ombros.

Kynes passara anos em ambientes desertos, decifrando os mistérios do clima e dos ecossistemas. Tinha sofrido muitas privações, suportado muitos desconfortos. Em uma ocasião, foi atacado por tigres Laça e sobrevivido. Depois, Kynes publicara um longo tratado sobre seus anos ali, abrindo notáveis janelas de compreensão sobre o planeta capital imperial, antes tão encantador e agora abandonado.

— A desolação selvagem do planeta estimulou meu interesse pela ecologia. É muito mais interessante estudar um... mundo desolado. Tenho dificuldade em aprender algo em um lugar muito civilizado.

Elrood riu do comentário e olhou ao redor, para que outros membros da corte o imitassem.

— Como Kaitain, quer dizer?

— Bem, estou seguro de que também tem que cobrir lugares interessantes, senhor — disse Kynes, rogando não ter cometido uma estupidez indesculpável.

— Muito bem dito! — trovejou Elrood —. Meus conselheiros agiram com sabedoria ao escolhe-lo, Pardot Kynes.

Sem saber o que dizer nem fazer, o planetólogo executou uma reverência desajeitada.

Depois dos anos passados em Salusa Secundus, tinha viajado para os pantanosos e intrincados terrenos do obscuro Bela Tegeuse, e depois a outros lugares que o interessavam. Podia sobreviver em qualquer lugar.

Suas necessidades eram escassas. O mais importante para ele era acumular conhecimentos científicos, estudar as rochas e ver que segredos os processos naturais tinham escondido.

Mas agora a curiosidade o espicaçava. Por que tinha chamado a atenção de uma forma tão grande?

— Se me permite perguntar de novo, majestade... Que missão me destinam? — E se apressou a acrescentar —: É obvio, sinto-me muito honrado em servi-lo no que desejar.

— Você, Kynes, foi reconhecido como um homem capaz de analisar complexos ecossistemas afim de aproveitá-los para as necessidades do Império. Nos o escolhemos para ir ao planeta deserto Arrakis e usar sua magia ali.

— Arrakis! — Kynes não pôde dissimular seu estupor e júbilo —.

Acredito que os habitantes nômades Fremen o chamam de Dune.

— Chame-se como for — disse Elrood com certa brutalidade —, é um dos planetas mais desagradáveis, embora importantes, do Império.

Como deve saber, Arrakis é a única fonte da especiaria melange.

Kynes assentiu.

— Sempre me perguntei por que nenhum explorador encontrou especiaria em outros planetas. E por que ninguém sabe como ela surge.

— Você descobrirá isso para nós — disse o imperador —. Agora é a hora.

De repente, Kynes compreendeu que talvez tivesse se excedido, e sentiu um leve temor. Encontrava-se no salão do trono mais importante de um milhão de planetas, e estava falando com o imperador Elrood IX

pessoalmente. Outros membros da corte olhavam para ele, alguns com desaprovação, outros com horror, e alguns poucos com expressão de perversa alegria, como se intuíssem seu castigo iminente.

Mas Kynes imaginou imediatamente a paisagem de areias calcinadas pelo sol, dunas majestosas e monstruosos vermes de areia, imagens que só tinha visto em videolivros. Esqueceu sua insignificante falta de tato, conteve o fôlego e esperou para escutar os detalhes da missão.

— É de vital importância para o futuro do Império que conheçamos os segredos da melange. Até hoje, ninguém dedicou tempo nem esforços para desvendar seus mistérios. As pessoas pensam que Arrakis é uma fonte inesgotável de riquezas, e ninguém se preocupa com a mecânica ou os detalhes. Crasso engano. — Fez uma pausa —. Este é o desafio que enfrentará, Pardot Kynes. Eu o nomeio planetólogo imperial oficial de Arrakis.

Enquanto Elrood falava, examinou aquele homem maduro, curtido pela intempérie. Compreendeu que Kynes não era um homem complicado.

Seus sentimentos e afinidades transpareciam em seu rosto. Os conselheiros da corte tinham dito que Pardot Kynes não tinha ambições políticas e obrigações. Seu único interesse verdadeiro residia em seu trabalho e na compreensão da ordem natural do universo. Nutria uma fascinação quase infantil pelos planetas longínquos e os ambientes hostis. Executaria sua tarefa com um entusiasmo ilimitado, e proporcionaria respostas sinceras.

Elrood tinha passado quase toda sua vida política rodeado de lacaios néscios,

aduladores descerebrados que diziam o que, em sua opinião, ele queria escutar. Mas este homem tosco, pouco acostumado às convenções sociais, era diferente.

Nesse momento era fundamental que compreendessem os fatos inerentes à especiaria, com o objetivo de melhorar a eficácia das operações, operações que eram vitais. Depois de sete anos do governo inepto de Abulurd Harkonnen, e dos acidentes e enganos cometidos pelo ambicioso barão Vladimir Harkonnen, preocupava ao imperador que a produção e distribuição de especiaria se paralisasse. A especiaria devia fluir.

A Corporação Espacial precisava de enormes quantidades de melange para encher as câmaras herméticas de seus Navegadores mutantes.

Ele, e o conjunto da alta classe do Império, necessitavam de (cada vez mais) doses diárias de melange para conservar a vitalidade e prolongar suas vidas. A Ordem da Bene Gesserit precisava da especiaria para criar e treinar mais reverendas mães. Os Mentat necessitavam dela para concentrar sua mente.

Mesmo desaprovando a desastrada administração do barão Harkonnen, Elrood não podia se apoderar de Arrakis. Depois de décadas de manipulações políticas, a Casa Harkonnen tinha tomado o controle depois de expulsar a Casa Richese.

Há mil anos o Império concedia o governo de Arrakis a uma família escolhida, para que arrancasse as riquezas da areia durante um período que não devia exceder um século. Cada vez que o feudo mudava de mãos, um dilúvio de súplicas e petições inundava o palácio. O apoio da *Landsraad* implicava muitos compromissos, alguns dos quais eram muito caros para Elrood.

Embora fosse o imperador, seu poder dependia de um equilíbrio, cauteloso e instável, com numerosas forças, incluídas as Grandes e Menores Casa do *Landsraad*, a Corporação Espacial e monopólios comerciais como a CHOAM. Era ainda mais difícil lutar com outras forças, forças que preferiam agir na sombra.

Tenho que desequilibrar a balança, pensou Elrood. Este assunto de Arrakis durou muito.

O imperador se inclinou para frente e percebeu que Kynes estava cheio de alegria e entusiasmo. Estava ansioso para ir ao planeta deserto.

Melhor assim.

— Descubra tudo que puder sobre Arrakis e me envie informações regularmente, planetólogo. A Casa Harkonnen receberá instruções de dar todo o apoio e a colaboração que necessitar. Embora não sintam nenhum prazer em ter um observador imperial farejando em seu território.

Nesse momento, como o barão Harkonnen acabava de assumir o governo do planeta, dependia completamente do imperador.

— Forneceremos tudo que for necessário para sua viagem. Faça uma lista e entrega-a a meu *chambelán*. Quando chegar a Arrakis, os Harkonnen receberão ordens de atender todos os seus pedidos.

— Minhas necessidades são escassas — disse Kynes —. Só necessito de meus olhos e minha mente.

— Sim, mas espero que o barão possa lhe oferecer algumas comodidades a mais.

Elrood sorriu de novo e se despediu do planetólogo com um gesto. O

imperador observou que ao sair da sala de audiências Kynes andava com um passo muito mais vivo.

Não construirá uma máquina a semelhança da mente humana.

Primeiro Mandamento da Jihad Butleriana,

tal como consta na Bíblia Católica Laranja

O sofrimento é o grande professor dos homens, ditava o coro de velhos atores no cenário. Embora os cômicos fossem simples cidadãos do povo que vivia à sombra do castelo do Caladan, prepararam-se bem para a representação anual da obra oficial da Casa. Os trajes eram coloridos, embora não fossem totalmente autênticos. Os cenários (a fachada do palácio do Agamenon, o pátio lajeado) exibiam um realismo apoiado só no entusiasmo e em algumas seqüencias filmadas da antiga Grécia.

Já fazia algum tempo que se representava a longa peça de Tosquio, e fazia calor no teatro. Globos de luz iluminavam o cenário e algumas filas de assentos, mas

as tochas e os braseiros que rodeavam os atores perfumavam o edifício com uma fumaça aromática.

Face aos ruídos de fundo, os roncos do velho duque ameaçavam chegar aos ouvidos dos atores.

— Acorde, pai! — sussurrou Leto Atreides, ao mesmo tempo em que dava uma cotovelada nas costelas do duque Paulus —. Nem sequer chegamos na metade da peça.

Paulus se remexeu no assento do seu camarote, e sacudiu migalhas de pão imaginárias de seu peito largo. Sombras dançaram sobre seu rosto fino e enrugado e sua barba grisalha. Usava o uniforme negro dos Atreides, com o emblema do falcão vermelho.

— Tudo se reduz a falar e posar, rapaz. — Piscou em direção ao cenário, onde os anciões apenas se moveram —. E cada ano vemos o mesmo.

— Essa não é a questão, Paulus, querido. — Do outro lado do duque estava sentada a mãe de Leto, *lady* Helena, vestida com seus melhores ornamentos e concentrada nas palavras solenes do coro grego —. Preste atenção ao contexto. Afinal, é a história de sua família, não da minha.

Leto passeou o olhar entre seus pais, consciente de que a história familiar da Casa Richese de sua mãe possuía tanta grandeza e miséria como a da Casa Atreides. Richese tinha caído de uma idade de ouro para sua atual fragilidade econômica.

A Casa Atreides se gabava de que suas raízes remontavam a mais de doze mil anos de antigüidade, até os filhos de Atreus na Velha Terra. A família se orgulhava de sua longa história, face aos numerosos incidentes, trágicos e desonrosos, que a balizavam. Os duques tinham transformado em uma tradição anual a representação da tragédia clássica Agamenon, o filho mais famoso do Atreus e um dos generais que tinham conquistado Tróia.

Leto Atreides, de cabelo negro como asa de corvo e nariz aquilino, parecia-se muito com sua mãe. Assistia a peça, vestido com roupas incômodas, vagamente consciente do fundo extraterrestre da história. O

autor da obra tinha dado como certo que o público captaria as referências

esotéricas. O general Agamenon tinha sido um grande militar de uma das guerras lendárias da história humana, muito antes da criação das máquinas pensantes que tinham escravizado à humanidade, muito antes que a Jihad Butleriana tivesse libertado à humanidade.

Pela primeira vez em seus quatorze anos, Leto sentiu o peso da lenda sobre seus ombros. Intuiu uma relação com os rostos e personalidades do desafortunado passado de sua família.

— É melhor a fortuna não invejada — recitaram em coro os anciões

—. Preferível a saquear cidades, melhor que seguir as ordens de outros.

Antes de zarpar para Tróia, Agamenon tinha sacrificado sua própria filha para que os deuses lhe concedessem ventos favoráveis. Sua desventurada esposa, Clitemnestra, dedicou os dez anos de ausência de seu marido a planejar sua vingança. Agora, depois da batalha final da guerra da Tróia, acendeu-se uma fileira de fogueiras ao longo da costa, para comunicar a vitória ao país.

— Toda a ação acontece fora do cenário — murmurou Paulus, embora nunca tivesse sido um bom leitor ou crítico literário. Vivia o momento, espremia cada gota da experiência e do êxito. Preferia passar o tempo com seu filho ou seus soldados —. Todo mundo fica quieto ante o cenário, à espera da chegada de Agamenon.

Paulus se aborrecia com a falta de ação, sempre repetia para seu filho que era melhor uma decisão errada que não tomar nenhuma. Na obra, Leto pensava que o velho duque se identificava com o grande general, um homem de seu agrado.

O coro de anciões continuou recitando, Clitemnestra saiu do palácio para pronunciar um discurso, e o coro continuou de novo. Um arauto, que fingia ter desembarcado, chegava ao cenário, beijava o chão e recitava um longo solilóquio.

— Agamenon, glorioso rei! Merece nossas boas-vindas por ter aniquilado Tróia e a pátria dos troianos. Os altares de nossos inimigos jazem em ruínas, seus deuses já não os confortam e seus terrenos estão ermos.

Guerra e destruição. Leto pensou na juventude de seu pai, quando tinha lutado pelo imperador, esmagando uma sangrenta rebelião em Ecaz e vivido aventuras

com seu amigo Dominic, agora conde da Casa Vernius, de IX. Quando se encontrava a sós com Leto, o velho duque falava freqüentemente daqueles tempos com nostalgia indissimulada.

Nas sombras de seu camarote, Paulus exalou um suspirou sem ocultar seu aborrecimento. Lady Helena fulminou-o com o olhar, voltou sua atenção à obra e compôs um sorriso mais plácido ainda, se por acaso alguém olhasse. Leto dedicou a seu pai uma careta de compaixão, e Paulus piscou um olho. O duque e sua esposa interpretavam seus papéis à perfeição.

Por fim, o vitorioso Agamenon chegou ao cenário em um carro, acompanhado por sua amante, a profetisa meio louca Cassandra. Enquanto isso, Clitemnestra se preparava para a aparição de seu odiado marido, ao mesmo tempo em que fingia amor e devoção.

O velho Paulus ameaçou afrouxar o colarinho do uniforme, mas Helena puxou sua mão. Seu sorriso não mudou em nada.

Leto sorriu para si ao presenciar aquele ritual, tão freqüente entre seus pais. Sua mãe se esforçava sempre por conservar o que chamava

“sentido de decoro”, enquanto o velho se comportava com muito menos formalidade. Enquanto seu pai lhe ensinara muitas coisas sobre a arte de governar e liderança, *lady* Helena educara seu filho em protocolo e estudos religiosos.

Richese por nascimento, *lady* Helena Atreides tinha nascido em uma Casa importante que perdera quase todo seu poder e prestígio por culpa de ambições econômicas fracassadas e intriga políticas. Depois de ter sido expulsa do governo de Arrakis, a família da Helena tinha salvara parte de sua respeitabilidade graças a um matrimônio de conveniência com os Atreides. Várias de suas irmãs tinham contraído matrimônio com membros de outras Casas.

Apesar de suas diferenças, em certa ocasião o velho duque confessou a Leto que a amara com todo seu coração durante os primeiros anos de sua união. Com o tempo, a relação se degradou, e tivera muitas amantes e talvez alguns filhos ilegítimos, embora Leto fosse seu único herdeiro oficial. À medida que transcorriam as décadas, estabeleceu-se uma inimizade entre marido e mulher, o que provocou profundas desavenças.

Agora, o matrimônio era apenas uma questão política.

— Para começar, casei-me por política, rapaz — havia dito —.

Nunca me teria ocorrido outra coisa. Em nossa posição, o matrimônio é uma ferramenta. Se tentar acrescentar amor a isso, tudo se estraga.

Às vezes Leto se perguntava se Helena amara o duque em algum momento, ou só sua posição e título. Ultimamente parecia que tinha assumido o papel de assessora de imagem oficial de Paulus. Sempre se esforçava em mantê-lo elegante e apresentável. Significava muito, tanto para sua reputação como para a dele.

No cenário, Clitemnestra deu as boas-vindas ao seu marido e estendeu tapeçarias púrpura sobre o chão para que caminhasse sobre elas.

Rodeado de uma grande pompa, ao som das fanfarras, Agamenon entrou em seu palácio, enquanto a profetisa Cassandra, muda de terror, negava-se a entrar. Previa sua própria morte e o assassinato do general. Ninguém a ouviu, é obvio.

Por meio de canais políticos cultivados com supremo tato, a mãe de Leto mantinha contatos com outras Casas poderosas, no entanto o duque Paulus tecia sólidos vínculos com o povo de Caladan. Os duques Atreides se dedicavam ao serviço de seus súditos, e cobravam só o que era justo, a partir de seus negócios familiares. Era uma família enriquecida, embora não em excesso, e não espoliava seus cidadãos.

Na obra, quando o general recém-chegado ia ao banho, sua traiçoeira esposa o vestiu com uma túnica púrpura e lhe deu muitas facadas, junto com sua amante.

— Deuses! Deram-me uma punhalada mortal! — lamentava-se Agamenon de fora do cenário. O velho Paulus sorriu e se inclinou para seu filho.

— Matei muitos homens no campo de batalha, mas nunca ouvi nenhum deles dizer isso enquanto morria.

Helena o fez se calar.

— Os deuses me protejam, outra punhalada! Morrerei! — gritava Agamenon.

Enquanto o público estava absorto na tragédia, Leto tentou analisar a situação e como se relacionava com sua vida. Afinal, supunha-se que era a herança familiar.

Clitemnestra admitiu o assassinato, proclamou o direito a vingar-se de seu marido pelo sangrento sacrifício de sua filha, por deitar-se com prostitutas em Tróia e por ter trazido sua amante, Cassandra, para sua própria casa.

— Glorioso rei — choramingou o coro —, nosso afeto é ilimitado, nossas lagrimas intermináveis. A aranha o apanhou na sinistra rede da morte.

O estômago do Leto se revolveu. A Casa Atreides tinha cometido horríveis maldades no passado longínquo. Mas a família tinha mudado, talvez instigada pelos fantasmas da história. O velho duque era um homem de honra, respeitado pelo *Landsraad* e amado por seu povo. Leto esperava estar a sua altura quando chegasse o momento de tomar as rédeas da Casa Atreides.

Recitaram os últimos versos da obra, os atores se adiantaram até a beira do cenário e fizeram uma reverência aos líderes políticos e econômicos reunidos, vestidos com seus melhores ornamentos.

— Bom, fico feliz que tenha terminado — suspirou Paulus, enquanto se acendiam as luzes do teatro. O velho duque ficou em pé e beijou a mão de sua esposa, enquanto saíam do camarote real —. Vá na frente, querida.

Tenho que falar com Leto. Espere-nos na sala de recepções.

Helena olhou um momento para seu filho e se afastou pelo corredor do antigo teatro de pedra e madeira. Seu olhar denotava que sabia muito bem as intenções de Paulus, mas se rendia à arcaica tradição de que os homens falavam de assuntos importantes enquanto as mulheres se ocupavam de outras coisas.

Mercadores, homens de negócios importantes e outros respeitados membros da comunidade começaram a invadir o corredor, enquanto bebiam vinho de Caladan e comiam canapés.

— Por aqui, rapaz — disse o duque, se dirigindo para um passadiço que corria por trás do cenário.

Leto e ele passaram em frente a dois guardas que saudaram. Depois subiram

quatro pisos no elevador, até chegar a um camarim dourado.

Globos de cristal de Balut flutuavam no ar e projetavam um quente brilho alaranjado. Em outro tempo moradia de um lendário ator caladano, a câmara estava reservada agora para o uso exclusivo dos Atreides e seus conselheiros mais íntimos, em momentos que exigiam privacidade.

Leto se perguntou por que seu pai o levara ate ali.

Depois de fechar a porta a suas costas, Paulus se acomodou em uma poltrona flutuante verde e negra, e indicou a Leto que se sentasse a frente dele. O jovem obedeceu e ajustou os controles para que a poltrona se elevasse no ar, até que seus olhos ficassem à mesma altura dos de seu pai.

Leto só fazia isto em privado, nem sequer diante de sua mãe, que teria tachado aquele comportamento de inapropriado e desrespeitoso. Por outro lado, o velho duque considerava que a audácia de seu filho constituía um divertido reflexo de sua personalidade quando era jovem.

— Você já é maior, Leto — começou Paulus, e extraiu uma trabalhado cachimbo de madeira de um compartimento no braço da poltrona. Não perdeu o tempo com amenidades —. Tem que aprender mais coisas do que há aqui. portanto, vou enviá-lo para IX para estudar.

Examinou o jovem de cabelo negro tão parecido a sua mãe, mas de uma pele mais olivácea. Tinha o rosto estreito, de ângulos pronunciados e profundos olhos cinzas.

IX! O pulso de Leto se acelerou. O planeta máquina. Um lugar estranho e misterioso. Todo o Império conhecia a incrível tecnologia e inovações do intrigante planeta, mas poucos forasteiros tinham pisado nele.

Leto se sentiu desorientado, como se estivesse de pé sobre a ponte de um navio em plena tormenta. Seu pai adorava surpreendê-lo dessa forma, para ver como Leto reagia ante uma situação inesperada.

Os ixianos guardavam segredo a respeito de suas atividades industriais. Havia rumores que operavam nos limites da legalidade, que fabricavam aparelhos que quase violavam as proibições do Jihad contra as máquinas pensantes. Por que meu pai me envia para esse lugar, e como o acertou isso? Por que ninguém pediu

minha opinião?

Uma robomesa emergiu do chão ao lado do Leto, com um copo cristalizado de ácido cítrico. Os gostos do jovem eram conhecidos, da mesma maneira que se sabia que o velho duque só desejava o cachimbo.

Leto tomou um gole da bebida e franziu os lábios.

— Estudará ali por um ano — prosseguiu Paulus —, conforme as tradições das Grandes Casa aliadas. Viver em IX significará um contraste com nosso bucólico planeta. Aprenda com ele.

Contemplou o cachimbo que segurava. Esculpido em madeira da Jacarandá *elaccana*, era de um marrom intenso e cintilava à luz dos globos.

— O senhor esteve ali? — Leto sorriu quando recordou —. Para ver seu camarada Dominic Vernius, não é?

Paulus tocou o botão de combustão em um lado do cachimbo, o que acendia o fumo, que era na realidade uma alga marinha rica em nicotina.

Deu uma longa baforada e exalou a fumaça.

— Em muitas ocasiões. Os ixianos formam uma sociedade isolada e desconfiam dos forasteiros. Em conseqüência, você terá que suportar muitas medidas de segurança, interrogatórios e varreduras de *scanner*.

Sabem que se baixarem a guarda, sequer um instante, poderia ser fatal.

Tanto as Grandes Casas como as Menores cobiçam o que IX possui, e desejariam tomar-lhe.

— Richese, por exemplo — disse Leto.

— Não diga isso a sua mãe. Richese é só uma sombra do que foi, porque IX os derrotou em uma guerra econômica total. — inclinou-se para frente — Os ixianos são professores da sabotagem industrial e apropriações de patentes. Na atualidade, os richesianos só sabem fazer cópias pobres carentes de inovações.

Leto refletiu sobre estes comentários, que eram novos para ele. O

velho duque exalou a fumaça, com as bochechas inchadas e um tremor na barba.

— Em respeito a sua mãe, rapaz, filtramos a informação que acaba de ouvir. A Casa Richese foi uma perda muito trágica. Seu avô, o conde Libam Richese, tinha uma família numerosa, e passava mais tempo com sua prole que vigiando os negócios. Não é surpreendente que seus filhos crescessem muito mimados e dilapidassem sua fortuna.

Leto assentiu, atento como sempre às palavras de seu pai. Não obstante, já sabia mais do que Paulus imaginava. Tinha visto em privado hologravações e videolivros que seus professores tinham deixado a seu alcance por descuido. Entretanto, agora pensou que talvez tudo se tratava de um plano preconcebido para lhe abrir a história da família de sua mãe como uma flor, de pétala em pétala.

Junto com seu interesse familiar por Richese, Leto sempre tinha considerado IX igualmente intrigante. Em outro tempo adversário industrial de Richese, a Casa Vernius de IX tinha sobrevivido como centro tecnológico. A poderosa família real de IX era das mais ricas do Império, e ele ia estudar ali.

As palavras de seu pai interromperam seus pensamentos.

— Seu companheiro de aprendizagem será o príncipe Rhombur, herdeiro do nobre título de Vernius. Espero que se dêem bem. São da mesma idade.

O príncipe de IX. Tomara que não fosse um pirralho mimado, como tantos filhos das poderosas famílias do *Landsraad*. Por que não podia ser uma princesa, com a aparência da filha do banqueiro da Corporação que tinha conhecido no mês anterior no Baile do Solstício da Maré?

— Bem... como é o príncipe Rhombur? — perguntou.

Paulus riu, insinuando toda uma vida de anedotas picantes.

— Não sei. Faz muito tempo que não vejo Dominic nem sua esposa Shando. — Sorriu, como se lembrasse de uma piada privada —. Ah, Shando... Era uma concubina imperial, mas Dominic a roubou do velho Elrood debaixo de seu nariz. — Soltou uma sonora gargalhada —. Agora têm um filho... e também uma filha. Chama-se Kailea.

O duque continuou, com um sorriso enigmático.

— Tem muito que aprender, meu filho. Dentro de um ano, os dois deverão estudar em Caladan, um intercâmbio de serviços pedagógicos.

Rhombur e você serão transportados aos campos de arroz *pundi* nos pântanos do sul, viverão em cabanas e trabalharão nos arrozais. Viajarão sob o mar em uma câmara de Nells, e mergulharão para extrair gemas coralinas. — Sorriu e deu tapinha no ombro de seu filho —. Há coisas que as salas-de-aula e os videolivros não ensinam.

— Sim, senhor.

Inalou a doçura do tabaco de alga marinha. Franziu o cenho, e esperou que a fumaça tivesse ocultado sua expressão. Aquela drástica e inesperada mudança em sua vida não tinha nenhuma graça, mas respeitava seu pai. A base de muitas lições duras, Leto tinha aprendido que o velho duque sabia muito bem do que falava, e que só desejava que seu filho seguisse seus passos.

O duque se reclinou em sua poltrona flutuante, que oscilou no ar.

— Filho, sei que isto não o agrada, mas será uma experiência vital para você e para o filho do Dominic. Aqui, em Caladan, aprenderão nosso maior segredo: como ganhar a total lealdade de nossos súditos, por que confiamos em nosso povo implicitamente, ao contrário dos ixianos.

Paulus ficou sério.

— Meu filho, isto é mais essencial que algo que tenha aprendido em um mundo industrial: as pessoas são mais importantes que as máquinas.

Era um adágio que Leto tinha escutado com freqüência, uma frase tão importante para ele como respirar.

— Por isso nossos soldados lutam tão bem.

Paulus se inclinou e deu uma última baforada.

— Um dia você será duque, rapaz, patriarca da Casa Atreides e respeitado representante na *Landsraad*. Sua voz será igual a de qualquer outro governante

das Grandes Casas. É uma grande responsabilidade.

— Estarei à altura.

— Estou seguro disso, Leto... mas relaxe um pouco. O povo sabe quando não é feliz, e quando seu duque não é feliz, a população não é feliz.

Tem que deixar que a pressão flua por cima e através de você. Dessa forma não poderá se prejudicar. — Estendeu um dedo em advertência —. Divirta-se mais.

Divirta-se. Leto pensou uma vez mais na filha do banqueiro da Corporação, imaginou o contorno de seus seios e quadris, seus lábios úmidos, a forma provocante como tinha falado com ele.

Talvez não fosse tão sério como seu pai pensava...

Tomou outro gole de suco.

— Senhor, com sua lealdade demonstrada, com a reconhecida fidelidade dos Atreides a seus aliados, por que os ixianos nos submetem a seus procedimentos de interrogatório? Acham que um Atreides, com tudo o que foi inculcado nele, poderia transformar-se em um traidor? Poderíamos chegar a ser algum dia como... como os Harkonnen?

O velho duque franziu o sobrecenho.

— Em uma época não fomos muito diferentes deles, mas há histórias que ainda não está preparado para escutar. Lembra da peça que acabamos de ver. — Ergueu um dedo —. As coisas mudam no Império. As alianças se formam e dissolvem conforme seu capricho.

— Nossas alianças não.

Paulus olhou para os olhos cinzas do jovem, e depois desviou o olhar para o lugar onde a fumaça de seu cachimbo redemoinhava, Leto suspirou. Queria saber muitas coisas, e o quanto antes, mas forneciam as informações em pequenas doses, como os *petit fours* que sua mãe oferecia nas festas.

Ouviram às pessoas abandonar o teatro antes da próxima representação de Agamenon. Os atores descansariam, trocariam de vestimenta e se prepararam

para outro público.

Leto, sentado na sala privada com seu pai, sentiu-se mais homem que nunca. Talvez da próxima vez também acendesse um cachimbo. Talvez bebesse algo mais forte que suco de *cidrit*. Paulus olharia com orgulho nos seus olhos.

Leto sorriu e tentou se imaginar como duque Atreides, mas experimentou um intenso sentimento de culpa quando reparou que seu pai teria que morrer antes de herdar o anel de selo ducal. Não desejava isso, e sentiu-se satisfeito porque ainda faltava muito tempo para pensar nisso.

Corporação Espacial: uma coluna do trípode político que sustenta a Grande Convenção. A Corporação foi a segunda escola de treinamento físico-mental (veja-se Bene Gesserit) depois do Jihad Butleriano. O

monopólio da Corporação sobre as viagens e transportes espaciais, assim como do banco internacional, considera-se o ponto inicial do Calendário Imperial.

Terminologia do Império

Da posição privilegiada que lhe dava o Trono do Leão Dourado, o imperador Elrood IX olhou sério para o homem de costas largas e expressão contrariada que se erguia ao pé do estrado real com uma bota apoiada no primeiro degrau. Calvo como a bola de mármore de uma balaustrada, o conde Dominic Vernius ainda se comportava como um herói de guerra popular e condecorado, apesar de que seus dias de glória tinham acontecido há muito tempo. Elrood duvidava que alguém os recordasse.

O *chambelán* imperial, Aken Hesban, plantou-se junho ao visitante e ordenou com tom brusco que afastasse o pé ofensor. Hesban tinha o rosto gasto, e a boca emoldurada por um longo bigode. Os últimos raios do sol do entardecer lançavam franjas sobre a parte superior de uma parede, brilhantes rios dourados que penetravam pelas estreitas janelas em forma de prisma.

O conde Vernius de IX afastou o pé, tal como lhe fora ordenado, mas continuou olhando com cordialidade para Elrood. O emblema ixiano, uma hélice púrpura e cobre, adornava o pescoço do manto de Dominic. Embora a Casa Corrino fosse muito mais poderosa que a família regente de IX, Dominic tinha o costume irritante de tratar o imperador como a um igual, como se sua história passada (boa e má) lhe permitisse dispensar as formalidades. O *chambelán* Hesban não

aprovava isso de forma alguma.

Décadas atrás, Dominic tinha comandado legiões de tropas imperiais durante as cruéis guerras civis, e depois não tinha respeitado o imperador como era devido. Mais tarde, Elrood tinha se metido em problemas políticos com seu impulsivo matrimônio com Fala, sua quarta esposa, e vários líderes do *Landsraad* se viram obrigados a utilizar o poderio militar de sua Casa para impor de novo a estabilidade. A Casa Vernius de IX

estava entre esses aliados, assim como os Atreides.

Dominic sorriu sob seu extravagante bigode e olhou para Elrood com expressão cansada. O velho abutre não ganhara o trono por obra de grandes façanhas nem por compaixão. Em certa ocasião, o tio avô do Dominic, Gaylord, havia dito: "Se tiver nascido para manter o poder, tem que demonstrar que o merece mediante boas obras... ou renunciar. Fazer menos é agir sem consciência."

Dominic, plantado sobre o chão de quadrados de pedra polidos, que em teoria vieram de todos os planetas do Império, aguardava com impaciência que Elrood falasse. Um milhão de planetas? É impossível que haja tantas pedras aqui, embora não seja possível contá-las.

O *chambelán* olhou para ele como se sua dieta tivesse sido reduzida a leite azedo. Não obstante, o conde Vernius conhecia as regras do jogo e se negou a impacientar-se, negou-se a perguntar o motivo de lhe terem convocado. Manteve-se imóvel e sorriu para o ancião. A expressão e os olhos faiscantes de Dominic insinuavam que conhecia mais segredos vergonhosos do ancião do que sua mulher, Shando, tinha-lhe confessado, mas suas próprias suspeitas irritavam Elrood, como se tivesse um espinho de Elaccan fincado no corpo.

Algo se moveu à direita, e Dominic distinguiu nas sombras de uma porta arqueada uma mulher vestida de negro, uma daquelas bruxas Bene Gesserit. Não viu seu rosto, oculto em parte por um capuz. Famosas monopolizadoras de segredos, as Bene Gesserit sempre espreitavam nas cercanias dos centros de poder, espiavam e manipulavam sem cessar.

— Não perguntarei se é verdade, Vernius — disse por fim o imperador —. Minhas fontes são de absoluta confiança, e sei que cometeu este ato terrível. Tecnologia ixiana!

Fingiu cuspir. Dominic não se intimidou. Elrood sempre superestimava a eficácia de seus gestos melodramáticos.

Dominic não apagou seu sorriso, uma esplêndida demonstração de bons dentes.

— Não me lembro de ter cometido nenhum “ato terrível”, senhor.

Pergunte a sua Reveladora da Verdade, se não acreditar em mim. — Olhou para a Bene Gesserit vestida de negro.

— Pura retórica. Não se faça de idiota, Dominic.

Ele se limitou a esperar, para que o imperador se visse obrigado a acusá-lo de algo concreto.

Elrood soprou, e o *chambelán* o imitou.

— Maldito seja, o desenho de seu novo Cruzeiro permitirá que a Corporação, graças a seu abusivo monopólio do transporte espacial, aumente o volume de seus carregamentos em dezesseis por cento!

Dominic fez uma reverência sem deixar de sorrir.

— De fato, meu senhor, conseguimos um aumento de dezoito por cento. Trata-se de uma melhora substancial sobre o desenho anterior, que não só implica um casco novo mas também uma tecnologia dos escudos que pesa menos e ocupa menos espaço. Portanto, aumento de eficácia. Esse é a medula da inovação ixiana, que pelo resto cimentou a grandeza da Casa Vernius ao longo dos séculos.

— Sua alteração reduz o número de vôos que a Corporação precisa fazer para transportar a mesma quantidade de carregamento.

— Naturalmente, senhor. — Dominic olhou para o ancião como se sua estupidez fosse infinita —. Se aumentarem a capacidade de cada Cruzeiro, reduzem o número de vôos necessários para transportar a mesma quantidade de material. Uma simples questão de matemática.

— Seu novo desenho causou grandes contratempos à Casa Imperial, conde Vernius — disse Eleven Hesban, enquanto segurava o colar de seu cargo oficial

como um lenço. Seus bigodes caídos pareciam as presas de uma morsa.

— Bem, imagino que sou capaz de compreender os motivos míopes de sua preocupação, senhor — respondeu Dominic, sem dignar-se a olhar para o pomposo *chambelán.* Os impostos imperiais se apoiavam no número de vôos, não no volume da carga, e o novo desenho do Cruzeiro aparelharia uma redução nos ganhos da Casa Corrino.

Dominic abriu suas mãos sulcadas de cicatrizes, ao mesmo tempo que compunha sua expressão mais razoável.

— Como pode pedir que detenhamos o progresso? IX não violou os termos da Grande Revolução. Contamos com o apoio total da Corporação Espacial e da *Landsraad*.

— Fez isso mesmo sabendo que incorreria em minha ira?

Elrood se inclinou para frente, cada vez mais parecido com um abutre.

— Por favor, senhor! — sorriu Dominic, desdenhando as preocupações do imperador —. Os sentimentos pessoais não podem interferir na marcha do progresso.

Elrood se levantou do trono. Suas roupas oficiais cairam como toldos sobre seu corpo esquelético.

— Não posso voltar a negociar com a Corporação um imposto apoiado na tonelagem métrica, Dominic. Como você já sabe!

— E eu não posso mudar as leis de mercado. — Dominic sacudiu sua cabeça reluzente e deu de ombros —. Se trata de negócios, Elrood.

Os funcionários da corte soltaram uma exclamação afogada, devido à familiaridade com que Dominic Vernius tratava o imperador.

— Tenha cuidado — advertiu o *chambelán.*

Dominic não lhe deu atenção e continuou.

— Esta modificação de desenho afeta muita gente, e a quase todos de maneira

positiva. Só o que nos preocupa são nossos progressos e trabalhar o melhor possível para nosso cliente, a Corporação Espacial. O

custo do novo Cruzeiro equivale a mais do que muitos sistemas planetários ganham em um Ano Padrão.

Elrood fitou-o fixamente.

— Talvez chegou o momento de meus administradores e concessionários de licenças inspecionarem suas fábricas — disse em tom ameaçador —. Recebi informes que os cientistas ixianos estão desenvolvendo máquinas pensantes ilegais, que violam o Jihad. E também recebi queixa da repressão contra sua classe operária *subóide*. Não é assim, Aken?

O *chambelán* assentiu com semblante sombrio.

— Sim, alteza.

— Não correram semelhantes rumores — sorriu Dominic, embora com certa vacilação —. Tampouco existem provas.

— Recebemos relatórios anônimos, mas não se guardaram os registros. — O imperador estalou seus dedos longos, enquanto um sorriso sincero cruzava seu rosto —. Sim, acredito que o melhor seria uma inspeção surpresa de IX, antes que possa ordenar que se oculte tudo.

— O acesso às instalações internas de IX está proibido, segundo um antigo acordo assinado entre o Império e a *Landsraad*.

Dominic estava furioso, mas tentava conservar a compostura.

— Eu não assinei esse acordo. — Elrood olhou para as unhas —. E

sou imperador há muito tempo.

— Seu antecessor o assinou, e isso o compromete.

— Possuo o poder de fazer e desfazer acordos. Talvez não se lembre que sou o imperador Padishah, e que posso fazer o que quiser.

— A *Landsraad* terá a última palavra a respeito, Roody. — Dominic se arrependeu de ter utilizado o apelido, mas já era muito tarde.

O imperador, vermelho de fúria, ficou em pé de um salto e estendeu um dedo, tremulo e acusador, para Dominic.

— Como se atreve?

Os guardas Sardaukar prepararam suas armas.

— Se insistir em uma inspeção imperial — disse Dominic com um gesto desdenhoso —, apresentarei um protesto oficial ante o tribunal da *Landsraad*. Precisa de argumentos, e sabe disso. — Fez uma reverência e retrocedeu —. Estou muito ocupado, senhor. Se me perdoar, preciso partir.

Elrood fulminou-o com o olhar, furioso pelo apelido que Dominic tinha utilizado. Roody. Ambos os homens sabiam que aquele apelido só era usado por uma ex-concubina de Elrood, a formosa Shando... que agora era *lady* Vernius.

Depois da rebelião dos Ecazi, o imperador Elrood tinha condecorado o valente e jovem Dominic, além de lhe conceder uma expansão de seu feudo que incluía outros planetas do sistema Alkaurops. A convite de Elrood, o jovem conde Vernius tinha passado muito tempo na corte, um herói de guerra utilizado como adorno em banquetes imperiais e solenidades estatais. O fogoso Dominic tinha sido muito popular, um convidado recebido com prazer, um companheiro orgulhoso e divertido.

Mas ali foi onde Dominic conheceu Shando, uma das numerosas concubinas do imperador. Naquele tempo, Elrood não estava casado com ninguém. Sua quarta e última esposa Fala, havia falecido cinco anos antes, e já tinha dois herdeiros varões (embora o mais velho, Pamir, morreria envenenado naquele mesmo ano). O imperador sempre estava rodeado de belas mulheres, principalmente para manter as aparências, já que em poucas ocasiões se deitava com Shando ou as outras concubinas.

Dominic e Shando se apaixonaram, mas conservaram sua relação em segredo durante muitos meses devido ao perigo que a situação os colocava.

Estava claro que Elrood tinha perdido todo interesse nela depois de cinco anos, e quando solicitou que a exonerassem do serviço para abandonar a corte imperial,

Elrood, embora perplexo, concordou. Ele a apreciava, e não encontrou motivos para recusar um pedido tão simples.

As outras concubinas tinham pensado que Shando era uma néscia por renunciar a uma vida de luxos e caprichos, mas ela estava farta daquela existência e desejava um verdadeiro matrimônio e ter filhos.

Assim que foi liberada do serviço imperial, Dominic Vernius se casou com ela, e fizeram seus votos com o mínimo de pompa e cerimônia, mas dentro da mais estrita legalidade.

Depois de descobrir que outro homem a desejava, o orgulho masculino de Elrood o impulsionou a mudar de idéia, mas já era muito tarde. Tinha guardado rancor de Dominic desde aquele momento, paranóico pelos segredos de quarto que Shando confessaria a seu marido.

Roody.

A bruxa Bene Gesserit que espreitava perto do trono mergulhou nas sombras, atrás de uma coluna salpicada de granito de Canidar. Dominic ficou em dúvida se os acontecimentos a agradavam ou não.

Dominic se obrigou a não acelerar o passo nem a vacilar. Passou com ar decidido pelos dois guardas Sardaukar e saiu para o vestíbulo exterior. A um sinal de Elrood, eles o executariam imediatamente.

Dominic caminhou mais depressa.

Os Corrino eram conhecidos por seu temperamento explosivo. Em mais de uma ocasião se viram obrigados a pagar por suas reações precipitadas e mau aconselhadas, usando a imensa riqueza familiar. Matar o chefe da Casa Vernius durante uma audiência imperial poderia ser mais um desses atos irrefletidos... a não ser pela implicação da Corporação Espacial. A Corporação tinha favorecido IX com cuidados crescentes e benefícios e tinha adotado o desenho do Cruzeiro, e nem sequer o imperador e seus brutais Sardaukar podiam opor-se a ela.

Era uma circunstância irônica, tendo em conta o poderio militar da Casa Corrino, porque a Corporação não possuía forças armadas, nem armamento próprio. Mas sem a Corporação e seus Navegadores, que se orientavam com segurança pelas dobras espaciais, não existiriam as viagens espaciais, nem os bancos

interplanetários, nem império a governar.

Em um abrir e fechar de olhos, a Corporação podia recusar seus favores, dissolver exércitos e pôr fim às campanhas militares. De que serviriam os Sardaukar se ficassem restringidos a Kaitain?

Dominic chegou por fim à saída principal do palácio imperial, passou sob o arco de lava salusano e esperou que três guardas o submetessem a uma varredura de segurança.

Por azar, a proteção da Corporação só chegava até ali.

Dominic sentia pouco respeito pelo imperador. Tinha tentado dissimular seu desprezo pelo patético regente de um milhão de planetas, mas cometera o engano de pensar que se tratava de um homem simples, o antigo amante de sua esposa. Elrood, humilhado, era capaz de aniquilar todo um planeta em um ataque de ira. O imperador era um indivíduo vingativo. Como todos os Corrino.

Tenho meus contatos, pensou Elrood, enquanto se afastava de seu adversário. Posso subornar alguns dos operários que estão fabricando componentes para esses Cruzeiros otimizados, embora seja difícil, porque se diz que esses *subóides* são imbecis. E se isso não funcionar, Dominic, posso localizar outras pessoas com as quais se indispôs. Seu engano será não lhes dar importância, Elrood recriou mentalmente a encantadora Shando, e recordou os momentos mais íntimos que tinham compartilhado, fazia décadas. Lençóis de seda *merh* púrpura, a enorme cama, os incensários, os globos de luz acristalados. Como imperador, podia possuir todas as mulheres que desejasse, e tinha escolhido Shando.

Durante dois anos tinha sido sua concubina favorita, inclusive durante a vida de sua esposa Fala. Pequena e de silhueta delicada, tinha uma aparência frágil, parecendo uma boneca de porcelana, que a jovem tinha cultivado durante os anos passados em Kaitain. Não obstante, também possuía uma grande energia e adaptabilidade. Tinham se divertido compondo juntos quebra-cabeças gramaticais multilíngües. Shando tinha sussurrado Roody em seu ouvido quando a convidara para o leito imperial, e o tinha gritado durante os momentos de paixão.

Ouviu sua voz na memória. Roody... Roody... Roody...

Entretanto, como era uma plebéia não podia se casar com o Shando.

Nem sequer tinha pensado nessa possibilidade. Os chefes das Casas reais poucas vezes contraíam matrimônio com suas concubinas, e um imperador nunca. O jovem e arrojado Dominic tinha obtido, com seus ardis, que Shando obtivesse a liberdade, que enganasse Elrood, e depois a tinha levado para IX, onde se casaram em segredo. A estupefação se estendeu mais tarde a *Landsraad,* e apesar do escândalo tinham continuado casados durante todos estes anos.

E a *Landsraad*, face à petição de Elrood, negou-se a fazer qualquer coisa a respeito. Afinal, Dominic tinha se casado com a moça, e o imperador não demonstrava a menor intenção de fazê-lo. Tudo de acordo com a lei. Apesar de seus ciúmes, Elrood não podia afirmar que Shando tivesse cometido adultério.

Mas Dominic Vernius conhecia seu apelido íntimo. Que mais ela teria contado? Isso o corroia como uma chaga.

Viu Dominic na tela do monitor de segurança preso ao punho. Tinha chegado à porta principal, e uma série de pálidos raios de segurança o percorriam, raios vindos de um *scanner* que era outra máquina sofisticada ixiana.

Se enviasse um sinal, as sondas apagariam a mente do homem, transformariam-no em um vegetal. Um aumento de potência inesperado, um terrível acidente... Seria irônico que Elrood utilizasse um scanner ixiano para matar o conde de IX.

Desejava muito fazê-lo. Mas agora não. Não era o momento apropriado, perguntas incomodas surgiriam, talvez uma investigação fosse aberta. Tal vingança exigia sutileza e planejamento. Dessa forma, a surpresa e a vitória seriam muito mais satisfatórias.

Elrood apagou o monitor.

De pé junto ao trono, o *chambelán* Aken Hesban não perguntou por que o imperador sorria.

A principal função da ecologia é a compreensão das conseqüências.

Pardot Kynes.

Ecologia de Bela Tegeuse, relatório inicial ao Império Sobre o horizonte, afiado como uma navalha, as cores do amanhecer tingiam a atmosfera. Ao fim de um breve momento, uma luz cálida iluminou a paisagem de Arrakis, um repentino

banho de calor e luminosidade. O sol esbranquiçado surgia sobre o horizonte, permitindo que aquele brilho se insinuasse na árida atmosfera.

Agora que por fim tinha chegado ao planeta deserto, Pardot Kynes respirou fundo, e depois recordou que devia usar a máscara para impedir a perda de umidade. Uma leve brisa agitava seu ralo cabelo loiro. Estava em Arrakis a apenas uma semana e já intuíra que aquele planeta ermo escondia mais mistérios do que poderia decifrar em toda uma vida.

Teria preferido que o abandonassem a seus próprios recursos.

Ansiava por vagar sozinho pelo Grande Bled com seus instrumentos e cadernos de cálculo, para estudar as características da rocha de lava e as capas estratificadas das dunas.

Entretanto, quando Glossu Rabban, sobrinho do barão e herdeiro teórico da Casa Harkonnen, anunciou sua intenção de entrar no deserto para caçar um dos lendários vermes de areia, Kynes não quis perder semelhante oportunidade.

Como simples planetólogo, um cientista em vez de um guerreiro, sentia-se deslocado. As tropas do deserto dos Harkonnen se muniram com armas e explosivos da fortaleza blindada central. Subiram em um transporte de tropas conduzido por um homem, Lunado Thekar, que afirmava ter vivido em uma aldeia do deserto, embora agora fosse um mercador de água de Carthag. Parecia mais um Fremen do que admitia, embora desse a impressão de que nenhum Harkonnen percebesse.

Rabban não tinha pensado em nenhum plano concreto para seguir o rastro daqueles enormes animais. Não queria ir a nenhuma jazida de especiaria, se por acaso sua equipe atrapalhasse os trabalhos. Queria capturar e matar uma dessas bestas com seus próprios meios. Havia se provido de todas as armas imagináveis, e confiava em seu talento instintivo para a destruição.

Dias antes, Kynes tinha chegado a Arrakis a bordo de uma lançadeira diplomática, e aterrissado na poeirenta cidade, de construção bastante recente. Ansioso por começar, tinha apresentado seus títulos imperiais ao barão em pessoa. O homem magro e ruivo tinha examinado os documentos de Kynes com atenção, e depois verificado o selo imperial. Umedeceu seus grossos lábios, antes de prometer sua colaboração a contra gosto.

— Deve sempre ter a prudência de se manter afastado dos lugares onde se trabalha.

Kynes fez uma reverência.

— Não tenho outro desejo além de ficar sozinho e afastado das atividades trabalhistas, meu senhor barão.

Tinha passado os dois primeiros dias na cidade, dedicado a comprar indumentária apropriada para o deserto, a falar com gente das aldeias fronteiriças, a aprender tudo que pôde sobre as lendas do deserto, as advertências, os costumes, os mistérios inexplorados. Como compreendia a importância dessas coisas, Kynes tinha investido uma soma substancial na aquisição do melhor traje destilador para sobreviver no deserto, assim como uma para-bússola, tendas destiladoras e aparelhos de funcionamento certificado para guardar notas.

Se dizia que muitas tribos dos enigmáticos Fremen viviam no coração do deserto. Kynes queria falar com eles, compreender como sobreviviam em um ambiente tão hostil. Não obstante, os Fremen pareciam incômodos dentro dos limites de Carthag, e fugiam sempre que tentava falar com eles.

Kynes não se entusiasmava muito com a cidade. A Casa Harkonnen tinha construído excessivas sedes oficiais quando, quatro décadas antes, as manipulações da Corporação lhes tinha conferido Arrakis em semi-feudo.

Carthag tinha sido construída com a rapidez própria da mão de obra humana inesgotável, sem dar atenção aos detalhes: blocos de edifícios eretos com materiais de segunda mão, para propósitos estritamente funcionais. Nem uma gota de elegância.

Parecia que Carthag tinha sido transportada sem o menor escrúpulo para aquele ambiente. Sua arquitetura ofendia a sensibilidade de Kynes. O

planetólogo possuía uma capacidade inata para perceber as bases de um ecossistema, para compreender como as peças se encaixavam em um ambiente natural. E aquele centro demográfico era um erro, como uma pústula na pele do planeta.

Arraken, outro posto fronteiriço situado no sudoeste, era uma cidade mais

primitiva que tinha crescido pouco a pouco, com naturalidade, construída sob uma barreira montanhosa chamada Muralha Escudo. Talvez Kynes devesse tê-la visitado em primeiro lugar, mas as conveniências políticas o obrigaram a estabelecer sua base com os governantes do planeta.

Ao menos, isso tinha lhe concedido a oportunidade de caçar um dos gigantescos vermes de areia. O amplo ornitóptero que transportava à equipe de caça de Rabban decolou, e Kynes não demorou para vislumbrar o verdadeiro deserto. Olhou pela janela para a paisagem ondulada. Graças a sua experiência em outros ambientes desérticos, pôde identificar formações de dunas, formas e curvas sinuosas que revelavam ventos sazonais, correntes de ar dominantes e a severidade das tormentas. Havia muito que aprender das linhas e ondulações, como rastros digitais do clima. Apoiou a testa contra o cristal. Nenhum outro passageiro parecia interessado na paisagem.

Os soldados Harkonnen se remexiam, mortos de calor dentro de seus pesados uniformes blindados azuis. Suas armas matraqueavam entre si e arranhavam as pranchas do chão. Os homens pareciam incomodados com seus escudos corporais, mas a presença de um escudo e seu campo Holtzman despertaria os instintos assassinos dos vermes próximos. Hoje, Rabban queria encarregar-se da matança.

Glossu Rabban, vinte e um anos, filho do desafortunado governador anterior do planeta, estava sentado muito ereto perto do piloto, e esquadrinhava a areia em busca de objetivos. Era um jovem de cabelo castanho muito curto, de ombros largos, voz profunda e mau gênio. Os pálidos olhos azul claro olhavam de um rosto bronzeado. Parecia fazer todo o possível por ser o contrário de seu pai.

— Veremos rastros de vermes do céu? — perguntou. Thekar, o guia do deserto, estava muito perto dele, como se quisesse compartilhar o espaço pessoal de Rabban.

— As areias mudam de forma e ocultam o rastro de um verme.

Quase sempre se movem a grande profundidade. Não o verão aproximar-se até que saia para a superfície e decida atacar.

O alto e anguloso Kynes escutava com atenção e tomava nota mentalmente. Queria gravar todos os detalhes em seu caderno, mas teria que esperar um pouco.

— Então, como vamos encontrar um?

— Não é tão simples, meu senhor Rabban — respondeu Thekar —.

Os grandes vermes têm seus próprios domínios, alguns dos quais abrangem centenas de quilômetros quadrados. Dentro dessas fronteiras, caçam e matam os intrusos.

Rabban, cada vez mais impaciente, virou-se em seu assento. Seu semblante se escureceu.

— Saberemos encontrar o domínio de um verme?

Thekar sorriu e seus olhos escuros e profundos adotaram um olhar longínquo.

— Todo o deserto é propriedade dos *Shai-Hulud.*

— Quais? Pare de me enrolar.

Kynes pensou que Rabban ia esbofetear o homem do deserto.

— Tanto tempo vivendo em Arrakis, e não sabia disto, meu senhor Rabban? Os Fremen pensam que os vermes de areia são deuses — Thekar respondeu em voz baixa —. São chamados de *Shai-Hulud.*

— Então hoje mataremos um deus — anunciou Rabban com orgulho, o que provocou as brincadeiras de outros caçadores que viajavam na parte posterior do compartimento. Virou-se para o guia —. Dentro de dois dias parto para Giedi Prime e quero levar um troféu. Nossa caçada será um êxito.

Giedi Prime, pensou Kynes. O planeta natal da Casa Harkonnen. Ao menos não terei que me preocupar com ele depois que tiver partido.

— Conseguira seu troféu, meu senhor — prometeu Thekar.

— Não duvido — disse Rabban em um tom mais detestável.

Kynes, sentado a sós na parte posterior do transporte de tropas e embutido em sua indumentária do deserto, sentia-se incomodado em semelhante companhia. Não lhe interessavam as ambições gloriosas do sobrinho do barão, mas se a

excursão lhe permitisse dar uma boa olhada em um dos monstros, compensaria meses de esforços solitários.

Rabban mantinha o olhar cravado à frente. Grossas dobras de pele rodeavam seus olhos. Escrutinava o deserto, sem ver nenhuma das belezas paisagísticas que Kynes observava.

— Tenho um plano, e vamos colocá-lo em prática.

Rabban se virou para os soldados e abriu o sistema de comunicação com os ornitópteros que voavam em formação ao redor do transporte. As dunas ondulavam abaixo deles como rugas na pele de um ancião.

— Esse afloramento — ele apontou e leu em voz alta as coordenadas

— será nossa base. Aterrissaremos na areia a uns trezentos metros da rocha. Thekar baixará com um aparelho batedor. Depois procuraremos refúgio nos afloramentos rochosos, aonde o verme não se aproximará.

O homem do deserto ergueu a vista, alarmado.

— Vai me deixar ali? Mas, meu senhor, eu não...

— Você me deu a idéia. — O jovem se voltou para as tropas uniformizadas —. Thekar diz que este engenho Fremen, o batedor, atrai os vermes. Cravaremos um no chão, junto com explosivos suficientes para dar conta do monstro quando chegar. Thekar, nós o deixaremos ali para que prepare os explosivos e ative o batedor. Será capaz de correr e se refugiar entre nós antes que um verme chegue, não é?

Rabban lhe dedicou um sorriso satisfeito.

— Eu... eu... — balbuciou Thekar —. Parece que não há outra alternativa.

— Embora não creia, é muito provável que o verme se dirija antes ao batedor. Os explosivos se encarregarão dele antes que você se transforme em seu próximo objetivo.

— Isso me consola, meu senhor — disse Thekar.

Kynes, intrigado pelo aparelho Fremen, pensou que devia conseguir um. Oxalá pudesse presenciar de perto como aquele nativo escapava do verme. Não obstante, o planetólogo teve a prudência de guardar silêncio para não chamar a atenção de Rabban, com a esperança de que o fogoso Harkonnen não o convocasse como voluntário para ajudar Thekar.

No compartimento de pessoal, situado na parte posterior da nave, o *bator* — chefe de um pequeno destacamento —, e seus subordinados se armavam com fuzis laser. Montaram explosivos no engenho similar a uma estaca que Thekar havia trazido. O batedor.

Kynes viu que se tratava de um simples mecanismo de relojoaria provido de mola que emitia uma forte vibração rítmica. Uma vez na areia, o batedor enviava seus ecos até os limites do deserto, onde os *Shai-Hulud* podiam ouvi-los.

— Assim que aterrissarmos, será melhor que conecte esses explosivos rapidamente — disse Rabban a Thekar —. Os motores desses ornitópteros bastarão para atrair o verme, sem a ajuda de seu brinquedo Fremen.

— Sei muito bem, meu senhor — disse Thekar. Sua pele olivácea se tingiu de um tom cinzento e oleoso de terror.

As aletas dos ornitópteros beijaram a areia e levantaram nuvens de pó. A escotilha se abriu, Thekar agarrou o batedor e saltou. Dirigiu um olhar ofegante ao aparelho, antes de encaminhar-se para a duvidosa segurança da linha de rocha sólida, a uns trezentos metros de distância.

O bator estendeu os explosivos ao desventurado homem do deserto, enquanto Rabban indicava com um gesto que se apressassem.

— Espero que não se transforme em comida de verme, meu amigo

— disse com uma gargalhada.

Antes que as portas do ornitóptero voltassem a fechar, o piloto elevou o vôo e Thekar ficou sozinho.

Kynes e outros soldados Harkonnen se precipitaram para o lado do transporte, o para presenciar os desesperados movimentos do guia.

Enquanto olhavam, o homem do deserto se transformou em um ser humano diferente, primitivo.

— Perdoe-me. Que quantidade de explosivos é necessária para matar um verme? — perguntou Kynes.

— Thekar deve ter de sobra, planetólogo — respondeu o bator —.

Lhe demos o suficiente para explodir uma pequena cidade.

Kynes voltou sua atenção ao drama que estava se desenvolvendo na areia. Enquanto o aparelho se erguia, Thekar trabalhava com frenesi, concentrado em conectar os explosivos através de cabos de linho *shiga*.

Kynes viu que pequenas luzes piscavam. Depois, o homem esquelético afundou o batedor na areia, junto à mortífera armadilha, como se cravasse uma estaca no coração do deserto.

O ornitóptero se dirigiu em linha reta para o baluarte rochoso onde o grande caçador Rabban esperaria são e salvo. Thekar acionou o mecanismo do batedor e pôs-se a correr.

Os soldados fizeram apostas sobre o resultado.

Ao fim de alguns momentos o aparelho aterrissou sobre uma rocha enegrecida e cheia de buracos, que se assemelhava a um recife no deserto.

O piloto desligou os motores, e as portas do transporte se abriram. Rabban afastou seus soldados aos empurrões para ser o primeiro a descer. Outros o seguiram. Kynes esperou que chegasse sua vez.

Os guardas ocuparam suas posições e dirigiram seus prismáticos para a pequena figura que corria. Rabban estava imóvel, segurando seu fuzil laser de alta potencia, embora Kynes ignorasse o que pretendia fazer com a arma. O sobrinho do barão centrou a lente telescópica no batedor e os explosivos acumulados.

Um dos ornitópteros de rastreamento informou de possíveis sinais de um verme de areia a uns dois quilômetros ao sul.

Thekar corria freneticamente, levantando pequenas nuvens de areia.

Avançava para a segurança, as ilhas rochosas no mar de areia, mas ainda se encontrava a boa distância.

Kynes se fixou na estranha maneira de correr de Thekar. Parecia que saltava e dançava de uma forma errática, como um inseto espasmódico.

Kynes se perguntou se se tratava de uma espécie de ardil para enganar o verme de areia que se aproximava. Era uma técnica que os viajantes do deserto aprendiam? Nesse caso, quem poderia ensiná-la a Kynes? Era preciso que descobrisse todo o concernente a esse lugar e essa gente, os vermes, a especiaria e as dunas. Não apenas pela ordem imperial. Pardot Kynes queria saber. Assim que se envolvia em um projeto, detestava as perguntas sem resposta.

O grupo esperou, e o tempo transcorreu com lentidão. Os soldados conversavam. O homem do deserto continuava sua fuga peculiar, e se aproximava muito lentamente. Kynes notou que as microcapas de seu traje destilador absorviam as gotas de suor.

Ajoelhou-se e estudou a rocha âmbar que havia a seus pés. Era lava basáltica e continha bolsas de erosão formadas a partir de bolhas refrigerantes restantes na rocha fundida, ou de uma pedra mais frágil corroída pelas lendárias tormentas do Coriolis de Arrakis.

Kynes recolheu um punhado de areia e deixou que escorresse entre seus dedos. Comprovou, sem surpreender-se, que os grãos de areia eram partículas de quartzo e cintilavam ao sol junto com algumas partículas de um material mais escuro, talvez magnetita.

Tinha visto em outros lugares colorações avermelhadas na areia, estrias de tons torrados, laranja e coral, o que revelava a existência de diversos óxidos. Alguns tons talvez se deviam a depósitos da especiaria melange, mas Kynes nunca tinha visto especiaria sem processar no deserto.

Ainda não.

Por fim, os ornitópteros de rastreamento confirmaram que um verme se aproximava. Grande e veloz.

Os guardas ficaram em pé. Kynes percebeu uma ondulação na areia, como se um dedo gigantesco se movesse sob a superfície e alterasse as capas superiores. O

tamanho o assombrou.

— Um verme se aproxima pelo flanco! — anunciou o bator.

— Dirige-se em linha reta para Thekar! — gritou Rabban com prazer cruel —. O homem se acha entre o batedor e o verme. Que azar.

Mesmo daquela distância, Kynes viu que Thekar abandonava seu curso errático e começava a correr como um possesso, ao perceber que o verme se precipitava para ele a toda velocidade. Kynes imaginou sua expressão de horror e desespero.

Então, com sombria resolução, Thekar parou e caiu de bruços sobre a areia, completamente imóvel, com a vista cravada no ciclo, talvez rezando com ardor aos *Shai-Hulud*.

Agora que as ínfimas vibrações dos passos tinham parado, o longínquo batedor parecia tão estrondoso como uma banda imperial. *Tump*, *tump*, *tump*. O verme parou, e depois se desviou para os explosivos acumulados.

Rabban deu de ombros, como se aceitasse com indiferença uma derrota irrelevante.

Kynes ouviu o rugido das areias, a chegada do monstro. Cada vez estava mais perto, como um ferro atraído por um ímã mortífero. À medida que se aproximava do batedor, o verme se afundava mais no subsolo, para logo descrever um círculo, emergir e engolir o que lhe tinha atraído, irritado ou despertado qualquer outra reação instintiva que experimentassem aqueles colossos cegos.

Quando o verme surgiu da areia, deixou a descoberto uma boca grande o bastante para engolir uma espaçonave, enquanto suas fauces se abriam como as pétalas de uma flor. Ao fim de um instante tragou o insignificante ponto negro do batedor e todos os explosivos. Seus dentes de cristal brilharam como diminutos espinhos aguçados que desciam em espiral por sua garganta sem fundo.

De trezentos metros de distância, Kynes viu colinas de pele arcaica, pregas superpostas de blindagem que protegiam o monstro quando se movia clandestinamente. O verme engoliu a isca carregada de explosivos e começou a desaparecer na areia.

Rabban se ergueu com um sorriso diabólico no rosto e manipulou os pequenos controles de transmissão. Uma brisa quente cobriu de pó seu rosto, salpicou seus dentes de grãos de areia. Apertou um botão.

Um estrondo longínquo fez tremer o deserto. Diminutas avalanches de areia se desprenderam das dunas. A bomba seqüenciada rasgou os condutos internos do verme, destroçou suas vísceras e rachou seus segmentos blindados.

Quando o pó se dispersou, Kynes viu a monstruosidade agonizante que se retorcia em um atoleiro de areia, como uma baleia peluda.

— Essa coisa mede mais de duzentos metros de comprimento! —

gritou Rabban, entusiasmado pelo tamanho da sua presa.

Os guardas o aclamaram. Rabban se virou e deu um tapa nas costas de Kynes com força suficiente para deslocar um ombro.

— Isso sim é um troféu, planetólogo. Levarei-o para Giedi Prime.

Thekar chegou por fim, quase despercebido, suado e ofegante, e se içou até a segurança das rochas. Olhou para trás com sentimentos desencontrados, para a criatura estendida na areia.

Quando o verme deixou por fim de retorcer-se, Rabban dirigiu a expedição. Guardas impacientes correram entre gritos e exclamações de júbilo. Kynes, ansioso por ver de perto o espécime, também correu atrás dos soldados.

Minutos depois, ofegante e acalorado, Kynes se deteve ante a massa imponente do verme ancião. Tinha a pele escamosa, coberta de cascalho, coberta de calos a prova de erosões. Entre os segmentos rasgados pelas explosões viu uma pele tenra e rosada. A boca do verme parecia o poço de uma mina, flanqueada por facas de cristal.

— É o animal mais temível deste miserável planeta! — grasnou Rabban —. E eu o matei!

Os soldados observavam de uma distância segura, pouco desejosos de correr riscos desnecessários. Kynes se perguntou como o sobrinho do barão pensava levar o troféu. Considerando a propensão à extravagância dos Harkonnen, supôs

que Rabban imaginaria uma forma.

O planetólogo se virou e viu que o esgotado Thekar se materializou junto a eles. Seus olhos emitiam um brilho prateado, como se um fogo ardesse em seu interior. Talvez por ter estado tão perto da morte, e de ter visto o deus do deserto aniquilado pelos explosivos dos Harkonnen, sua perspectiva do mundo houvesse mudado.

— *Shai-Hulud* — sussurrou. E se voltou para Kynes, como se sentisse uma alma gêmea —. Este é muito velho. Um dos vermes mais velhos.

Kynes avançou para examinar a pele perebenta, os segmentos, e se perguntou como ia analisar e diseccionar o espécime. Supôs que Rabban não se oporia. Caso fosse necessário, Kynes invocaria a missão recebida do imperador para fazê-lo ceder.

Mas quando se aproximou mais, com a intenção de tocá-lo, viu que a pele do velho verme se movia. A besta já não vivia, suas funções nervosas tinham cessado, mas suas capas exteriores tremiam e mudavam de forma, como se estivessem se fundindo.

Enquanto Kynes contemplava o espetáculo, assombrado, uma chuva de fragmentos celulares translúcidos se desprenderam do corpo do verme, como escamas entregues à areia ardente, onde desapareceram.

— O que está acontecendo? — gritou Rabban.

Parecia que o verme estava evaporando ante seus olhos. A pele se transformava em diminutos pedaços similares a amebas, que se agitavam e depois se aglutinavam com a areia. O colosso ancião se fundiu com o deserto. Ao final só restaram costelas cartilaginosas e dentes de leite.

Depois, até esses restos foram afundando pouco a pouco até dissolverem-se em pequenos montões de gelatina coberta de areia.

Os soldados Harkonnen retrocederam alguns metros.

Kynes teve a sensação de ter presenciado mil anos de putrefação em poucos segundos. Entropia acelerada. O faminto deserto parecia ansioso por apagar até o último sinal, por ocultar o fato de que um humano tinha derrotado um verme de

areia.

Enquanto Kynes pensava nestes termos, cada vez mais confuso e estupefato, apesar de ter perdido a oportunidade de diseccionar o espécime, pensou que o ciclo vital daquelas bestas devia ser muito estranho.

Tinha muito que aprender sobre Arrakis...

Rabban se ergueu, furioso. Seu pescoço se esticou como um cabo de ferro.

— Meu troféu!

Virou-se, fechou os punhos e derrubou Thekar com um golpe. Por um momento Kynes pensou que o sobrinho do barão ia matar o homem do deserto, mas Rabban desviou sua fúria para os restos do verme, que foram afundando na areia.

Amaldiçoou-o aos gritos. Depois, enquanto Kynes observava, uma expressão decidida apareceu nos olhos frios e ameaçadores de Rabban. Seu rosto torrado pelo sol avermelhou um pouco mais.

— Quando retornar a Giedi Prime, caçarei algo muito mais satisfatório.

E ato seguido, como se tivesse esquecido o verme, deu meia volta e se afastou.

Quem observa os sobreviventes, aprende com eles.

Doutrina Bene Gesserit

De todos os milhares de mundos lendários do Império, o jovem Duncan Idaho nunca tinha conhecido outro além de Giedi Prime, um planeta transbordante de petróleo, coberto de indústrias, infestado de construções artificiais, ângulos retos, metal e fumaça. Os Harkonnen gostavam que seu lar fosse assim. Duncan nunca tinha conhecido outra coisa em seus oito anos de vida.

Neste momento, até os becos escuros e imundos de seu lar perdido teriam proporcionado um espetáculo esplêndido. Depois de meses de encarceramento com o resto de sua família, Duncan se perguntava se algum dia sairia da enorme cidade prisão do Barony. Ou se viveria para ver seu nono aniversário, para o qual já devia faltar pouco. Passou uma mão por seu negro cabelo encaracolado,

apalpou o suor. E continuou correndo. Os caçadores estavam se aproximando.

Duncan se encontrava agora debaixo da cidade prisão, com seus perseguidores nos calcanhares. Atravessou agachado os estreitos túneis de manutenção, e se sentiu como o roedor coberto de placas que sua mãe lhe tinha permitido conservar como mascote quando tinha cinco anos.

Agachou-se ainda mais, deslizou por espaços diminutos, poços de ventilação fedorentos e tubos de condução de energia. Os adultos, devido a seu tamanho e suas armaduras, nunca poderiam segui-lo até ali. Arranhou o cotovelo nas paredes de metal, internou-se em lugares onde nenhum ser humano poderia se mover.

O menino tinha jurado que não se deixaria apanhar pelos Harkonnen, ao menos hoje não. Odiava seus jogos, negava-se a ser o mascote ou a presa de alguém. Orientou-se na escuridão guiando-se pelo aroma e pelo instinto, sentiu uma brisa viciada no rosto e percebeu a direção da corrente.

Seus ouvidos registravam ecos enquanto avançava: os sons dos outros meninos prisioneiros que fugiam, também desesperados. Em teoria eram seus companheiros de equipe, mas Duncan tinha aprendido, graças a fracassos anteriores, que não devia confiar em pessoas cujos instintos selvagens não estavam à altura dos seus.

Jurou que desta vez se livraria dos caçadores, mas sabia que nunca conseguiria completamente. Neste ambiente controlado, equipes de caça o apanhariam de novo e o poriam a prova, uma e outra vez. Chamavam isso de treinamento. Ignorava de que.

Ainda sentia dores no flanco direito por causa do último episódio.

Como se fosse um animal, seus torturadores tinham passado seu corpo por uma máquina de costurar pele e um reparador neuro-celular. Suas costelas ainda não tinham se recuperado totalmente, mas melhoravam a cada dia que passava. Pelo menos até agora.

Com o localizador implantado em seu ombro, Duncan jamais poderia escapar da metrópole prisão. Barony era uma construção megalítica de plástico e plaz blindado, de 950 pisos de altura e 45 quilômetros de comprimento, sem entradas no nível do solo. Sempre encontrava muitos lugares onde se esconder durante os

jogos praticados pelos Harkonnen, mas nunca a liberdade.

Os Harkonnen tinham muitos prisioneiros, e métodos sádicos para obrigá-los a cooperar. Se Duncan ganhasse esta caçada de treinamento, se evitasse os perseguidores durante tempo suficiente, os carcereiros prometeram que ele e sua família poderiam reintegrar-se a suas vidas anteriores. Prometeram o mesmos a todos os meninos. Os novatos necessitavam de um objetivo, um prêmio pelo qual lutar.

Atravessava por instinto passadiços secretos, ao mesmo tempo em que procurava ocultar seus passos. Não muito longe, a suas costas, ouviu o estampido e o vaio de um fuzil atordoante, o grito de dor de um menino, e depois espasmos arrepiantes, quando outro dos pequenos foi abatido.

Se os caçadores o capturassem, fariam-lhe mal, às vezes a sério e às vezes pior, segundo o fornecimento de novatos. Não era como brincar de esconder. Ao menos não para as vítimas.

Mesmo na sua idade, Duncan já sabia que a vida e a morte tinham um preço. Os Harkonnen eram indiferentes ao número de candidatos que sofressem durante o curso de seu treinamento. Assim os Harkonnen jogavam. Duncan compreendia as diversões cruéis. Tinha visto outros sentir prazer nelas, em especial nos meninos com os quais compartilhava sua reclusão, quando arrancavam as asas dos insetos ou colocavam fogo nas crias de roedores. Os Harkonnen e seus soldados eram como meninos adultos, só que com maiores recursos, maior imaginação e maior maldade.

Sem fazer o menor ruído, encontrou uma estreita e oxidada escada de acesso e subiu na escuridão, sem parar para pensar. Duncan tinha que decidir-se pelo inesperado, esconder-se onde lhes dificultasse a localização.

Os degraus, rachados e cobertos de sulcos pela idade, machucaram suas mãos.

Esta seção da antiga Barony ainda funcionava. Condutos de energia e tubos elevadores sulcavam o edifício principal como tocas de vermes, retos, curvos, torcidos em ângulos oblíquos. O lugar era como uma enorme carreira de obstáculos, onde os soldados dos Harkonnen podiam disparar sobre sua presa sem o perigo de danificar edifícios mais importantes.

No corredor principal, sobre sua cabeça, ouviu pés que corriam, vozes filtradas

pelos comunicadores de capacete, e depois um grito. Um assobio próximo indicou que os guardas tinham localizado seu implante.

O fogo branco de um fuzil laser varreu o teto sobre sua cabeça e fundiu as pranchas de metal. Duncan se soltou da escada e caiu. Um guarda armado apontou para ele. Outros dispararam de novo, acertaram as escoras, e a escada caiu atrás do menino.

Aterrissou no chão de um poço inferior, e a pesada escada caiu sobre ele. Mas Duncan conteve um grito de dor. Só teria servido para que os perseguidores se aproximassem mais, embora não tivesse esperanças de evitá-los durante muito tempo, devido ao implante em seu ombro. Quem, a não ser os Harkonnen, podiam ganhar este jogo?

Ficou em pé e correu com um novo e frenético desejo de liberdade.

Decepcionado, viu que o pequeno túnel dava para um passadiço mais amplo. Mais amplo significava problemas. Os adultos poderiam segui-lo até ali.

Ouviu gritos atrás de si, mais pés que corriam, disparos, e depois um grito estrangulado. Supunha-se que os perseguidores utilizavam fuzis atordoantes, mas Duncan sabia que, em uma fase tão avançada da caçada do dia, quase todos os outros teriam sido capturados... e as apostas eram altas. Os caçadores não gostavam de perder.

Duncan tinha que sobreviver. Tinha que ser o melhor. Se morresse, não voltaria a ver sua mãe. Mas se vivesse e derrotasse esses bastardos, talvez sua família obtivessem a liberdade, ao menos a liberdade de que podiam desfrutar os funcionários dos Harkonnen em Giedi Prime.

Duncan tinha visto outros novatos derrotar os perseguidores, mas esses meninos depois tinham desaparecido. Terei que acreditar nas noticias, os ganhadores e suas famílias tinham obtido a liberdade. Duncan precisava de provas, e tinha muitos motivos para duvidar do que os Harkonnen diziam. Mas queria acreditar, não podia abandonar a esperança.

Não entendia por que tinham encarcerado seus pais. O que poderiam ter feito funcionários governamentais de pouca importância para merecer tal castigo? Só lembrava que um dia sua vida era normal e relativamente feliz, e no seguinte todos estavam ali, escravizados. Agora, o jovem Duncan se via obrigado quase a

cada dia a fugir e lutar por sua vida, e pelo futuro de sua família. Estava melhorando.

Recordou aquela última tarde normal, em um jardim de grama bem podada, situado em um das terraços de *Harko City*, um dos estranhos parques com vistas que os Harkonnen permitiam a seus súditos. Os jardins e os sebes eram criados e fertilizados em jardins, porque as plantas não enraizavam bem no solo impregnado de resíduos de um planeta já explorado em excesso.

Os pais e outros familiares de Duncan estavam praticando jogos ao ar livre, lançavam bolas para buracos espalhados na erva, enquanto mecanismos internos de alta entropia faziam as bolas ricochetearem e saltarem aleatoriamente. O menino tinha observado que os jogos dos adultos eram muito diferentes, aborrecidos e estruturados, comparados aos que praticava com seus amigos.

Uma jovem se achava perto dele, e observava os jogos. Seu cabelo de cor chocolate, a pele negra e maçãs do rosto altas, mas sua expressão tensa e olhar duro diminuíam sua notável beleza. Não sabia quem era, apenas que se chamava Janess Milan e trabalhava com seus pais.

Enquanto Duncan contemplava os jogos dos adultos e ouvia as gargalhadas, sorriu para a mulher e observou:

— Estão treinando para ser velhos.

Pelo visto, Janess não se interessava pela sua opinião, porque lhe respondeu grosseiramente.

Duncan continuou contemplando os jogos à luz caliginosa do sol, mas cada vez sentia mais curiosidade pela desconhecida. Desconfiou que ela estava tensa. Janess olhava com freqüência para trás, como se esperasse algo.

Momentos depois soldados Harkonnen irromperam, detiveram seus pais, seu tio e dois sobrinhos. Compreendeu de maneira intuitiva que Janess tinha sido a causadora de tudo, por motivos que desconhecia. Nunca havia tornado a vê-la, e sua família estava presa já há meio ano...

Atrás dele, uma abertura se abriu no teto com um rugido. Dois perseguidores com uniforme azul se deixaram cair, apontaram as armas para ele e soltaram uma gargalhada de triunfo. Duncan se lançou para frente, correndo em ziguezague.

Um raio laser ricocheteou nas pranchas da parede, e deixou uma marca no corredor, parecida com um raio.

Duncan sentiu o cheiro de ozônio do metal chamuscado. Se um raio o atingisse, morreria. Detestava as risadas dos perseguidores, como se estivessem zombando dele.

Um par de caçadores surgiram de um corredor lateral, a um metro dele, mas Duncan foi mais rápido. Eles não reagiram com rapidez. Golpeou um no joelho e empurrou o outro para um lado, antes de passar entre os dois a toda velocidade.

O homem cambaleou e depois gritou, quando um raio laser chamuscou sua armadura.

— Parem de disparar, idiotas! Podem nos atingir!

Duncan correu como nunca tinha corrido, consciente que suas pernas infantis não podiam superar os adultos treinados para lutar. Mas recusava-se a se render. Não estava em seu sangue.

Mais adiante, onde o corredor se alargava, viu luzes brilhantes em um cruzamento de passadiços. Quando se aproximou, parou um momento e comprovou que o corredor transversal não era um túnel, mas um tubo elevador, um poço cilíndrico com um campo Holtzman no centro. Trens bala levitantes percorriam o tubo sem resistência, viajando de um extremo ao outro da enorme prisão.

Não havia portas nem passadiços abertos. Duncan não podia continuar correndo. Os homens apareceram perto dele e apontaram com os fuzis. perguntou-se se o abateriam caso se rendesse. Provavelmente, pensou, pois isso lhes proporcionaria uma boa descarga de adrenalina.

O campo antigravitacional brilhava tênue no centro do poço horizontal. Sabia mais ou menos como funcionava. Só restava um lugar para onde ir, e não estava certo do que aconteceria, mas sabia que se os guardas o capturassem o castigariam, ou talvez o matassem.

Virou-se e cravou a vista no campo antigravitacional. Respirou fundo e saltou para o interior do poço.

Seu cabelo negro e encaracolado ondeou quando caiu. Gritou, um som a meio caminho entre um uivo de desespero e um grito de liberação.

Se morresse aqui, ao menos seria livre.

Então, o campo Holtzman o envolveu de súbito. Duncan, com o estômago subindo ao peito, encontrou-se à deriva em uma rede invisível.

Flutuava sem cair, pendurado no centro neutro do campo. Esta força mantinha suspensos os trens bala quando atravessavam a gigantesca Barony. Não era assombroso que o suspendesse. Viu que os guardas corriam para a beira da plataforma e gritavam encolerizados. Um deles agitou um punho. Dois apontaram suas armas.

Duncan moveu freneticamente braços e pernas, tentou nadar, tentando afastar-se.

Um guarda gritou e desviou o fuzil de outro com um tapa. Duncan tinha ouvido falar dos efeitos terríveis que aconteciam quando um raio laser cruzava um campo Holtzman. Geravam um potencial destrutivo interativo em teoria tão mortífero como os engenhos atômicos proibidos.

Em conseqüência, os guardas dispararam seus fuzis atordoantes.

Duncan se retorceu no ar. Embora precisasse de um ponto de apoio, ao menos não seria um alvo fixo. Os raios passaram ao lado.

Protegido pelo campo Holtzman, notou que a pressão do ar mudava a seu redor e intuiu as correntes. Girou no ar, até que viu as luzes de um trem bala que se aproximava.

E se encontrava no centro do campo!

Duncan se revolveu em desespero. Derivou para o lado oposto da zona de levitação, longe dos guardas. Continuaram disparando, mas a mudança na pressão de ar desviou ainda mais os raios. Os homens uniformizados ajustaram os controles.

Abaixo dele havia outros portais, rampas e plataformas que conduziam às vísceras de Barony. Possivelmente poderia chegar a um... se conseguisse escapar do campo que o prendia.

Um raio atordoante roçou suas costas, perto do ombro, e Duncan experimentou a sensação de que milhares de insetos o picavam.

Por fim, libertou-se do campo e caiu de cabeça para baixo. Viu a plataforma bem a tempo. Estendeu o braço que não estava amortecido e segurou um corrimão. O trem passou com um estrondo e enviou uma massa de ar que não o atingiu por centímetros.

Não tivera tempo para adquirir muita aceleração em sua queda. De qualquer modo, a parada repentina quase lhe arrancou o outro braço.

Duncan se içou com muita dificuldade e se meteu em um túnel, mas só encontrou um diminuto nicho com paredes de metal. Não viu nenhuma saída. A escotilha estava fechada. Golpeou-a com os punhos, mas não podia ir a lugar algum.

Então, a porta exterior se fechou a suas costas, e ficou preso no nicho. Preso. Desta vez, tudo tinha terminado.

Momentos depois, os guardas abriram a escotilha posterior. Seus olhares, quando ergueram as armas, expressavam uma mescla de ira e admiração. Duncan esperou com resignação que o abatessem.

Não obstante, o capitão sorriu e disse:

— Parabéns, garoto. Você conseguiu.

Duncan, esgotado e de volta a sua cela, estava sentado com seus pais. Faziam sua refeição diária a base de cereais insípidos, bolachas ricas em fécula e folhinhas de proteína, uma comida satisfatória do ponto de vista dietético, mas carente de todo sabor. Até o momento, seus captores não haviam dito nada mais ao menino, além do “você conseguiu”. Isso devia significar a liberdade. Ao menos, esperava.

A cela da família estava muito suja. Embora seus pais tentassem mantê-la limpa, precisavam de vassouras, pano ou sabão, e contavam com muito pouca água, que não podia ser desperdiçada.

Durante os meses de confinamento, Duncan tinha sido submetido a um treinamento vigoroso e violento, enquanto a família permanecia em sua cela,

temerosa, sem nada para fazer, sem trabalho nem diversões. Tinham dado um número a todos eles, assim como endereços de celas de escravos.

Aguardavam com temor alguma mudança em sua sentença.

Duncan relatou a sua mãe suas aventuras, com entusiasmo e orgulho, como tinha superado seus perseguidores em astúcia, como tinha vencido os melhores rastreadores Harkonnen. Nenhum dos outros meninos tinha conseguido naquele dia, mas Duncan estava seguro de que ganhara a liberdade.

Seriam libertados de um momento para outro. Tentou imaginar sua família livre de novo, fora do cárcere, contemplando uma noite clara e estrelada.

Seu pai olhava com orgulho para o menino, mas sua mãe custava a acreditar que aquilo pudesse ser verdade. Tinha bons motivos para não confiar nas promessas dos Harkonnen.

Aos poucos, as luzes da cela piscaram e o campo opaco da porta ficou transparente, para depois se abrir. Um grupo de guardas uniformizados de azul apareceu junto ao sorridente capitão que o tinha apanhado. O coração de Duncan deu um salto. Vão nos libertar?

Os homens uniformizados se afastaram em deferência a um homem de costas largas, lábios grossos e músculos pronunciados. Seu rosto estava queimado pelo sol e corado, como se passasse muito tempo longe do tenebroso Giedi Prime.

O pai de Duncan ficou em pé como se fosse impulsionado por uma mola e fez uma reverência desajeitada.

— Meu senhor Rabban!

Sem dar atenção aos pais, os olhos de Rabban só se fixavam no jovem novato de rosto arredondado.

— O capitão dos caçadores me disse que você é o melhor — disse a Duncan. Quando entrou na cela, os guardas se aglutinaram atrás dele.

Rabban sorriu.

— Deveria vê-lo no exercício de hoje, meu senhor — disse o capitão dos

caçadores. — Nunca tive um tutelado mais cheio de recursos.

Rabban assentiu.

— Número 11.368, vi o histórico de suas caçadas. Suas feridas foram graves? Não? É jovem, não demorarão para cicatrizar. — Seus olhos se endureceram —. Promete muito. Vamos ver como se sai contra mim.

Virou-se.

— Venha comigo para começarmos a caçada, garoto. Rápido.

— Meu nome é Duncan ldaho — replicou o menino num tom de desafio —. E não sou um número.

Sua voz era fraca e aguda, mas denotava uma valentia que sobressaltou seus pais. Os guardas, surpresos, voltaram-se para ele. Duncan olhou para sua mãe para lhe pedir apoio, ou como se esperasse uma recompensa. Em vez disso, ela tentou fazê-lo se calar.

Rabban arrebatou o fuzil laser de um guarda. Sem titubear, disparou um raio mortal no peito do pai de Duncan. O homem saiu projetado para a parede. Em seguida, Rabban moveu a arma e vaporizou a cabeça da mãe de Duncan.

Duncan gritou. Seus pais caíram ao chão, montes sem vida de carne queimada e borbulhante.

— Agora não tem mais nenhum nome, 11.368 — disse Rabban —.

Venha comigo.

Os guardas o prenderam e não deixaram que corresse para seus pais.

Nem sequer lhe concederam tempo para chorar.

— Estes homens o prepararão para começarmos a próxima rodada de festas. Preciso de uma boa caçada.

Os guardas o arrastaram para fora da cela, enquanto Duncan esperneava e gritava. Sentia-se morto por dentro, exceto por uma chama gelada de ódio que

floresceu em seu peito e queimou todos os vestígios de sua infância.

O povo tem que acreditar que seu governante é um homem melhor que eles, do contrário não o seguiriam. Alem disso, um líder tem que ser alguém que dá a seu povo todo o pão e circo que necessita.

Duque Paulus Atreides

As semanas de preparativos para sua ida para IX transcorreram como uma exalação, enquanto Leto tentava assimilar e armazenar todo um ano de lembranças, e gravar em sua mente todas as imagens de sua casa natal.

Sentiria falta do ar salgado e úmido de Caladan, suas manhãs envoltas em névoa e das sonoras tormentas do entardecer. Como um planeta máquina árido e sem cor podia comparar-se com isso?

Dos muitos palácios e vilas de férias do planeta, o castelo de Caladan, encravado no alto de um escarpado que dominava o mar, era o lugar que Leto levava em seu coração, a sede do governo. Algum dia, quando por fim usasse o anel de selo ducal, seria o vigésimo sexto duque Atreides que tomaria posse do castelo.

Sua mãe, Helena, dedicava muito tempo a ele, via presságios por toda parte e citava passagens da Bíblia Católica Laranja. Não gostava da ideia de perder seu filho por um ano, mas não se oporia às ordens do duque, ao menos declaradamente. Havia uma expressão preocupada em seu rosto, e Leto compreendeu que se preocupava especialmente com o fato de que Paulus tivesse escolhido, dentre todos os lugares, IX.

— É um foco supurante de tecnologia suspeita — disse-lhe quando seu marido não pôde ouvi-la.

— Tem certeza de que não reage assim porque IX é o principal rival da Casa Richese, mãe? — perguntou Leto.

— Claro que não! — Seus dedos longos interromperam por um momento a costura de um elegante colarinho da sua camisa —. A Casa Richese se atem à tecnologia antiga, confiável e verdadeira, aparelhos que cumprem as normas prescritas. Ninguém dúvida da fidelidade de Richese às normas do Jihad.

Olhou-o com seus olhos escuros, que ao pouco se umedeceram.

Acariciou seu ombro. Graças a um crescimento recente, estava quase tão alto quanto ela.

— Leto, Leto, não quero que perca sua inocência ali, nem sua alma

— disse —. Vai lhe custar muito.

Mais tarde, no salão, durante um tranqüilo jantar familiar a base de ensopado de pescado e pães-doces, Helena tinha pedido uma vez mais ao velho duque que o enviasse para outro lugar. Paulus se limitou a rir de suas preocupações, mas no final, a serena mas firme recusa de sua mulher em ver a razão o enfureceu.

— Dominic é meu amigo, e por Deus que eu não poderia colocá-lo nas mãos de melhor homem!

Leto, que tentava se concentrar em seu prato, estava inquieto pelos protestos de sua mãe, mas apoiou seu pai.

— Quero ir, mãe — disse. Deixou a colher junto à terrina e repetiu a frase que sempre dizia —: É para o meu bem.

Durante a educação de Leto, Paulus tinha tomado muitas decisões que Helena não tinha compartilhado: pôr o menino para trabalhar com aldeãos, relacionar-se com os cidadãos de igual para igual, permitir que fizesse amizade com meninos de classes inferiores. Leto compreendia o sentido comum disto, já que algum dia seria o duque dessa gente, mas Helena ainda se opunha em diversas frentes, e citava com freqüência passagens da Bíblia Católica Laranja para justificar suas opiniões.

Sua mãe não era uma mulher paciente, pouco afetuosa com seu filho único, embora se revestisse de uma fachada impecável durante as reuniões importantes e os acontecimentos públicos. Sempre se queixava de sua aparência, e repetia que nunca teria mais filhos. Educar um filho e dirigir a casa ducal já ocupava a maior parte de seu valioso tempo, que de outra maneira teria dedicado ao estudo da Bíblia Católica Laranja e outros textos religiosos. Era evidente que Helena tinha gerado um filho por obrigação a Casa Atreides, mas não pelo desejo de criá-lo.

Não era de estranhar que o velho duque procurasse a companhia de mulheres menos suscetíveis.

Às vezes, de noite, atrás das enormes placas de teca *elaccana*, Leto ouvia as discussões e os gritos de seus pais. *Lady* Helena podia protestar tanto quanto quisesse sobre o fato de seu filho ser enviado a IX, mas o velho duque Paulus era a Casa Atreides. Sua palavra era lei, no castelo e em Caladan, por mais que sua esposa tentasse convencê-lo a mudar de opinião.

É para o seu bem.

Leto sabia que o matrimônio de seus pais tinha sido uma união de conveniência, um acordo comercial fechado entre as Casas do *Landsraad* para satisfazer as exigências das famílias importantes. Tinha sido uma ação desesperada por parte da arruinada Richese, e a Casa Atreides sempre podia esperar que a antiga grandeza daquela casa inovadora e tecnológica renascesse de novo. Enquanto isso, o velho duque tinha recebido substanciais concessões e recompensas por aceitar uma das numerosas filhas da Casa Richese.

— Uma casa nobre não pode permitir arrebatamentos e o romantismo que as pessoas inferiores experimentam quando os hormônios guiam seus atos — sua mãe havia dito em certa ocasião, quando lhe explicava a política dos matrimônios. Sabia que um destino idêntico o aguardava.

Seu pai concordava com ela a esse respeito, e era ainda mais inflexível.

— Qual é a primeira regra da Casa? — repetia o velho duque.

E Leto a citava, palavra por palavra:

— Nunca se casar por amor, porque arruinaria nossa Casa.

Aos quatorze anos, Leto nunca se apaixonara, embora tivesse experimentado os calores do desejo. Seu pai o incentivava a flertar com as moças da aldeia, a brincar com todas que achasse atraentes, mas sem nunca prometer nada. Leto duvidava, dada sua posição como herdeiro da Casa Atreides, que alguma dia tivesse a possibilidade de se apaixonar, sobretudo pela mulher que um dia seria sua esposa.

Uma semana antes da partida de Leto, seu pai o agarrou pelo ombro e o levou para confraternizar com o povo, insistindo que devia saudar até mesmo os criados. O duque foi acompanhado de uma pequena guarda de honra à cidade marítima situada ao pé do castelo, comprou coisas, viu seus súditos e se fez ver.

Paulus estava acostumado a ir acompanhado de seu filho nestas saídas, e Leto sempre passava muito bem.

Sob o céu azul claro, o velho duque ria com facilidade, transmitia seu bom humor contagiante. As pessoas sorriam quando o robusto homem passava entre eles. Leto e seu pai passearam pelo bazar, deixaram para trás as bancas de verduras e pescado fresco e se detiveram para inspecionar belas tapeçarias tecidas com fibras *ponji* e outros artigos exóticos. Paulus Atreides costumava comprar ninharias ou lembranças para sua esposa, sobretudo depois de suas escapadas, embora o duque, ao que parecia, não conhecesse muito bem os gostos de Helena e escolhesse coisas pouco apropriadas para ela.

O duque parou em frente a um posto de ostras e observou o céu azul, surpreso pelo que considerava uma brilhante ideia. Olhou para seu filho, e um amplo sorriso fendeu sua barba.

— Ah, é preciso se despedir com um espetáculo adequado rapaz.

Transformaremos sua partida em um acontecimento memorável para todo Caladan.

Leto se encolheu por dentro. Já tinha escutado em ocasiões anteriores as loucas idéias de seu pai, e sabia que o velho Duque as colocaria em prática, sem obedecer o bom senso.

— O que têm em mente, senhor? O que devo fazer?

— Nada, nada. Anunciarei uma celebração em honra a meu filho e herdeiro. — Agarrou a mão de Leto e a ergueu no ar, numa saudação triunfal, e depois sua voz se impôs à multidão —. Vamos celebrar uma tourada, um espetáculo antigo para o povo. Será um dia de celebração para Caladan, com holoprojeções transmitidas a todo o globo.

— Com touros salusanos? — perguntou Leto, que imaginou as monstruosas bestas de lombo arqueado, suas cabeças negras cobertas de múltiplos chifres, os olhos injetados. Quando criança visitava com freqüência os estábulos para olhar aqueles animais monstruosos. Yresk, o responsável pelos estábulos, um dos antigos empregados de sua mãe em Richese, preparava os touros para os ocasionais espetáculos de Paulus.

— É obvio — disse o velho duque —. E como de costume, eu os enfrentarei. — Moveu o braço com elegância, como se imaginasse uma capa colorida —. Estes velhos ossos ainda são bastante ágeis para se esquivar dessas bestas. Ordene a Yresk que prepare um, a menos que você queira escolhê-lo pessoalmente, rapaz.

— Pensei que nunca mais faria isso — disse ele —. Quase aconteceu um ano de...

— De onde tirou essa idéia?

— De seus conselheiros, senhor, é muito perigoso. Não é por isso que outros o substituíram nas corridas?

O ancião riu.

— Que tolice! Só me mantive afastado do arena por uma razão: os touros foram piores durante um tempo, algum desequilíbrio genético não os fazia aptos para as corridas. Isso mudou, e os novos touros são mais selvagens que nunca. Yresk diz que estão preparados para a luta, e eu também. — Rodeou os estreitos ombros do Leto —. Que melhor ocasião para uma tourada que a partida de meu filho? Assistirá esta corrida, a primeira de sua vida. Sua mãe já não poderá dizer que é muito pequeno.

Leto assentiu a contra gosto. Uma vez que tomava uma decisão, seu pai nunca se retratava. Ao menos, Paulus era destro, e utilizaria um escudo pessoal.

Com a ajuda de escudos pessoais, Leto tinha lutado contra muitos competidores humanos, consciente das vantagens e limitações do escudo.

Um escudo podia parar tiros de projéteis e armas mortíferas de alta precisão, mas qualquer folha que se movesse a velocidade baixa podia atravessá-lo. Um touro salusano furioso, com seus chifres afiados, podia mover-se com a lentidão suficiente para atravessar o escudo melhor sintonizado.

Engoliu em seco, intrigado pelos novos touros. Os que o velho Yresk tinha lhe mostrado já pareciam bastante perigosos. Tinham acabado com a vida de três matadores, que Leto recordasse...

Entusiasmado com a idéia, o duque Paulus anunciou no bazar, usando os microfones instalados nos postos. Ao ouvir, o povo reunido no mercado

prorrompeu em vivas, com os olhos brilhantes. Riram, em parte pela perspectiva do espetáculo em si, e também pelo dia de descanso e celebração que acabava de lhes conceder.

Leto sabia que sua mãe não gostaria da ideia de Paulus toureando e que Leto presenciasse o acontecimento, mas também sabia que, assim que Helena começasse a protestar, a resolução do velho duque seria mais inquebrável que nunca.

O estádio se estendia sob o sol do meio-dia. Os degraus formavam uma imensa arquibancada, tão abarrotada de gente que, nos extremos, pareciam pequenos peixes coloridos. O duque tinha decidido que o espetáculo seria grátis. Estava orgulhoso de sua habilidade e era um exibicionista nato.

Grandes bandeiras verde-negras ondulavam na brisa, enquanto uma banda soava dos alto-falantes. Colunas enfeitadas com os falcões dos Atreides cintilavam com emblemas que tinham sido polidos e pintados para o acontecimento. Milhares do ramos de flores colhidas nos campos e terras baixas foram lançadas na arena, uma insinuação muito pouco sutil de que o duque gostaria que as pessoas jogassem flores cada vez que matasse um touro.

Nos aposentos destinados aos matadores, Paulus esperava o momento da verdade. Leto estava de pé atrás de uma proteção, e escutava à multidão impaciente.

— Pai, estou muito preocupado pelo perigo que vai correr. Não deveria fazer isso... e muito menos por mim.

O velho duque desprezou o comentário com um gesto.

— Leto, meu filho, precisa compreender que governar pessoas e ganhar sua lealdade consiste em algo mais que assinar papéis, arrecadar impostos e assistir às reuniões do *Landsraad*.

Alisou sua capa vermelha, estendida diante de um espelho.

— Dependo dessa gente para produzir tudo que Caladan possa proporcionar. Eles tem que fazer de bom grado, trabalhando até a fadiga, e não só para tirar proveito mas também por sua honra e sua glória. Se a Casa Atreides fosse à guerra de novo, essa gente derramaria seu sangue por mim.

Entregariam sua vida sob nossas bandeiras. — Tocou sua armadura —.

Quer esticá-la?

Leto agarrou as cintas do peitilho de couro negro, puxou-as e as amarrou. Não disse nada, mas assentiu para indicar que compreendia.

— Como duque de meu povo, preciso lhes dar algo em troca, demonstrar meu valor. E não só para que se divirtam, mas também para gravar em suas mentes que sou um homem de grande importância, de heróicas dimensões... alguém a quem Deus concedeu a bênção para governá-los. Não conseguirei isso a menos que demonstre. A liderança não é um processo passivo.

Paulus checou o cinto do escudo e sorriu.

— Nunca se é muito velho para aprender — citou —. É uma frase de Agamenon... só para demonstrar que não estou tão adormecido quanto parece.

Thufir Hawat, o especialista em armas de rosto severo, aproximou-se do duque. Como Mentat leal, Hawat não criticava as decisões de seu superior. Deu o melhor conselho que pôde, sussurrando o que tinha observado nos movimentos da nova manada de touros salusanos mutantes.

Leto sabia que sua mãe estaria no camarote ducal. Iria vestida com seus melhores ornamentos, interpretaria seu papel, saudaria o povo. Na noite anterior, uma vez mais, produziu-se uma acalorada discussão atrás das portas do dormitório. Por fim, o duque Paulus a silenciara com uma ordem terminante e foi dormir; precisava descansar para enfrentar as provas que o aguardavam no dia seguinte.

O duque colocou sua capa debruada de verde e pegou os instrumentos que necessitaria para vencer o touro selvagem: as adagas e uma longa vara enfeitada com plumas, com uma toxina nervosa na ponta.

Thufir Hawat sugerira que o responsável pelos estábulos tranqüilizasse o touro para diminuir seus impulsos assassinos, mas o duque adorava os desafios. Não desejava inimigos drogados.

Paulus virou o botão de ativação do escudo e conectou o campo. Era um simples meio escudo para proteger seu flanco. O duque utilizava uma capa de cores

brilhantes, chamada muleta, para proteger seu outro flanco.

Fez uma reverência para seu filho, para seu Mentat e para os preparadores que esperavam na entrada da arena.

— Que o espetáculo comece — disse.

Leto o viu sair para a arena, enfeitado como um ave ansiosa por voar.

Quando surgiu, soou uma ovação.

Leto se situou para trás da proteção, e piscou devido ao brilho do sol.

Sorriu quando seu pai descreveu um lento círculo ao redor do arena, agitando sua capa e fazendo uma reverência ao seu povo. Leto percebeu com orgulho o amor e admiração que sentiam por aquele homem valente.

Enquanto esperava à sombra, Leto jurou que tentaria aprender tudo a respeito dos triunfos de seu pai, para que um dia o povo lhe demonstrasse igual respeito e admiração. Triunfos... Este seria mais um na longa lista do seu pai, supôs Leto. Mas não podia evitar sentir-se preocupado. Muitas coisas podiam mudar num piscar de um escudo, no brilho de um corno afiado, no golpe de uma pata contra o chão.

Soaram os trompetes e a voz do apresentador narrou os detalhes da tourada iminente. O duque Paulus apontou com um elegante gesto da sua luva adornada com lantejoulas para as amplas portas reforçadas do outro lado da arena.

Leto se mudou para outra arcada afim de gozar de melhor perspectiva, e percebeu que não ia assistir uma farsa. Seu pai ia lutar por sua vida.

Os ajudantes tinham preso as bestas ferozes, e o responsável pelos estábulos em pessoa tinha selecionado uma para a corrida. Depois de inspecionar o animal, o duque ficara satisfeito, seguro de que sua bravura agradaria à multidão. Ansiava entrar no campo de batalha.

As portas maciças se abriram com um rangido das dobradiças, e o touro salusano saiu trotando, meneando sua cabeça coberta de chifres e deslumbrado pela luz. Seus olhos facetados refulgiam de raiva. As escamas do lombo, negro como asa de corvo, refletiam cores iridescentes.

Paulus assobiou e agitou a capa.

— Venha cá, estúpido!

Os espectadores riram.

O touro se virou para ele, baixou a cabeça e emitiu um bufo potente.

Leto viu que seu pai ainda não tinha ligado o escudo protetor. Paulus moveu sua capa colorida para provocar a ira da besta. O touro salusano chutou o chão, soprou e carregou. Leto quis gritar, advertir seu pai. Tinha esquecido da sua proteção? Como esperava sobreviver sem escudo? Mas o touro passou ao lado e Paulus deu um giro, para que o animal arremetesse.

Seus chifres retorcidos rasgaram a parte inferior do tecido em pedaços. O

velho duque deu as costas ao touro, confiante em excesso. Dedicou uma reverência zombeteira ao público, endireitou-se e depois, com calma, sem pressa, ligou seu escudo pessoal.

O touro atacou de novo, e o duque utilizou a adaga para espetá-lo em seu flanco escamoso, antes de lhe causar uma leve ferida no flanco. Os olhos facetados do animal captaram múltiplas imagens de seu torturador adornado com cores vivas.

Carregou de novo.

Move-se com muita rapidez para penetrar o escudo, pensou Leto.

Mas se cansar e diminuir a velocidade, poderia ser muito perigoso...

Enquanto a corrida continuava, Leto observou que seu pai procurava enriquecer o espetáculo para que o público se divertisse. O velho duque poderia matar o touro a qualquer momento, mas preferia saborear a experiência.

A julgar pela reação dos espectadores, Leto sabia que se falariam durante anos daquele acontecimento. A vida dos camponeses e pescadores era muito aborrecida e dura, mas esta celebração ficaria gravada em suas mentes, uma orgulhosa imagem de seu duque. Note o que fazia o velho Paulus, apesar de sua idade!, diriam.

Por fim, o touro chegou a beira do esgotamento, com os olhos injetados, pesados e cansados estertores, enquanto seu líquido vital se derramava sobre a areia. Paulus decidiu pôr fim ao desafio. Tinha prolongado o espetáculo durante quase uma hora. Embora coberto de suor, ainda conservava sua aparência nobre, e não permitia que seus movimentos denotassem cansaço nem que suas roupas se desalinhassem.

Em seu camarote, Lady Helena continuava movendo suas bandeirolas, com um sorriso frio na boca.

Aquela altura, o touro era uma máquina enlouquecida, um monstro raivoso com poucos pontos vulneráveis em sua blindagem de escamas negras. Quando o animal carregou contra ele, os chifres cintilantes erguidos como lanças, Paulus fez uma finta à esquerda e deu meia volta. A seguir Paulus atirou a capa para o chão e agarrou o haste de sua lança com ambas as mãos. Concentrou toda sua força em uma potente estocada lateral.

Executada sem a menor falha e de uma beleza sem comparação, a folha da lança penetrou por uma fenda da pele blindada do touro, atravessou uma intercessão de osso e crânio, e perfurou os dois cérebros separados do animal: a forma mais difícil e sofisticada de matá-lo.

O touro estacou, resfolegou, bufou e caiu fulminado sobre a areia.

Paulus plantou o pé sobre a cabeça coberta de chifres, apoiou-se na lança, extraiu-a com um puxão e a jogou no chão. Em seguida, desembainhou sua espada e a fez girar sobre sua cabeça com um gesto de triunfo.

Os espectadores ficaram em pé como um só homem, gritaram, uivaram e aclamaram. Agitaram as bandeiras, apoderaram-se dos ramos que enfeitavam os suportes de vasos e os lançaram à arena. Fizeram coro o nome de Paulus várias vezes.

O patriarca Atreides, divertindo-se com a adoração que despertava, sorriu, deu meia volta e abriu a jaqueta, para que os espectadores vissem seu torso manchado de sangue e coberto de suor. Agora era o herói. Podia desprezar a etiqueta.

Quando os longos vivas emudeceram, o duque ergueu a espada e golpeou diversas vezes até cortar a cabeça do touro. Finalmente, cravou a espada

ensangüentada no chão da praça e com ambas as mãos agarrou os chifres do touro e levantou sua cabeça.

— Leto! — gritou sem olhar para trás, e sua voz retumbou na arena

—. Leto, meu filho, venha aqui!

Leto, ainda protegido pelas sombras da arcada, titubeou um momento e depois avançou. Cruzou o arena com a cabeça bem erguida, até deter-se junto ao seu pai. A multidão o aclamou com renovado entusiasmo.

O velho duque ofereceu ao seu filho a cabeça ensangüentada do animal.

— Entrego-a a Leto Atreides! — anunciou ao público apontando para seu filho —. Vosso futuro duque!

A multidão continuou aplaudindo e gritando hurras. Leto segurou um dos chifres do touro. Seu pai e ele sustentaram o troféu no alto, e dele caiam grossas gotas vermelhas.

Quando Leto ouviu que o povo gritava seu nome, sentiu que algo se agitava em seu interior e perguntou-se pela primeira vez se era isso que sentia um líder de homens.

N'kee: veneno de ação lenta que se concentra nas glândulas suprarenais; uma das toxinas mais insidiosas permitidas sob os acordos da Paz da Corporação e as restrições da Grande Convenção (veja-se Guerra de Assassinos).

Manual dos Assassinos

— *Hummmm*, o imperador nunca morrerá, como bem sabe, Shaddam. — Hasimir Fenring, um homem miúdo de grandes olhos escuros e cara de doninha, estava sentado do outro lado do console e diante de seu visitante, o príncipe herdeiro Shaddam —. Ao menos enquanto for bastante jovem para desfrutar do trono.

Fenring observou com olhar penetrante que a bola negra pousava sobre um ponto de pouco valor. O herdeiro do Império, que tinha terminado seu turno, não estava nada satisfeito com o resultado. Tinham sido companheiros íntimos durante quase toda sua vida, e Fenring sabia muito bem como distrai-lo no

momento preciso.

Da sala de jogos do luxuoso apartamento de cobertura de Fenring, Shaddam podia ver as luzes do palácio imperial de seu pai, que brilhavam sobre a ladeira da colina a um quilômetro de distância. Com a ajuda de Fenring se livrara de seu irmão mais velho Fafnir fazia muitos anos, mas o Trono do Leão Dourado parecia tão fora de seu alcance como sempre.

Shaddam saiu para o balcão e exalou um longo e profundo suspiro.

Era um homem de traços pronunciados, com mais de trinta anos, de queixo firme e nariz aquilino. Usava o cabelo avermelhado curto, engomado e em forma de capacete. Lembrava os bustos de seu pai esculpidos um século antes, durante as primeiras décadas do reinado de Elrood.

Começava a anoitecer, e duas das quatro luas de Kaitain apareciam no ciclo, do outro lado do gigantesco edifício imperial. Planadores iluminados sulcavam os calmos céus do ocaso, perseguidos por bandos de pássaros cantores. Nessas ocasiões, Shaddam precisava se afastar do enorme palácio.

— Cento e trinta e seis anos de reinado — continuou Fenring com seu tom nasal —. E o pai de Elrood governou durante mais de um século.

Pense nisso, *hummmm*? Seu pai subiu ao trono quando só tinha dezenove anos, e você tem quase o dobro dessa idade. — O homem de rosto largo fitou seu amigo com seus grandes olhos negros —. Isso não o incomoda?

Shaddam não respondeu e fixou a vista na linha do horizonte, consciente de que devia retomar a partida, mas seu amigo e ele estavam metidos em jogos muito mais importantes.

Depois de longos anos de estreita associação, Fenring sabia que o herdeiro imperial era incapaz de concentrar-se em problemas complicados quando outras diversões o distraíam. Então, acabarei com esta distração.

— É minha vez — disse.

Fenring ergueu uma varinha em seu lado do globo escudo e a passou através do escudo para ativar um disco interior, o que fez uma bola negra situada no centro do globo levitar. Com um cálculo perfeito, Fenring retirou a varinha e a bola caiu

no centro de um receptáculo oval, conseguindo assim a pontuação máxima.

— Maldito seja, Hasimir, outra partida perfeita para você — disse Shaddam enquanto voltava do balcão —. Não obstante, quando for imperador, será prudente o bastante para me deixar ganhar?

Os olhos do Fenring eram alertas e ferozes. Eunuco genético, incapaz, de gerar filhos devido a suas deformações congênitas, era um dos guerreiros mais mortíferos do Império, mais feroz que qualquer Sardaukar.

— Quando for imperador? — Fenring e o príncipe herdeiro compartilhavam tantos segredos mútuos que nenhum dos dois ocultava nada ao outro —. Shaddam, escute o que estou dizendo, *hummmm*? —

Emitiu um suspiro de exasperação —. Tem trinta e quatro anos e ainda está esperando que sua vida comece, o que te corresponde por direito de nascimento, Elrood pode viver outras três décadas, no mínimo. É um velho *burseg* teimoso, e tendo em conta a quantidade de cerveja de especiaria que engole, é capaz de enterrar nós dois.

— Nesse caso, para que falar disso? — Shaddam brincava com os controles da máquina, demonstrando que queria jogar outra partida —.

Tenho aqui tudo que preciso.

— Prefere jogar até ficar velho? Pensei que desejava coisas melhores, *hummm*? O destino de seu sangue Corrino.

— Ah, sim. E se não cumprir meu destino — disse Shaddam com amargura —, o que será de você?

— Ficarei muito bem, obrigado.

A mãe de Fenring tinha sido treinada na Bene Gesserit antes de entrar no serviço imperial como dama de companhia da quarta esposa de Elrood. Tinha lhe educado bem, preparando-o para grandes empresas.

Mas Hasimir Fenring estava aborrecido com seu amigo. Em certo momento, pouco antes de cumprir os vinte anos, Shaddam tinha ambicionado muito o trono imperial, até o ponto de inspirar Fenring a envenenar o filho mais velho do

imperador, Fafnir, que naquela época tinha quarenta e seis anos e aguardava ansioso o momento da coroação.

Fazia quinze anos que Fafnir tinha morrido, mas o velho abutre não dava sinais de morrer. No mínimo, Elrood deveria abdicar por sua própria vontade. Enquanto isso, Shaddam tinha perdido a energia, e se contentava em desfrutar os prazeres que sua posição lhe proporcionava. Ser príncipe herdeiro facilitava a vida. Mas Fenring queria muito mais, para seu amigo e para ele.

Shaddam o fulminou com o olhar. Fala, a mãe do príncipe herdeiro, o rechaçara quando era pequeno (o único filho que tivera com Elrood), e tinha deixado que sua dama de companhia, Chaola Fenring, exercesse de *nodriza*. Desde meninos, Shaddam e Hasimir tinham falado sobre o que fariam quando o príncipe ocupasse o Trono do Leão Dourado. Imperador Padishah Shaddam IV.

Mas para Shaddam, tais conversas já não continham a magia de sua infância. Tinham passado muitos anos, uma excessiva espera sem objetivo.

A esperança e o entusiasmo tinham dado espaço à apatia. Por que não passar os dias jogando?

— Você é um bastardo — disse Shaddam —. Vamos jogar outra partida.

Fenring fechou o console ignorando a sugestão de seu amigo.

— Talvez, mas há muitos assuntos graves no Império que exigem atenção, e sabe tão bem como eu que seu pai é um incompetente. Se o diretor de uma empresa conduzisse seus negócios como seu pai governa o Império, seria destituído. Pense no escândalo da CHOAM, por exemplo, a operação de extração de pedras *soo*.

— Ah, sim. Tem toda a razão, Hasimir.

Shaddam exalou um profundo suspiro.

— Impostores nobres: um duque, uma duquesa... Toda uma família de farsantes, sob o nariz de seu pai. Quem vigiava? Agora desapareceram em um planeta que não se acha sob o controle imperial. Isso nunca deveria ter ocorrido, *hummm*? Imagine os benefícios perdidos para Buzzel e os sistemas anexos. No que Elrood estava pensando?

Shaddam afastou a vista. Não gostava de discutir sobre assuntos imperiais sérios. Davam-lhe dor de cabeça. Tendo em conta o vigor aparente de seu pai, esses detalhes pareciam longínquos e irrelevantes para ele.

Mas Fenring insistiu.

— Tal como estão as coisas, suas possibilidades são remotas. Cento e cinqüenta e cinco anos, e ainda goza de uma saúde excelente. Fondil III, seu predecessor, viveu cento e setenta e cinco anos. Qual é a idade máxima que um imperador Corrino alcançou?

Shaddam franziu o sobrecenho e lançou um olhar ofegante ao aparelho de jogo.

— Sabe que não dou atenção a essas coisas, nem sequer quando o preceptor se zanga comigo.

Fenring apontou com um dedo.

— Elrood viverá duzentos anos, não tenha dúvida. Tem um grave problema, meu amigo... a menos que me escute.

Arqueou suas sobrancelhas finas.

— Ah, sim, mais ideias tiradas do Manual de assassinos, suponho.

Tome cuidado para que não o surpreendam lendo-o. Já sabe o castigo que se impõe pela posse de um livro proibido.

— As pessoas tímidas só estão destinadas a trabalhos tímidos.

Nossos futuros, Shaddam, são muito mais amplos. Pense nas possibilidades, hipotéticas, é obvio. Além disso, o que tem de mau o veneno? Funciona muita bem e só afeta à pessoa escolhida, tal como diz a Grande Convenção. Nem mortes colaterais, nem perda de ganhos, nem destruição de propriedades hereditárias. Limpo e rápido.

— Os venenos são empregados nos assassinatos entre as Casas, não para o que está pensando.

— Não se queixou quando me encarreguei de Fafnir, hummmm?

Agora teria mais de sessenta anos, e ainda não teria saboreado o trono.

Quer esperar tanto tempo?

— Basta — insistiu Shaddam, embora resignado —. Nem se atreva a imaginar isso. Não é justo.

— E é justo negar o que te corresponde por direito de nascimento?

Qual seria sua eficácia como imperador se não puder assumir o poder antes de ser um ancião senil como seu pai? Olhe o que aconteceu em Arrakis.

Quando substituímos Abulurd Harkonnen, o dano já era irremediável.

Abulurd não sabia usar o chicote assim os trabalhadores não o respeitavam.

Agora o barão o utiliza com excessiva prodigalidade, e a moral esta caindo, o que causa deserções e sabotagens cada vez mais freqüentes. Claro que não culpam os Harkonnen. Tudo aponta para seu pai, o imperador Padishah, e às decisões errôneas que tomou. — Baixou a voz —. Você tem que fazer isso pela estabilidade do Império.

Shaddam olhou para o teto, como se procurasse olhos espiões ou outros aparelhos de escuta, embora soubesse que Fenring escaneava com regularidade seu apartamento de cobertura e o protegia com escudos impenetráveis.

— Em que tipo de veneno está pensando? Só falando de um ponto de vista hipotético, é obvio.

Uma vez mais, olhou para o palácio imperial. O edifício resplandecente parecia um graal lendário, um troféu inalcançável.

— Algo que aja lentamente, *hummmm*? Dará a impressão que Elrood está envelhecendo. Ninguém se perguntará o que ocorre, pois já é muito velho. Deixe que me encarregarei disso. Como futuro imperador, não deveria se preocupar com os detalhes desses assuntos. Sempre fui seu coordenador, lembra-se?

Shaddam mordiscou o lábio inferior. Ninguém no Império sabia mais coisas sobre esse homem que ele. Havia a possibilidade de que seu amigo o traísse algum dia? Sim... embora Fenring soubesse muito bem que seu melhor caminho

para o poder era Shaddam, o desafio consistia em controlar a ambição do seu amigo, em estar sempre um passo adiante dele.

O imperador Elrood IX, sabedor das habilidades mortíferas de Fenring, o utilizara em certo número de bem-sucedidas operações clandestinas. Elrood chegara a suspeitar do papel de Fenring na morte do príncipe herdeiro Fafnir, mas aceitara como algo inerente à política do Império. Ao longo dos anos Fenring tinha assassinado uns cinqüenta homens e uma dúzia de mulheres, e algumas de suas vítimas tinham sido também seus amantes, sem distinção de sexo. Orgulhava-se de ser um assassino capaz de olhar sua vítima nos olhos ou de matar pelas costas, sem o menor remorso.

Havia dias em que Shaddam desejava que o ambicioso Fenring e ele nunca tivessem forjado uma amizade de infância, porque assim não teria que enfrentar escolhas difíceis. Shaddam deveria ter abandonado seu companheiro de berço desde que aprendeu a andar. Era perigoso relacionar-se com um assassino tão implacável, e em certas ocasiões se sentia envergonhado por sua relação.

Mas Fenring era seu amigo. Existia uma atração mútua, algo indefinível de que tinham falado algumas vezes sem chegar a conclusão alguma. Nesse momento, Shaddam considerava mais fácil aceitar a amizade (e para seu próprio bem, achava que fosse amizade) em lugar de tentar cortá-la, o que poderia ser extremamente perigoso.

Uma voz ao seu lado interrompeu seus pensamentos.

— Seu conhaque favorito, meu príncipe.

Fenring lhe oferecia uma taça de conhaque *kirano* escuro.

Aceitou a taça, mas contemplou o líquido com suspeita, enquanto o remexia na taca. Detectava outra cor que não tinha terminado se mesclado?

Aproximou o nariz, inalou o aroma como se fosse um perito, embora o que tentava era detectar algum agente químico estranho. O conhaque parecia normal. Mas Fenring teria tomado todo tipo de precauções. Era um homem sutil e tortuoso.

— Posso chamar o provador se quiser. Eu nunca o envenenaria, Shaddam — disse Fenring com um sorriso de possesso —. Entretanto, seu pai se encontra em

uma posição muito diferente.

— Ah, sim. Um veneno de ação lenta, você disse? Creio que já tem alguma substância em mente. Quanto tempo meu pai viverá depois de que tiver iniciado o processo? Se chegarmos a um acordo, quero dizer.

— Dois anos, possivelmente três. O suficiente para que seu declínio pareça normal.

Shaddam alisou o queixo se esforçando para compor uma pose majestosa. Sua pele estava perfumada, seu cabelo avermelhado oleado com gel e penteado para trás.

— Tem que saber que só abrigaria uma idéia tão traiçoeira pelo bem do Império... para evitar que meu pai continue cometendo trapalhadas.

Um sorriso matreiro se insinuou na cara de doninha.

— É obvio.

— Dois ou três anos — murmurou Shaddam —. Tempo suficiente para me preparar com vistas às grandes responsabilidades da liderança, suponho... enquanto você atende algumas das tarefas mais desagradáveis do Império.

— Não vai beber o conhaque, Shaddam?

Shaddam sustentou o olhar duro daqueles olhos enormes e sentiu um calafrio de medo em sua espinha dorsal. Áquela altura estava muito comprometido para não confiar em Fenring. Inalou uma baforada de ar e bebeu o saboroso licor.

Três dias depois, Fenring deslizou como um fantasma entre os escudos e detectores do palácio e se deteve ante o imperador adormecido, que roncava pesadamente.

Ninguém no universo se importa.

Nenhuma outra pessoa poderia entrar no dormitório do imperador.

Mas ele tinha seus métodos: um suborno aqui, um horário manipulado ali, uma concubina indisposta, um porteiro distraído, o *chambelán* enviado para um

recado urgente. Tinha feito isso muitas vezes, preparando o inevitável.

Todos estavam acostumados a ver Fenring andando livremente pelo palácio, e sabiam que era melhor não fazer muitas perguntas. Agora, segundo seu cálculo preciso (do qual ate um Mentat se sentiria orgulhoso), Fenring contava com três minutos. Quatro, com sorte.

Tempo suficiente para mudar o curso da história.

Com o mesmo cálculo de tempo exato que demonstrara durante a partida com Shaddam, assim como com seus ensaios com manequins e duas desafortunadas criadas da cozinha, Fenring esperou imóvel, enquanto estudava a respiração da sua vítima como um tigre Laça a ponto de saltar.

Em uma mão sustentava uma longa agulha do tamanho de um microcabelo entre dois esbeltos dedos, e na outra segurava um tubo opaco. O velho Elrood estava de costas, na posição correta, como uma múmia, com a pele tensa sobre o crânio.

Guiado por uma mão segura, o tubo opaco se aproximou. Fenring contou, à espera...

Entre duas aspirações de Elrood, Fenring acionou uma alavanca do tubo e orvalhou o rosto do ancião com um potente jorro anestésico.

Não aconteceu nenhuma mudança visível em Elrood, mas Fenring sabia que o amortecedor nervoso tinha um efeito imediato. Em seguida, uma agulha autoguiada, fina como uma fibra, subiu pelo nariz do homem, atravessou suas cavidades nasais e se alojou no lóbulo frontal do cérebro.

Fenring não esperou mais de um instante para lançar a bomba de tempo química. Tudo acabou em questão de segundos. Sem provas nem dor. A maquinaria interna, indetectável e provida de múltiplas capas, se pôs em ação. O pequeno catalisador cresceria e multiplicaria os danos, como a primeira célula podre de uma maçã.

Cada vez que o imperador consumisse sua bebida favorita (a cerveja de especiaria), seu cérebro liberaria diminutas dose do veneno catalisador em seu fluxo sanguíneo. Em conseqüência, um componente normal da dieta do ancião se transformaria quimicamente em *chaumurky*: veneno administrado em uma bebida. Sua mente apodreceria pouco a pouco... uma metamorfose que seria muito agradável de contemplar.

Fenring adorava a sutileza.

Kwisat Haderach: o caminho mais curto.

É o nome dado pelas Bene Gesserit ao desconhecido para o que procuraram uma solução genética: um Bene Gesserit varão cujos poderes mentais e orgânicos podem fazer ponte no espaço e no tempo.

Terminologia do Império

Era outra manhã gelada. O pequeno sol branco azulado de Laoujin banhava os telhados de terracota e dissipava a chuva.

A reverenda mãe Anirul Sadow Tonkin tinha fechado o pescoço de seu hábito negro para se proteger do vento úmido que soprava do sul e umedecia seu cabelo

castanho curto. Caminhou rapidamente sobre os paralelepípedos molhados, em direção à porta arqueada do edifício administrativo das Bene Gesserit.

Chegava tarde e corria, apesar de ser um espetáculo indigno de uma mulher de sua categoria, como se fosse uma colegial ruborizada. A madre superiora e seu conselho seleto estariam esperando na câmara, afim de celebrar uma reunião que não poderia começar sem Anirul. Só ela possuía as projeções de reprodução de toda a Irmandade, assim como o conhecimento total da Outra Memória.

O enorme complexo da Escola Materna de Wallach IX era a base das operações da Bene Gesserit no entroncamento do Império. Aqui se tinha erguido o histórico primeiro santuário da Irmandade, nos dias posteriores ao Jihad Butleriano, quando se fundaram as grandes escolas da mente humana. Alguns dos edifícios localizados no enclave de aprendizagem tinham milhares de anos, e os ecos de fantasmas e lembranças ressoavam em suas paredes. Outros tinham sido construídos em épocas mais recentes, com estilos muito similares aos originais. A aparência bucólica do complexo da Escola Materna obedecia um dos preceitos principais da Irmandade: mínima aparência, máximo conteúdo. O rosto de Anirul eram longo e estreito, o que proporcionava ao seu rosto a aparência de um gamo, mas seus olhos continham a sabedoria de milênios.

Os edifícios de estuque e madeira, uma combinação de estilos arquitetônicos clássicos, contavam com telhas de terra cor Siena cobertas de musgo, assim como com janelas duplamente seladas, desenhadas para aproveitar o máximo do calor e da luz naturais do diminuto sol. As ruas e ruelas, singelas e estreitas, em combinação com a aparência arcaica do centro de ensino, desmentiam as sutis complexidades e o peso da história que se repartiam no interior. Os visitantes altivos não ficavam impressionados, o que nada importava à Irmandade.

Ao longo e ao largo do Império, as Bene Gesserit passavam quase desapercebidas, mas sempre intervinham em assuntos vitais, inclinavam o equilíbrio político em momentos cruciais, observavam, agiam, conseguiam seus objetivos. Era muito melhor que outros as subestimassem. Dessa forma, as irmãs encontravam menos obstáculos.

Apesar das suas deficiências e dificuldades superficiais, Wallach IX

continuava a ser o lugar perfeito para desenvolver os músculos psíquicos exigidos pelas reverendas mães. O complexo vigamento de estruturas e

trabalhadores do planeta era muito valioso, muito enraizado na história e na tradição para ser substituído. Sim, havia climas mais benignos em planetas mais hospitaleiros, mas qualquer irmã que não fosse capaz de suportar estas condições não tinha lugar entre as dificuldades, os ambientes hostis e, com freqüência, as dolorosas decisões que uma verdadeira Bene Gesserit devia enfrentar.

A reverenda mãe Anirul controlou sua respiração entrecortada e subiu os degraus, escorregadios por causa da chuva, do edifício administrativo e logo se deteve para olhar para a praça. Manteve as costas bem eretas, mas sentia todo o peso da história e da memória, e para uma Bene Gesserit existia pouca diferença entre ambas. As vozes de gerações anteriores despertavam ecos na Outra Memória, uma cacofonia de sabedoria, experiência e opiniões acessíveis a todas as reverendas mães, em especial a Anirul.

Naquele mesmo lugar, a primeira madre superiora, Raquell Berto Anirul (cujo sobrenome Anirul tinha adotado), fizera seus lendários discursos ao embrião da Irmandade. Raquell tinha forjado uma nova escola a partir de um grupo de irmãs desesperadas e dóceis que ainda não tinham se livrado do jugo de séculos de máquinas pensantes.

Teria consciência do que estava iniciando tanto tempo atrás?, perguntou-se Anirul. Tantos desejos e tantos planos que apoiou em uma única e secreta esperança. Em certas ocasiões, a presença da madre superiora Raquell lhe respondia. Mas hoje não.

Graças à capacidade de acessar à multidão de memórias vitais enterradas em sua psique, Anirul sabia qual era o degrau exato que sua ilustre antecessora tinha pisado, e pôde ouvir suas palavras exatas. Um calafrio a obrigou a deter-se. Embora fosse jovem em anos e de pele suave, albergava certa velhice, como todas as reverendas madres vivas, mas nela as vozes falavam mais alto. Era tranqüilizador contar com aquela turba de lembranças que forneciam conselho em tempos de necessidade. Impediam que cometesse enganos fatais.

Mas Anirul seria acusada de distração e atraso imperdoáveis se não fosse à reunião. Algumas diziam que era muito jovem para ser a Madre Kwisatz, mas a Outra Memória lhe tinha revelado mais que a qualquer outra irmã. Compreendia a preciosa busca, que remontava a muitos séculos, do *Kwisatz Haderach* melhor que as outras reverendas madres, porque as vidas anteriores lhe tinham revelado tudo, ao mesmo tempo em que ocultavam os detalhes a maior parte das Bene

Gesserit.

A idéia de um *Kwisatz Haderach* tinha sido o sonho da Irmandade durante milhares e milhares de anos, concebido em reuniões clandestinas até antes da vitória do Jihad. A Bene Gesserit tinha muitos programas de reprodução dirigidos a selecionar e potencializar diversas características da humanidade, e ninguém os compreendia em sua totalidade, mas as linhas genéticas do programa messiânico constituíam o segredo melhor guardado na história documentada do Império, tão secreto que até as vozes da Outra Memória se negavam a divulgar os detalhes.

Entretanto, tinham revelado a Anirul o projeto em sua totalidade, e a mulher compreendia todas as implicações. Tinha sido escolhida como a Madre Kwisatz desta geração, a guardiã do objetivo mais importante da Bene Gesserit.

Não obstante, o prestígio e o poder não a desculpavam de chegar tarde às reuniões do conselho. Havia muitas madres que ainda a consideravam jovem e impetuosa.

Abriu uma pesada porta, coberta de hieróglifos em uma língua que só as reverendas madres recordavam, e entrou em um vestíbulo onde outras dez irmãs, vestidas com hábitos negros providos de capuz como o seu, aguardavam reunidas. Um murmúrio das conversas ressoava no edifício. “É

possível ocultar tesouros no interior de uma concha gasta e carente de pretensões”, rezava um dito popular da Bene Gesserit.

As irmãs se afastaram para abrir caminho a Anirul. Apesar de seu corpo ser alto e ossudo, Anirul conseguia conferir graça a seus movimentos, mas não lhe era fácil. Seguiram-na entre sussurros quando entrou na câmara octogonal, o lugar de reunião das dirigentes da antiga ordem. Seus passos arrancaram rangidos do chão de madeira e a porta se fechou a suas costas.

Bancos de madeira branca de *Elacca* ladeavam a sala. A madre superiora Harishka estava sentada em um, como uma irmã comum. De ascendência mestiça, que revelava linhagens diversas da humanidade, a madre superiora era velha e encurvada, e seus olhos de cor amêndoa vigiavam sob seu capuz negro.

As irmãs se dirigiram para os lados da sala e tomaram assento nos bancos, assim como a madre superiora. Aos poucos o roçar dos hábitos cessou e ninguém mais

falou. O velho edifício rangeu. Fora, caíam silenciosas cortinas de água que cobriam a luz branco azulada do sol.

— Anirul, espero seu relatório — disse por fim a mãe superiora, com um leve tom de irritação devido a seu atraso. Harishka era a superiora de toda a Irmandade, mas Anirul estava investida de toda a autoridade para tomar decisões sobre o projeto —. Você nos prometeu um resumo das projeções genéticas.

Anirul ocupou seu posto, no centro da sala. O teto abobadado se abria como uma flor até o extremo superior das vidraças góticas. Em cada seção de janela, os vitrais apresentavam os emblemas familiares das grandes líderes históricas da ordem.

Anirul respirou fundo para combater o nervosismo e emudecer a multidão de vozes que tagarelavam em seu interior. Muitas irmãs não gostariam do que ia dizer. Embora as vozes de vidas passadas lhe oferecessem consolo e apoio, ia expor sua análise particular da situação, e deveria defendê-la. Ao mesmo tempo, teria que ser sincera. A madre superiora era uma especialista em não deixar escapar o menor engano. A madre superiora anotava tudo, e seus olhos amendoados brilhavam de expectativa e impaciência.

Anirul pigarreou e iniciou seu relatório com um sussurro que chegou a todos os ouvidos da sala mas a nenhum lugar mais. Nada escapava para que fosse captado por aparelhos de escuta ocultos. Todas conheciam seu trabalho, mas lhes proporcionou todos os detalhes, para sublinhar a importância do que ia dizer.

— Milhares de anos de cuidadosa reprodução nos aproximaram mais que nunca do nosso objetivo. Durante noventa gerações, um plano iniciado antes que os guerreiros butlerianos nos conduzissem à libertação das máquinas pensantes, a Irmandade planejou criar nossa própria arma. Nosso próprio super ser, que estenderá pontes no tempo e espaço com sua mente.

Suas palavras ressoaram. As outras Bene Gesserit não se moveram, apesar de parecerem aborrecidas com seu resumo do projeto. Muito bem, darei algo que alimentará suas esperanças.

— Mediante o DNA calculo que estamos a apenas três gerações do êxito. — Seu pulso se acelerou —. Logo teremos nosso *Kwisatz Haderach*.

— Seja precavida quando falar da mãe de todos os segredos —

advertiu a madre superiora, mas sua severidade não conseguiu ocultar sua saturação.

— Sou precavida com todos os aspectos de nosso programa, madre superiora — replicou Anirul em um tom excessivamente altivo. Reprimiu-se, apagou toda expressão de seu rosto, mas as demais já tinham percebido o deslize. Correriam murmúrios sobre sua insolência, sua juventude, sua falta de preparação para um papel tão importante —. Por isso estou tão certa do que devemos fazer. As amostras genéticas foram analisadas, todas as possibilidades projetadas. O caminho está mais livre de obstáculos que nunca.

Muitas irmãs antes que ela tinham trabalhado para alcançar aquele objetivo incrível, e agora seu dever consistia em administrar as decisões finais sobre a reprodução, assim como fiscalizar o nascimento e educação de uma nova menina, que seria com toda probabilidade a avó do *Kwisatz Haderach*.

— Tenho os nomes dos consortes genéticos finais — anunciou Anirul —. Nosso índice de emparelhamentos indica que contam com as maiores probabilidades de êxito.

Fez uma pausa para saborear a atenção absoluta de todas as irmãs.

Qualquer forasteiro teria pensado que Anirul era apenas mais uma reverenda madre, que não se distinguia em nada das outras irmãs nem possuía nenhum talento especial. As Bene Gesserit eram especialistas em guardar segredos, e a Mãe Kwisatz era um dos mais importantes.

— Necessitamos de uma linhagem em particular de uma Casa antiga.

Este produzirá uma filha, nosso equivalente à mãe da Virgem Maria, que logo deverá aceitar o homem que escolhermos. Estes dois serão os avós e sua descendência, também uma filha, será preparada aqui, em Wallach IX.

Esta mulher Bene Gesserit será a mãe de nosso *Kwisatz Haderach*, um menino que nós educaremos, sob nosso completo controle.

Anirul deixou escapar estas últimas palavras com um lento suspiro, e refletiu sobre a enormidade do que havia dito.

Apenas mais algumas décadas, e o assombroso nascimento aconteceria,

provavelmente durante a vida de Anirul. Enquanto voltava ao passado por meio dos túneis da Outra Memória e se conscientizava do tecido temporal estendido em preparação desse acontecimento, Anirul compreendeu quão afortunada era por viver nessa época. No interior de sua mente, suas predecessoras formavam uma cauda espectral que observavam e aguardavam ansiosas.

Quando o programa de reprodução desse seus frutos por fim, já não seria preciso que as Bene Gesserit continuassem existindo como uma presença sutil e manipuladora na política do Império. Tudo lhes pertenceria, e o arcaico sistema feudal galáctico cairia.

Embora ninguém falasse, Anirul detectou preocupação nos olhos de suas irmãs, acossadas por uma dúvida que nenhuma se atrevia a expressar.

— E qual é esta linhagem? — perguntou a madre superiora.

Anirul não vacilou e se ergueu ainda mais.

— Temos que obter uma filha do... barão Vladimir Harkonnen.

Leu surpresa nos rostos. Os Harkonnen? Tinham sido incluídos nos programas de reprodução, é obvio, como todas as Casas do *Landsraad*, mas ninguém tinha imaginado que O Salvador das Bene Gesserit viesse da semente de semelhante homem. O que pressagiava tal linhagem para o *Kwisatz Haderach*? Se nascesse um super-homem da estirpe Harkonnen, as Bene Gesserit seriam capazes de controlá-lo?

Todas estas perguntas, e muitas outras, circularam entre as irmãs, sem que nenhuma emitisse o menor som, nem sequer um sussurro direto.

Anirul compreendeu com clareza.

— Como todas sabem — disse por fim —, o barão Harkonnen é um homem astuto e manipulador. Embora tenhamos certeza de que se encontra informado dos numerosos programas de reprodução das Bene Gesserit, não podemos lhe revelar nosso plano, mas temos que imaginar uma forma que deixe grávida à irmã escolhida sem lhe explicar o motivo.

A mãe superiora franziu seus lábios.

— Os apetites sexuais do barão se concentram exclusivamente em homens e rapazes. Não aceitará uma amante feminina, sobretudo se nós a impusermos.

Anirul assentiu.

— Nossas capacidades de sedução serão postas a prova como nunca.

— Dirigiu um olhar desafiante à reverenda madre —. Mas não tenho dúvida que, com todos os recursos das Bene Gesserit, acharemos uma forma de dobrá-lo.

Como reação ao estrito tabu butleriano contra as máquinas que realizam funções mentais, certo número de escolas desenvolveram seres humanos aperfeiçoados, com o fim de que assumissem a maioria das tarefas que eram executadas pelos ordenadores. Algumas das principais escolas que nasceram do Jihad incluem as Bene Gesserit, com sua preparação física e mental intensiva, a Corporação Espacial, com sua capacidade presciente de localizar atalhos seguros entre as dobras espaciais, e os Mentat, cujas mentes similares a ordenadores são capazes de proezas de raciocínio extraordinárias.

Ikbhan, Tratado sobre a mente, volume I

Enquanto se preparava para ausentar-se de seu lar durante um ano inteiro, Leto tentava aferrar-se a sua confiança em si mesmo. Sabia que era um passo muito importante e compreendia por que seu pai tinha escolhido IX como centro de estudos. Mas sentiria falta de Caladan.

Não era a primeira viagem do jovem herdeiro ducal a um sistema estelar diferente. Leto e seu pai tinham explorado os múltiplos mundos de Gaar e o planeta Pilargo, envolto em névoas perenes, que se considerava a origem dos primitivos caladanos, mas não tinham sido mais que meras excursões, embora sempre emocionantes.

Entretanto, a perspectiva de ausentar-se durante tanto tempo, e sozinho, angustiava-o mais do que esperava, embora não se atrevesse a admitir. Algum dia serei duque.

Vestido com seus melhores ornamentos, Leto aguardava no espaçoporto municipal de Baia, acompanhado do velho duque, a chegada da lançadeira que o transportaria até um Cruzeiro da Corporação. Duas malas antigravitacionais flutuavam perto de seus pés.

Sua mãe tinha sugerido que tivesse criados, caixas cheias de roupas e jogos, e provisões de boa comida caladana, mas Paulus, entre gargalhadas, tinha explicado que quando tinha a idade do Leto tinha sobrevivido meses em um campo de batalha com o escasso conteúdo de sua mochila. Não obstante, insistiu que Leto levasse uma das facas de pesca tradicionais em Caladan em uma bainha presa em suas costas.

Leto concordou com seu pai, como de costume, e decidiu levar pouca bagagem. Além disso, IX não era um planeta ermo, mas uma potência industrial. Não sofreria muitas privações enquanto estudava.

Em público, *lady* Helena suportava a decisão com elegância e estoicismo. Incorporou-se ao grupo que se despedia de Leto vestida com seus melhores ornamentos e uma capa resplandecente. Embora o futuro duque soubesse que sua mãe sofria por seu bem-estar, *lady* Atreides não traiu em nenhum momento seus sentimentos.

Leto ajustou as lentes dos prismáticos de seu pai e as enfocou nos vestígios da noite. Um ponto brilhante se movia diante das estrelas. Quando ajustou a teleobjetiva, o ponto cresceu até que Leto reconheceu um Cruzeiro em órbita baixa, rodeado pela mancha tremula de um sistema defensivo protetor.

— Está vendo? — perguntou Paulus, de pé junto ao seu filho.

— Está ali, com todos os escudos ativados ao máximo. Preocupam-se com alguma ação militar? Aqui?

Tendo em conta as graves conseqüências políticas e econômicas, Leto não podia imaginar que alguém se atrevesse a atacar uma nave da Corporação. Embora a Corporação Espacial não mantivesse nenhum poder militar próprio, podia enfraquecer qualquer sistema solar, mediante a anulação dos serviços de transporte. Com seus complexos mecanismos de vigilância, a Corporação era capaz de seguir o rastro e identificar qualquer atacante e enviar mensagens ao imperador, que por sua vez mandaria os Sardaukar imperiais, segundo os acordos de um tratado mútuo.

— Nunca subestime as táticas do desespero, filho — disse Paulus, sem dar mais explicações. Em algumas ocasiões tinha contado ao seu filho historias de falsas acusações contra particulares, situações tramadas no passado para eliminar inimigos do imperador ou da Corporação.

Leto pensou em tudo o que ia abandonar, e o que mais ia sentir falta seria a perspicácia de seu pai, as breves mas sagazes lições que o velho duque lhe dava quando menos esperava.

— O Império funciona além das leis — continuou Paulus —. Uma base igualmente forte é a rede de alianças, favores e propaganda religiosa.

As crenças são mais poderosas que os fatos.

Leto contemplou a nave, magnífica e longínqua, e franziu o cenho.

Às vezes era difícil diferenciar a verdade da ficção...

Viu que um ponto alaranjado aparecia debaixo da enorme nave. A cor se transformou em uma mancha de luz descendente, que tomou a forma de uma lançadeira, que não demorou para flutuar sobre o campo de aterrissagem da Baía. Quatro gaivotas brancas revoaram ao seu redor, aproveitando as correntes de ar produzidas pela lançadeira em sua descida, e depois se dirigiram para os escarpados.

Um escudo brilhou e se apagou ao redor da lançadeira. A brisa salgada da manhã agitava os estandartes que enfeitavam as sebes do espaçoporto. A lançadeira, uma nave branca em forma de bala, flutuou para a plataforma de embarque, onde Leto e seu pai se mantinham afastados da guarda de honra. Uma multidão de curiosos saudava e gritava do perímetro da pista de aterrissagem. A nave e a plataforma se conectaram, e uma porta se abriu na fuselagem.

Sua mãe avançou para despedir-se e o abraçou sem dizer uma palavra. Tinha ameaçado presenciar sua partida de uma torre do castelo, mas Paulus a convencera a ir ao espaçoporto. A multidão o aclamou e se despediu aos gritos. O duque Paulus e *lady* Helena seguraram sua mão.

— Lembre-se do que te disse, filho — disse Paulus, em referência aos numerosos conselhos que tinha dado durante os últimos dias —.

Aprenda sobre IX, aprenda tudo.

— Mas use a cabeça para discernir o que é verdade — acrescentou sua mãe.

— Sempre — respondeu —. Sentirei falta dos dois. Tentarei fazê-los sentir

orgulho de mim.

— Já sentimos, filho.

O ancião retrocedeu para a escolta. Trocou saudações Atreides com o rapaz (a mão direita aberta junto à têmpora), e todos os soldados o imitaram. A seguir Paulus avançou para abraçar Leto.

Momentos depois, a lançadeira pilotada automaticamente se elevou sobre os escarpados negros, o mar bravio e as terras férteis de Caladan.

Leto estava sentado em uma poltrona do salão de observação, e olhava por uma janela. Quando a nave alcançou a escuridão anil do espaço, viu a silhueta metálica do Cruzeiro da Corporação, e em sua superfície o sol cintilava.

Quando se aproximaram, um buraco se abriu na parte inferior. Leto respirou fundo, e a imensa nave engoliu a lançadeira. Pensou no que tinha visto em um videolivro sobre Arrakis, a cena de um verme de areia tragando um recolector de especiaria. A metáfora o inquietou.

A lançadeira deslizou com suavidade no mole de acoplamento de uma nave de passageiros Wayku, pendurado em seu ancoradouro dentro do Cruzeiro. Leto subiu a bordo, seguido de suas malas flutuantes, e decidiu seguir as instruções de seu pai. Aprenda de tudo. Sua decidida curiosidade afugentou seus temores, e Leto subiu por uma escada até o salão de passageiros principal, onde encontrou assento em um banco junto a outra janela. Dois mercadores de pedras *soo* estavam sentados perto, e sua conversa veloz estava salpicada de gíria. O velho Paulus queria que Leto se valesse por si só, e para enriquecer a experiência Leto viajava como um passageiro normal, sem luxos especiais, pompa nem séquito, nem a menor indicação de que era filho de um duque.

Sua mãe teria se horrorizado.

A bordo da nave, vendedores Wayku usando óculos escuros e fones de ouvido passavam de passageiro em passageiro, vendendo pratos prontos e beberagens perfumadas a preços exorbitantes. Leto rechaçou com um gesto um vendedor persistente, embora os caldos e as brochetas de carne assada cheirassem muito bem. Ouviu a música que soava nos fones do homem e viu que sua cabeça, ombros e pés se moviam ao ritmo da música que seu cérebro recebia. Os Wayku trabalhavam e atendiam os clientes, mas conseguiam viver em sua própria

cacofonia sensorial. Preferiam o universo interior a qualquer espetáculo exterior.

A nave, que controlava os Wayku para a Corporação, transportava passageiros de um sistema a outro. Os Wayku, uma desafortunada Grande Casa cujos planetas tinham sido destruídos durante a Terceira Guerra do Saque de Carvão, agora eram ciganos e viviam como nômades a bordo dos Cruzeiros da Corporação. Embora antigas condições de rendição proibissem os membros de sua raça a pisar em qualquer planeta do Império, a Corporação lhes concedera asilo, por motivos ignorados. Durante gerações, os Wayku não demonstraram o menor interesse em solicitar ao imperador a anistia ou a revogação daquelas severas restrições.

Leto olhou pelo guichê do salão e viu a área de carga do Cruzeiro iluminada, uma câmara de vazio tão grande que, em comparação, a zona de passageiros parecia um grão de arroz. Viu o teto sobre sua cabeça, mas não as paredes, a quilômetros de distância. Outras naves, grandes e pequenas, estavam estacionadas ali, fragatas, cargueiros, lançadeiras e couraçados.

Pilhas de caixas amarradas juntas (contêineres sem piloto desenhados para levar material de uma órbita baixa à superfície de um planeta) estavam penduradas junto às principais escotilhas exteriores.

Normas da Corporação, gravadas em cristais ridulianos fixados na parede principal de cada sala, proibiam aos passageiros abandonar o isolamento de sua zona. Leto vislumbrou pelos guichês adjacentes os passageiros de outra zona, uma mistura de raças que se dirigiam a todos os cantos do Império.

Os garçons Wayku finalizaram seu primeiro turno de serviço, e os passageiros esperaram. A viagem através da dobra espacial não durava mais de uma hora, mas em certas ocasiões os preparativos da partida exigiam dias.

Por fim, sem qualquer anúncio, Leto detectou uma tênue vibração que parecia provir de muito longe. Sentiu-o em todos os músculos do seu corpo.

— Devemos estar viajando — disse um dos mercadores de pedras *soo*, que não pareciam nada impressionados. A julgar pela rapidez com que desviou a vista e a forma estudada com que ignoraram o fato, Leto pensou que o mercador devia considerá-lo um caipira analfabeto.

Em uma câmara isolada situada sobre a nave, um Navegador da Corporação,

submerso em um contêiner de gás saturado de melange, começou a vasculhar o espaço com sua mente. Vislumbrou e teceu um caminho seguro através do tecido do espaço tempo, que transportaria o Cruzeiro e seu conteúdo até distâncias imensas.

Na noite anterior, enquanto jantavam no castelo, a mãe de Leto perguntou se esses Navegadores violavam de algum modo a interação homem máquina proibida pelo Jihad Butleriano. Sabendo que Leto logo estaria em IX e correria o risco de se corromper, formulou com tom inocente a sugestão enquanto mastigava uma parte do peixe grelhado enfeitado com suco de limão. Costumava utilizar um tom mais razoável para lançar suas afirmações provocadoras. O efeito foi o mesmo de lançar um penhasco em um lago de águas serenas.

— Que tolice, Helena! — saltou Paulus enquanto secava a barba com um guardanapo —. Onde estaríamos sem os Navegadores?

— Só porque se acostumou com alguma coisa, isso não a transforma em correta, Paulus. A Bíblia Católica Laranja não diz nada a respeito das conveniências pessoais definirem a moralidade.

Antes que seu pai se metesse numa discussão, Leto interveio.

— Pensei que os Navegadores só viam um caminho, um caminho seguro. De fato, são os geradores Holtzman que controlam a nave. —

Decidiu acrescentar um trecho que recordava da Bíblia —: “O senhor supremo do mundo material é a mente humana, e as bestas do campo e as máquinas da cidade devem estar subordinadas a ela eternamente”.

— É obvio, querido — disse sua mãe, e abandonou o tema.

Não notou nenhuma mudança de sensação quando entraram na dobra espacial. Antes que Leto se desse conta, o Cruzeiro chegou a outro sistema solar, Harmonthep.

Uma vez ali, Leto teve que esperar mais cinco horas, enquanto entravam e saíam da área de carga do Cruzeiro naves de carga e lançadeiras, assim como transportes e uma superfragata. Depois, a nave da Corporação se afastou de novo, dobrou o espaço até chegar a um novo sistema solar (desta vez, Kirana Aleph), onde o ciclo se repetiu.

Leto tirou uma sesta nos compartimentos de dormir, e depois saiu para comprar duas brochetas de carne fumegante e uma potente taça de *tee*.

Sua mãe teria gostado que guardas da Casa Atreides o escoltassem, mas Paulus tinha insistido que só havia uma maneira de que seu filho aprendesse a cuidar de si mesmo. Leto tinha um programa e instruções, e tinha jurado ater-se a elas.

Por fim, na terceira parada, uma tripulante Wayku ordenou a Leto que descesse três níveis e subisse em uma lançadeira automática. Tratava-se de uma mulher de aspecto severo, vestida com um uniforme chamativo, e parecia não estar de humor para conversa. Música melódica surgia de seus fones de ouvido.

— Estamos em IX? — perguntou Leto enquanto agarrava suas malas antigravitacionais, elas o seguiram quando se moveu.

— Estamos no sistema do Alkaurops — anunciou a mulher. Não podia ver seus olhos, ocultos atrás óculos escuros —. IX é o nono planeta.

Desembarcará aqui. Já lançamos as caixas de carga.

Leto obedeceu e se encaminhou para a lançadeira indicada, embora desejasse ter recebido mais informações. Não sabia muito bem o que devia fazer quando chegasse ao planeta industrializado de alta tecnologia, mas supôs que o conde Vernius o receberia, ou ao menos enviaria alguém em seu lugar.

A lançadeira automática saiu do interior do Cruzeiro para a superfície de um planeta coberto de montanhas, gelo e nuvens. A lançadeira funcionava de acordo com um número limitado de instruções, e a conversa não estava incluída em seu repertório de habilidades. Leto era o único passageiro à bordo, ao que parecia era a única pessoa que viajava para IX. O planeta recebia pouquíssimos visitantes.

Enquanto olhava pela janela, Leto experimentou a horrível sensação de que algo tinha saído errado. A lançadeira Wayku se aproximava de uma elevada mesa de bosques alpinos que cresciam em vales resguardados. Não viu edifícios, nenhuma das grandes estrutura ou fábricas que tinha esperado. Não havia fumaça no ar, nem cidades, nem o menor sinal de civilização.

Aquele não podia ser o mundo industrializado de IX. Olhou em redor, tenso, preparado para defender-se. Teria sido traído? Teria sido atraído até ali para serabandonado?

A lançadeira se deteve sobre uma planície árida, semeada de rochas de granito e pequenos brotos de flores brancas.

— Deve desembarcar aqui, senhor — anunciou o robopiloto com voz sintética.

— Onde estamos? — perguntou Leto —. Meu destino é a capital de IX.

— Devem desembarcar aqui.

— Responda! — Seu pai teria utilizado uma voz ensurdecedora para impedir qualquer resposta, mesmo daquela estúpida máquina —. Isto não pode ser a capital de IX. Olhe ao redor!

— Têm dez segundos para descer da nave, senhor, ou será expulso à força. Os horários da Corporação são muito estritos. O Cruzeiro já está preparado para partir para um novo sistema.

Leto amaldiçoou a si mesmo, deu um empurrão em suas malas e saiu à superfície coberta de penhascos. Ao fim de poucos segundos, a nave branca em forma de bala se elevou e diminuiu até transformar-se em um ponto de luz alaranjada no céu, antes de desaparecer de vista por completo.

O par de malas o seguiu, e um vento limpo revolveu seu cabelo. Leto estava sozinho.

— Olá? — gritou, mas ninguém respondeu.

Estremeceu quando viu as escarpadas montanhas polvilhadas de neve e gelo glacial. Impressionavam, um planeta oceânico em sua maior parte, tinha poucas montanhas que alcançassem aquela altitude. Mas não tinha vindo para ver montanhas.

— Olá! Sou Leto Atreides, de Caladan! — gritou —. Há alguém aqui?

Um funesto presságio angustiou seu peito. Estava longe de seu lar, em um planeta desconhecido, sem meios de averiguar onde se encontrava.

IX é isto? O vento era frio e penetrante, mas na planície reinava um detestável silêncio.

Tinha passado a vida escutando o sussurro do oceano, as canções das gaivotas e o agitação dos aldeãos. Ali não via nada, nenhum comitê de boas-vindas, nem sinais de civilização. O planeta parecia virgem e vazio!

Se me abandonaram aqui, alguém poderá me encontrar?

Espessas nuvens ocultavam o céu e um sol longínquo. Estremeceu de novo e se perguntou o que fazer, para onde ir. Se queria ser duque, tinha que aprender a tomar decisões.

Começou a nevar.

O pincel da história pintou Abulurd Harkonnen da forma mais desfavorável possível. Julgado pelos patrões de seu meio-irmão mais novo, o barão Vladimir, e de seus filhos, Glossu Rabban e Feyd Rautha Rabban, Abulurd era um tipo de homem muito diferente. Entretanto, devemos analisar as freqüentes descrições de sua fraqueza, incompetência e decisões equivocadas à luz do fracasso fundamental da Casa Harkonnen.

Embora exilado em Lankiveil e despojado de todo poder real, Abulurd conseguiu uma vitória que nenhum membro de sua extensa família conseguiu igualar: aprendeu a ser feliz com sua vida.

Enciclopédia do Landsraad das Grandes Casas, edição post Jihad Embora os Harkonnen fossem formidáveis adversários no campo das manipulações, do subterfúgio e da desinformação, as Bene Gesserit eram as mestras indiscutíveis.

Na intenção de dar o próximo passo em seu ambicioso programa de reprodução, um projeto em que tinham trabalhado durante dez gerações antes da queda das máquinas pensantes, a Irmandade precisava encontrar algo que obrigasse ao barão a render-se a sua vontade.

Não demoraram muito em descobrir o ponto fraco da Casa Harkonnen.

A jovem irmã da Bene Gesserit Margot Rashino Zea se apresentou como nova criada no frio e inóspito Lankiveil, e assim se infiltrou no lar de Abulurd Harkonnen, o meio-irmão do barão. A bela Margot, selecionada em pessoa pela Mãe Kwisatz Anirul, tinha sido adestrada nas diversas formas de espiar e obter informação, de relacionar ínfimos dados desconexos para fazer uma idéia mais ampla.

Também conhecia sessenta e três formas de matar um ser humano só com os dedos. As irmãs se esforçavam por manter sua aparência de sisudas intelectuais, mas também tinham seus comandos. A irmã Margot era uma das melhores.

A casa principal de Abulurd Harkonnen se assentava sobre uma abrupta língua de terra que penetrava na água, ladeada pelo estreito fiorde de Tula. Um povoado de pescadores rodeava a mansão de pedra. As granjas se encontravam terra adentro, nos vales estreitos e rochosos, mas quase todos os mantimentos do planeta procediam do mar gélido. A economia do Lankiveil se apoiava na frutífera indústria de peles de baleia.

Abulurd vivia na base das montanhas, cujas cúpulas muita poucas vezes se viam, devido às eternas nuvens de um tom cinza aço e a névoa perpétua. A casa principal e o povoado circundante eram o mais parecido a uma capital que aquele planeta fronteiriço podia oferecer.

Como chegavam poucos forasteiros, Margot tomou precauções para evitar que reparassem nela. Era mais alta que a maioria dos nativos, corpulentos e musculosos, de modo que andava um pouco encurvada.

Tingiu de escuro o cabelo cor de mel e o usava hirsuto e desgrenhado, como muitos aldeãos. Aplicou produtos químicos em sua pele suave e pálida, até que adotou um tom mais escuro e aparentou estar curtida pela intempérie. Integrou-se ao ambiente e todo mundo a aceitou sem olhar duas vezes. Para uma mulher treinada pela Irmandade, manter o engano foi fácil.

Margot só era uma mais das numerosas espiões Gesserit enviadas às posses dos Harkonnen, e sua missão consistia em examinar toda a documentação referente a seus negócios. O barão carecia de motivos para suspeitar de uma investigação naquele momento (tivera poucos contatos com a Irmandade), mas se alguma das espiãs era descoberta, o malvado e vicioso homem não duvidaria em torturá-la até receber explicações. Por sorte, pensava Margot, qualquer Bene Gesserit bem treinada podia parar seu coração muito antes de que a dor a obrigasse a revelar segredos.

Por tradição, os Harkonnen eram propensos às manipulações e a ocultação, mas Margot sabia que encontraria a prova acusatória necessária.

Embora outras irmãs tinham proposto procurar o mais perto possível do centro de suas operações, Margot tinha chegado à conclusão que Abulurd era o objetivo

perfeito. Afinal, o meio-irmão do barão tinha dirigido as operações relacionadas com a especiaria de Arrakis durante sete anos.

Tinha que contar com alguma informação. Se escondiam algo, o barão o faria aqui, debaixo do nariz de Abulurd.

Uma vez que as Bene Gesserit descobrissem alguns erros dos Harkonnen e conseguissem provas das indiscrições econômicas do barão, disporiam da arma decisiva para chantageá-lo e levar adiante seu programa de reprodução.

Margot, vestida como qualquer aldeã com peles e lãs tingidas, deslizou no interior da rústica mansão. Era um edifício alto, construído com madeira escura. Em todas as habitações, os lares impregnavam o ar de fumaça resinosa e os globos luminosos, de um tom laranja amarelado, faziam o possível por imitar à luz do sol.

Margot limpava, tirava o pó, ajudava na cozinha... e procurava relatórios econômicos. Por dois dias seguidos, o meio-irmão do barão a saudou com um sorriso cordial. Não notou nada estranho. Era um tipo crédulo, que pelo visto não preocupava com sua segurança, e permitia que aldeãos e forasteiros entrassem nas dependências principais e quartos de convidados de sua mansão, mesmo que se acotovelassem com ele. Seu cabelo era loiro cinzento, comprido até os ombros, e um rosto corado e enrugado que sempre exibia um meio sorriso. Dizia-se que tinha sido o favorito de seu pai Dimitri, que tinha incentivado Abulurd a tornar-se responsável pelas posses dos Harkonnen... mas Abulurd tinha tomado muitas decisões erradas, apoiadas nas pessoas e não nas exigências comerciais. Isso tinha provocado sua queda.

Vestida com as grossas e andrajosas roupas de Lankiveil, Margot mantinha fixos no chão seus olhos verde-acinzentados, ocultos atrás de óculos que os faziam parecer castanhos. Poderia ter se transformado em uma beldade loira, e de fato tinha considerado a possibilidade de seduzir Abulurd e lhe soltar a língua, mas ao final tinha descartado o plano. O

homem parecia devoto de corpo e alma a sua rechonchuda esposa, Emmi Rabban, a mãe de Glossu Rabban. Apaixonou-se por ela em Lankiveil fazia muito tempo, contraído matrimônio para decepção de seu pai e viajado com ela de planeta em planeta ao longo de sua carreira caótica. Abulurd parecia insensível a toda sedução feminina que não fosse a de sua mulher, Por isso,

Margot utilizou encantos simples e uma silenciosa inocência para obter acesso a relatórios econômicos escritos, livros poeirentos e salas de inventário. Ninguém a atrapalhou.

Com o tempo, e aproveitando qualquer oportunidade, encontrou o que necessitava. Utilizou técnicas de memorização foto instantânea aprendidas em Wallach IX e examinou cristais ridulianos gravados, absorveu colunas de cifras, manifestos de carga, listas de equipes confiscadas ou postos em serviço, perdas suspeitas e danos produzidos por tormentas.

Em habitações próximas, grupos de mulheres esfolavam e estripavam pescado, trocavam ervas, cortavam raízes e frutos azedos para as perolas fumegantes de ensopado, que Abulurd e sua esposa serviam para toda a casa. Insistiam em comer o mesmo e na mesma mesa que todos os seus trabalhadores. Margot acabou suas indagações pouco antes de a chamada para comer soasse em todos os aposentos da casa...

Mais tarde, em privado, enquanto escutava a tormenta caindo no exterior, revisou os dados em sua mente e estudou os registros de produção de especiaria que Abulurd possuía de Arrakis, assim como a atual correspondência do barão com a CHOAM, além das quantidades de melange roubadas de Arrakis por várias organizações de contrabandistas.

Teria guardado os dados até que as irmãs tivessem a oportunidade de analisá-los, mas Margot queria descobrir a resposta por si só. Fingiu dormir e mergulhou no problema, até cair em profundo transe.

As cifras tinham sido manipuladas com maestria mas, depois que Margot eliminou as máscaras e telas, encontrou a resposta. Uma Bene Gesserit podia vê-la, mas duvidava que os conselheiros econômicos do imperador ou os contadores da CHOAM detectassem a fraude.

A menos que alguém lhes indicasse.

Sua descoberta sugeria que falsificavam os dados da produção de especiaria, muito abaixo da realidade, nos informes enviados ao imperador e a CHOAM. Ou os Harkonnen estavam vendendo melange de maneira ilícita (duvidoso, porque seria fácil seguir a pista), ou estavam acumulando reservas secretas.

Interessante, pensou Margot, ao mesmo tempo em que arqueava as sobrancelhas.

Abriu os olhos, aproximou-se de uma janela reforçada e olhou por volta do mar de metal líquido, as ondas selvagens apanhadas no interior dos fiordes, as lúgubres nuvens negras que pendiam sobre os bastiões acidentados de rocha. ao longe, as baleias interpretavam uma estranha e triste canção.

No dia seguinte reservou uma passagem para o próximo Cruzeiro da Corporação. Depois se livrou do disfarce e subiu para um cargueiro cheio de peles de baleia processadas. Duvidou que alguém em Lankiveil tivesse reparado em sua chegada ou partida.

Há quatro coisas que não se podem ocultar: o amor, a fumaça, uma coluna de fogo e um homem correndo através do bled.

Sabedoria Fremen

Sozinho no deserto silencioso e árido: tal como devia ser. Pardot Kynes descobriu que trabalhava melhor sem outra coisa além de seus pensamentos e muito tempo para pensar. As pessoas distraíam, e muito poucas pessoas possuíam a mesma concentração ou o mesmo estímulo.

Como planetólogo imperial em Arrakis, precisava absorver a imensa paisagem por todos os poros de sua pele. Em outro tempo tinha adotado a mentalidade necessária para sentir o pulso de um planeta. Agora, de pé em uma escarpada formação rochosa negra e vermelha que tinha se elevado da depressão que o rodeava, o homem magro e curtido pela intempérie olhou em ambas as direções. Deserto por toda parte.

O mapa em sua tela chamava a cordilheira de Borda da Montanha Oeste. Seu altímetro anunciava que os picos mais altos superavam muito a altitude de seis mil metros, mas não viu neve, geleiras, gelo, nem sinais de precipitação em parte alguma.

Até mesmo as cúpulas mais acidentadas de Salusa Secundus, que as explosões atômicas tinham arrasado, estavam cobertas de neve. Mas nesta zona o ar era tão desesperadamente seco que a água não sobrevivia em nenhuma forma.

Kynes olhou para o sul, para a parte do deserto conhecida como Planície Funerária. Sem dúvida os geógrafos poderiam encontrar abundantes diferenças para classificar a paisagem em subseções, mas poucos humanos que se aventuraram em suas vísceras tinham retornado.

Aquele era o domínio dos vermes. Na realidade, ninguém necessitava de mapas.

Kynes, pensativo, recordou antigas cartas de navegação da Velha Terra, com suas misteriosas zonas inexploradas onde se dizia: “Aqui há monstros.” Sim, pensou, enquanto recordava a caçada do incrível verme de areia que Rabban tinha executado. Aqui há monstros, de verdade.

Sobre o penhasco denteado da Borda da Muralha, tirou os filtros das fossas nasais do traje destilador e esfregou um ponto dolorido do nariz, onde o filtro roçava de maneira constante. Depois afastou a proteção da boca para respirar o tênue ar abrasador. Segundo suas instruções para andar pelo deserto, sabia que não devia expor-se de maneira desnecessária à perda de água, mas Kynes precisava aspirar os aromas e vibrações de Arrakis, tomar o pulso do planeta.

Percebeu o aroma do pó reaquecido, do sal dos minerais, os diversos sabores de areia, lava e basalto. Era um planeta desprovido dos aromas úmidos da vegetação em crescimento ou podre, dos aromas que traíam os ciclos da vida e da morte. Só areia e rocha e mais areia.

Depois de uma inspeção minuciosa, porém, até o deserto mais cruel revelava o bulir da vida, com cantos exóticos e animais e insetos adaptados a habitats hostis. ajoelhou-se para examinar bolsas ocultas nas rochas, diminutos ocos onde se refugiasse a mais ínfima umidade da manhã.

Descobriu líquens agarrados à dura superfície de pedra.

Umas poucas bolotas duras indicavam os dejetos de um pequeno roedor, talvez um rato canguru. Os insetos podiam construir seus lares em altitudes elevadas, junto com um pouco de erva batida pelo vento ou ervas solitárias. Nos paredões verticais se refugiavam os morcegos, e só saíam ao ocaso para caçar traças e mosquitos. De vez em quando divisava no céu azul um ponto escuro, que devia ser um falcão ou um ave carniceira.

Sobreviver parecia muito difícil para animais tão grandes.

Mas então, como os Fremen sobrevivem?

Tinha visto suas formas poeirentas nas ruas das aldeias, mas a gente do deserto era reservada, dedicava-se a seus assuntos e desaparecia Em seguida. Kynes tinha observado que os aldeãos “civilizados” os tratavam de uma forma

diferente, mas não estava claro se isso se devia à admiração ou ao desprezo. “A cultura provém das cidades; a sabedoria, do deserto”, dizia uma antiga máxima Fremen.

Segundo algumas nota antropológicas que tinha encontrado, os Fremen constituíam os restos de um antigo povo nômade, os Zensunni, que tinham sido escravos arrastados de planeta em planeta. depois de terem sido liberados, ou possivelmente de terem escapado de seu cativeiro, tinham tentado durante séculos encontrar um lar, mas foram perseguidos por onde iam. Por fim, instalaram-se em Arrakis.

Kynes tinha ouvido rumores de que povoados Fremen inteiros estavam ocultos nas depressões e contrafortes rochosos da Muralha Escudo. Viviam de uma terra que não proporcionava quase nada... Como conseguiam?

Kynes ainda tinha muito que aprender de Arrakis, e certamente os Fremen poderiam lhe ensinar muitas coisas. Se conseguisse encontrá-los.

Na poeirenta Carthag, os Harkonnen se mostraram reticentes a proporcionar uma equipe ao indesejável planetólogo. O responsável por fornecimentos tinha examinado com o cenho franzido o selo do imperador Padishah que garantia apoio à Kynes, e o autorizara a levar roupa, uma tenda destiladora, um equipamento de sobrevivência, quatro *litrojons* de água, algumas rações de conservas e um velho ornitóptero individual com abundante fornecimento de combustível. Eram artigos suficientes para uma pessoa como Kynes, que desconhecia os luxos. Não se interessava pelos atavios oficiais nem as comodidades inúteis. Estava muito mais interessado no problema de compreender Arrakis.

Depois de estudar os mapas das tormentas previstas e os ventos reinantes, Kynes se afastou no ornitóptero para nordeste, em direção ao coração do terreno montanhoso rodeado de regiões polares. Como as latitudes equatoriais eram ermos calcinados pelo sol, a maioria dos centros de população se agrupavam ao redor das terras altas.

Enquanto pilotava o sobrecarregado ornitóptero, prestava atenção ao potente zumbido de seus motores e à vibração das asas móveis. No ar e sozinho: essa era a melhor maneira de tomar nota das vistas, de conseguir uma ampla perspectiva das imperfeições e mapas biológicos, as cores da rocha, os *canyons*.

Através das janelas dianteiras, arranhadas pela areia, viu riachos e gargantas secos, ramais divergentes de leques aluviais de antigos rios.

Parecia que a abrasão produzida pela água tinha esculpido as paredes dos *canyons*, como um fio de linho *shiga* que tivesse serrado os estratos. Em certa ocasião acreditou ver uma praia incrustada de sal que talvez tinha sido um fundo seco de mar. Entretanto, quando voou para lá não conseguiu encontrá-la.

Kynes ficou convencido de que aquele planeta tivera água em outro tempo. Muita. Qualquer planetólogo perceberia. Mas onde ela tinha ido parar?

A quantidade de gelo retido nas calotas polares era insignificante.

Mercadores de água o recolhiam e transportavam até as cidades, onde a vendia por preços exorbitantes. As calotas não possuíam gelo suficiente para justificar oceanos desaparecidos ou rios secos. A água desapareceu, tinha sido levada do planeta... ou estava escondida?

Kynes continuou voando, com os olhos bem abertos. Tomava nota de todos os detalhes interessantes que via. necessitaria de anos para reunir informação suficiente para escrever um tratado bem documentado, mas durante o mês passado ali tinha irradiado dois relatórios sobre seus progressos ao imperador, com o fim de demonstrar que estava cumprindo sua missão. Havia entregue os relatórios a um Correio imperial e a um representante da Corporação, um em Arraken, o outro em Carthag. Mas ignorava se Elrood ou seus conselheiros os tinham lido.

Kynes se perdia quase todo o tempo. Seus mapas eram de uma inexatidão deplorável ou de uma falsidade absoluta, o que o desconcertava.

Se Arrakis era a única fonte de melange, o que transformava esse planeta em um dos mais importantes do Império, por que se tinha cartografado tão mau o terreno? Se a Corporação Espacial tivesse instalado alguns satélites de alta resolução, quase todos os problemas se teriam solucionado.

Ninguém parecia saber a resposta.

De qualquer forma, perder-se não causava grandes preocupações a um planetólogo. Afinal, era um explorador, o que exigia que vagasse quase sem rumo. Mesmo quando seu ornitóptero começou a vibrar, continuou em frente. O

motor de propulsão iônica era forte, e o aparelho funcionava bastante bem, inclusive em buracos e rajadas de ar quente. Contava com combustível suficiente para várias semanas.

Kynes recordava muito bem os anos passados no duro Salusa, tentando compreender a catástrofe que o tinha assolado séculos antes.

Tinha visto fotos antigas, soube a beleza que tinha sido sua capital. Mas em seu coração, sempre seria o lugar infernal que era agora.

Algo terrível tinha ocorrido em Arrakis, mas não tinham sobrevivido testemunhas ou gravações do antigo desastre. Não acreditava que tivesse sido uma guerra atômica, embora seria fácil defender essa teoria. As guerras desatadas antes e durante a Jihad Butleriana tinham sido devastadoras, tinham transformado sistemas solares inteiros em escória e pó.

Mas aqui tinha acontecido algo diferente.

Mais dias, mais vagabundagens.

Em uma cordilheira silenciosa e erma situada na metade do planeta, Kynes subiu à cúpula de outro pico rochoso. Tinha pousado seu ornitóptero sobre uma depressão semeada de calhaus, e depois tinha subido o penhasco, carregado com parte do equipamento.

Ao estilo carente de imaginação dos primeiros cartógrafos, aquele curvo braço de rocha que formava uma barreira entre o Erg de Habanya (ao este) e a grande depressão do Ciélago (ao oeste) tinha sido batizado para sempre como Falsa Muralha Oriental. Decidiu que seria um bom lugar para estabelecer um posto de coleta de dados.

Kynes, que sentia o esgotamento nas coxas e ouvia o tinido de seu traje destilador, estava consciente de que suava muito. Mesmo assim, seu traje absorvia e reciclava toda sua umidade corporal, e além disso estava em boa forma. Quando não pôde mais suportar, tomou um gole morno pelo tubo próximo a sua garganta, e depois continuou subindo pela superfície acidentada. “O melhor lugar para conservar água é seu próprio corpo, dizia a sabedoria popular Fremen, segundo o comerciante que lhe tinha vendido o equipamento. Já tinha se acostumado ao traje destilador, uma espécie de segunda pele.

Ao chegar à topo acidentado (1.200 metros de altitude, segundo seu altímetro), deteve-se em frente a um refúgio natural formado por um saliente rochoso. Ali montou sua estação meteorológica portátil. Seus aparelhos analíticos registrariam as velocidades e direções dos ventos, as temperaturas, as pressões barométricas e as flutuações da umidade relativa.

Ao redor do globo, instalaram-se estações de análise muito antes que descobrissem as propriedades da melange. Naquela época Arrakis não era mais que um planeta árido, com poucos recursos e carente de interesse, atraindo apenas colonizadores desesperados. Muitas daquelas estações foram avariadas, abandonadas e mesmo esquecidas.

Kynes duvidava que a informação procedente dessas estações fosse fidedigna. No momento só confiava nos dados que seus instrumentos forneciam. Com a ajuda de um pequeno ventilador, um analisador de ar engoliu uma amostra da atmosfera e deu as leituras de sua composição: 23% de oxigênio, 75,4% de nitrogênio, 0,023% de dióxido de carbono, junto com outros gases em proporção ínfima.

As cifras eram muito peculiares. podia-se respirar sem problemas, é óbvio, e era o que se esperava de um planeta normal com um ecossistema florescente. Entretanto, nesse reino abrasador aquelas pressões parciais suscitavam grandes interrogações. Sem mares, sem tormentas de água, sem massas de plâncton, sem envoltório vegetal, de onde saía o oxigênio? Era absurdo.

As únicas formas grandes de vida nativa que conhecia eram os vermes de areia. Haveria tantos que seu metabolismo influíra de maneira quantificável na composição da atmosfera? Cresciam algumas formas estranhas de plâncton dentro da areia? Sabia-se que os depósitos de melange possuíam um componente orgânico, mas Kynes não tinha nem idéia sobre a origem. Existe alguma relação entre os vorazes vermes e a especiaria?

Arrakis era um mostruário de mistérios ecológicos.

Uma vez terminados seus preparativos, deu meia volta. Então, percebeu com estupor que algumas partes daquele nicho tão pouco natural, situado sobre a cúpula de um pico isolado, tinham sido modeladas.

Agachou-se, assombrado, e percorreu com os dedos entalhes ásperos.

Degraus esculpidos na rocha! Mãos humanas os tinham feito pouco tempo antes, para facilitar o acesso a esse lugar. Um posto avançado? Um mirante? Um posto de observação Fremen?

Um calafrio o percorreu, e o traje destilador absorveu com avidez um fio de suor. Ao mesmo tempo sentiu uma onda de emoção, porque os Fremen podiam transformarem-se em aliados, um povo endurecido que compartilhasse suas intenções, a necessidade de compreender e melhorar...

Quando Kynes se voltou, sentiu-se desprotegido.

— Olá! — gritou, mas só o silêncio do deserto respondeu.

Como tudo isto se relaciona?, perguntou-se. E que sabem os Fremen disso?

Quem pode saber se IX foi muito longe. Ocultam suas instalações, mantêm na escravidão seus operários e afirmam seu direito ao segredo.

Ante tais circunstâncias, como não vão se sentir tentados a violar as restrições da Jihad Butleriana?

Conde ILBAN RICHESE

Terceira apelação ao Landsraad

Utilize seus recursos e seu engenho, costumava dizer o velho duque.

Agora, só e tremuli, Leto analisou a situação.

Contemplou sua sombria e inesperada solidão sobre a superfície erma de IX, ou de onde foase que estava. Tinha sido abandonado por acidente ou por traição? Qual era a pior possibilidade? A Corporação teria os dados sobre o planeta em que o tinham desembarcado sem contemplações. Seu pai e as tropas da Casa Atreides mandariam uma expedição para encontrá-li quando não aparecesse em seu lugar do destino, mas quanto demorariam? Quanto tempo poderia sobreviver aqui? Se Vernius era o responsável pela traição, informaria ao conde de seu desaparecimento?

Tentou ser otimista, mas sabia que passaria muito tempo antes que a ajuda chegasse. Leto não tinha comida nem roupas quentes, nem sequer um refúgio

portátil, teria que solucionar o problema por si só.

— Olá! — gritou de novo. A imensa extensão deserta engoliu suas palavras sem se preocupar em lhe devolver algum eco. Considerou a possibilidade de explorar as cercanias em busca de algum ponto característico da paisagem ou uma aldeia, mas decidiu ficar onde estava. A seguir passou em revista mentalmente às posses que levava na bagagem, e tentou pensar em algo que servisse para enviar uma mensagem.

De repente, ouviu um rangido a um lado, entre um arbusto verde azulado de plantas espinhosas que se esforçavam por sobreviver na tundra.

Sobressaltado, deu um salto para trás e depois examinou o arbusto.

Assassinos? Um bando que pretendia capturá-lo? O resgate por um herdeiro ducal poderia reportar uma montanha de *Solaris*, além da ira de Paulus Atreides.

Puxou a faca curva da capa que levava às costas e se preparou para defender-se. Seu coração palpitava enquanto tentava preparar-se para o que fosse. Um Atreides não tinha escrúpulos na hora de derramar sangue necessário.

Os ramos e folhas se abriram para revelar uma plataforma de plaz redonda sobre a terra. Com um zumbido de maquinaria, um tubo elevador transparente emergiu do subsolo, incongruente por completo naquela paisagem acidentada.

Dentro do tubo transparente havia um jovem corpulento, com um sorriso de boas-vindas no rosto. Seu cabelo era loiro e rebelde, e parecia desgrenhado apesar de estar penteado com supremo cuidado. Usava largas calças de estilo militar e uma camisa de camuflagem que mudava de cor segundo o ambiente. Seu rosto, pálido e franco, parecia cheio devido à gordura infantil que já deveria ter desaparecido. Uma pequena bolsa pendurava de seu ombro esquerdo, similar a que tinha na mão. Aparentava a idade de Leto.

O elevador transparente parou e uma porta curva se abriu. Um jorro de ar quente acariciou o rosto e as mãos de Leto. Agachou-se, preparado para atacar com sua faca, embora fosse difícil que aquele jovem de aspecto inócuo fosse um assassino.

— Leto Atreides, não é? — perguntou o desconhecido. Falava em *galach*, o idioma comum do Império —. Que tal começamos com uma excursão?

Os olhos cinzentos de Leto se entreabriram e cravaram na hélice ixiana púrpura e cobre que adornava o pescoço da camisa do moço. Leto tentou dissimular seu alívio e procurou conservar uma aparência compatível com sua condição. Assentiu e baixou a faca, que o desconhecido tinha fingido não reparar.

— Sou Rhombur Vernius. pensei que você gostaria de esticar um pouco as pernas antes de descer. Sei que está acostumado com a natureza, embora eu prefira o subsolo. Possivelmente depois de passar um tempo conosco se sentirá em casa em nossas cidades subterrâneas. IX é muito bonito.

Ergueu a vista para as nuvens e o temporal de neve e chuva.

— Droga, por que está chovendo? Infernos carmesins, odeio os climas imprevisíveis! — Rhombur meneou a cabeça —. Disse ao controle de tempo que preparasse um dia quente e ensolarado. Peço-lhe desculpas, príncipe Leto, mas isto é muito triste para mim. O que acha de descermos ao *Grand Palais*?

Rhombur deixou cair as duas bolsas no elevador e deu um empurrão nas malas de Leto.

— Me alegro em conhecê-lo finalmente. Meu pai sempre fala dos Atreides. Estudaremos juntos durante um tempo, certamente árvores genealógicas e política do Landsraad. Sou o octogésimo sétimo na linha sucessória ao Trono do Leão Dourado, mas acredito que sua posição é ainda superior a minha.

O Trono do Leão Dourado. A linha de sucessão das Casas se elaborou segundo um complicado sistema combinado entre a CHOAM e o Landsraad. A posicção de Leto era bastante mais elevada que a do príncipe ixiano. Por parte de mãe, era o bisneto do Elrood IX, descendente de uma das três filhas que tivera com sua segunda esposa, Yvette, mas a diferença era insignificante. O imperador tinha muitos bisnetos. Nenhum deles chegaria a ser imperador. Ser um duque da Casa Atreides já era honra suficiente, pensava Leto.

Os dois jovens trocaram o semi-aperto de mãos do Império, e entrelaçaram os dedos. O príncipe ixiano usava um anel de jóias resplandecentes como o fogo na mão direita, e Leto não sentiu calos em sua palma.

— Pensei que estava em lugar errado — disse Leto, e permitiu que sua inquietação e confusão transparecessem por fim —. Pensei que tinha sido abandonado em uma rocha desabitada. IX é isto realmente? O planeta máquina?

Apontou para os espetaculares picos, a neve e as rochas, os bosques sombrios.

Leto observou a hesitação de Rhombur, e recordou os comentários de seu pai a respeito da obsessão ixiana pela segurança.

— Oh, *er*, você já verá. Procuramos ser discretos. O príncipe indicou que entrasse no tubo, e a porta de plaz se fechou. Desceram a uma velocidade alarmante pelo que parecia um quilômetro de rocha, mas Rhombur continuou falando como se isso fosse coisa normal.

— Devido a natureza de nossas operações técnicas, lx possui incontáveis segredos, e muitos inimigos gostariam de nos destruir.

Tentamos manter ocultos de olhos curiosos nossas atividades e recursos. Os dois jovens atravessaram um favo luminoso de material artificial e entraram em uma imensa extensão de ar que revelou um enorme mundo subterrâneo, um país de conto de fadas escavado na casca planetária.

A sua frente surgiram gigantescas coroas de graciosas vigas mestras, conectadas com colunas tão altas que não se divisava a base. A cápsula de paredes de plaz continuou descendo, flutuando sobre um mecanismo antigravitacional ixiano. O chão transparente da cápsula provocava em Leto a inquietante sensação de cair pelo ar. Aferrou-se ao corrimão lateral, enquanto suas malas flutuantes evoluíam a seu redor.

Olhou para cima e viu o que parecia o ciclo nublado ixiano e o sol branco-azulado que se filtrava através das paredes. Projetores ocultos na superfície do planeta transmitiam imagens reais a telas de alta resolução que cobriam o teto de rocha.

Em comparação com o enorme mundo subterrâneo, até o interior de um Cruzeiro da Corporação parecia minúsculo. Leto viu edifícios geométricos que pendiam do teto da abóbada de pedra, como estalactites de cristal habitadas, conectadas entre si por passarelas e tubos. Veículos aéreos em forma de lágrima sulcavam silenciosamente aquele reino subterrâneo. Planadores ocupados por passageiros passavam a grande velocidade, como manchas de cores brilhantes. No chão da caverna avistou um lago e rios, protegidos dos olhos do exterior.

— *Vernii* — disse Rhombur —. Nossa capital.

Enquanto a cápsula deslizava entre os edifícios suspensos, Leto viu veículos terrestres, ônibus e um sistema de metro aéreo. Teve a sensação de achar-se no interior de um floco de neve mágico.

— Seus edifícios são de uma beleza incrível — disse enquanto absorvia todos os detalhes —. Sempre tinha imaginado IX como um ruidoso mundo industrial.

— Nós, *er*, fomentamos essa impressão aos forasteiros. Temos descoberto materiais estruturais que não só são agradáveis de um ponto de vista estético, mas também muito leves e fortes. Ao viver no subsolo, estamos protegidos e ocultos.

— O que permite conservar a superfície do planeta em condições impecáveis — disse Leto. A expressão do príncipe de IX deu a entender que nunca tinha pensado nisso.

— Os nobres e os administradores vivem nos edifícios superiores —

continuou Rhombur —. Operários, capatazes e as equipes de subóides vivem abaixo, em seus bairros. Todo mundo trabalha ombro a ombro pela prosperidade de IX.

— Há mais níveis abaixo desta cidade? Há gente que vive a maior profundidade?

— Bem, na realidade não se trata de gente. São subóides — reforçou Rhombur com um gesto desdenhoso —. Nós os criamos para realizarem trabalhos penosos sem se queixar. Um grande triunfo da engenharia genética. Não sei o que faríamos sem eles.

Seu compartimento flutuante se desviou de uma linha de metro aéreo e continuou sua descida. Quando se aproximaram do palácio mais espetacular, Leto disse:

— Suponho que seus investigadores me aguardam. — Ergueu o queixo e se preparou para a prova —. Nunca fui submetido a um escaneamento mental.

Rhombur riu.

— Posso conseguir que o submetam a um sondagem mental, se deseja

experimentar... — O príncipe ixiano o estudou com atenção —.

Leto, Leto, se não confiássemos em você nunca teria obtive permissão para vir a IX. A segurança, *er*, mudou muito desde os tempos de seu pai. Não acredite nessas sinistras histórias que nós mesmos difundimos. Servem para assustar os curiosos.

A cápsula pousou por fim sobre uma ampla galeria construída na base de telhas entrelaçadas, e Leto notou que um aparelho de sujeição surgia por baixo. A câmara começou a mover-se lateralmente em direção a um edifício de plaz blindado.

Leto procurou dissimular seu alívio.

— De acordo. Me submeterei a seu julgamento.

— E eu farei o mesmo quando for a seu planeta. Água, peixes e céus imensos. Caladan parece... *er*, maravilhoso. — Seu tom insinuava justamente o contrário.

O pessoal da casa vestido com *librés* negras e brancas surgiu do edifício de plaz blindado. Os homens e mulheres uniformizados formaram uma fila de cada lado do caminho do tubo e ficaram firmes.

— Este é o *Grand Palais* — explicou Rhombur —, onde nosso pessoal atenderá todos os seus desejos. Como é nosso único visitante neste momento, eles vão mimá-lo como nunca.

— Toda esta gente só para servir a mim?

Leto recordou os tempos em que tivera que descamar e fatiar os peixes que pegava, se quisesse comer.

— Você é um dignitário importante, Leto. O filho de um duque, amigo de nossa família, um aliado no Landsraad. Esperava menos?

— Na verdade, sou de uma Casa que não possui grandes riquezas, de um planeta cujo único encanto vem dos pescadores, os fazendeiros que cultivam os melões paradan flutuantes e os cultivadores de arroz pundi.

Rhombur riu.

— Você é muito modesto!

Os jovens, seguidos das malas flutuantes, subiram três amplos e elegantes degraus e entraram no *Grand Palais*.

Leto passeou a vista pelo vestíbulo principal e contemplou as aranhas de cristal ixiano, o mais formoso de todo o Império. Taças e vasos de cristal adornavam mesas de *marmolplaz*, e a cada lado de uma mesa de recepção de *blaquita* havia estátuas de *lapisjade* em tamanho natural do conde Dominic Vernius e sua esposa, *lady* Shando Vernius. Leto reconheceu o casal real pelas trifotos que tinha visto.

O pessoal uniformizado entrou no edifício e se colocou à espera de receber instruções. Ao fundo do vestíbulo se abriram portas duplas e Dominic Vernius, calvo e de costas largas, aproximou-se com o aspecto de um *djinn* saído de uma garrafa. Usava um manto sem mangas prateado e dourado, com uma borda branca no pescoço. Uma hélice ixiana púrpura e cobre adornava seu peitilho.

— Ah, então este é nosso jovem visitante! — trovejou Dominic de bom humor.

Rugas se desenharam ao redor de seus olhos castanhos. Suas feições eram muito parecidas com as de seu filho, mas em seu caso a gordura tinha formado dobras e rugas coradas, e seu bigode, escuro e cheio, emoldurava seus dentes. O conde Dominic era vários centímetros mais alto que seu filho. As feições do conde não eram estreitas e pronunciadas como as das linhagens Atreides e Corrino, pois procedia de uma linhagem já antiga nos tempos da Batalha de Corrin.

Shando, ex-concubina do imperador e agora esposa de Dominic, caminhava a seu lado, vestida com um traje de aspecto oficial. Suas feições belamente cinzeladas, seu nariz fino mas delicado e sua pele lhe concediam uma beleza majestosa, que se teria revelado até vestida com trapos. Parecia frágil e delicada a primeira vista, mas seu porte denotava a energia de seu caráter.

Ao seu lado, sua filha Kailea parecia querer superar sua mãe, com um vestido lavanda de brocado que ressaltava seu cabelo acobreado escuro.

Kailea parecia mais jovem que Leto, mas caminhava com graça e concentração estudadas, como se temesse perder o papel de um momento para outro. Tinha sobrancelhas finas e arqueadas, assombrosos olhos cor de esmeralda e uma boca generosa e felina, sobre um queixo estreito. Kailea executou uma reverência

perfeita e extravagante com um leve sorriso.

Leto respondeu a cada apresentação, procurando não olhar para a filha de Vernius. Repetiu os gestos que sua mãe lhe tinha inculcado, abriu uma mala e extraiu uma caixa incrustada de jóias, um dos tesouros da família Atreides. Sustentou-o ante si, erguido em toda sua estatura.

— Para o senhor, lorde Vernius. Contém objetos únicos de nosso planeta. Também trago um presente para *lady* Vernius.

— Excelente, excelente! — Como se o cerimonial o impacientasse, Dominic aceitou o presente e indicou a um criado que o recolhesse —.

Desfrutarei do seu conteúdo esta noite, quando houver mais tempo. —

esfregou as mãos. Aparentava que se sentiria melhor em uma ferraria ou em um campo de batalha que em um luxuoso palácio —. fez boa viagem, Leto?

— Sem incidentes, senhor.

— Ah, alegra-me sabê-lo.

Dominic riu.

Leto sorriu, inseguro de como causar boa impressão. Pigarreou.

— Sim, senhor, mas pensei que tinham me abandonado quando a Corporação me deixou em seu planeta e só vi uma extensão erma.

— Ah! Pedi a seu pai que não lhe contasse sobre nossa pequena brincadeira. Fiz o mesmo com ele quando nos visitou pela primeira vez.

Ele acreditou estar sozinho e perdido. — Dominic transbordava de afabilidade —. Parece bastante descansado, jovenzinho. Na sua idade, o *lag* espacial não afeta muito. Quando saiu de Caladan, faz dois dias? É

assombrosa a rapidez com que os Cruzeiros percorrem enormes distancia.

Incrível. Estamos melhorando seu desenho para que cada nave possa transportar mas carga útil. — Sua voz ressonante conseguia que os lucros parecessem mais

grandiosos —. Nosso segundo modelo será terminado na última hora de hoje, outro triunfo para nós. Vamos lhe mostrar todas as modificações que fizemos, para que façam parte de sua aprendizagem.

Leto sorriu, mas já sentia a cabeça a ponto de explodir. Ignorava quanta informação mais poderia assimilar. Quando o ano terminasse, seria uma pessoa totalmente diferente.

Há armas que não podem ser sustentadas nas mãos.

Só podem ser empunhadas na mente.

Doutrina Bene Gesserit

A lançadeira das Bene Gesserit desceu pelo lado escuro de Giedi Prime e aterrissou no espaçoporto bem guardado de *Harko City*, pouco antes de meia-noite, hora local.

O barão, preocupado com o que as malditas bruxas queriam dele, agora que tinha retornado do poço infernal que era Arrakis, saiu para um balcão elevado da fortaleza Harkonnen para ver as luzes da nave que chegava.

Ao redor, as torres monolíticas de plaz negro e aço projetavam luzes frias para a escuridão manchada de fumaça. Ruas e passarelas estavam cobertas por toldos e cercas providas de filtros para proteger os pedestres dos refugos industriais e a chuva ácida. Com um pouco mais de imaginação e atenção aos detalhes durante sua construção, *Harko City* poderia ter sido impressionante. Em vez disso, parecia velha e esgotada.

— Tenho os dados para você, meu barão — disse uma penetrante voz nasal atrás dele, tão próxima como um assassino.

O barão, virou-se, sobressaltado, ao tempo em que flexionava seus braços musculosos. A forma magra de seu *Mentat* pessoal, Piter De Vries, erguia-se na porta do balcão.

— Nunca volte a fazer isto, Piter. Você desliza como um verme. —

A comparação trouxe para sua mente a expedição de caça pelo deserto de seu sobrinho Rabban, assim como seus nefastos resultados —. Os Harkonnen matam

vermes, já sabe.

— Ouvi dizer — replicou De Vries —. Mas às vezes mover-se em sigilo é o melhor método de obter informação.

Um sorriso irônico se desenhou em seus lábios, manchados de vermelho devido ao suco de safo que os Mentat bebiam para aumentar suas capacidades. O barão, sempre em busca de prazeres físicos e armado da curiosidade suficiente, tinha provado o safo, mas o considerou uma substância vil e amarga.

— É uma reverenda mãe e seu séquito — disse De Vries, ao mesmo tempo em que apontava para as luzes da lançadeira —. Quinze irmãs e seus acompanhantes, junto com quatro guardas homens. Não detectamos armas.

De Vries tinha sido treinado como Mentat pelos Bene Tleilax, feiticeiros genéticos que produziam alguns dos melhores computadores humanos do Império. Mas o barão não queria uma simples máquina de processamento de dados com cérebro humano. Queria um ser humano calculador e inteligente, alguém que não só compreendesse e computasse as conseqüências dos planos dos Harkonnen, mas também utilizasse sua imaginação corrupta para ajudar o barão a obter seus propósitos. Piter De Vries era uma criação especial, um dos infames *Mentats* pervertidos dos Tleilaxu.

— Mas o que querem? — murmurou o barão, enquanto contemplava a lançadeira, que acabava de aterrissar —. Essas bruxas parecem muito confiantes, vindo aqui. — Seus soldados uniformizados de azul irromperam como uma manada de lobos antes que as passageiras saíssem da nave —.

Poderíamos as desintegrá-las em um instante com nossas defesas mais elementares.

— As Bene Gesserit não precisam de armas, meu senhor barão.

Alguns dizem que elas mesmas são uma arma. — De Vries levantou um dedo magro —. Nunca é prudente provocar a ira da Irmandade.

— Já sei, idiota! Bem, como se chama essa reverenda mãe e o que quer?

— Gaius Helen Mohiam. Quanto a seus desejos... a Irmandade se negou a revelar.

— Malditas sejam e seus segredos — grunhiu o barão. Avançou a grandes pernadas para o corredor para ir ao encontro da lançadeira.

Piter De Vries sorriu enquanto o seguia.

— Quando uma Bene Gesserit fala, costuma empregar adivinhações e insinuações, mas suas palavras também contêm muita verdade. É preciso desentranhá-la.

O barão respondeu com outro grunhido e continuou andando. Piter o seguiu.

Enquanto caminhava, o Mentat repassou seus conhecimentos sobre as bruxas de hábito negro. As Bene Gesserit se dedicavam a numerosos projetos de reprodução, como se cultivassem humanidade para seus propósitos desconhecidos. Também possuíam um dos maiores banco de dados de informação do Império, e utilizavam suas bibliotecas para estudar os movimentos dos povos, assim como os efeitos das ações de uma pessoa na política interplanetária.

Como Mentat, De Vries adoraria ter acesso àquele armazém de conhecimentos. Com tal tesouro de dados poderia realizar cálculos e projeções essenciais, talvez projeções suficientes para acabar com a Irmandade.

Mas as Bene Gesserit não permitiam o acesso a estranhos, nem sequer ao imperador. Portanto, um Mentat não tinha muito em que apoiar-se para efetuar seus cálculos. De Vries só podia tentar adivinhar as intenções das bruxas recém chegadas.

As Bene Gesserit se dedicavam a manipular em segredo políticas e sociedades, para que pouca gente pudesse rastrear as áreas exatas de influência. Entretanto, a reverenda mãe Gaius Helen Mohiam sabia planejar e executar uma entrada espetacular. Com o hábito negro batendo como asas, flanqueada por dois guardas masculinos de imaculadamente uniformizados, e seguida por seu acompanhante, entrou na sala de recepções da fortaleza Harkonnen.

O barão, sentado em frente a um reluzente escritório de plaz negro, esperava para recebê-la, acompanhado de seu Mentat pervertido, que se erguia a um lado com alguns guardas pessoais escolhidos para a ocasião.

Afim de exibir seu desprezo e falta de interesse pelas visitantes, o barão usava

um manto informal e desalinhado. Não tinha preparado uma recepção para elas, nem cerimônia alguma.

Muito bem, pensou Mohiam, talvez seja melhor que transformemos este encontro em um assunto privado.

Identificou-se com voz sonora e firme e avançou um passo para ele, deixando seu séquito para trás. Tinha um rosto comum que denotava mais energia que delicadeza. Nem feia nem atraente. De perfil, seu nariz parecia muito grande, embora de frente não se notava.

— Barão Vladimir Harkonnen, minha Irmandade tem assuntos a tratar com o senhor.

— Não me interessa falar de nenhum assunto com bruxas —

replicou o barão, e apoiou seu queixo sobre os dedos. Seus olhos negros como aranhas examinaram o séquito e se detiveram especialmente no aspecto físico dos guardas. Os dedos da sua outra mão se agitavam nervosos sobre sua coxa.

— Mesmo assim, o senhor ouvirá o que tenho a dizer. — A voz da mulher era de ferro.

Ao ver que o barão se enfurecia, Piter De Vries se adiantou.

— Devo recordar-lhe, reverenda mãe, onde estão? Ninguém as convidou a vir aqui.

— E talvez eu deveria recordar-lhes — replicou a mulher ao Mentat

— que somos capazes de efetuar detalhadas análises de todas as atividades relacionadas com a produção de especiaria em Arrakis... O equipamento usado, a mão de obra empregada, todo isso comparado com a produção de especiaria informada a CHOAM e calculada com nossas projeções precisas. Qualquer anomalia deveria ser muito... reveladora. — Arqueou as sobrancelhas —. Já fizemos um estudo preliminar apoiado em informes de primeira mão de nossas... — sorriu — fontes.

— Quer dizer espiões — atravessou o barão, indignado.

A mulher percebeu que ele se arrependia de suas palavras tão logo acabou de pronunciá-las porque confirmavam sua culpa.

O barão se levantou, flexionou seus braços musculosos, mas antes que pudesse replicar às insinuações de Mohiam, De Vries interveio.

— Talvez seja melhor que a reverenda mãe e o barão se reunissem a sós. Não há necessidade de transformar uma simples conversa em um espetáculo... e em algo suscetível de ser documentado.

— Estou de acordo — se apressou a aceitar Mohiam, enquanto dedicava ao Mentat pervertido um olhar de aprovação —. Nos retiramos para seus aposentos, barão?

O barão fez uma careta com seus lábios grossos.

— Por que deveria levar uma Bene Gesserit para meus aposentos privados?

— Porque não têm alternativa — replicou ela em voz baixa e inflexível.

O barão se assustou com tamanha audácia, mas depois lançou uma gargalhada estentórea.

— Por que não? Não há nada menos ostentoso que isso.

De Vries os observava com os olhos entreabertos. Estava reconsiderando sua sugestão, repassando dados e calculando probabilidades. A bruxa tinha aceito a idéia com excessiva rapidez. Queria estar a sós com o barão. Por que? Por que devia fazê-lo em privado?

— Permita eu que os acompanhe, meu barão — disse De Vries, e se encaminhou para a porta que os conduziria por corredores e tubos elevadores até a suíte privada do barão.

— Trata-se de um assunto entre o barão e eu — disse Mohiam.

O Harkonnen se agitou.

— Não dê ordens a minha gente, bruxa — disse com ar ameaçador.

— Quais são suas instruções, então? — perguntou a mulher com insolência.

Um momento de hesitação.

— Concedo-lhe uma audiência privada.

Mohiam inclinou apenas a cabeça, e depois olhou para seus acompanhantes e guardas. De Vries captou um veloz movimento de seus dedos, uma espécie de sinal.

A mulher cravou seus olhos de ave nos do Mentat, e De Vries ficou imóvel quando falou.

— Há uma coisa que pode fazer, Mentat. Pode ser tão amável e procurar que meus acompanhantes sejam bem tratados e alimentados, porque não temos tempo para ninharias. Temos que retornar quanto antes a Wallach IX.

— Faça-o — ordenou Harkonnen.

Com um olhar de despedida a De Vries, como se fosse o serviçal mais baixo do Império, a mulher seguiu o barão para fora do salão...

Quando entrou em seus aposentos, o barão se alegrou ao ver que tinha deixado sua roupa suja espalhada. Alguns móveis estavam fora de seu lugar, algumas manchas vermelhas na parede não tinham sido esfregadas com suficiente entusiasmo. Queria sublinhar que a bruxa não merecia um tratamento educado, nenhuma recepção cortês.

Cruzou os braços, ergueu os ombros e seu queixo.

— Muito bem, reverenda mãe, me diga o que deseja. Não tenho tempo para mais jogos de palavras.

Mohiam se permitiu um leve sorriso.

— Jogos de palavras? — Sabia que a Casa Harkonnen conhecia os matizes da política; talvez não o bondoso Abulurd, mas sim o barão e seus conselheiros —. Muito bem, barão. A Irmandade descobriu um uso para sua linha genética.

Fez uma pausa, e desfrutou da expressão assombrada que apareceu no rosto do

barão. Antes que ele pudesse balbuciar uma resposta, Mohiam explicou fragmentos cuidadosamente selecionados do guia. Mohiam ignorava os detalhes e os motivos. Só sabia obedecer.

— Sem dúvida sabe que durante muitos anos nossa Irmandade incorporou linhagens importantes. Nossas irmãs representam todo o espectro da humanidade nobre, albergamos os traços desejáveis de quase todas as Grandes e Menores Casa do Landsraad. Contamos até com algumas representantes, erradicadas há muitas gerações, da Casa Harkonnen.

— Querem reforçar sua parte Harkonnen? — perguntou o barão com cautela —. É isso?

— O senhor compreendeu bem. Temos que conceber um filho seu, Vladimir Harkonnen. Melhor dizendo, uma filha.

O barão retrocedeu alguns passos, estupefato, e depois soltou uma gargalhada.

— Terão que procurar em outro lugar. Não tenho filhos nem é provável que os tenha. O processo de reprodução, como necessita de mulheres, me repele.

Mohiam, que conhecia muito bem as preferências do barão, não disse nada. Ao contrário de muitos nobres, não tinha descendência, nem sequer filhos ilegítimos.

— Não obstante, queremos uma filha Harkonnen, barão. Não um herdeiro, nem sequer um pretendente, de modo que não deve se preocupar com... ambições dinásticas. Estudamos as linhagens com atenção e a mescla desejável é muito específica. Deve me deixar grávida.

As sobrancelhas do barão se arquearam ainda mais.

— Por que iria fazer isso, por todas as luas do Império?

Olhou-a de cima abaixo, despindo-a com os olhos. Mohiam era uma mulher de aspecto normal, de rosto larga e cabelo castanho murcho, sem traços chamativos. Era maior que ele, próxima ao final de seus anos férteis.

— Em especial com você — acrescentou.

— As Bene Gesserit determinam estas coisas mediante projeções genéticas, não pela atração física.

— Bem, pois me nego. — O barão deu meia volta e cruzou os braços

—. Saia. Leve seus parceiros e saia de Giedi Prime.

Mohiam olhou-o por alguns momentos, ao mesmo tempo em que assimilava os detalhes da estadia. Como utilizava técnicas analíticas Bene Gesserit, aprendeu muitas coisas sobre o barão e sua personalidade a partir de como mantinha sua fedorenta toca, um espaço que não estava cuidado nem decorado para visitantes oficiais. Sem saber, revelava muito sobre sua personalidade.

— Como desejar, barão — disse —. A próxima parada de minha lançadeira será Kaitain, onde já temos uma entrevista marcada com o imperador. Minha biblioteca pessoal na nave contém cópias de todos os registros que demonstram suas atividades de armazenamento de especiaria em Arrakis, e documentação sobre seus métodos de alterar a produção para ocultar seus armazéns particulares dos olhos da CHOAM e da Casa Corrino. Nossa análise preliminar contêm informação suficiente para iniciar uma auditoria global sobre suas atividades e o depor como diretor provisório da CHOAM.

O barão olhou-a fixamente. Nenhum dos dois se moveu, mas leu em seus olhos que dizia a verdade. Sem dúvida aquelas malditas bruxas tinham utilizado seus diabólicos métodos intuitivos para determinar com exatidão o que tinha feito, como tinha enganado Elrood IX. Também sabia que Mohiam não hesitaria em pôr em prática sua ameaça.

Cópias de todos os registros... De nada lhe serviria destruir sua nave.

A Irmandade infernal guardaria outras cópias em outra parte.

Era muito provável que a Bene Gesserit possuísse material para chantagear também à Casa Corrino, talvez dados indiscretos sobre negócios importantes mas sub-reptícios da Corporação Espacial e a poderosa CHOAM. Dados com os quais poderia forçar pactos. A Irmandade era especialista em descobrir as fraquezas de seus inimigos em potência.

O barão se enfureceu, mas não podia fazer nada para evitar a chantagem. Aquela bruxa podia destruí-lo com apenas uma palavra, e obrigá-lo a atender seu pedido.

— Para facilitar as coisas, possuo a capacidade de controlar minhas funções corporais — disse Mohiam —. Posso ovular à vontade, e garanto que não será necessário repetir esta tarefa desagradável. A partir de apenas um encontro com você, posso garantir o nascimento de uma menina. Não terá que se preocupar mais conosco.

As Bene Gesserit não paravam de tecer maquinações, e com elas nada era certo. O barão franziu a sobrancelha, enquanto repassava as possibilidades. Com essa filha que tanto desejavam, as bruxas tentavam criar um herdeiro ilegítimo e alegar direitos sobre a Casa Harkonnen na próxima geração? Era uma possibilidade sem sentido. Já estava educando Rabban para o cargo, e ninguém se oporia.

— Eu... — Procurou as palavras —. Necessito de um momento para refletir, e tenho que falar com meus conselheiros.

Mohiam esteve a ponto de virar os olhos, mas indicou com um gesto que não havia pressa. Afastou uma toalha manchada de sangue e se ajeitou no divã, para esperar com comodidade.

Apesar de sua personalidade desprezível, Vladimir Harkonnen era um homem atraente, musculoso e de feições agradáveis, cabelo avermelhado e lábios grossos. Entretanto, as Bene Gesserit inculcavam em todas as irmãs a crença fundamental de que a cópula era uma mera ferramenta para manipular os homens e obter deles a descendência que se integrasse na rede, geneticamente inter-relacionada, da Irmandade. Não obstante, proporcionava-lhe um grande prazer ter ao barão a sua mercê.

A reverenda mãe se reclinou, fechou os olhos e se concentrou no fluxo de hormônios do seu corpo, no funcionamento interno de seu sistema reprodutivo...

Sabia qual seria a resposta do barão.

— Piter! — gritou o barão enquanto percorria os corredores —.

Onde está meu Mentat?

De Vries surgiu com sigilo de um corredor adjacente, onde tinha tentado utilizar as câmeras ocultas que tinha instalado nos aposentos privados do barão.

— Estou aqui, meu barão — disse, e tomou um gole de um diminuto frasco. O sabor do safo disparava reações em seu cérebro, disparava seus neurônios e avivava suas capacidades mentais —. O que a bruxa pediu? O

que ela quer?

O barão virou-se, depois de ter encontrado por fim o objetivo apropriado para sua raiva.

— Quer que a engravide! Quer meu sêmen!

Engravidá-la?, pensou De Vries, e acrescentou a sua base de dados mental. Voltou a analisar o problema a hipervelocidade.

— Quer ser a mãe de minha filha! É incrível!

De Vries estava em modo Mentat.

Dado; não existe outra maneira de que o barão tenha filhos. Odeia ss mulheres. Além disso, de uma perspectiva política, é muito cauteloso para disseminar sua estirpe indiscriminadamente.

Dado: as Bene Gesserit guardam numerosos registros genéticos em Wallach IX, numerosos projetos de reprodução, cujos resultados estão abertos à interpretação. Se o barão tivesse um filho (uma filha?), o que as bruxas esperam obter?

Existe algum defeito ou vantagem nos genes dos Harkonnen que desejam aproveitar? Seu único propósito é castigar da forma mais humilhante o barão? Nesse caso, em que as ofendeu pessoalmente?

— Só a idéia me repugna! Cobrir essa poedeira — grunhiu o barão

—, De qualquer modo, a curiosidade me deixa louco. O que a Irmandade está procurando?

— Não consigo estabelecer uma projeção, barão. Dados insuficientes.

Parecia que o barão ia esbofetear De Vries, mas se conteve.

— Não sou um reprodutor das Bene Gesserit!

— Barão — De Vries disse com calma —, se for verdade que possuem informação sobre suas atividades ilegais, não pode permitir que isso seja revelado. Se estivessem sondando, não há dúvida que sua reação já lhes revelou tudo que precisavam saber. Se oferecerem provas a Kaitain, o imperador enviará seus Sardaukar para exterminar à Casa Harkonnen e substituí-la por outra Grande Família, como fizeram com os Richese antes de nós. Agradaria Elrood, sem dúvida. Ele e a CHOAM podem suspender seus contratos em qualquer momento. Até poderiam entregar Arrakis e a produção de especiaria à Casa Atreides, por exemplo, só para humilhá-lo.

— Os Atreides! Jamais permitirei que minhas propriedades caiam em suas mãos.

De Vries sabia que havia tocado um ponto sensível. A inimizade entre os Harkonnen e os Atreides se iniciou muitas gerações atrás, durante os trágicos acontecimentos da Batalha de Corrin.

— Deve fazer o que a bruxa exige, barão — disse —. As Bene Gesserit ganharam esta fase do jogo. Prioridade: proteger a fortuna de sua Casa, suas posses de especiarias e seus armazenamentos ilegais. — O

Mentat sorriu —. Pode se vingar mais adiante.

O barão tinha empalidecido.

— Piter, a partir deste mesmo momento quero que comece a destruir provas e a dispersar nossas reservas. Envie tudo para lugares onde ninguém pensará em investigar.

— Também para os planetas dos nossos aliados? Eu não recomendaria, barão. Muitas complicações. E as alianças mudam.

— Muito bem. — Os olhos do barão se iluminaram —. Concentre a maior parte em Lankiveil, debaixo do nariz do meu estúpido meio-irmão.

Nunca suspeitarão de Abulurd.

— Sim, meu barão. Excelente ideia.

— É claro que é uma excelente ideia! — Vladimir franziu a sobrancelha. Pensar em seu meio-irmão o tinha recordado seu mimado sobrinho —. Onde está Rabban? Possivelmente a bruxa prefira seu sêmen.

— Duvido muito, barão. Seus projetos genéticos costumam ser muito específicos.

— Bem, onde ele está? Rabban! — O barão virou-se e percorreu o corredor, como se procurasse algo para acossar —. Não o vi o dia todo.

— Foi para outra de suas caçadas estúpidas, no Posto de Vigilância Florestal. — De Vries conteve um sorriso —. Está sozinho para enfrentar o perigo, barão, e acredito que o melhor será que vá para seus aposentos. O

dever lhe chama.

A regra básica é nunca apoiar a fraqueza; apoiar sempre a força.

O livro Azhar da Bene Gesserit

Compilação dos Grandes Secretos

A nave planou sobre a erma paisagem noturna, carente das luzes de Giedi Prime e de gases industriais. Duncan Idaho, sozinho em um compartimento da nave, olhava por uma janela de plaz, enquanto a prisão da Barony se afastava deles.

Ao menos seus pais não eram mais prisioneiros. Rabban os matara para enfurecê-lo e obrigá-lo a lutar. Durante os últimos dias de preparativos, a fúria de Duncan aumentara imensamente.

As paredes nuas da adega estavam cobertas de geada. Duncan estava transido, com o coração cheio de dor, os nervos contidos, a pele parecia um manto insensível. Os motores vibravam através do chão. Ouvia nas cobertas superiores os movimentos da partida de caça. Os homens levavam fuzis com miras rastreadoras. Riam e conversavam, preparados para a caçada noturna.

Rabban também estava ali em cima.

Com o propósito de proporcionar a Duncan o que chamavam de uma

“boa chance”, a partida de caça tinha-lhe armado com uma faca romo (dizendo que não queriam que se machucasse), uma lanterna e uma corda: tudo o que um menino de oito anos necessitaria para evitar um esquadrão de caçadores profissionais Harkonnen em um território que conheciam como a palma da mão...

Acima, em uma poltrona macia e almofadada, Rabban sorriu ao pensar no menino aterrorizado e enfurecido no compartimento de carga. Se Duncan Idaho fosse maior e mais forte, seria tão perigoso como um animal.

O pirralho era resistente para seu tamanho, Rabban tinha que admitir. A forma que tinha evitado os preparadores de elite Harkonnen nas vísceras de Barony era admirável, sobretudo o truque com o tubo elevador.

A nave se afastou da cidade prisão, das zonas industriais encharcadas de petróleo, em direção a uma reserva de caça situada em uma meseta elevada, um lugar onde preponderavam pinheiros escuros e penhascos de arenito, cavernas, rochas e rios. A zona, desenhada totalmente, tinha inclusive alguns exemplares de vida selvagem melhorada geneticamente, cruéis predadores ansiosos pela carne tenra de um menino tanto quanto os próprios caçadores Harkonnen.

A nave pousou sobre um prado semeado de calhaus. Inclinou-se em um ângulo pronunciado, mas se endireitou com a ajuda dos estabilizadores.

Rabban envio um sinal de controle de seu cinturão.

A porta hidráulica que havia diante do menino se abriu e o liberou de seu cárcere. O ar frio da noite cortou suas bochechas. Duncan considerou a possibilidade de pôr-se a correr e refugiar-se entre os pinheiros. Uma vez ali, esconderia-se sob o manto de agulhas secas e mergulharia em um sono protetor.

Mas Rabban queria que o menino fugisse e se ocultasse, e sabia que não chegaria muito longe. No momento, Duncan tinha que agir apoiando-se no instinto, compensado pela inteligência. Não era o momento adequado para empreender ações inesperadas e imprudentes. Ainda não.

Duncan esperaria na nave até que os caçadores explicassem as regras, embora imaginasse o que deveria fazer. O cenário era maior, a caçada mais longa, as apostas mais elevadas... mas em essência se tratava do mesmo jogo para o qual tinha sido treinado na cidade prisão.

A escotilha superior se abriu a suas costas, e revelou duas formas rodeadas de um halo tênue: uma pessoa que reconheceu como o capitão dos caçadores de Barony, e o homem de costas largas que tinha matado seus pais: Rabban.

O menino afastou a vista da repentina luz e focou seus olhos, acostumados à penumbra, no prado e as espessas sombras das árvores. Era uma noite estrelada. Duncan ainda sentia dor nas costelas, como resultado de seu adestramento cruel.

— O Posto de Vigilância Florestal — disse o capitão dos caçadores

—. Como férias no deserto. Desfrute-as! Isto é um jogo, garoto. Nós o deixamos aqui, concedemos uma vantagem e saímos à caça. — Seus olhos se entreabriram —. Mas não tenha falsas ilusões. Isto é muito diferente de suas sessões de preparação em Barony. Se perder, morrerá, e sua cabeça dissecada se juntará a outros troféus que adornam a parede de lorde Rabban.

O sobrinho do barão dedicou a Duncan um largo sorriso. Rabban tremia de nervosismo e impaciência.

— E se escapar? — perguntou Duncan.

— Não escapará — respondeu Rabban.

Duncan não insistiu. Se forçasse uma resposta, o homem mentiria.

Se conseguisse escapar, teria que inventar suas próprias regras.

Obrigaram-no a descer para o prado, salpicado de orvalho. Usava roupas leves e sapatos gastos. O frio da noite o cortou como uma faca.

— Sobreviva o que puder, garoto! — gritou Rabban da porta da nave, e se meteu dentro enquanto a vibração dos motores aumentava seu ritmo —. me conceda uma boa caçada. A última foi muito decepcionante.

Duncan permaneceu imóvel enquanto a nave se erguia no ar, em direção a um pavilhão de caça vigiado. Dali, depois de tomar alguns copos, a partida de caça sairia em perseguição à sua presa.

Possivelmente os Harkonnen brincariam com ele por algum tempo e se divertiriam com sua atividade... ou talvez quando o apanhassem estariam

entediados até os ossos, ansiosos por tomar uma bebida quente, e utilizariam suas armas para matá-lo na primeira oportunidade.

Duncan correu para o refúgio que as árvores ofereciam.

Seus pés deixaram um rastro de erva esmagada. Roçou os ramos grossos das árvores perenes e espalhou o tapete de agulhas secas enquanto subia para salientes abruptos de arenito.

À luz da lanterna, viu que exalava jorros de vapor, como pulsações do coração. Continuou subindo para os penhascos mais altos. Subiu aferrando-se à rocha sedimentária. Naquela zona, ao menos, não deixaria muitos sinais de pegadas, embora houvesse bolsas de neve nos salientes, parecidas com pequenas dunas.

Os afloramentos sobressaíam da ladeira da colina, sentinelas destacados sobre o tapete do bosque. O vento e a chuva tinham criado fossas e entalhes nos penhascos, alguns apenas suficientes para servir como tocas de roedores, e outros grandes o bastante para esconder um adulto.

Duncan, incentivado pelo desespero, subiu até o limite do esgotamento.

Quando chegou ao cume de uma elevação rochosa, que sua lanterna tingiu de um tom oxidado e torrado, se agachou e olhou ao redor.

perguntou-se se os caçadores já estariam à caminho. Não andariam muito longe.

Ouviu uivos de animais. Apagou a lanterna. Suas costelas e costas doíam, assim como o ponto do braço em que tinham implantado o localizador.

A suas costas, mais penhascos escarpados se elevavam nas sombras, semeados de entalhes e rebordos, cobertos de árvores esqueléticas que lembravam pelos de verrugas. Uma grande distância separava-o da cidade mais próxima.

O Posto da Guarda Florestal. Sua mãe tinha falado desta reserva de caça isolada, favorita do sobrinho do barão. Rabban é tão cruel porque precisa demonstrar que não é como seu pai, havia dito em uma ocasião.

O menino tinha passado a maior parte de seus nove anos no interior de edifícios gigantescos, respirando ar reciclado impregnado de lubrificantes, solventes e gases de combustão, jamais tinha conhecido o frio do planeta, suas noites

geladas, a claridade das estrelas.

O céu era uma imensa abóbada negra, em que se vislumbravam diminutos brilhos de luz, uma chuva de alfinetes que perfuravam as distâncias da galáxia. No espaço, os Navegantes da Corporação utilizavam sua mente para guiar os Cruzeiros, grandes como cidades, entre as estrelas.

Duncan nunca tinha visto uma nave da Corporação, nunca tinha saído de Giedi Prime, e agora duvidava que alguma vez o conseguisse.

Como tinha vivido nas vísceras de uma cidade industrial, nunca fora estimulado a aprender os desenhos que as estrelas formavam. Não obstante, mesmo que soubesse se orientar ou reconhecer as constelações, não tinha nenhum lugar aonde ir...

Agachado sobre o rebordo estudou seu mundo. Curvou-se e juntou os joelhos ao peito para conservar o calor corporal, mas continuou tremendo.

Ao longe, onde o terreno elevado mergulhava em um vale coberto de árvores em direção à austera silhueta do pavilhão de caça, viu uma fileira de luzes, globos luminosos que oscilavam como uma procissão de fadas. A partida de caça, bem descansada e armada, seguia seu rastro, sem se apressar. Eles estão se divertindo a valer. Duncan olhou e esperou, transido e desesperado. Tinha que decidir se queria viver. O que faria? Para onde iria? Quem o ajudaria?

O fuzil laser de Rabban tinha desintegrado o rosto de sua mãe, que já não poderia beijar, e seu cabelo, que já não poderia acariciar. Nunca mais ouviria sua voz quando o chamava de “doce Duncan”.

Os Harkonnen pretendiam repetir a jogada com ele, e não podia evitar isso. Era apenas um menino com uma faca romo, uma lanterna e uma corda. Os caçadores contavam com rastreadores richesianos, armaduras corporais climatizadas e armas potentes. Superavam-no em uma proporção de dez por um. Não tinha a menor chance.

Seria mais fácil esperar que chegassem. Inevitavelmente os rastreadores o localizariam, seguiriam o sinal implantado... mas podia estragar sua diversão. Se se rendesse, demonstrando assim seu desdém para diversões tão bárbaras, conseguiria uma pequena vitória, a única possível.

Ou, Duncan Idaho podia lutar, tentar prejudicar em todo possível aos Harkonnen. Sua mãe e seu pai não tinham gozado de nenhuma chance de lutar por suas vidas, mas Rabban lhe estava concedendo essa possibilidade.

Rabban o considerava um menino indefeso. A partida de caça pensava que acossar um menino proporcionaria certa diversão.

Ficou em pé com as pernas inchadas, sacudiu as roupas e parou de tremer. Não vou me render, decidiu. Só para lhes dar uma lição, só para demonstrar que não podem zombar de mim.

Duvidava que os caçadores usassem escudos pessoais.

Considerariam desnecessário tal proteção, sobretudo contra um menino.

O tato da faca que guardava no bolso era duro e tosco, inútil contra uma armadura. Mas podia conseguir algo mais com a folha, algo dolorosamente necessário. Sim, lutaria com todas as suas forças.

Duncan subiu o penhasco, apoiando-se em rochas e árvores caídas, até chegar a um fossa escavada na arenito. Rodeou os montes de neve para não deixar rastros.

O implante localizador os conduziria até ele, lá onde quer que fosse.

Sobre a cavidade, um saliente da parede quase vertical lhe proporcionou sua segunda chance: partes de arenito soltos, cobertos de liquens, enormes pedras brutas. Talvez pudesse movê-los...

Duncan deslizou no interior da fossa, onde não encontrou mais calor apenas mais escuridão. A entrada era tão baixa que um adulto teria que arrastar-se para acessar seu interior. Não havia outra saída. A cova não oferecia muita proteção. Teria que se apressar.

Acendeu a pequena lanterna, tirou a camisa e sacou a faca. Sentia o volume do implante localizador em seu braço esquerdo, na parte posterior do tricípite.

Sua pele já estava amortecida pelo frio, e sua mente aturdida pelas circunstâncias. Entretanto, quando manipulou a faca, sentiu-a perfurando seu músculo. Fechou os olhos e afundou mais a ponta.

Cravou a vista em na escura parede da cova e viu que a pálida luz lançava sombras esqueléticas. Sua mão direita se movia como se tivesse vida própria, como uma sonda para desenterrar o diminuto localizador. A dor se retirou para um canto remoto de sua consciência.

Por fim, o implante saiu, um diminuto micro fragmento de metal que caiu com um tinido sobre o chão da cova. Tecnologia sofisticada de Richese. Duncan, morto de dor, agarrou uma pedra para despedaçar o localizador. Mas pensou melhor: deixou a pedra e empurrou o diminuto dispositivo para as sombras, para que ninguém pudesse vê-lo.

Era melhor deixá-lo ali como isca.

Duncan se arrastou para fora e agarrou um punhado de neve. Gotas vermelhas caíram sobre o saliente de arenito. Aplicou um emplastro de neve à ferida do ombro, e o frio atenuou a dor do corte. Apertou o emplastro até que a neve tingida de rosa derreteu em seus dedos. Agarrou outro punhado, indiferente às marcas que deixava no chão. De qualquer modo, os Harkonnen viriam até ali.

Ao menos, a neve tinha estancado a hemorragia.

Depois subiu por cima da cova, procurando não deixar rastros. Viu que as luzes oscilantes do vale se dividiam. Os membros da partida de caça tinham escolhido caminhos diferentes para subir à colina. Um ornitóptero zumbiu sobre sua cabeça.

Duncan se moveu a maior velocidade possível, mas procurou não voltar a derramar sangue. Aplicou farrapos da sua camisa sobre a ferida, até ficar com o peito exposto ao frio, e depois se cobriu com os restos do objeto. Talvez os predadores do bosque farejassem o sangue e o seguissem, não em busca de diversão, mas de comida. Era um problema que não desejava considerar naquele momento.

Chegou ao saliente que dominava seu refúgio anterior. O instinto de Duncan o aconselhava a afastar-se o máximo possível daquele lugar, mas se obrigou a parar. Assim seria melhor. Se agachou atrás das partes de rocha soltas, mediu-as para ter certeza que teria forças para movê-los, e se preparou para esperar.

Em pouco tempo, o primeiro caçador subiu o penhasco que conduzia à cova. Provido de uma armadura antigravitacional, empunhava um fuzil laser. Olhou

para um equipamento que recebia os sinais do localizador richesiano.

Duncan conteve o fôlego, imóvel. Um fio de sangue escorria por seu braço esquerdo.

O caçador se deteve ante s fossa, observou a neve removida, as manchas de sangue, o piscar do seu localizador. Embora Duncan não pudesse ver seu rosto, imaginou o sorriso de triunfo.

O caçador se arrastou para o interior da cova, com o fuzil a frente.

— Peguei você, garotinho!

Duncan empurrou um penhasco coberto de liquens por cima da borda. Esse logo se deslocou por volta do segundo e lhe deu um forte empurrão. As duas pedras caíram, dando voltas no ar.

Ouviu o som do impacto e um rangido estremecedor. E a exclamação afogada do homem.

Duncan se arrastou para a borda, viu que um dos penhascos tinha caído para um lado e rolado pelo penhasco, arrastando os calhaus em seu caminho.

O outro penhasco tinha aterrissado sobre as costas do caçador, destruindo sua coluna vertebral.

Duncan desceu a toda pressa. O caçador ainda estava vivo, embora paralisado. Suas pernas se agitavam, e os saltos de suas botas golpeavam o chão recoberto de geada gelada. Duncan já não sentia medo dele.

Apontou sua lanterna para os olhos frágeis e estupefatos do homem.

Aquilo já não era um jogo. Sabia o que os Harkonnen lhe fariam, tinha visto o que Rabban fizera a seus pais.

Agora, Duncan jogaria segundo suas regras.

O caçador agonizante murmurou algo ininteligível. Duncan não vacilou. agachou-se com olhos sombrios e entreabertos, olhos que já não eram mais de um menino. A faca deslizou sob a mandíbula do homem. O

caçador se retorceu, ergueu o queixo, mais em sinal de aceitação que de desafio, e a faca se cravou. Um jorro de sangue brotou da jugular e formou uma poça escura e pegajosa no chão.

Duncan não perdeu tempo pensando no que tinha feito, não podia esperar que o cadáver do caçador esfriasse. Retirou o cinturão, encontrou um pequeno estojo de primeiros socorros e uma barra alimentícia. Em seguida pegou o fuzil laser e com a culatra destroçou o localizador richesiano manchado de sangue. Já não necessitava dele como chamariz.

Que os perseguidores o seguissem valendo-se de seu engenho.

Supôs que até agradeceriam o desafio, depois que sua fúria se aplacasse.

Duncan se arrastou para fora. O fuzil laser, quase tão alto como ele, chacoalhou enquanto o carregava. Na planície, a fileira de luzes da partida de caça ia se aproximando.

Agora, melhor armado e animado, Duncan se perdeu na noite.

Muitos elementos do Império acreditam que detinham o poder absoluto: a Corporação Espacial com seu monopólio sobre as viagens interestelares, a CHOAM com sua ditadura econômica, a Bene Gesserit com seus segredos, os Mentats com seu controle dos processos mentais, a Casa Corrino com seu trono, as Grandes e Menores Casa do Landsraad com suas enormes posses. Pobres de nós no dia em que uma destas facções resolver demonstrar que tem razão.

Conde Hasimir Fenring. Despachos de Arrakis

Leto teve uma hora para refrescar-se e descansar em seus aposentos em *Grand Palais*.

— *Er*, sinto apressá-lo — disse Rhombur enquanto saía para o corredor de paredes acristaladas —, mas você não vai querer perder isto.

Levamos meses para construir um Cruzeiro. Me avise quando estiver preparado para ir à coberta de observação.

Leto, ainda nervoso, mas agradecido por poder ficar sozinho por alguns minutos, inspecionou sua bagagem e olhou para a habitação.

Contemplou seus pertences, guardadas com muito cuidado, muitos mais do que o necessário, incluindo bagatelas, um pacote de cartas de sua mãe e uma Bíblia Católica Laranja. Tinha prometido a ela que a cada noite leria alguns versículos.

Pensou no tempo que necessitaria para sentir-se em casa (um ano inteiro ausente de Caladan), e deixou tudo como estava. Logo teria tempo para ocupar-se disso. Um ano em IX.

Cansado depois de sua longa viagem, com a mente ainda aturdida pela estranheza daquela metrópole subterrânea, Leto tirou a camisa e se jogou sobre a cama. Mal tinha conseguido provar a dureza do colchão e ajeitar o travesseiro, quando Rhombur chamou à porta.

— Vamos, Leto! Se apresse! Vista-se, vamos pegar um transporte.

Enquanto tentava colocar seu braço esquerdo pela manga, Leto se reuniu com o outro adolescente no corredor.

Um metrô os conduziu entre os edifícios invertidos até os subúrbios da cidade subterrânea, e depois uma cápsula elevadora os baixou até o segundo nível de edifícios, cobertos de cúpulas de observação. Rhombur abriu caminho entre as multidões que abarrotavam as galerias e janelas.

Agarrou Leto pelo braço enquanto deixavam para trás os guardas de Vernius e os espectadores. O príncipe estava com o rosto avermelhado, e se virou para outros.

— Que horas são? Já aconteceu?

— Ainda não. Faltam uns dez minutos.

— O Navegante chegará a qualquer momento. Sua câmara está sendo escoltada através do campo.

Rhombur murmurou agradecimentos e desculpas, ao mesmo tempo em que guiava seu confuso acompanhante até uma janela de metacristal situado na parede inclinada da galeria de observação.

Abriu-se outra porta no fundo da sala, e a multidão se afastou para dar passagem a dois jovens de cabelo escuro, gêmeos idênticos, a julgar por seu aspecto. Ladeavam a irmã de Rhombur, Kailea, como orgulhosa escolta. Durante o breve

momento que a tinha perdido de vista, observou Leto, Kailea tinha posto um vestido diferente, menos frívolo mas não menos formoso. Parecia que sua presença embriagava os gêmeos, e seus cuidados constantes agradavam Kailea. Sorriu para os dois e guiou-os até um ponto estratégico na janela de observação.

Rhombur conduziu Leto até eles, muito mais interessados na vista que nos membros da multidão. Leto olhou ao redor e supôs que os espectadores eram autoridades importantes. Olhou para baixo, ainda ignorante do que ia acontecer.

Um imenso recinto se perdia na distância, no ponto onde o teto da gruta e o horizonte se confundiam. Divisou um Cruzeiro já terminado, uma nave do tamanho de um asteróide semelhante ao que o tinha transportado de Caladan a IX.

— Esta é, *er*, a fábrica mais importante de IX — disse Rhombur —.

É a única superfície do Império capaz de produzir um Cruzeiro. Todo mundo utiliza diques espaciais. Aqui, em um ambiente terrestre, a segurança e eficácia da construção em grande escala é muito rentável.

A nave reluzente ocupava quase toda a caverna subterrânea. Um leque de revestimentos dorsais decorativos brilhavam no lado mais próximo. Sobre a fuselagem se destacava uma cintilante hélice ixiana púrpura e acobreada, entrelaçada com o símbolo branco da Corporação Espacial, que simbolizava o infinito.

A nave descansava sobre um mecanismo elevador, que erguia a nave sobre o nível do chão para que grandes caminhões terrestres pudessem circular sob o casco. Operários subóides, usando uniformes brancos e chapeados, examinavam a fuselagem com aparelhos manuais e realizavam tarefas mecânicas rotineiras. Enquanto as equipes de operários inspecionavam a nave da Corporação, para prepará-la para sair ao espaço, fileiras de luzes dançavam ao redor da fábrica: barreiras de energia para repelir os intrusos.

Gruas e suportes elevadores pareciam diminutos parasitas que rastejavam sobre o casco do Cruzeiro, mas quase toda a maquinaria fora retirada para as paredes inclinadas da câmara, para não atrapalhar um...

lançamento? Leto pensou que era impossível. Milhares de operários se mexiam, retiravam equipamentos e preparavam a decolagem da nave formidável.

Os murmúrios do público aumentaram de intensidade, e Leto pressentiu que algo ia acontecer. Viu numerosas telas e imagens transmitidas por câmaras ocultas.

— Mas... — perguntou, aturdido pelo espetáculo — como fazem?

Uma nave deste tamanho? O teto é de rocha, e todas as paredes parecem sólidas.

Um dos gêmeos olhou para ele com um sorriso.

— Você já vai ver.

Os dois jovens tinham grandes olhos fundos em seus rostos quadrados e expressão concentrada. Eram alguns anos mais velhos que Leto. Sua pele pálida era uma conseqüência inevitável de viver no subsolo.

Não viu emblemas familiares no pescoço de sua roupa, e decidiu que não eram da Casa Vernius.

Kailea pigarreou e olhou para seu irmão.

— Rhombur — disse —, está esquecendo suas maneiras.

Rhombur recordou suas obrigações.

— Ah, sim! Este é Leto Atreides, herdeiro da Casa Atreides de Caladan. Apresento-lhe C'tair e D'murr Pilru. Seu pai é o embaixador de IX

em Kaitain, e sua mãe é banqueira da Corporação. Vivem em uma das casas do *Grand Palais*, de modo que os verá freqüentemente.

Os jovens fizeram uma reverência e pareceu que se aproximavam ainda mais de Kailea.

— Estamos nos preparando para os exames da Corporação, que acontecerão dentro de poucos meses — disse C'tair —. Temos a esperança de pilotar uma nave como esta algum dia.

Sua cabeça morena apontou para a nave enorme. Kailea olhou-os com preocupação em seus olhos verdes, como se sua aspiração de ser Navegantes não a convencesse.

Leto sentiu-se comovido pelo entusiasmo que viu nos olhos castanhos do jovem. O outro irmão era menos sociável, e parecia interessado apenas na atividade que se desenvolvia abaixo.

— A câmara do Navegante chegou — disse D'murr.

Um volumoso contêiner negro flutuou sobre um caminho espaçoso, elevado sobre elevadores industriais. Era uma tradição dos Navegantes da Corporação ocultarem sua aparência atrás de espessas nuvens de especiaria.

Acreditava-se que o processo de transformação em Navegante transformava a uma pessoa em algo mais que humano, algo mais evoluído.

A Corporação não confirmava nem negava as especulações.

— Não se vê nada dentro — disse C'tair.

— Sim, mas tem um Navegante dentro. Posso sentir.

D'murr se inclinou para frente, como se desejasse atravessar a janela de observação de metacristal. Quando os gêmeos deixaram de lhe dar atenção, fascinados pela nave, Kailea se voltou para Leto e sustentou seu olhar com brilhantes olhos esmeralda.

Rhombur indicou a nave e prosseguiu sua conversa veloz .

— Estes novos modelos de Cruzeiro otimizados têm emocionado meu pai. Não sei estudaram sua história, mas o princípio dos Cruzeiros eram de fabricação, *er*, richesiana. IX e Richese competiam para conseguir os contratos da Corporação, mas pouco a pouco ganhamos a mão, derrubando todos os aspectos de nossa sociedade no processo: subsídios, *er*, recrutamentos, arrecadação de impostos, o que fizesse falta. Em IX não fazemos as coisas pela metade.

— Também ouvi que são mestres na sabotagem industrial e nas leis sobre patentes — comentou Leto, recordando as palavras de sua mãe.

Rhombur meneou a cabeça.

— Mentiras espalhadas pelas Casas que nos invejam. Infernos carmesins, nós não roubamos idéias nem patentes. Só sustentamos uma guerra tecnológica com

Richese, e ganhamos sem disparar um tiro. Demos-lhes golpes mortais, tão definitivos como se tivéssemos utilizado armas atômicas. Era ou eles ou nós. Faz uma geração, perderam a administração de Arrakis, quase ao mesmo tempo em que perdiam sua liderança tecnológica. Uma liderança familiar desastrosa, suponho.

— Minha mãe é richesiana — disse Leto, sarcástico.

Rhombur ruborizou, envergonhado.

— Oh, sinto muito. Tinha me esquecido.

Alisou-se o emaranhado cabelo loiro para ocupar as mãos em algo.

— Não foi nada. Não somos cegos — disse Leto —. Sei do que estão falando. Richese ainda existe, mas em uma escala muitíssimo menor. Muita burocracia e poucas inovações. Minha mãe nunca quis me levar lá, nem sequer para visitar sua família. Muitas lembranças dolorosas, suponho, embora suspeite que acreditava que as bodas com meu pai contribuiria para recuperar a fortuna de Richese.

O contêiner que guardava o misterioso Navegante entrou por um orifício no extremo dianteiro do Cruzeiro. A câmara negra desapareceu nas vísceras da nave como um mosquito engolido por um peixe.

Embora fosse mais jovem que seu irmão, Kailea falou em tom muito sério:

— O novo programa de Cruzeiros será para nós o mais vantajoso de todos os tempos. Graças a este contrato, grandes quantias ingressarão em nossas contas. A Casa Vernius receberá vinte e cinco por cento de todos os *Solaris* que economizarmos para a Corporação Espacial durante a primeira década.

Leto, impressionado, pensou nas humildes atividades de Caladan: a colheita de arroz pundi, as barcos que descarregavam as mercadorias dos navios... e os vivas que a população dedicava ao velho duque depois das corridas de touros.

Os alto-falantes montados ao longo e largo da imensa câmara emitiram sirenes. Os operários subóides, como limagens de ferro atraídas por um campo magnético, abandonaram as imediações do Cruzeiro.

Piscaram luzes em outras janelas de observação das torres. Leto distinguiu diminutas formas apertadas contra janelas longínquas.

Rhombur se aproximou de Leto, enquanto os espectadores guardavam silêncio.

— Que aconteceu? — perguntou Leto —. O que vai acontecer?

— O Navegante vai decolar — disse C'tair.

— Ele se afastará de IX, para começar sua viagem — acrescentou D'murr.

Leto contemplou o teto de rocha, a barreira impenetrável de casca planetária, e compreendeu que era impossível. Ouviu um tênue zumbido, pouco perceptível.

— Tirar uma nave destas características para o exterior não é difícil, *er*, ao menos para eles. — Rhombur cruzou os braços sobre o peito —.

Muito mais fácil que introduzir um Cruzeiro em um espaço fechado como este. Só um Timoneiro treinado é capaz.

Enquanto Leto olhava, com a respiração contida como todos os outros espectadores, o Cruzeiro refulgiu fugazmente, perdeu definição e desapareceu por completo.

Um forte estampido ressonou na gruta, devido ao repentino deslocamento de ar. Um tremor percorreu o edifício de observação, e os ouvidos de Leto se tamparam.

Agora, a cova estava vazia, um imenso espaço fechado sem o menor sinal do Cruzeiro, só equipamento abandonado e um mapa de brilhos apagados no chão, paredes e teto.

— Lembra-se de como o Navegante dirige uma nave? — perguntou D'murr, ao perceber a confusão do Leto.

— Dobra o espaço — disse C'tair —. O Cruzeiro não atravessou a casca rochosa de IX em nenhum momento. O Navegante se limitou a ir daqui... para seu destino.

De entre o público se elevaram aplausos. Rhombur parecia muito satisfeito

quando indicou o imenso vazio que se estendia sob seus pés.

— Agora temos lugar para começar a construir outro!

— Pura e simples economia de meios. — Kailea olhou para Leto —.

Não perdemos nem um segundo.

As concubinas permitidas a meu pai graças ao acordo entre a Bene Gesserit e a Corporação não podiam, é obvio, dar a luz a um Sucessor Real, mas as intrigas eram constantes e cansativas em sua semelhança.

Minha mãe, minhas irmãs e eu nos transformamos em peritas em evitar sutis instrumentos de morte.

Na casa de meu pai, da princesa Irulan

As salas de aula destinadas ao príncipe herdeiro Shaddam no palácio imperial bastariam para receber um povoado de alguns planetas. O herdeiro dos Corrino meditava desinteressado diante de sua máquina de ensino, enquanto Fenring o observava.

— Meu pai ainda quer que eu tenha aulas como um menino. —

Shaddam olhou para as luzes e os mecanismos giratórios da máquina —. Já deveria estar casado a esta altura. Já deveria ter um herdeiro imperial.

— Para que? — riu Fenring —. Para que o trono possa saltar uma geração e passar diretamente para seu filho, quando for maior de idade, *hummmm*?

Shaddam tinha trinta e quatro anos, e pelas circunstâncias atuais se encontrava a uma vida de distância de tornar-se imperador. Cada vez que o velho tomava um gole de cerveja de especiaria ativava mais o veneno secreto, mas fazia meses que o *n'kee* agia e o único resultado visível era um comportamento cada vez mais irritável. Como se não tivesse mau gênio suficiente!

Naquela mesma manhã Elrood repreendera Shaddam por não prestar mais atenção aos estudos.

— Observe e aprenda! — Uma das tediosas frases de seu pai —.

Imite Fenring, ao menos uma vez.

Na infância Hasimir Fenring tinha assistido as aulas com o príncipe herdeiro. Em teoria fazia companhia a Shaddam, ao mesmo tempo em que adquiria conhecimentos sobre política e intrigas cortesãs. Nos estudos Fenring sempre se destacava mais que seu amigo. Devorava todos os dados que podiam ajudar a melhorar sua posição.

Sua mãe, Chaola, uma dama de companhia introspectiva, estabeleceu-se em uma casa tranqüila e viveu de sua pensão, depois da morte da quarta esposa do imperador, Fala. Ao criar os dois meninos juntos enquanto atendia à imperatriz Fala, Chaola tinha proporcionado a Fenring a oportunidade de ser muito mais que um simples acompanhante, quase como se tivesse planejado tudo.

Agora, Chaola fingia não entender o que seu filho fazia na corte, embora tivesse recebido o treinamento Bene Gesserit. Fenring era bastante inteligente para saber que sua mãe compreendia muito mais coisas do que sua posição sugeria, e que muitos planos e projetos de reprodução se desenvolveram sem que ele soubesse.

Shaddam soltou um suspiro de desespero e se voltou.

— Por que o velho não morre e me facilita as coisas? — cobriu a boca, alarmado com suas próprias palavras.

Fenring passeava de um lado para outro, ao mesmo tempo em que observava as bandeiras do *Landsraad*. O príncipe herdeiro devia saber de cor as cores e emblemas de cada Grande e Pequena Casa, mas Shaddam não conseguia recordar os nomes de todas as famílias.

— Seja paciente, meu amigo. Tudo a seu tempo. — Fenring acendeu uma varinha de incenso perfumado e inalou a fumaça —. Enquanto isso, instrua-se em temas que serão úteis ao seu reinado. Necessitará dessa informação em um futuro próximo, *hummmm*?

— Pare de fazer esse ruído, Hasimir. Deixa-me nervoso.

— *Hummmm*?

— Já me irritava quando era menino, e ainda consegue. Basta!

Na habitação contigua, atrás de supostas telas de intimidade, Shaddam ouviu as risadas de seu professor particular, o roçar de roupas, de lençóis, de pele contra pele. O professor passava as tardes com uma mulher esbelta e extraordinariamente bela, treinada sexualmente para chegar à Classe Perita. Shaddam tinha dado ordens à moça, e suas artes mantinham o professor distraído, para que Fenring e ele pudessem manter conversas privadas, algo bastante difícil em um lugar infestado de olhos observadores e ouvidos atentos.

Entretanto, o professor ignorava que a moça seria entregue como presente a Elrood, um complemento perfeito de seu harém. Aquele pequeno erro proporcionaria ao príncipe herdeiro uma boa ameaça para usar contra o fastidioso professor. Se o imperador chegasse a descobrir...

— Aprender a manipular as pessoas é uma parte importante da arte de governar — Fenring dizia com freqüência depois de sugerir uma idéia.

Isso, ao menos, Shaddam compreendia. Enquanto o príncipe herdeiro escutar meus conselhos, pensava Fenring, será um bom governante.

As telas mostravam enfadonhas estatísticas de meios de embarque, exportações fundamentais aos principais planetas, imagens holográficas de todos os produtos concebíveis, dos melhores cortes de baleia e tapeçarias áudio relaxantes ixianas... fio *shiga*, fabulosos objetos de arte *Ecazi*, arroz *pundi* e excremento de mulo. Tudo surgia da máquina de ensino como uma fonte de sabedoria descontrolada, como se Shaddam devesse conhecer e recordar todos os detalhes. Mas para isso existem os peritos e os conselheiros.

Fenring lançou um olhar para a tela.

— De todas as coisas do Império, Shaddam, qual considera a mais importante, *hummmm*?

— Agora você também é meu professor particular, Hasimir?

— Sempre — respondeu Fenring —. Se você for um grande imperador, beneficiará ao povo... e a mim.

A cama da habitação contigua produziu sons rítmicos.

— A paz e a tranquilidade são os mais importantes — grunhiu Shaddam.

Fenring apertou uma tecla da máquina. Apareceu a imagem de um planeta deserto. Arrakis. Fenring se sentou ao lado de Shaddam.

— A especiaria *melange*. Isso é o mais importante. Sem ela o Império desmoronaria.

Inclinou-se e seus dedos voaram sobre os controles, convocando imagens do planeta deserto e as atividades de coleta de especiaria.

Shaddam contemplou uma sequência em que um gigantesco verme do deserto destruía uma fábrica de coleta nas profundezas do deserto.

— Arrakis é a única fonte conhecida de *melange* em todo o universo.

—Fenring apoiou o punho sobre a mesa —. Mas por que? Com todos os exploradores e prospectores imperiais, e a enorme recompensa que a Casa Corrino ofereceu durante gerações, por que ninguém encontrou especiaria em outro lugar? Afinal, com um bilhão de planetas no Império, tem que haver em outra parte.

— Um bilhão? — Shaddam umedeceu os lábios —. Hasimir, sabe que isso é uma hipérbole para as massas. Não há mais de um milhão.

— Um milhão, mil, que importa, *hummmm*? O que quero dizer é que se a *melange* for uma substância que se encontra no universo, deveríamos localizá-la em mais de um lugar. Sabe algo do planetólogo que seu pai enviou a Arrakis?

— É obvio, Pardot Kynes. Esperamos outro relatório dele a qualquer momento. Já se passaram várias semanas desde o último. — Ergueu a cabeça com orgulho —. Eu os leio assim que chegam.

Ouviram ofegos e risadas vindos da habitação contigua, pesados móveis arrastados, algo que caía ao chão com um golpe surdo. Shaddam se permitiu um leve sorriso. A concubina era muito bem treinada, sem dúvida.

Fenring virou os olhos e voltou para a máquina de ensinar.

— Preste atenção, Shaddam. A especiaria é vital, e entretanto apenas uma Casa de um só planeta controla toda a produção. A ameaça de um racionamento é muito séria, face à supervisão imperial e as pressões da CHOAM. Para preservar

a estabilidade do Império, necessitamos de uma fonte melhor de melange. Deveríamos criá-la sinteticamente, se for necessário. Necessitamos de uma alternativa... — voltou-se para o príncipe herdeiro com olhos cintilantes — que se ache sob nosso controle.

Shaddam apreciava mais estas discussões que as aulas programadas com o professor.

— Ah, sim! Uma alternativa a melange mudaria o equilíbrio de poder no Império, não é?

— Exato! Tal como estão as coisas, a CHOAM, a Corporação, as Bene Gesserit, os *Mentats*, o *Landsraad*. até a Casa Corrino, todos competem pela produção e distribuição da especiaria de um planeta, mas se existisse uma alternativa, nas mãos da Casa Imperial, os membros de sua família se transformariam em imperadores autênticos, não em simples marionetes sob o controle de outras forças políticas.

— Não somos marionetes — replicou Shaddam —. Nem mesmo meu decrépito pai o é. — Dirigiu um olhar nervoso para o teto, procurando câmaras espiãs ocultas embora Fenring já tivesse escaneado toda a sala.

— Como quiser, meu príncipe — disse Fenring, sem ceder um milímetro —. Se pusermos as rodas para girar, receberá esses benefícios quando o trono for seu. — Brincou com a máquina de ensinar —. Observe e aprenda! — disse, imitando com um falsete a voz de Elrood.

Shaddam riu do sarcasmo.

A máquina mostrou cenas dos lucros industriais de IX, de todas as novas invenções e modificações realizadas durante o frutífero governo da Casa Vernius.

— Por que acha que os ixianos não utilizam sua tecnologia para encontrar uma alternativa à especiaria? — perguntou Fenring —.

Receberam ordens diversas vezes para que analisassem a especiaria e desenvolvessem uma alternativa, mas só se importam com suas máquinas de navegação e seus estúpidos medidores de tempo. Quem se importa em saber a hora exata nos planetas do Império? Em que esses projetos são mais importantes

que a especiaria? A Casa Vernius é um fracasso total, no que se refere a você.

— Esta máquina de ensinar é ixiana. O irritante desenho do novo Cruzeiro é ixiano. E também seu veículo terrestre de alto rendimento e...

— Não importa — interrompeu Fenring —. Não acredito que a Casa Vernius dedique algum de seus recursos tecnológicos para solucionar o problema da alternativa à especiaria. Para eles não é uma prioridade.

— Então meu pai deveria guiá-los com, mas firmeza. — Shaddam enlaçou as mãos às costas e tratou de compor um porte imperial, avermelhado de indignação forçada —. Quando eu for imperador me encarregarei de que essa gente compreenda suas prioridades. Ah sim, eu em pessoa decidirei o que é o mais importante para o Império e a Casa Corrino.

Fenring rodeou a máquina de ensinar como um tigre Laça à espreita.

Agarrou uma tâmara açucarada de uma bandeja de fruta que havia em uma mesa lateral.

— O velho Elrood fez afirmações similares muito tempo atrás, mas até o momento não cumpriu nenhuma delas. — Agitou sua mão com longos dedos —. Oh, a princípio pediu aos ixianos que investigassem o assunto. Também ofereceu uma generosa recompensa ao primeiro explorador que descobrisse pré-especiaria em planetas inexplorados. —

meteu a tâmara na boca, chupou seus dedos pegajosos e engoliu a fruta —.

Nada de nada.

— Nesse caso meu pai deveria aumentar a recompensa — disse Shaddam —. Não se esforçou o suficiente.

Fenring estudou suas unhas bem cortadas, e depois olhou para os olhos de Shaddam.

— Não será porque o velho Elrood não deseja considerar todas as alternativas necessárias?

— Ele é incompetente, mas não tão estúpido. Por que o faria?

— Imagine que alguém sugerisse utilizar os Bene Tleilax, por exemplo. Como única solução possível.

Fenring se apoiou contra uma coluna de pedra para observar a reação de Shaddam.

Uma expressão de asco cruzou o rosto do príncipe herdeiro.

— Os repugnantes Tleilaxu! Quem trabalharia com eles?

— Poderiam encontrar a resposta que procuramos.

— Não fala sério. Não se pode confiar nos Tleilaxu.

Recriou em sua mente a raça de pele cinzenta, cabelo grisalho e a pequena estatura, os olhos de contas, o nariz chato e os dentes afiados.

Mantinham-se afastados dos forasteiros, isolavam seus planetas centrais, cavavam uma sarjeta social em que pudessem mergulhar com prazer.

Entretanto, os Bene Tleilax eram verdadeiros feiticeiros genéticos Utilizavam métodos pouco ortodoxos e detestáveis do ponto de vista social, manipulavam carne morta ou viva, refugos biológicos. Graças a seus misteriosos mas poderosos contêineres de *axlotl* podiam cultivar clones de células vivas e *gholas* de mortos. Um aura escorregadia e furtiva rodeava os Tleilaxu. Como alguém podia levá-los a sério?

— Pense nisso, Shaddam. Por acaso não são os Tleilaxu professores da química orgânica e a mecânica celular, *hummmm*? — Fenring soprou

—. Graças a minha própria rede de espionagem, descobri que os Bene Tleilax, face à repugnância que despertam, desenvolveram uma nova técnica. Eu mesmo possuo... algumas de suas habilidades técnicas, e acredito que esta técnica Tleilaxu pode ser aplicada na produção de melange artificial... nossa própria fonte. — Cravou seus olhos brilhantes nos de Shaddam —. Ou não quer considerar todas as alternativas, e permitir que seu pai conserve o controle?

Shaddam se remexeu em seu assento, vacilante. Teria preferido estar jogando uma partida de bolaescudo. Não gostava de pensar naqueles seres anões. Os Bene Tleilax, fanáticos religiosos, eram muito reservados e não recebiam

convidados. Indiferentes à opinião que suscitavam em outros planetas, enviavam seus representantes para observar e assinar tratados do mais alto nível, oferecendo seus produtos únicos de bioengenharia. Corriam rumores de que nenhum forasteiro tinha visto uma mulher Tleilaxu. Nunca.

Pensou que deviam ser assombrosamente belas... ou incrivelmente feias.

Ao ver que o príncipe herdeiro estremecia, Fenring lhe apontou um dedo.

— Shaddam, não caia na mesma armadilha que seu pai. Como amigo e conselheiro, devo investigar possibilidades que passaram desapercebidas, *hummmm*? Esqueça esses sentimentos e pense na possível vitória se isto funcionar: uma vitória sobre o *Landsraad*, a Corporação, a CHOAM e a maldita Casa Harkonnen. É divertido pensar que todas as argúcias empregadas pelos Harkonnen para apoderar-se de Arrakis depois da queda de Richese não lhes terão servido de nada.

Sua voz adquiriu um tom mais untuoso, mais razoável.

— Qual o problema se tivermos que fazer um trato com os Tleilaxu, se com isso a Casa Corrino acabar com o monopólio da especiaria e estabelecer uma fonte independente?

Shaddam olhou para ele, dando as costas para a máquina de ensinar.

— Tem certeza disso?

— Não, não tenho — replicou Fenring —. Ninguém terá certeza até que se consiga. Mas ao menos temos que considerar a idéia, lhe dar uma oportunidade. Do contrário, alguém o fará... Inclusive até os Bene Tleilax.

Temos que fazê-lo por nossa própria sobrevivência.

— O que acontecerá quando meu pai descobrir? — perguntou Shaddam —. A idéia não o agradará.

O velho Elrood nunca pensava por si só e o *chaumurky* de Fenring já tinha começado a fossilizar seu cérebro. O imperador sempre tinha sido um patético peão, manipulado por forças políticas. Talvez o abutre senil tivesse feito um trato com a Casa Harkonnen para lhes confiar o controle da produção de especiaria.

Não seria uma surpresa para Shaddam saber que o poderoso barão tinha o velho Elrood preso por pés e mãos. A Casa Harkonnen era fabulosamente rica, e seus meios de influência eram uma lenda.

Seria estupendo deixá-los de joelhos.

Fenring cruzou os braços.

— Posso conseguir que tudo isto aconteça, Shaddam. Tenho contatos. Posso trazer aqui um representante dos Bene Tleilax sem que ninguém saiba. Pode defender nosso caso perante a Corte Imperial, e se seu pai o rechaçar, talvez averigüemos quem controla o trono... O rastro estaria fresco. Ponho a maquinaria em marcha, *hummmm*?

O príncipe herdeiro deu um olhar para a máquina de ensinar, que continuava dando aula para um aluno inexistente.

— Sim, sim, é claro — disse, impaciente agora que tinha tomado uma decisão —. Não percamos mais tempo. E pare de fazer esse ruído.

— Vai demorar um pouco para dispor todas as peças em seu lugar, mas o investimento valerá a pena.

Ouviu-se um longo gemido na habitação contigua, e depois um grito de êxtase, cada vez mais forte, até parecer que as paredes iam cair.

— Nosso professor aprendeu a agradar a sua pupila — disse Shaddam com um sorriso —. Ou possivelmente a vadia está fingindo.

Fenring riu e meneou a cabeça.

— Essa não era ela, meu amigo. Era a voz dele.

— Eu gostaria de saber que estão fazendo ali dentro — disse Shaddam.

— Não se preocupe. Tudo está gravado para que se divirta mais tarde. Se nosso amado professor colaborar conosco e não causar problemas, olharemos para nos divertir. Se, ao contrário, se tornar difícil, esperaremos até que seu pai tenha recebido como presente à nova concubina para seu prazer pessoal... e então passaremos ao imperador Elrood uma seleção destas imagens.

— E sairemos bem com a nossa — disse Shaddam.

— Exato, meu príncipe.

O planetólogo tem acesso a muitas fontes, dados e projeções.

Entretanto, suas ferramentas mais importantes são os seres humanos. Só cultivando a cultura ecológica entre o povo poderá salvar todo um planeta.

Pardot Kynes. O caso de Bela Tegeuse.

Enquanto recolhia notas para seu próximo relatório ao imperador, Pardot Kynes descobriu prova de sutis manipulações ecológicas.

Suspeitava dos Fremen. Que outros responsáveis podiam existir nos baldios de Arrakis?

Chegou à conclusão de que o número de habitantes do deserto era muito maior do que os Harkonnen supunham, e de que os Fremen alimentavam um sonho próprio... mas o planetólogo se perguntava se tinham desenvolvido um plano concreto para transformá-lo em realidade.

Enquanto meditava sobre os enigmas geológicos e ecológicos do planeta deserto, Kynes adquiriu a certeza de que estava a seu alcance insuflar vida naquelas areias calcinadas. Arrakis não era a pedra bruta morta que aparentava na superfície, mas sim uma semente capaz de dar frutos magníficos... desde que o meio ambiente recebesse os cuidados apropriados.

Os Harkonnen não iriam se incomodar. Embora governadores do planeta a décadas, o barão e sua corte caprichosa se comportavam como simples convidados, absolutamente dispostos a efetuar investimentos em Arrakis. Como planetólogo, tinha observado os sinais. Os Harkonnen estavam saqueando o planeta, despojavam-no de toda a melange possível sem pensar no futuro.

As maquinações políticas e as alternâncias de poder podiam desequilibrar as alianças com facilidade. dentro de poucas décadas, sem dúvida, o imperador entregaria o controle das operações relacionadas com a especiaria a outra Grande Casa. Fazer investimentos em Arrakis não beneficiava em nada os Harkonnen.

Pelo resto, muitos de seus habitantes eram pobres: contrabandistas, mercadores

de água, comerciantes a quem custaria pouco fechar o negócio e mudar-se para outro planeta. A ninguém interessavam os apuros do planeta. Arrakis não era mais que um recurso a espremer e desprezar.

Não obstante, Kynes pensava que os Fremen tinham outros planos.

Dizia-se que os solitários habitantes do deserto se aferravam a seus costumes. Durante sua longa história, tinham vagado de planeta em planeta, pisoteados e escravizados, antes de fundar seu lar em Arrakis, um planeta que chamavam Dune desde tempos remotos. Era a gente que se dedicava mais àquele lugar. Sofriam as conseqüências dos atos dos exploradores.

Se Kynes pudesse ganhar a colaboração dos Fremen, e se existiam felpas como ele suspeitava, poderiam realizar mudanças em grande escala.

Assim que tivesse acumulado dados suficientes sobre mapas climáticos, conteúdo atmosférico e flutuações sazonais, poderia desenvolver um calendário realista, um plano que transformaria Arrakis, em longo prazo, em um planeta verde. Poderia ser feito!

Fazia uma semana que tinha concentrado suas atividades ao redor da Muralha Escudo, uma enorme cordilheira que abrangia as regiões do pólo norte. A maioria dos habitantes se estabeleceram em terrenos rochosos e protegidos, de difícil acesso aos vermes, conforme acreditava.

Para examinar o território de perto, Kynes decidiu viajar sem pressa em um veículo terrestre individual. Rodeou a base da Muralha Escudo, tomou medidas e recolheu espécimes. Mediu o ângulo dos estratos das rochas para determinar o fenômeno geológico que tinha originado uma barreira montanhosa tão formidável.

Com o tempo e meticulosos estudos, até poderia encontrar capas de fósseis, massas de pedra calcária com conchas marinhas ou seres oceânicos primitivos petrificados, procedentes do passado do planeta, muito mais úmido. Até o momento, a sutil evidencia de água primitiva era visível para o olho treinado. Descobrir aquele substrato criptozóico seria a pedra angular de seu tratado, a prova incontestável de suas suspeitas...

Uma manhã, cedo, Kynes subiu em seu veículo, deixando rastros no chão erodido da muralha montanhosa. Naquela zona todos os povoados, do maior até

o mais humilde, estavam mapeados, sem dúvida para facilitar o pagamento de impostos e a exploração dos Harkonnen. Era uma sorte contar com esses mapas.

Chegou aos arredores de um lugar chamado *Windsack*, onde tinham instalado um posto de guarda e barracões para os soldados Harkonnen, que viviam em uma precária aliança com os moradores do deserto. Kynes continuou seu caminho sobre o terreno desigual. Enquanto cantarolava para si, examinou as paredes dos penhascos. O zumbido dos motores era como uma canção de berço, e se perdeu em seus pensamentos.

Depois, quando passou por um topo e rodeou um saliente rochoso, sobressaltou-se ao ver um combate desesperado. Seis soldados trajando os melhores ornamentos dos Harkonnen e providos de escudos corporais brandiam espadas cerimoniosas contra três jovens Fremen que tinham encurralado.

Kynes freou o veículo. A deplorável cena lhe recordou o tigre Laça bem alimentado que tinha visto em uma ocasião em Salusa Secundus, brincando com um pobre rato de terra. O tigre não necessitava de mais comida, só se divertia brincando de predador. Tinha encurralado o aterrorizado roedor entre umas rochas, arranhava-o com suas garras largas e curvas, abria feridas dolorosas e sangrentas, feridas não mortais, de propósito. O tigre Laça brincou com o rato durante vários minutos, enquanto Kynes observava com seus prismáticos de alta potência.

Aborrecido por fim, o tigre a decapitou com uma dentada e se afastou rebolando.

Em compensação, os três jovens Fremen opunham uma resistência muito mais feroz que o rato de terra, mas só contavam com facas e trajes destiladores. Os nativos do deserto não tinham a menor chance ante a capacidade militar e as armas dos soldados Harkonnen.

Mas não se renderam.

Os Fremen jogavam pedras com precisão, mas os projéteis ricocheteavam contra os escudos. Os Harkonnen riram e se aproximaram mais.

Kynes desceu de seu veículo, fascinado pela cena. Ajustou seu traje destilador, afrouxou as sujeições para gozar de mais liberdade de movimentos. Comprovou que usava a máscara bem posta, mas não fechada. De momento não sabia se devia observar de longe, como tinha feito com o tigre Laça, ou intervir de

alguma forma.

Havia dois soldados Harkonnen para cada Fremen, e se Kynes fosse defender os jovens só conseguiria sair ferido ou ser acusado de resistência às autoridades Harkonnen. Um planetólogo imperial não devia intrometer-se em incidentes locais.

Apoiou a mão na faca que levava no cinto. Em qualquer caso, estava preparado, mas esperava ver tão somente uma troca de insultos, ameaças, e talvez uma pequena refrega que terminaria ressentidamente e com algumas contusões.

Mas de repente a natureza do confronto mudou, e Kynes compreendeu sua estupidez. Não se tratava de um simples jogo, mas de uma briga muito séria. Os Harkonnen ansiavam por sangue.

Os seis soldados se lançavam sobre os Fremen, que não cederam terreno. Um deles caiu, sangrando por uma artéria do pescoço.

Kynes esteve a ponto de gritar, mas engoliu suas palavras quando uma neblina vermelha turvou sua visão. Enquanto viajava pelo planeta tinha imaginado grandiosos planos para utilizar os Fremen como uma ferramenta, um autêntico povo do deserto com o qual compartilhar idéias.

Pensava em utilizá-los como mão de obra para seu projeto de transformação ecológica. Seriam seus aliados e colaboradores entusiastas.

Agora, aqueles Harkonnen imbecis tentavam, sem motivo aparente, matar seus trabalhadores, as ferramentas com as quais ele pretendia transformar o planeta. Não podia permitir.

Enquanto o terceiro membro do grupo sangrava sobre a areia, os outros dois Fremen, armados só com facas, atacaram com uma ferocidade assombrosa.

— *Taqwa!1* — gritaram.

Dois Harkonnen caíram, e seus quatro camaradas não foram em sua ajuda com a velocidade necessária. Os soldados de uniforme azul, vacilantes, avançaram para os jovens.

Kynes, indignado pela patente injustiça dos Harkonnen, agiu guiado por um

impulso. Deslizou por trás dos soldados, com sigilo e rapidez.

Conectou seu escudo pessoal e desembainhou sua faca de ponta envenenada.

Durante os duros anos vividos em Salusa Secundus, tinha aprendido a usar aquele tipo de arma, e também a matar. Seus pais tinham trabalhado em uma das mais infames prisões do Império, e os ambientes que Kynes 1 *Literalmente: "o preço da liberdade. Algo de grande valor. O pedido de um deus a um mortal (e o medo provocado por este pedido). Assim consta na Terminologia do Império que Frank Herbert acrescentou ao seu primeiro DUNE. (N. Sel T.)*

tinha conhecido em suas explorações lhe tinham exigido com freqüência defender-se de temíveis predadores.

Não emitiu nenhum grito de batalha, porque isso teria dado acabado com o fator surpresa. Kynes segurava a arma embaixo. Não era muito valente mas sim impulsivo. Como se tivesse vontade própria, a faca atravessou pouco a pouco o escudo corporal do Harkonnen mais próximo, e se afundou para cima, até o osso. A lâmina penetrou sob a caixa torácica do homem, perfurou seus rins e cortou a coluna vertebral.

Kynes extraiu a faca, e a afundou no flanco de um segundo soldado Harkonnen. O escudo deteve a ponta envenenada um segundo, mas quando o Harkonnen se mexeu, Kynes lhe afundou a arma no abdômen, com a ponta para cima.

Dois Harkonnen tinham caído feridos mortalmente. Os dois sobreviventes contemplaram aturdidos aquela inesperada reviravolta nos acontecimentos, e uivaram de cólera. Afastaram-se um do outro, com a atenção concentrada em Kynes, embora os Fremen continuassem dando amostras de valentia, preparados para lutar com unhas e dentes se fosse necessário.

Os Fremen se lançaram sobre seus atacantes.

— *Taqwa*! — gritaram de novo.

Um dos Harkonnen lançou um cutilada mas Kynes se moveu com rapidez, encorajado pela vitória sobre suas duas primeiras vítimas.

Descreveu um arco com a faca, atravessou o escudo e cortou a garganta de seu atacante. Um *entrisseur*. O guarda deixou, cair a espada e levou as mãos ao

pescoço em uma tentativa inútil de conter a hemorragia.

O quinto Harkonnen mordeu o pó.

Enquanto os dois Fremen atacavam o único sobrevivente, Kynes se inclinou sobre o jovem ferido e falou.

— Fique calmo. Vou ajudá-lo.

O jovem tinha sangrado muito, mas Kynes levava um estojo de primeiros socorros no cinturão. Aplicou um cicatrizante na ferida do pescoço, e utilizou hipofrascos de plasma e estimulantes de alta potencia para manter o jovem vivo. Tomou o pulso: batimento regular.

Kynes verificou a gravidade da ferida e se espantou que o jovem não tivesse sangrado mais. Sem atendimento médico, teria morrido em poucos minutos, mas Kynes estava surpreso de que tivesse sobrevivido por tanto tempo. O sangue Fremen coagula com assombrosa rapidez. Outro dado para arquivar em sua memória. Um processo adaptado de sobrevivência para reduzir a perda de umidade no deserto mais seco?

— *Eeeeeaah*!

— *Nooo*!

Kynes levantou a vista para ouvir gritos de dor e terror. Os Fremen tinham arrancado os olhos do Harkonnen sobrevivente e agora se dedicavam a esfolá-lo lentamente. Guardaram partes de pele em bolsas que levavam junto ao quadril.

Kynes se levantou, coberto de sangue e ofegante. Depois de contemplar aquela crueldade começou a perguntar-se se tinha agido bem.

Aqueles Fremen eram iguais a animais selvagens. Tentariam matá-lo agora, mesmo depois do que tinha feito por eles? Era um completo desconhecido para aqueles jovens desesperados.

Observou e esperou, e quando os jovens terminaram sua tortura horrenda, olhou-os nos olhos e pigarreou antes de falar em *galach* imperial.

— Meu nome é Pardot Kynes, e sou o planetólogo imperial destinado para

Arrakis.

Reparou em sua pele manchada de sangue e decidiu não estender a mão para saudá-los. Talvez interpretassem mal o gesto.

— É um prazer. Sempre desejei conhecer os Fremen.

É mais fácil ser aterrorizado por um inimigo que se admira.

Thufir Hawat, Mentat e responsável pela segurança da Casa Atreides.

Oculto pelos grossos pinheiros, Duncan Idaho se ajoelhou sobre as agulhas suaves e sentiu um pouco de calor por fim. O ar frio da noite amortecia o aroma resinoso das árvores perenes, mas ao menos aqui estava protegido da brisa, afiada como navalha. Afastou-se o suficiente da cova para descansar. Só um momento.

Sabia que os caçadores Harkonnen não descansariam. Sentiriam-se mais motivados agora que tinha matado um deles. Possivelmente sintam mais prazer na caçada, pensou. Especialmente Rabban.

Duncan abriu o estojo de primeiros socorros que roubara do caçador e tirou um pequeno pacote de ungüento de novapele, que ao aplicar sobre o corte no ombro endureceu até formar uma atadura orgânica. Depois, devorou a ração nutritiva e guardou os pacotes nos bolsos.

Com a lanterna examinou o fuzil laser. Nunca tinha empunhado uma arma semelhante, mas tinha visto os guardas e caçadores usá-las. Embalou a arma e apalpou seus mecanismos e controles. Apontou o canhão para cima e tentou compreender seu funcionamento. Se queria lutar, tinha que aprender.

De repente, um raio branco saiu disparado para as taças das árvores.

Explodiram em chamas, e pedaços de agulhas fumegantes caíram como neve vermelha.

Assustado, Duncan deixou cair o fuzil e retrocedeu engatinhando, mas em seguida recolheu a arma e tentou memorizar a combinação de botões que tinha apertado.

As copas ardiam como uma fogueira e projetavam volutas de fumaça acre. Duncan voltou a disparar, mas desta vez apontou, para comprovar que podia utilizar o fuzil para defender-se. A arma pesada não fora feita para um menino, sobretudo com o ombro e as costelas doloridas, mas poderia utilizá-la. Tinha que fazê-lo.

Como sabia que os Harkonnen se precipitariam para a chama, Duncan correu em busca de outro lugar onde pudesse se esconder. Dirigiu-se a um terreno elevado, perto da borda do penhasco, para continuar observando as luzes dispersas dos caçadores. Sabia com exatidão quantos eram e a distância que os separava dele.

Como podem ser tão estúpidos, que nem sequer se escondem?, perguntou-se. Excesso de confiança... Era esse seu erro? Nesse caso, seria útil. Os Harkonnen esperavam que se moldasse ao seu jogo, para depois acovardar-se e morrer no momento preciso. Duncan teria que decepcioná-

los.

Talvez desta vez jogaremos a minha maneira.

Enquanto corria, se esquivava das manchas de areia e se mantinha afastado da vegetação ruidosa. Não obstante, a concentração de Duncan em seus perseguidores o distraiu de ver o perigo real. Ouviu um rangido de ramos atrás e por cima dele, o estalo dos arbustos, e a seguir um roçar de garras sobre a rocha, acompanhado de uma respiração pesada e rouca.

Não se tratava de um caçador Harkonnen, mas algum predador do bosque que farejava seu sangue.

Duncan se deteve e olhou para cima em busca de olhos que brilhassem nas sombras. Mas não se voltou para o afloramento rochoso que se projetava sobre sua cabeça até que ouviu um rosnado. À luz das estrelas, viu a silhueta agachada, de um cão selvagem, com o lombo arrepiado, as fauces abertas e as presas à mostra. Tinha os olhos cravados em sua presa: um menino de carne tenra.

Duncan retrocedeu e disparou o fuzil. Errou, mas o raio desprendeu fragmentos de rocha. O predador uivou e retrocedeu. Duncan disparou de novo, e desta vez abriu um buraco em sua anca direita. O animal desapareceu na escuridão com um rugido de dor.

O grito do predador, assim como os disparos do fuzil, atrairiam os caçadores Harkonnen. Duncan pôs-se a correr de novo à luz das estrelas.

Rabban, com os braços cruzados, contemplou o cadáver de seu caçador, estendido junto à cova. O ardiloso menino o tinha atraído para uma armadilha. Muito engenhoso. Um pedra bruta jogada sobre suas costas e uma faca romo em sua garganta. O golpe de graça.

Rabban refletiu tentando analisar a provocação. Percebia o aroma acre da morte até no frio da noite. Não era isso o que desejava, uma provocação?

Um dos caçadores rastejou ao interior do oco e com sua lanterna iluminou as manchas de sangue e o localizador richesiano destroçado.

— Aqui está a explicação, meu senhor. O pirralho tirou o aparelho de rastreamento. — O caçador engoliu em seco —. Um menino muito esperto. Boa presa.

Rabban contemplou o cadáver por alguns momentos mais. A queimadura do sol ainda ardia em suas bochechas. Sorriu pouco a pouco, e por fim explodiu em sonoras gargalhadas.

— Um menino de oito anos, com apenas sua imaginação e um par de armas incompetentes acabou com um de meus melhores homens!

Riu de novo. Os outros o observaram com nervosismo.

— Esse menino é perfeito para a caçada — proclamou Rabban.

Depois, golpeou o cadáver com a ponta de sua bota —. E este inútil não merecia fazer parte de minha equipe. Deixem-no aqui para que apodreça.

Que os carniceiros dêem conta dele.

Então, dois dos rastreadores captaram chamas nas árvores, e Rabban apontou.

— Ali! O pirralho tenta esquentar as mãos. — Riu uma vez mais, e por fim seus homens o acompanharam —. Será uma noite muito emocionante.

De uma elevação Duncan esquadrinhava a distância, longe do pavilhão

custodiado. Uma luz piscou e se apagou, e quinze segundos depois reacendeu se apagou. Algum tipo de sinal que não procedia dos caçadores Harkonnen, muito afastados do pavilhão, do posto de guarda e das aldeias próximas.

A luz cintilou, e depois se fez a escuridão. Quem mais anda por aqui?

O Posto do Guarda Florestal era uma reserva exclusiva dos membros da família Harkonnen. Qualquer intruso era eliminado ou utilizado como presa em alguma caçada. Duncan olhou para a luz, que se apagava e acendia. Estava claro que se tratava de uma mensagem... Quem a estava enviando?

Respirou fundo e se sentiu pequeno mas desafiante em um mundo muito grande e hostil. Não tinha para onde ir nem a menor chance, mas até aquele momento tinha conseguido evitar os caçadores... Poderia resistir muito mais? Os Harkonnen não demorariam para chamar reforços, ornitópteros, localizadores vitais, e até mesmo animais farejadores que seguissem o aroma do sangue de sua camisa, como o cão selvagem tinha feito.

Duncan decidiu dirigir-se para as pessoas que emitiam os misteriosos sinais e confiar em sua sorte. Não esperava encontrar ninguém disposto a ajudá-lo, mas não renunciou à esperança. Talvez descobrisse algum meio de escapar, possivelmente como vagabundo.

Mas antes estenderia outra armadilha aos caçadores. Tinha imaginado algo que os surpreenderia, e lhe parecia me bastante simples. Se pudesse matar mais alguns perseguidores, suas chances de escapar aumentariam.

Depois de estudar as rochas, as manchas de neve e as árvores, escolheu o melhor ponto para sua segunda emboscada. Acendeu a lanterna e dirigiu o raio para o chão, para que nenhum olho sensível percebesse de longe seu brilho.

A distância que o separava de seus perseguidores não era muito grande. De vez em quando ouvia um grito, via os globos luminosos da partida que iluminavam seu caminho através do bosque, enquanto os rastreadores tentavam adivinhar o caminho que sua presa tomaria.

Duncan desejava que adivinhassem, mas jamais desconfiariam de suas intenções. Ajoelhou-se junto a uma depressão, introduziu a lanterna na neve e a afundou.

O brilho que se projetava através da neve era como água diluindo-se em uma esponja. Diminutos cristais de gelo refratavam a luz e aumentavam seu brilho, A depressão brilhava como uma ilha de luz.

Correu para o refúgio das árvores, com o fuzil pronto para disparar.

Estendeu-se sobre um tapete de agulhas de pinheiro, com cuidado de não apresentar o menor alvo, e depois apoiou o canhão do fuzil sobre uma pequena rocha.

E esperou.

Os caçadores apareceram, como era de prever, e Duncan pensou que os papéis haviam se invertido: agora ele era o caçador e eles a presa.

Apontou com os dedos tensos sobre o botão de disparo. Por fim, os caçadores chegaram ao alvo e deram voltas ao redor da depressão luminosa, tentando elucidar que significava aquilo.

Dois deles se voltaram para as árvores, como se temessem um ataque. Outros formavam silhuetas sob a luz espectral, alvos perfeitos, tal como Duncan tinha esperado.

Na retaguarda do grupo reconheceu um homem corpulento de porte autoritário. Rabban! Duncan pensou em seus pais brutalmente assassinados e disparou sem vacilar.

Mas nesse momento um dos exploradores se plantou em frente a Rabban para lhe comunicar seu relatório. O raio atravessou o homem, que caiu inerte.

Rabban reagiu com uma agilidade surpreendente para um homem de seu tamanho e se lançou para um lado, enquanto o raio surgia pelo peito do explorador e mergulhava na depressão. Duncan disparou de novo e atingiu um segundo caçador. Os outros começaram a disparar às cegas para as árvores.

Os próximos alvos de Duncan foram os globos luminosos.

Explodiram um após o outro, e os caçadores ficaram mergulhados na escuridão. Abateu mais dois, enquanto o resto se dispersava.

Como a carga do fuzil estava se esgotando, o menino retrocedeu para ocultar-se atrás da colina de onde tinha lançado seu ataque, e depois correu desesperadamente para a luz que tinha visto. Fosse o que fosse, era sua única chance.

Os Harkonnen ficariam desorientados e desorganizados durante alguns momentos. Sabendo que era sua última oportunidade, Duncan esqueceu toda precaução. Correu, escorregou colina abaixo, chocou-se contra as rochas, mas não dedicou tempo para sentir a dor dos arranhões e das contusões. Não podia esconder seu rastro, nem tampouco tentou.

Atrás dele, à medida que aumentava a distância, ouviu grunhidos afogados, assim como gritos dos caçadores: uma manada de cães selvagens os tinha atacado. Duncan sorriu e continuou para a luz que piscava de forma intermitente perto do bordo da reserva florestal.

Quando chegou por fim, correu para um claro. Descobriu um ornitóptero silencioso, um aparelho de alta velocidade que podia transportar vários passageiros. A luz provinha do teto do aparelho, mas Duncan não viu ninguém. Esperou em silêncio por alguns momentos e avançou com cautela. Uma nave abandonada? Eles a teriam deixado para ele? Uma armadilha dos Harkonnen? Mas por que iriam fazer isso? Já o estavam caçando. Ou se tratava de um salvador milagroso? Duncan Idaho tinha obtido muitas coisas naquela noite e já estava esgotado, aturdido por tantas mudanças em sua vida, mas tinha apenas oito anos e não sabia pilotar o aparelho, embora fosse sua única esperança de escapar. Mesmo assim, possivelmente encontraria provisões dentro, mais comida, outra arma...

Apoiou-se contra o casco, inspecionou a zona, sem fazer o menor ruído. A escotilha estava aberta mas o interior do misterioso ornitóptero se encontrava às escuras. Avançou com cautela e empunhando o fuzil.

Então, mãos surgidas das sombras lhe arrebataram a arma das mãos.

Duncan cambaleou para trás ao mesmo tempo em que reprimia um grito.

A pessoa que aguardava no interior do veículo lançou o fuzil sobre as pranchas da coberta e agarrou o menino pelos braços. Mãos ásperas apertaram a ferida em seu ombro, e Duncan lançou uma exclamação de dor.

Esperneou e se revolveu, e quando levantou a vista viu uma mulher de rosto amargurado, cabelo cor chocolate e pele escura. Reconheceu-a imediatamente: Janess Millam, a mesma que tinha estado a seu lado durante os jogos no jardim... pouco antes dos soldados Harkonnen capturarem seus pais e enviarem toda sua família para a cidade prisão de Barony.

Essa mulher o vendera para os Harkonnen.

Janess lhe tampou a boca antes que pudesse gritar e imobilizou sua cabeça com firmeza. Não podia escapar.

— Peguei você — disse com voz rouca.

Acabava de vendê-lo novamente.

Consideramos os diversos planetas como reserva genéticas, fontes de conhecimento e sonhos, fontes do possível.

Análise da Bene Gesserit, Arquivos de Wallach IX

O barão Vladimir Harkonnen era um perito em atos desprezíveis, mas o fato de ver-se obrigado àquela cópula turvava mais que qualquer vil situação em que tivesse participado. Desarmava-o completamente.

E além disso, por que a reverenda mãe tinha que comportar-se com tanta calma e presunção?

Despediu-se de seus guardas e funcionários, afim de eliminar todo possível espião da cidadela Harkonnen. Onde demônios está Rabban quando preciso dele? Caçando! Voltou para seus aposentos privados, com o estômago revirado.

Um nervoso suor molhava sua testa quando atravessou a arcada adornada, e conectou as cortinas de intimidade. Talvez se apagasse os globos luminosos e fingisse que fazia outra coisa...

Quando entrou, o barão experimentou grande alivio ao perceber que a bruxa não tirara a roupa nem se reclinara sedutoramente sobre os lençóis, à espera de sua volta. Estava sentada, vestida dos pés a cabeça, uma irmã da Bene Gesserit, mas com um insuportável sorriso de superioridade nos lábios.

O barão teve vontades de apagar aquele sorriso com um bofetão.

Respirou fundo, assombrado de que aquela bruxa o fizesse sentir-se tão indefeso.

— O máximo que posso lhes oferecer é um frasco com meu esperma

— disse tentando aparentar serenidade —. Fecunde a si mesma. Isso bastará para satisfazer seus propósitos. — Elevou seu queixo —. As Bene Gesserit terão que se conformar com isso.

— Não é possível, barão — disse a reverenda madre, sentada muito ereta sobre o divã —. Conhece as normas. Não criamos fetos em contêineres como os Tleilaxu. As Bene Gesserit têm de dar a luz mediante procedimentos naturais, sem intromissões artificiais, por motivos que é incapaz de compreender.

— Sou capaz de compreender muitas coisas — grunhiu ele.

— Isto não.

Tampouco tinha pensado que seu truque funcionasse.

— Necessitam do sangue Harkonnen. O que acha do meu sobrinho Glossu Rabban? Ou melhor ainda, seu pai, Abulurd. Vão a Lankiveil, e com ele engendrarão tantos filhos quantos quiserem. Não terão que ter tantos aborrecimentos.

— Inaceitável — disse Mohiam e lhe cravou um olhar frio. Seu rosto era comum mas implacável —. Não vim aqui negociar, barão. recebi ordens. Devo retornar a Wallach IX grávida de minha filha.

— Mas e se...

A bruxa levantou uma mão.

— Deixei muito claro o que acontecerá se discordar. Tome uma decisão. Conseguiremos nosso propósito de uma maneira ou outra.

De repente, sua habitação se transformou num lugar desconhecido e ameaçador para o barão. Ergueu os ombros, flexionou os bíceps. Embora fosse um homem musculoso, de corpo esbelto e reflexos rápidos, sua única escapatória parecia ser

submeter aquela mulher pela força. Não obstante, conhecia as habilidades combativas das Bene Gesserit, em especial seus métodos estranhos e ancestrais... e duvidou de quem sairia vitorioso.

Ela se levantou e cruzou a habitação com passos silenciosos, para sentar-se muito rígida na beira da cama desordenada do barão.

— Se lhe servir de consolo, este ato me satisfaz tão pouco quanto a você.

Contemplou o corpo bem torneado do barão, suas costas largas, seu peitoral firme e o abdômen liso. Seu rosto tinha uma expressão altiva, que indicava seu berço nobre. Em outras circunstâncias, Vladimir Harkonnen teria sido um amante aceitável, como os preparadores masculinos com quem a Bene Gesserit tinha emparelhado Mohiam durante seus anos férteis.

Já tinha dado oito filhos à escola Bene Gesserit, e todos tinham sido criados longe dela em Wallach IX ou em outros planetas de treinamento.

Mohiam nunca tinha tentado segui-los. A Irmandade não permitia.

Aconteceria o mesmo com a filha que teria do barão Harkonnen.

Como muitas irmãs bem treinadas, Mohiam possuía a capacidade de manipular suas funções corporais. Para chegar a reverenda madre tinha que conseguir alterar sua bioquímica mediante a ingestão de um veneno que aumentava os limites da consciência. Ao transmutar a droga mortal com seu corpo, mergulhou em suas linhagens anteriores, o que lhe permitia conversar com todas as suas antepassadas femininas, as vociferantes vidas interiores da Outra Memória.

Podia preparar seu útero, ovular à vontade, até escolher o sexo de seu filho no momento em que esperma e óvulo se uniam. As Bene Gesserit queriam uma filha, uma filha Harkonnen, e Mohiam a teria, tal como lhe tinham ordenado.

Como só conhecia poucos detalhes dos numerosos programas de reprodução, Mohiam não entendia por que as Bene Gesserit necessitavam daquela combinação de genes em particular, por que a tinham selecionado para gerar a menina e por que nenhum outro Harkonnen podia produzir uma descendência adequada aos interesses da Bene Gesserit. Só estava cumprindo seu dever. Para ela, o barão era uma ferramenta, um doador de esperma que devia resignar-se a seu papel.

Mohiam recolheu a saia escura e se estendeu sobre a cama, ao mesmo tempo em que olhava para ele.

— Venha, barão, não percamos mais tempo. Afinal, isso não é grande coisa. — Seu olhar desceu para a virilha do barão.

Quando ele avermelhou de raiva, ela continuou em voz baixa.

— Possuo a capacidade de aumentar seu prazer ou de atenuá-lo. Em qualquer caso, os resultados serão os mesmos. — Sorriu com seus lábios magros —. Pense nas reservas de melange que poderão conservar sem que o imperador saiba. — Sua voz se endureceu —. Por outra parte, tente imaginar a reação do velho Elrood contra a casa Harkonnen se descobrir que o enganaram desde o primeiro momento.

O barão franziu o sobrecenho e avançou para a cama. Mohiam fechou os olhos e murmurou uma bênção Bene Gesserit, uma oração para acalmar-se e concentrar suas funções corporais em seu metabolismo interno.

O barão estava mais enojado que excitado. Não suportava a visão da forma nua de Mohiam. Por sorte, ela conservava quase toda a roupa, assim como ele.

A mulher o manipulou até conseguir uma ereção, e Vladimir manteve os olhos fechados durante todo o ato mecânico. Não havia outra alternativa que não fosse fantasiar sobre conquistas anteriores, a dor, o poder... algo para afastar sua mente do repugnante e incompetente ato da cópula entre homem e mulher.

Não se tratava de fazer amor, nem muito menos, mas sim de um aborrecido ritual entre dois corpos com o objetivo de trocar material genético. Nem mesmo desfrutaram dele sexualmente.

Mas Mohiam conseguiu o que desejava.

Piter De Vries se plantou em silêncio frente a sua janela privada de observação. Como *Mentat*, tinha aprendido a deslizar como uma sombra, a ver sem ser visto. Uma antiga lei da física afirmava que o mero ato de observação mudava os parâmetros. Qualquer bom *Mentat* sabia contemplar uma cena como se fosse invisível, sem que as pessoas sujeitas a seu escrutínio percebessem conta.

De Vries tinha presenciado com freqüência as travessuras sexuais do barão. Às vezes os atos o repugnavam, em outras ocasiões o fascinavam...

mas muito poucas vezes lhe proporcionavam idéias.

Agora, mantinha os olhos colados aos diminutos orifícios de observação, absorvendo os detalhes, enquanto o barão se via forçado a copular com a bruxa Bene Gesserit. A cena lhe pareceu muito divertida, e sentiu prazer com o

desconcerto do homem. Nunca tinha visto o barão superado pelos acontecimentos. Oh, oxalá tivesse tido tempo de gravar a cena, para deleitar-se com a cena outras vezes.

Assim que a mulher anunciou suas exigências, De Vries soube qual seria o desenlace. O barão se transformou no peão perfeito, apanhado sem remissão, sem a menor possibilidade de escolha.

Mas por quê?

Inclusive com suas grandes destrezas de *Mentat*, De Vries não conseguia compreender o que a Irmandade desejava da Casa Harkonnen ou de sua descendência. A combinação genética não podia ser tão espetacular.

Mas no momento, o *Mentat* se limitou a desfrutar do espetáculo.

Muitas invenções melhoraram de forma seletiva habilidades ou aptidões concretas, acentuaram um aspecto ou outro. Entretanto, nenhum conseguiu sequer roçar a complexidade ou adaptabilidade da mente humana.

Ikbhan, Tratado sobre a mente, Volume II

Leto se erguia ofegante junto a Zhaz, o capitão da guarda, na sala de treino do *Grand Palais*. O instrutor era um homem anguloso de cabelo castanho arrepiado, sobrancelhas povoadas e barba quadrada. Assim como seus tutelados, não vestia camisa, apenas calças curtas de luta. O cheiro de suor e metal aquecido impregnava o ar, mesmo com os esforços de um aparelho de extração de ar. Como quase todas as manhãs, o instrutor dedicava mais tempo a olhar que a lutar. Deixava que as máquinas de luta se ocupassem do trabalho.

Depois de seus estudos, Leto adorava a mudança de ritmo, o exercício físico, o desafio. Já tinha se adaptado a uma rotina, com base em horas de treinamento físico e mental de alta tecnologia, e mais horas dedicadas a visitar as instalações tecnológicas e receber instrução sobre filosofia mercantil. Começava a simpatizar com o entusiasmo de Rhombur, embora freqüentemente tivesse que ajudar o príncipe ixiano a entender conceitos difíceis. Rhombur não era curto de entendimento, mas desconhecia muitos assuntos práticos.

Cada três manhãs, os jovens saíam de suas salas-de-aula e se exercitavam na sala de treino automatizada. Leto agradecia o exercício e a descarga de adrenalina,

mas tinha a impressão de que Rhombur e o instrutor de combate consideravam esta atividade como algo antiquado, exigido só pelas lembranças bélicas do conde Vernius.

Leto e o capitão de cabelo arrepiado viram que o corpulento príncipe Rhombur atacava com uma lança dourada um polido *mek* de combate. Zhaz não lutava com seus tutelados. Acreditava que se as forças de segurança e ele cumprissem seu dever, nenhum membro da Casa Vernius teria que rebaixar-se jamais ao bárbaro combate corpo a corpo. Não obstante, colaborava na programação dos autômatos de combate autodidatas.

O *mek*, do tamanho de um homem, encontrava-se em posição de descanso, e consistia em um ovóide negro sem traços distintivos, sem braços, pernas, nem rosto. Entretanto, assim que começava o combate, o engenho ixiano gerava uma série de toscas proeminências e adaptava diversas formas, apoiando-se na informação de seus sensores, que lhe indicava a melhor forma de defender-se de um adversário. Podia projetar punhos de aço, facas, cabos de flexoaço e outras surpresas de qualquer ponto de seu corpo. Seu rosto mecânico podia desaparecer por completo ou mudar de expressão, de uma estupidez destinada a enganar o inimigo até uma alegria diabólica, passando por um olhar feroz. O *mek* interpretava e reagia, aprendia a cada passo.

— Lembrem-se, nada de movimentos regulares — gritou Zhaz para Rhombur. Sua barba se sobressaía como uma pá de seu queixo —. Não deixe que ele calcule suas intenções.

O príncipe se agachou quando dois dardos romos passaram sobre sua cabeça. Uma faca surpresa lançada pelo *mek* causou um fio de sangue no ombro do jovem. Face à ferida, Rhombur fez uma finta e atacou, e Leto se sentiu orgulhoso de que seu colega real não gritasse de dor.

Rhombur tinha pedido conselho a Leto em várias ocasiões, inclusive críticas sobre seu estilo de lutar. Leto respondeu com sinceridade, mas sem esquecer que não era um instrutor profissional, e tampouco queria revelar muito sobre as técnicas Atreides. Rhombur as aprenderia com o Thufir Hawat, o professor de armas do velho duque.

A ponta da espada do príncipe encontrou um ponto fraco no corpo negro do *mek*, e este caiu morto.

— Muito bem, Rhombur! — gritou Leto.

Zhaz assentiu.

— Muito melhor.

Leto tinha lutado duas vezes com o *mek n* aquele dia, e o derrotara em cada ocasião, com um grau de dificuldade superior ao utilizado pelo príncipe Rhombur. Quando Zhaz perguntou a Leto como tinha adquirido aquela destreza, o jovem Atreides se mostrou esquivo, porque tampouco desejava se vangloriar. Entretanto, agora tinha provas de que o método de treinamento Atreides era superior, face à arrepiante quase inteligência do *mek*. A preparação de Leto incluía facas, punhais, atordoantes de balas lentas e escudos corporais, e Thufir Hawat era um instrutor muito mais perigoso e imprevisível que qualquer autômato.

Enquanto Leto agarrava sua arma e se preparava para o próximo combate, as porta se abriram e Kailea entrou, coberta de jóias e de um cômodo vestido de fibra metálica cujo desenho parecia calculado para dotá-

la de um aspecto esplêndido mas informal. Carregava um punção e um caderno gravador riduliano. Arqueou as sobrancelhas e fingiu surpresa ao encontrá-los na sala.

— Oh! Perdoem-me. Vim dar uma olhada no desenho do *mek*.

A filha dos Vernius estava acostumada a distrair-se com passatempos intelectuais e culturais, além de estudar comércio e arte. Leto não conseguia afastar os olhos dela. Em certos momentos os olhos da moça pareciam flertar com ele, mas quase sempre o ignorava com tal intensidade, que Leto suspeitava que compartilhava a mesma atração que ele.

Durante o tempo em que estava no *Grand Palais*, Leto tinha cruzado com ela na sala de jantar, nas galerias de observação ao ar livre e em bibliotecas. Tinha respondido com fragmentos de conversa desajeitada.

Além do brilho sugestivo de seus belos olhos verdes, Kailea não o tinha incentivara de nenhuma outra forma, mas Leto não conseguia parar de pensar nela.

Não é mais que uma menina brincando de dama, lembrou-se Leto.

Pena que não pudesse convencer sua imaginação disso. Kailea acreditava que estava destinada a um futuro muito mais glorioso que viver no subsolo de IX. Seu pai era um herói de guerra, o chefe de uma das Grandes Casas mais ricas, e sua mãe tinha sido concubina imperial devido a sua grande beleza, e a moça tinha uma cabeça excelente para os negócios. Era evidente que Kailea Vernius contava com um sem-fim de possibilidades.

A moça concentrou toda sua atenção no ovóide cinza imóvel.

— Convenci nosso pai a pensar na possibilidade de comercializar nossos *meks* de combate de última geração. — Examinou a máquina de treinamento, mas olhava para Leto com a extremidade do olho, tomava nota de seu perfil elegante —. Nossos aparelhos de combate são os melhores, reguláveis, versáteis e autodidatas. O mais próximo de um adversário humano que se desenvolveu desde o Jihad.

Leto sentiu um calafrio, e pensou em todas as advertências de sua mãe. Se estivesse presente, estaria apontando um dedo acusador e assentiria satisfeita. Leto olhou para o ovóide.

— Está dizendo que esta coisa tem cérebro?

— Por todos os Santos e pecadores, insinua que violamos as restrições impostas depois da Grande Revolução? — replicou o capitão Zhaz, estupefato —. “Não construirá uma máquina a semelhança da mente humana.”

— Somos muito, *er*, cuidadosos com isso, Leto — disse Rhombur, enquanto secava o suor da nuca com uma toalha púrpura —. Não há nada com que se preocupar.

Leto não se conformou.

— Bem, se o *mek* escanear as pessoas, se as prevê, como você disse, como processa a informação? Senão mediante um cérebro eletrônico, como? Isto não é só um aparelho sensível. Aprende e adapta seus ataques.

Kailea tomou notas no caderno de cristal e dominou um dos cachos dourados de seu cabelo acobreado escuro.

— Há muitas zonas cinzentas, Leto, e se agirmos com cautela a Casa Vernius obterá tremendos benefícios. — Passou um dedo por seus lábios curvos —. De qualquer modo, o melhor séria oferecer alguns modelos sem marca no mercado negro, afim de sondar as perspectivas.

— Não se preocupe, Leto — disse Rhombur, para encerrar o tema incômodo. Gotas de suor caiam de seu cabelo loiro e sua pele estava avermelhada por causa do esforço —. A Casa Vernius conta com equipes de *Mentats* e conselheiros legais que examinam a lei até o último detalhe.

— Olhou para sua irmã para que o apoiasse.

Ela assentiu com ar ausente.

Em alguma das sessões de instrução recebidas no *Grand Palais*, Leto tinha aprendido sobre disputas de patentes interplanetárias, tecnicismos menores, regras sutis. Os ixianos tinham descoberto uma forma substancialmente diferente de utilizar aparelhos mecânicos para processar dados, uma forma que não conjurava o espectro das máquinas pensantes, como as que tinham escravizado à humanidade durante tantos séculos? Não entendia como a Casa Vernius podia ter criado um *mek* de combate autodidata, sensível e regulável sem ter violado a proibição da Jihad.

Se sua mãe soubesse, ordenaria que voltasse para casa, por mais que seu pai se opusesse.

— Vamos ver se é um produto tão bom como diz — disse Leto.

Agarrou uma arma e deu as costas a Kailea. Sentiu os olhos da jovem cravados em seus ombros nus, nos músculos de suas costas. Zhaz retrocedeu para ver melhor.

Leto passou a lança de uma mão para a outra, adotou uma posição de combate clássica e gritou para a forma oval um grau de dificuldade.

— Sete ponto vinte e quatro!

Oito pontos mais alta que antes.

O *mek* não se moveu.

— Muito alta — disse o professor de treinamento, e adiantou sua mandíbula barbada —. desconectei os níveis altos por causa de sua periculosidade.

Leto franziu o cenho. O instrutor de combate não queria que seus estudantes sofressem o menor percalço. Thufir Hawat teria rido dessa presunção.

— Pretende se exibir para a jovem dama, *maese* Atreides? Poderia acabar morto.

Olhou para Kailea, que também o observava mas com uma expressão zombeteira. Baixou a vista para o caderno riduliano e riscou mais algumas cifras. Leto se ruborizou. Zhaz agarrou uma toalha de uma prateleira e a lançou para Leto.

— A sessão terminou. As distrações deste tipo não são boas para seu treinamento, e podem causar feridas graves. — voltou-se para a princesa

—. Lady Kailea. Peço-lhe que não entre na sala de treinamento quando Leto Atreides estiver combatendo com nossos *meks*. Muitas hormônios soltos no ar! — O capitão da guarda não podia dissimular sua diversão —.

Sua presença poderia ser mais perigosa que a de qualquer inimigo.

Temos que fazer uma coisa em Arrakis que jamais se tentou em escala planetária. Temos que utilizar o homem como uma força ecológica construtiva, introduzindo vida terraformada e adaptada: uma planta aqui, um animal ali, um homem em tal lugar, afim de transformar o ciclo da água e construir um novo tipo de paisagem.

Relatório do planetólogo imperial

Pardot Kynes, dirigido ao imperador Padishah Elrood IX (não enviado)

Quando os Fremen manchados de sangue pediram a Pardot Kynes que os acompanhasse, já não sabia se era seu convidado ou, ao contrário, seu prisioneiro. Em qualquer caso, a perspectiva o intrigava. Por fim teria a oportunidade de experimentar em pessoa sua misteriosa cultura.

Um dos jovens transportou seu companheiro ferido até o pequeno veículo terrestre de Kynes. O outro Fremen esvaziou os compartimentos posteriores das amostras geológicas que tanto lhe tinham custado recolher, afim de deixar local.

O planetólogo estava muito estupefato para protestar.

Além disso, não queria contrariar aquela gente. Queria aprender muito mais sobre eles.

Em questão de momentos guardaram os cadáveres dos soldados Harkonnen nos recipientes, com algum propósito ignorado. Talvez uma profanação ritual de seus inimigos. Descartou a improvável possibilidade de que os jovens queriam enterrar os mortos. Ocultam os cadáveres pelo temor de represálias? Isso tampouco o convencia, não se encaixava com o pouco que sabia sobre os Fremen. Eles os levam para obter algo, talvez a água de suas malhas?

Então, sem perguntar, sem agradecer nem fazer comentários, o primeiro Fremen se afastou a toda velocidade no veículo, com seu companheiro ferido e os cadáveres dos soldados. Kynes o viu partir, junto com seu equipamento de sobrevivência no deserto e os mapas, incluídos muitos que ele tinha esboçado.

Ficou sozinho com o terceiro jovem. Guardião ou amigo? Se os Fremen pretendiam abandoná-lo sem provisões, não demoraria para morrer. Possivelmente poderia orientar-se e voltar a pé para o povoado de *Windsack*, mas tinha prestado pouca atenção à convocação dos centros de população durante suas recentes vadiagens. Um final ingrato para um planetólogo imperial, pensou.

Ou talvez os jovens que tinha salvado queriam algo mais dele.

Devido aos sonhos que tinha forjado para o futuro de Arrakis, Kynes desejava conhecer os Fremen e seus costumes heterodoxos. Aquela gente representava um valioso tesouro, oculto dos olhos imperiais. Pensou que lhe dariam boas-vindas entusiásticas quando lhes contasse suas idéias.

O jovem Fremen utilizou um pequeno jogo de emplastros para cobrir um rasgão na perna da calça do traje.

— Venha comigo — disse a seguir. voltou-se para uma muralha de rocha que se elevava a pouca distância —. Siga-me, ou morrerá aqui. —

Dirigiu-lhe um breve olhar com seus olhos anil —. Acha que os Harkonnen demorarão muito em querer vingar seus mortos? — ironizou.

Kynes correu para ele.

— Espere! Você ainda não me disse seu nome.

O jovem olhou para ele de uma maneira estranha. Tinha as íris e as córneas azuis, o que revelava um longo vício em especiaria, e uma pele curtida pelas intempéries que o fazia parecer mais velho.

— Vale a pena trocar nomes? Os Fremen já sabem quem você é.

Kynes piscou.

— Bem, acabo de salvar sua vida, a sua e a de seus companheiros.

Isso não é importante para seu o povo? Na maioria das sociedades é.

O jovem se sobressaltou, mas pareceu resignar-se.

— Tem razão. Você forjou um vínculo de água entre nós. Me chamo Turok. Bem, temos que ir.

Um vínculo de água? Kynes seguiu seu acompanhante.

Turok subiu pelas rochas em direção à parede vertical. Kynes o seguia como melhor podia. Só quando se aproximaram o planetólogo observou uma descontinuidade nos estratos, uma fenda que partia a rocha levantada, formando uma fissura camuflada pelo pó e cores apagadas.

O Fremen mergulhou nas sombras da rachadura com a velocidade de um lagarto do deserto. Kynes seguiu a bom passo, picado pela curiosidade e angustiado pela possibilidade de se perder. Esperava conhecer mais Fremen e aprender seus costumes. Nem sequer perdeu tempo em pensar que talvez Turok o conduzisse a uma armadilha. Do que serviria? O jovem poderia tê-lo matado com facilidade em qualquer momento.

Turok se deteve para que Kynes o alcançasse. Apontou para lugares concretos na parede que se elevava perto.

— Aqui, aqui e aqui.

Sem esperar para ver se seu acompanhante tinha entendido, o jovem apoiou os pés nos lugares indicados.

Apoios para mãos e pés quase invisíveis. O jovem subiu pela parede, e Kynes tentou imitá-lo. Parecia que Turok estava brincando com ele, ou possivelmente o testando.

Mas o planetólogo o surpreendeu. Não era um burocrata repleto de água nem um inepto. Como tinha explorado e percorrido os planetas mais duros do Império, estava em boa forma.

Kynes não ficou para trás, e utilizou as pontas dos dedos para içar seu corpo. Momentos depois, o rapaz Fremem parou e se agachou sobre um saliente estreito. Kynes se sentou a seu lado e procurou não ofegar.

— Aspire pelo nariz e espire pela boca — disse Turok —. Seus filtros são mais eficazes assim. Acho que conseguirá chegar ao *sietch*.

— O que é um *sietch*? — perguntou Kynes. Reconheceu vagamente o antigo idioma *Chakobsa*,2 mas não tinha estudado sua arqueologia ou fonética. Sempre o considerara irrelevante para seus estudos científicos.

— Um lugar secreto onde refugiar-se. Ali vive meu povo.

— Quer dizer que é sua casa?

— O deserto é nossa casa.

— Desejo muito falar com os seus — disse Kynes e, incapaz de conter seu entusiasmo, completou —: Formei certas opiniões sobre este planeta e também desenvolvi um plano que talvez os interesse, que possivelmente interesse a todos os habitantes de Arrakis.

— Dune — replicou o Fremen —. Só os imperiais e os Harkonnen chamam a este lugar de Arrakis.

— De acordo. Que seja Dune.

No coração das rochas um Fremen velho e grisalho, caolho de um olho aguardava. A órbita vazia estava coberta por uma massa enrugada de pálpebras flexíveis. *Naib* do *sietch* Fremen, Heinar também tinha perdido dois dedos em um duelo com facas *crys*, quando era jovem. Mas tinha sobrevivido, e seus inimigos não.

Heinar demonstrara ser um líder severo mas competente. Com os anos, o *sietch* tinha prosperado, a população não tinha diminuído e suas reservas ocultas de água aumentavam com cada ciclo das luas.

Na caverna que servia de enfermaria, duas anciãs atendiam o imprudente Stilgar, o jovem ferido que tinha chegado em um veículo terrestre momentos antes. As anciãs checaram a bandagem que o forasteiro tinha aplicado, e a melhoraram com alguns de seus medicamentos. As bruxas conferenciaram entre si e depois assentiram para o líder do *sietch*.

— Stilgar viverá, Heinar — disse uma delas —. A ferida seria mortal se não tivesse sido atendido imediatamente. O forasteiro o salvou.

— O forasteiro salvou um louco irresponsável — disse o *naib* com a vista cravada no jovem estendido na cama de armar.

Durante semanas tinham chegado aos ouvidos de Heinar informes preocupantes sobre um forasteiro. Agora, esse homem, Pardot Kynes, era 2 *Chamada de "linguagem magnética", derivada em parte do antigo Bhotani. Um compêndio de antigos dialetos modificados pela necessidade de conservar o segredo, mas principalmente a linguagem de caça dos Bhotani, assassinos mercenários da Primeira Guerra de Assassinos (segundo a Terminologia do Império do Dune). (N. do E.)*

conduzido até o *sietch* por uma rota diferente, através de passadiços de rocha. As ações do forasteiro eram desconcertantes. Um servidor imperial que matava Harkonnen?

Ommun, o jovem Fremen que tinha acompanhado Stilgar até o *sietch*, esperava angustiado junto ao seu amigo ferido nas sombras da cova.

Heinar olhou para o jovem, e deixou que as mulheres continuassem atendendo seu paciente.

— O que íamos fazer, Heinar? — Ommun parecia surpreso—. Eu necessitava do seu veículo para trazer Stilgar aqui.

— Podia ter pego o veículo terrestre e todas as posses desse homem, e doado sua água para a tribo — disse o *naib* em voz baixa

— Ainda podemos fazê-lo — disse uma das mulheres com voz áspera, — assim que Turok chegar com ele.

— Mas o forasteiro atacou e matou os Harkonnen! Nós três teríamos morrido se não fosse por sua intervenção — insistiu Ommun —. Por acaso não se diz que o inimigo de meu inimigo é meu amigo?

— Não confio na lealdade deste indivíduo, e nem sequer a entendo

— disse Heinar, enquanto cruzava seus robustos braços sobre o peito —.

Sabemos quem é, é obvio. O forasteiro foi enviado pelo Império. Dizem que é planetólogo. Está em Dune porque os Harkonnen se viram obrigados a lhe permitir trabalhar, mas só responde ao imperador... se é que responde para alguém. Há muitas perguntas sem resposta a respeito dele.

Heinar se sentou em um banco de pedra esculpido na parede. Uma tapeçaria de fibras trançadas pendia sobre a abertura da porta, o que proporcionava uma escassa intimidade. Os habitantes do *sietch* tinham aprendido que a intimidade estava na mente, não no ambiente.

— Falarei com este Kynes e descobrirei o que quer de nós, por que defendeu três jovens estúpidos e despreocupados contra um inimigo que não o incomodava. Depois, levarei o assunto ao Conselho de Anciões e eles decidirão. Temos que adotar as medidas que mais beneficiem o *sietch*.

Ommun tragou engoliu em seco e recordou a valentia com que Kynes tinha lutado contra os soldados. Não obstante, seus dedos deslizaram até a bolsa guardada em seu bolso, para contar as medidas de água que continha, anéis de metal que indicavam a riqueza acumulada que tinha na tribo.

Se os anciões decidissem matar o planetólogo, Turok, Stilgar e ele dividiriam o tesouro de água em partes iguais, junto com a recompensa pelos seis Harkonnen mortos.

Quando Turok o guiou por fim através das aberturas dissimuladas e uma porta, e entraram no *sietch* propriamente dito, Kynes imaginou o lugar como uma cova de infinitas maravilhas. Os aromas eram densos e impregnados de humanidade. Aromas de vida, da população encerrada, a comida, dejetos ocultos, até mesmo da morte aproveitada através de procedimentos químicos. Confirmou suas

suspeitas de que os jovens Fremen não haviam roubado os corpos dos Harkonnen para realizar alguma espécie de mutilação supersticiosa, mas que pretendiam se apoderar da água de seus corpos. Do contrário os teriam abandonado...

Kynes tinha suposto que, quando encontrasse por fim um povoado Fremen, este seria primitivo, sem comodidades. Mas ali, nessa gruta secreta, com covas laterais, passadiços de lava e túneis que se estendiam como uma rede através da montanha, Kynes percebeu que o povo do deserto vivia de uma forma austera mas confortável. Os aposentos rivalizavam com aqueles que os funcionários Harkonnen na cidade de Carthag desfrutavam. E eram mais ecológicos.

Enquanto Kynes seguia a seu jovem guia, sua atenção saltava de uma visão fascinante a outra. Magníficas tapeçarias tecidas a mão cobriam partes do chão. Almofadões e mesas baixas feitas de metal e pedra polida adornavam as habitações laterais. Os artigos de madeira extra planetária eram escassos e muito antigos: um verme de areia esculpido e um jogo de mesa fabricado de marfim ou osso.

Uma máquina antiga reciclava o ar do *sietch*, e impedia que escapasse a menor umidade. Percebeu o penetrante aroma de canela da especiaria bruta, como incenso, mas que dissimulava o fedor de corpos suados em estadias estreitas.

Ouviu vozes de mulheres e crianças, e o pranto de um menino, sempre em voz baixa. Os Fremen falavam entre si e olharam para o forasteiro com desconfiança quando passou acompanhado de Turok.

Alguns anciões lhe dedicaram olhares maliciosos. Sua pele parecia ressecada e acartonada. Todos os olhos eram azuis.

Por fim, Turok indicou a Kynes que se detivesse no interior de uma ampla sala de reuniões, uma cripta natural dentro da montanha. A gruta contava com espaço suficiente para albergar centenas de pessoas em pé.

Além disso, bancos e galerias subiam em ziguezague até os muros de apoio. Quanta gente vive neste *sietch*? Kynes ergueu a vista para um balcão elevado, talvez uma tribuna para discursos.

Ao fim de um momento, um orgulhoso ancião se adiantou e olhou com desdém para o visitante. O homem só tinha um olho e se movia com o porte de um líder.

— Este é Heinar — sussurrou Turok em seu ouvido —, o *naib* de nosso *sietch*.

Kynes ergueu uma mão em saudação.

— É um prazer conhecer o líder desta prodigiosa cidade —

proclamou.

— Que quer de nós, homem do Império? — perguntou Heinar, inflexível. Suas palavras ressonaram como aço contra a pedra.

Kynes respirou fundo. Tinha esperado esta oportunidade durante muitos dias. Para que perder tempo? Quanto mais demoravam os sonhos em materializar-se, mais difícil seria transformá-los em realidade.

— Sou Pardot Kynes, planetólogo do imperador. Tive uma visão, senhor, um sonho para você e para seu povo. Desejo compartilhá-lo com todos os Fremen, se me escutarem.

— É melhor escutar o vento quando atravessa um arbusto de creosoto que perder tempo com as palavras de um néscio — replicou o líder do *sietch* com autoridade, como se se tratasse de um velho adágio daquele povo.

Kynes olhou para ele e, com a esperança de causar boa impressão, replicou:

— Mas se alguém se nega a escutar palavras de verdade e esperança, quem é mais néscio?

O jovem Turok afogou uma exclamação. Alguns curiosos que observavam a cena de corredores laterais olharam para Kynes com os olhos arregalados, assombrados de que falasse com seu *naib* com tanta audácia.

O rosto de Heinar se endureceu. encolerizou-se e imaginou o planetólogo degolado no chão da caverna. Apoiou a mão sobre o cabo de sua faca.

— Põe em dúvida minha liderança?

O *naib* desembainhou a folha curva e fulminou Kynes com o olhar, mas ele não cedeu.

— Não, senhor. Ponho em dúvida sua imaginação. Vocês são valentes o bastante para realizar a tarefa, ou estão muito assustados para escutar o que tenho a dizer? — O líder do *sietch* continuava tenso. Kynes sorriu com expressão sincera —. É difícil falar com você enquanto estiver aí em cima, senhor.

Heinar deu um sorriso e contemplou sua faca.

— Uma vez desembainhado, o *crys* não pode ser guardado de novo sem provar sangue.

Fez um corte no antebraço, onde apareceu uma fina linha vermelha que se coagulou em segundos.

Os olhos de Kynes brilharam de entusiasmo, refletiram a luz projetada pelos cachos de globos luminosos flutuando na ampla sala de reuniões.

— Muito bem, planetólogo. Falará até que o fôlego se esgote em seus pulmões. Como seu destino ainda não está decidido, ficará no *sietch* até que o Conselho de Anciões decida o que fazer com você.

— Mas antes me escutarão — respondeu Kynes.

Heinar deu meia volta, afastou-se um passo do balcão elevado e falou sem se virar.

— É um homem estranho, Pardot Kynes. Um servidor imperial e um convidado dos Harkonnen. Por definição, é nosso inimigo. Mas também matou os cães Harkonnen. Nos colocou em um pequeno dilema!

O líder do *sietch* ordenou que preparassem uma habitação para aquele alto e curioso planetólogo, que seria seu prisioneiro e convidado ao mesmo tempo.

E enquanto se afastava Heinar pensou: Qualquer homem que deseje dizer palavras de esperança aos Fremen, depois de tantas gerações de sofrimentos e peregrinações... ou está louco ou é muito valente.

Acredito que meu pai só teve um verdadeiro amigo. Foi o conde Cachemir Fenring, o eunuco genético e um dos guerreiros mais implacáveis do império.

De Na casa de meu pai, pela princesa Irulan.

Mesmo da câmara mas alta do observatório imperial, o brilho da opulenta capital apagava o brilho das estrelas sobre Kaitain. Construído séculos antes pelo culto imperador Padishah Raphael Corrino, seus herdeiros recentes tinham utilizado pouco o observatório, ao menos não para seu propósito de estudar os mistérios do universo.

O príncipe herdeiro Shaddam percorria com passos breves o frio chão metálico, enquanto Fenring brincava com os controles de um estelarscopio de alta potencia. O eunuco genético cantarolava, e emitia sons insípidos e desagradáveis.

— Quer parar de fazer esses ruídos? — disse Shaddam —.

Concentre-se nas malditas lentes.

Fenring continuou cantarolando apenas mais baixo.

— As regulagens têm que conservar um equilíbrio muito preciso, *hummmm*? Prefere que o estelarscopio seja perfeito em vez de rápido.

Shaddam grunhiu.

— Não me perguntou o que preferia.

— Decidi por você. — Levantou-se e executou uma reverência de uma formalidade irritante —. Meu senhor príncipe, ofereço-lhe uma imagem da órbita. Veja com seus próprios olhos.

Shaddam aplicou o olho ao visor até que uma forma adquiriu uma definição surpreendente. A imagem oscilava entre uma resolução sem mácula e escuras ondulações provocadas pela distorção atmosférica.

O gigantesco Cruzeiro tinha o tamanho de um asteróide. Flutuava sobre Kaitain e aguardava a chegada de uma flotilha de naves pequenas vindas da superfície. Um leve movimento chamou a atenção de Shaddam, que divisou os brilhos de motores quando as fragatas separaram de Kaitain com diplomatas e emissários a bordo, seguidas por transportes repletos de artefatos e carregamento da capital imperial. As fragatas eram imensas, flanqueadas por esquadrilhas de naves menores, mas a curva do casco do Cruzeiro diminuía todo o resto.

Ao mesmo tempo, outras naves abandonaram o Cruzeiro e desceram para a capital.

— Delegações — disse Shaddam —. Trazem tributos a meu pai.

— Impostos, na realidade... De tributos, nada — assinalou Fenring

—. É a mesma coisa, em um sentido passado de moda, é obvio. Elrood ainda é seu imperador, *hummmm*?

O príncipe herdeiro o fulminou com o olhar.

— Mas durante quanto tempo mais? Seu maldito *chaumurky* vai demorar décadas? — Shaddam se esforçava por falar em voz baixa, embora geradores de ruído branco subsônicos distorcessem suas vozes para frustração de todos os aparelhos de escuta —. Não pôde encontrar um veneno diferente, mais rápido? A espera está me enlouquecendo! Quanto tempo já passou? Não durmo bem há um ano.

— Acredita que teríamos de ter planejado um assassinato mais rápido? Não é aconselhável. — Fenring voltou a postar-se ante o estelarscopio e ajustou os rastreadores automatizados para que seguissem a órbita do Cruzeiro —. Tenha paciência, meu senhor príncipe. Lembre-se que quando sugeri o plano, já tinha se resignado a esperar durante décadas.

Que são um ano ou dois, comparados com a longevidade de seu reinado, *hummmm*?

Shaddam afastou Fenring com uma cotovelada para não ter que olhar para seu cúmplice na conspiração.

— Agora que por fim pusemos o mecanismo em ação, aguardo com impaciência a morte de meu pai. Não me conceda tempo para refletir a respeito e me arrepender de minha decisão. Morrerei de impaciência antes de subir ao Trono do Leão Dourado. Eu estava destinado a reger os destinos do Império, Hasimir, mas alguns dizem que jamais gozarei dessa oportunidade. Até tenho medo de me casar e ter filhos, por culpa disso.

Se esperava que Fenring tentasse convencê-lo do contrário, seu amigo o decepcionou com um silêncio absoluto.

Fenring voltou a falar ao cabo de alguns segundos.

— O *n'kee* é um veneno lento por definição. Trabalhamos muito para levar a cabo nosso plano. Sua impaciência só pode prejudicá-lo. Uma ação mais precipitada despertaria suspeitas no Landsraad, *hummmm*?

Aferrariam-se a qualquer fio solto, a qualquer escândalo, para minar sua posição.

— Mas eu sou o herdeiro da Casa Corrino! — disse Shaddam, e baixou a voz até transformá-la em um sussurro rouco —. Como podem duvidar de meu direito?

— E sobe ao trono imperial com toda sua bagagem, todas suas obrigações, antagonismos passados e prejuízos. Não se engane, meu amigo.

O imperador é apenas uma força considerável entre muitas que formam a delicada malha de nosso Império. Se todas as Casas se aliassem contra nós, nem sequer as poderosas legiões Sardaukar de seu pai poderiam contê-las.

Ninguém se atreve a correr esse risco.

— Quando subir ao trono, tenho a intenção de fortalecer meu título.

Shaddam se afastou do estelarscopio.

Fenring meneou a cabeça com tristeza.

— Apostaria um porão de carga cheio de peles de baleia que quase todos os seus predecessores juraram o mesmo a seus conselheiros desde a Grande Revolução. — Respirou fundo e arqueou seus grandes olhos escuros —. Mesmo que o *n'kee* funcione como planejamos, resta um ano de espera, no mínimo... então é melhor se acalmar. Console-se com os crescentes sintomas de envelhecimento que vimos em seu pai. Incentive-o a beber mais cerveja de especiaria.

Shaddam, irritado, voltou para o aparelho e estudou as articulações do casco ao longo do Cruzeiro, a marca dos estaleiros ixianos e a sigla da Corporação Espacial. O hangar estava cheio de frotas de fragatas de diversas Casas, carregamentos atribuídos a CHOAM e preciosos registros destinados aos arquivos bibliotecários de Wallach IX.

— A propósito, a bordo do Cruzeiro viaja alguém interessante —

disse Fenring.

— Ah, sim?

Fenring cruzou os braços sobre seu peito estreito.

— Uma pessoa que aparenta ser um simples vendedor de arroz *pundi* e raiz de *chikarba*, a caminho de uma estação de trânsito Tleilaxu. Leva sua mensagem para os Amos Tleilaxu, sua proposta de se reunir com eles e negociar um investimento imperial secreto em um projeto de grande escala destinado a encontrar um substituto para a melange.

— Minha proposta? Eu não propus nada! — Uma expressão de asco cruzou a cara de Shaddam.

— *Hummmm*, creio que realmente o fez, meu príncipe. A possibilidade de utilizar os heterodoxos Tleilaxu não significa desenvolver uma especiaria sintética? Teve uma magnífica idéia! Mostre a seu pai como é preparado.

— Não me jogue a culpa, Hasimir. A idéia foi sua.

— Não quer receber o reconhecimento?

— Absolutamente.

Fenring arqueou as sobrancelhas.

— Você realmente pretende acabar com o monopólio de Arrakis e proporcionar à Casa Imperial uma fonte de melange particular e ilimitada, não é?

Shaddam sorriu.

— Claro que sim.

— Então traremos um Amo Tleilaxu em segredo para que presente sua proposta ao imperador. Logo saberemos até onde o velho Elrood pretende chegar.

A cegueira pode adotar muitas formas, além da incapacidade de ver. Seus pensamentos almejam cegar os fanáticos. Seus corações almejam cegar a todos os líderes.

Bíblia Católica Laranja

Durante meses, Leto tinha vivido na cidade subterrânea do Vernii como convidado de honra de IX. Já tinha se acostumado à singularidade de seu novo ambiente, à rotina e à confiante segurança ixiana, o suficiente para esquecer toda precaução.

O príncipe Rhombur sempre acordava tarde, enquanto Leto, justamente o contrário, era um madrugador como os pescadores de Caladan. O herdeiro Atreides vagava sozinho pelos edifícios similares a estalactites, aproximava-se das janelas de observação e contemplava os processos de desenho e manufaturas ou as cadeias de montagem. Aprendeu a utilizar os sistemas de trânsito e descobriu que o cartão de biopasse que o conde Vernius lhe dera abria muitas portas.

Leto aprendeu mais com suas vadiagens e sua voraz curiosidade que nas sessões pedagógicas com seus diversos professores. Como recordava o conselho do seu pai, que devia aprender de tudo, utilizava os tubos de ascensão autoguiado. Quando não havia nenhum disponível, acostumou-se às passarelas, os elevadores de carga ou as escadas que comunicavam os níveis entre si.

Uma manhã, depois de vagar descansado e inquieto, subiu até um dos átrios superiores e saiu para uma galeria de observação. Embora fossem fechadas hermeticamente, as cavernas de IX eram tão imensas que contavam com suas próprias correntes de ar, embora não resistissem a comparação com as torres do castelo e os penhascos açoitados pelo vento de seu lar. Respirou fundo. O ar sempre cheirava a pó de rocha. Ou talvez fosse sua imaginação?

Leto esticou os braços e olhou para a imensa gruta que tinha guardado o Cruzeiro da Corporação. Entre os restos do andaime e da maquinaria de apoio, distinguiu o esqueleto de outro imenso casco, soldado por equipes de subóides. Reparou que os habitantes dos níveis inferiores trabalhavam com a eficácia de insetos.

Uma plataforma de carga passou sob a galeria em sua descida gradual para a zona de trabalho. Leto se inclinou sobre o corrimão e viu que a superfície da plataforma estava carregada de minerais brutos arrancados da casca do planeta.

Guiado por um impulso, subiu sobre o corrimão e saltou sobre um montão de vigas e pranchas destinadas ao Cruzeiro. Supôs que encontraria uma forma de

subir de novo até os edifícios estalactite, utilizando seu cartão de biopasse e seu sentido da orientação. Um piloto, situado sob a plataforma, guiava a carga. Não pareceu reparar em seu passageiro inesperado, ou possivelmente não se importou.

Brisas frescas alvoroçaram o cabelo de Leto enquanto descia para a superfície. Pensou nos ventos dos oceanos e respirou fundo. Sob a imensa abóbada do teto sentiu uma liberdade que lhe recordou a beira do mar, e também uma dolorosa saudade das brisas oceânicas de Caladan, do bulício do mercado, das estentóreas gargalhadas de seu pai e até mesmo das preocupações de sua mãe.

Rhombur e ele passavam muito tempo confinados nos edifícios de IX, e Leto sentia falta da carícia do ar fresco e do vento frio em seu rosto.

Possivelmente pediria a Rhombur que o acompanhasse à superfície de novo. Os dois poderiam vagar pelos territórios desertos e contemplar o céu infinito, e Leto poderia estirar os músculos e sentir o calor do sol, em vez da iluminação holográfica desdobrada no teto da caverna.

Embora o príncipe ixiano não fosse um guerreiro comparável a Leto, tampouco era o típico menino mimado das Grandes Casa. Tinha interesses próprios, e gostava de colecionar rochas e minerais. Rhombur era afável e generoso, e muito otimista, mas não se devia interpretar mal seu caráter.

Por baixo daquela fachada aprazível havia uma fria determinação e desejo de se destacar em todas as atividades.

Na gigantesca gruta dedicada à fabricação os suportes e gruas elevadoras estavam sendo preparados para o novo Cruzeiro, que já estava tomando forma. Equipamento e maquinaria esperavam perto, e planos holográficos brilhavam no ar. Mesmo com todos os recursos e massas enormes de operários subóides, uma nave de tais características necessitava de quase um ano para sua construção. O custo de um Cruzeiro equivalia ao produto interno bruto de muitos planetas, de maneira que só a CHOAM e a Corporação podiam financiar projetos semelhantes, enquanto a Casa Vernius, como fabricante, recebia benefícios incríveis.

A dócil classe operária de IX superava em muito os administradores e nobres. No chão da gruta, portas baixas construídas na rocha sólida serviam de entrada para as moradias. Leto nunca tinha visitado os subóides, mas Rhombur lhe havia

assegurado que as classes baixas eram bem atendidas. Leto sabia que as equipes trabalhavam todo o dia na construção das naves. Os subóides davam a pele pela Casa Vernius.

A plataforma de carga desceu levitando para o chão da caverna, e equipes de trabalhadores foram descarregar os materiais. Leto saltou e aterrissou agachado. Levantou-se e sacudiu a roupa. Os dóceis subóides tinham a pele pálida, salpicada de sardas. Olharam para ele com olhos de cordeiro antes de prosseguir suas tarefas.

Pelo que Rhombur e Kailea lhe tinham contado, Leto imaginava que os subóides eram menos que humanos, musculosos trogloditas sem mente que se limitavam a trabalhar e suar. Mas as pessoas que o rodeavam teriam passado por normais em qualquer lugar. Talvez não fossem cientistas ou diplomatas, mas tampouco pareciam animais.

Com os olhos totalmente abertos, Leto caminhou pela gruta enquanto observava os trabalhos de construção do Cruzeiro de uma distância prudente. Admirou a organização de uma obra tão incrível. O ar estava impregnado do aroma acre de solda laser e materiais fundidos.

Os subóides seguiam um plano preciso, e utilizavam instruções minuciosas como se formassem um organismo múltiplo. Concluíam cada fase do projeto sem se afligir com a quantidade de trabalho que ainda restava. Os subóides não conversavam nem se alvoroçavam como os pescadores, fazendeiros e operários de Caladan. Estes trabalhadores de pele pálida só se concentravam em suas tarefas.

Imaginou um ressentimento bem dissimulado, uma ira latente abaixo daquelas serenas caras pálidas, mas não teve medo. O duque Paulus sempre tinha animado Leto a brincar com os meninos das aldeias, a sair nos barcos de pesca, a misturar-se com mercadores e tecedores no mercado. Até tinha passado um mês trabalhando nos arrozais *pundi*. Para saber governar o povo — dizia o velho duque — antes precisa compreendê-lo.

Sua mãe tinha desaprovado essas atividades, é obvio, insistindo que o filho de um duque não devia sujar as mãos com o barro dos arrozais, a roupa com o lodo de uma captura de pescado. “De que servirá para nosso filho saber esfolar e estripar um pescado? Será o governante de uma Grande Casa.” Mas os desejos

de Paulus Atreides eram lei.

E Leto devia admitir que, face aos músculos doloridos e a pele queimada pelo sol, aqueles momentos de trabalho duro o tinham satisfeito de uma forma que nem grandes banquetes ou recepções no castelo de Caladan conseguiram. Como resultado, acreditava compreender às pessoas comuns, seus sentimentos e sua dedicação ao trabalho. Leto era grato por isso. O velho duque se sentia muito orgulhoso de seu filho, por compreender algo tão fundamental.

Enquanto passeava entre os subóides, Leto tentou compreendê-los da mesma maneira. Potentes globos luminosos flutuavam sobre o estaleiro. A gruta era tão enorme que os ruídos não despertavam ecos, mas desapareciam na distância.

Viu uma das entradas dos túneis inferiores, e decidiu que séria uma boa oportunidade para descobrir mais coisas sobre a cultura subóide.

Talvez descobrisse algo que até Rhombur ignorava.

Quando uma equipe de operários saiu por uma arcada, vestidos com seus macacões de trabalho, Leto entrou. Vagou pelos túneis descendentes, passeou em frente a moradias escavadas na rocha, dependências idênticas e espaçosas que lhe recordaram as câmaras de uma colméia. de vez em quando, não obstante, percebia toques caseiros: tecidos ou tapeçarias de cores vivas, alguns desenhos nas paredes de pedra. Sentiu o aroma de comida, ouviu conversas em voz baixa, mas nenhuma música e poucas risadas.

Pensou nos dias passados estudando nos arranha-céu invertidos das alturas, com seus pisos polidos e janelas de cristalplaz facetados, as camas macias, as roupas confortáveis e as comidas saborosas.

Em Caladan, os cidadãos comuns podiam pedir audiência ao duque sempre que quisessem. Leto recordou que seu pai e ele passeavam pelos mercados, falavam com os mercadores e artesãos, permitiam que os vissem e o tratassem como a pessoas reais, em vez de governantes sem rosto.

Pensou que Dominic Vernius não tinha consciência das diferenças que existiam entre ele e seu camarada Paulus. O conde calvo e robusto dedicava toda sua atenção e entusiasmo a sua família e aos trabalhadores mais próximos, prestava atenção às operações industriais e na política econômica que escoravam a fortuna de IX, mas Dominic considerava os subóides simples recursos. Sim,

cuidava bem deles, do mesmo modo que cuidava da manutenção de sua preciosa maquinaria. Mas Leto se perguntava se Rhombur e sua família tratavam os subóides como pessoas.

Já tinha descido muitos níveis, e notou a incômoda sensação do ar estagnado. Os túneis se tornavam mais escuros e desertos. Os silenciosos corredores conduziam a estadias abertas, zonas comunais onde ouviu vozes e roçar de corpos. Esteve a ponto de se afastar, sabendo que tinha estudos e conferências sobre operações mecânicas e processos industriais. Era muito provável que Rhombur não tivesse tomado o café da manhã ainda.

Leto se deteve na arcada e viu vários subóides em uma sala de descanso. Não havia assentos nem bancos, de modo que todos estavam de pé. Escutou as monótonas e desapaixonadas palavras de um subóide baixo e musculoso que se erguia ao fundo da sala. Em sua voz e no fogo de seus olhos detectou emoções peculiares, tendo em conta o que sabia sobre os subóides, quer dizer, que eram pacíficos e resignados.

— Nós construímos os Cruzeiros — disse o subóide, e ergueu um pouco mais a voz —. Fabricamos os objetos tecnológicos, mas não tomamos nenhuma decisão. Fazemos o que nos ordena, mesmo quando sabemos que os projetos são ímpios.

Os subóides começaram a murmurar.

— Algumas das novas tecnologias violam o que está proibido pela Grande Revolução. Estamos criando máquinas pensantes. Não precisamos compreender os planos e os desenhos, porque sabemos para que servirão.

Leto voltou para as sombras da arcada. Como tinha convivido freqüentemente com gente comum, não sentia medo, mas algo estranho estava acontecendo ali. Sentiu vontade de fugir, mas precisava escutar.

— Como somos subóides não gozamos dos benefícios da tecnologia ixiana. Vivemos com simplicidade e poucas ambições, mas temos nossa religião. Lemos a Bíblia Católica Laranja e sabemos distinguir o bom do mau. — O orador ergueu um punho —. E sabemos que muitas das coisas que estamos fabricando aqui não são boas!

O público se agitou de novo, a ponto de enfurecer-se. Rhombur tinha insistido

que os subóides não eram ambiciosos, pois careciam de capacidade para isso. Mas Leto estava vendo algo muito diferente.

O orador entreabriu os olhos e falou com tom detestável.

— O que vamos fazer? Devemos exigir respostas dos nossos amos?

Devemos fazer algo mais?

Passeou a vista pelos presentes e de repente, como duas flechas afiadas, seus olhos localizaram Leto entre as sombras da arcada.

— Quem é você?

Leto levantou as mãos.

— Sinto muito. Eu me perdi. Não queria incomodar. — Geralmente, sabia causar boa impressão, mas a confusão o atrapalhava.

Os subóides se voltaram para ele, e a compreensão iluminou seus olhos. Assimilaram as implicações do que Leto tinha ouvido.

— Sinto muito — disse Leto —. Não queria me intrometer.

Seu coração palpitava e o suor brilhava sua testa. Sentiu um perigo extremo.

Vários subóides avançaram para ele parecendo autômatos.

Leto lhes dedicou seu sorriso mais cordial.

— Se quiserem, falarei com o conde Vernius em seu nome e exporei suas queixas...

Os subóides não se detiveram. Leto pôs-se a correr pelos corredores de teto baixo, perseguido pelos subóides, que lançavam rugidos de raiva.

Leto não recordava o caminho de volta à caverna...

O fato de ter se perdido o salvou. Os subóides tentavam interceptá-lo nos corredores que conduziam à superfície, mas Leto ia à deriva e se desviava aleatoriamente. Às vezes se escondia em nichos vazios, até que por fim chegou a

uma pequena porta que dava para a câmara iluminada por globos luminosos. Correu para um elevador de emergência, passou seu cartão de biopasse pelo leitor e subiu para os níveis superiores.

Ainda tremulo por causa da descarga de adrenalina, Leto não acreditava no que acabava de escutar, e não sabia o que os subóides teriam feito se tivessem conseguido capturá-lo. Sua indignação o assombrara.

Teoricamente não acreditava que o matassem, o filho do duque Atreides, o hóspede de honra da Casa Vernius. Afinal, tinha oferecido sua ajuda.

Mas estava claro que os subóides guardavam uma profunda violência, um rancor aterrador que tinham ocultado de seus amos indiferentes.

Leto se perguntou se haveria outros grupos de dissidentes, com oradores carismáticos como o que tinha escutado, capazes de entender a insatisfação da imensa população trabalhadora.

Enquanto subia no elevador, olhou para baixo e contemplou os operários, que interpretavam seu papel com total inocência. Devia informar sobre o que tinha ouvido. Alguém acreditaria? Certamente estava aprendendo sobre IX mais do que desejava.

A esperança pode ser a arma mais poderosa de um povo massacrado, ou o maior inimigo dos que estão a ponto de fracassar.

Temos que estar sempre conscientes de suas vantagens e limitações.

Diário pessoal de lady Helena Atreides

Depois de semanas viajando sem destino aparente, a nave de carga saiu do Cruzeiro e descendeu para a atmosfera nebulosa de Caladan.

Para Duncan Idaho, o final de sua longa odisséia parecia próximo.

No hangar, Duncan empurrou uma pesada caixa. Suas quinas metálicas arranharam o chão metálico, mas por fim conseguiu afastá-la e aproximar-se de uma pequena porta. Duncan contemplou o planeta. Por fim, começou a acreditar.

Caladan. Meu novo lar.

Mesmo de uma órbita elevada, o aspecto do Giedi Prime era tenebroso e ameaçador, como uma ferida infectada. Mas Caladan, lar do lendário duque Atreides, inimigo mortal dos Harkonnen, parecia uma safira iluminada pelo sol.

Depois de tudo o que tinha passado, ainda lhe parecia impossível que a amargurada e traiçoeira Janess Milam tivesse cumprido sua palavra. Ela o resgatara por motivos misteriosos, para vingar-se, mas isso não importava a Duncan. Estava ali.

Tinha sido pior que o pesadelo que reviveu durante os dias passados no Cruzeiro a caminho de Caladan.

Na escuridão do Posto de Guarda Florestal, quando se aproximara do misterioso ornitóptero, a mulher o imobilizara. O menino lutou, mas Janess, com uma força surpreendente, o puxara para o interior do aparelho e fechado a escotilha. Duncan se debateu como um animal selvagem, tentando livrar-se de sua captora, mas Janess disse:

— Se não parar agora mesmo, Idaho, eu o entregarei aos caçadores Harkonnen.

E ligou os motores do ornitóptero. Duncan sentiu que um detestável zumbido percorria a pequena nave e vibrava no assento e no chão.

— Você já me vendeu uma vez para os Harkonnen! Foi você que enviou aqueles homens para matar meus pais. Você é o motivo de terem me treinado com tanta crueldade, e de que agora me caçarem. Sei o que fez!

— Sim, mas as coisas mudaram. — voltou-se para os controles —.

depois do que me fizeram, não colaboro tom os Harkonnen.

Duncan, indignado, apertou os punhos. O sangue da ferida manchava sua camisa puída.

— O que lhe fizeram? — Não podia imaginar nada parecido à angústia que sua família e ele tinham suportado.

— Você não entenderia. É apenas um menino, outro de seus peões.

— Janess sorriu enquanto a nave decolava —. Mas graças a você vou me vingar

deles.

— Talvez seja só sou um menino, mas passei toda a noite lutando contra os Harkonnen. Vi Rabban matar meus pais. Quem sabe o que fizeram aos meus tios e primos?

— Duvido que alguém chamado Idaho continue vivo em Giedi Prime, sobretudo depois da humilhação que você lhes causou esta noite.

— Se fizeram isso, desperdiçaram energia em vão. Não conhecia meus parentes.

Janess aumentou a velocidade da nave, que sobrevoou as árvores enquanto se afastava da reserva de caça.

— Eu vou ajudá-lo a fugir dos caçadores, então feche o bico e se alegre. Não há escolha.

Pilotava a nave sem as luzes, com o som dos motores amortecido, mas Duncan não acreditava que pudesse escapar dos Harkonnen. Tinha matado vários caçadores e, ainda pior, tinha humilhado e zombado de Rabban. Duncan se permitiu um sorriso de satisfação e se deixou cair no assento contiguo ao de Janess, que tinha posto o cinto de segurança.

— Por que eu deveria confiar em você?

— Eu lhe pedi que confiasse? — Fulminou-o com o olhar —.

Aproveite a situação.

— Vai me contar algo?

Janess guardou silêncio por alguns momentos antes de responder.

— É verdade, eu denunciei seus pais para os Harkonnen. Tinha ouvido rumores, sabia que seus pais tinham provocado a ira das autoridades, e os Harkonnen não gostam de quem os enfurece. Eu queria prosperar e compreendi que tinha a oportunidade ao alcance da mão. Pensei que receberia uma recompensa por denunciá-los Além disso, foram seus pais que provocaram seus próprios problemas. Cometeram erros. Eu só tentei me aproveitar disso. Não foi nada pessoal. De qualquer forma, se eu não o tivesse feito, outro os denunciaria.

Duncan franziu o sobrecenho e fechou os punhos. Oxalá tivesse a coragem de utilizar a faca contra aquela mulher, mas isso provocaria a queda do aparelho. Era sua única forma de escapar. No momento.

O rosto da mulher ficou irado.

— E o que os Harkonnen me deram em troca? Uma recompensa, uma promoção? Nada. Nem sequer obrigado. Só um tapa na boca. — Fez uma careta —. Não é fácil fazer algo assim. Acha que eu gostei? Mas em Giedi Prime as boas oportunidades são poucas, e já tinha deixado muitas passarem. Isso devia ter mudado minha situação, mas quando fui rogar um pouco de consideração, me expulsaram e ordenaram que não voltasse.

Tudo por nada, o que é ainda pior. — Suas narinas se dilataram —.

Ninguém faz isso com o Janess Milam sem pagar caro.

— E então você não faz isto por mim — disse Duncan —. Não se sente culpado pelo que fez, nem pela dor que causou a tantos inocentes. Só quer se vingar.

— Ouça, guri, aproveite as oportunidades quando se apresentarem.

Duncan ficou em silêncio e agarrou duas barras de cereal e uma garrafa de suco fechada. Começou a comer. As barras tinham gosto de canela, um potenciador de sabor utilizado para simular a melange.

— De nada — disse Janess com sarcasmo.

O moço não respondeu e continuou mastigando.

Durante toda a noite o ornitóptero sobrevoou as terras em direção a cidade de Barony. Por um momento, Duncan pensou que a mulher pensava em devolvê-lo a prisão, onde tudo recomeçaria. Introduziu a mão no bolso e tocou sua faca. Entretanto, Janess deixou a prisão para trás e continuou para o sul, passando por cima de uma dúzia de cidades e povoados.

Fizeram uma pausa de um dia, ocultaram-se durante a tarde e renovaram suas provisões em uma pequena estação de trânsito. Janess lhe comprou um macacão azul, limpou sua ferida e lhe administrou um tosco tratamento médico. Não o fez com carinho especial, mas para que não chamasse a atenção.

Partiram ao anoitecer, em direção ao sul, para um espaçoporto independente. Duncan ignorava os nomes dos lugares que visitavam, e tampouco perguntou. Nunca lhe tinham ensinado geografia. Sempre que fazia uma pergunta, Janess respondia aos gritos ou o ignorava.

O espaçoporto possuía um estilo mais próprio da classe mercantil e da Corporação que dos Harkonnen. Era funcional e eficiente, sem concessões ao luxo ou a beleza visual. Os corredores e salas eram amplos, a fim de possibilitar o deslocamento dos contêineres herméticos que transportavam os Navegantes da Corporação.

Janess estacionou o aparelho em um lugar de que seria fácil decolar, e ativou os sistemas de segurança.

— Siga-me — disse para Duncan e mergulhou no caos do espaçoporto —. Tome cuidado, porque se o perder aqui não irei procurá-lo.

— E se ele fugir? Não confio em você.

— Vou te embarcar em uma nave que o levará para longe de Giedi Prime e dos Harkonnen. — Olhou para ele —. Você escolhe, guri. Não quero que me dê mais problemas.

Duncan apertou os dentes e a seguiu sem mais comentários.

Janess parou em frente a um velho cargueiro; vários trabalhadores subiam a bordo pesadas caixas.

— O segundo de bordo é um velho meu amigo — disse Janess —.

Me deve um favor.

Duncan não perguntou que tipo de pessoas uma mulher como Janess podia considerar como amigos, nem o que tinha feito para merecer esse favor.

— Não vou pagar nem um só solar por sua passagem, Idaho. Sua família já pesou bastante sobre minha consciência e não me deu nada em troca. Não obstante, meu amigo Renno diz que você pode viajar no hangar, desde que não coma outra coisa além das rações normais nem lhe custe tempo ou créditos.

Duncan observou as atividades que se desenvolviam a seu redor.

Não tinha nem idéia de como seria a vida em outro planeta. O cargueiro parecia velho e vulgar, mas se o tirasse de Giedi Prime seria como um ave dourada dos céus.

Janess agarrou seu braço e o arrastou para a rampa.

— Estão subindo materiais recicláveis e outras mercadorias que levarão a uma estação de processamento de Caladan. É a sede da Casa Atreides, arqui-inimigos dos Harkonnen. Já ouviu falar da inimizade entre essas Casas? — Duncan negou com a cabeça e Janess riu —. Claro que não. Como um pequeno roedor como você saberia algo sobre o Landsraad e as Grandes Casas?

Deteve um dos operários que guiavam uma plataforma elevadora.

— Onde está Renno? Diga que Janess Milam está aqui e quer vê-lo agora mesmo. — Olhou para Duncan, que esperava muito rígido e tentava compor um aspecto apresentável —. Diga que trouxe o pacote que prometi.

O homem ativou o comunicador que levava na lapela e murmurou algo. Depois, sem olhar para Janess, introduziu sua carga no transportador.

Duncan esperou, observando a atividade que se desenvolvia ao seu redor, enquanto Janess passeava nervosa. Ao fim de pouco tempo um homem de aspecto descuidado saiu, sujo de lubrificantes, sujeira e suor gordurento.

— Renno! — exclamou Janess —. Já era hora!

O homem lhe deu um forte abraço, seguido de um longo beijo.

Janess se afastou assim que pôde e apontou para Duncan.

— É esse. Leve-o para Caladan. — Sorriu —. Não me ocorre melhor vingança que mandá-lo onde menos querem que esteja, e onde menos poderão encontrá-lo.

— Você se mete em jogos muito perigosos. Janess — disse Renno.

— Eu gosto de jogar. — Deu-lhe um leve murro no peito —. Não diga nada a

ninguém.

Renno arqueou as sobrancelhas.

— Que sentido teria voltar para este espaçoporto repugnante, se você não estiver esperando? Quem me faria companhia em minha cama solitária? Não, não me beneficiaria em nada te denunciar. Mas ainda está em dívida comigo.

Antes de ir, Janess cravou seus olhos em Duncan, mostrando certa compaixão.

— Escute, guri, quando chegar a Caladan insista em ver o duque Paulus Atreides em pessoa. O duque Atreides. Fale que escapou dos Harkonnen e peça para entrar a serviço de sua casa.

Renno arqueou as sobrancelhas e murmurou algo ininteligível.

Janess manteve a expressão tensa e concentrada, enquanto pensava que estava pregando uma última peça cruel no menino que tinha traído.

Não existia a menor chance de um moleque sujo e anônimo pudesse pisar no Grande Salão do castelo de Caladan, mas isso não impediria que ele tentasse... possivelmente durante anos.

Já tinha obtido uma vitória ao roubar o garoto do grupo de caça Harkonnen. Tinha descoberto que iriam levá-lo ao Posto do Guarda Florestal e tinha feito um grande esforço para encontrá-lo, salvá-lo e entregá-lo aos maiores inimigos dos Harkonnen. O que seria do menino à partir daquele momento lhe era indiferente, mas se divertia ao imaginar as tribulações que Duncan enfrentaria antes de render-se por fim.

— Vamos — grunhiu Renno, e o agarrou pelo braço —. Vou encontrar um lugar no hangar onde poderá dormir e de esconder.

Duncan não olhou para Janess. perguntou-se se a mulher esperava que se despedisse dela ou lhe agradecesse, mas se negou a fazê-lo. Ela não o ajudara por sentir remorsos. Não, não se rebaixaria, e nunca perdoaria Janess pelo papel que desempenhara na destruição de sua família. Era uma mulher muito estranha.

Subiu à rampa, com a vista à frente, sem saber para onde ia. Confuso e órfão, sem idéia do que faria a seguir, entrou na nave...

Renno não lhe ofereceu consolo nem muitos mantimentos, mas ao menos o deixou em paz. O que Duncan mais necessitava era de tempo para se recuperar, alguns dias para selecionar suas lembranças e aprender a viver com as que não poderia esquecer.

Dormiu sozinho na área de carga do velho transporte, rodeado de sucata e produtos recicláveis. Nenhum era macio, mas dormia bastante bem sobre o chão, que cheirava a metal oxidado, com as costas apoiada contra uma parede fria. Foi sua época mais tranquila nos últimos tempos.

Por fim, quando a nave desceu em Caladan para entregar sua carga e abandoná-lo em um planeta desconhecido, Duncan estava disposto a enfrentar o que fosse necessário. Contava com seu instinto e sua energia.

Nada o desviaria de seu objetivo.

Agora, só tinha que encontrar o duque Paulus Atreides.

A história nos permite ver o evidente, mas, infelizmente, apenas quando já é muito tarde.

Príncipe Raphael Corrino

Quando examinou o despenteado cabelo negro de Leto, suas roupas cobertas de pó e os fios de suor que escorriam sobre seu rosto, Rhombur riu. Não pretendia que sua reação fosse ofensiva, mas parecia incapaz de acreditar na história absurda que Leto tinha contado. Retrocedeu e examinou seu amigo.

— Infernos carmesins! Não acha que está, *er*... exagerando um pouco, Leto?

Rhombur se aproximou de uma das amplas janelas. Em nichos distribuídos por toda a parede da habitação se viam curiosidades geológicas recolhidas para seu prazer e orgulho. A coleção de minerais, cristais e gemas agradava muito mais a Rhombur que as comodidades de sua posição como filho do conde. Poderia ter adquirir muitos espécimes mais, mas o príncipe tinha encontrado cada rocha em suas explorações das cavernas e pequenos túneis.

Mas durante todas as suas explorações Rhombur, e de fato toda a família Vernius, tinha permanecido cego ao mal-estar dos trabalhadores.

Agora, Leto compreendia por que o velho duque tinha insistido em que aprendesse a conhecer seus súditos e a conhecer o estado de ânimo do povo. “No fundo, rapaz, governamos às custas de seus sofrimentos —

havia dito Paulus —, embora por sorte a maioria da população não perceba.

Se for um bom governante, ninguém pensará nisso.”

Parecendo desconcertado pelas notícias dramáticas e com a aparência desalinhada de Leto, o jovem de cabelo revolto olhou para as massas de operários que trabalhavam nos estaleiros. Tudo parecia tranqüilo, como de costume.

— Leto, Leto... — Apontou um dedo rechonchudo para as massas inferiores, na aparência satisfeitas, que trabalhavam como parasitas obedientes —. Os subóides nem sequer são capazes de decidir por si mesmos o que vão jantar, muito menos se unir para iniciar uma rebelião.

Isso exige muita... iniciativa.

Leto meneou a cabeça, ainda ofegante. O cabelo suado colava à testa. Sentia-se mais tremulo agora que estava a salvo, sentado em uma cômoda poltrona auto moldável dos aposentos de Rhombur. Durante a fuga, só o instinto o guiara. Agora, enquanto tentava relaxar, não conseguia controlar seu pulso. Tomou um longo gole de um copo de suco que encontrou na bandeja do café da manhã de Rhombur.

— Só estou informando o que vi, Rhombur, e não imagino ameaças.

Experimentei-as o suficiente para saber a diferença. — inclinou-se e seus olhos cinzas cintilaram —. Repito, algo está acontecendo. Os subóides estavam falando de derrubar a Casa Vernius, de destruir tudo e de apoderar-se de IX. Estavam se preparando para ações violentas.

Rhombur vacilou, como se ainda esperasse ouvir o pior.

— Bem, o direi ao meu pai. Pode lhe contar sua versão e estou seguro de que, *er*, ele investigará o assunto.

Os ombros de Leto caíram. E se o conde Vernius ignorasse o problema, até que

fosse muito tarde?

Rhombur alisou o manto púrpura e sorriu. Coçou a cabeça, perplexo.

Parecia que abordar o tema de novo lhe exigiria muita energia. Parecia verdadeiramente confuso.

— Mas... se você esteve lá embaixo, Leto, observou que tratamos bem os subóides. Nós lhe damos comida, teto, família, trabalho. Sim, pode ser que fiquemos com a parte do leão, mas as coisas são assim. Nossa sociedade é assim. Mas não oprimimos nossos operários. De que podem se queixar?

— Talvez eles vejam isso de outra maneira. A opressão física não é o único tipo de maus tratos.

Rhombur sorriu, levantou-se e estendeu a mão.

— Venha, meu amigo. Isto pode ser uma mudança interessante em nossas aulas de política de hoje. Podemos utilizá-lo como um caso hipotético.

Leto o seguiu, mais entristecido que decepcionado. Receava que eles enfrentassem o problema como uma simples discussão teórica.

Da torre mais alta do *Grand Palais*, o conde Dominic Vernius governava um império industrial oculto do mundo exterior. O homem passeava pelo piso transparente do seu Escritório Orbital, que pendia como uma magnífica bola de cristal do teto da caverna.

As paredes e o chão do escritório eram de cristal ixiano, sem juntas nem distorções. Pareciam caminhar no ar, flutuando sobre seus domínios.

Em certas ocasiões, Dominic se sentia como uma deidade que observasse seu universo do alto. Passou uma palma calosa sobre seu crânio recém raspado. Ainda sentia um formigamento na pele devido às loções revigorantes que Shando utilizava quando lhe massageava o crânio.

Sua filha Kailea estava sentada em uma poltrona flutuante e o observava. O duque aprovava que se interessasse pelos assuntos ixianos, mas hoje estava muito preocupado para dedicar muito tempo a discutir com ela. Sacudiu migalhas imaginárias do manto sem mangas recém lavado, deu meia volta e

voltou a passear ao redor de seu escritório.

Kailea continuou observando-o em silêncio, embora compreendesse o problema que enfrentavam.

Dominic não esperava que o velho “Roody” aceitasse bem a perda de impostos causada pelo desenho do novo Cruzeiro ixiano. Não, o imperador encontraria alguma forma de transformar uma simples decisão comercial em uma afronta pessoal, mas Dominic não tinha nem idéia de que forma adotaria a desforra, nem onde ela aconteceria. Elrood sempre tinha sido imprevisível.

— Tem que ficar sempre um passo por diante dele — disse Kailea

—.Você é perito nisso.

Pensou na forma que seu pai utilizara para roubar a concubina do imperador debaixo do nariz dele... O que Elrood nunca tinha esquecido.

Um toque de ressentimento apenas perceptível em suas palavras. Ela preferia ter crescido na maravilhosa Kaitain, em vez daqui, sob o chão.

— Não posso me antecipar se ignorar a direção em que ele se move

— respondeu Dominic. O conde ixiano parecia flutuar de cabeça para baixo, com o teto de rocha e as Torres do *Grand Palais* sobre sua cabeça, e o ar sob os pés.

Kailea arrumou uma dobra do seu vestido, alisou o tecido e estudou uma vez mais os registros de embarque e os manifestos comparados, com a esperança de decidir a forma mais proveitosa de distribuir a tecnologia íxiana. Dominic não esperava que ela fizesse melhor que seus peritos, mas deixava que se divertisse. Sua ideia de enviar *meks* de combate autodidatas para alguns traficantes do mercado negro tinha sido um golpe de mestre.

Deteve-se um momento e um sorriso nostálgico apareceu em seu rosto, de forma que seu comprido bigode mergulhou nas rugas que rodeavam sua boca. Sua filha era de uma beleza extraordinária, uma obra de arte em todos os sentidos, feita para ser um adorno na casa de algum grande senhor... mas também era muito inteligente Kailea era uma mescla estranha: fascinada pelos cerimoniais e maneiras da corte, e por tudo o relacionado com a grandeza de Kaitain, mas

também decidida a compreender o funcionamento interno da Casa Vernius. Naquela idade já tinha consciência das complexidades dos negócios de bastidores que constituíam a verdadeira chave para que uma mulher adquirisse poder no Império, a menos que ingressasse na Bene Gesserit.

Dominic acreditava que sua filha não compreendia a decisão de Shando de abandonar a corte imperial e ir com ele para IX. Por que abandonaria a amante do homem mais poderoso do universo todo aquele esplendor, para casar-se com um herói de guerra curtido pela intempérie que vivia em uma cidade subterrânea? Em algumas ocasiões, Dominic se fazia a mesma pergunta, mas seu amor por Shando não conhecia limites, e sua esposa lhe tinha confirmado freqüentemente que jamais se arrependera dessa decisão.

Kailea oferecia um rude contraste com sua mãe em tudo, exceto em seu aspecto. Era impossível que a jovem se sentisse confortável com suas roupas e ornamentos extravagantes, mas sempre estava bem vestida, como se temesse deixar passar uma oportunidade. Talvez se sentisse ofendida pelas possibilidades perdidas de sua vida, e teria preferido estar sob a tutela de um patrocinador no palácio imperial. Dominic tinha observado que brincava com o afeto dos filhos gêmeos do embaixador Pilru, como se casar-se com um deles pudesse lhe facilitar o acesso à embaixada de Kaitain. Mas C'tair e D'murr Pilru iriam se submeter a um exame para ingressar na Corporação Espacial, e se fossem aprovados abandonariam o planeta dentro de uma semana. Em qualquer caso, Dominic estava seguro de que poderia arrumar um matrimônio mais vantajoso para sua única filha.

Talvez até mesmo com Leto Atreides...

Um *visicom* brilhou na parede. Uma mensagem importante, as últimas notícias sobre os alarmantes rumores que se espalhavam como veneno numa cisterna.

— Sim? — disse.

Sem esperar que lhe perguntasse, Kailea atravessou o piso invisível e ficou a seu lado para ler o relatório, que apareceu sobre a superfície do escritório. Seus olhos esmeralda se entreabriram enquanto lia.

O aroma do perfume de sua filha e o brilho de seu cabelo brônzeo escuro provocaram um sorriso paternal em seu rosto. Que jovem era. Tão jovem e tão atenta aos assuntos de Estado.

— Tem certeza de que quer se preocupar com isto, filha? —

perguntou, com o desejo de protegê-la das más notícias. As relações trabalhistas eram mais complicadas que as inovações tecnológicas. Kailea se limitou a olhar para ele, irritada com a pergunta.

O conde leu mais detalhe sobre o que lhe tinham contado antes, embora ainda não acreditasse em tudo que Leto Atreides tinha visto e ouvido. Estavam-se acontecendo distúrbios nas dependências subterrâneas, onde os operários subóides tinham começado a queixar-se: uma situação sem precedentes.

Kailea respirou fundo e ordenou seus pensamentos.

— Se os subóides tem motivos de queixa, por que não escolheram um porta-voz? Por que não entregaram um pedido oficial?

— Oh, só o que fazem é resmungar, filha. Afirmam que estão sendo obrigados a montar máquinas que violam a jihad e não querem realizar

“trabalhos blasfemos”.

A tela escureceu assim que terminaram de ler o relatório, e Kailea se levantou, com os braços cruzados.

— De onde tiraram uma idéia tão ridícula? Como podem sequer começar a questionar os matizes e complexidades que supõem dirigir estas operações? Foram criados e treinados em instalações ixianas. Quem terá metido essas idéias em suas cabeças?

Dominic compreendeu que sua filha tinha formulado uma pergunta muito interessante.

— Tem razão. Os subóides não poderiam chegar a essas conclusões sem ajuda.

Kailea continuava indignada.

— Não percebem tudo que lhes damos e o que isso custa? Olhei os custos e os benefícios. Os subóides não sabem que sua situação é excelente, comparada com os trabalhadores de outros planetas. — Meneou a cabeça com uma expressão de desagrado. Olhou através do chão para as fábricas na caverna,m —. Eles

deveriam visitar Giedi Prime, ou Arrakis. Então não se queixariam de IX.

Mas Dominic não deixou que se desviasse do tema que ela mesma tinha iniciado.

— Os subóides foram criados para alcançar uma inteligência limitada, apenas o suficiente para realizar as tarefas necessárias, e se espera que as executem sem queixas. Faz parte de sua estrutura mental. — Olhou para o piso da gruta, onde os operários formigavam encarregados da construção do Cruzeiro —. Pode ser que nossos bio-engenheiros ignorassem algo importante? Os subóides tem razão? A definição de mentes autômatas abrange um amplo campo, mas poderiam existir zonas cinzentas...

Kailea sacudiu a cabeça e agitou seu caderno de cristal.

— Nossos *Mentats* e assessores legais são meticulosos sobre as proibições precisas da Jihad, e nossos métodos de controle de qualidade são eficazes. Pisamos em terreno sólido, e podemos provar todas as nossas afirmações.

Dominic mordiscou o lábio inferior.

— Não é possível que os subóides possuam dados específicos, já que não existem violações. Ao menos, não cruzamos a fronteira conscientemente, sob nenhuma circunstância.

Kailea observou seu pai.

— Talvez devesse ordenar ao capitão Zhaz e a uma equipe de inspetores que não deixem pedra sobre pedra, que investiguem todos os aspectos de nossos processos de desenho e fabricação. Mostre aos subóides que suas queixas são infundadas.

Dominic considerou a idéia.

— Não quero ser muito duro com os operários. Detesto as medidas enérgicas, e não desejo nenhuma revolta. Temos que tratar bem os subóides, como sempre fizemos. — Olhou para sua filha, e lhe pareceu que era já uma pessoa adulta.

— Sim — disse Kailea —. Assim eles trabalham melhor.

Assim como o conhecimento de seu próprio ser, o sietch forma uma base firme, da qual salta para o mundo e para o universo.

Ensinamento Fremen

Pardot Kynes estava tão fascinado pela cultura, religião e rotina diária dos Fremen que tinha esquecido o debate sobre seu destino. O *naib* Heinar lhe havia dito que podia explicar suas idéias, assim ele falava e falava em qualquer oportunidade.

Durante todo um ciclo de luas, os Fremen discutiram suas opiniões em privado e nas assembléias a portas fechadas dos anciões do *sietch*.

Alguns deles até simpatizavam com aquele estranho forasteiro.

Embora sua sorte ainda não estivesse decidida, Kynes não perdeu tempo. Os guias do *sietch* o levaram a todas as partes e lhe ensinaram muitas coisas que poderiam lhe interessar, mas o planetólogo também fazia perguntas para as mulheres que trabalhavam nas fábricas de trajes destiladores, aos velhos que cuidavam das provisões de água, e para as avós que se encarregavam dos fornos ou juntavam os refugos e pedaços de sucata.

A frenética atividade das cavernas o assustava. Alguns trabalhadores pisoteavam resíduos de especiaria para extrair combustível, outros coalhavam especiaria para que fermentasse. Os tecelões que trabalhavam com teares mecânicos utilizavam seu próprio cabelo, o pelo de ratos mutantes, molhos de algodão do deserto, e até mesmo tiras de pele de animais selvagens para fabricar seus tecidos resistentes. E, é obvio, nas escolas se treinava os jovens Fremen nas habilidades necessárias para sobreviver no deserto, assim como em técnicas de combate desumanas.

Uma manhã, Kynes despertou descansado, apesar de ter passado a noite sobre uma palhinha no chão duro. Durante grande parte de sua vida tinha dormido ao relento, sobre terrenos incômodos. Seu corpo encontrava descanso quase em qualquer parte. Tomou o café da manhã, fruta desidratada e tortas secas que as mulheres Fremen tinham preparado em fornos térmicos. Uma barba incipiente cobria seu rosto.

Uma jovem chamada Frieth lhe levou uma bandeja com café de especiaria em uma cafeteira ornamentada. Durante todo o ritual manteve seus olhos azuis

cravados no chão, como tinha feito todas as manhãs desde a chegada de Kynes ao *sietch*. O planetólogo não tinha dado atenção aos seus cuidados frios e eficientes até que alguém lhe sussurrara: “Ela é a irmã solteira de Stilgar, cuja vida você salvou dos cães Harkonnen.”

Frieth tinha um rosto formoso e uma suave pele bronzeada. Seu cabelo parecia comprido o bastante para chegar até sua cintura se algum dia o liberasse de seus anéis de água e o deixasse cair. Seu caráter era aprazível mas observador, ao estilo dos Fremen. Corria para satisfazer qualquer desejo que Kynes expressasse sem que ele se desse conta. Se não estivesse tão concentrado em observar tudo que o rodeava, teria reparado em como ela era bela.

Depois de tomar até a última gota do café impregnado de melange, Kynes tirou sua caderneta eletrônica para tomar notas. Ouviu um ruído, levantou a vista e viu o robusto Turok na porta.

— Vou levá-lo para onde desejar, planetólogo, desde que não saia do *sietch*.

Kynes assentiu e sorriu, indiferente às restrições de ser um cativo.

Não o aborreciam. Subentendia-se que nunca sairia vivo do *sietch* a menos que os Fremen o aceitassem e confiassem nele. Se se unisse à comunidade, não haveria segredos entre eles. Por outro lado, se os Fremem decidissem executá-lo, seria absurdo ocultar segredos de um morto.

Previamente, Kynes tinha visto os túneis, as câmaras onde armazenavam os mantimentos, as provisões de água e até mesmo os destiladores de mortos Huantti. Tinha contemplado fascinado às famílias de homens endurecidos pelo deserto, cada um com várias esposas. E os tinha visto rezar para *Shai-Hulud*. Tinha começado a compilar um esboço mental desta cultura e dos vínculos políticos e familiares no seio do *sietch*, mas seriam necessárias décadas para decifrar as relações sutis e os matizes das obrigações que tinham recaído sobre seus parentes muitas gerações antes.

— Eu gostaria de ir ao alto da rocha — disse, recordando seus deveres de planetólogo imperial —. Se pudéssemos recuperar parte do equipamento que estava em meu veículo, porque suponho que os guardaram, eu gostaria de estabelecer uma estação meteorológica aqui. É

fundamental reunir dados climatológicos: variações de temperatura, umidade

atmosférica e comportamento dos ventos, de todos os lugares isolados possíveis.

Turok se virou para ele, surpreso. Deu de ombros.

— Como quiser, planetólogo.

Como conhecia os hábitos conservadores dos anciões do *sietch*, Turok era pessimista sobre a sorte daquele homem entusiasta mas, não muito brilhante. Era um esforço inútil para Kynes prosseguir seu trabalho.

Mas se o deixava feliz em seus últimos dias...

— Vamos — disse Turok —. Ponha o traje destilador.

— Só ficarei fora alguns minutos.

Turok olhou para ele com o cenho carregado.

— Um só hálito de umidade significa água desperdiçada no ar. Não somos tão ricos para nos permitir esse luxo.

Kynes deu de ombros, vestiu seu uniforme de superfície e ajustou os fechos desajeitadamente. Turok suspirou e o ajudou, ao mesmo tempo em que explicava a forma mais eficaz de usar o traje e ajustar os fechos para otimizar sua eficiência.

— Você comprou um traje destilador decente. É de manufatura Fremen — observou —. Ao menos, nisto escolheu bem.

Kynes o seguiu até a câmara de armazenamento onde guardavam seu veículo terrestre. Os Fremen tinham retirado os acessórios, e seu equipamento se encontrava distribuído em caixas abertas sobre o chão da caverna, inspecionado e catalogado. Não havia dúvida de que os habitantes do *sietch* tinham tentado descobrir como podiam utilizar aquelas coisas.

Eles pensam em me matar, compreendeu Kynes. Será que não escutaram nenhuma palavra do que eu disse? Por estranho que parecesse, a idéia não o deprimiu nem assustou. Aceitou a certeza como um desafio.

Não estava disposto a se render. Ainda havia muito por fazer. Teria que fazê-los

compreender.

Entre as peças desordenadas encontrou seu aparelho meteorológico e encaixou os componentes, mas sem fazer comentários sobre o que tinha acontecido com suas posses. Sabia que os Fremen tinham uma mentalidade comunal: tudo o que um indivíduo possuía era propriedade de toda a comunidade. Como tinha passado quase toda sua vida sozinho, dependendo unicamente de suas próprias habilidades, era-lhe difícil assimilar aquela mentalidade.

Turok não se ofereceu para carregar o equipamento, mas o precedeu por alguns degraus no muro de pedra. Kynes ofegava, mas não se queixou.

Seu guia ia afastando os defletores de umidade e selos de porta. Turok olhou por cima do ombro para ver se o planetólogo o seguia, e depois caminhou com mais rapidez.

Saíram por uma fenda para o pico arredondados. O jovem Fremen se refugiou à sombra das rochas, enquanto Kynes se expos ao sol. A pedra era de uma cor parda acobreada, com manchas de liquens. Bom sinal pensou.

Plantas precursoras de sistemas biológicos.

Enquanto contemplava a ampla vista da Grande Concha, viu dunas de rochas recém desintegradas, assim como areia antiga e oxidada.

A julgar pelos vermes de areia que tinha visto e pelo plâncton que abundava nas areias ricas em especiaria, Kynes sabia que Dune já possuía a base de um complexo ecossistema. Estava seguro de que bastaria um empurrãozinho na direção correta para fazer aquele lugar adormecido florescer.

Os Fremen poderiam fazê-lo.

— Homem imperial — disse Turok —, o que vê quando olha para o deserto dessa maneira?

Kynes respondeu sem olhar.

— Um sem-fim de possibilidades.

Em uma câmara selada situada nas profundidades do *sietch*, o *naib* Heinar estava

sentado à cabeceira de uma mesa de pedra, e seu único olho brilhava. O *naib* do *sietch*, que tentava manter-se à margem da discussão, olhava para os anciões do conselho enquanto gritavam uns com aos outros.

— Conhecemos a lealdade desse homem — disse Jerath —.

Trabalha para o Império. Já viram seu *curriculum*. Está em Dune como hóspede dos Harkonnen. — Usava um aro de prata no lóbulo esquerdo, um tesouro arrebatado de um contrabandista que tinha matado em duelo.

— Isso não significa nada — disse Avalanche —. Como Fremen, não tomamos emprestadas outras roupas, outras máscaras, e fingimos nos adaptar? É um método de sobrevivência em determinadas circunstâncias.

Vocês, mais que ninguém, deveriam saber que não se pode julgar às pessoas unicamente pela aparência.

Garnah, um ancião de aspecto fatigado e cabelo comprido, apoiou seu longo queixo sobre os dedos.

— Estou furioso com esses três jovens idiotas pelo que fizeram depois que o planetólogo os ajudou a derrotar os Harkonnen. Qualquer adulto sensato teria dado de ombros e feito a sombra desse homem se reunir com as dos seis insetos na terra... com certo remorso, é obvio, mas isso é o que deveriam ter feito. — Suspirou —. São jovens inexperientes.

Nunca deveriam ter se aventurado sozinhos no deserto.

Heinar soprou.

— Não pode culpá-los, Garnah. Existia a obrigação moral. Pardot Kynes tinha salvo suas vida. Até esses jovens imprudentes tiveram consciência da carga de água que tinha recaído sobre seus ombros.

— E o que me diz de suas obrigações para com o *sietch* e nosso povo? — insistiu o cabeludo Garnah —. A dívida contraída com um simples servidor imperial pesa mais que sua lealdade para nós?

— Ele é louco — disse Jerath —. Já ouviram o diz? Quer árvores, quantidades enormes de água, irrigação, colheitas... Imagina um vergel onde existe um

deserto. — Soprou e se tocou o aro de sua orelha —.

Afirmo que está louco.

Avalanche apertou a boca em sinal de ceticismo.

— Depois de milhares de anos errando de um lado para outro, o que por fim nos trouxe para cá e fez de nosso povo o que somos, como podem desprezar um homem por sonhar com o paraíso?

Jerath franziu o sobrecenho, mas aceitou o raciocínio.

— Talvez Kynes esteja louco — disse Garnah —, mas só o suficiente para ser um santo. Talvez esteja louco o bastante para ouvir as palavras de Deus de uma forma que nós não podemos.

— Essa é uma questão que não nós decidiremos — disse Heinar, utilizando por fim a voz de comando de um *naib*, afim de reconduzir a discussão para o tema tratado —. A escolha que enfrentamos não está relacionada com a palavra de Deus, mas com a sobrevivência de nosso *sietch*. Pardot Kynes viu nossos costumes, viveu em nosso lugar secreto.

Por ordem imperial, envia relatórios a Kaitain sempre que chega a uma cidade. Pensem no perigo que isto nos coloca.

— Mas e tudo o que disse sobre o paraíso no Dune? — perguntou Avalanche, que ainda tentava defender o estrangeiro —. Água em qualquer parte, dunas rodeadas de erva, altas palmeiras, *qanats3* abertos através do deserto.

— Fantasias — grunhiu Jerath —. O homem sabe muito sobre nós e sobre Dune. Não podemos permitir que conheça tantos segredos.

Avalanche insistiu de novo.

— Mas matou os Harkonnen. Isso não trás para nós, para nosso *sietch*, uma dívida de água? Salvou três membros de nossa tribo.

— Desde quando devemos algo ao Império? — perguntou Jerath.

— Qualquer um pode matar os Harkonnen — acrescentou Ganath com um

encolhimento de ombros, apoiando o queixo sobre o outro punho

—. Eu mesmo já o fiz.

3 *Canais ao ar livre para transportar água sob condições controladas (veja-se Teminologia do Império de DUNE): (N. do T.)*

Heinar se inclinou.

— De acordo, Avalanche. O que opina sobre esse renascimento de Dune? Onde está a água para tudo isso? Existe alguma possibilidade de que o planetólogo possa conseguir o que diz?

— Você o ouviu? — replicou Garnah em tom zombeteiro —. Diz que a água está aqui, em uma quantidade muito superior a que possuem nossos estoques miseráveis.

Jerath arqueou as sobrancelhas e soprou.

— Esse homem está em nosso planeta há um mês ou dois, e já sabe onde encontrar o grande tesouro que nenhum Fremen conseguiu descobrir em gerações e gerações no deserto. Provavelmente encontrará um oásis no Equador? Oras!

— Ele salvou três dos nossos — insistiu Avalanche.

— Três idiotas que cruzaram o caminho dos cães Harkonnen. Não me sinto ligado a ele por tê-los salvado. Além disso, viu nossas facas *crys*.

Vocês conhecem nossa lei: quem vê essa faca tem que ser purificado ou sacrificado...

— Isso é verdade — admitiu Avalanche.

— Todos sabem que Kynes viaja sozinho e explora zonas inóspitas

— disse Heinar com um dar de ombros —. Se desaparecer, desapareceu.

Nem os Harkonnen, nem as autoridades imperiais suspeitarão de nós.

— Interpretarão isso como um simples acidente. Nosso planeta não é um lugar

acolhedor — disse Garnah.

Jerath se limitou a sorrir.

— Para falar a verdade, é possível que os Harkonnen fiquem satisfeitos por se livrarem desse intrometido. Se o matarmos, não correremos nenhum risco.

O silêncio pesou no ar poeirento durante um momento.

— O que tem deve ser, será — sentenciou Heinar ao mesmo tempo em que ficava em pé —. Todos sabemos. Não pode haver outra resposta, não podemos mudar de opinião. Devemos proteger o *sietch* acima de tudo, custe o que custar, sem nos importar com o peso em nossos corações. —

Cruzou os braços sobre o peito —. Está decidido. Kynes tem que morrer.

Duzentos e trinta e oito planetas explorados, muitos quase inabitáveis (ver cartas estelares anexas). Estudos de recursos enumeram materiais brutos valiosos. Muitos destes planetas merecem uma segunda visita, seja para exploração de minerais ou para possível colonização. Não obstante, como em outros relatórios, não se encontrou especiaria.

Relatório do perito independente, terceira expedição, entregue ao imperador Corrino III

Hasimir Fenring subornara os guardas e criados do velho Elrood afim de preparar o que tinha chamado de “um encontro secreto com um importante, embora inesperado, diplomata”. O homem com cara de doninha utilizara sua língua de ouro e sua vontade de ferro para manipular os horários do imperador e conseguir um espaço. Fenring, como um acessório do palácio durante mais de três décadas, em virtude de sua amizade com o príncipe herdeiro Shaddam, era um homem influente.

Graças a diversos métodos de persuasão, convencia a todos que precisava convencer.

O velho Elrood não suspeitava de nada.

Na hora marcada para a chegada do delegado Tleilaxu, Fenring cuidou para que Shaddam e ele estivessem presentes na sala de audiências, em teoria como

estudantes da burocracia, dedicados e concentrados para transformarem-se em líderes úteis do Império. Elrood, que gostava de pensar que estava instruindo seus protegidos em importantes temas de Estado, não imaginava que os dois jovens riam às suas costas.

Fenring se aproximou do príncipe herdeiro e sussurrou:

— Isto vai ser muito divertido, *hummmm*?

— Observe e aprenda — disse Shaddam, para depois erguer o queixo e sorrir em tom zombeteiro.

As enormes portas esculpidas se abriram, cintilantes e com pedras *soo* e cristais de chuva. Os guardas Sardaukar, imóveis com seus uniformes cinza e negro, ficaram firmes para receber o recém-chegado.

— O espetáculo começa — disse Fenring. Shaddam e ele riram.

Pajens vestidos com librés se adiantaram para apresentar o visitante de outro planeta e lhe ofereceram uma pompa processada e traduzida eletronicamente.

— Meu senhor imperador, Alteza de Um milhão de Mundos, o professor Hidar Fen Ajidica, representante dos Bene Tleilax, para celebrar um encontro privado.

Um anão de pele cinzenta entrou orgulhoso no salão, ladeado por guardas de rosto pálido e seus próprios servidores. Seus pés calçados em sapatilhas deslizaram sobre as pedras polidas do chão.

Uma onda de surpresa e desagrado percorreu os cortesãos. O

chambelán Aken Hesban, com os bigodes caídos, ergueu-se indignado atrás do trono e cravou a vista nos conselheiros de audiências do imperador, como se fosse uma espécie de brincadeira.

Elrood IX se inclinou em seu enorme trono e pediu para ver sua agenda.

Assim, pego de surpresa, talvez o velho idiota fique surpreso o bastante para escutar, pensou Fenring. Com surpreendente astúcia, os olhos de águia do *chambelán* Hesban pousaram sobre ele, mas Fenring lhe devolveu o olhar com uma expressão de inocência.

Ajidica, o representante Tleilaxu, esperou paciente, deixando que os sussurros e murmúrios fluíssem a seu redor. Tinha uma cara estreita, nariz largo e barba negra bicuda, que sobressaía de seu queixo partido. Roupas marrons lhe concediam um ar de certa importância. Sua pele parecia curtida pela intempérie, e em suas mãos, sobretudo nas palmas e nos dedos, destacavam-se manchas pálidas e descoloridas, como se a freqüente exposição a produtos químicos virulentos tivesse neutralizado a melanina.

Apesar da sua diminuta estatura, o Professor Tleilaxu avançou como se tivesse todo direito de estar na sala do trono de Kaitain.

Shaddam estudou Ajidica, e seu nariz se enrugou, devido ao aroma de comida tão característico dos Tleilaxu.

— Que o único e verdadeiro Deus o ilumine de todas as estrelas do Império, meu senhor imperador — disse Hidar Fen Ajidica, ao mesmo tempo em que juntava as mãos, fazia uma reverência e citava a Bíblia Católica Laranja. Deteve-se em frente ao enorme trono de quartzo de Hagal.

Os Tleilaxu eram famosos por manipular os mortos e conservar cadáveres para aproveitar os recursos das células, mas ninguém podia negar que eram geneticistas brilhantes. Uma de suas primeiras criações tinha sido um notável recurso alimentício novo, o *bacer* (“a carne mais saborosa deste lado do paraíso”), um cruzamento entre uma lesma gigante e um porco terráqueo. A população ainda imaginava que eram mutações engendradas em depósitos, seres horríveis que excretavam resíduos viscosos e fedorentos, e cujas múltiplos bocas trabalhavam incessantemente remexendo lixo. Este era o contexto no qual as pessoas imaginavam os Bene Tleilax, mesmo enquanto saboreavam medalhões de *bacer* macerados em molhos preparados com saborosos vinhos de Caladan.

Elrood ergueu seus ombros ossudos. Olhou com o cenho carregado para o visitante.

— O que... isto faz aqui? Quem deixou este homem entrar? — O

velho imperador passeou a vista pela sala, com olhos cintilantes —.

Nenhum Mestre Tleilaxu entrou em minha corte para celebrar uma audiência privada. Como posso saber que não é um Dançarino Facial? —

Elrood olhou para seu secretário pessoal e depois para seu *chambelán* —. E

como foi incluído em minha agenda, como posso saber que você não é um Dançarino Facial? Isto é revoltante.

O secretário pessoal retrocedeu, ofendido pela insinuação. O

diminuto Ajidica olhou para o imperador, sem deixar que o ressentimento transparecer, sem deixar se afetar por eles.

— Meu senhor Elrood, pode nos testar e comprovar que nenhum de nossos metamorfos assumiu a identidade de um membro de sua corte.

Asseguro-lhe que não sou um Dançarino Facial. Nem tampouco um assassino, nem um *Mentat*.

— Para que veio? — perguntou Elrood.

— Minha presença foi solicitada, por ser um dos principais cientistas dos Bene Tleilax. — O anão não se moveu nem um centímetro, e continuou imóvel ao pé do Trono do Leão de Ouro, envolto em suas roupas marrons

—. Desenvolvi um ambicioso plano que pode beneficiar à família imperial e também o meu povo.

— Não estamos interessados — replicou o imperador Padishah.

Desviou o olhar para seus Sardaukar e ergueu uma mão enrugada para ordenar uma expulsão forçosa. Os servos da corte contemplavam a cena, divertidos e ansiosos.

Hasimir Fenring se adiantou, consciente de que só tinha um instante para interceder.

— Posso falar, imperador Elrood? — Não esperou para receber permissão, mas tentou adotar uma expressão inocente e interessada —. A incrível audácia deste delegado Tleilaxu despertou minha curiosidade.

Gostaria de saber o que veio nos dizer.

Cravou a vista no inexpressivo rosto de Hidar Fen Ajidica. O Mestre de pele cinzenta parecia indiferente ao tratamento grosseiro que recebia.

Nada em seu comportamento traía sua relação com Fenring, que lhe sugerira a idéia da especiaria sintética, uma idéia que não demorara a encontrar apoio entre os cientistas Tleilaxu.

O príncipe herdeiro Shaddam olhou para seu pai com expressão inocente e ansiosa.

— Pai, você me ordenou que aprendesse tudo que puder do exemplo de sua liderança. Seria muito útil para mim observar como lida com esta situação com imparcialidade e firmeza.

Elrood ergueu uma mão adornada com anéis que tremia por causa de espasmos tênues mas incontroláveis.

— Muito bem, escutemos o que este Tleilaxu veio dizer. Um momento apenas, sob pena de receber um severo castigo se decidirmos que esbanjou nosso precioso tempo. Observe e aprenda. — O imperador olhou de esguelha para Shaddam, e depois tomou um gole da cerveja de especiaria que tinha ao lado —. Será breve.

Tem razão, pai. Não resta muito tempo, pensou Shaddam, sem apagar seu sorriso inocente.

— Minhas palavras exigem privacidade, meu senhor imperador —

disse Ajidica —, assim como a maior discrição.

— Eu decidirei sobre isso — replicou Elrood —. Fale de seu projeto.

O Professor Tleilaxu enlaçou suas mãos dentro das volumosas mangas de suas vestimentas marrons.

— Os rumores são como uma epidemia maligna, senhor. Se escapam, propagam-se de pessoa a pessoa, freqüentemente com efeitos mortíferos. É melhor tomar algumas precauções iniciais, que ver-se obrigado a adotar medidas de erradicação mais tarde.

Ajidica permaneceu imóvel e se negou a falar até que a sala de audiência ficasse vazia.

O imperador, impaciente, despediu todos com um gesto, funcionários, pajens, embaixadores, bufões e guardas. Os homens de segurança Sardaukar se postaram em frente as portas, das quais podiam proteger o trono, mas todos os outros presentes partiram, murmurando e arrastando os pés. Ergueram-se telas de intimidade para impedir que ninguém escutasse.

Fenring e Shaddam se sentaram perto do trono, fingindo ser estudantes absortos, embora ambos ultrapassassem os trinta anos. O velho imperador, de aspecto frágil e doentio, indicou que ficassem como observadores, e o Tleilaxu não protestou.

Durante todo o tempo, o olhar de Ajidica não se afastou de Elrood O

imperador olhou para o anão e fingiu aborrecimento. Satisfeito por fim as precauções, e ignorando o asco que o imperador sentia dele e da sua raça, Hidar Fen Ajidica falou.

— Nós, os Bene Tleilax, realizamos experimentos em todos os campos da genética, química orgânica e mutações. Em nossas fábricas desenvolvemos recentemente técnicas heterodoxas para sintetizar, digamos, substâncias pouco usuais. — Suas palavras eram concisas e eficientes, sem proporcionar mais detalhes do que o necessário —. Nossos resultados iniciais indicam que poderíamos criar um produto sintético que, em todas as suas propriedades químicas importantes, seria idêntico a melange.

— Especiaria? — Elrood dedicou a Tleilaxu toda a sua atenção.

Shaddam observou um *tic* na bochecha direita do seu pai, debaixo do olho

— Criada em laboratório? Impossível!

— Não é impossível, meu senhor. Contando com tempo e condições adequadas para seu desenvolvimento, esta especiaria artificial poderia fornecer uma reserva inesgotável, produzida em quantidades industriais e...

destinada com exclusividade à Casa Leitão, se assim o desejar.

Elrood se inclinou como um ave de rapina mumificada.

— Isso nunca foi possível.

— Nossas análises demonstram que a especiaria é uma substância de base orgânica. Graças a experimentos minuciosos, acreditamos que nossos depósitos de *axlotl* podem ser modificados para produzir melange.

— Da mesma forma que criam *gholas* a partir de células humanas mortas? — disse o imperador com cara de asco —. E clones?

Shaddam, intrigado e surpreso, olhou para Fenring. Depósitos de *axlotl*?

Ajidica não afastou a vista de Elrood.

— Sim... com efeito, meu senhor.

— Por que veio a mim? — perguntou Elrood —. Imaginava que os diabólicos Tleilaxu criariam um substituto da especiaria para seu uso exclusivo, e deixariam o Império a sua mercê.

— Os Bene Tleilax não são uma raça poderosa, senhor. Se descobríssemos a forma de produzir nossa própria melange e guardássemos segredo, desencadearíamos sobre nós a ira do Império. O senhor enviaria os Sardaukar, arrancaria-nos o segredo e nos destruiria. A Corporação Espacial e a CHOAM lhe dariam sua colaboração de bom grado e, por outro lado, os Harkonnen defenderiam seu monopólio de especiaria a todo custo.

Ajidica lhe dedicou um leve sorriso desprovido de humor.

— Fico feliz em saber que compreendem sua posição subordinada —

disse Elrood, e descansou seu cotovelo ossudo sobre o braço do trono —.

Nem sequer a Grande Casa mais rica desenvolveu uma força militar capaz de opor resistência a meus Sardaukar.

— Por isso, decidimos prudentemente nos aliar a mais poderosa presença da galáxia: a Casa Imperial. Dessa forma colheremos os maiores benefícios de nossa nova pesquisa.

Elrood apoiou um longo dedo sobre seus lábios, magros como papel, enquanto refletia. Esses Tleilaxu eram preparados, e podiam fabricar a substância com exclusividade para a Casa Corrino, a preço de custo, o imperador contaria com uma poderosa moeda de mudança.

A diferença econômica seria enorme. Poderia levar a Casa Harkonnen a bancarrota. O planeta deserto de Arrakis perderia quase todo seu valor, porque era muito caro extrair o produto da areia.

Se aquele anão pudesse fazer o que insinuava, o Landsraad, a CHOAM, a Corporação Espacial, os *Mentats* e a Bene Gesserit se veriam obrigados a suplicar o favor do imperador afim de conseguir fornecimentos. Quase todos os membros importantes das famílias nobres eram viciados em melange, e o próprio Elrood poderia transformar-se em seu fornecedor. Sentiu-se entusiasmado.

Ajidica interrompeu os pensamentos de Elrood.

— Permita-me salientar que não será uma tarefa simples, senhor. É

extraordinariamente difícil analisar a estrutura química concreta da melange, e temos que separar os componentes necessários dos irrelevantes.

Para alcançar este objetivo, os Tleilaxu necessitam de enormes recursos, assim como liberdade e tempo para prosseguir nossas investigações.

Fenring se remexeu sobre os degraus e olhou para o imperador.

— Meu senhor, compreendo agora que o Mestre Ajidica teve razão ao solicitar que a audiência fosse privada. Essa pesquisa ser realizada em segredo, se a Casa Corrino desejar a exclusividade. Certos poderes do Império fariam o impossível por impedir que criassem um fornecimento independente e inesgotável de especiaria, *hummmm*?

Fenring percebeu que o ancião compreendia as enormes vantagens políticas e econômicas que a proposta de Ajidica podia proporcionar, apesar do aborrecimento instintivo para com os Tleilaxu. Percebeu que a balança estava se inclinando, que o imperador senil estava chegando à conclusão que Fenring desejava. Sim, ainda é possível manipular o velho caduco.

O próprio Elrood tinha consciência das numerosas forças postas na balança.

Dado que os Harkonnen eram ambiciosos e intratáveis, preferia ter posto à frente de Arrakis uma outra Grande Casa, mas o barão conservaria o poder durante muitas décadas ainda. Por razões políticas, o imperador se viu forçado a conceder aquele valioso semifeudo a Casa Harkonnen, depois de descartar os Richese, e os novos proprietários do feudo se obstinado a ele. Muito. Nem sequer a derrota do período de governo de Abulurd (nomeado a pedido de seu pai, Dmitri Harkonnen) obtivera o resultado desejado. De fato, o efeito tinha sido o contrário, quando o barão se instalou no poder mediante manobras de todo tipo.

Mas o que faremos com Arrakis depois?, pensou Elrood. Eu gostaria de conseguir seu controle total. Sem seu monopólio da especiaria, seria um lugar barato. Ao preço justo, seria útil para outras coisas... Uma zona de manobras militares incrivelmente dura, talvez?

— Expor suas idéias a nós foi muito acertado, Hidar Fen Ajidica. —

Elrood enlaçou as mãos sobre o regaço, com um tinido de anéis de ouro, mas se negou a pedir desculpas por sua grosseria anterior —. Faça o favor de nos entregar um resumo detalhado de suas necessidades.

— Sim, meu senhor imperador. — Ajidica se inclinou de novo, sem tirar as mãos das mangas —. O mais importante é que meu povo necessitará de equipamentos e recursos... e de um lugar para realizar as pesquisas. Eu estarei no comando do projeto, mas os Bene Tleilax necessitam de uma base tecnológica apropriada e instalações industriais. Se possível, que já funcionem e que estejam bem protegidas.

Elrood refletiu. Entre todos os planetas do Império, tinha que existir algum lugar, um planeta com alta tecnologia e aptidões industriais...

As peças do quebra-cabeças encaixaram, e ele viu com muita clareza: uma forma de apagar do mapa a seu velho rival, a Casa Vernius, vingar-se de Dominic por lhe ter roubado sua concubina, e pelo novo desenho dos Cruzeiros, que ameaçava causar prejuízos nos lucros do Império. Oh, isto será magnífico!

Hasimir, que seguia continuava nos degraus do pedestal de cristal do trono, não entendeu por que o imperador sorria com tanta satisfação. O

silêncio se prolongou por um longo momento. Perguntou-se se aquela pausa

estava relacionada com os lentos efeitos do *chaumurky*, que lhe devorava o cérebro. Dentro de pouco, o velho se transformaria em um ser irracional e paranóico. E depois morreria. De uma forma horrível, espero.

Mas antes, todos os mecanismos estariam em movimento.

— Sim, Hidar Fen Ajidica. Temos o lugar que necessitam para seus trabalhos — disse Elrood —. Um lugar perfeito.

Dominic não precisa saber até que seja muito tarde, pensou o imperador. E depois tem que saber quem é o responsável, pouco antes de morrer.

O momento, como em tantos assuntos do Império, tinha que ser preciso.

A Corporação Espacial trabalhou durante séculos para rodear nossa elite de Navegantes de um halo místico. Somos reverenciados, do Piloto mais inferior ao Timoneiro de maior talento. Vivem em contêineres de gás de especiaria, vêem todos os caminhos que percorrem o espaço e o tempo, guiam naves até os limites do Império. Mas ninguém sabe o custo humano ao transformar-se em Navegante. Temos que conservá-lo em segredo, porque se soubessem a verdade, se compadeceriam de nós.

Manual de Treinamento da Corporação Espacial para Timoneiros (secreto).

O austero edifício da embaixada da Corporação contrastava com o resto do esplendor ixiano na cidade das estalactites. Era de cor parda, funcional, muito diferente das deslumbrantes e ornamentadas torres da caverna. As prioridades da Corporação Espacial não estavam precisamente na ornamentação e a ostentação.

Naquele dia, C'tair e D'murr Pilru seriam examinados, com a esperança de se tornarem em Navegantes da Corporação. C'tair não sabia se estava emocionado ou aterrorizado.

Enquanto os gêmeos atravessavam ombro a ombro uma passarela acristalada que desembocava do *Grand Palais*, C'tair considerou tão repulsivo esteticamente o edifício da embaixada, que sopesou a possibilidade de desistir. Tendo em conta a enorme riqueza da Corporação, a falta de luxo lhe pareceu estranha, ao ponto de incomodá-lo.

Como se pensasse o mesmo, mas para chegar a uma conclusão diferente, seu

irmão se virou para C'tair e disse:

— Uma vez que as maravilhas do espaço se abram para a mente de um Navegante, que outros adornos são necessários? Pode qualquer ornamentação rivalizar aos prodígios que um Navegante vê durante um só trajeto através da dobra-espacial? O universo, irmão! Todo o universo.

C'tair assentiu.

— Tem razão, a partir de agora temos que utilizar critérios diferentes. Abra sua mente. Lembre-se do que nos dizia o velho Davee Rogo? As coisas vão ser muito... diferentes.

Se fossem aprovados nos exames teria que partir, embora não sentisse nenhum desejo de abandonar a bela cidade subterrânea do Vernii.

Sua mãe, S'tina, era uma importante banqueira da Corporação, seu pai era um respeitado embaixador, e, com a ajuda do próprio conde Vernius, tinham concordado em dar aos gêmeos aquela oportunidade. IX se sentiria orgulhoso dele. Talvez erigissem uma estátua em sua honra algum dia, ou dariam o nome dele e de seu irmão a uma gruta...

Enquanto seu pai cumpria seus deveres diplomáticos com o imperador e um milhar de funcionários em Kaitain, seus filhos gêmeos se preparavam na cidade subterrânea para coisas mais importantes. Durante sua infância, que tinham passado clandestinamente, C'tair e seu irmão tinham ido a sede da Corporação para ver sua mãe. Sempre tinham sido convidados no edifício, mas desta vez os gêmeos iam ao encontro de uma prova muito mais dura.

Dentro de algumas horas o futuro de C'tair seria decidido.

Banqueiros, interventores e peritos em comércio eram seres humanos, burocratas. Mas um Navegante era muito mais.

Por mais que tentasse se animar, C'tair não estava seguro de superar as provas. Quem era ele, para pensar que podia se tornar um Navegante da Corporação? Seus pais só tinham concedido aos gêmeos uma oportunidade, não uma garantia. Poderia conseguir? Era tão especial? Alisou seu cabelo escuro e sentiu o suor nos dedos.

“Se superarem a prova se transformarão em representantes importantes da Corporação Espacial — havia dito sua mãe, sorrindo com orgulho —. Muito importantes.”

C'tair sentiu um nó na garganta, e D'murr se ergueu em toda sua estatura.

Kailea Vendos, a princesa da casa de IX, também lhes desejara o melhor. C'tair suspeitava que a filha do conde estava zombando deles, mas tanto seu irmão como ele gostavam de flertar com ela. de vez em quando até fingiam ficar enciumados quando Kailea mencionava o jovem Leto, herdeiro da Casa Atreides. Tentava que os gêmeos competissem por seu afeto, e eles se rendiam de bom grado a seu desejo. De qualquer forma, C'tair duvidava que suas famílias concordassem em consentir com um matrimônio, assim não via nenhum futuro nesse caminho.

Se C'tair ingressasse na Corporação, seus deveres o levariam para longe de IX e da cidade subterrânea que tanto amava. Se se transformasse em um Navegante, muitas coisas mudariam...

Chegaram à sala de espera da embaixada com meia hora de antecipação. D'murr passeou atrás de seu irmão, que estava nervoso, absorto e nada comunicativo, concentrado em seus pensamentos e desejos.

Embora o aspecto dos dois irmãos fosse quase idêntico, D'murr parecia muito mais forte, mais entregue ao desafio, e C'tair se esforçava por imitá-

lo.

Engoliu em seco na sala de espera, enquanto repetia as palavras que seu irmão e ele compartilharam como um mantra naquela manhã, em suas habitações. Quero ser Navegante. Quero ingressar na Corporação. Quero abandonar IX e sulcar os caminhos estelares, com minha mente vinculada ao universo.

Aos dezessete anos, ambos se sentiam capazes de suportar um processo de seleção tão rigoroso, que os ligaria permanentemente a uma forma de vida, mesmo que se arrependessem. A Corporação queria mentes flexíveis e maleáveis, dentro de corpos amadurecidos. Os Navegantes treinados na adolescência tinham demonstrado ser os melhores, e alguns alcançavam a patente maior de Timoneiros. Não obstante, esses candidatos aceitos tão cedo podiam se transformar em sombras fantasmagóricas, aptas unicamente para

tarefas secundárias. Aplicava-se eutanásia aos fracassados.

— Está preparado, irmão? — perguntou D'murr. C'tair extraía integridade e entusiasmo da confiança de seu irmão.

— Totalmente — disse —. Você e eu seremos Navegantes da Corporação.

C'tair deixou de lado seus receios e se convenceu que desejava aquele destino. Seria um reconhecimento ao seu talento, uma honra para a família... mas não podia afastar o espectro da dúvida que o atormentava.

No fundo do seu coração, não desejava abandonar IX. Seu pai, o embaixador, tinha inculcado em seus dois filhos um profundo afeto pelos prodígios da engenharia subterrânea, as inovações e a acuidade tecnológica deste planeta. IX era um planeta sem comparação em todo o Império.

E é obvio, se partisse, perderia Kailea para sempre.

Quando indicaram que entrassem no labirinto da embaixada, os gêmeos atravessaram o portal sentindo-se muito sozinhos. Não tinham acompanhantes, ninguém que os aclamassem no triunfo ou os consolasse no fracasso. Nem sequer seu pai estava presente para oferecer apoio. O

embaixador tinha partido para Kaitain, afim de preparar outra reunião do subcomitê do Landsraad.

Aquela manhã, enquanto o relógio debulhava os minutos de forma ominosa, C'tair e D'murr tinham se sentado na residência do embaixador para tomar o café da manhã, havia uma mesa repleta de bolos coloridos, enquanto sua mãe reproduzia uma mensagem que seu pai havia hologravado. Tinham pouco apetite, mas escutaram as palavras de Cammar Pilru. C'tair tentou captar algo especial nelas, algo que fosse útil, mas a imagem do embaixador se limitou a transmitir ânimo e trivialidades, como eco de um discurso muito usado que tivesse utilizado muitas vezes durante sua carreira diplomática.

Em seguida, depois de um abraço final, sua mãe tinha beijado a ambos antes de sair a toda pressa para a sede do Banco da Corporação, uma parte do aborrecido edifício que agora estava a frente deles. S'tina manifestara o desejo de acompanhar seus filhos durante as provas, mas a Corporação tinha proibido. Os exames de Navegante significavam algo muito íntimo e pessoal. Os gêmeos

tinham que enfrentá-los sozinhos e separados, usando apenas as suas capacidades. Sua mãe estaria em seu escritório, provavelmente preocupada com eles.

Quando S'tina se despediu, conseguiu apagar quase todo o desespero e horror de seu rosto. C'tair tinha percebido um brilho, mas D'murr não.

Perguntou-se o que sua mãe teria oculto durante os preparativos para a prova. Não deseja que triunfemos?

Os Navegantes constituíam a matéria que compõe as lendas, rodeados de segredos e superstições transpiradas pela Corporação. C'tair escutara rumores sobre deformações corporais, danos que a imersão constante e intensa na especiaria podia infligir à mente humana. Nenhum forasteiro jamais tinha visto um Navegante, então como eram essa gente e quais as mudanças que aconteciam no corpo de alguém provido de capacidades mentais tão fenomenais? Seu irmão e ele riam daquelas especulações estúpidas, e se convenceram de que tais idéias eram mentiras.

Mas serão? O que minha mãe teme?

— Concentre-se, C'tair! Parece preocupado — disse D'murr.

C'tair respondeu sarcástico:

— Preocupado? É claro que sim. Pergunto-me por que. Estamos a ponto de passar pela prova mais importante de nossa vida, e ninguém sabe como preparar-se para ela. Acredito que ainda estamos um pouco verdes.

D'murr olhou para ele com enorme preocupação e apertou seu braço.

— Seu nervosismo pode ser a chave do seu fracasso, irmão. O exame de Navegante não tem nada a ver com a preparação ou com os estudos, apenas a vocação natural, e a capacidade de expandir nossas mentes.

Temos que atravessar o vazio sãs e salvos. Agora lembre-se do que nos disse o velho Davee Rogo: só conseguirá se deixar que sua mente supere as limitações que os outros se impõem. C'tair, abra sua imaginação e supere essas limitações comigo.

A confiança do seu irmão parecia inquebrantável, e C'tair se viu obrigado a assentir. Davee Rogo. Fazia anos que não pensava no aleijado e excêntrico inventor ixiano. Quando tinham dez anos, os gêmeos tinham conhecido o famoso inventor Rogo. Seu pai os apresentara, gravando hologramas de ambos com o cientista para o álbum de lembranças da embaixada, e depois se afastou para saudar outros personagens importantes.

Os dois moços tinham seguido falando com o inventor, e ele lhes tinha convidado a visitar seu laboratório. Durante os dois anos seguintes, Rogo se transformara em uma espécie de tutor extra-oficial de C'tair e D'murr, até sua morte. Agora, os gêmeos só conservavam de Davee Rogo suas lembranças, e a confiança que triunfariam.

Rogo brigaria comigo por minhas dúvidas, pensou C'tair.

— Pense, irmão. Como alguém se prepara para a tarefa de transportar naves enormes de um sistema para outro em um abrir e fechar de olhos? — Para demonstrar, D'murr piscou um olho —. Você assará. Nós dois passaremos. Prepare-se para mergulhar no contêiner de especiaria.

Enquanto caminhavam para o mostrador de recepção interior da embaixada, C'tair olhou para a cidade subterrânea de Vernii, além das fileiras rutilantes de globos luminosos que onde estavam construindo outro Cruzeiro. Talvez algum dia pilotasse aquela mesma nave. Ao pensar na forma como aquele Navegante vindo de outros mundos tinha saído com o novo Cruzeiro para o espaço, o jovem se sentiu tomado de entusiasmo.

Gostava de lX, queria ficar no planeta, queria ver Kailea uma última vez...

mas também desejava ser Navegante.

Os irmãos se identificaram e esperaram em silêncio em frente ao mostrador de *marmolplaz*, cada um absorto em seus pensamentos, como se estivessem em transe para aumentar suas possibilidades de triunfo.

Manterei minha mente completamente aberta, preparada para tudo.

Uma bela examinadora veio encontrá-los, vestida com um traje cinza folgado. O símbolo do infinito da Corporação costurado na sua lapela, mas não usava jóias nem adornos.

— Bem-vindos — disse sem apresentar — a Corporação procura os melhores talentos porque nosso trabalho é de uma importância decisiva.

Sem nós, sem as viagens espaciais, a malha do Império se rasgaria. Pensem nisto, e compreenderão por que temos que ser tão exigentes.

Seu cabelo era de um castanho avermelhado, muito curto. C'tair a consideraria atraente em outro momento, mas agora só podia pensar no exame iminente.

A examinadora checou suas identificações de novo e depois os acompanhou até câmaras de exame.

— Trata-se de um exame individual, que devem encarar sozinhos.

Não há forma de atrapalhar nem de se ajudar mutuamente — disse.

C'tair e D'murr, alarmados pela separação, olharam-se, e depois se desejaram sorte em silêncio.

A porta da câmara se fechou atrás de D'murr com um ruído estrondoso e aterrador. Notou nos ouvidos a diferença de pressão de ar.

Sentia-se sozinho, muito sozinho, mas sabia que estava à altura do desafio.

A confiança significa ter metade da batalha ganha.

Observou as paredes couraçadas, as gretas seladas, a falta de ventilação. Um gás surgia de uma abertura no teto... Nuvens espessas de cor alaranjada, com um aroma picante que queimou suas fossas nasais.

Veneno? Drogas? Então, D'murr compreendeu o que a Corporação lhe tinha reservado.

Melange!

Fechou os olhos e percebeu o inconfundível aroma da estranha especiaria. Melange, uma incrível quantidade no ar, que enchia a câmara e impregnava todos os seus poros. D'murr, que conhecia o valor da especiaria de Arrakis devido ao meticuloso trabalho de sua mãe no Banco da Corporação, aspirou outra grande baforada. O que custava aquilo! Não sentiu estranhou que a

Corporação examinasse só a uns poucos escolhidos.

O custo de um só exame seria suficiente para comprar o complexo de uma sede em outro planeta.

A riqueza controlada pela Corporação Espacial (em bancos, transporte e explorações) assombrava-o. A Corporação chegava a todas as partes, tocava tudo. Queria ser membro dela. Para que necessitavam de ornamentações frívolas, se tinham tanta melange?

Sentiu que as possibilidades giravam como um detalhado mapa topográfico, com ondulações e intercessões, um aglomerado de pontos, e atalhos que entravam e saíam do vazio. Abriu sua mente para que a especiaria pudesse transportá-lo para qualquer ponto do universo.

Quando a névoa alaranjada rodeou D'murr, não pôde mais ver as paredes monótonas da câmara. Notou que a melange se introduzia em todos os seus poros e células. Uma sensação maravilhosa! Imaginou que era um Navegante reverenciado, que expandia sua mente até os limites do Império e abrangia tudo...

D'murr continuou sulcando o espaço, sem abandonar a câmara de provas, ou ao menos pensou.

O exame foi muito pior do que C'tair imaginara.

Ninguém havia dito o que devia fazer. Não teve a menor chance.

Engasgou-se com o gás de especiaria, enjoou, lutou por conservar o controle de sua mente. A *overdose* de melange o aturdiu, até o ponto de não recordar quem era ou que fazia ali. Esforçou-se por concentrar-se, mas foi inútil.

Quando recuperou a consciência, com a roupa limpa e o cabelo e a pele recém lavados (talvez para que a Corporação pudesse recuperar até a última partícula de melange?), a curvilínea examinadora estava olhando para ele. Dedicou a C'tair um sorriso triste e meneou a cabeça.

— Você bloqueou sua mente para a ação do gás de especiaria, e reintegrou ao mundo normal. — Suas próximas palavras soaram como uma sentença de morte —: Não é de utilidade para a Corporação.

C'tair se levantou e tossiu. Inspirou pelo nariz, que ainda ardia devido ao potente aroma de canela.

— Sinto muito. Ninguém me explicou o que devia...

A mulher o ajudou a levantar-se, disposta a acompanhá-lo para fora da embaixada.

Sentia uma enorme angústia no coração. A examinadora não teve necessidade de responder quando lhe tirou da zona de recepção. C'tair passeou a vista ao redor, procurando seu irmão, mas a sala de espera estava vazia.

Então, percebeu que seu fracasso não era o pior acontecimento que devia enfrentar.

— Onde está D'murr? Ele passou?

A examinadora assentiu.

— Admiravelmente.

Indicou-lhe a saída, mas o jovem olhou para o corredor interior e a câmara selada onde seu irmão tinha entrado. Precisava felicitar D'murr, embora a vitória fora agridoce. Ao menos, um dos dois seria Navegante.

— Nunca mais voltará a ver seu irmão — disse a examinadora —.

Agora, D'murr Pilru é nosso.

Depois de um breve instante de confusão, C'tair correu para a porta da câmara selada. Golpeou-a com os punhos e gritou, mas não recebeu resposta. Em seguida, guardas da Corporação o tiraram dali com eficácia e rapidez.

Ainda enjoado pela *overdose* de melange, C'tair não percebeu para onde o conduziam. Piscando e desorientado, encontrou-se na passarela de cristal da embaixada. Abaixo dele, outras ruas e passarelas buliam de tráfico e pedestres que iam de um edifício a outro.

Agora estava mais sozinho que nunca.

A examinadora se plantou na escalinata da embaixada para impedir que C'tair entrasse novamente. Embora sua mãe trabalhasse ali, C'tair sabia que as portas daquele edifício, assim como as portas do futuro que tinha imaginado, tinham se fechado para sempre.

— Alegre-se por seu irmão! — exclamou a examinadora, e sua voz expressou por fim um pouco de vida —. Ele entrou em outro mundo.

Viajará para lugares inimagináveis.

— Eu o verei novamente, ou poderei falar com ele? — perguntou C'tair, como se tivessem roubado uma parte de seu ser.

— Duvido — disse a examinadora, ao mesmo tempo em que cruzava os braços sobre o peito. Franziu o sobrecenho —. A menos que... sofra uma regressão. Seu irmão mergulhou tão completamente no gás de especiaria que começou o processo de conversão no mesmo momento A Corporação não pode renunciar esse talento. Já começou a mudança.

— Devolvam-no ao que era antes — disse C'tair com lágrimas nos olhos —. Apenas por alguns minutos.

Queria sentir-se feliz por seu gêmeo, e orgulhoso. D'murr tinha superado a prova que tanto tinha significado para ambos.

Os gêmeos sempre tinham estado muito unidos. Como poderiam viver separados? Talvez sua mãe pudesse usar suas relações na Corporação para permitir que se despedissem. Ou talvez seu pai usasse seus privilégios de embaixador para conseguir recuperar D'murr.

Mas C'tair sabia que isso nunca ocorreria. Agora compreendia. Sua mãe sabia, e temera perder seus dois filhos.

— Na maioria de casos, o processo é irreversível — disse a examinadora.

Guardas de segurança saíram e a flanquearam.

— Acredite — disse a examinadora —. Você não gostaria de voltar a ver seu irmão.

O corpo humano é uma máquina, uma mistura de elementos químicos orgânicos, condutores de fluidos e impulsos elétricos. Um governo é como uma máquina de sociedades interativas, leis, culturas, recompensas e castigos, normas de conduta. E no final, o universo é como uma máquina, planetas ao redor de sóis, estrelas reunidas em amontoados, amontoados e outros sóis que formam galáxias inteiras... Nosso trabalho é manter a máquina em funcionamento.

Escola Interior Suk, doutrina fundamental

O príncipe herdeiro Shaddam e o *chambelán* Aken Hesban, ambos carrancudos, viram se aproximar um homem diminuto e esquelético que, não obstante, caminhava como se fosse um gigante *mutelliano*. Depois de anos de adestramento e condicionamento, todos os médicos Suk pareciam propensos a levar-se muito a sério.

— Este Yungar me recorda mais um artista de circo que um respeitado profissional da medicina — disse Shaddam, enquanto tomava nota das sobrancelhas arqueadas, os olhos negros e o acréscimo de um cinza resistente —. Espero que saiba o que faz. Só quero os melhores cuidados para meu pobre pai doente.

A seu lado, Hesban deu um puxão em seu longo bigode, mas não disse nada. Usava um comprido manto azul com adornos dourados.

Durante anos, Shaddam tinha detestado aquele homem pomposo sempre à sombra de seu pai, e tinha jurado nomear um novo *chambelán* depois de ser nomeado. E enquanto aquele médico Suk não encontrasse explicações para a piora progressiva de Elrood, a preponderância de Shaddam estaria assegurada.

Hasimir Fenring insistia que nem sequer todos os recursos da famosa Escola Interior Suk conseguiriam deter o que se pôs em marcha. Nenhum detector de venenos era capaz de localizar o elemento químico catalisador implantado no cérebro do ancião, já que na realidade não era um veneno, mas se transformava numa substância perigosa com a presença da cerveja de especiaria. E à medida que se sentia pior, Elrood consumia cada vez mais cerveja.

O diminuto medico, que não media mais de um metro de estatura, tinha a pele suave mas os olhos de um ancião, devido aos imensos conhecimentos médicos armazenados em seu cérebro. Um diamante negro tatuado marcava o centro de sua mente enrugada. Seu cabelo, recolhido na nuca com um aro de prata Suk, era

mais comprido que a de uma mulher, e chegava quase até o chão.

Is Yungar fez o cumprimento característico de sua profissão.

— Têm o pagamento? — Olhou para o *chambelán* e depois para o príncipe herdeiro —. Precisa saldar as contas antes de iniciar o tratamento.

Tendo em conta a idade do imperador, nossos cuidados podem ser muito prolongados... e infrutíferos à longo prazo. Tem que pagar suas faturas, como qualquer outro cidadão. Rei, mineiro, artesão, isso não nos importa.

Todos os humanos querem estar sadios, e não podemos tratar todo mundo.

Nossos cuidados estão a disposição unicamente dos que querem e podem pagar.

Shaddam apoiou uma mão na manga do *chambelán*.

— Claro, não pouparemos em gastos com a saúde de meu pai, Alten.

Tudo está arrumado.

Encontravam-se dentro da porta arqueada da sala de audiências imperial, sob os afrescos pintados no teto que representavam acontecimentos épicos da história da família Corrino: o sangue da Jihad, a desesperada resistência na ponte do Hreihgir, a destruição das máquinas pensantes. Shaddam sempre tinha considerado pesada e aborrecida a história imperial antiga, de pouca relevância para seus atuais objetivos.

Pouco importava o que tivesse acontecido séculos e séculos atrás. Só esperava que não fosse necessário tanto tempo para que acontecesse uma mudança no palácio.

Na sala povoada de ecos, o magnífico trono encravado de jóias do imperador Padishah se elevava tentadoramente vazio. Funcionários da corte e algumas Bene Gesserit vestidas com seus hábitos negros vagavam em nichos e passadiços laterais, procurando passar desapercebidos. Um par de guardas Sardaukar armados até os dentes estavam imóveis ao pé da escalinata, atentos a tudo que acontecia ao redor. Shaddam se perguntou se o obedeceriam naquele instante, sabendo que seu pai se encontrava encerrado em seus aposentos, doente. Decidiu não tentar descobrir. Muito em breve saberia.

— Todos estamos familiarizados com essas promessas — disse o médico —. Em qualquer caso, desejo receber o pagamento antecipadamente.

Tom obstinado, olhar impertinente que não se afastava de Shaddam, desde que o príncipe herdeiro tinha falado. Yungar gostava de praticar estranhos jogos de poder, mas logo seria expulso de sua fraternidade.

— Pagar antes de ver o paciente? — exclamou o *chambelán* —.

Quais são suas prioridades, homem?

Por fim, o doutor Yungar se dignou a olhar para ele.

— Já tratou conosco em ocasiões anteriores, *chambelán*, e sabe o que custa formar um médico Suk, totalmente condicionado e treinado.

Como herdeiro do Trono do Leão Dourado, Shaddam estava familiarizado com o Condicionamento Imperial Suk, que garantia absoluta lealdade ao paciente. Em séculos de história médica ninguém tinha conseguido corromper um graduado da Escola Interior.

A certos membros da corte real era muito difícil conciliar a lendária lealdade Suk com sua cobiça inesgotável. Os médicos jamais tinham renunciado a sua postura de não tratar ninguém, nem sequer um imperador, em troca da simples promessa de uma remuneração. Os médicos Suk não confiavam. O pagamento devia ser em dinheiro e no ato.

Yungar falou com uma choramingação irritada.

— Embora não sejamos tão importantes como os *Mentats* ou as Bene Gesserit, a Escola Suk continuas sendo uma das maiores do Império.

Apenas minha equipe é mais cara que uma dúzia de planetas. — Yungar indicou uma maleta que flutuava a seu lado —. Não recebo seu pagamento para meu benefício particular, é obvio. Só sou um médico, uma pessoa de confiança. Quando retornar, seus créditos irão comigo para a Escola Suk, em benefício da humanidade.

Hesban olhou-o com ódio. Seu rosto avermelhou e seus bigodes tremeram.

— Digamos em benefício da parte de humanidade que pode permitir-se seus serviços.

— Correto, *chambelán*.

O ar de importância que se dava o médico fez Shaddam estremecer.

Quando ocupasse o trono, seria capaz de iniciar mudanças que colocassem aqueles Suk em seu devido lugar? Tudo no seu devido tempo.

Suspirou. Seu pai tinha permitido que muitos fios lhe escapassem entre os dedos. Embora Shaddam detestasse manchar as mãos de sangue, tirar do caminho o imperador ancião era uma ação necessária.

— Se os gastos do tratamento constituírem sua preocupação fundamental — disse o médico Suk, ao mesmo tempo em que aguilhoava com discrição o *chambelán* —, podem contratar um médico mais barato para o imperador do Universo Conhecido.

— Chega de discussões — interrompeu Shaddam —. Venha comigo, doutor.

Yungar assentiu e deu as costas ao *chambelán*, como se ele fosse um ser desprezível.

— Agora sei por que usam uma tatuagem em forma de diamante em suas testas — grunhiu Hesban enquanto os seguia —. Carregam tesouros em suas mentes.

O príncipe herdeiro os precedeu até uma câmara protegida e atravessou uma cortina elétrica para entrar em uma cripta interior. Sobre uma mesa de ouro situada no centro da estadia havia broncos de opafogo, *danikins* de melange e bolsas entreabertas que revelavam pedras *soo* cintilantes.

— Isto será suficiente — disse o Suk —. A menos que o tratamento seja mais complicado do que supomos. — O médico voltou sobre seus passos, flanqueado por sua maleta flutuante —. Já conheço o caminho para a habitação do imperador.

Sem dar mais explicações, Yungar atravessou uma porta e subiu uma escalinata que conduzia aos aposentos onde descansava o imperador.

Guardas Sardaukar permaneceram ante o campo de força que protegia a cripta do tesouro, enquanto Shaddam e Hesban seguiam o médico. Fenring já estava esperando junto ao leito do doente, emitindo seus ruídos irritantes e procurando que o tratamento não sortisse efeito.

O enrugado imperador jazia em uma ampla cama imperial, sob um dossel das melhores seda *merh*, bordadas seguindo o antigo método terráqueo. Os postes eram de *ucea* esculpida, uma madeira dura nativa da *Elacca*. Fontes relaxantes, dispostas em nichos das paredes, jorravam água fresca, que sussurrava e borbulhava. Globos luminosos perfumados, acesos ao mínimo, flutuavam nos rincões da habitação.

Enquanto Shaddam e Fenring observavam, o médico Suk despediu com um gesto um criado vestido com libré e subiu os dois estreitos degraus que conduziam ao leito. Três formosas concubinas imperiais espreitavam atrás do doente, como se suas presenças pudessem revitalizá-lo. O fedor do ancião impregnava o ar, mesmo com a ventilação e o incenso.

O imperador Elrood vestia roupas de cetim e um gorro de dormir antiquado que cobria seu crânio, salpicado de manchas de idade. Estava deitado sobre os lençóis, já que se queixava de um calor excessivo. O

homem tinha um aspecto gasto e mal podia manter os olhos abertos.

Shaddam se sentiu satisfeito ao ver quanto tinha piorado a saúde do seu pai desde a visita do embaixador Tleilaxu. De qualquer modo, Elrood tinha dias bons e maus, além do irritante hábito de recuperar sua vitalidade depois de uma recaída importante como esta.

Deve estar sedento, pai, pensou Shaddam. *Beba um pouco mais de cerveja.*

O médico abriu sua maleta e mostrou vários instrumentos brilhantes, sensores e frascos coloridos para analisar líquidos. Yungar introduziu a mão na maleta e extraiu um pequeno aparelho branco, que entregou a Elrood.

Depois de lhe tirar o gorro de dormir e revelar uma calva suarenta, o doutor Yungar escaneou o crânio de Elrood e levantou a cabeça do ancião para examiná-la. O imperador grunhiu, seu aspecto frágil, fraco e velho.

Shaddam se perguntou que aspecto teria ele mesmo depois de viver cento e

cinqüenta anos... preferivelmente ao fim de um longo e glorioso reinado.

Durante o exame reprimiu um sorriso e conteve o fôlego. A seu lado, Fenring permanecia tranquilo e reservado. Só o *chambelán* presenciava a cena com semblante preocupado.

O medico guardou seu equipamento e depois estudou o cubo que continha o histórico médico do paciente. Por fim, anunciou para o atordoado ancião:

— Nem mesmo a melange pode conservá-lo jovem eternamente, senhor. Na sua idade é natural que a saúde comece a declinar. Às vezes com grande rapidez.

Shaddam exalou um suspiro inaudível de alívio.

Elrood se levantou com dificuldade, e suas concubinas dispuseram travesseiros borlas que apoiasse as costas. Profundas rugas apareceram em seu rosto cinzento e inchado.

— Mas a poucos meses me sentia muito melhor.

— A velhice não é uma linha perfeita num gráfico. Há picos e quedas, recuperações e recaídas. — O médico teve a audácia de utilizar um tom de prepotente, como se insinuasse que o imperador não podia compreender conceitos tão complicados —. O corpo humano é uma sopa química e bioelétrica, e acontecimentos aparentemente inconseqüentes podem provocar grandes mudanças. esteve submetido a tensões ultimamente?

— Sou o imperador! — replicou Elrood como se o Suk fosse terrivelmente estúpido —. Tenho muitas responsabilidades. Isto provoca tensões, é obvio.

— Nesse caso, comecem a delegar mais funções ao príncipe herdeiro e seus ajudantes de confiança, como Fenring. O senhor não vai viver eternamente. Nem mesmo um imperador pode fazê-lo. Planeje o futuro. —

O médico fechou a maleta. Shaddam sentiu vontade de abraçá-lo —.

Deixarei uma prescrição e aparelhos para que se sinta melhor.

— A única prescrição que desejo é mais especiaria em minha cerveja.

Elrood deu um longo e ruidoso gole de sua jarra.

— Como preferir — disse o esquelético doutor Suk. Tirou uma bolsa da maleta e a deixou na mesa —. Estes aparelhos servem para descansar os músculos, se necessitar. Cada aparelho contém instruções para que suas concubinas os utilizem para diminuir suas dores.

— De acordo, de acordo — disse Elrood —. Deixe-me de uma vez.

Tenho trabalho a fazer.

O doutor Yungar desceu os degraus da cama e fez uma reverência.

— Com sua permissão, senhor.

O imperador, impaciente, agitou uma mão nodosa em sinal de despedida. As concubinas sussurraram entre si, com os olhos totalmente abertos. Duas delas agarraram os aparelhos para descansar os músculos e brincaram com os controles.

Shaddam sussurrou a um servente que acompanhasse o médico e o *chambelán* Hesban, que se encarregaria de pagá-lo. Era evidente que Hesban queria ficar no *hall* e falar de certos documentos, tratados e outros assuntos de Estado com o ancião, mas Shaddam, convencido de que era capaz de cuidar desses assuntos, queria afastar o pesado conselheiro.

Quando o Suk se foi, Elrood disse para seu filho:

— Talvez o médico tenha razão, Shaddam. Há um assunto que quero discutir com você e com Hasimir. Um projeto político que desejo levar adiante, com independência de minha saúde. Eu lhes contei sobre meus planos sobre IX, e da tomada de poder pelos Tleilaxu?

Shaddam virou os olhos. *Claro, velho idiota! Fenring e eu nos ocupamos de quase todo o trabalho. Foi nossa idéia enviar Dançarinos Faciais a IX, para que se infiltrassem entre a classe trabalhadora.*

— Sim, pai. Conhecemos os planos.

Elrood indicou que se aproximassem, e as feições do ancião se nublaram.

Shaddam viu pela extremidade do olho que Fenring expulsava às concubinas, e que depois se aproximava para escutar as palavras do imperador.

— Esta manhã recebi uma mensagem cifrada de nossos agentes em IX. Já conhece a inimizade que nutro pelo conde Vernius.

— Ah, sim... Nós sabemos, pai — disse Shaddam. Pigarreou —.

Uma velha afronta, uma mulher roubada...

Os olhos úmidos de Elrood se iluminaram.

— Ao que parece nosso audaz Dominic esteve brincando com fogo, treinando seus homens com *meks* de batalha móveis que analisam os competidores e processam dados, talvez usando um cérebro informatizado.

Também vendeu estas "máquinas inteligentes" no mercado negro.

— Sacrilégio, senhor — murmurou Fenring. — Isso é contrário aos regulamentos da Grande Convenção.

— Exato — corroborou Elrood —, e esta não é a única infração. A Casa Vernius também está desenvolvendo sofisticadas otimizações *cyborg*.

Reposições corporais mecânicas. Podemos utilizar isso em nosso benefício.

Shaddam franziu a testa, aproximou-se mais do ancião e sentiu o aroma amargo da cerveja de especiaria em seu hálito.

— *Cyborgs*? São mentes humanas acopladas a corpos robóticos, e portanto não violam a Jihad.

Elrood sorriu.

— Mas nós entendemos que existiram certos... compromissos. Certo ou não, é o tipo ideal de desculpa que nossos impostores necessitam para terminar a tarefa. O momento de agir é agora. A Casa Vernius se encontra à beira da destruição, e um empurrãozinho a derrubará.

— *Hummmm*, isso é interessante — disse Fenring —. Então, os Tleilaxu se

apoderarão das sofisticadas instalações ixianas para suas pesquisas.

— Isto é muito importante, e vocês verão como cuido desta situação

— disse Elrood —. Observe e aprenda. Já pus meu plano em marcha. Os trabalhadores subóides ixianos estão, digamos, preocupados, com estes desenvolvimentos, e nós estamos... — fez uma pausa para provar sua jarra de cerveja de especiaria e estalou os lábios — inspirando seu descontentamento por meio de nossos representantes.

Elrood deixou a jarra vazia e mergulhou numa letargia repentina.

Acomodou seus travesseiros, deitou-se de costas e dormiu.

Shaddam trocou um olhar de cumplicidade com Fenring e pensou na conspiração dentro da conspiração: sua participação secreta nos acontecimentos de IX, Fenring e ele tinham sido os responsáveis por colocar o Professor Tleilaxu em contato com Elrood. Agora, os Bene Tleilax, utilizando seus metamorfos geneticamente modificados, estavam açulando o ardor religioso e o descontentamento entre as classes inferiores de IX. Para os fanáticos Tleilaxu, qualquer ameaça de uma máquina pensante, e dos ixianos que as criavam, era obra de Satanás.

Quando os dois jovens abandonaram a habitação do imperador, Fenring sorriu, absorto em pensamentos similares. Observe e aprenda, havia dito o velho idiota.

Elrood, bastardo condescendente, você sim que tem que aprender... e não lhe resta muito tempo para isso.

Os líderes da Jihad Butleriana não definiram com precisão a inteligência artificial, mas previram todas as possibilidades de uma sociedade imaginativa. Em conseqüência, contamos com zonas cinzentas substanciais para manobrar.

Opinião legal Ixiana - confidencial

Embora a explosão fosse longínqua, a onda de choque fez tremer a mesa em que Leto e Rhombur estavam sentados, estudando. Fragmentos de plasmento do teto, onde tinha aparecido uma larga rachadura, choveram sobre eles. Um raio se desenhou em uma das amplas janelas de plaz, que se partiu imediatamente.

— Infernos carmesins! O que foi isso? — exclamou Rhombur.

Leto se pôs em pé de um salto. Atirou os livros para um lado e procurou a origem da explosão. Viu o lado oposto da gruta subterrânea, onde vários edifícios se transformaram em escombros. Os dois jovens trocaram olhares de perplexidade.

— Prepare-se — disse Leto, alarmado.

— Para que?

Leto o ignorava.

Tinham assistido juntos a uma das aula do *Grand Palais*, primeiro para estudar Filosofia dos Cálculos e as bases do Efeito Holtzman, e depois sistemas de fabricação e distribuição ixianos. Das paredes pendiam quadros antigos dentro de molduras fechadas hermeticamente, incluindo obras dos velhos mestres terráqueos Claude Monet e Paul Gauguin, com placas interativas que permitiam a artistas ixianos ampliá-los. Desde que Leto informara sobre sua aventura nos túneis dos subóides, não ouvira nada sobre discussões ou investigações posteriores. Talvez o conde imaginasse que o problema se resolveria por si só.

Outra onda de choque fez a habitação vibrar, e esta foi mais potente e próxima. O príncipe de IX agarrou a mesa para impedir que caísse. Leto correu para a janela rachada.

— Olhe, Rhombur!

Alguém gritou em uma das ruas que comunicavam com os edifícios de estalactites. À esquerda, uma cápsula de transporte fora de controle se chocou contra o chão, entre uma nuvem de cristais estilhaçados e membros mutilados de passageiros.

A porta da sala-de-aula se abriu com estrépito, o capitão Zhaz da Guarda Imperial irrompeu como um louco, armado com um dos novos rifles laser modulados por impulsos, Seguiram-no quatro subordinados, todos armados da mesma forma, todos uniformizados com o branco da Casa Vernius. Ninguém em lx, em especial o conde, tinha pensado que Leto ou Rhombur necessitariam de proteção de um guarda-costas.

— Venha conosco, jovens amos! — disse Zhaz, quase sem fôlego.

Os olhos escuros do homem, emoldurados por sua barba castanha, brilharam de assombro quando reparou nos fragmentos de pedra caídos do teto, e depois na janela rachada. Embora estivesse disposto a lutar até a morte, era evidente que Zhaz não entendia o que estava ocorrendo na cidade de Vernii, geralmente tão pacífica.

— O que está acontecendo, capitão? — perguntou Rhombur, enquanto os guardas os acompanhavam no corredor, onde as luzes piscavam. Sua voz se quebrou por um momento, e depois soou com mais energia, como era de esperar do herdeiro do conde —. Diga-me, minha família está a salvo?

Outros guardas e membros da corte ixiana corriam de um lado para outro, gritando estridentemente, em contraponto com outra explosão. De baixo ouviram o tumulto de uma multidão enfurecida, tão longínqua que parecia um murmúrio profundo. Então, Leto distinguiu o zumbido de disparos de fuzis laser. Antes que o capitão respondesse a Rhombur, Leto adivinhou a origem dos distúrbios.

— Há problemas com os subóides, meus senhores! — gritou Zhaz

—. Não se preocupem, logo os controlaremos. — Tocou um botão em seu cinturão, e uma porta invisível até esse momento se abriu na parede recoberta de mármore. O capitão e a guarda da Casa se prepararam durante tanto tempo contra ataques externos, que não sabiam como lutar contra uma revolta interna —. Sigam-me e os porei a salvo! Estou certo de que sua família estará esperando.

Quando ambos os jovens se agacharam para passar pela meia porta oculta atrás dos cristais, o portal se fechou a suas costas. À luz amarela dos globos luminosos de emergência se acendeu, Leto e Rhombur correram junto a uma via eletromagnética, enquanto o capitão do guarda gritava freneticamente por um comunicador manual. O instrumento projetava uma luz lavanda, e Leto ouviu o som metálico da voz que respondia.

— A ajuda está à caminho!

Segundos depois, um carro blindado apareceu na via e parou. Zhaz subiu com os dois jovens herdeiros e um par de guardas, enquanto os outros homens da segurança ficavam para defender sua fuga. Leto se deixou cair em um assento,

enquanto Zhaz e Rhombur se apertavam diante.

O carro começou a mover-se.

— Os subóides derrubaram duas colunas de diamante — disse Zhaz, enquanto consultava a tela do comunicador —. Parte da casca superior caiu. — Seu rosto empalideceu de incredulidade. Coçou a barba. — Isso é impossível.

Leto, que tinha visto os sinais da tormenta que se aproximava, sabia que a situação devia ser ainda pior do que o capitão imaginava. Os problemas de IX não iriam ser resolvidos em uma hora.

Ouviu-se um relatório emitido por uma voz metálica, que parecia desesperada.

Os subóides estão subindo em massa dos níveis inferiores! Como é...

Como é possível que se organizaram tão bem?

Rhombur amaldiçoou, e Leto dirigiu um olhar significativo para seu amigo corpulento. Tinha tentado avisar os ixianos, mas a Casa Vernius se negara a considerar a gravidade da situação.

Uma rede de segurança caiu sobre Leto assim que se acomodou, e o veículo continuou acelerando com um zumbido, enquanto subia por cavernas ocultas no teto de rocha. O capitão Zhaz ativou um teclado de comunicações na parte dianteira do compartimento, e seus dedos dançaram sobre as teclas. Um brilho azul rodeou suas mãos. A seu lado, Rhombur observava o capitão com muita atenção, consciente de que se esperava que assumisse o comando.

— Estamos em uma cápsula de fuga — explicou um guarda a Leto

—. Por enquanto ambos estão a salvo. Os subóides não conseguirão atravessar nossas defesas superiores, uma vez que as tenhamos ativado.

— Mas e meus pais? — perguntou Rhombur —. E Kailea?

— Temos um plano para este caso. Você e sua família devem encontrá-los em um ponto de reunião. Por todos os santos e pecadores, espero que meus homens lembrem do que devem fazer. É a primeira vez que não se trata de um exercício.

O veículo mudou várias vezes de via, acelerou ainda mas e subiu no escuro. Ao fim de pouco tempo, a via se nivelou e uma luz iluminou o carro, quando passou em frente a uma imensa janela de plaz blindado unidirecional. Puderam ver rapidamente os distúrbios que aconteciam no chão: os brilhos de incêndios e as manifestações que invadiam a cidade.

Outra explosão, e uma das passarelas transparentes superiores estalou em mil pedaços, que caíram para o fundo da caverna. Figuras diminutas de pedestres se precipitaram para seu fim.

— Pare aqui, capitão! — gritou Rhombur —. Tenho que ver o que está acontecendo.

— Por favor, senhor, não demore mais de alguns segundos —

suplicou o capitão —. Os rebeldes poderiam abrir uma brecha nessa parede.

Leto custou a acreditar o que estava ouvindo. Rebeldes? Explosões?

Evacuações de emergência? IX tinha parecido ser tão sofisticado, tão pacífico, tão... alheio às discórdias. Como os insatisfeitos com sua sorte, os subóides, tinham planejado um ataque tão maciço e coordenado? De onde tinham obtido os recursos?

Através do painel unidirecional, Leto viu que os soldados de Vernius lutavam uma batalha perdida contra enxames de inimigos no chão da caverna. Os subóides lançavam explosivos caseiros ou bombas incendiárias, enquanto os ixianos repeliam as turbas com tiros púrpura de seus fuzis laser.

— O comando diz que os subóides estão se rebelando em todos os níveis — disse Zhaz sem acreditar no que ouvia —. Gritam “Jihad” quando atacam.

— Infernos carmesins! — exclamou Rhombur —. O que isso tem a ver com a Jihad? O que tem a ver conosco?

— Temos que nos afastar da janela — insistiu Zhaz, ao mesmo tempo que puxava a manga de Rhombur —. É preciso chegar ao ponto de encontro.

Rhombur se afastou da janela, no momento em que parte de uma rua laje caia abaixo ela, e ondas de subóides surgiam dos túneis.

O veículo acelerou e girou à esquerda na escuridão, para depois subir mais uma vez. Rhombur assentiu para si, com o rosto tenso e decomposto.

— Temos centros de comando secretos nos níveis superiores.

Tomamos precauções para este tipo de situações, e a esta altura nossas unidades militares devem ter rodeado os centros de fabricação vitais. Não demorarão muito para sufocar a sublevação.

O filho do conde falava como se tentasse convencer a si mesmo.

Zhaz se inclinou sobre o teclado, e a luz pálida banhou seu rosto.

— Olhem, teremos problemas mais adiante, senhor!

Mexeu nos controles. O veículo oscilou e Zhaz tomou uma via lateral. Os outros dois guardas prepararam suas armas, ao mesmo tempo em que esquadrinhavam a escuridão que os rodeava.

— A Unidade Quatro foi aniquilada — disse o capitão Zhaz —. Os subóides abriram caminho através das paredes laterais. Vou chamar a Três!

— Aniquilada? — disse Rhombur, e seu rosto avermelhou de vergonha ou medo —. Como os subóides conseguiram isso?

— O comando diz que os Tleilaxu estão envolvidos, e também alguns de seus dançarinos faciais. Estão armados até os dentes. — Soltou uma exclamação quando viu os relatórios que chegavam —. Deus nos proteja!

Uma avalanche de perguntas assaltou Leto. Os Tleilaxu? Por que atacam IX? É um planeta mecanizado... e os Tleilaxu são fanáticos religiosos. Temem tanto às máquinas ixianas que utilizaram seus metamorfos criados em contêineres para infiltrar-se entre o proletariado subóide? Isso explicaria a coordenação. Mas por que tanto interesse?

Enquanto o veículo avançava, Zhaz mantinha a vista fixa no tabuleiro de comunicações, onde recebia os relatórios da batalha.

— Por todos os santos e pecadores! Engenheiros Tleilaxu explodiram as tubulações que transmitem calor do núcleo do planeta.

— Mas precisamos dessa energia para que as fábricas funcionem —

gritou Rhombur.

— Também destruíram as linhas de reciclagem que servem para transportar os refugos industriais e os gases de escape no manto. — A voz do capitão ficou indignada —. Estão atacando o coração de IX, paralisando nossa capacidade de fabricação.

Enquanto Leto pensava no que tinha aprendido durante os meses passados no planeta, as peças do quebra-cabeças começaram a encaixar em sua mente.

— Pense bem — disse —, tudo isto pode ser reparado. Sabiam exatamente onde

golpear para enfraquecer IX sem causar danos permanentes... — Leto assentiu com ar sombrio, agora que tinha compreendido tudo —. Os Tleilaxu querem este planeta e suas instalações intactas. Querem tomar o controle.

— Não seja ridículo, Leto. Jamais entregaríamos IX para os repugnantes Tleilaxu.

Rhombur parecia mas perplexo que irritado.

— Pode ser que não haja outra alternativa, senhor — disse Zhaz.

Quando Rhombur ladrou uma ordem, um guarda abriu o compartimento e extraiu um par de pistolas de dardos e cinturões escudo, que entregou para os dois príncipes.

Leto prendeu o cinturão sem fazer perguntas e tocou um botão para confirmar se o aparelho funcionava. Sentiu o contato frio da arma de projéteis em sua mão. Checou o carregador de dardos mortíferos, aceitou dois que o guarda lhe deu e os embutiu em compartimentos do cinturão.

O veículo mergulhou em um túnel comprido e escuro. Leto viu luz ao fundo. Recordou o que seu pai lhe havia dito a respeito dos Tleilaxu:

“Destroem tudo aquilo que se parece com uma máquina pensante.” IX era um objetivo natural para eles.

A luz o deslumbrou, e penetraram nela como uma exalação.

A religião e a lei que governam a as massas têm que ser uma. Um ato de desobediência tem que constituir um pecado, e exige um castigo religioso. Isto produzirá o duplo beneficio de gerar maior obediência e maior valentia. Temos que depender nem tanto da valentia individual, mas da valentia de toda a população.

Pardot Kynes, discurso dirigido aos representantes dos sietches mais importantes

Indiferente ao destino que tinham decidido para ele, Pardot Kynes passeava pelos túneis, acompanhado de seus agora fiéis seguidores Ommun e Turok. Os três foram visitar Stilgar, que descansava e se restabelecia nos aposentos

familiares.

Assim que viu seu visitante, Stilgar se sentou na cama. Embora sua ferida pudesse ter sido fatal, o jovem Fremen se recuperou quase por completo em um espaço muito curto de tempo.

— Devo-lhe a água de minha vida, planetólogo — disse, e cuspiu ritualmente no chão da caverna.

Kynes se sobressaltou um momento, mas depois acreditou compreender. Conhecia a importância da água para aquela gente, sobretudo da apreciada umidade contida no corpo de uma pessoa. Para Stilgar sacrificar uma gota de saliva significava lhe render uma grande honra.

— Eu... agradeço sua água, Stilgar — disse Kynes com um sorriso forçado —. Mas pode conservar o resto. Quero que se restabeleça.

Frieth, a silenciosa irmã de Stilgar, estava junto à cama do jovem, sempre ocupada, e seus olhos de um azul muito profundo se moviam de um lugar para outro, em busca de algo novo para fazer. Olhou por um longo momento para Kynes, como se lhe estivesse analisando, mas sua expressão era indecifrável. Depois saiu em silêncio para trazer mais ungüentos que acelerariam a recuperação do seu irmão.

Mais tarde, enquanto Kynes passeava pelos passadiços do *sietch*, muitos curiosos se reuniram para ouvir o que ele dizia. Envolvidos em suas tarefas cotidianas, a presença do alto e barbudo planetólogo continuava a ser uma novidade interessante. Suas loucas mas, visionárias palavras talvez soassem ridículas, como uma absurda fantasia, mas até os meninos do *sietch* seguiam o forasteiro.

A multidão ruidosa acompanhou Kynes enquanto soltava seu discurso, fazia gestos e olhava para o teto como se pudesse ver o ciclo. Por mais que se esforçassem, os Fremen eram incapazes de imaginar as nuvens que se aglomeravam para verter água sobre o deserto. Gargantas de umidade que caem do céu vazio? Absurdo!

Alguns meninos riram só de pensar que podia chover em Dune, mas Kynes continuou falando, explicando os passos de seu procedimento para extrair vapor de água do ar. Recolheria até a última gota de orvalho dos lugares sombreados,

afim de remodelar Arrakis de forma precisa e preparar o caminho de uma ecologia nova e brilhante.

— Precisam pensar neste planeta em termos de engenharia — disse Kynes, com o tom de um professor que se dirige aos alunos. Gostava de ter um público tão atento, embora não estivesse seguro de que entendessem muito —. Em seu conjunto, este planeta é uma mera expressão da energia, uma máquina impulsionada por seu sol. — Baixou a voz e olhou para uma menina que o observava com os olhos totalmente abertos —. Precisamos remodelá-lo de maneira que se adapte a nossas necessidades. Temos a capacidade de fazer isso em... Dune. Mas contamos com a energia e a auto-disciplina necessárias?

Levantou a vista e olhou para outro ouvinte.

— Só nós podemos dizer.

Àquelas alturas, Ommun e Turok tinham escutado quase todas as conferências de Kynes, e suas palavras tinham se enraizado. Agora, quanto mais descobriam de seu entusiasmo transbordante e sua absoluta sinceridade, mais começavam a acreditar. Por que não sonhar? A julgar pela expressão de seus ouvintes, era evidente que outros Fremen também começavam a considerar as possibilidades.

Os anciões do *sietch* qualificavam estes conversos de crédulos e otimistas. Kynes, inabalável, continuava propagando suas idéias, por mais extravagantes que parecessem.

O *naib* Heinar, com expressão sombria, entreabriu seu único olho e estendeu o *crys* sagrado, ainda embainhado. O corpulento guerreiro que se erguia imóvel a frente dele ergueu as mãos para receber o presente.

O *naib* entoou as palavras rituais.

— Uliet, Liet maior, foste eleito para a tarefa pelo bem de nosso *sietch*. É um cavalheiro da areia e um dos maiores guerreiros Fremen.

Uliet, um homem de meia idade e feições duras inclinou a cabeça.

Continuou com as mãos estendidas. Esperou sem pestanejar. Embora fosse um homem de profundas convicções religiosas, procurou dissimular seu ardor.

— Pegue este *crys* consagrado, Uliet.

Heinar empunhou o cabo esculpido e extraiu a larga folha branca de sua capa. A faca era uma relíquia sagrada para os Fremen, fabricado a partir do dente de cristal de um verme de areia. Aquele arma em particular se adaptava ao corpo de seu proprietário, de forma que quando este morria, a faca se dissolvia.

— Sua folha foi impregnada na venenosa Água da Vida, e benta pelo *Shai-Hulud* — continuou Heinar —. Tal como manda nossa tradição, a sagrada folha não pode ser embainhada de novo até que tenha provado sangue.

Uliet pegou a arma, aflito de repente pela importância da tarefa para a qual tinha sido eleito. De natureza muito supersticiosa, tinha observado os gigantescos vermes do deserto e montado sobre eles muitas vezes. Mas nunca tinha chegado ao extremo de familiarizar-se com aqueles seres fabulosos. Não podia esquecer que eram manifestações do grande criador do universo.

— Obedecerei a vontade do *Shai-Hulud*.

Uliet aceitou a faca envenenada e a segurou no alto.

Outros anciões estavam reunidos atrás do *naib*, firmes em sua decisão.

— Leve dois coletores de água — disse Heinar — para recolher a água do planetólogo e utilizá-la em benefício de nosso *sietch*.

— Talvez devêssemos reservar uma pequena quantidade para plantar um arbusto em sua honra — propôs Avalanche, mas ninguém o apoiou.

Uliet saiu da câmara ereto em toda sua estatura e com ar orgulhoso, um verdadeiro guerreiro Fremen. Não tinha medo do planetólogo, embora o forasteiro falasse com ardor de seus planos ridículos e extravagantes, como se fosse guiado por uma visão divina. Um estremecimento percorreu a espinha dorsal do assassino.

Uliet entreabriu seus olhos azuis e afastou esses pensamentos enquanto percorria os corredores escuros. Dois coletores de água o seguiam, carregando garrafões vazios para recolher o sangue de Kynes, e com panos absorventes para secar até a última gota que caísse no chão da caverna.

Não foi difícil encontrar o planetólogo. Um séquito o seguia com expressão de entusiasmo ou ceticismo tingido de assombro. Kynes, que sobressaía sobre outros, caminhava sem rumo, falava e movia os braços.

Seu rebanho o seguia a uma prudente distância. Alguns faziam perguntas, mas a grande maioria se limitava a escutar.

— A grande pergunta do homem não é quantos sobreviverão dentro do sistema — estava dizendo Kynes quando Uliet se aproximou esgrimindo a faca bem visível e a missão estampada em seu rosto —, mas um tipo de existência será possível para os sobreviventes.

Uliet avançou pela multidão. Os ouvintes do planetólogo viram o assassino e sua faca. Afastaram-se e trocaram olhares astutos, alguns decepcionados, outros atemorizados. Emudeceram. Assim eram os costumes do povo Fremen.

Kynes não se deu conta de nada disso. Riscou um círculo no ar com um dedo.

— Aqui é possível encontrar água na superfície, mediante uma mudança leve mas viável. Poderemos conseguir se me ajudarem. Pensem nisso: caminhar ao ar livre sem um traje Destilador. — Apontou para dois meninos mais próximos. Eles se afastaram envergonhados —. Imaginem isto: tanta umidade no ar que os trajes destiladores não serão necessários.

— Quer dizer que haverá água nos lagos e poderemos beber dela sempre que quisermos? — ironizou um dos observadores mais céticos.

— Certamente. Vi isso em muitos planetas, e nada impedirá que também façamos isso aqui, em Dune. Graças a armadilhas de vento poderemos retirar a água do ar e utilizá-la para plantar erva, arbustos, algo que armazene a água nas células e raízes, e a conserve. De fato, por trás desses lagos poderemos plantar pomares de árvores frutíferas.

Uliet continuou avançando, em transe. Os coletores de água se atrasaram. Não seriam necessários até que o assassinato se consumasse.

— Que tipo de fruta? — perguntou uma menina.

— Oh, a que quiser — disse Kynes —. Primeiro, teríamos que examinar o estado do chão e a umidade. Uvas, possivelmente, nas encostas rochosas. E

portyguls, laranjas redondas. Ai, como eu gosto! Meus pais tinham uma árvore em *Salusa Secundus*. Os *portyguls* têm uma casca dura e enrugada, mas fácil de cortar. O fruto fica nos galhos, doces e suculentos, e de um laranja mais intenso que possam imaginar.

Uliet só via uma neblina avermelhada. Tinha sua missão gravada a fogo no cérebro, e obscurecia todo o resto. As ordens do *naib* Heinar ressoavam em seu cérebro. Entrou na zona vazia onde as pessoas tinham retrocedido para escutar as palavras do planetólogo. Uliet procurava não escutar os sonhos, procurava não pensar nas visões que Kynes pregava.

Estava claro que aquele homem era um demônio enviado para perverter as mentes dos seus ouvintes...

Uliet cravou a vista à frente, enquanto Kynes continuava percorrendo o corredor, alheio a tudo. Descrevia com gestos exuberantes pastos, canais e bosques. Pintava quadros em sua imaginação. O planetólogo umedeceu os lábios, como se já estivesse saboreando o vinho de Dune.

Uliet se plantou à frente dele e ergueu a faca envenenada.

No meio de uma frase, Kynes reparou no desconhecido. Parecendo irritado pela distração, piscou uma vez e se limitou a dizer:

— Afaste-se.

Passou ao lado e continuou falando.

— Ai, os bosques! Verdes e exuberantes até perder-se de vista, cobrem colinas, baixios e vales. Nos velhos tempos, a areia invadia as plantas e as destruía, mas no novo Dune será o contrário: o vento transportará as sementes por todo o planeta, e crescerão mais plantas e árvores, como crianças.

O assassino estava imóvel, estupefato pelo fato de ter sido descartado com tanta espontaneidade. *Afaste-se*. A importância de sua missão o paralisava. Se matasse esse homem, as lendas Fremen o chamariam de Uliet o Destruidor de Sonhos.

— Não obstante, antes temos que instalar armadilhas de ar nas rochas — continuou Kynes, sem fôlego —. São sistemas simples, fáceis de construir, e coletarão a umidade, canalizando-a até lugares onde possamos utilizá-la. Claro,

teremos imensas cisternas subterrâneas para toda a água, um passo para devolver a água à superfície. Sim, eu disse devolver. Em outro tempo, a água corria livremente por Dune. Vi os sinais.

Uliet contemplou desolado a faca envenenada, incapaz de acreditar que aquele homem não o temesse. *Afaste-se*. Kynes tinha enfrentado a morte e a ignorado. Guiado Por Deus.

Uliet continuava quieto, com a faca na mão, e as costas desprotegidas do servidor imperial zombava dele. Seria muito fácil afundar a faca na sua coluna.

Mas o assassino não podia se mover.

Viu a confiança do planetólogo, como se algum guardião sagrado o protegesse. A visão do grande futuro que aquele homem pregava para Dune já tinha cativado aquela gente. E os Fremen, por sua vida dura e as gerações de inimigos que os expulsara de planeta em planeta, necessitavam de um sonho.

Talvez tivesse recebido, por fim, um guia, um profeta. A alma de Uliet se condenaria para sempre se ousasse matar o mensageiro enviado por Deus, esperado durante tanto tempo!

Mas tinha aceito a missão encomendada pelo líder do *sietch*, e sabia que a faca não podia voltar a ser embainhada sem que tivesse provado sangue. Neste caso, o dilema não podia ser resolvido com um corte sem importância, porque a folha estava envenenada. Um simples arranhão o mataria.

Eram feitos irreconciliáveis entre si. A mão do Uliet tremeu sobre o punho da faca esculpida.

Sem perceber que todos tinham emudecido a seu redor, Kynes continuou falando sobre a colocação de armadilhas de vento, mas seu público, consciente do que ia acontecer, olhava para o reputado guerreiro.

Então, a boca de Uliet se encheu de água. Tentou não pensar nisso, mas, como num sonho, teve a impressão de que saboreava o doce e pegajoso suco de *portyguls*, fruta fresca que podia ser colhida de uma árvore... um pedaço de polpa luxuriosa mudado de um lugar a outro com água pura de um lago. Água para todo mundo.

Uliet retrocedeu um passo, e depois outro, com a faca erguida em um gesto cerimonioso. Retrocedeu um terceiro passo, enquanto Kynes falava de trigo, planícies cobertas de centeio e pancadas de chuva na primavera.

O assassino deu meia volta, aturdido, pensando na palavra que o mensageiro havia dito: *Afaste-se*.

Contemplou a faca que segurava. Então Uliet se balançou, parou, e voltou a balançar-se para frente, e de forma deliberada caiu sobre sua faca.

Seus joelhos não se dobraram, nem tampouco se encolheu nem tentou evitar seu destino, enquanto se deixava cair de bruços sobre a faca. A ponta envenenada se afundou por baixo do esterno até atingir seu coração. Seu corpo tremeu, estendido no chão. Ao fim de poucos momentos, Uliet morreu. Sangrou muito pouco.

Os Fremen gritaram, impressionados pelo presságio que acabavam de presenciar, e se afastaram. Agora, quando olharam para Kynes com ardor religioso, o planetólogo vacilou e se calou por fim. Virou-se e viu o sacrifício que aquele Fremen acabara de fazer por ele, o derramamento de sangue.

— O que aconteceu aqui? — perguntou —. Quem era este homem?

Os coletores de água se apressaram para recolher o cadáver de Uliet.

Cobriram o assassino caído com mantas, toalhas e panos, e se afastaram para levá-lo aos destiladores de mortos e começar o processo.

Os outros Fremen olharam para Kynes com reverência.

— Olhem! Deus nos indicou o que temos que fazer — exclamou uma mulher —. Ele guiou Uliet. Ele falou a Pardot Kynes.

— *Umma* Kynes — disse alguém. Profeta Kynes.

Um homem se levantou e olhou para os outros congregados.

— Seríamos loucos se não o escutássemos agora.

Algumas pessoas saíram correndo em todas direções do *sietch*.

Como não compreendia a religião Fremen, Kynes não entendia nada.

Entretanto, a partir desse momento pensou que não seria difícil encontrar ouvintes.

Nenhum forasteiro jamais conheceu uma mulher Tleilaxu e viveu para contar. Considerando a propensão dos Tleilaxu para a manipulação genética (vejam-se, por exemplo, informes anexos sobre clones e gholas), esta simples observação levanta um sem-fim de perguntas adicionais.

Análise da Bene Gesserit

Uma mulher ixiana sem fôlego, provida dos créditos de Correio, chegou a Kaitain com um importante comunicado para o imperador. Entrou no palácio como um furacão. Nem mesmo Cammar Pilru, embaixador oficial de IX, estava informado da mensagem nem das terríveis notícias sobre a revolta dos subóides.

Como as comunicações fotos instantâneas de dobra-espacial não existiam entre planetas, os Correios oficiais embarcavam em Cruzeiros rápidos, portadores de comunicações memorizadas imediatamente para entregá-las em pessoa a seus destinatários. O resultado era imensamente mais veloz que por rádio ou outras ondas eletrônicas, que demorariam anos para cruzar um espaço tão imenso.

Escoltada por dois homens da Corporação, a Correio Yuta Brey solicitou uma entrevista imediata com o imperador. A mulher se negou a revelar do que se tratava, nem mesmo seu próprio embaixador, que soube do vôo e correu para a sala de audiências. O magnífico Trono do Leão Dourado estava vazio. Elrood voltara a sentir-se doente e fatigado.

— Só posso entregar esta mensagem ao imperador, uma solicitação urgente do conde Dominic Vernius — disse Brey ao embaixador Pilru. A Corporação e a CHOAM utilizavam diversas técnicas de choque para doutrinar os Correios oficiais, afim de garantir precisão e lealdade —.

Entretanto, não se afaste muito, embaixador. Também trago notícias vitais referentes a possível queda de IX. Deve estar informado da situação.

O embaixador Pilru soltou uma exclamação afogada e suplicou por mais informação, mas a mulher guardou silêncio. Deixou a suas escoltas da Corporação e o diplomata ixiano na sala de audiências. Guardas de elite

Sardaukar examinaram seus créditos e a conduziram a um *hall* adjacente ao dormitório do imperador.

O imperador, com aspecto gasto e envelhecido, usava um manto com o emblema imperial na lapela. Estava sentado em uma poltrona de respaldo alto, com os pés apoiados sobre um aquecedor. A seu lado se erguia um homem alto de bigodes caídos, que se identificou como o *chambelán* Aken Hesban.

Brey se surpreendeu ao ver o ancião sentado daquela forma tão vulgar, e não no majestoso no trono. Seus olhos tintos de azul estavam invadidos pela enfermidade, e mal podia manter a cabeça erguida sobre seu pescoço esquelético. Parecia que poderia falecer a qualquer momento.

Apresentou-se com uma breve reverência.

— Sou a Correio Yuta Brey de IX, senhor, com uma importante solicitação do conde Dominic Vernius.

O imperador franziu o sobrecenho quando ouviu o nome de seu rival, mas não nada disse, preparado para dar seu golpe. Tossiu e cuspiu em um lenço.

— Estou ouvindo.

— Somente o imperador pode ouvir — replicou a mulher, e olhou com insolência para Hesban,

— Ah, sim? — disse Elrood com um sorriso tenso —. Ultimamente não ouço muito bem, e este distinto cavalheiro é meu ouvido. Ou deveria dizer meus ouvidos? Se utiliza o plural nestes casos?

O *chambelán* se inclinou e sussurrou algo ao imperador.

— Acabo de ser informado que é meus ouvidos — disse Elrood com um firme assentimento.

— Como quiser — disse Brey.

Recitou as palavras memorizadas, utilizando as entonações empregadas pelo conde Dominic Vernius.

— Estamos sendo atacados pelos Bene Tleilax, sob a falsa alrgação de distúrbios internos. Através de dançarinos faciais infiltrados, os Tleilaxu fomentaram uma insurreição entre nossa classe operária. Graças a estes meios traiçoeiros, os rebeldes contaram com a vantagem da surpresa.

Muitas de nossas instalações defensivas foram destruídas ou sitiadas. Como dementes, gritam *Jihad! Jihad!*

— Guerra Santa? — perguntou Hesban —. Por que? O que estão fazendo agora em IX?

— Não temos idéia, senhor *chambelán*. É bem sabido que os Tleilaxu são fanáticos religiosos. Nossos subóides são criados para seguir instruções, do que se desprende que é fácil manipulá-los. — Yuta Brey vacilou —. O conde Dominic Vernius solicita respeitosamente a imediata intervenção dos Sardaukar do imperador contra este ato ilegal.

Expôs muitos detalhes sobre as posições militares ixianas e Tleilaxu, incluindo o alcance da rebelião, as fábricas inutilizadas e os cidadãos assassinados. Uma das vítimas mais importantes era a esposa do embaixador, uma banqueira, morta por causa de uma explosão no edifício da embaixada da Corporação.

— Eles foram muito longe. — Hesban, indignado, parecia disposto a dar a ordem de defender IX. A solicitação da Casa Vernius era razoável.

Olhou para o imperador —. Senhor, se os Tleilaxu desejam acusar IX de violar as normas da Grande Convenção, que o façam em um tribunal do *Landsraad*.

Apesar do incenso e das bandejas de canapés com especiaria, Brey ainda sentiu um aroma de enfermidade no ar viciado do *hall*. Elrood se remexeu sob seu pesado manto. Entreabriu os olhos.

— Tomaremos em consideração sua solicitação, Correio. Neste momento, preciso descansar um pouco, ordens dos médicos, como sabe.

Falaremos do assunto amanhã. Rogo-lhe que tome um refresco e escolha uma câmara nos aposentos de nossos dignitários visitantes. Pode ser que também deseje se reunir com o embaixador ixiano.

Um olhar de alarme apareceu nos olhos da mulher.

— Esta informação é de poucas horas atrás, senhor. Nossa situação é desesperada. Tenho instruções de lhe dizer que o conde Vernius considera fatal qualquer atraso.

Hesban respondeu em voz alta, ainda confuso pela falta de iniciativa de Elrood.

— O imperador não lhe diz nada, jovem. Solicita, e pronto.

— Minhas mais sinceras desculpas, senhor. Rogo-lhe que perdoe minha agitação, mas hoje vi meu planeta receber um golpe mortal. Que resposta devo dar ao conde Vernius?

— Tenha paciência. Entrarei em contato com ele no seu devido tempo, quando tiver considerado minha resposta.

A cor abandonou o rosto de Brey.

— Posso perguntar quando?

— Não! — trovejou Elrood —. Sua audiência acabou. — Fulminou-a com o olhar.

O *chambelán* Hesban se encarregou da situação: apoiou uma mão no ombro de Brey e a conduziu para a porta, enquanto olhava para o imperador.

— Como quiser, senhor.

Brey fez uma reverência, e os guardas de elite a acompanharam para fora da habitação.

Elrood tinha visto ira e desespero na expressão da Correio quando compreendeu que sua missão tinha fracassado.

Mas tudo tinha funcionado perfeitamente.

Assim que a Correio ixiana e o *chambelán* da corte saíram, o príncipe herdeiro Shaddam e Fenring entraram na sala de espera. Elrood sabia que estavam escutando às escondidas.

— Pouca educação estão adquirindo, não é? — disse —. Observe e aprenda.

— O senhor administrou a situação como um mestre, pai. Os acontecimentos estão se desenrolando exatamente como previu.

Com uma boa ajuda invisível do Fenring e eu.

O imperador sorriu, e depois teve um acesso de tosse.

— Meus Sardaukar seriam mais eficientes que os Tleilaxu, mas não podia correr o risco de que minha mão fosse notada logo no início. Um protesto oficial de IX ao Landsraad provocaria problemas. Temos que nos livrar da Casa Vernius e pôr em seu lugar os Tleilaxu como nossos marionetes, com legiões Sardaukar para encarregar-se da repressão e garantir a conquista.

— *Hummmm*, possivelmente seria preferivel referir-se a isso como procurar uma transição suave e organizada. É melhor evitar a palavra

“repressão”.

Elrood sorriu com seus lábios exangues e exibiu os dentes, de tal forma que sua cabeça pareceu mais que nunca com uma caveira.

— Muito bem, Hasimir, está aprendendo a ser um político... apesar de seus métodos bastante diretos.

Embora os três conhecessem os verdadeiros motivos da rebelião em IX, nenhum falou dos benefícios que receberiam depois que Hidar Fen Ajidica tivesse iniciado as pesquisas para obter a especiaria artificial.

O *chambelán* Hesban invadiu a habitação.

— Desculpe-me, senhor. Quando deixei a Mensageira com suas escoltas da Corporação, ela informou ao embaixador que o senhor tinha se negado a agir, conforme mandam os regulamentos imperiais. Ela se reuniu com o embaixador Pilru para solicitar uma audiência com os membros do Conselho do Landsraad.

— *Hummmm*, ela está se adiantando, senhor — disse Fenring.

— Absurdo — replicou o velho imperador, e depois procurou sua onipresente jarra de cerveja —. O que uma mensageira sabe de regulamentos imperiais?

— Embora não recebam o treinamento completo de um Mentat, os Mensageiros Licenciados têm uma memória perfeita, senhor — disse Fenring, ao mesmo tempo em que se aproximava do imperador para situar-se na posição que sempre ocupava o *chambelán* Hesban —. Não pode processar os conceitos, mas é muito possível que tenha acesso em seu cérebro a todas os regulamentos e códigos.

— Ah, sim, mas como pode opor-se à decisão do imperador se ele nem sequer a expressou? — perguntou Shaddam.

Hesban retorceu o bigode, e franziu o cenho em direção ao príncipe herdeiro, mas se absteve de repreender Shaddam por sua ignorância da lei imperial.

— Por mútuo acordo entre o Conselho Federado do Landsraad e a Casa Corrino, o imperador tem que prestar auxílio imediato, ou convocar uma reunião urgente do Conselho de Segurança para tratar o assunto. Se seu pai não agir antes de uma hora, o embaixador ixiano tem pleno direito de convocar o Conselho sem esperar.

— O Conselho de Segurança? — Elrood fez uma careta e olhou para o *chambelán* Hesban, e depois para Fenring —. Que regulamento essa mulher infernal está citando?

— Volume trinta, seção seis ponto três, da Grande Convenção.

— O que diz?

Hesban respirou fundo.

— Está relacionada com situações de guerra entre Casas, nas quais uma das partes em litígio apela ao imperador. O regulamento foi redigido para proibir que os imperadores tomassem partido. Nesses casos, devem agir como arbitro neutro. Neutro, sim, mas... devem agir. — Moveu os pés

—. Senhor, temo que não compreendo seu desejo de atrasar a intervenção.

Não pretende condenar os Tleilaxu?

— Há muitas coisas que você não compreende, Aken — disse o imperador —. Limite-se a cumprir meus desejos.

O *chambelán* pareceu ofendido.

— *Hummmm*. — Fenring passeou por trás da poltrona de encosto alto, e depois agarrou uma massa de fruta caramelizada de uma bandeja —.

Tecnicamente, a Mensageira tem razão, senhor. Não pode atrasar a decisão em um ou dois dias. O regulamento também diz que, se é convocada, a reunião do Conselho de Segurança não pode terminar sem uma decisão firme. — Fenring apoiou um dedo sobre seus lábios enquanto pensava —.

Os grupos hostis e seus representantes têm direito a assistir. No caso dos ixianos, seu representante poderia ser tanto a Corporação Espacial quanto o embaixador Pilru, que, devo acrescentar, tem um filho ameaçado pela revolta de IX, e outro filho que acaba de ingressar na Corporação.

— Lembre-se também que a esposa do embaixador foi assassinada durante os distúrbios — acrescentou Hesban —. Há gente morrendo.

— Levando em conta nossos planos para utilizar as instalações de IX, seria melhor manter a Corporação à margem dos acontecimentos —

disse Shaddam.

— Planos? — O *chambelán* pareceu alarmado ao descobrir que certas decisões importantes tinham sido ocultas dele. Virou-se para Elrood

—. Que planos são esses, senhor?

— Mais tarde, Aken. — O imperador franziu o sobrecenho e puxou o manto sobre seu peito fundo —. Maldita seja essa mulher!

— Os homens da Corporação estão esperando no salão — insistiu Hesban —. O embaixador Pilru solicitou uma audiência com o senhor.

Dentro de pouco tempo, outras Casas serão informadas dos acontecimentos, sobretudo as que têm diretórios na CHOAM. Os distúrbios de IX provocarão graves conseqüências econômicas, ao menos em um futuro imediato.

— Traga-me os regulamentos e dois *Mentats* para que efetuem análise independentes. Encontrem alguém que nos tire desta confusão! —

O imperador pareceu reanimar-se de repente, animado pela crise —. A Casa Corrino não vai interferir na conquista de IX pelos Tleilaxu. Nosso futuro depende disso.

— Como quiser, senhor.

Hesban fez uma reverência e saiu rapidamente, ainda perplexo, mas disposto a obedecer as ordens.

Minutos depois um criado entrou na sala de espera com um projetor e uma tela oval de *plaz* negro. O criado montou o aparelho sobre uma mesa. Fenring a moveu para que o imperador a visse bem.

Hesban retornou, flanqueado por dois *Mentats*, com os lábios manchados de suco de safo. Guardas Sardaukar impediram que vários representantes se introduzissem na estadia. Dançaram imagens sobre a mesa, palavras negras impressas em *galach*. Shaddam, ao lado de seu amigo, esquadrinhou os meandros da lei, como se tentasse localizar algo que tivesse passado desapercebido a todos.

Os dois *Mentats* se mantiveram imóveis, com os olhos cravados na distância, enquanto realizavam análises diferentes da lei e seus códigos.

— Para começar — disse um deles —, analisem o parágrafo seis ponto três.

As palavras desfilaram pelo projetor, e depois pararam em uma página concreta. Um parágrafo estava sublinhado em vermelho, e uma segunda holocópia da mensagem apareceu no ar. A cópia flutuou até pousar sobre o regaço do imperador, para que ele e outros pudessem lê-la.

— Não funcionará resultado — disse o segundo *Mentat* — Remete a setenta e oito ponto três, volume doze.

Elrood leu o regulamento e passou uma mão sobre a página, que desapareceu.

— Maldita Corporação — resmungou —. Nós os obrigaremos a ajoelhar assim que...

Fenring pigarreou para impedir que o imperador terminasse.

O holoprojetor começou a procurar de novo, enquanto os *Mentats* aguardavam em silêncio. O *chambelán* Hesban se aproximou para estudar as páginas que passavam a sua frente ele.

— Malditas sejam estes regulamentos! Eu gostaria de dinamitar todas as leis. — Elrood não conseguia se acalmar—. Sou eu o governador do Império, ou não? Tenho que agradar ao Landsraad, tenho que respeitar os caprichos da Corporação... Um imperador não deveria inclinar-se ante outros poderes.

— Tem razão, senhor — reconheceu Hesban —, mas estamos presos em um matagal de tratados e alianças.

— Pode ser que aqui haja algo — disse Fenring —. Apêndice Jihad dezenove zero zero e quatro. — Fez uma pausa —. Em questões relacionadas com a Jihad Butleriana e as proibições estabelecidas com posterioridade, concede-se ao imperador a faculdade de tomar decisões referentes ao castigo dos que desobedecem a proibição contra as máquinas pensantes.

Os olhos fundos do imperador se iluminaram.

— Ah, e como se suscitou certa dúvida sobre possíveis violações ixianas, talvez possamos proceder legalmente com as devidas precauções.

Sobretudo porque recebemos relatórios inquietantes sobre certas máquinas novas.

— Sim? — respondeu o *chambelán.*

— Realmente. Lembra-se dos *meks* de combate autodidatas que são vendidos no mercado negro? Isso merece uma investigação minuciosa.

Shaddam e Fenring trocaram um sorriso. Todos sabiam que essa atividade não resistiria a uma investigação prolongada, mas no momento bastava para que Elrood atrasasse sua decisão. Em um dia ou dois, os Tleilaxu consolidariam sua conquista. Sem apoio externo, a Casa Vernius estava perdida.

Hesban assentiu enquanto estudava o texto.

— Segundo este apêndice, o imperador Padishah é o “Santo Guardião da Jihad, encarregado de protegê-la e a todos os seus representantes.

— Ah, sim. Neste caso, poderíamos pedir as supostas provas do embaixador Tleilaxu, e depois conceder um tempo limitado a Pilru para responder. — Shaddam fez uma pausa e olhou para Fenring em busca de apoio —. Quando acabar o dia, o imperador poderia pedir um afastamento temporário das hostilidades.

— Mas então será muito tarde — disse o *chambelán* Hesban.

— Exato. IX cairá e não poderemos fazer nada para impedir.

Como muitas delícias culinárias, a venganxa é um prato que se saboreia melhor lentamente, depois de uma preparação longa e minuciosa.

Imperador Elkood IX Reflexões em seu leito de morte

Meia hora depois, Shaddam viu entrar no *hall* do imperador os dois embaixadores inimigos para celebrar uma audiência privada destinada a solucionar o problema. Por sugestão de Fenring, estava vestido com uma vestimenta mais oficial, adornada com ornamentos militares, de modo que enquanto seu pai exibia um aspecto desalinhado e doentio, ele tinha a aparência de um líder.

O embaixador ixiano tinha o rosto largo, com a pele lisa e bochechas rosadas. Todo seu corpo parecia enrugado em um macacão de estamena, com lapelas largas e pescoço fraco. Como admitia que não conhecia a situação de IX detalhadamente, trouxe consigo a Mensageira Yuta Brey, como testemunha ocular.

O único delegado Tleilaxu que conseguiram encontrar, Mofra Tooy, era um homem de pouca estatura, cabelo laranja emaranhado e pele cinzenta. O homem projetava uma raiva contida, e seus pequenos olhos escuros fulminaram seu colega ixiano. Tooy tinha recebido instruções precisas sobre o que devia dizer.

O embaixador Pilru continuava consternado e confuso pela situação, e só agora começava a assimilar a morte de sua esposa, com a conseguinte dor. Todo lhe parecia muito irreal. Um pesadelo. Remexeu-se em seu lugar, preocupado com seu planeta, seu cargo e seu filho desaparecido, C'tair. O

olhar do embaixador vagava pela sala em busca de apoio entre os conselheiros e funcionários do imperador. Sentiu um calafrio ao ver seus olhares inflexíveis.

Dois agentes da Corporação, de aspecto inexpressivo, esperavam na parte posterior do *hall*. Um deles tinha o rosto corado e cheio de cicatrizes.

A cabeça do outro era disforme, arredondada na nuca. Shaddam tinha visto gente semelhante em ocasiões anteriores, gente que tinha enfrentado a preparação para Navegantes da Corporação mas que não tinha suportado os rigores do processo de seleção.

— Primeiro escutaremos Mofra Tooy — disse o imperador com a voz rouca —. Quero que explique as suspeitas do seu povo.

— E o motivo para terem iniciado uma ação tão violenta e sem precedentes! — interveio Pilru. Os outros ignoraram seu desabafo.

— Nós descobrimos atividades ilegais em IX — começou o Tleilaxu com voz aguda —. Os Bene Tleilax consideram fundamental deter esta calamidade, antes que outra insidiosa inteligência mecânica se propague pelo Império. Se tivéssemos esperado, possivelmente a raça humana teria padecido por outro milênio de escravidão. Não tivemos outra alternativa senão agir como fizemos.

— Mentiroso! — rugiu Pilru —. Por que se dizem defensores da lei e da ordem sem se submeter ao procedimento legal exigido? Carecem de provas, porque não aconteceram atividades ilegais em IX. Nós respeitamos todas as diretrizes da *Jihad*.

Com notável calma para um Tleilaxu, Tooy manteve o olhar fixo nos presentes, como se o embaixador nem sequer fosse merecedor de seu desprezo.

— Nossas forças iniciaram uma ação necessária antes que as provas pudessem ser destruídas. Por acaso não aprendemos com a Grande Revolução? Uma vez ativada, uma inteligência mecânica adquire tendências vingativas, e é capaz de desenvolver a capacidade de autocopiar-se e espalhar-se como um incêndio incontrolado. IX é a origem de todas as mentes mecânicas. Nós, os Tleilaxu, continuamos a Guerra Santa com o objetivo de libertar o universo deste inimigo. — Embora o embaixador ixiano o sobrepujasse por duas cabeças, Tooy gritou —: Jihad!

Jihad!

— Estamos vendo, senhor — disse Pilru, retrocedendo vários passos

—. Este comportamento é inqualificável.

— “Não construirás nenhuma máquina a semelhança da mente humana” — citou o Tleilaxu —. Você e a Casa Vernius serão destruídos por seus pecados.

— Acalme-se.

Elrood conteve um sorriso, e indicou a Tooy que retornasse a sua posição anterior. O diminuto delegado obedeceu a contra gosto.

Pilru e a Mensageira ixiana conferenciaram em voz baixa antes que o embaixador voltasse a tomar a palavra.

— Peço ao imperador que exija provas dessas violações. Os Bene Tleilax, agindo como bandidos, destruíram nossa base comercial sem primeiro apresentar suas acusações ao Landsraad. — E se apressou a acrescentar —. Nem ao imperador.

— Estamos reunindo as provas — replicou Tooy —. Incluirão o verdadeiro motivo dos atos criminosos cometidos pelos ixianos. Seus margens de lucros são falsas, e põem em perigo sua condição de membros da CHOAM.

Viva, pensou Shaddam, e trocou um olhar de cumplicidade com Fenring. *Os relatórios que falsificamos com tanta mestria!* Ninguém manipulava os documentos melhor que Fenring.

— É mentira — disse Pilru —. Nossos lucros são maiores que nunca, graças ao novo desenho dos Cruzeiros. Perguntem à Corporação. Seu povo não tem direito a incitar a violência...

— Tínhamos todo o direito de proteger o Império de outro período de domínio das máquinas. Seus subterfúgios não enganam sobre o motivo de fabricar mentes mecânicas. Seus lucros são mais valiosos que o bem-estar da humanidade? Estão vendendo suas almas!

As veias se marcaram nas têmporas de Pilru, que perdeu toda sua calma de diplomata.

— Está mentindo, bastardo, isto não é uma farsa monstruosa! —

Virou-se para Elrood —. Senhor, peço-lhe que envie os Sardaukar a lX

para proteger nosso povo de uma invasão ilegal realizada pelas forças dos Bene Tleilax. Não violamos nenhuma lei.

— Violar a Jihad Butleriana é uma acusação muito grave — disse o imperador pensativo, embora tudo aquilo nada lhe importasse. Tampou a boca quando voltou a tossir —. Não podemos ignorar uma acusação dessas.

Pense nas conseqüências...

Elrood falava com deliberada lentidão, coisa que Shaddam achou divertida. O príncipe herdeiro não podia deixar de admirar algumas facetas de seu pai, mas Elrood já não era jovem, e tinha chegado o momento de sangue novo tomar as rédeas do poder.

A Mensageira falou.

— Imperador Elrood, os Tleilaxu tentam ganhar tempo enquanto as batalhas acontecem em lX. Utilize seus Sardaukar para impor um afastamento das hostilidades, e depois cada lado apresentará seu caso e as provas ante o tribunal.

O imperador arqueou as sobrancelhas e olhou para ela.

— Como simples Mensageira, não está qualificada para discutir comigo —. Dirigiu-se aos Sardaukar —: Expulsem esta mulher.

O desespero transpareceu na voz da mulher.

— Perdoe-me, senhor, mas conheço muito de perto a crise de lX, e meu senhor Vernius me instruiu para que desse todos os passos necessários. Exigimos que os Bene Tleilax apresentem provas imediatamente ou retirem suas forças. Não estão reunindo provas. Trata-se de uma tática difamatória!

— Quando poderão apresentar as provas? — perguntou o imperador, olhando para Tooy.

— Supostas provas — corrigiu Pilru.

— No prazo de três dias imperiais, senhor.

Os ixianos protestaram.

— Mas senhor, nesse tempo podem fortalecer suas conquistas militares e falsificar provas. — Os olhos do Pilru cintilaram —. Já assassinaram minha esposa, destruíram edifícios... Meu filho desapareceu.

Não permita que continuem nos saqueando durante três mais dias!

O imperador refletiu enquanto os reunidos a guardavam em silêncio.

— Tenho certeza que exageram a gravidade da situação para me obrigar a tomar uma decisão precipitada. Levando em conta as acusações, inclino-me por esperar as provas, ou a sua ausência. — Olhou para seu *chambelán* —. O que me diz, Aken? Isto está dentro da lei imperial?

Hesban murmurou sua aprovação.

Elrood se inclinou em direção a Pilru. como se lhe estivesse concedendo um favor incrível.

— Não obstante, as provas devem ser apresentadas em dois dias, não três. Pode conseguir isso, embaixador Tooy?

— Será difícil, senhor, mas... como quiser.

Pilru avermelhou de cólera.

— Meu senhor, como é possível que esteja do lado destes Tleilaxu asquerosos?

— Embaixador, seus comentários não são bem recebidos em meu *hall* imperial. Tenho o maior respeito por seu conde... e por sua dama Shando, é óbvio.

Shaddam olhou para os agentes da Corporação, no fundo da sala.

Estavam conversando em sua linguagem secreta. Uma violação da Jihad Butleriana era algo muito sério para eles.

— Mas dentro de dois dias meu planeta estará perdido.

Pilru dirigiu um olhar suplicante para os homens da Corporação, mas os agentes permaneceram em silêncio e não olharam para ele.

— Não pode fazer isto, senhor! Condenará nosso povo à destruição!

— gritou Yuta Brey a Elrood.

— Mensageira, você é muito impertinente, assim como Dominic Vernius. Não ponha mais a prova minha paciência. — Elrood olhou severamente para o representante dos Tleilaxu —. Embaixador Tooy, me traga provas incontestáveis em de dois dias, ou retire suas forças de IX.

Mofra Tooy fez uma reverência. Um sorriso se insinuou nos cantos de sua boca.

— Muito bem — disse o embaixador ixiano, tremulo de raiva —.

Solicito agora mesmo que o Conselho de Segurança do Landsraad se reúna imediatamente.

— E assim será, conforme ditam as leis — replicou Elrood —. Agi da maneira que, em minha opinião, serve melhor ao Império. Mofra Tooy se dirigirá ao Conselho em um prazo de dois dias, e vocês poderão fazer o mesmo. Se nesse período quiser retornar ao seu planeta, um Cruzeiro estará à disposição, advirto-lhes, porém, que se estas acusações forem verdadeiras, embaixador, a Casa Vernius terá que responder a muitas coisas.

Dominic Vernius, com a calva coberta de suor, estudou seu embaixador em Kaitain. Pilru acabara de transmitir um relatório estarrecedor ao conde e sua esposa. Era evidente que o homem estava ansioso por sair à procura do seu filho, perdido no caos da cidade subterrânea, embora fizesse menos de uma hora que chegara ao planeta.

Encontravam-se em um dos centro de operações subterrâneo, nas profundezas do teto de rocha, pois o Despacho Orbital transparente era muito vulnerável em tempos de guerra. ouviam-se ruídos de maquinaria, transportes de tropas e equipamentos através das catacumbas da casca planetária.

Os ataques defensivos não tinham sortido efeito. Graças a sabotagens bem planejadas e a barricadas erguidas estrategicamente, os Tleilaxu controlavam a maior parte do mundo subterrâneo, e os ixianos foram sendo abandonados em zonas cada vez menores. O número dos subóides rebeldes ultrapassava em muito ao dos defensores ixianos, vantagem que os invasores Tleilaxu aproveitavam ao máximo, já que manipulavam com facilidade os operários.

— Elrood nos traiu, meu amor — disse Dominic, abraçando sua esposa. Só conservavam as roupas que vestiam e alguns objetos que tinham conseguido resgatar. O conde compreendera finalmente a magnitude da conspiração —. Sabia que o imperador me odiava, mas nunca esperei um comportamento tão vil, nem sequer dele. Oxalá eu tivesse provas.

A dama Shando, pálida e frágil, embora seus olhos cintilassem com determinação de ferro, respirou fundo. Delicadas rugas circundavam sua boca e olhos deliciosos, a única indicação de sua idade avançada, sutis avisos que serviam a Dominic para amar cada dia mais sua beleza, amor e caráter. A mulher puxou seu braço.

— E se eu fosse vê-lo e me entregasse a sua mercê? Talvez se mostrasse razoável devido às lembranças que conserva de mim...

— Não permitirei que faça isso. Ele agora te odeia, e a mim por me casar com você. Roody desconhece o significado da palavra compaixão. —

Dominic fechou os punhos e escrutinou o rosto do embaixador Pilru, mas não descobriu a menor esperança. Olhou para Shando de novo disse —.

Conhecendo-o como conheço, não há dúvida de que se acha imerso em intrigas tão complexas que não poderia recuar mesmo que quisesse. Nunca receberemos compensações de guerra, mesmo que saíssemos vitoriosos. A fortuna de minha família será confiscada, e o poder me será arrebatado. —

Baixou a voz e tentou dissimular seu desespero —. E tudo para vingar-se de mim por ter roubado sua mulher há tanto tempo atrás.

— Farei o que me pede, Dominic — disse Shando em voz baixa —.

Me fez sua esposa em vez de sua concubina. Sempre lhe disse…

Sua voz emudeceu.

— Eu sei, meu amor. — Apertou sua mão —. Eu também faria tudo por você. Valeu a pena... apesar disto.

— Espero suas ordens, meu senhor — disse o embaixador Pilru, muito agitado. C'tair tinha que estar em algum lugar, escondido, lutando, talvez morto.

Dominic mordiscou o lábio.

— É evidente que ele ordenou a destruição da Casa Vernius, e só há uma alternativa. Todas essas acusações inventadas não significam nada, assim como o papel em que estão escritas as leis. O imperador tenta nos destruir, e não podemos lutar contra a Casa Corrino, sobretudo contra traições como esta. O Landsraad vai ignorar o assunto, e depois se precipitará sobre os despojos da guerra. — Ergueu os ombros e se elevou em toda sua estatura —. Pegaremos as armas atômicas e escudos da família e fugiremos para onde o Império não possa nos alcançar.

Pílru gritou.

— Transformar-se em... um renegado, meu senhor? O que será de nós?

— Infelizmente, não há opção, Cammar. É a única forma de escapar com vida. Ponha-me em contato com a Corporação e peça um transporte de emergência. Cobre qualquer favor que nos devam. Os homens da Corporação estiveram presentes durante sua audiência com o imperador, de modo que conhecem nossa situação. Diga-lhes que queremos levar nossas forças militares, as poucas que restaram. — Dominic inclinou a cabeça —.

Nunca imaginei que chegaria este momento... expulsos de nosso palácio e de nossas cidades...

O embaixador assentiu e abandonou a estadia.

Uma parede do centro administrativo cintilou e apareceram quatro projeções, em outros tantos painéis, das batalhas que aconteciam em todo o planeta, cenas transmitidas por *visicoms*. As baixas ixianas continuavam aumentando.

Dominic meneou a cabeça.

— Devemos falar com nossos amigos e colaboradores mais íntimos e lhes informar dos perigos que enfrentarão se nos acompanharem. Será mais difícil e perigoso fugir conosco que ser subjugados pelos Tleilaxu.

Ninguém será obrigado a nos acompanhar, só voluntários. Sendo uma Casa renegada, todos os nossos familiares e partidários serão alvo dos caçadores de glória.

— Caçadores de recompensas — corrigiu Shando com voz afogada pela pena e ira —. Teremos que nos separar, Dominic, para apagar nossa pista e aumentar nossas chances de sobreviver.

Na parede, a imagem de dois painéis desapareceu quando os Tleilaxu destruíram os *visicoms*.

Dominic suavizou sua voz.

— Mais tarde, quando tivermos recuperado nossa Casa e nosso planeta, recordaremos o que fizemos aqui e o que se disse. Isto é história.

vou contar-lhe um conto, um caso para Leto ao que nos visita.

— Eu gosto de seus contos — disse a mulher, com um doce sorriso em seu rosto enérgico mas delicado. Seus olhos cor avelã cintilaram —.

Muito bem, o que contaremos a nossos netos?

Por um momento, o conde Vernius se concentrou em uma rachadura que surgira no teto e na água que escorria por uma parede.

— Em tempos remotos Salusa Secundus era a capital do Império.

Sabe porquê a mudaram para Kaitain?

— Algum problema com as armas atômicas? — respondeu Shando

—. Salusa ficou destruída.

— Segundo a versão imperial, foi um acidente, mas a Casa Corrino diz isso porque não quer dar idéias às pessoas. A verdade é que outra família renegada, uma Grande Casa cujo nome foi apagado dos arquivos históricos, conseguiu aterrissar em Salusa com as armas atômicas de sua família. Durante um audaz ataque bombardearam a capital e provocaram uma catástrofe ecológica. O planeta ainda não se recuperou.

— Um ataque com armas atômicas? Não sabia.

— Depois, os sobreviventes transportaram o trono imperial de Kaitain, em um

sistema diferente, mais seguro, onde o jovem imperador Hassik III reconstruiu o governo. — Ao perceber preocupação no rosto de sua mulher, abraçou-a com força —. Nós não fracassaremos, meu amor.

Os outros painéis se apagaram quando os Tleilaxu desativaram os últimos *visicoms*.

No Império existe o princípio do individual, nobre mas poucas vezes utilizado, pelo qual uma pessoa que viola uma lei escrita em uma situação de extremo perigo ou necessidade pode solicitar uma sessão especial da corte de jurisdição, afim de explicar e sustentar a necessidade de seus atos. Certo número de procedimentos legais derivam deste princípio, entre eles o Jurado Drey, o Tribunal Cego e o Julgamento de Confisco.

Lei do Império - Comentários

Face às desastrosas perdas militares durante a revolta inesperada, em IX continuavam existindo muitos lugares secretos. Séculos atrás, durante os tempos paranóicos posteriores ao momento em que a Casa Vernius se encarregou das operações mecânicas, engenheiros chamados em segredo tinham construído uma colméia secreta de habitações impermeáveis a transmissões, câmaras de algas e esconderijos impossíveis de descobrir graças ao notável engenho ixiano. Um inimigo demoraria séculos para encontrá-los. Até a Casa governante tinha esquecido a metade deles.

Guiados pelo capitão Zhaz e os guarda-costas privados, Leto e Rhombur se ocultaram em uma câmara cujas paredes estavam cobertas de algas, onde se entrava por um túnel que mergulhava na casca do planeta.

Os sensores do inimigo só detectariam os sinais de vida das algas, já que potentes campos de desativação rodeavam o resto da câmara.

— Teremos que ficar aqui por alguns dias — disse Rhombur, que se esforçava por recuperar seu habitual otimismo —. Até então, forças do Landsraad ou do Império terão vindo em nosso resgate, e a Casa Vernius começará a reconstruir lX. Tudo acabará bem.

Leto guardou silêncio. Se suas suspeitas estavam certas, poderia demorar muito mais que isso.

— Esta câmara é um simples ponto de reunião, *maese* Rhombur —

disse o capitão Zhaz —. Esperaremos o conde e seguiremos suas ordens.

Rhombur assentiu.

— Sim, meu pai saberá o que fazer. Ele já esteve em muitas situações militares difíceis. — Sorriu —. Em algumas delas com seu pai, Leto.

Este apoiou uma mão firme no ombro do príncipe, como amostra de solidariedade. Mas ignorava quantas vezes Dominic Vernius tinha participado de campanhas defensivas desesperadas como esta. Leto tinha a impressão de que todas as vitórias passadas de Dominic tinham consistido em ataques contra grupos de rebeldes dispersos.

Recordando o que seu pai tinha lhe ensinado (“estude os detalhes em seu entorno em qualquer circunstância difícil, Leto inspecionou o esconderijo. Procurou rotas de fuga, pontos vulneráveis. A câmara tinha sido escavada em cristal de rocha maciço, com uma capa exterior da vegetação espessa que dotava ao ar de um acre toque orgânico. A cavidade contava com quatro apartamentos, uma ampla cozinha com provisões de sobrevivência e uma nave de emergência capaz de alcançar uma órbita planetária baixa.

Silenciosas máquinas atrito controlavam recipientes de entropia nula no núcleo da caverna, encarregados de manter comida e bebida frescos.

Esses recipientes continham roupas, armas, videolivros e jogos ixianos, para que os refugiados se distraíssem. A interminável espera podia ser a parte mais difícil daquele refúgio, mas os ixianos haviam tomado todas as precauções necessárias.

Já era noite segundo seus relógios. Zhaz situou seus guardas nos corredores exteriores e na porta camuflada. Rhombur o metralhou com um sem-fim de perguntas, a maioria das quais o capitão não soube responder: O que estava acontecendo lá fora? Podiam ter esperança de serem libertados por ixianos leais, ou os invasores Tleilaxu os prenderiam, ou fariam algo ainda pior? Algum ixiano viria informar a morte de seus pais?

Por que ninguém tinha aparecido no ponto de reunião? Tinha idéia de quanta extensão da capital permanecia intacta? Se não, quem poderia descobrir?

Um alarme o interrompeu. Alguém tentava entrar na câmara.

O capitão Zhaz ativou um monitor manual, apertou um botão que iluminou a sala e ativou uma videojanela. Leto viu três rostos conhecidos muito perto dos *visicoms* do corredor secundário: Dominic Vernius e sua filha Kailea, com o vestido rasgado e o cabelo desalinhado. Entre os dois seguravam a dama Shando, que parecia semi consciente, com os braços e o corpo enfaixados grosseiramente.

— Permissão para entrar — disse Dominic com uma voz que soou metálica pelos alto-falantes —. Abra, Rhombur. Zhaz! Necessitamos atenção médica para Shando. — Seus olhos estavam sombrios.

Rhombur Vernius se precipitou para os controles, mas o capitão da guarda o deteve com um gesto imperioso.

— Por iodos os Santos e pecadores, lembre-se dos dançarinos faciais, amo!

Leto se lembrou que os metamorfos Tleilaxu eram capazes de assumir aparências familiares e penetrar nas áreas mais seguras. Leto agarrou o braço ao príncipe ixiano, enquanto Zhaz interrogava e recebia uma contra-senha. Por fim, apareceu uma mensagem procedente do sensor biométrico. Confirmado: conde Dominic Vernius.

— Permissão concedida — disse Rhombur pelo transmissor de voz

—. Entre. Mãe, o que aconteceu?

Kailea parecia aflita, como se ainda não acreditasse na repentina destruição de todos os seus planos de futuro. Os recém chegados cheiravam a suor, fumaça e medo.

— Sua irmã estava repreendendo os subóides e lhes dizendo que voltassem a trabalhar — disse Shando com uma sombra de alegria apesar da dor —. Uma estupidez.

— E alguns deles estavam a ponto de fazê-lo... — disse a jovem, e suas bochechas se ruborizaram de ira.

— Até que alguém tirou uma pistola maula e abriu fogo. Menos mal que tinha

má pontaria.

Shando tocou o braço e o flanco, e se encolheu de dor.

Dominic afastou os guardas e abriu um estojo de primeiro socorros para curar as feridas de sua mulher.

— Não é grave, meu amor. Beijarei suas cicatrizes mais tarde. Não deveria ter se exposto tanto.

— Nem mesmo para salvar Kailea? — Shando tossiu, e lágrimas brilharam em seus olhos —. Você teria feito o mesmo para me proteger mim ou seus filhos, até mesmo Leto Atreides. Não tente negar.

Dominic evitou seu olhar e assentiu a contragosto.

— Mas ainda estou transtornado... Como esteve perto de morrer.

Não teria me restado nada por que lutar.

— Engana-se, Dominic. Ainda teria restado muito.

Leto desconfiou do que tinha impulsionado uma jovem e bela concubina a abandonar seu imperador, e por que um herói de guerra tinha incorrido na ira do Elrood para casar-se com ela.

No corredor oculto exterior, meia dúzia de soldados armados tomaram posições em frente a porta fechada. Pelo monitor exterior, Leto viu que os outros (tropas de choque para o caso de uma incursão violenta dos rebeldes) tinham canhões laser, sensores e equipamentos sônicos de defesa no túnel de acesso à câmara.

Rhombur, aliviado ao ver que sua família estava a salvo, abraçou seus pais e a sua irmã.

— Tudo sairá bem — disse —. Já verão.

Apesar da sua ferida, a dama Shando se mostrava orgulhosa e valente, embora ao redor de seus olhos avermelhados houvesse traços de lágrimas. Kailea olhou envergonhada para Leto. Parecia derrotada e frágil, sem seu habitual comportamento altivo. Leto sentiu vontade de consolá-la, mas vacilou. Tudo

parecia muito inseguro, muito aterrador.

— Não temos muito tempo, crianças — disse Dominic, secando o suor da testa —, e desta vez serão necessárias medidas desesperadas. —

Seu crânio raspado estava manchado de sangue. Aliada ou inimiga?, perguntou-se Leto. O emblema esmigalhado da hélice pendia de sua lapela.

— Nesse caso, não é momento para nos chamar de crianças —

respondeu Kailea para surpresa de todos —. Nós também devemos lutar.

Rhombur se ergueu em toda sua estatura, majestoso ao lado de seu pai corpulento, em vez de malcriado e rechonchudo.

— E estamos dispostos a ajudá-lo a reconquistar IX. Vernii é nossa cidade e voltará para nossas mãos.

— Não, vocês três ficarão aqui. — Dominic ergueu uma mão calosa para sossegar os protestos de Rhombur —. Primeiro é preciso salvar os herdeiros. Não admito discussões. Cada momento de discussão me afasta de meu povo, e neste momento eles necessitam de minha liderança desesperadamente.

— Vocês são muito jovens para combater — disse Shando, e uma expressão dura e inflexível apareceu em seu rosto delicado —. São o futuro de suas respectivas Casas.

Dominic se plantou a frente de Leto e olhou-o nos olhos pela primeira vez, como se por fim o considerasse um homem.

— Leto, seu pai nunca me perdoaria se algo acontece com seu filho.

Já enviamos uma mensagem ao velho duque e o informamos da situação.

Em resposta, seu pai prometeu ajuda limitada e enviou uma missão de resgate para levar você, Rhombur e Kailea sãos e salvos a Caladan. —

Dominic apoiou suas mãos sobre os ombros de seus dois filhos —. O

duque Atreides os protegerá, vai conceder-lhes asilo. É tudo que pode fazer no

momento.

— Isso é ridículo — disse Leto, e seus olhos cinzas cintilaram —.

Vocês também deveriam se refugiar na Casa Atreides, meu senhor. Meu pai nunca lhes daria as costas.

Dominic sorriu.

— Não tenho dúvida de que Paulus faria o que diz, mas não posso, porque isso significaria condenar meus filhos.

Rhombur olhou para sua irmã, alarmado. A dama Shando assentiu e continuou. Seu marido e ela já tinham discutido as diversas possibilidades.

— Rhombur, se Kailea e você viverem exilados em Caladan, estarão a salvo. Ninguém se preocupará com isso. Suspeito que esta sangrenta revolta foi planejada com apoio e influência do Império, e todas as peças encaixaram em seu lugar.

Rhombur e Kailea trocaram um olhar de incredulidade.

— Apoio do Império?

— Ignoro o que o imperador deseja de IX — disse Dominic —, mas a aversão de Elrood está dirigida a mim e a sua mãe. Se os acompanhar à Casa Atreides, os caçadores nos perseguirão. Encontrarão alguma desculpa para atacar Caladan. Não, sua mãe e eu temos que encontrar uma maneira de desviar esta luta de vocês.

Rhombur estava indignado. Sua pele pálida avermelhou.

— Podemos resistir aqui por uma temporada, pai. Não quero abandoná-lo.

— Tudo já dito, meu filho. Além da operação de resgate dos Atreides, não receberemos nenhuma ajuda. Nem Sardaukar imperiais, nem exércitos do Landsraad que rechacem os Tleilaxu. Os subóides são simples peões. Enviamos pedidos a todas as Casas Maiores e ao Landsraad, mas ninguém reagirá com a rapidez necessária. Alguém estava mais preparado que nós...

A dama Shando mantinha a cabeça erguida, apesar da dor e da sua aparência desalinhada. Havia sido a dama de uma Grande Casa, e concubina imperial antes disso, mas nascera de classe humilde. Shando seria feliz mesmo sem as riquezas de um governo ixiano.

— Mas o que será de vocês dois? — perguntou Leto, pois nem Rhombur nem Kailea tinham coragem para perguntar.

— A Casa Vernius se declarará... renegada.

Shando baixou a voz por um segundo no silêncio que surgiu.

— Infernos carmesins! — disse Rhombur, e sua irmã soltou uma exclamação afogada.

Shando beijou seus filhos.

— Levaremo-nos o que pudermos salvar, e depois Dominic e eu nos separaremos e nos esconderemos. Talvez durante anos. Alguns dos mais leais nos acompanharão, outros fugirão, e outros ficarão aqui, para bem ou para mau. Começaremos uma nova vida, e talvez a sorte nos sorrirá.

Dominic deu um apertão de mãos desajeitado em Leto, não ao estilo imperial mas sim como na Velha Terra, já que o Império, do imperador a todas as Casas Maiores, tinha abandonado à Casa Vernius. Uma vez que se declarasse renegada, a família Vernius já não pertenceria ao Império.

Shando e Kailea soluçaram em silêncio e se abraçaram, enquanto Dominic segurava seu filho pelos ombros. Pouco depois, o conde Vernius e sua esposa saíram pelo túnel de acesso à câmara, acompanhados por um contingente de guardas, enquanto Rhombur e sua irmã os observavam pelo monitor do *visicom*.

Na manhã seguinte, os três refugiados estavam sentados em incômodas mas eficientes poltronas flutuantes, comendo barrinhas energéticas, bebendo suco de Ixap e esperando.

Kailea falava pouco, como se tivesse perdido a energia necessária para se opor às circunstâncias. Seu irmão maior tentava animá-la, sem o menor êxito. Isolados, não sabiam nada do que acontecia no exterior, ignoravam se tinham chegado reforços, se a cidade continuava queimando...

Kailea tinha se lavado, feito um grande esforço para reconstruir seu vestido rasgado e exibia sua aparência alterada como um símbolo.

— Esta semana eu devia participar de um baile — disse com a voz inexpressiva —. O solstício de Dur, um dos acontecimentos sociais mais importantes em Kaitain. Minha mãe disse que poderia ir quando fosse maior. — Olhou para Leto e emitiu uma triste gargalhada —. Como este ano poderiam me prometer a um marido apropriado, suponho que já sou maior para assistir a um baile. Não acha?

Beliscou sua manga rasgada. Leto não sabia o que dizer. Tentou imaginar o que teria respondido Helena à filha de Vernius.

— Quando chegarmos ao Caladan, direi a minha mãe que celebre um grande baile para lhes dar as boas-vindas. Você gostaria, Kailea?

Sabia que *lady* Helena desconfiava dos ixianos devido a suas crenças religiosas, mas tinha certeza que sua mãe concordaria, tendo em conta as circunstâncias. Ao menos, jamais cometeria uma estupidez social.

Os olhos de Kailea cintilaram, e Leto se encolheu.

— Com os pescadores dançando uma giga obscena e os arrozeiros entregues a algum rito de fertilidade?

Suas palavras eram ácidas, e Leto pensou que seu planeta e sua herança eram inadequados para alguém como ela. Não obstante, Kailea se abrandou e tocou o braço de Leto.

— Sinto muito, Leto. Sinto muitíssimo. É que tinha muita vontade de ir a Kaitain, de ver o palácio imperial, as maravilhas da corte.

Rhombur falou com semblante áspero.

— Elrood nunca teria permitido, mesmo que fosse porque ainda está zangado com nossa mãe.

Kailea se levantou e passeou de um lado a outro.

— Por que ela o deixou? Poderia ter ficado no palácio, rodeada de luxos... E em vez disso escolheu esta... pocilga. Uma pocilga invadida agora por insetos. Se

nosso pai a tivesse amado de verdade, teria pedido que se sacrificasse tanto? É absurdo.

Leto tentou consolá-la.

— Não acredita no amor, Kailea? Vi a forma que seus pais se olhavam.

— É claro que acredito no amor, Leto. Mas também acredito no bom senso, e em sopesar os prós e os contras.

Kailea procurou nos arquivos de entretenimento algo que a distraísse. Leto decidiu não insistir e se virou para Rhombur.

— Deveríamos aprender a pilotar o ornitóptero. Para o caso de precisarmos.

— Não é preciso. Eu se pilotá-lo — disse Rhombur.

Depois de tomar um gole do suco, Leto apertou os lábios.

— Mas e se o ferirem, ou algo pior? O que faremos então?

— Ele tem razão — disse Kailea, sem levantar seus olhos esmeralda dos arquivos de entretenimento. Sua voz soava frágil e cansada —. Vamos ensiná-lo, Rhombur.

O herdeiro da Casa Vernius olhou para Leto.

— Bem, você sabe como funciona um ornitóptero ou uma lançadeira?

— Aprendi a pilotar ornitópteros quando tinha dez anos, mas as únicas lançadeiras que vi eram automáticas.

— Máquinas descerebradas que realizam funções prefixadas. Odeio essas coisas... embora nós as fabricamos. — Agarrou um pedaço de barra energética —. Ou melhor, fabricávamos. Antes que os Tleilaxu chegassem.

Levantou a mão direita e esfregou o anel que o identificava como herdeiro da casa ixiana.

Ao seu sinal, um amplo quadrado desceu do teto e pousou sobre o chão. Leto olhou pelo oco e viu uma esbelta forma chapeada armazenada.

— Acompanhem-me. — Rhombur subiu sobre o painel e Kailea o imitou —. Vamos testar os sistemas.

Quando Leto subiu, sentiu um puxão para cima. Os três atravessaram o teto e subiram pelo flanco de uma nave chapeada, até uma plataforma montada sobre a fuselagem.

O ornitóptero recordou a Leto uma lancha espacial, um pequeno aparelho de corpo estreito e janelas de plaz. A ornave, uma combinação de ornitóptero e espaçonave, podia funcionar no planeta ou em órbita baixa.

Como violavam o monopólio da Corporação sobre as viagens espaciais, as ornaves estavam entre os segredos mais zelosamente guardados de IX, e só eram empregadas como último recurso.

Abriu-se uma escotilha no flanco do aparelho, e Leto ouviu que os sistemas da nave o rodeavam com um zumbido de maquinaria e aparelhos elétricos. Rhombur os precedeu até um centro de comando provido de dois assentos de respaldo alto e brilhantes painéis situados a frente de cada um deles. Acomodou-se em um assento, e Leto no outro. O flexível material sensiforme se amoldou a seus corpos. Tênues luzes verdes brilharam sobre os painéis tateantes. Kailea se sentou atrás do seu irmão, com as mãos apoiadas sobre o respaldo da poltrona.

— Porei o seu em modo tutelar. A própria nave o ensinará a pilotá-

la.

O painel de Leto adquiriu um tom amarelo. Enquanto se interrogava a respeito dos tabus sobre as mentes mecânicas da Jihad Butleriana, enrugou o rosto, confuso. Até que ponto aquela nave podia pensar por si mesma? Sua mãe lhe advertira que não acreditasse em muitas coisas, sobretudo coisas ixianas. Através do pára-brisa de plaz, via apenas a rocha cinza na superfície interior da câmara de algas.

— Pensa com sozinha, como os *meks* de treinamento que me ensinou?

Rhombur fez uma pausa.

— Sei o que está pensando, Leto, mas esta máquina não imita os processos de pensamento humanos. Os subóides não entendem nada. Assim como nosso *mek*

de combate autodidata, que analisa o adversário para tomar decisões, não pensa, apenas reage à velocidade da luz. Lê seus movimentos, antecipa-se e reage.

— A mim isso parece o mesmo que pensar.

No painel que havia a frente de Leto dançavam miríades de luzes.

Kailea suspirou, frustrada.

— Faz milhares de anos que a Jihad Butleriana acabou e a humanidade ainda se comporta como se fôssemos roedores aterrorizados que se escondem das sombras. Existem movimentos antiixianos em todo o Império porque construímos máquinas complexas. As pessoas não compreendem o que fazemos, e os mal-entendidos alimentam as suspeitas.

Leto assentiu.

— Pois então me ajude a entender. Comecemos.

Olhou para o painel de controle e procurou não se impacientar.

Depois dos acontecimentos dos últimos dias, todos sofriam os efeitos da tensão acumulada.

— Coloque seus dedos sobre as placas de identificação — disse Rhombur —. Não toque no painel. Deixe os dedos alguns centímetros acima.

Depois de fazer isso, Leto ficou rodeado de um pálido brilho amarelado que provocou um formigamento em sua pele.

— Está assimilando os componentes de seu corpo: a forma do sua rosto, cicatrizes diminutas, digitais, folículos de cabelo, marcas retinianas.

Ordenei à máquina que aceite seus dados. — A luz diminuiu —. Já está autorizado. Ative o tutorial passando seu polegar direito sobre a segunda fileira de luzes.

Leto obedeceu, e uma tela de realidade virtual apareceu a frente de seus olhos, mostrando uma vista aérea que mostrava montanhas escarpadas e gargantas rochosas.

A mesma paisagem que tinha visto meses atrás, no dia em que desembarcara da lançadeira da Corporação.

De repente viu faíscas na câmara oculta de baixo. Explosões e estalos de estática o ensurdeceram. A imagem sintética da paisagem se tornou imprecisa, voltou a entrar em foco e desapareceu. Seus ouvidos retumbavam.

— Sente-se — disse Rhombur —. Isto não é uma simulação.

— Eles nos localizaram!

Kailea se deixou cair em um assento baixo, atrás de Leto, e um campo de segurança pessoal a rodeou imediatamente. Leto sentiu que o calor de outro campo o envolvia, enquanto Rhombur tentava imobilizar-se no assento do piloto.

Rhombur viu na tela de vigilância da ornave que soldados Tleilaxu e subóides armados invadiam o túnel de acesso à câmara oculta, ao mesmo tempo em que disparavam seus fuzis laser para destruir as portas escondidas. Os atacantes já tinham ultrapassado a segunda barreira. O

capitão Zhaz e alguns de seus homens jaziam no chão, formando montículos fumegantes.

— Talvez seus pais tenham conseguido fugir — disse Leto —.

Espero que estejam a salvo.

Rhombur se preparou para a decolagem. Leto se apertou contra o assento, enquanto tentava conservar a calma. A simulação externa ainda enchia seus olhos, distraía-o com visões das antigas paisagens ixianas.

Uma luz azul cintilou no exterior da nave. Uma explosão os sacudiu.

Rhombur soltou um grito ao mesmo tempo em que caía do seu assento. Um fio de sangue escorria por seu rosto.

— Que demônios aconteceu? — gritou Leto —. Rhombur!

— Isto é real, Leto! — gritou Kailea —. Tire-nos daqui.

Leto operou o painel para passar de modo tutorial para ativo, mas Rhombur ainda não tinha terminado de preparar a nave. Outra explosão destruiu a parede da câmara, e fragmentos de rocha cobertas de algas voaram pelos ares. Várias figura apareceram na sala principal.

Rhombur gemeu. Abaixo, os subóides gritaram e apontaram para a nave dos três fugitivos. Disparos de fuzil laser atingiram as paredes de pedra e o casco da ornave. Leto ativou a seqüência de auto lançamento.

Apesar de suas preocupações anteriores, desejava que a mente mecânica da nave funcionasse com absoluta eficácia.

A ornave subiu por um canal, atravessou um pico rochoso, uma capa de neve e saiu por fim para céu aberto, semeado de nuvens. Leto se esquivou de um feixe de raios laser, defesas automáticas em poder dos rebeldes. Entreabriu os olhos para protegê-los da luz solar.

Leto avistou um Cruzeiro numa órbita planetária baixa. Dois jorros de luz surgiram da nave, como dois vs, um sinal familiar para Leto: naves Atreides.

Leto enviou um sinal de identificação na linguagem de guerra especial que seu pai e seus professores tinham ensinado. Naves de resgate apareceram de cada lado da ornave, para escoltá-lo. Os pilotos fizeram sinais de que o tinham reconhecido. Um jato purpúreo disparado da nave de estibordo pulverizou uma nuvem sob onde se ocultavam aparelhos inimigos.

— Você está bem, Rhombur?

Kailea examinou as feridas do seu irmão.

O jovem se remexeu, levou uma mão a cabeça e grunhiu. Uma caixa de componentes eletrônicos montada no teto tinha caído em sua cabeça.

— Infernos carmesins! Não ativei a tempo o maldito CSP.

Piscou e enxugou o sangue do rosto.

Leto seguiu à escolta até a segurança do Cruzeiro, onde viu duas grandes fragatas de batalha Atreides. Enquanto a ornave entrava no hangar, chegou uma mensagem em *galach* pelo sistema de comunicações, mas reconheceu o acento

caladano.

— Menos mal que esperamos uma hora mais do que o combinado.

Bem-vindo a bordo, príncipe Leto. seus acompanhantes estão bem? Há quantos sobreviventes?

Olhou para Rhombur, que acariciava o crânio dolorido.

— Três, mais ou menos ilesos. Tirem-nos de IX.

Uma vez a bordo, a ornave ficou estacionada entre os escolta Atreides, dentro do imenso hangar do Cruzeiro, Leto olhou para cada lado pelas portas de embarque das naves maiores viu soldados Atreides uniformizados de verde e negro, com o emblema do falcão. Exalou um profundo suspiro de alívio e olhou para Rhombur, cuja irmã estava ajudando-o a se recuperar.

— Bem — disse o príncipe ixiano —, esqueça as simulações, amigo.

Sempre é melhor aprender na prática.

Então perdeu a consciência e caiu para um lado.

Até a Casa mais pobre pode ser rica em lealdade. A lealdade comprada com subornos ou salários é vazia e fraca, e pode falhar no pior momento. Entretanto, a lealdade que surge do coração é mais forte que o diamante e mais valiosa que a melange mais pura.

Duque Paulus Atreides

Nos limites da galáxia, no interior do hangar de carga de outro Cruzeiro, um transporte espacial ixiano anônimo descansava entre as naves abarrotadas. O transporte fugitivo tinha saltado de uma rota de carga para outra, e em cada ocasião tinha mudado de nome.

Dentro da nave, Dominic e Shando estavam sentados como passageiros entre os restos de suas forças armadas. Muitos guardas da família tinham morrido, e muitos não tinham chegado a tempo à nave.

Outros tinham decidido ficar e enfrentar as conseqüências da revolução.

O criado pessoal da dama Shando, Omer, remexeu-se e encolheu seus ombros estreitos. Usava o rígido cabelo negro cortado pela linha do pescoço, mas agora, tanto o cabelo como o pescoço pareciam um pouco desalinhados. Omer era o único criado da dama que tinha escolhido acompanhar a família ao exílio. Homem tímido, o aborrecia a perspectiva de começar uma nova vida entre os Tleilaxu.

Os relatórios sucintos do embaixador Pilru tinham deixado claro que não podiam esperar ajuda das forças militares do Landsraad ou do imperador. Ao declararem-se renegados, tinham cortado todos os laços e obrigações com a lei imperial.

Os assentos, contêineres e armários da nave renegada estavam cheios de jóias e objetos de valor, coisas que podiam ser vendidas por dinheiro em metálico. Seu exílio talvez durasse muito tempo.

Dominic, sentado ao lado de sua esposa, segurava sua mão pequena e delicada. Rugas de preocupação se desenhavam em sua face.

— Elrood enviará comandos em nossa perseguição — disse —. Eles nos caçarão como animais.

— Por que não nos deixa em paz de uma vez? — murmurou Omer

—. Já perdemos tudo.

— Não é suficiente para Roody — disse Shando, e se virou para seu criado. Estava sentada com as costas retas, majestosa —. Nunca me perdoou por convencê-lo a me deixasse partir. Nunca menti, mas pensa que o enganei.

Olhou pela janela estreita, ladeada de sercromo cintilante. A nave ixiana era pequena, sem distintivos da Casa Vernius. Um veículo simples utilizado para subir carga ou transportar passageiros de terceira classe.

Shando apertou a mão do seu marido e tentou não pensar em como tinham caído.

Recordou o dia em que partiu da corte imperial, banhada, perfumada e engalanada com flores recém cortadas nas estufas de Elrood. As outras concubinas tinham lhe dado broches, jóias, lenços coloridos que brilhavam com o calor corporal. Era então jovem e entusiasta, e seu coração estava cheio de

gratidão pelas lembranças e experiências, e também ansioso por iniciar uma nova vida junto ao homem que amava.

Shando tinha guardado seu romance com o Dominic em segredo, e se separado de Elrood de uma forma que ela considerava amistosa. O

imperador lhe tinha dado sua bênção. Elrood e ela tinham feito amor pela última vez, falado com afeto das lembranças que compartilhavam. Elrood não compreendera seu desejo de abandonar Kaitain, mas possuía muitas outras concubinas. A perda de Shando significava pouco para ele... até que descobriu que ela o deixara pelo amor de outro homem.

Agora, o vôo errante de Shando desde lX era muito diferente daquele que a tinha afastado de Kaitain. Suspirou amargurada.

— Depois de um reinado de século e meio, Roody aprendeu a esperar o momento da vingança.

Dominic, sem o menor indício de ciúmes, riu ao ouvir a frase.

— Bem, agora ele saldou contas conosco. Teremos que ser pacientes e encontrar alguma forma de recuperar a fortuna de nossa Casa. Se não por nós, por nossos filhos.

— Confio em Paulus Atreides, ele cuidará bem deles — disse Shando — É um bom homem.

— Entretanto, não podemos confiar que ninguém cuide de nós —

recordou Dominic —. vai ser uma prova muito dura de enfrentar.

Dominic e Shando não demorariam para separar-se, adotar novas identidades e esconder-se em planetas isolados, com a esperança de reunir-se algum dia. Tinham pago um suborno enorme à Corporação, de modo que não existiam registros de seus respectivos destinos. Marido e mulher se abraçaram, conscientes de que a partir desse momento não haveria nada seguro em suas vidas.

A frente deles se estendia um espaço inexplorado.

Sozinho entre os restos da martirizada IX, C'tair Pilru se escondeu em uma pequena habitação a prova de transmissões. Tinha certeza que os subóides não o encontrariam. Acreditava que era sua única possibilidade de sobreviver à carnificina.

Sua mãe tinha lhe mostrado este lugar escondido atrás da parede de uma masmorra do *Grand Palais*, escavado na rocha. Como membros da corte de Vernius, e filhos do embaixador em Kaitain, atribuiu-se a C'tair e D'murr um lugar para sua segurança pessoal em caso de emergência. Com a mesma metódica eficácia que mostrava diariamente como banqueira da Corporação, S'tina o preparara para qualquer eventualidade e tendo certeza que seus filhos recordassem. Suado, faminto e aterrorizado, C'tair tinha experimentado um imenso alívio ao descobrir o esconderijo secreto intacto entre o caos, disparos e explosões.

Depois, a salvo e aturdido, a comoção do que sua cidade estava padecendo, seu planeta, o golpeara com toda força. Não podia acreditar em tudo o que se perdera, quanta grandeza transformada em pó, sangue e fumaça.

Seu irmão gêmeo tinha desaparecido, arrebatado pela Corporação para ser treinado como Navegante. Em seu momento tinha lamentado a perda, mas ao menos isso significava que D'murr estava a salvo da revolução. C'tair não desejava aquilo a ninguém... mas esperava que seu irmão tivesse recebido a notícia. Os Tleilaxu a teriam ocultado?

C'tair tentara entrar em contato com seu pai, mas o embaixador tinha ficado preso em Kaitain em plena crise. Entre incêndios, explosões e bandos de subóides assassinos, C'tair se vira com poucas opções, exceto esconder-se e sobreviver. O jovem de cabelo escuro morreria se tentasse chegar aos centros administrativos da Casa Vernius.

Sua mãe já tinha morrido.

C'tair se escondia em sua pequena habitação com os globos luminosos apagados, e ouvia o barulho dos combates longínquos e os sons, muito mais retumbantes, de sua própria respiração, dos batimentos do coração de seu coração. Estava vivo.

Três dias antes, tinha visto os revolucionários destruir uma asa do edifício da Corporação, a seção do bloco cinzento que mantinha todas as instalações

bancárias ixianas. Sua mãe estava ali. D'murr e ele tinham visitado seus escritórios muitas vezes durante sua infância.

Sabia que S'tina havia caído das abóbadas dos registros, incapaz de escapar e reticente em acreditar que os subóides rebeldes ousariam atacar uma sede neutra da Corporação. Mas os subóides não entendiam de política nem das sutis ramificações do poder. S'tina tinha enviado a C'tair uma transmissão final, aconselhando-o a se esconder, não se arriscar, e marcado um encontro para quando a violência diminuísse. Nenhum dos dois tinha acreditado que a situação pudesse piorar.

Mas enquanto C'tair olhava, explosivos colocados pelos subóides rebeldes tinham destruído parte do edifício, que se desprendeu de seus alicerces no teto da caverna e caiu ao chão da gruta, matando centenas de rebeldes, assim como banqueiros e funcionários da Corporação. Todos que estavam ali dentro.

O ar se encheu de fumaça e gritos, e as escaramuças continuaram.

Compreendeu que seria inútil procurar sua mãe, e ao dar-se conta de que todo seu mundo estava vindo abaixo, correu para o único refúgio que conhecia.

Escondido em sua guarida, dormiu em posição fetal e despertou com uma vaga sensação de determinação, embotada em parte pela raiva e dor.

C'tair encontrou as provisões guardadas nas câmaras de armazenamento de entropia nula e fez um inventário. Verificou o estado das armas antiquadas que estavam num pequeno armário. Ao contrário das câmaras de algas, maiores, este lugar secreto não possuía uma ornave. Esperava em que o cubículo não estivesse incluído em nenhum mapa, secreto ou não. Do contrário, os Tleilaxu e seus seguidores subóides o localizariam.

C'tair, atordoado e apático, escondia-se e deixava passar o tempo, inseguro de quando poderia escapar, ou ao menos enviar uma mensagem.

Não acreditava que nenhuma ação militar externa chegasse a tempo de salvar IX. Isso já deveria ter acontecido. Seu pai tinha partido a tempo.

Alguns rumores afirmavam que a Casa Vernius tinha fugido, e se declarado renegada. O *Grand Palais* estava abandonado e saqueado, e logo se transformaria no quartel geral dos novos senhores de IX.

Kailea teria conseguido partir com sua família, fugindo da destruição? C'tair assim esperava, para seu bem, caso contrário, teria sido um dos alvos preferidos dos enfurecidos revolucionários. Era uma jovem muito bela, educada para bailes e jantares, luxos e intrigas palacianas, não para lutar pela sobrevivência com unhas e dentes.

Punha-o doente pensar em sua amada cidade, saqueada e arrasada.

Lembrou dos passadiços de cristal, os edifícios em forma de estalactite, os magníficos lucros conseguidos na construção de Cruzeiros, naves que podiam desaparecer como por arte de magia graças aos poderes dos Navegantes da Corporação. Freqüentemente ele e D'murr tinham explorado os túneis largos, as grutas enormes, observando a prosperidade que desfrutavam todos os habitantes de IX. Agora, os subóides tinham destruir tudo. E por quê? Duvidava que eles mesmos compreendessem.

Talvez C'tair descobrisse uma passagem que conduzisse à superfície, entraria em contato com uma nave de transporte, utilizaria créditos roubados para comprar uma passagem de IX e partiria para Kaitain, onde localizaria seu pai. Era ainda o embaixador Pilru, de um governo no exílio?

Provavelmente não.

Não, C'tair não podia partir e abandonar o planeta a sua sorte. IX era seu lar, e se negou a fugir. Jurou que sobreviveria de algum jeito. Faria o que fosse preciso. Assim que o pó se assentasse, vestiria roupas velhas e fingiria ser mais um dos ixianos derrotados, subjugado pelos novos senhores do planeta. Entretanto, duvidava de estar a salvo.

Não, se tentasse continuar a luta...

Durante as semanas seguintes, C'tair conseguiu sair de seu esconderijo durante as noites subterrâneas programadas, graças a um rastreador de vida ixiano que lhe permitia se esquivar dos guardas Tleilaxu e demais inimigos. Desolado, viu a magnífica Vernii ruir ante seus olhos.

O *Grand Palais* estava ocupado agora por anões repugnantes, traiçoeiros usurpadores, de pele cinza que tomaram todo um planeta ante os olhos indiferentes do Império. Seus representantes furtivos tinham invadido a cidade subterrânea. Patrulhas de invasores semelhantes a furões revistavam os edifícios

em forma de estalactites em busca de nobres ocultos. Os pelotões de Dançarinos Faciais demonstravam uma eficácia muito superior a das classes inferiores.

Abaixo, os subóides vagueavam pelas ruas, sem saber o que fazer.

Logo se aborreceram e voltaram com semblante ásperos para seus antigos trabalhos. Corno os Dançarinos Faciais já não lhes diziam o que deviam desejar ou exigir, os subóides não organizavam assembléias e não tomavam decisões. Suas vidas retornaram à antiga rotina, sob a direção de senhores diferentes, com cotas de produção mais rígidas. C'tair observou que os novos capatazes Tleilaxu tinham que obter enormes lucros para compensar os custos materiais da conquista.

C'tair vagava pelas ruas da cidade subterrânea sem que ninguém se importasse com ele, entre o povo derrotado, supervisores e famílias de trabalhadores de classe média que tinham sobrevivido às purgações e não tinham para onde ir. Vestido em farrapos, percorria passarelas deterioradas, entrava nos níveis superiores da cidade e tomava elevadores que desciam até os escombros dos centros de fabricação. Não podia esconder-se eternamente, mas tampouco podia permitir que o vissem.

C'tair se negava a aceitar que a batalha estivesse perdida. Os Bene Tleilax tinham poucos amigos no Landsraad, e não poderiam resistir ao embate de uma resistência coordenada. Não obstante, parecia que não existia algo semelhante em IX.

Um dia, camuflado entre um pequeno grupo de transeuntes acovardados em uma passarela lateral, viu desfilar uma coluna de soldados loiros, de feições cinzeladas. Vestiam uniformes cinzas com adornos chapeados e dourados. Não eram ixianos ou subóides, nem tampouco Tleilaxu. Altos e musculosos, os altivos soldados carregavam atordoantes, coletes anti-motim negro, e mantinham a ordem. Uma nova ordem.

Reconheceu-os, horrorizado.

Os Sardaukar do imperador!

C'tair se enfureceu ao ver que tropas imperiais colaboravam com os usurpadores, e compreendeu mais detalhes da conspiração, mas dissimulou seus sentimentos. Não podia permitir que ninguém prestasse atenção nele.

Ouviu os grunhidos dos ixianos nativos. Face a presença dos Sardaukar, nem sequer as classes médias estavam contentes com a nova situação. O

conde Vernius tinha sido um governante bondoso, embora algo despreocupado. Os Bene Tleilax, por sua vez, eram fanáticos religiosos com normas brutais. Muitas das liberdades que os ixianos tinham garantidas desapareceriam rapidamente sob o governo Tleilaxu.

C'tair desejava se vingar daqueles invasores traiçoeiros. Jurou que se dedicaria àquela tarefa todo o tempo que fosse preciso.

Enquanto caminhava pelas ruas tristes e deterioradas do chão da gruta, se entristeceu ao ver edifícios enegrecidos e caídos do teto. A cidade superior tinha sido destruída. Duas das colunas de diamante que sustentavam o imenso teto de rocha tinham voado aos pedaços, e as avalanches tinham sepultado blocos inteiros de moradias subóides.

C'tair reprimiu um gemido, consciente de que quase todas as obras de arte públicas ixianas tinham sido destruídas, incluindo o estilizado modelo do Cruzeiro da Corporação que embelezava a Praça da Cúpula. Até mesmo o formoso céu de fibra óptica que recobria o teto de rocha tinha sido prejudicado, e as projeções eram imprecisas agora. Era do conhecimento comum que os austeros e fanáticos Tleilaxu nunca tinham apreciado a arte. Para eles isso era um simples estorvo.

Recordou-se que Kailea Vernius era aficionada pela pintura e esculturas móveis. Tinha falado com C'tair a respeito de determinados estilos que faziam furor em Kaitain, e tinha assimilado ansiosamente todas as imagens turísticas que seu pai trazia dos lugares para onde o levavam seus deveres de embaixador. Mas agora a arte tinha desaparecido, e Kailea também.

Uma vez mais, C'tair se sentiu paralisado pela solidão.

Enquanto deslizava entre as ruínas de uma dependência do que fora um jardim botânico, C'tair se deteve de repente, estupefato. Vislumbrou algo e forçou a vista. Dos escombros fumegantes emergiu a imagem imprecisa de um ancião, pouco visível. C'tair piscou. Era imaginação, um holograma tremulo de um disco diário... ou outra coisa? Não tinha comido em todo o dia, e estava tenso, muito cansado. Mas a imagem continuava ali.

Entre a fumaça e os vapores acres reconheceu a forma frágil do velho inventor Davee Rogo, o gênio aleijado amigo dos gêmeos, aos quais tinha ensinado durante algum tempo. Quando C'tair soltou uma exclamação afogada, a aparição começou a sussurrar com voz fraca e entrecortada. Era um fantasma, uma visão, uma alucinação? Parecia que o excêntrico Rogo dizia a C'tair o que fazer, os componentes tecnológicos que precisava e como montá-los.

— Você é real? — sussurrou C'tair, ao mesmo tempo em que se aproximava —. O que está dizendo?

Por algum motivo, a imprecisa imagem do velho Rogo não respondeu a suas perguntas. C'tair não o entendeu, mas escutou. A seus pés havia cabos e peças metálicas, pertencentes a uma máquina destruída por explosivos. Estes são os componentes que preciso.

Agachou-se, procurou com a vista observadores indesejáveis e recolheu as peças que perduravam em sua mente, junto com outros restos tecnológicos: fragmentos de metal, cristais de plaz e células eletrônicas. O

velho lhe tinha proporcionado uma espécie de inspiração.

C'tair guardou o material nos seus bolsos e debaixo da roupa. IX

mudaria muito sob a nova ditadura Tleilaxu, e qualquer resto do precioso passado de civilização poderia ser valioso. Se os Tleilaxu o parassem, confiscariam tudo...

Durante os próximos dias de explorações obsessivas, C'tair não voltou a ver a imagem do ancião, não conseguiu compreender muito bem o que tinha acontecido, mas se esforçou para aumentar sua coleção tecnológica, seus recursos. Continuaria a batalha... sozinho, se fosse necessário.

A cada noite passava debaixo do nariz do inimigo. Saqueava seções vazias, tanto da cidade superior como da inferior, antes que equipes de reconstrução se desfizeram de relíquias incomodas.

Com a lembrança do que a visão de Rogo tinha sussurrado em sua imaginação, começou a construir...

Quando as naves de resgate Atreides retornaram a Caladan e se aproximaram do

espaçoporto de *Baía City*, o velho duque preparou uma recepção pouco espetacular. Os tempos e as circunstâncias eram muito tristes para que os ministros de protocolo, a orquestra e os porta-estandartes oferecessem um grande espetáculo.

O duque Atreides se erguia ao ar livre, e forçou a vista quando as naves aterrissaram. Usava sua capa favorita de pele para se proteger do vento. Todos os criados e soldados convocados aguardavam em posição de sentido junto à plataforma, mas pouco importava seu traje ou a impressão que causasse. Paulus estava alegre por seu filho ter voltado para casa são e salvo.

Lady Helena estava ao seu lado, com as costas bem rígida, vestida com traje e capa oficiais, impecável. Quando a fragata se imobilizou na zona de aterrissagem do espaçoporto, Helena olhou para seu marido com uma expressão de superioridade, como se lhe dissesse “eu avisei”, e depois exibiu um sorriso de boas-vindas. Nenhum observador suspeitaria que tiveram em várias discussões aos gritos enquanto o Cruzeiro estava à caminho, com seu filho a bordo.

— Não entendo como pode oferecer asilo a esses dois — disse a mulher, em voz baixa mas fria. Seus lábios continuavam sorrindo —. Os ixianos violaram as proibições da Jihad, e agora estão pagando o preço, É

perigoso interferir nos castigos de Deus.

— Os filhos de Vernius são inocentes, e serão hóspedes da Casa Atreides todo o tempo necessário. Por que continua me contrariando? Já tomei a decisão.

— Pouco importa que grave em pedra suas decisões. Se me escutar, talvez tire o véu dos olhos e veja o perigo que enfrentamos por causa da sua presença. — Helena estava tão perto do seu marido como era de esperar —.

Estou preocupada por nós e por nosso filho.

A nave estendeu suas escoras e se imobilizou. Paulus, exasperado, virou-se para sua mulher.

— Helena, estou em dívida com Dominic Vernius mais do que imagina, e eu não fujo das minhas obrigações. Até sem a dívida de sangue que nos uniu para sempre depois de Ecaz, ofereceria asilo a seus filhos.

Faço isso tanto por amor como por sentido de dever. Abrande seu coração, mulher. Pense no que esses meninos sofreram.

Uma rajada de vento alvoroçou seu cabelo castanho avermelhado, mas Helena nem sequer se alterou. Ironicamente, foi a primeira a levantar a mão para saudar quando a porta da nave se abriu. Falou por um canto da boca.

— Paulus, você está oferecendo seu pescoço para o verdugo imperial, e sorri enquanto isso. Pagaremos por esta loucura de formas inimagináveis. Só quero o melhor para todo mundo.

Os guardas que os rodeavam fingiam não ouvir a discussão. Uma bandeira verde e negra ondeou na brisa. A rampa da nave se estendeu.

— Por acaso sou o único que pensa na honra de nossa família, em vez de em política? — grunhiu Paulus.

— *Shhh*! Não erga a voz.

— Se apoiasse minha vida só em decisões prudentes e alianças vantajosas, não seria um homem, e muito menos um homem merecedor de ser duque.

Os soldados formaram um corredor para os desterrados de IX passar.

Leto foi o primeiro a sair. Respirou fundo, para absorver o ar fresco vindo do mar, e piscou sob o sol nebuloso de Caladan. Havia se lavado e posto roupas limpas, mas seus movimentos ainda denotavam cansaço. Sua pele parecia cinzenta, tinha o cabelo revolto, e as lembranças desenharam rugas na testa que se elevava sobre seus olhos perspicazes.

Leto aspirou outra profunda baforada de ar, como se não tivesse absorvido bastante o aroma salobro do mar próximo, o aroma de pescado e fumaça de lenha. Olhou para seu pai, que estava alegre por ver seu filho de novo, mas cheio de raiva e indignação pela sorte da Casa Vernius.

Rhombur e Kailea se situaram junto a Leto, vacilantes, no alto da rampa. Os olhos esmeralda de Kailea estavam inquietos, e passeou o olhar pelo novo mundo, como se o céu fosse muito grande. Leto quis consolá-la.

Uma vez mais, reprimiu-se, desta vez devido a presença de sua mãe.

Rhombur se ergueu em toda sua estatura e fez um esforço visível por erguer os ombros e afastar seu cabelo loiro rebelde. Sabia que agora era o que restava da Casa Vernius, o rosto que todos os membros do Landsraad veriam, enquanto seu pai, o conde renegado, ocultava-se em algum lugar.

Sabia que a luta acabava de começar. Leto apoiou uma mão forte no ombro de seu amigo e o animou a caminhar para a plataforma de recepção.

Ao fim de um momento de imobilidade, Leto e Paulus avançaram um para o outro ao mesmo tempo. O duque apertou sua barba manchada de cinza contra a cabeça de seu filho. Abraçaram-se, sem dizer uma palavra.

Separaram-se, e Paulus pousou suas mãos largas e calosas sobre os bíceps de seu filho, sem deixar de olhar para ele.

Leto viu sua mãe atrás deles, com um cálido, embora forçado, sorriso de boas-vindas. O olhar da mulher se desviou um segundo para Rhombur e Kailea, e depois voltou para ele. Leto sabia que *lady* Helena Atreides receberia os dois exilados com todo o cerimonial reservado para as visitas de dignitários importantes. Não obstante, reparou que tinha escolhido jóias e cores resplandecentes com as insígnias da Casa Richese, rival de IX, para dar uma punhalada nos exilados. O duque Paulus parecia não perceber.

O velho duque dedicou uma vigorosa saudação a Rhombur, que ainda tinha a ferida da cabeça enfaixada.

— Bem-vindo, rapaz, bem-vindo — disse —. Tal como prometi ao seu pai, você e sua irmã ficarão conosco, protegidos pelo poder da Casa Atreides, até que tudo se solucione.

Kailea olhava para as nuvens como se nunca tivesse visto o céu.

estremeceu, como se estivesse perdida.

— Se algum dia se solucionar.

Lady Helena, conforme a suas obrigações, avançou para segurar a filha de Vernius pelo braço.

— Venha, filha. Vamos ajudá-los a se instalar.

Rhombur apertou a mão do velho duque ao estilo imperial.

— Não sei como expressar meu agradecimento, senhor. Kailea e eu temos consciência do perigo que correm ao nos conceder asilo.

Helena olhou para seu marido, que a ignorou.

Paulus apontou para o castelo sobre os penhascos.

— A Casa Atreides coloca a lealdade e a honra muita acima da política. — Olhou preocupado para seu filho. Leto exalou um profundo suspiro, enquanto recebia a lição como uma estocada —. Lealdade e honra

— repetiu Paulus —. Assim tem que ser, sempre.

Só Deus pode criar seres vivos e conscientes.

Bíblia Católica Laranja

Na Sala de Partos número um do complexo do Wallach IX, uma menina recém-nascida chorava sobre uma mesa. Uma filha com a estirpe genética do barão Vladimir Harkonnen. O cheiro de sangue e desinfetante impregnava o ar, envolto no rangido de roupas limpas e esterilizadas.

Globos luminosos projetavam sua luz forte, que se refletia nas toscas paredes de pedra e nas superfícies metálicas polidas. Muitas filhas tinham nascido aqui, muitas novas irmãs.

Com mais emoção do que as Bene Gesserit costumavam exibir, as reverendas madres de hábito escuro examinaram a menina com seus instrumentos, e falaram dela com preocupação. Uma irmã extraiu uma amostra de sangue com uma hipoagulha, enquanto outra raspava uma zona de pele com uma cureta. Ninguém erguia a voz. Tom de pele estranho, bioquímica pobre, raquítica...

Gaius Helen Mohiam, empapada em suor, tentava recuperar o controle sobre seu corpo mal-tratado. Embora sua aparência dissimulasse sua idade real, parecia muito velha para ter filhos. O parto a havia enfraquecido muito, mais que os oito anteriores. Agora se sentia velha e acabada.

Duas acolitas correram para sua cama e a empurraram até um lado do portal

arqueado. Uma delas pôs um pano úmido sobre sua testa , e a outra aproximou uma esponja molhada de seus lábios, para espremer algumas gotas de líquido em sua boca seca. Mohiam já tinha feito sua parte, a Irmandade se encarregaria do resto. Embora desconhecesse os planos traçados para a menina, sabia que sua filha tinha que sobreviver.

Na mesa de inspeção, mesmo antes de secar o sangue e o muco em sua pele, viraram o bebê e o apoiaram contra a superfície do escaner embutido na parede. A menina, aterrorizada, gritou, e sua voz ficava mais fraca a cada momento.

Sensores eletrônicos enviaram os biorresultados para uma unidade central, que mostrava uma coluna de dados no monitor, dados que foram analisados pelas peritas Bene Gesserit. As reverendas madres estudaram os resultados, e os compararam com uma segunda coluna que mostrava as cifras ideais.

— Esta disparidade é muito surpreendente — disse Anirul em voz baixa, com os olhos totalmente abertos em seu rosto de cerva. A decepção da jovem mãe Kwisatz pendia sobre seus ombros como um peso sólido.

— E muito inesperada — disse a madre superiora Harishka.

Seus olhos de pássaro brilhavam entre as rugas em seu rosto. junto com os tabus que impediam às Bene Gesserit de utilizar meios artificiais de fertilização em seus programas de reprodução, outros tabus as proibiam de inspecionar ou manipular fetos no útero. A anciã meneou a cabeça com amargura e olhou de esguelha para Mohiam, que ainda continuava sua recuperação sobre a mesa próxima à porta.

— Os dados genéticos são corretos, mas esta... menina não.

Cometemos um engano.

Anirul se inclinou sobre a menina para examiná-la com atenção. O

bebê tinha uma palidez doentia e ossos faciais disformes, assim como um ombro deslocado ou malformado. Demorariam mais em localizar outras deficiências, talvez crônicas.

E se supõe que tem que ela deva ser a avó do *Kwisatz Haderach*? A fraqueza não gera força.

Anirul queimava os miolos tentando decidir o que tinha saído errado.

As projeções dos registros de reprodução tinham sido precisas, e conforme a informação da Outra Memória. Embora gerada por Vladimir Harkonnen, a menina não era o que se esperava. O raquítico bebê não podia ser o próximo passo no caminho genético que devia culminar, tão somente duas gerações mais tarde, no Santo Graal do programa de reprodução das Bene Gesserit, seu superser.

— Podia existir algum erro no índice genético? — perguntou a madre superiora, ao mesmo tempo que desviava os olhos do bebê —. Ou se trata de uma aberração?

— A genética nunca é segura, madre superiora — disse Anirul, enquanto se afastava alguns passados do bebê. Sua confiança, esfumou-se, mas procurou não se desculpar. Passou uma mão nervosa sobre seu curto cabelo vermelho —. As projeções estão corretas. Temo que, desta vez, a linhagem não colaborou.

A madre superiora olhou para as doutoras, para as outras irmãs. Todo comentário e todo movimento seria registrado e armazenado nos arquivos de Wallach IX, assim como na Outra Memória, para que as gerações posteriores os examinassem.

— Está sugerindo que voltemos a tentar com o barão? Não foi um sujeito muito colaborador.

Anirul apenas sorriu. Que forma mais suave de se expressar.

— Nossas projeções nos proporcionam a probabilidade mais alta.

Tem que ser o barão Harkonnen, e tem que ser Mohiam. Milhares de anos de cuidadosa seleção conduziram a este ponto. Temos outras opções, mas nenhuma tão boa como esta... assim devemos tentar de novo. — Tentou falar com ar filosófico —. Já ocorreram outros equívocos antes, madre superiora. Não podemos permitir que uma falha signifique o final de todo o programa.

— É obvio que não — replicou Harishka —. Temos que contatar outra vez o barão. Envie nossa melhor e mais persuasiva representante enquanto Mohiam se recupera.

Anirul olhou para a menina deitada na mesa. Esgotada, guardava silêncio, flexionando as mãozinhas e esperneando. Nem sequer podia chorar durante muito tempo. Material de reprodução

Mohiam fez um esforço para levantar-se e olhou com os olhos brilhantes para a recém-nascida. Reparou imediatamente na deformidade, na fraqueza. Gemeu e se deixou cair sobre os lençóis.

A madre superiora Harishka foi consolá-la.

— Necessitamos da sua força agora, irmã, não seu desespero. Terá outra chance com o barão.

Cruzou os braços sobre o peito, e saiu com uma revoada do hábito da sala de partos, seguida por suas assessoras.

Em seus aposentos na fortaleza Harkonnen, o barão se admirava nu em frente ao espelho, algo que fazia com freqüência. Havia muitos espelhos em sua extensa asa de apartamentos, e muita luz, de modo que desfrutava constantemente da perfeição de formas que a Natureza lhe concedera. Era magro e musculoso, com um bom tom de pele, sobretudo quando seus amantes a esfregavam com ungüentos perfumados. Passou os dedos sobre seu abdômen liso. Magnífico.

Não era de estranhar que as bruxas tivessem pedido que procriasse com elas pela segunda vez. Afinal, sua beleza era extraordinária. Com seus programas de reprodução, era natural que desejassem os melhores genes. O

primeiro filho que gerado com aquela reverenda madre devia ser tão perfeito que desejavam outro. Embora a perspectiva não o agradasse, imaginou se na verdade era tão horrível.

Desejava saber se sua origem encaixava nos projetos a longo prazo daquelas mulheres tortuosas e reservadas. Tinham múltiplos programas de reprodução, e ao que pareci só uma Bene Gesserit era capaz de entendê-los.

Podiam utilizá-lo para seu proveito, ou mantinham a intenção secreta de voltar sua filha contra ele mais adiante? Tivera a cautela de não gerar nenhum herdeiro bastardo, afim de evitar disputas dinásticas, embora de qualquer modo dava no mesmo. Mas o que ganhava ele com tudo isto?

Nem sequer Peter de Vries tinha conseguido oferecer alguma explicação.

— Não nos deu sua resposta, barão — disse a irmã Margot Rashino Zea. Sua nudez não parecia incomodá-la.

Olhou pelo espelho para a bela irmã de cabelo loiro. Acreditavam que sua beleza, seu corpo bem feito, sua aparência esplêndida, poderiam tentá-lo? Preferiria copular com ela que com a outra? Nenhuma das perspectivas o atraía.

Margot, como representante da Irmandade, acabava de falar da necessidade» de copular pela segunda vez com a bruxa Mohiam. Nem sequer tinha passado um ano. Que desfaçatez daquelas criaturas! Ao menos, Margot oferecia palavras elegantes e distintas, em vez das exigências brutais que Mohiam lhe tinha espetado naquela longínqua noite.

Ao menos, desta vez as bruxas tinham enviado uma porta-voz melhor.

Recusou cobrir sua nudez em frente a formosa mulher, sobretudo depois de escutar o pedido. Nu, exibiu-se diante dela, mas fingiu não perceber. Tenho certeza que esta beleza adoraria deitar-se com alguém como eu.

— Mohiam era muito vulgar para meu gosto — disse quando se virou para a emissária da Irmandade —.Diga-me, bruxa, meu primogênito foi uma filha, tal como me prometeu?

— Faria alguma diferença para você?

Os olhos verdes de Margot continuavam cravados nos seus, mas adivinhou que desejava contemplar seu corpo, seus músculos e sua pele dourada.

— Eu não disse isso, estúpida, mas sou de linhagem nobre e fiz uma pergunta. Responda ou morra.

— As Bene Gesserit não temem à morte, barão — disse Margot em tom sereno. Sua calma o irritava e intrigava ao mesmo tempo —. Sim, seu primogênito foi uma menina, barão —continuou —. As Bene Gesserit podem influir nestas coisas. Um filho varão não teria servido de nada.

— Entendo. Por que voltaram?

— Não estou autorizada a revelar nada mais.

— Considero o segundo pedido das Bene Gesserit profundamente ofensivo. Disse à Irmandade que não voltasse a me incomodar. Poderia matá-la por me desafiar. Estou em meu planeta e em minha fortaleza.

— Recorrer à violência não seria prudente. — Um tom firme, tingido de ameaça. Como podia ser tão forte e monstruosa, com aquele corpo adorável?

— Da última vez ameaçaram revelar minhas supostas reservas de especiaria. Imaginaram algo novo, ou vão utilizar a mesma chantagem de antes?

— Se desejarmos, as Bene Gesserit sempre podem encontrar novas ameaças, barão, embora as provas de seus relatórios fraudulentos sobre a produção de especiaria bastariam para desatar a fúria do imperador.

O barão arqueou uma sobrancelha e agarrou um manto negro do respaldo de uma cadeira.

— Sei de boa fonte que várias Grandes Casas possuem suas próprias reservas de melange. Alguns dizem que até o imperador Elrood não desdenha essa prática.

— Ultimamente o imperador não goza de boa saúde nem de bom humor. Pelo visto, está muito preocupado com IX.

O barão Harkonnen meditou por alguns instantes. Seus espiões na corte imperial de Kaitain lhe tinham informado que o velho Elrood se mostrava cada vez mais instável e colérico, com sintomas de paranóia. Sua mente divagava e sua saúde piorava, e isto o tornava mais maldoso que nunca, como demonstrava a destruição da Casa Vernius.

— O que acha que sou? — perguntou o barão —. Um touro reprodutor salusano?

Não tinha nada a temer, porque as bruxas já não possuíam provas suficientes contra ele. Tinha espalhado suas reservas de especiaria em esconderijos perdidos nas montanhas isoladas do Lankiveil, e ordenado a destruição de todas as provas que existiam em Arrakis. A operação foi executada com grande perícia, sob o comando de um ex-auditor da CHOAM empregado a seu serviço. O barão sorriu. Ex-empregado, de fato, já que De Vries se encarregara dele.

Aquelas Bene Gesserit podiam ameaçar o quanto quisessem, mas precisavam de prova. A certeza lhe proporcionava um novo poder, uma nova forma de lhes opor resistência.

A bruxa olhando-o. Sentiu vontade de apertar a bela garganta de Margot e sossegá-la para sempre. Mas isso não solucionaria seu problema, mesmo que sobrevivesse ao treinamento faria que não esquecessem.

— Se insiste, me envie sua irmã geradora. Estarei preparado para ela.

Sabia muito bem o que ia fazer. Seu *Mentat* Piter De Vries, e talvez seu sobrinho Rabban, ficariam muito satisfeitos em ajudá-lo.

— Muito bem. A reverenda mãe Gaius Helen Mohiam partirá cá dentro de quinze dias.

Dito isto, Margot saiu. Seu resplandecente cabelo loiro e sua pele leitosa pareciam muito radiantes para ser manchados pelo hábito da Irmandade.

O barão chamou De Vries. Tinham que trabalhar.

Sem um objetivo, a vida não vale nada. Às vezes, o objetivo se transforma na vida do homem, uma paixão devastadora. Mas quando se alcança o objetivo, o que acontece? Oh, pobre homem, o que acontece então?

Diário pessoal de lady Helena Atreides

Depois dos duros anos de infância passados em Giedi Prime, o jovem Duncan Idaho considerou o exuberante planeta de Caladan um paraíso. Tinha aterrissado sem plano algum em uma cidade que se encontrava na parte do planeta oposta ao castelo de Caladan. O amigo de Janess, o imediato Renno, livrou-se do menino, abandonando-o nas ruas do espaçoporto.

Sem se importar com ele, a tripulação desembarcou seu carregamento de produtos recicláveis e resíduos industriais, e depois embarcou um carregamento de arroz *pundi* em bolsas feitas de fibras de grão. Renno retornara ao Cruzeiro em órbita sem se despedir, sem lhe oferecer conselhos nem lhe desejar boa sorte.

Duncan não podia queixar-se: ao menos tinha escapado dos Harkonnen. Só o que devia fazer agora era encontrar o duque Atreides.

O menino, abandonado entre desconhecidos em um mundo desconhecido viu que a nave subia para o céu nublado. Caladan era um planeta de aromas intensos e atrativos, com o ar impregnado de umidade e salitre, do aroma de pescado e a fragrância de flores silvestres. Nunca tinha conhecido algo semelhante quando vivia em Giedi Prime.

No moderado sul, as colinas eram altas, cobertas de erva verde e jardins terraplanados, esculpidos nas ladeiras como degraus construídos por um bêbado. Grupos de agricultores trabalhavam sob o sol amarelado, pobres mas felizes. Vestidos com roupas velhas, transportavam ao mercado as frutas e verduras frescas sobre plataformas antigravitacionais.

Enquanto Duncan olhava com olhos famintos para os agricultores que passavam, um bondoso ancião lhe deu um pequeno melão *paradan*, e o menino o comeu com voracidade. Entre seus dedos escorreu o suco doce.

Era o manjar mais delicioso que jamais tinha provado.

Ao ver a energia e desespero do menino, o agricultor lhe perguntou se quereria trabalhar nos campos de arroz durante alguns dias. O ancião não lhe ofereceu nenhum pagamento, somente um lugar onde dormir e um pouco de comida. Duncan aceitou de bom grado.

No caminho, o menino contou ao ancião a história de suas batalhas contra os Harkonnen, a detenção e assassinato de seus pais, sua escolha para a caçada de Rabban, sua fuga do planeta.

— Agora devo me apresentar ao duque Atreides — terminou Duncan

—. Mas não sei onde ele está e nem como encontrá-lo.

O velho agricultor escutou com atenção e assentiu com gravidade.

Os caladanos conheciam as lendas que rodeavam seu lendário duque, tinham testemunhado sua mais arriscada tourada como comemoração da partida de seu filho Leto para IX. O povo honrava seu líder, e lhes parecia razoável que qualquer cidadão pudesse lhe pedir uma audiência.

— Vou explicar onde o duque vive — disse o ancião —. O marido de minha irmã tem um mapa de todo o planeta. O que não sei é como chegará ali. Está

muito longe.

— Sou jovem e forte. Vou conseguir.

O agricultor assentiu e o conduziu até os campos de arroz.

Duncan se hospedou quatro dias com a família do ancião, e trabalhou mergulhado até a cintura em campos de arroz. Vadeou a água, abriu canais e semeou sementes no barro. Aprendeu as canções e cânticos dos plantadores de arroz *pundi*.

Uma tarde, observadores postados nos ramos inferiores das árvores golpearam suas frigideiras, em sinal de alarme. Momentos depois, ondulações nas águas turvas anunciaram a aproximação de um banco de peixes pantera, habitantes dos pântanos que nadavam em busca de presas.

Podiam esfolar um homem em segundos.

Duncan subiu no tronco de uma árvore para unir-se a outros agricultores, tomados pelo pânico. Ficou em um ramo baixo, e afastou para um lado o saco de sementes enquanto contemplava os ondulações que se aproximavam. Sob a água viu seres de enormes, providos de numerosas presas e grandes escamas. Vários dos peixes deram voltas ao redor do tronco onde Duncan tinha procurado refúgio.

Alguns animais se elevaram sobre seus braços cobertos de escamas, braços rudimentares com aletas frontais que se transformaram em garras desajeitadas. Os peixes carnívoros se impulsionavam para cima, grandes e mortíferos, procurando alcançar o menino que se mantinha a poucos centímetros fora de seu alcance. Duncan subiu para um ramo mais alto. Os peixes pantera mergulharam de novo e desapareceram entre os campos de arroz.

No dia seguinte, Duncan tomou a frugal refeição que a família do agricultor tinha preparado e partiu em direção à costa, onde encontrou trabalho como manipulador de redes em um navio de pesca que fundeava nos mares do sul. Por fim, o navio o conduziu ao continente onde estava o castelo de Caladan.

Trabalhou durante semanas com as redes, estripou pescado e comeu até saciar-se na cozinha. O cozinheiro utilizava muitas especiarias desconhecidas para Duncan, pimentas e mostardas de Caladan que subiam ao nariz e aos olhos.

Todos riam de seus problemas, e lhe disseram que não seria um homem até que fosse capaz de comer pescado condimentado daquela maneira. Ante sua surpresa, o jovem Duncan aceitou o desafio, e não demorou para pedir a comida mais temperada. Ao fim de pouco tempo, suportava as comidas picantes mais que qualquer outro membro da tripulação. Os pescadores pararam zombar dele e começaram a elogiá-lo.

Antes que a viagem acabasse, o grumete do beliche do lado calculou sua idade em nove anos e seis semanas.

— Sinto-me muito mais velho — respondeu Duncan.

Não tinha esperado demorar tanto tempo para chegar a seu destino, mas sua vida tinha melhorado, apesar do exaustivo trabalho que realizava.

sentia-se a salvo, mais livre que nunca. Os homens da tripulação eram sua nova família.

Abaixo dos céus carregados, o navio atracou por fim no porto, e Duncan se despediu do mar. Não pediu pagamento algum, nem se despediu do capitão. Apenas partiu. A travessia do oceano tinha sido apenas um passo em sua viagem. Nem em um só momento se desviou de seu objetivo principal de apresentar-se ao velho duque. Não se aproveitou de ninguém e trabalhou até a extenuação em troca da hospitalidade recebida.

Em uma ocasião, um marinheiro de outro navio tentou sodomizá-lo em uma ruela do porto, mas Duncan o repeliu com músculos de aço e reflexos velozes como o raio. O agressor fugiu, derrotado pela força selvagem do menino.

Duncan pediu carona e foi recolhido por veículos terrestres e carros, e penetrou sem pagar em trens e ornitópteros de carga. Atravessou o continente em direção ao oeste, em direção ao castelo de Caladan, cada vez mais próximo à medida que os meses transcorriam.

Durante as freqüentes chuvas, refugiava-se sob as árvores, mas mesmo molhado e faminto não se sentia tão mal, porque recordava a terrível noite passada no Posto do Guarda Florestal. Depois disso, estava seguro de sobreviver a estes pequenos infortúnios.

Às vezes puxava conversa com outros viajantes e escutava histórias sobre seu

popular duque, fragmentos da história dos Atreides. Em Giedi Prime ninguém falava desses assuntos. A pessoas guardavam suas opiniões e não ofereciam a menor informação. Aqui, entretanto, os habitantes falavam sem rodeios de sua situação. Uma tarde em que viajava com três atores, Duncan chegou à surpreendente conclusão de que o povo do Caladan amava seu líder.

Em compensação, em relação aos Harkonnen só tinha ouvido histórias espantosas. Conhecia o medo do povo e as brutais conseqüências de qualquer resistência, real ou imaginária. Neste planeta, não obstante, o povo respeitava mais que temia seu líder. Contaram a Duncan que o velho duque passeava com a única companhia de um guarda de honra pelos povoados e mercados, visitava as pessoas sem medo de que o atacassem.

Nem o barão Harkonnen nem Glossu Rabban teriam ousado realizar tamanha façanha.

Possivelmente eu vou gostar deste duque, pensou Duncan uma noite, encolhido sob uma manta emprestada por um dos atores.

Por fim, depois de meses de viagem, chegou ao povoado situado ao pé do promontório sobre o qual se erguia o castelo de Caladan. O

magnífico edifício se erguia como uma sentinela vigiando o mar sereno.

Em seu interior vivia o duque Paulus Atreides, que já se transformara em uma figura lendária para o garoto.

O frio da manhã fez Duncan estremecer e respirar fundo. A névoa se elevava sobre a costa, e transformava o sol nascente em uma bola de intensa cor laranja. Abandonou o povoado e iniciou a longa subida para o castelo, seu ponto de destino.

Enquanto andava, fez o que pôde para adquirir uma aparência apresentável: sacudiu o pó da roupa e meteu sua camisa enrugada para dentro das calças. Sentia-se confiante, apesar de seu aspecto, porque o duque o aceitaria ou o expulsaria. De qualquer jeito, Duncan Idaho sobreviveria.

Quando chegou às portas do grande pátio, os guardas o impediram de entrar, convencidos de que era um mendigo.

— Não sou um pedinte — disse Duncan orgulhoso —. Vim do outro limite da galáxia para ver o duque e lhe contar minha história.

Os guardas romperam em gargalhadas.

— Nós lhe traremos algumas sobras da cozinha, mas nada mais.

— Seria muito amável de sua parte, senhores — admitiu Duncan, enquanto seu estômago grunhia de fome —, mas não vim para isso. Façam o favor de enviar uma mensagem ao castelo. — Tentou recordar a frase que um dos cantores ambulantes tinha lhe ensinado—. Diga que Duncan Idaho solicita uma audiência com o duque Paulus Atreides.

Os guardas voltaram a rir, mas o menino percebeu certo respeito reticente em sua expressão. Alguém se foi e voltou com ovos esquentados para Duncan, que os devorou, lambeu os dedos e se sentou no chão para esperar. Passaram-se horas.

Os guardas olhavam para ele e sacudiam a cabeça. Alguém lhe perguntou se carregava armas, ou dinheiro, ao que Duncan respondeu que não. Enquanto uma constante fila de peticionários entravam e saíam, os guardas conversavam entre si. Duncan os ouviu falar de uma revolta ocorrida em IX, e da preocupação do duque com a Casa Vernius, sobretudo porque o imperador tinha oferecido uma recompensa por Dominic e Shando Vernius. Ao que parecia Leto, o filho do duque, tinha escapado de IX com dois refugiados reais. O castelo estava muito alvoroçado.

Duncan continuou esperando.

O sol desapareceu atrás do horizonte do grande mar. O moço passou a noite encolhido em uma esquina do pátio, e quando na manhã seguinte houve a troca da guarda, repetiu sua história e solicitou audiência. Desta vez contou que tinha escapado de um planeta Harkonnen e que desejava oferecer seus serviços à Casa Atreides. O nome Harkonnen chamou a atenção dos guardas, que o revistaram em busca de armas uma vez mais.

Na primeira hora da tarde, depois de ter sido revistado e sondado, primeiro por um escâner eletrônico que localizava dispositivos letais ocultos e depois por um detector de venenos, Duncan foi conduzido ao interior do castelo, um antigo edifício de pedra cujos corredores e salas estavam adornados com ricas tapeçarias, recoberto por uma pátina de história e elegância decadente. As

pranchas de madeira rangiam sob seus pés.

Ao chegar a uma ampla arcada de pedra, dois guardas o obrigaram a passar através de escâneres mais sofisticados, que tampouco revelaram nada suspeito. Era um menino, sem nada a ocultar. Finalmente indicaram a Duncan que entrasse em uma ampla sala de tetos abobadados, sustentados por vigas escuras e pesadas.

O velho duque examinou seu visitante. Paulus, um homem forte e com aparência de urso, barba cheia e brilhantes olhos verdes, estava sentado em uma poltrona de madeira, não em um trono luxuoso. Era um lugar onde se sentia confortável durante horas enquanto cuidava dos assuntos de Estado. O respaldo, acima da cabeça do patriarca, tinha uma cabeça esculpida de falcão.

A seu lado se sentava seu filho Leto, pele olivácea, magro e com aspecto de cansaço, como se ainda não tivesse se recuperado de sua odisséia. Duncan olhou para os olhos cinzas de Leto, e pensou que os dois tinham muito que contar, muito que compartilhar.

— Temos aqui um menino muito insistente, Leto — disse o velho duque ao seu filho.

— A julgar por seu aspecto, deseja algo diferente de todos os peticionários que escutamos hoje. — Leto arqueou as sobrancelhas. Era apenas cinco ou seis anos mais velho que Duncan mas dava a impressão de que ambos tinham sido lançados pela força na maturidade —. Não parece faminto.

A expressão de Paulus se suavizou quando se inclinou para frente em sua poltrona.

— Desde quando está esperando, garoto?

— Oh, isso não importa, meu senhor duque — respondeu Duncan, confiando em utilizar as palavras adequadas —. Agora estou aqui. — coçou o queixo, nervoso.

O velho duque lançou um olhar mal-humorado para o guarda que tinha escoltado o menino.

— Deram de comer a este jovem?

— Deram-me muitas coisas, senhor. Obrigado. E também dormi muito bem em seu pátio confortável.

— No pátio? — Olhou para o guarda de novo, desta vez com o sobrecenho franzido —. Para que veio até aqui, jovenzinho? Veio de algum povoado de pescadores?

— Não, meu senhor. Venho de Giedi Prime.

As mãos dos guardas se esticaram sobre suas espadas. O duque e seu filho trocaram um olhar de incredulidade.

— Nesse caso, é melhor nos contar sua história — disse Paulus, e seu rosto escureceu quando Duncan o fez sem omitir detalhes.

Os olhos do duque se arregalaram. Viu a expressão de inocência do menino e olhou para seu filho, convencido de que o relato não era fictício.

Leto assentiu. Nenhum menino de nove anos podia inventar uma história semelhante.

— E assim cheguei aqui, senhor — terminou Duncan —, para vê-lo.

— Em que cidade de Caladan aterrissou? — perguntou o duque —

Descreva-a.

Duncan não recordava seu nome, mas explicou o que tinha visto, e o velho duque admitiu que devia vir do outro extremo do planeta.

— Disseram-me que viesse vê-lo, meu senhor, e lhe pedisse trabalho. Odeio os Harkonnen, senhor, e juraria lealdade à Casa Atreides se pudesse ficar aqui.

— Acredito nele, pai — disse Leto em voz baixa, enquanto estudava os olhos verde-azulados do menino —. Ou se trata de uma lição que tenta me ensinar?

Paulus se reclinou na poltrona, com as mãos enlaçadas sobre o regaço, e seu peito sofreu espasmos. Duncan percebeu que estava reprimindo uma risada. Quando o velho duque já não pôde mais conter-se, riu a plenos pulmões e deu palmadas nos joelhos.

— Garoto, admiro o que fez. Um jovem com bolas tão grandes tem que entrar forçosamente a meu serviço!

— Obrigado, senhor — disse Duncan.

— Estou seguro de que lhe encontraremos algum trabalho, pai —

disse Leto com um sorriso. Considerava aquele valente e teimoso menino um bom presságio, comparado com tudo o que tinha visto nos últimos tempos.

O velho duque se levantou de sua poltrona e chamou os criados.

Ordenou que déssemos ao menino roupas novas, banho e comida.

— Pensando bem — disse, ao mesmo tempo em que levantava uma mão —, preparem um banquete. Meu filho e eu desejamos compartilhar a mesa com o jovem *maese* Idaho.

Entraram em um salão adjacente, onde apressados garçons corriam para preparar tudo. Um criado escovou o cabelo escuro e encaracolado do menino, e passou um aspirador sobre suas roupas empoeiradas. Paulus Atreides ocupou a cabeceira da mesa, com Duncan a sua direita e Leto a sua esquerda.

— Tenho uma idéia, garoto. Se foi capaz de lutar com esses monstruosos Harkonnen, acha que pode com um simples touro salusano?

— Claro, senhor — disse Duncan. Tinha ouvido falar dos grandes espetáculos do duque —. Se desejar que eu toureie, farei-o com muito prazer.

— Tourear? Não é isso o que tenho em mente. — O duque se reclinou em sua cadeira com um amplo sorriso e olhou para Leto.

— Acho que encontramos um emprego para você aqui no castelo de Caladan, jovem — disse Leto —. Trabalhará nos estábulos, sob o comando do chefe de quadras Yresk. Irá ajudará-lo a cuidar dos touros do meu pai.

Os alimentará e se puder os escovará. Eu faço isso. Vou apresentá-lo ao chefe de quadras. — Olhou para seu pai —. Lembra-se que me deixava acariciar os touros quando tinha a idade de Duncan?

— Oh, este menino fará algo mais que acariciar essas bestas — disse o velho duque. Arqueou uma sobrancelha grisalha quando chegaram à mesa bandejas de apetitosos manjares. Observou a expressão ávida de Duncan —. E se fizer um bom trabalho nos estábulos — acrescentou —, possivelmente eu lhe reserve tarefas mais interessantes.

A história foi poucas vezes clemente com aqueles que têm que ser castigados. Os castigos das Bene Gesserit são inesquecíveis.

Máxima Bene Gesserit

Uma nova delegação Bene Gesserit, que acompanhava Gaius Helen Mohiam, chegou a Giedi Prime. Mohiam, que acabava de dar a luz à filha disforme do barão Harkonnen, encontrou-se pela segunda vez na fortaleza do barão no intervalo de um ano.

Desta vez chegou durante o dia, embora a capa de nuvens e as colunas de fumaça que se elevavam das fábricas carentes de filtros dotassem o céu de uma aparência doentia, que apagava até o último raio de sol.

A lançadeira da reverenda mãe pousou no mesmo espaçoporto, com a mesma solicitação de serviços especiais. Mas nesta ocasião o barão jurou que as coisas seriam muito diferentes.

Um regimento de soldados saiu ao encontro da lançadeira, em número mais que suficiente para intimidar às bruxas.

O *burseg* Kryubi, antigo piloto em Arrakis e agora responsável por segurança da Casa Harkonnen, plantou-se em frente a rampa de desembarque, dois passos a frente de seus soldados. Todos estavam uniformizados de azul, cor reservada para as recepções oficiais.

Mohiam apareceu no alto da rampa, envolta em seu hábito e flanqueada por acompanhantes, guardas pessoais e outras irmãs. Franziu o sobrecenho com desdém ao ver o *burseg* e seus homens.

— Que significa esta recepção? Onde está o barão?

O *burseg* Kryubi olhou para ela.

— Não tente utilizar a Voz manipuladora comigo, ou acontecerá uma reação desagradável por parte de meus homens. Recebi ordens, só você poderá ver o barão. Nem guardas, nem serventes, nem acompanhantes. —

Apontou para as pessoas que aguardavam atrás dela —. Ninguém mais poderá entrar.

— Ridículo — replicou Mohiam —. Exijo cortesia diplomática oficial. Todo meu séquito tem que ser recebido com o respeito que merece.

Kryubi não se alterou. “Sei muito bem o que a bruxa deseja — havia dito o barão —. Se acredita que pode vir aqui toda vez que tiver vontade, está muito enganada”, fosse qual fosse o significado dessas palavras.

O *burseg* olhou para ela sem pestanejar.

— Pedido negado. — Os castigos do barão a assustavam mais que as artes daquela mulher —. Está livre para partir se as condições não o satisfizerem.

Mohiam soprou e desceu pela rampa depois de dirigir um olhar fugaz para seus acompanhantes.

— Apesar de todas as suas perversões, o barão se mostra muito dissimulado — ironizou mais para os ouvidos dos Harkonnen que para os seus —. Sobretudo no que se refere a questões de sexualidade.

A referência intrigou Kryubi, que não tinha sido informado da situação, mas decidiu que era melhor desconhecer certas coisas.

— Diga-me, *burseg* — disse a bruxa com tom irritado —, como saberia se utilizo a Voz em você?

— Um soldado nunca revela suas defesas.

— Entendo. — O tom da mulher era sensual.

Kryubi não se sentiu impressionado, mas se perguntou se seu blefe tinha funcionado.

Aquele estúpido soldado ignorava, mas Mohiam era uma Reveladora da

Verdade, capaz de reconhecer matizes de falsidade e mentira. Permitiu que o presunçoso *burseg* a conduzisse por um túnel até o interior da fortaleza. Uma vez lá dentro, a reverenda madre adotou seu melhor porte de confiança altiva e caminhou com afetada indiferença. Entretanto, todos os seus sentidos se intensificaram para captar a menor anomalia. O barão despertava seus maiores receios. Sabia que estava tramando algo.

O barão Harkonnen, que passeava de um lado para outro do Grande Salão, olhou ao redor com olhos reluzentes. O salão era amplo e frio, e a luz que os globos luminosos alojados nas esquinas e no teto projetavam, muito brilhante. Enquanto caminhava com suas botas negras bicudas, seus passos ressoavam, de forma que o salão parecia vazio. Um bom lugar para uma emboscada.

Embora a parte residencial da fortaleza parecesse abandonada, o barão tinha postado guardas e *visicoms* eletrônicos em diversos nichos.

Sabia que não poderia enganar à puta Bene Gesserit durante muito tempo, mas pouco importava. Embora descobrisse que a observavam, talvez isso impedisse que utilizasse truques insidiosos. A precaução podia lhe proporcionar alguns segundos de vantagem.

Como desta vez não pensava em perder o controle, o barão desejava que sua gente contemplasse a cena. Proporcionaria-lhes um bom espetáculo, algo de que falariam nos quartéis e naves durante os anos vindouros. Melhor ainda, poria as bruxas em seu lugar. Chantagear a mim!

Piter De Vries deslizou atrás dele, com tanto silêncio e discriçao que assustou o barão.

— Não faça isso, Piter!

— Trouxe o que pediu, barão. — O retorcido *Mentat* estendeu a mão e lhe mostrou dois pequenos transmissores de ruído branco —. Introduza em seus canais auditivos. Foram desenhados para distorcer qualquer Voz que ela tente utilizar. Ouvirá a conversa normal, mas os aparelhos desmodularão qualquer som indesejável e impedirão que chegue a seus ouvidos.

O barão emitiu um profundo suspiro e flexionou os músculos. Os preparativos tinham que ser perfeitos.

— Cuide da sua parte, Peter. Eu sei o que faço.

Aproximou-se de um pequeno nicho, pegou uma garrafa de conhaque kirano e bebeu. Depois de sentir o ardor do líquido em seu peito, secou a boca e o gargalo da garrafa.

O barão já tinha bebido mais álcool do que o habitual, talvez mais do que o prudente, considerando o mau momento que o esperava. De Vries, consciente da angústia de seu amo, observou-o com ar reprovador. O barão enrugou a testa e tomou outro gole, só para chateá-lo.

O *Mentat* revoou ao seu redor, desfrutando antecipadamente de seu plano conjunto, ansioso por participar.

— Talvez, barão, a bruxa tenha retornado porque seu primeiro encontro lhe proporcionou grande prazer. — Soltou uma risadinha —.

Acha que ela o deseja?

O barão olhou carrancudo para ele uma vez mais, com tal intensidade que o *Mentat* temeu ter ido muito longe, mas a lábia de De Vries sempre o salvava de reprimendas.

— Esta é a melhor projeção que meu *Mentat* pode me oferecer?

Pense, maldito seja! Por que as Bene Gesserit querem outro filho meu?

Tentam aprofundar a ferida para que as odeie ainda mais? — Bufou e se perguntou se aquela teoria era plausível.

Possivelmente necessitavam de duas filhas por algum motivo, Ou talvez algo tivesse saido errado com a primeira... Os grossos lábios do barão se curvaram em um sorriso desdenhoso. Esta víbora será a última, sem dúvida.

Já não haviam provas que as Bene Gesserit pudessem utilizar para chantageá-lo. As montanhas de Lankíveil ocultavam agora o maior tesouro de melange Harkonnen, debaixo do nariz de Abulurd. O idiota não tinha a menor ideia de que o utilizavam para encobrir as atividades secretas do barão. Entretanto, apesar de ser brando e tolo, Abulurd ainda era um Harkonnen. Mesmo que descobrisse, não se atreveria a revelá-lo peli temor de destruir as propriedades da família.

Abulurd reverenciava muito a memória de seu pai.

O barão se afastou do conhaque kirana, e o sabor doce e abrasador se tornou amargo em sua garganta. Cobria-se com um largo pijama marrom e negro, apertado na cintura. Sobre o lado esquerdo do peito se destacava o emblema da Casa Harkonnen, um grifo azul pálido. Usava manga curta para exibir seus bíceps. O curto cabelo vermelho revolto para lhe conferir um aspecto sedutor.

Olhou fixamente para De Vries. O *Mentat* tomou um gole de uma garrafinha de suco de safo.

— Estamos prontos, barão? A mulher espera lá fora.

— Sim. — Se reclinou em sua cadeira. As calças de seda eram folgadas, e os olhos agudos da reverenda mãe não detectariam o vulto de nenhuma arma... de nenhuma arma previsível. Sorriu —. Faça-a entrar.

Quando Mohiam entrou no salão principal da fortaleza, o *burseg* Kryubi e seus soldados fecharam a porta atrás dela e ficaram lá fora. Os fechos se fecharam com um clique. A mulher ficou em guarda de imediato, e percebeu que o barão tinha preparado todos os detalhes do seu encontro.

Os dois estavam sozinhos em uma larga sala, austera e fria, banhada por uma luz cegante. Toda a fortaleza transmitia a impressão de esquinas quadradas e dureza sem rachaduras que tanto agradava os Harkonnen. A estadia era mais uma sala de conferências industrial que o salão de um suntuoso palácio.

— Saudações uma vez mais, barão Harkonnen — disse Mohiam com um sorriso que impunha cortesia ao seu desprezo —. Vejo que antecipou nosso encontro. Talvez estivesse ansioso? — olhou para os dedos —. É

possível que desta vez lhe proporcione um pouco mais de prazer.

— Talvez.

A resposta não agradou Mohiam. Qual era o jogo? Mohiam olhou ao redor, percebeu as correntes de ar, esquadrinhou as sombras e tentou escutar o batimento do coração de alguma pessoa escondida. Havia alguém mais... mas onde? Pensavam em assassiná-la? Ousariam? Controlou seu pulso para evitar que se acelerasse.

O barão tinha em mente algo mais que uma simples colaboração.

Jamais esperara uma vitória fácil, sobretudo na segunda vez. Os chefes de algumas Casa Menores podiam ser esmagados ou manipulados (a Bene Gesserit sabia fazê-lo muito bem), mas esse não, era o chefe da Casa Harkonnen.

Escrutinou os olhos tenebrosos do barão, utilizou suas habilidades de Reveladora da verdade, mas foi incapaz de descobrir seus planos. Mohiam sentiu uma pontada de medo. Até onde os Harkonnen se atreveriam a ir? O

barão não podia opor-se às exigências da Irmandade, em virtude da informação que a Bene Gesserit possuía. Correria o risco de incorrer na ira imperial? Ou o risco de ser castigado pela Bene Gesserit? Não era um risco pequeno.

Em outro momento ela teria gostado de seguir o jogo, porque era um adversário poderoso, tanto física como mentalmente. Era escorregadio, e podia torcer e dobrar com mais facilidade que romper. Mas agora, o barão era apenas um reprodutor a seu serviço, porque a Irmandade necessitava de seus genes. Mohiam ignorava por que, ou a importância desta filha, mas se retornasse a Wallach IX sem ter completado sua missão, receberia uma severa reprimenda de suas superioras.

Decidiu não perder mais tempo. Convocou os talentos da Voz absoluta que as Bene Gesserit lhe tinham ensinado, manipulações de tom e registro ao qual nenhum ser humano sem treinamento podia resistir, e disse:

— Colabore comigo. — Era uma ordem que devia ser obedecida.

O barão se limitou a sorrir. Não se moveu, mas seus olhos se desviaram. Mohiam ficou tão estupefata pela ineficácia da Voz que compreendeu, muito tarde, que o barão lhe tinha armado uma armadilha.

Piter De Vries saiu disparado de um nicho oculto. A irmã se virou, disposta a defender-se, mas o *Mentat* se moveu com a mesma rapidez de uma Bene Gesserit.

O barão contemplou a cena, satisfeito.

De Vries segurava uma arma tosca mas eficaz em suas mãos. O

demodulador neurônico se comportou como um brutal atordoante de alta potência. Lançou uma descarga antes que a mulher pudesse se mover. As ondas crepitantes explodiram contra ela e cortaram o controle de sua mente e músculos.

Mohiam cambaleou sacudida por violentos espasmos, cada centímetro de sua pele devorado por formigas imaginárias.

Um efeito delicioso, pensou o barão enquanto observava.

A mulher caiu sobre o chão de pedra polida, com os braços e pernas abertos, como se um pé gigantesco a tivesse derrubado. Sua cabeça golpeou os ladrilhos, e seus ouvidos zumbiram em conseqüência do impacto. Seus olhos se cravaram no teto abobadado, sem piscar. Estava incapaz de se mover, apesar do controle muscular pranabindu.

Por fim, o gesto zombeteiro do barão se abateu sobre ela. Impulsos nervosos sacudiram seus braços e pernas. Sentiu uma umidade morna, e compreendeu que sua bexiga se afrouxara. Um fio de saliva escorreu por sua bochecha até a base da orelha.

— Bem, bem, bruxa — disse o barão —, o atordoante não lhe causará danos irreversíveis. De fato, recuperará o controle corporal dentro de vinte minutos. Tempo suficiente para nos divertirmos.

Caminhou ao seu redor, sorridente.

Ergueu a voz. para que os fonocaptores eletrônicos transmitissem suas palavras aos observadores ocultos.

— Conheço o material fraudulento que reuniram contra a Casa Harkonnen, e meus advogados estão preparados para rebater as acusações em qualquer tribunal do Império. Ameaçaram utilizá-lo se não lhes concedesse outra filha, mas se trata de uma ameaça inofensiva de bruxas inofensivas.

Fez uma pausa e sorriu, como se acabasse de ocorrer-lhe uma idéia.

— De qualquer modo, não me importo em conceder-lhe a segunda filha que desejam. Estou falando sério. Mas entenda bem, bruxa, e transmita minha mensagem a sua Irmandade: não podem pretender dobrar o barão Vladimir

Harkonnen aos seus caprichos sem sofrer as conseqüências.

O barão reprimiu seu asco e rasgou a saia da mulher. O que o repugnava era sua forma, carente dos músculos masculinos que tanto admirava.

— Ora, ora, parece que ocorreu um pequeno acidente — disse ao ver o tecido molhado de urina.

De Vries se colocou atrás dela, e a observou com seu rosto largo e lânguido. Mohiam viu os lábios manchados de vermelho e o brilho demente dos olhos do *Mentat*. O barão separou suas pernas e esfregou seu membro.

Não viu o que estava fazendo, nem tampouco desejava isso.

Embriagado pelo êxito do seu plano, não teve dificuldades em alcançar a ereção. Estimulado pelo conhaque, olhou para a mulher e pensou que acabara de sentenciar a velha bruxa ao mais brutal dos poços de escravos dos Harkonnen. Esta mulher, que se imaginava tão importante e poderosa, estava agora a sua mercê... a sua completa mercê!

Violá-la lhe proporcionou um prazer indescritível. Era a primeira vez que gozava com uma mulher, embora fosse pouco mais que um pedaço de carne flácida.

Durante aqueles breves momentos Mohiam jazeu imóvel, furiosa e impotente. Sentia cada movimento, cada roçar, cada investida dolorosa, mas ainda não tinha recuperado o controle de seus músculos. Seus olhos estavam abertos.

Em vez de esbanjar suas energias, a reverenda mãe se concentrou em sua bioquímica e a alterou. O efeito do atordoante não tinha sido completo.

Uma coisa eram os músculos, e a química interna de seu corpo outra muito diferente. O barão Vladimir Harkonnen se arrependeria disto.

Antes de empreender a viagem tinha manipulado sua ovulação afim de alcançar o pico de sua fertilidade nesta hora exata. Mesmo com a violação, nada a impediria de conceber uma nova filha com o esperma do barão. Isto era o mais importante.

Tecnicamente, não necessitava de nada mais daquele canalha, mas a reverenda mãe Gaius Helen Mohiam tinha a intenção de lhe dar algo em troca, uma

vingança lenta que não jamais esqueceria.

Ninguém esquecia um castigo das Bene Gesserit.

Mesmo paralisada, Mohiam era uma reverenda mãe totalmente treinada. Seu corpo possuía armas que estavam ao seu dispor mesmo naquele momento, apesar da sua aparência indefesa.

Graças às funções sensíveis de seus corpos, as Bene Gesserit podiam criar antídotos para os venenos introduzidos em seus sistemas. Eram capazes de neutralizar as enfermidades mais espantosas assim como destruir os piores vírus patogênicos... ou conservá-los latentes em seus corpos como recurso para utilizar mais adiante. Mohiam levava em seu interior alguns deles, e podia ativá-los mediante o controle de sua bioquímica.

O barão, estendido sobre ela, grunhia como um animal, com a mandíbula tensa e um sorriso zombeteiro no rosto. Gotas de suor pegajoso molhavam seu rosto avermelhado. Mohiam olhou para ele. Seus olhos se encontraram, e o barão investiu com ímpeto renovado.

Foi naquele momento que Mohiam escolheu uma enfermidade em especial, uma vingança muito gradual, uma desordem neurológica que destruiria o belo corpo do seu adversário. Era evidente que o barão obtinha um grande prazer de seu físico, do qual estava muito orgulhoso. Mohiam poderia tê-lo contagiado um sem número de enfermidades fatais e supurantes, mas esta aflição seria um golpe muito mais doloroso para ele, e de progressão muito mais lenta. O barão deveria enfrentar sua aparência dia após dia, cada vez mais obeso e fraco. Seus músculos degenerariam, seu metabolismo enlouqueceria. Em poucos anos nem sequer poderia caminhar sem ajuda.

Não custou nada fazê-lo, mas os efeitos se prolongariam até o fim de seus dias. Mohiam imaginou o barão tão obeso que nem sequer poderia se manter em pé sem ajuda, padecendo dores terríveis.

Uma vez finalizado o ato, convencido de que tinha dado uma lição na bruxa, o barão se levantou.

— Piter, me traga uma toalha para me secar dos líquidos desta bruxa.

O *Mentat* saiu rapidamente da sala, ao mesmo tempo em que soltava um risinho.

As portas se abriram de novo. Guardas uniformizados entraram para contemplar como Mohiam recuperava o controle de seus músculos, pouco a pouco.

O barão dedicou à reverenda mãe um sorriso cruel.

— Diga às Bene Gesserit que não voltem a me incomodar com suas intrigas genéticas.

Mohiam se apoiou sobre um braço, recolheu suas roupas rasgadas e ficou em pé com uma coordenação quase absoluta. ERgueu seu queixo com orgulho mas não pôde dissimular sua humilhação. E o barão não pôde ocultar seu prazer ao percebe-la.

Ele acredita que ganhou, pensou a reverenda mãe. Isso logo veremos.

Mohiam, satisfeita da inevitabilidade de sua vingança terrível, saiu da fortaleza Harkonnen. O *burseg* do barão a acompanhou parte do caminho, e depois deixou que retornasse sem escolta até a lançadeira, como um cão fustigado. Havia guardas em posição de sentido ao pé da rampa.

Mohiam se acalmou enquanto se aproximava da nave, e ao final se permitiu um leve sorriso. Apesar do acontecido, agora tinha em seu útero outra filha Harkonnen. E isso era tudo que as Bene Gesserit desejavam ...

Como as coisas eram simples quando nosso Messias não era mais que um sonho.

Stilgar, naib do sietch Tabr

Para Pardot Kynes a vida nunca voltaria a ser igual desde que tinha sido aceito no *sietch*.

O dia de seu casamento com Frieth se aproximava, o que exigia dedicar horas aos preparativos e a meditação, e a aprender os rituais matrimoniais Fremen, em especial o *ahal*, a cerimônia onde uma mulher escolhia seu marido. Não havia dúvida de que Frieth tinha sido a instigadora da relação. Muitos outros assuntos distraíam Kynes, mas ele sabia que não podia cometer erros em um assunto tão delicado.

Para os líderes do *sietch* se tratava de uma grande ocasião, mais espetacular que qualquer casamento Fremen. Nunca um forasteiro se casara com uma de suas mulheres, embora o *naib* Heinar tivesse ouvido falar de tais eventos ocasionais em outros *sietch*.

Depois que Uliet se auto-imolara, tinha corrido pelo *sietch* (e sem dúvida entre as outras comunidades Fremen o rumor de que Uliet tinha recebido uma visão verdadeira de Deus, que tinha dirigido seus atos. O

caolho Heinar, assim como os anciões do *sietch*. Jerath, Avalanche e Garnah, sentiam-se mortificados por ter questionado as palavras apaixonadas do planetólogo.

Embora Heinar oferecesse sua renuncia como *naib*, depois de inclinar-se perante o homem que agora considerava um profeta vindo de além das estrelas, Kynes não se interessava em transformar-se em líder do *sietch*. Tinha muito trabalho a fazer, obrigações em uma escala muito maior que a política local. Convinha a seus propósitos que o deixassem em paz para concentrar-se em seus planos de terraformação e no estudo dos dados recolhidos, graças aos instrumentos distribuídos por todo o deserto.

Precisava compreender a grande extensão arenosa e suas sutilezas, antes de saber como mudar a situação para melhor.

Os Fremen obedeciam com convicção as sugestões de Kynes, por mais absurdas que parecessem. Agora acreditavam em tudo o que dizia.

Não obstante, Kynes estava tão preocupado que não reparava em sua devoção. Se o planetólogo dizia que era preciso tomar determinadas medidas, os Fremen percorriam o deserto, estabeleciam pontos de recolhimento em regiões longínquas, voltavam a abrir os postos de análise botânicas abandonadas há tempos imemoriais pelo Império. Alguns ajudantes devotos chegaram a viajar

aos territórios proibidos do sul, utilizando um meio de transporte que não revelaram a Kynes.

Durante aquelas primeiras semanas frenéticas de recolhimento de informação, dois Fremen se perderam, embora Kynes nunca soubesse.

Deleitava-se com as informações que chegavam. Era mais do que tinha sonhado durante os anos de trabalho solitário como planetólogo imperial.

encontrava-se em um paraíso científico.

No dia anterior ao seu casamento redigiu seu primeiro relatório desde que se unira ao *sietch*, como culminação de semanas de trabalho. Um mensageiro Fremen o entregou em Arrakeen, de onde foi transmitido ao imperador. O trabalho de Kynes com os Fremen ameaçava provocar um conflito de interesses, mas devia conservar as aparências. Em nenhum ponto do relatório falava, nem sequer de leve, a respeito de sua nova relação com o povo do deserto. Kaitain nunca devia suspeitar que se convertera em um nativo.

Em sua mente, Arrakis já não existia. O planeta era, e sempre seria, Dune. Depois de viver no *sietch*, só o imaginava com seu nome Fremen.

Quanto mais descobria, mais intuía que aquele planeta seco e árido continha mais segredos do que o imperador imaginava.

Dune era um depósito de tesouros à espera de ser aberto.

Stilgar tinha se recuperado completamente de sua ferida, e insistiu em ajudar Kynes nas tarefas mais tediosas. O jovem Fremen afirmou que era a única forma de aliviar a pesada carga de água que recaía sobre seu clã. O planetólogo não acreditava que existisse tal obrigação, mas se inclinou sob a pressão do *sietch* como um salgueiro sob o vento. Os Fremen não passariam ignorariam ou perdoariam algo semelhante.

Ofereceram-lhe como esposa a irmã solteira de Stilgar. Quase sem que o planetólogo se desse conta, era como se a moça o tivesse adotado.

Remendava suas roupas, oferecia-lhe comida antes que ele reparasse que estava faminto. Suas mãos eram velozes, uma viva inteligência iluminava seus olhos azuis, e lhe tinha economizado muitos passos em falso, mesmo antes que

pudesse reagir. Tinha considerado seus cuidados como pouco mais que gratidão por ter salvo a vida de seu irmão, e a tinha aceito sem interesse.

Kynes nunca tinha pensado em casamento, era um homem muito solitário, muito absorto em seu trabalho. Entretanto, depois de ter sido aceito na comunidade, começou a reparar que os Fremen se ofendiam com muita facilidade. Kynes não se atreveu a recusar a proposta. Também compreendeu que, tendo em conta as numerosas restrições políticas dos Harkonnen contra os Fremen, talvez seu casamento com Frieth aplainaria o caminho para futuros pesquisadores.

Em conseqüência, quando as duas luas cheias se elevaram ao céu, Pardot Kynes se reuniu com outros Fremen para celebrar o ritual do matrimônio. Antes que a noite terminasse seria um homem casado. Usava agora uma fina barba, a primeira de sua vida. Parecia-lhe que Frieth gostava, embora não estivesse acostumada a expressar suas opiniões.

Precedida pelo caolho Heinar, assim como pela *sayyadina* do *sietch* (uma líder religiosa muito parecida com a reverenda madre), a comitiva nupcial desceu das montanhas, depois de uma longa e cautelosa travessia, até as areias semeadas de dunas. As luas banhavam a paisagem com um brilho nacarado.

Enquanto observava as dunas sinuosas, Kynes pensou pela primeira vez que lhe recordavam as suaves e sensuais curva de uma mulher.

Possivelmente pensei mais no casamento do que suspeitava.

Caminharam em fila indiana sobre as dunas, subiram pela parte exposta ao vento, e depois riscaram um caminho sobre o cume. Vigias do *sietch* se deslocaram à pontos estratégicos para observar sinais de vermes ou a aproximação de naves espiãs Harkonnen. Kynes se sentia seguro com essas precauções. Agora era um deles, e sabia que os Fremen dariam a vida por ele.

Olhou para a encantadora moça Fremen banhada pela luz da lua, com seu longo cabelo e seus olhos azuis concentrados nele, que o analisavam ou talvez simplesmente o amavam. Vestia a capa negra indicadora de que era uma mulher prometida.

Durante horas, outras esposas Fremen tinham trançado o cabelo de Frieth com seus anéis metálicos de água, junto com os pertencentes ao seu futuro marido, afim de simbolizar a comunhão de seus bens. Muitos meses antes, o *sietch*

tomara todas as provisões do veículo terrestre de Kynes, e guardado a água contida nelas em seus principais armazéns. Uma vez que o aceitaram entre eles, recebeu um pagamento em água por sua contribuição, e Kynes ingressou na comunidade como um homem relativamente rico.

Enquanto Frieth olhava para seu prometido, Kynes percebeu pela primeira vez como ela era formosa e desejável, e depois se repreendeu por não ter observado isso antes. As mulheres solteiras Fremen correram sobre o campo de dunas, com o cabelo ondeando na brisa noturna. Kynes as contemplou iniciar o cântico e a dança matrimonial tradicionais.

Os membros do *sietch* apenas tinham lhe dado explicações sobre seus costumes, a procedência de seus rituais ou seu significado. Para os Fremen tudo era simples. No longínquo passado se desenvolveram formas de vida por pura necessidade, durante as peregrinações dos Zensunni de planeta em planeta, e nos séculos seguintes os costumes não tinham mudado. Ninguém se preocupava em questionar. Por que Kynes ia fazer isso? Além disso, se na verdade era um profeta, deveria assimilar tais coisas por pura intuição.

Não era muito difícil compreender o costume de rodear com anéis de água as tranças de uma mulher prometida, enquanto que as filhas solteiras usavam o cabelo solto. O grupo de mulheres solteiras revoava sobre a areia com os pés nus, como se flutuassem no ar. Algumas eram muito jovens, mas outras já tinham chegado à idade de casamento. As bailarinas davam voltas e voltas e seus cabelos se agitava em todas as direções, como halos ao redor de suas cabeças.

O símbolo de uma tormenta de areia pensou. Redemoinhos Coriolis.

Graças a seus estudos, sabia que tais ventos podiam superar os oitocentos quilômetros por hora. Impulsionavam as partículas de pó e areia com força suficiente para esfolar um homem e deixá-lo nos ossos.

Kynes, preocupado de repente, ergueu a vista. Comprovou, aliviado, que o céu da noite estava espaçoso e repleto de estrelas. Uma neblina de pó se elevaria como precursora de qualquer tormenta. Os observadores Fremen perceberiam mudanças de tempo com antecipação suficiente para tomar as precauções necessárias.

As jovens continuavam dançando e cantando. Kynes se colocou atrás de sua futura esposa, mas olhou para as luas gêmeas, pensou nos efeitos que causavam

nas marés, em como as sutis variações da gravidade teriam afetado à geologia e clima daquele planeta. Talvez as ressonâncias do núcleo lhe revelassem mais do que precisava saber...

Nos meses vindouros desejava coletar muitas amostras da capa de gelo do pólo norte. Mediante a medição dos estratos e da análise dos conteúdos isotópicos, Kynes conseguiria traçar uma história climática precisa de Arrakis. Poderia delinear os ciclos de aquecimento e fusão, assim como os antigos mapas de precipitação, e utilizaria toda informação para descobrir onde tinha ido parar toda a água.

Até o momento, a aridez do planeta era absurda. Era possível que as reservas de água de um planeta ficassem ocultas em rocha sepultadas sob a areia, na mesma casca planetária? Um impacto astronômico? Explosões vulcânicas? Nenhuma das opções lhe parecia muito viável.

A complicada dança matrimonial acabou, e o *naib* avançou com a velha *Sayyadina*. A mulher Santa olhou para o casal e cravou a vista em Kynes, com olhos tão escuros que, à luz da lua, pareciam as órbitas predadoras de um corvo: o azul absoluto do vício de especiaria.

Depois de comer mantimentos Fremen durante meses, enriquecidos com melange, Kynes tinha se examinado num espelho certa manhã e observado que o branco de seus olhos começava a adquirir um tintura azul.

Aquilo o surpreendeu.

De qualquer modos, sentia-se mais vivo, com a mente mais ágil e o corpo cheio de energia. Em parte podia ser conseqüência do entusiasmo por suas investigações, mas sabia que a especiaria estava relacionada com isso.

A especiaria se encontrava em toda parte: no ar, nos mantimentos, na roupa, nas argamassas das paredes, nos tapetes. A melange estava entrelaçada com a vida do *sietch* tanto quanto a água.

Naquele dia, Turok, que cada manhã o guiava em suas explorações, tinha reparado nos olhos de Kynes, no novo tom azul.

— Está se transformando em um dos nossos, planetólogo.

Chamamos esse azul de Olhos do Ibad. Agora está integrado a Dune.

Nosso planeta o mudou para sempre.

Kynes tinha sorrido vacilante, com certa apreensão.

— Que assim seja — disse.

E agora estava a ponto de casar-se: outra mudança importante.

A misteriosa *Sayyadina*, de pé a frente dele, pronunciou uma série de palavras em *chakobsa*, um idioma que Kynes não entendia, mas deu as respostas que tinha memorizado. Os anciões do *sietch* o tinham preparado com supremo cuidado. Talvez algum dia compreendesse os rituais que o rodeavam, o idioma antigo, as misteriosas tradições. Por agora só podia formular hipóteses.

Continuou preocupado durante o resto da cerimônia, enquanto pensava na análise que realizaria em zonas arenosas e rochosas do planeta, enquanto sonhava com as novas estações experimentais que construiria, e nos jardins experimentais que plantaria. Tinha grandes planos em mente, e toda a mão de obra necessária. Custaria um imenso esforço despertar o planeta novamente, mas agora os Fremen partilhavam seu sonho, e Pardot Kynes sabia que era possível.

Sorriu, e Frieth olhou para ele, sorridente também, embora seus pensamentos devessem ser muito diferentes dos seus. Quase alheio às atividades que aconteciam ao redor, e sem prestar atenção à sua importância, Kynes se viu casado ao estilo Fremen quase antes de compreender como isso acontecera.

Os poderosos constroem castelos, e atrás dos seus muros escondem suas dúvidas e temores.

Máxima Bene Gesserit

A névoa matutina arrastava o cheiro de iodo desde o mar.

Geralmente, Paulus Atreides a considerava plácida e revigorizante, mas naquele dia lhe pareceu muito inquietante.

O velho duque estava em um dos balcões, respirando ar puro. Amava este planeta, em especial suas manhãs. O silêncio lhe proporcionava mais energia que

uma boa noite de sono.

Mesmo em tempos tão turbulentos como estes.

Envolveu-se em um grosso manto adornado com lã verde de Canidar. Sua esposa parou atrás dele, respirando com lentidão, como fazia sempre que discutiam. Como Paulus não protestou, aproximou-se e se acotovelou junto a ele para contemplar seu mundo. Tinha os olhos cansados e parecia ofendida. O duque a abraçou e ela se apertou contra ele, mas depois tentou prosseguir a discussão. Insistiu que a Casa Atreides corria um grave perigo por culpa do que ele tinha feito.

Até seus ouvidos chegaram gritos e gargalhadas afogadas vindas do pátio. O duque observou satisfeito que seu filho Leto já tinha iniciado seus exercícios de treinamento com o príncipe exilado de IX. Ambos usavam escudos corporais que zumbiam e cintilavam sob a luz alaranjada do amanhecer. Brandiam facas atordoantes sem corte na mão esquerda e espadas de treinamento na mão direita.

Durante as semanas transcorridas desde sua chegada a Caladan, Rhombur tinha recuperado completamente. O exercício e o ar puro tinham melhorado sua saúde, seu tônus muscular e sua tez. Não obstante, o coração e o estado de ânimo do jovem musculoso demorariam muito mais para sarar. Ainda parecia aturdido com os terríveis acontecimentos que tinha vivido.

Os dois se moveram em círculos e entrechocaram as espadas para calcular a rapidez com que podiam mover as armas sem que os campos protetores as desviassem. Desafiavam e atacavam de súbito e as folhas ricocheteavam nos campos reluzentes.

— Muito gasto de energia para esta horas — comentou Helena enquanto esfregava os olhos avermelhados. Um comentário prudente, que não poderia suscitar nenhum protesto. Deu um passo mais —. Rhombur até perdeu peso.

O velho duque olhou para ela e reparou suas delicadas feições, afiadas pela idade, nas poucas mechas grisalhas de seu cabelo escuro.

— É a melhor hora para treinar. Ensinei isso a Leto quando ele era um menino.

Ouviu o tinido de uma bóia indicadora de recifes e o barulho dos remos de uma barco de pesca, feito de vime com casco impermeável. Na distância viu as luzes

de uma rede de pescaria que atravessava os bancos de névoa enquanto recolhia algas.

— Sim, os meninos estão se exercitando — disse Helena —, mas viu Kailea sentada ali? Por que acha que se levantou tão cedo?

O tom da pergunta o fez pensar duas vezes.

O duque baixou a vista e reparou na bela filha da Casa Vernius.

Kailea estava ajeitada em um banco de coral, sob o sol, enquanto comia languidamente de uma bandeja de frutas. Tinha seu exemplar encapado da Bíblia Católica Laranja ao lado (presente de Helena), mas não o lia.

Paulus coçou a barba.

— Essa menina sempre se levanta tão cedo? Suspeito que ainda não se adaptou aos dias caladanos.

Helena observou como Leto atacava com fúria o escudo de Rhombur e conseguia deslizar sua faca atordoante pelo escudo, de modo que o príncipe ixiano recebeu uma leve descarrega elétrica. Rhombur soltou um uivo e riu enquanto retrocedia. Leto ergueu sua espada de treinamento como se tivesse marcado um ponto. Olhou fugazmente para Kailea, e tocou sua frente com a ponta da espada em saudação.

— Não viu a forma como seu filho olha para ela, Paulus? — A voz de Helena era severa e desaprovadora.

— Não, não tinha visto.

O velho duque passou a vista de seu filho para moça uma vez mais.

Para ele, Kailea, a filha de Dominic Vernius, era apenas uma menina. Ele a vira pela última vez quando ela era uma garotinha. Talvez sua mente preguiçosa não tivesse percebido como ela tinha chegado a maturidade tão rapidamente. Nem Leto.

— Os hormônios do menino estão chegando ao auge — disse —.

Conversarei com Thufir. Encontraremos garotas apropriadas para ele.

— Como suas amantes? — Helena afastou a vista do seu marido com expressão ofendida.

— Não tem nada de errado. — Rogou que não voltasse a tocar no assunto —. Desde que não se torne nada sério.

Como qualquer senhor do Império, Paulus tinha seus devaneios. Seu matrimônio com Helena, uma das filhas da Casa Richese, tinha ocorrido por motivos estritamente políticos, depois de muitas considerações e negociações. Esforçou-se todo o possível, e a amara por algum tempo, o que o surpreendera. Mas depois Helena se afastou dele, cada vez mais absorta na religião e em seus sonhos perdidos, arrancada da realidade.

Com muita discrição, Paulus havia retornado a suas amantes, que tratava como um cavalheiro mas com cuidado para não gerar bastardos.

Nunca falava disso, mas Helena sabia. Sempre soubera. E tinha que viver com essa realidade.

— Desde que não se chegue a nada sério? — Helena se inclinou sobre o corrimão para ver melhor a moça —. Temo que Leto sente algo por essa garota. Acho que está apaixonando por ela. Eu lhe disse que não o enviasse a IX.

— Não é amor — disse Paulus, que fingiu prestar atenção aos movimentos da luta com espada e escudo. Os meninos possuíam mais energia que destreza. Era necessário melhorar sua técnica. O guarda Harkonnen mais desajeitado poderia acabar com eles rapidamente.

— Tem certeza? — perguntou Helena —. Estamos lidando com coisas muito importantes, Leto é o herdeiro da Casa Atreides, o filho de um duque. Tem que agir com cautela e escolher seus objetivos românticos com prudência. Consultar-nos, negociar as condições, conseguir o máximo que puder...

— Sei — murmurou Paulus.

— Muito bem — respondeu sua mulher com tom seco e frio —.

Talvez uma de suas protegidas não seja uma idéia tão ruim, depois de tudo.

Ao menos o afastará de Kailea.

Abaixo, a jovem comia uma fruta com parcimônia, admirando Leto, e riu ao ver uma manobra extravagante do rapaz. Rhombur contra-atacou, os escudos se entrechocaram e soltaram faíscas. Quando Leto se virou para lhe dar um sorriso, Kailea cravou a vista em sua bandeja com altivez fingida.

Helena reconheceu os movimentos da dança do galanteio, tão complicada como qualquer duelo com espada.

— Vê como se olham?

O velho duque sacudiu a cabeça com pesar.

— Em outra época a filha da Casa Vernius me teria parecido uma excelente esposa para Leto.

Sentia-se triste por seu amigo Dominic Vernius ter se tornado um fora da lei por um decreto imperial. O imperador Elrood, como se tivesse perdido a razão, declarara Vernius não só renegado e exilado, mas também traidor. Nem o conde Dominic nem *lady* Shando entraram em contato com Caladan, mas Paulus esperava que continuassem com vida. Ambos tinham se transformado em presas para os caçadores de recompensas.

A Casa Atreides correra um grande risco ao dar proteção aos dois jovens. Dominic Vernius tinha cobrado favores prestados às Casas do Landsraad, que tinham confirmado os jovens exilados em sua situação protegida, desde que não aspirassem recuperar o antigo título de sua Casa.

— Jamais concordaria com um matrimônio entre nosso filho e... ela

— disse Helena —. Enquanto você se divertia com touradas e desfiles, eu não perdi o contato com a realidade. Há anos que a Casa Vernius caiu em desgraça. Eu lhe disse isso, mas você não me ouviu.

— Ai, Helena — disse Paulus —, sua herança richesiana a impede de olhar para IX com imparcialidade. Vernius sempre foi rival de sua família, e os derrotaram totalmente nas guerras comerciais.

Apesar de suas desavenças, tentava lhe conceder o devido respeito a uma dama

de uma Grande Casa.

— Está claro que a ira de Deus caiu sobre IX— disse sua mulher —.

Não pode negar isso. Devia se desfazer de Rhombur e Kailea. Envie-os para longe, ou os mate... Faria-lhes um favor.

O duque Paulus se irritou. Sabia que sua mulher voltaria ao assunto cedo ou mais tarde.

— Helena! Vigie suas palavras. — Olhou para ela com incrédulo —.

É uma sugestão ultrajante, até mesmo partindo de você.

— Por que? Sua Casa provocou sua própria destruição quando violou as normas da Grande Revolução. A Casa Vernius desafiou a Deus com sua arrogância. Qualquer um é capaz de vê-lo. Eu o avisei antes que Leto partisse de IX. — Segurou a beira do seu manto, tremulo de indignação, enquanto tentava formular uma súplica razoável —. Por acaso a humanidade não aprendeu a lição? Pense nos horrores que padecemos, a escravidão, a exterminação quase total. Nunca mais podemos que nos afastar do caminho correto. IX tentava ressuscitar as máquinas pensantes.

Não criará uma máquina a...

— Não preciso que me cite versículos — interrompeu o duque.

Quando Helena usava sua mentalidade rígida e fanática, nenhuma refutação podia atravessar suas muralhas.

— Escute-me — rogou ela —. Eu lhe ensinarei as passagens do Livro...

— Dominic Vernius era meu amigo, Helena — disse Paulus—. E a Casa Atreides defende seus amigos. Rhombur e Kailea são meus convidados no castelo de Caladan, e não falarei mais disso com você.

Embora Helena saísse do dormitório, Paulus sabia que em outro momento tentaria convencê-lo de novo. Suspirou.

Agarrou o corrimão e olhou para o pátio, onde os garotos continuavam seus

exercícios. Era uma espécie de rixa, em que Leto e Rhombur riam e corriam esbanjando suas energias.

Apesar de seu fanatismo, Helena acertara em alguns aspectos. Era o tipo de brecha que seus inimigos tradicionais, os Harkonnen, utilizariam para tentar destruir a Casa Atreides. Se a Casa Vernius tinha violado os preceitos da Jihad Butleriana, a Casa Atreides seria considerada culpada por cumplicidade.

Mas a sorte estava lançada, e Paulus aceitaria o desafio. De qualquer modo, se encarregaria de tomar precauções para que nada terrível acontecesse a seu filho.

Os rapazes continuavam combatendo, o velho duque sabia que Rhombur desejava aniquilar os inimigos que tinham expulso sua família de seu lar ancestral. Para isso, ambos os jovens necessitavam se treinamento, não só a brutal instrução no uso de armas pessoais, mas também nas habilidades requeridas para guiar homens e nas abstrações do governo em grande escala.

O duque sorriu sem humor, pois sabia o que tinha que fazer.

Rhombur e Kailea tinham sido postos sob sua tutela. Tinha prometido que velaria por sua segurança, pelo juramento de sangue que o irmanava a Dominic Vernius. Devia lhes proporcionar todas as possibilidades.

Enviou Leto e Rhombur ao seu Professor de Assassinos, Thufir Hawat.

O *Mentat* guerreiro parecia uma coluna de ferro enquanto contemplava seus dois novos tutelados. Aguardavam de pé sobre um escarpado situado a alguns quilômetros ao norte do castelo de Caladan. O

vento se chocava contra as rochas e subia a grande velocidade, agitando a erva. Gaivotas cinzas voavam em círculos sobre suas cabeças, gritando e procurando petiscos sobre a praia rochosa. Ciprestes anões se curvavam, inclinados pela constante brisa do oceano.

Leto não sabia quem era Thufir Hawat. O robusto *Mentat* tinha treinado o jovem duque Paulus. Sua pele era grossa, por ter sido exposta aos ambientes mais cruéis de muitos planetas durante antigas campanhas Atreides, do calor mais infernal ao frio mais abrasante, passando por tormentas aterradoras e rigores dos grandes espaços abertos.

Thufir Hawat cruzou os braços sobre seu peitilho. Seus olhos pareciam armas, seu silêncio um incentivo.

Leto estava ao lado de seu amigo, inquieto. Seus dedos estavam tão gelados que desejou ter ficado no castelo. Quando vamos começar o treinamento? Rhombur e ele se olharam, impacientes, à espera.

— Olhem para mim! — ordenou Hawat —. Eu poderia estripá-los no instante em que trocaram esse olhar pretensioso.

Deu um passo ameaçador em direção aos dois.

Leto e Rhombur usavam roupas cômodas mas de aspecto majestoso.

A brisa sacudia suas capas. A de Leto era de uma seda *merh* esmeralda brilhante, debruada de negro, enquanto que a do príncipe de lX exibia os tons púrpura e cobre da Casa Vernius.

Depois de um longo silêncio, Hawat ergueu o queixo, preparado para começar.

— Antes de mais nada, tirem essas capas ridículas.

Leto levou a mão ao fecho na garganta, mas Rhombur vacilou.

Naquela fração de segundo, Hawat desembainhou sua espada curta e cortou o diminuto cordão, a poucos milímetros da jugular do príncipe. O vento arrebatou a capa púrpura e a lançou pelo escarpado. O objeto caiu como um cometa até pousar nas águas turbulentas.

— Ei! — exclamou Rhombur —. Por que...

Hawat desprezou seus protestos.

— Vocês vieram aqui para aprender o manejo das armas. Por que se vestiram como se fossem para um baile do Landsraad ou para um banquete imperial? — O *Mentat* bufou, e depois cuspiu na direção do vento —. Lutar é um trabalho sujo, e a menos que tentem ocultar as armas nessas capas, usá-las é uma estupidez. É como sair vestindo seu próprio sudário.

Leto ainda segurava a capa verde em suas mãos. Hawat agarrou a ponta do

tecido e ao mesmo tempo imobilizou a mão direita de Leto. Puxou com força e golpeou com o pé o tornozelo do jovem, que caiu sobre o chão rochoso.

Leto ofegou para recuperar o fôlego. Rhombur riu do seu amigo.

Hawat lançou a capa ao ar para que fosse se reunir com a de Rhombur no mar.

— Qualquer coisa pode transformar-se em uma arma — disse —.

Carregam espadas, e facas. Além disso, têm escudos. Entretanto, deveriam carregar oculto um bom sortimento de brinquedos: agulhas, campos atordoantes, pontas envenenadas. Enquanto seu inimigo presta atenção na arma visível — Hawat pegou uma espada de treinamento e estocou o ar —, podem utilizá-la como isca para atacar com algo ainda mais mortífero.

Leto se levantou , ao mesmo tempo em que sacudia o pó da roupa.

— Mas, senhor, não é nobre utilizar armas ocultas. Isso não vai contra as normas de...

Hawat estalou os dedos em frente ao rosto de Leto.

— Não me fale das regras do assassinato. — A pele curtida do *Mentat* avermelhou ainda mais, como se mal pudesse conter sua ira —.

Qual é sua intenção, se pavonear em frente as damas ou eliminar seu inimigo? Isto não é um jogo.

Virou-se para Rhombur e olhou-o tão fixamente que o jovem retrocedeu um passo.

— Correm rumores de que há uma recompensa imperial por sua cabeça, príncipe, se abandonar o refúgio de Caladan. É o filho exilado da Casa Vernius. Sua vida não é a de um cidadão comum. Não sabe quando sofrerá o golpe mortal, assim deve estar preparado em todo momento. As intrigas cortesãs e a política possuem suas próprias normas, mas em certas ocasiões nem todos os jogadores respeitam as regras.

Rhombur engoliu em seco.

Hawat se voltou para o Leto.

— Rapaz, sua vida corre perigo também, como herdeiro da Casa Atreides. Todas as Grandes Casa têm que estar em alerta constante contra o assassinato.

Leto cravou a vista no instrutor.

— Compreendo, Thufir, e quero aprender. — Olhou para Rhombur

—. Queremos aprender.

— Começamos sempre por algum lugar — disse o instrutor —. Tem que haver tocos desajeitados trabalhando para outras famílias do Landsraad, mas vocês, meus filhos, têm que se transformar em exemplos.

Não só aprenderão a lutar com escudo e faca, nas artes sutis do assassinato, e também nas artimanhas da política e governo. Devem aprender a se defender tanto na retórica, como dos golpes físicos. — O *Mentat* ergueu os ombros e ficou firme —. Eu lhes ensinarei isso.

Conectou seu escudo corporal. Brandia uma faca em uma mão e uma espada larga na outra.

Leto conectou instintivamente o escudo de seu cinturão, e o campo Holtzman brilhou a sua frente. Rhombur se esforçou para imitá-lo, no instante em que o *Mentat* fingia atacar e se continha no segundo último.

Hawat passou as armas de uma mão para a outra, numa demonstração de que podia matar com qualquer uma delas.

— Sejam cautelosos. Talvez algum dia sua vida dependa disso.

Qualquer caminho que limite futuras possibilidades pode transformar-se em uma armadilha mortal. Os humanos não abrem caminho através de um labirinto. Esquadrinham um imenso horizonte repleto de oportunidades únicas.

Manual da Corporação Espacial

A Junção era um planeta austero, com paisagens monótonas e total controle climático, afim de eliminar inconveniências incomodas. Um lugar prático,

escolhido como sede da Corporação Espacial por sua localização estratégica mais que por suas paisagens.

Aqui, os aspirantes aprendiam a transformarem-se em Navegantes.

Bosques renascidos cobriam milhões de hectares, mas se limitavam a *boj* e carvalhos anões. Cresciam em abundância certas hortaliças da Velha Terra, cultivadas pelos nativos (batatas, pimentões, berinjelas, tomates e diversas ervas), mas tendiam a ser alcalóides, e eram comestíveis somente depois de um cuidadoso processamento.

Depois de seu exame, aturdido pelas novas perspectivas que a melange oferecia, D'murr Pilru fora levado até ali sem poder despedir-se de seu irmão gêmeo nem de seus pais. A princípio ficou triste, mas as exigências do treinamento lhe proporcionaram tantos prodígios que esqueceu todo o resto. Descobriu que podia concentrar-se nas coisas muito melhor, e esquecer com mas facilidade.

Os edifícios da Junção (enormes formas avultadas com protuberâncias redondas e angulares) tinham o desenho normal da Corporação, muito parecidos com a embaixada de IX: práticos ao extremo e enormes. Cada edifício contava com um escudo com a insígnia do infinito. As infra-estruturas mecânicas eram de procedência ixiana e richesiana, instaladas séculos antes e ainda em funcionamento.

A Corporação Espacial preferia ambientes que não interferissem em suas importantes tarefas. Para um Navegante, qualquer distração significava um perigo em potencial. Cada estudante da Corporação aprendia a lição muito rapidamente, como o jovem aspirante D'murr: longe de casa e absorto em seus estudos, evitava qualquer preocupação com os problemas de seu antigo planeta.

No meio de um campo de erva negra, estava imerso em seu contêiner de gás de melange. Meio nadava meio rastejava, enquanto seu corpo continuava mudando e seus sistemas físicos se alteravam para adaptar-se ao bombardeio de especiaria. Tinham começado a crescer membranas entre os dedos de suas mãos e pés. Seu corpo estava mais largo e flácido que antes, e ia adotando forma de peixe. Ninguém tinha explicado o alcance das inevitáveis mudanças, e não fez perguntas. Não importava. Era tal a quantidade de universo aberto para ele, que considerava modesto o preço a pagar.

Os olhos de D'murr tinham diminuído e perdido as pestanas.

Também tinha desenvolvido cataratas. Não necessitava mais deles para ver, já que tinha outros olhos, os da visão interna. O universo se desdobrava para ele. No processo experimentava a sensação de estar deixando algo para trás, e não se incomodava.

Através da neblina, D'murr via o campo de erva negra coberto com fileiras de aspirantes em seus contêineres, navegantes que se preparavam.

Uma vida por contêiner. Os contêineres expeliam gases de melange filtrados, que redemoinhavam ao redor de ajudantes humanóides protegidos com máscaras, que esperavam para mover os contêineres quando ordenassem.

O Instrutor Chefe, um Timoneiro Navegante chamado Grodin, flutuava no interior de um contêiner negro içado sobre uma plataforma. Os aprendizes o viam mais com a mente que com os olhos. Grodin acabava de chegar da dobra espacial com um aspirante, cujo contêiner estava ao lado do dele, conectados por um tubo flexível para que seus gases se misturassem.

D'murr já tinha realizado vôos curtos em três ocasiões.

Consideravam-lhe um dos melhores aspirantes. Assim que aprendesse a viajar pela dobra espacial sozinho, receberia o título de Piloto, o Navegante de patente mais inferior, mas muito superior ao que tinha sido quando era um simples ser humano.

As viagens pela dobra espacial do Timoneiro Grodin eram lendárias explorações através de incompreensíveis nós dimensionais. A voz do Instrutor Chefe surgia de um alto-falante situado dentro do contêiner de D'murr, e utilizava uma linguagem superior. Descreveu uma ocasião em que tinha transportado seres similares a dinossauros em um antiquado Cruzeiro. Ignorava que os monstros podiam esticar o pescoço até distâncias incríveis. Enquanto o Cruzeiro se encontrava em vôo, um desses seres abrira caminho, devorando tudo a sua frente, até a câmara de navegação, de modo que sua cara apareceu em frente ao contêiner de Grodin, que olhou para ele com os olhos arregalados...

Está-se muito bem aqui, pensou D'murr enquanto ouvia a história.

Inalou uma profunda baforada de melange. Os humanos, devido a seus sentidos embotados, comparavam aquele aroma penetrante com a canela mais potente, mas a melange era muito mais que isso, imensamente mais complexa.

D'murr já não precisava preocupar-se com os assuntos mundanos dos seres humanos, seres corriqueiros, limitados e imprevisíveis: maquinações políticas, superpopulação, quantas vidas brilhavam e se apagavam em apenas um instante, como faíscas de uma fogueira. Sua vida anterior não era mais que uma lembrança vaga e difusa, sem nomes nem rostos concretos. Via imagens, mas as ignorava. Nunca poderia voltar para o passado.

Em vez de terminar o relato sobre o ser em forma de dinossauro, o Timoneiro Grodin mudou de assunto e falou sobre os aspectos técnicos do que o aspirante selecionado tinha conseguido em sua viagem interestelar, e como tinham utilizado matemática de alto nível e mudanças dimensionais para escrutinar o futuro, assim como o monstro de pescoço comprido tinha examinado seu contêiner.

— Um Navegante tem que fazer muito mais que observar — disse pelo alto-falante a voz estranha de Grodin —. Um Navegante utiliza o que vê para guiar naves espaciais através do vazio. O fato de não aplicar certos princípios básicos pode conduzir à destruição do Cruzeiro e de todos que transporta.

Antes que um dos novos adeptos, como D'murr, chegasse a Piloto, deviam aprender a dominar determinadas crises, como um espaço dobrado em parte, sem presciência, um ataque de alergia da especiaria, geradores Holtzman defeituosos, e até mesmo sabotagem deliberada.

D'murr tentou imaginar como teriam padecido alguns de seus desafortunados predecessores. Contra a crença popular, os Navegantes utilizavam sua limitada presciência para escolher rotas seguras de navegação. Uma nave podia atravessar o vazio sem seu guia, mas esse perigoso jogo de adivinhações conduzia de maneira inevitável ao desastre.

Um Navegante da Corporação não garantia uma viagem segura, mas as probabilidades aumentavam de maneira substancial. Havia problemas quando imprevistos.

Estavam treinando D'murr até o limite dos conhecimentos da Corporação, o que não incluía todas as eventualidades. O universo e seus habitantes se achavam em uma estado de mudança constante. Todas as antigas escolas sabiam, incluindo a Bene Gesserit e os *Mentats*. Os sobreviventes aprendiam a adaptar-se à mudança, a esperar o inesperado.

No limite de sua consciência, seu contêiner de melange começou a deslocar-se sobre seu campo suspensor e se alinhou atrás dos contêineres de outros aspirantes. Ouviu um ajudante de instrutor recitar passagens do Manual da Corporação Espacial. Mecanismos de circulação do gás zumbiam ao seu redor. Cada detalhe parecia nítido, definido, importante.

Jamais havia se sentido tão vivo!

Inalou a melange e notou que suas preocupações começavam a dissipar-se. Seus pensamentos recuperaram a harmonia e deslizaram suavemente pelos caminhos neurais do seu cérebro.

— D'murr... D'murr, irmão...

O nome redemoinhou com o gás, como um sussurro no universo, um nome que não utilizava mais, agora que tinham lhe atribuído um número de navegação da Corporação. Os nomes se associavam com a individualidade.

Os nomes impunham limitações e idéias preconcebidas, relações familiares e histórias passadas, impunham a antítese do que significava ser um Navegante. Um homem da Corporação se fundia com o cosmos e via rotas seguras através das curvas do destino, visões prescientes que permitiam guiar matéria de um lugar a outro, como peças de xadrez em um tabuleiro cósmico.

— Está me ouvindo, D'murr? D'murr?

A voz vinha do alto-falante situado dentro do seu contêiner, mas também de uma enorme distancia. Percebeu algo familiar no seu tom.

Tinha esquecido tantas coisas? D'murr. Quase tinha apagado esse nome da mente.

O cérebro de D'murr efetuou conexões que cada vez considerava menos importantes, e sua boca flácida formou palavras gorjeantes.

— Sim, estou ouvindo.

Empurrado pelo ajudante, o contêiner de D'murr deslizou por um caminho pavimentado em direção ao enorme edifício bulboso onde viviam os Navegantes. Ninguém parecia ouvir a voz.

— Sou eu, C'tair — continuou a transmissão —. Seu irmão. Está ouvindo? Esta porcaria funcionou por fim. Como está?

— C'tair?

O Navegante em treinamento sentiu que sua mente rastejava para os restos de seu preguiçoso estado pré-Corporação. Tentava ser humano de novo, mesmo que por um instante. Era importante?

O processo era penoso e limitado, como um homem diante de anteparas, mas a informação era precisa: sim, seu irmão gêmeo. C'tair Pilru.

Humano. Recebeu imagens fugazes do seu pai vestido de embaixador, de sua mãe com o uniforme do Banco da Corporação, de seu irmão quando brincavam e exploravam juntos. Aquelas imagens tinham sido expulsas de seus pensamentos, como quase tudo que pertencia àquele reino... mas não por completo.

— Sim — disse D'murr —. Eu o conheço. Lembro-me.

Em IX, refugiado no cubículo onde utilizava seu aparelho de transmissão improvisado, C'tair falava curvado, com medo de ser descoberto, mas valia o risco. Lágrimas corriam sobre seu rosto, e engoliu em seco. Os Tleilaxu e os subóides continuavam a jogar suas redes, destruindo qualquer resíduo de tecnologia desconhecida que encontravam.

— Eles o separaram de mim na câmara de exames da Corporação —

sussurrou C'tair —. Não me deixaram vê-lo nem dizer adeus. Agora compreendo que você teve sorte, D'murr, pensando no que aconteceu em IX. Vê-lo agora partiria seu coração. — Respirou fundo —. Nossa cidade foi destruída pouco depois de termos sido separados pela Corporação.

Morreram centenas de milhares de pessoas. O poder passou para as mãos dos Bene Tleilax.

D'murr fez uma pausa para adaptar-se à comunicação limitada de pessoa a pessoa.

— Guiei um Cruzeiro através da dobra espacial, irmão. Eu vejo a galáxia com minha mente, vejo matemática. — Suas palavras indolentes conseguiram formar

frases —. Agora sei por que... Se... Ai, sua conexão me faz sentir dor. Como é possível, C'tair?

— Esta comunicação lhe faz mal? — C'tair se afastou do transmissor e conteve o fôlego, com medo de ser ouvido pelos microfones Tleilaxu —.

Sinto muito, D'murr. Possivelmente deveria...

— Não é importante. A dor oscila, como uma enxaqueca... embora de maneira diferente. Percorre minha mente e a abandona. — A voz de D'murr parecia longínqua e etérea —. Que tipo de transmissão é esta? Que aparelho está utilizando?

— Você não me ouviu, D'murr? IX foi destruído. Nosso planeta, nossa cidade, é um campo de concentração. Nossa mãe morreu em uma explosão. Não pude salvá-la. Estive escondido aqui, perto de pessoas e corro um grande perigo por causa desta transmissão. Nosso pai está exilado, não sei onde... em Kaitain, acredito. A Casa Vernius se declarou renegada. Estou preso aqui!

D'murr continuou concentrado no que considerava a questão mais importante.

— Comunicação direta através da dobra espacial? Impossível.

Explique-me.

— Explicar? — repetiu D'murr.

Surpreso pela falta de preocupação de seu gêmeo com as notícias horrendas, C'tair decidiu seguir a corrente. Afinal, D'murr tinha sofrido mudanças mentais radicais, e ninguém podia culpá-lo por seu estado atual.

C'tair nunca entenderia o que seu gêmeo tinha padecido. Ele tinha fracassado nos exames da Corporação. comportara-se com excessivo temor e rigidez. Do contrário, agora também seria um Navegante.

Conteve o fôlego, ouviu um rangido no passadiço que corria por cima de seu cabeça, passos que se afastavam. Vozes sussurrantes. Depois o silêncio voltou e pôde continuar a conversa.

— Explique — repetiu D'murr.

C'tair falou com seu irmão do aparelho que havia criado.

— Lembra-se de Davee Rogo, o velho inventor que nos convidava a ir ao seu laboratório para nos ensinar as coisas em que trabalhava?

— Aleijado... muletas suspensoras. Muito decrépito para andar.

— Sim, falava freqüentemente de comunicação por meio de ondas de energia de neutrinos, uma rede de varinhas envoltas em cristais de silicato.

— Ai... Dor outra vez.

— Está sofrendo! — C'tair olhou ao redor, consciente do perigo que estava correndo —. Não me estenderei muito mais.

D'murr queria saber mais.

— Continue a explicação. Tenho que saber como é este aparelho.

— Um dia, durante os distúrbios, quando sentia necessidade de falar com você, recordei fragmentos das conversas. Acreditei ver, entre os escombros de um edifício ruído, uma imagem imprecisa de Rogo. Foi como uma visão. Falava com aquela voz velha e quebrada, e me disse o que devia fazer, que peças necessitava e como juntá-las. Deu-me as idéias que necessitava.

— Interessante.

A voz do Navegante era monótona e indiferente.

A falta de emoção e compaixão de seu irmão inquietou C'tair. Tentou formular perguntas sobre as experiências de D'murr na Corporação Espacial, mas seu irmão não teve paciência e respondeu que não podia divulgar os segredos da Corporação, nem mesmo para seu irmão. Tinha viajado através da dobra espacial, e era incrível. Não podia revelar nada mais.

— Quando poderemos voltar a falar? — perguntou C'tair. Notou o aparelho perigosamente quente, como se estivesse a ponto de explodir.

Teria que desconectá-lo muito em breve. D'murr emitiu um grunhido de dor, mas não deu uma resposta concreta.

Apesar de saber do mal-estar de seu irmão, C'tair experimentava a necessidade humana de dizer adeus, embora não fosse assim no caso de D'murr.

— Até logo, então. Sinto sua falta.

Enquanto pronunciava aquelas palavras contidas a tanto tempo, notou um aplacamento de sua dor, uma sensação curiosa, pois não estava seguro de que seu irmão o compreendesse como antes.

C'tair cortou a comunicação, sentindo-se culpado. Depois ficou sentado um momento em silêncio, afligido por emoções contraditórias: alegria por ter falado com seu irmão, e tristeza pelas reações ambivalentes de D'murr. Até que ponto seu irmão tinha mudado?

D'murr deveria lamentar a morte de sua mãe e os trágicos acontecimentos em IX. O estado de ânimo de um Navegante da Corporação afetava toda a humanidade. Não deveria ser um Navegante mais sensível, mais propenso a defender a humanidade?

Em vez disso, parecia que o jovem tinha cortado todos os laços e queimado todas as pontes. D'murr representava a filosofia da Corporação, ou estava tão absorto em suas novas capacidades que se transformara em megalomaníaco? Era necessário que se comportasse daquela maneira?

D'murr eliminara todo contato com a humanidade? Não havia forma de saber.

C'tair experimentava a sensação de ter perdido seu irmão pela segunda vez.

Desconectou os contatos da máquina de bioneutrinos que durante um momento tinha expandido seus poderes mentais, amplificado seus pensamentos e permitido que se comunicasse com a longínqua Junção.

Marcado de repente, voltou para seu esconderijo e tombou no estreito beliche. Com os olhos fechados, imaginou o mundo que se estendia além de suas pálpebras, e se perguntou como o veria seu gêmeo. Sua mente zumbia com um estranho resíduo do contato, seqüela da expansão mental.

D'murr parecia falar submerso em água, através de filtros de compreensão. C'tair começou a desentranhar significados subjacentes, sutilezas e engenhosidades. Durante toda a noite, no isolamento de sua habitação oculta, pensamentos

encadeados percorreram sua mente, afligiram-no como uma possessão demoníaca. O contato tinha ativado algo em seu cérebro, uma reação assombrosa.

Não saiu de seu refúgio durante dias, absorto em suas lembranças, e utilizou o aparelho para concentrar seu pensamento até extremos de lucidez obsessiva. Hora depois de hora, a conversa reproduzida tornava-se mais clara, as palavras e os duplos significados se revelavam como as pétalas de uma flor, como se atravessasse as dobras espaciais em mente e memória.

Os matizes da conversa com D'murr adquiriam maior transparência, significados que C'tair não tinha captado a princípio. O que só lhe proporcionou um indício do que seu irmão tinha se tornado.

Achou isso emocionante. E aterrador.

Por fim, quando recuperou a consciência vários dias depois, viu esparramados ao seu redor os pacotes de comida e bebida. A habitação fedia. Olhou-se num espelho e se surpreendeu por ver que uma barba tinha crescido em seu rosto. Seus olhos estavam injetados e o cabelo desgrenhado. C'tair mal se reconheceu.

Se Kailea Vernius o visse agora, retrocederia tomada de horror ou desprezo, e o enviaria para trabalhar nos níveis inferiores mais imundos, com os subóides. Não obstante, por algum processo ignorado, depois da tragédia de IX e da violação de sua bela cidade subterrânea, seu amor infantil pela filha do conde lhe parecia irrelevante. De todos os sacrifícios que C'tair tinha feito, aquele era o mais insignificante.

E tinha certeza que outros ainda maiores o aguardavam.

Antes de se lavar ou de arrumar o esconderijo, iniciou os preparativos para chamar seu irmão novamente.

As percepções regem o universo.

Máxima Bene Gesserit

Uma lançadeira robô controlada abandonou o Cruzeiro que girava em órbita no sistema de Laoujin e desceu até a superfície de Wallach IX, ao mesmo tempo em que transmitia os códigos de segurança corretos que desativariam as defesas

primárias da Irmandade. O lar das Bene Gesserit era mais uma etapa em sua longa rota entre as estrelas do Império.

Gaius Helen Mohiam, cujo espesso cabelo começava a ficar grisalho , e cujo corpo começava a trair sua idade, pensou que era estupendo voltar para casa depois de meses dedicada a outras tarefas, cada uma delas um fio na imensa tapeçaria das Bene Gesserit. Nenhuma irmã compreendia a configuração em sua totalidade, o entrelaçado de acontecimentos e pessoas, mas Mohiam cumpria sua parte.

A Irmandade a tinha chamado de volta, devido a gravidez avançada, para que permanecesse na Escola Materna até o momento de dar a luz. Só a mãe *Kwisatz* Anirul conhecia seu verdadeiro valor para o programa de reprodução, a forma de que tudo dependia da menina que crescia em seu corpo. Mohiam, por sua vez, sabia que a menina era importante, mas mesmo as vozes da Outra Memória, a que sempre podia convocar para que lhe oferecer uma cacofonia de conselhos, guardava um silêncio deliberado sobre o tema.

Ela era a única passageira da lançadeira. Os fabricantes richesianos do robô piloto, que trabalhavam sob o espectro da Jihad, superaram-se para arranjar um aparelho de aspecto extravagante, coberto de rebites, que nem emulava à mente humana nem parecia humano, nem sequer era sofisticado.

O robô piloto transportava passageiros e materiais de uma nave para a superfície de um planeta, para retornar de novo à nave mãe dentro de uma cadeia de atividades bem programada. Suas funções incluíam flexibilidade suficiente apenas para seguir os mapas de tráfico aéreo ou as condições meteorológicas adversas. O robô piloto conduzia a lançadeira em uma seqüência rotineira: do Cruzeiro ao planeta, do planeta ao Cruzeiro...

Mohiam, sentada perto de uma janelas da lançadeira, refletia sobre a sua deliciosa vingança sobre o barão. Já tinham passado vários meses e não havia dúvida de que o homem não tinha a menor suspeita, mas uma Bene Gesserit podia esperar muito tempo. Com os anos, com seu adorado corpo enfraquecido e tomado pela doença, um Vladimir Harkonnen totalmente derrotado podia mesmo nutrir a idéia de suicídio.

Talvez a ação de Mohiam tivesse sido impulsiva, mas era justa, perante o que o barão tinha feito. A madre superiora Harishka não permitiria que a Casa

Harkonnen ficasse impune, e Mohiam acreditava que sua iniciativa fora cruelmente adequada. Economizaria tempo e problemas para a Irmandade.

Enquanto a nave mergulhava na capa de nuvens, Mohiam imaginou se sua nova filha seria perfeita, por que o barão não lhes serviria mais de nada. Caso contrário, a Irmandade sempre possuía outras opções e planos.

Tinham diversos programas de reprodução.

Mohiam era do tipo que se considerava ótimo para certo programa genético misterioso. Conhecia os nomes de algumas candidatas, mas não de todas, e também sabia que a Irmandade não desejava gravidezes simultâneas no programa, pois temia que tal circunstância prejudicasse o índice de emparelhamentos. Não obstante, Mohiam se perguntava por que tinha sido escolhida de novo, depois de seu primeiro fracasso. Suas superioras não tinham explicado, e sabia que não devia perguntar. Além disso, as Vozes da Outra Memória também guardavam segredo.

Os detalhes importam?, perguntou-se. Carrego a víbora exigida em meu útero. Um parto perfeito elevaria o prestígio de Mohiam, poderia levá-

la a ser escolhida madre superiora pelas superintendentes, quando fosse muito mais velha, dependendo da importância desta filha.

Pressentia que a menina seria muito importante.

Sentiu uma repentina mudança de movimento na lançadeira robô tripulada. Olhou pela janela estreita e viu que o horizonte de Wallach IX

variava, enquanto o aparelho dava voltas e descia desgovernado. O campo de segurança que rodeava seu assento emitiu um brilho amarelado, desconhecido e desconcertante. Os sons mecânicos, até então apenas um zumbido suave, aumentaram para um volume ensurdecedor.

As luzes do módulo de controle piscaram. Os movimentos do robô eram erráticos e inseguros. Mohiam tinha sido preparada para enfrentar qualquer crise, e sua mente trabalhou com rapidez. Sabia que nestas lançadeiras aconteciam avarias ocasionais, ínfimas de um ponto de vista estatístico mas exacerbadas pela falta de pilotos com capacidade de pensamento e reação. Quando um problema se apresentava, e Mohiam se era protagonista de um, as probabilidades de

terminar em desastre eram altas.

A lançadeira caiu em descontrolada entre as nuvens. O robô piloto efetuou os mesmos movimentos circulares, incapaz de tentar algo novo. O

motor emitiu um estertor estranho e emudeceu.

Não pode ser, pensou Mohiam. Agora não, grávida desta menina.

Sentia em suas vísceras que, se conseguisse sobreviver, sua filha seria perfeita, a menina que a Irmandade tanto necessitava.

Mas lapsos de a pensamentos assaltaram, e começou a tremer. Os Navegantes da Corporação, assim como o do Cruzeiro em órbita sobre sua cabeça, utilizavam complexos cálculos dimensionais, afim de ver o futuro e poder conduzir a nave sã e salva através dos perigosos vazios da dobra espacial. A Corporação Espacial teria descoberto o segredo do programa Bene Gesserit e o temia?

Enquanto a lançadeira se precipitava para o desastre, um desfile de possibilidades passou pela mente de Mohiam. O campo de segurança que a rodeava se expandiu e adotou um tom mais amarelado. Mohiam enlaçou as mãos sobre seu útero para protegê-lo e experimentou um desesperado desejo de viver e de que sua filha não nascida visse a luz sem problema.

Seus pensamentos transcendiam as preocupações domésticas de uma mãe e uma filha.

Perguntou-se se suas suspeitas estariam erradas E se uma força que nem ela nem as outras irmãs eram capazes de imaginar era a causadora disto? Com seu programa de reprodução as Bene Gesserit estavam brincando de Deus? Existia um verdadeiro Deus, apesar do cinismo e do cepticismo da Irmandade à respeito da religião?

Seria uma brincadeira muito cruel.

As deformidades de sua primeira filha, e agora a morte iminente deste feto e de Mohiam... Tudo apontava para um significado oculto, mas quem, ou o que, estava por trás deste acidente?

As Bene Gesserit não acreditavam em acidentes nem em coincidências.

— Não devo temer — rezou com os olhos fechados —. O medo é o assassino da mente. O medo é a pequena morte que conduz à destruição total. Enfrentarei meu medo. Permitirei que passe sobre e através de mim.

E quando tiver passado, observarei seu caminho com o olho interior. Onde o medo passou, não haverá nada. Só eu restarei.

Era a Litania Contra o Medo, criada em tempos remotos por uma irmã Bene Gesserit e transmitida de geração em geração.

Mohiam respirou fundo e notou que os tremores diminuíam.

A lançadeira se estabilizou momentaneamente, com a janela virada para o planeta. O motor chispou de novo. Viu que a massa continental se aproximava a grande velocidade, e revelou o extenso complexo da Escola Materna, uma cidade labiríntica de edifícios de estuque branco e telhados cor Siena.

Iriam se chocar contra o edifício principal, com um potente explosivo a bordo? Uma colisão destruiria o coração da Irmandade.

Mohiam não conseguiu se liberar do campo de segurança, apesar de seus esforços. A lançadeira mudou de direção e a terra desapareceu de sua vista. A janela se inclinou para cima e revelou o sol branco-azulado, na beira da atmosfera.

Então, o campo de segurança perdeu seu tom amarelado, e Mohiam compreendeu que a lançadeira se estabilizara. O motor funcionava de novo.

Na parte dianteira do compartimento, o robô piloto se movia com aparente eficiência, como se nada tivesse acontecido. Pelo visto, um de seus programas de emergência tinha funcionado.

Quando a lançadeira pousou com suavidade diante da grande praça, Mohiam exalou um longo suspiro de alívio. Correu para a porta, desejosa de alcançar a segurança do edifício mais próximo, mas logo se acalmou e saiu com serenidade. Uma reverenda madre tinha que manter as aparências.

Quando deslizou rampa abaixo, irmãs e acompanhantes a rodearam para protegê-la. A madre superiora ordenou que a lançadeira fosse submetida a um rigoroso exame, em busca de provas de sabotagem ou para confirmar uma

simples avaria. Não obstante, uma repentina transmissão do Cruzeiro o impediu.

A reverenda madre Anirul Sadow Tonkin esperava Mohiam, transbordante de orgulho, com um aspecto muito juvenil graças a seu rosto de cerva e o cabelo brônzeo curto. Mohiam nunca compreendera a importância de Anirul, embora até a madre superiora lhe mostrasse deferência. As duas mulheres se saudaram com um movimento de cabeça.

Rodeada das outras irmãs, Mohiam foi escoltada até um edifício. Um numeroso contingente de guardas armados cuidaria de sua segurança.

Cuidariam dela e vigiariam até que desse a luz.

— As viagens acabaram para você, Mohiam — disse a madre superiora Harishka —. Ficará aqui até sua filha nascer.

Aqueles de coração fraco, sejam fortes e não temam. Aqui está seu Deus que virá para vingá-los. Virá e os salvará dos adoradores de máquinas.

Bíblia Católica Laranja

Na ala das concubinas do palácio imperial, máquinas de massagem batiam e amassavam a pele, e aplicavam óleos perfumados em todo o glorioso contorno das mulheres do imperador. Sofisticados engenhos de manutenção física extraíam a celulite, melhoravam o tônus muscular, alisavam abdomens e papadas, e suavizavam a pele com diminutas injeções. Todos os detalhes deviam adaptar-se às preferências de Elrood, embora não parecesse mais muito interessado. Até a mais velha das quatro mulheres, a setuagenária Grera Cary, conservava a aparência de uma mulher com a metade de sua idade, graças em parte a freqüentes libações de especiaria.

A luz da aurora se tingia de âmbar ao filtrar-se pelas grossas janelas de plaz blindado. Quando a massagem de Grera terminou, a máquina a envolveu em uma toalha de *khartan* morna e cobriu seu rosto com um pano refrescante, empapado em eucalipto e zimbro. A cama da concubina se transformou em uma poltrona sensiforme, que se amoldou perfeitamente a seu corpo.

Um equipamento de manicure desceu do teto, e Grera sussurrou suas meditações diárias enquanto cortavam, poliam e pintavam de verde intenso as unhas dos pés. A máquina voltou para seu compartimento do teto, a mulher se levantou e deixou

cair a toalha. Um campo elétrico passou sobre seu rosto, braços e pernas, e eliminou os pêlos quase invisíveis.

Perfeita. Até mesmo para o imperador.

Do contingente atual de concubinas, só Grera era bastante velha para se lembrar de Shando, um brinquedo que tinha abandonado o serviço imperial para casar-se com um herói de guerra e levar uma vida normal.

Elrood não tinha dado muita atenção a Shando quando estava entre suas numerosas mulheres, mas depois que ela partiu tinha esquecido as demais e lamentado sua perda. Durante os anos posteriores, muitas de suas concubinas favoritas eram parecidas com Shando.

Enquanto observava as outras concubinas submeterem-se a procedimentos similares de cuidados corporais, Grera Cary pensou que as coisas tinham mudado muito para o harém do imperador. Menos de um ano antes, estas mulheres se reuniam em poucas ocasiões, pois Elrood estava quase sempre com alguma delas, cumprindo o que ele chamava de seus deveres imperiais. Uma das concubinas, natural de Eleccan, tinha batizado o velho fauno com um apelido que perdurou. Fornicário, uma referência a suas proezas e apetites sexuais. As mulheres só o usavam entre si, em tom de brincadeira.

— Alguma de vocês viu o Fornicário? — perguntou a mais alta das duas concubinas de menor idade, do outro extremo da sala.

Grera trocou um sorriso com ela, e as mulheres riram como colegiais.

— Temo que nosso carvalho imperial se transformou em salgueiro chorão.

O ancião quase não ia a ala das concubinas. Embora passasse tanto tempo na cama como antes, era por um motivo muito diferente. Sua saúde se deteriorara com grande rapidez, e sua libido já tinha morrido. Só faltava sua mente.

De repente, as mulheres emudeceram, e se viraram alarmadas para a entrada principal da ala das concubinas. O príncipe herdeiro Shaddam entrou sem se anunciar, seguido de seu onipresente acompanhante Hasimir Fenring, a quem chamavam o Furão por sua cara estreita e queixo fino. As mulheres cobriram sua nudez rapidamente e ficaram imóveis em sinal de respeito.

— Qual é a piada, *hummmm*? — perguntou Fenring —. Ouvi risadas.

— As garotas estavam brincando — disse Grera. Como era a mais velha, estava acostumada a falar em nome de todas.

Havia rumores que aquele homem de pouca estatura matara a punhaladas duas de suas amantes, e Grera acreditava, devido a seu porte escorregadio. Graças a seus muitos anos de experiência, aprendera a reconhecer um homem capaz de crueldades sem conta. Dizia-se que a genitálias de Fenring era estéril e disformes embora sexualmente funcionais. Nunca tinha se deitado com ele, nem o desejava.

Fenring a estudou com seus olhos grandes e desalmados e depois se aproximou das duas loiras novas. O príncipe herdeiro ficou perto da porta que dava para o *solarium*. Shaddam, magro e ruivo, usava um uniforme cinza Sardaukar debruado de prata e ouro. Grera sabia que o herdeiro imperial gostava de brincar de soldado.

— Peço-lhe que me conte a piada — insistiu Fenring. Falou com a loira menor, uma adolescente um pouco mais baixa que ele. Seus olhos recordavam os de Shando —. O príncipe Shaddam e eu temos muito senso de humor.

— Era uma conversa privada — respondeu Grera ao mesmo tempo em que avançava com um gesto protetor —. Coisas pessoais.

— Ela não sabe falar? — respondeu Fenring, e cravou os olhos em Grera. Usava um manto negro debruado em ouro e muitos anéis nas mãos

—. Se for escolhida para entreter o imperador Padishah, tenho certeza que saberá contar uma piada, *hummmm*?

— Grera já disse — insistiu a loira —. Coisas de garotas. Não vale a pena repetir.

Fenring agarrou um extremo da toalha que envolvia seu corpo curvilíneo. Surpresa e temor surgiram no rosto da moça. Fenring puxou a toalha e deixou um dos seus seios descoberto.

— Chega de tolices, Fenring — disse Grera, irritada —. Somos concubinas reais. Só o imperador pode nos tocar.

— Que sorte ele têm.

Fenring olhou para Shaddam. O príncipe herdeiro assentiu.

— O que ela diz é verdade, Hasimir. Se quiser, cederei uma de minhas concubinas.

— Mas não lhe fiz mal, meu amigo. Só estava ajustando sua toalha.

— Soltou-a, e a moça voltou a cobrir-se —. E o imperador tem... *hummmm*, utilizado seus serviços com freqüência nos últimos tempos? Ouvimos dizer que uma de suas partes já morreu.

Fenring olhou para Grera Cary, mais alta que o Furão.

Grera olhou para o príncipe herdeiro em busca de apoio e proteção, mas não os encontrou. Os olhos frios do homem se desviaram dela. Por um momento, a mulher se perguntou como o herdeiro imperial seria na cama, se possuiria os dotes sexuais de seu pai. Duvidava disso. A julgar por seu aspecto frígido, até mesmo o velho prostrado em seu leito de morte seria melhor amante.

— Anciã, você virá comigo, e continuaremos falando de piadas —

ordenou Fenring —. Pode até ser que troquemos algumas. Posso ser um homem muito divertido.

— Agora, senhor? — Apontou para a toalha *khartan*.

Os olhos chamejantes de Fenring se entreabriram ominosamente.

— Uma pessoa na minha posição não tem tempo para esperar que uma mulher se vista. É claro que agora! — Agarrou uma ponta da toalha e a puxou. Grera o seguiu, esforçando-se por manter a toalha ao redor do seu corpo —. Por aqui. Venha, venha.

Enquanto Shaddam os seguia, divertido, Fenring puxou-a para a porta.

— O imperador se saberá disto! — protestou a mulher.

— Fale mais alto, porque a cada dia ele está mais surdo. — Fenring lhe dedicou

um sorriso diabólico —. Que vai dizer? Há dias em que nem sequer se lembra do seu nome. Não vai se incomodar com uma harpia como você.

Seu tom provocou um calafrio na espinha dorsal de Grera. As outras concubinas viram, confusas e indefesas, que sua grande representante era tirada sem cerimônias para o corredor.

Àquelas horas da manhã não se viam membros da corte, só guardas Sardaukar em posição de sentido. E com o príncipe coroado Shaddam presente, os guardas não viam nada. Grera olhou para eles, mas no caso poderia ser invisível.

Como parecia que sua voz nervosa irritava Fenring, Grera decidiu que o mais prudente seria guardar silêncio. O Furão se comportava de uma maneira estranha, mas como concubina imperial não devia temer nada dele.

O furtivo homem não ousaria cometer a estupidez de lhe fazer mal.

Olhou para trás e descobriu que Shaddam tinha desaparecido por algum passadiço. assim, estava sozinha com aquele homem malvado.

Fenring atravessou uma barreira de segurança e empurrou Grera para o interior de uma habitação. Caiu sobre um chão de *mármolplaz* branco e negro. Tratava-se de uma estadia ampla, com uma chaminé de pedra e cimento que dominava uma das paredes, destinada em outro tempo como quarto de convidados, mas agora desprovida de móveis. Cheirava a pintura fresca e a abandono.

A porta se fechou. Shaddam ainda não tinha aparecido. O que aquele homenzinho queria?

Fenring extraiu de seu manto um ovalóide com jóias verdes incrustadas. Depois de apertar um botão no lado, apareceu uma longa folha verde, que cintilou à luz da estadia.

— Não a trouxe aqui para interrogá-la, harpia — disse suavemente.

Ergueu a arma —. De fato, vou provar isto. Nunca gostei de algumas prostitutas do imperador.

O assassinato não era novidade para Fenring, e matava com as mãos com tanta freqüência como tramava acidentes ou pagava assassinos de aluguel. Algumas

vezes gostava de derramar sangue, em outras preferia sutilezas e blefes. Quando era mais jovem, logo que completou dezenove anos, saiu do palácio imperial de noite e matou aleatoriamente a dois funcionários só para provar a si mesmo que era capaz. Ainda tentava manter-se em forma.

Fenring sempre soubera que possuía a vontade de ferro necessária para assassinar, mas se surpreendia com o prazer que sentia. Matar Fafnir, o príncipe herdeiro anterior, fora seu maior triunfo, até agora. Assim que o velho Elrood morresse por fim, teria outro motivo de orgulho. Não posso aspirar nada mais alto.

Mas precisava estar atualizado sobre as novas técnicas e inventos.

Quem sabia quando poderiam lhe ser úteis. Além disso, aquela neuronavalha era tão intrigante... Grera arregalou os olhos para a brilhante folha verde.

— O imperador me ama! Não pode...

— Ele a ama? Com uma concubina de três no quarto? Passa mais tempo chorando por culpa de sua amada Shando. Elrood está tão senil que nem sequer perceberá seu desaparecimento, e as outras concubinas se alegrarão por serem promovidas.

Antes que Grera pudesse escapar, Fenring saltou sobre ela e a prendeu.

— Ninguém vai chorar sua perda, Grera Cary.

Ergueu a folha verde e, com um brilho malévolo nos olhos, apunhalou-a repetidas vezes no torso recém hidratado e massageado. A toalha de *khartan* caiu ao chão.

A concubina gritou de dor, voltou a gritar, sofreu espasmos e estremecimentos e por fim emudeceu. Nem feridas nem sangue, só uma agonia imaginária. Toda a dor, mas nenhuma marca incriminatória. Podia existir uma melhor forma de matar?

Enquanto o prazer ofuscava seu cérebro, Fenring se ajoelhou junto à concubina, examinou seu corpo bem formado, caído sobre a toalha. Bom tom de pele, músculos firmes, distendidos por causa da morte. Custava acreditar que aquela mulher fosse tão velha como afirmava. Seria necessário um montão de melange

e muito exercício. Procurou o pulso de Grera, mas não o encontrou. Decepcionante, em certo sentido.

Não havia sangue em seu corpo nem na folha verde, nem feridas profundas, mas a matara a punhaladas. Ao menos assim ela tinha pensado.

Uma arma interessante, o neuropunhal. Era a primeira vez que o utilizava. Fenring gostava de provar as ferramentas de sua profissão, porque não queria que uma crise o surpreendesse.

Chamado Ponta por seu inventor richesiano, era uma das poucas inovações recentes daquele aborrecido planeta que Fenring considerava positivas. A folha verde imaginária deslizou em sua bainha com um estalo muito realista. A vítima não só tinha pensado que a estavam apunhalando, mas também sentira por meio de uma intensa estimulação dos neurônios!

experimentara uma agressão bastante violenta para matá-la. Em certo sentido, tinha sido a mente de Grera que a matara. E agora não havia sinais em sua pele.

Nessas ocasiões, o sangue verdadeiro acrescentava um toque estimulante a uma experiência já por si emocionante, mas limpá-lo era bastante incomodo.

Reconheceu ruídos familiares atrás de si: uma porta que se abria e um campo de segurança desativado. virou-se e viu Shaddam, que o observava.

— Isso era necessário, Hasimir? Que desperdício... De qualquer modos, tinha sido útil por mais tempo que o normal.

— Creio que a pobrezinha sofreu um enfarte. — Fenring extraiu de uma dobra de seu manto outra Ponta, esta adornada com rubis e de folha vermelha —. Deveria testar esta também — disse —. Seu pai está agüentando mais do que imaginávamos, e isto acabaria com ele num abrir e fechar de olhos. Não encontrariam nenhuma marca no seu corpo. Por que esperar que o *n´kee* faça seu trabalho?

Sorriu.

Shaddam meneou a cabeça, como se algo tivesse lhe ocorrido. Olhou ao redor, estremeceu e tentou aparentar severidade.

— Esperaremos o que for necessário. Concordamos em não dar passos bruscos.

Fenring odiava o príncipe quando tentava pensar muito.

— *Hummmm*? Pensei que estava ansioso! Tomou decisões comerciais terríveis, esbanja o dinheiro dos Corrino sem pensar. — Seus grandes olhos cintilaram —. Quanto mais se conservar neste estado, mais a história o lembrará como um governante patético.

— Não posso lhe infligir mais danos — disse Shaddam —. Temo as conseqüências.

Hasimir Fenring fez uma reverência.

— Como quiser, meu príncipe.

Saíram da habitação, deixando o cadáver da Grera à mercê de quem o encontrasse. Não era a primeira vez que Fenring se comportava com tanto descaramento, mas as outras concubinas não ousariam desafiá-lo. Seria uma advertência para elas, e brigariam entre si para tomar o lugar da favorita do velho impotente, aproveitando a situação.

Quando o imperador descobrisse, nem mesmo se lembraria do nome de Grera Cary.

O homem não é mais que um calhau arrojado num lago. E como não é mais que um calhau, suas obras não podem ser superiores a ele.

Aforismo Zensunni

Leto e Rhombur treinavam por muitas horas a cada dia, no estilo Atreides. Entregavam-se à rotina com todo seu entusiasmo e determinação.

O corpulento príncipe ixiano recuperou seu vigor, perdeu um pouco de peso e endureceu seus músculos.

Os dois jovens se entendiam muito bem e formavam uma boa dupla de treinamento. Como confiavam um no outro, Leto e Rhombur não se preocupavam com limites, certos de que nada ruim aconteceria.

Embora treinassem com vigor, o velho duque confiava em transformar o príncipe exilado em algo mais que um guerreiro competente.

Também queria que o filho de seu amigo fosse feliz e se sentisse em casa.

Paulus podia apenas imaginar os horrores que os pais renegados de Rhombur sofreriam nos limites da galáxia.

Thufir Hawat permitia que os dois jovens lutassem com imprudência e abandono, para que polissem suas habilidades. Leto não demorou para notar melhora, tanto nele como no herdeiro dos restos da Casa Vernius.

Seguindo os conselhos do Professor de Assassinos a respeito das armas da cultura e diplomacia, tanto como da esgrima, Rhombur se interessou pela música. Testou vários instrumentos antes de decidir-se pelos tons tranqüilizadores mas complicados do *baliset* de nove cordas.

Apoiado contra um muro do castelo, interpretava canções singelas, melodias que tocava de ouvido, lembranças de sua infância, ou agradáveis toadas que ele mesmo compunha.

Freqüentemente, sua irmã Kailea o escutava tocar enquanto estudava suas lições de história e religião, dedicação tradicional das jovens nobres.

Helena Atreides a ajudava em seus estudos à pedido do duque Paulus.

Kailea estudava com perseverança, resignada com sua situação de prisioneira política no castelo de Caladan, mas também tentava imaginar um futuro melhor.

Leto sabia que o ressentimento de sua mãe sobrevivia sob as águas serenas de sua aparência. Helena era uma professora severa com Kailea, mas a jovem respondia com determinação.

Uma noite, Leto subiu para a habitação da torre depois que seus pais se retiraram. Queria pedir ao seu pai que o deixasse pilotar um veleiro para percorrer a costa. Entretanto, quando se aproximou da porta dos aposentos ducais, ouviu o duque e Helena discutindo violentamente.

— Você tentou encontrar um novo lar para esse par? — Pelo tom de sua mãe, Leto adivinhou a quem se referia —. Não tenho dúvida de que uma Casa Menor

os acolheria se pagasse um generoso suborno.

— Não tenho intenção de enviar esses meninos para lugar nenhum, e você já sabe. São nossos convidados e aqui se encontram a salvo dos odiosos Tleilaxu. — Sua voz se transformou em um grunhido —. Não entendo por que Elrood não envia seus Sardaukar para expulsar esses insetos das cavernas de IX.

— Apesar de suas qualidades desagradáveis — disse Helena com a voz crispada —, os Tleilaxu devolverão as fábricas de lx ao caminho correto, e obedecerão as normas impostas pela Jihad Butleriana.

Paulus bufou de exasperação, mas Leto sabia que sua mãe falava muito sério, e isso o aterrou ainda mais. Sua voz adquiriu um tom mais fervoroso quando tentou convencer seu marido.

— Não consegue entender que tudo estava escrito? Nunca deveria ter enviado Leto a IX. Ele foi corrompido por seus costumes, suas idéias, sua completa ignorância das leis de Deus. Ainda bem que a conquista de IX o trouxe de volta. Não cometa o mesmo erro.

— Erro? Estou encantado com tudo que nosso filho aprendeu.

Algum dia será um duque estupendo. Pare de se preocupar. Não sente pena pelos pobres Rhombur e Kailea?

— Por culpa de seu orgulho, o povo de IX violou a lei, e o pagou caro. Deveria sentir pena deles? Não acredito.

Paulus deu um murro em um móvel e Leto ouviu o grito de uma cadeira empurrada para um lado.

— Devo acreditar que conhece tão bem o funcionamento interno de IX para emitir tais julgamentos? Ou chegou a essa conclusão apoiando-se no que quer escutar, sem se preocupar com a absoluta falta de provas? — O

duque riu, e seu tom se suavizou —. Além disso, parece que está trabalhando bastante bem com a jovem Kailea. Gosta da sua companhia.

Como pode dizer essas coisas da moça, e depois fingir amabilidade com ela?

Helena respondeu em tom razoável:

— Os meninos não podem evitar ser o que são, Paulus. Não pediram para nascer ali nem crescer ali, expostos a ensinos perversos. Acha que leram a Bíblia Católica Laranja alguma vez? Não é culpa dela. São o que são, e não posso odiá-los por isso.

— Então o que...

Ela respondeu com tanta veemência, que Leto deu um passo atrás, surpreso.

— Foi você que tomou uma decisão, Paulus. A decisão errada e isso vai custar muito caro, para você e para sua Casa também.

— Não havia outra alternativa, Helena. Por minha honra e por minha palavra, não havia outra alternativa.

— Mas foi você quem tomou a decisão, apesar das minhas advertências e conselhos. Só você. — Sua voz transmitia uma frieza aterradora —. Tem que viver com as conseqüências, e as enfrentar.

— Oh, acalme-se e vá dormir, Helena.

Leto, perturbado, partiu em silêncio, sem esperar que apagassem as luzes.

No dia seguinte, uma manhã calma e ensolarada, Leto e Rhombur apareceram em uma janela e admiraram os moles construídos na base do promontório. O oceano se estendia como uma pradaria verde-azulada que se curvava no horizonte longínquo.

— Um dia perfeito — disse Leto, ao compreender como seu amigo sentia saudades da cidade subterrânea de Vernii, e que talvez estivesse cansado de tanta intempérie —. Acho que chegou o momento de te mostrar Caladan.

Os dois desceram a estreita escada do escarpado e evitaram o musgo escorregadio e as incrustações brancas de espuma salgada.

O duque tinha várias embarcações amarradas no mole, e Leto escolheu seu favorita, uma lancha a motor branca de uns quinze metros de comprimento. Seu casco, largo e reluzente, tinha uma espaçosa cabine na proa e aposentos para

dormir abaixo, aos quais se acessava através de uma escada em espiral. Na popa da cabine havia duas cobertas, no meio do navio e na popa, com áreas de carga abaixo. Era uma embarcação excelente para pescar ou navegar. Módulos auxiliares guardados em terra podiam ser instalados para mudar as funções da embarcação: aumentar o espaço da cabine ou transformar as áreas de carga em camarotes adicionais.

Os criados prepararam a comida, enquanto três marinheiros checaram todos os sistemas de bordo, em preparação para a travessia.

Rhombur percebeu que Leto tratava aquela gente como amigos.

— A perna da sua mulher está melhor, Jerrik Terminoy o telhado da sua casa, Dom?

Enquanto Rhombur contemplava os preparativos com curiosidade e emoção, Leto lhe afagou o ombro.

— Lembra da sua coleção de rochas? Você e eu vamos mergulhar para colher gemas coralinas.

Aquelas pedras preciosas, que se eram encontradas nos recifes de coral, eram muito populares em Caladan, mas de manejo perigoso. Dizia-se que as gemas coralinas continham seres vivos microscópicos, que faziam dançar e brilhar seus fogos internos. Devido ao perigo e ao seu valor, as gemas não eram muito cobiçadas para a exportação, tendo em conta a alternativa mais rentável das pedras *soo* do Buzzell mas, mesmo assim eram encantadoras.

Leto queria dar uma de presente para Kailea. Devido a riqueza da Casa Atreides, podia se permitir o luxo de comprar para a irmã de Rhombur tesouros de muito maior valor se assim desejasse, mas o presente seria mais significativo se ele o conseguisse por seus próprios meios. De qualquer modo, ela agradeceria.

Quando os preparativos terminaram, Rhombur e ele subiram na embarcação de vime. Enquanto os marinheiros soltavam amarras, um deles perguntou:

— Consegue pilotá-la sozinho, meu senhor?

Leto riu.

— Jerrik, sabe que faz anos que piloto estes barcos. O mar está calmo e levamos a bordo um comunicador. De qualquer modo, obrigado.

Não se preocupe, não iremos muito longe, só até os recifes.

Rhombur tentou ajudar, seguindo as indicações de Leto. Nunca tinha subido em um navio exposto ao ar livre. Os motores os conduziram para longe dos escarpados, até sair a mar aberto. A luz do sol cintilava sobre a superfície frisada da água.

O príncipe de IX se acotovelou na proa, enquanto Leto manipulava os controles. Rhombur, sorridente, saboreava a experiência da água, vento e sol. Aspirou uma profunda baforada de ar.

— Sinto-me tão só e livre aqui.

Rhombur viu massas flutuantes de algas marinhas e frutas redondas parecidas com cabaças.

— Melões paradan — explicou Leto —. Se quiser um, pegue-o. Não desperdice a oportunidade, embora para mim sejam muito salgados.

Ao longe, a estibordo, um bando de golfinhos nadava com seus troncos peludos. Tratava-se de peixes grandes mas inofensivos, que derivavam com as correntes oceânicas e cantavam para si, como se chorassem.

Leto pilotou a lancha durante uma hora, consultando mapas e planos por satélite, em direção a um grupo de recifes. Entregou binóculos para Rhombur e indicou uma mancha de espuma. Negras cristas rochosas isoladas se sobressaíam entre as ondas, como o lombo de um monstro adormecido.

— Esse é o recife — disse Leto —. Lançaremos âncora a meio quilômetro para não correr riscos. Depois mergulharemos. — Abriu um compartimento e tirou uma bolsa e uma pequena faca em forma de espátula para cada um —. As gemas coralinas não crescem a muita profundidade.

Mergulharemos sem garrafas de oxigênio. — Bateu nas costas de Rhombur

—. Já passou da hora de começar a pagar a hospedagem.

— Já faço o bastante evitando que, *er*, você se meta em confusões —

replicou Rhombur.

Uma vez lançada a âncora, Leto indicou uma sonda que mapeava os contornos dos recifes.

— Olhe isto — disse, e se afastou para que seu amigo observasse a tela —. Está vendo essas rachaduras e pequenas covas? Ali encontraremos as gemas coralinas.

Rhombur assentiu.

— Cada uma está incrustada em uma casca, uma espécie de crosta orgânica que lhe cresce ao redor. Não parece muito atraente até ser aberta e mostre as pérolas mais belas de toda a criação, parecem lágrimas fundidas de estrela. Tem que conservá-las sempre em água, porque o ar as oxida imediatamente e se transformam em bombas incendiárias.

— Ah — disse Rhombur, sem saber o que aquilo significava, mas seu orgulho o impediu de perguntar. Prendeu o cinturão, com a faca e uma pequena lanterna.

— Vou lhe mostrar como fazer quando descermos — disse Leto —.

Quanto tempo você aguenta sem respirar?

— O mesmo que você — disse o príncipe de IX —, naturalmente.

Leto tirou a camisa e as calças, enquanto Rhombur se apressava a imitá-lo. Os dois jovens mergulharam ao mesmo tempo. Leto mergulhou na água morna, até sentir a pressão ao redor do crânio.

O recife formava uma intrincada paisagem submarina. Borlas de coral oscilavam a mercê das suaves correntes, e as diminutas bocas de suas folhas absorviam fragmentos de plâncton. Peixes multicoloridos entravam e saíam pelos buracos do coral.

Rhombur apontou para uma longa enguia purpúrea, que passava agitando uma cauda engalanada com as cores do arco íris. O ixiano tinha um aspecto cômico com as bochechas inchadas, tentando conter o ar.

Leto avançava paralelo à barreira coralina, esquadrinhando as rachaduras com sua lanterna. Quando seus pulmões começaram a doer, chegou por fim a uma protuberância descolorida e fez gestos a Rhombur, que se aproximou. Entretanto, enquanto tirava a faca para desprender a gema coralina, Rhombur agitou os braços e subiu na maior rapidez possível, a ponto de afogar-se.

Leto continuou sob a água, embora seu coração martelasse. Por fim, soltou o nódulo, que devia conter uma gema de tamanho médio e nadou para a superfície, com os pulmões a ponto de explodir. Encontrou Rhombur, ofegante, obstinado na beira da massa coralina.

— Encontrei uma — disse Leto —. Olhe.

Segurou sob a água e a golpeou com a faca até que esta se partiu. Em seu interior, um ovóide disforme projetava uma luz perlífera. Minúsculas manchinhas brilhantes circulavam como areia fundida no interior da massa transparente.

— Maravilhosa — disse Rhombur.

Leto saiu e subiu à coberta, baixou um balde até a água, encheu-o e deixou cair a gema dentro, antes de que secasse em suas mãos.

— Agora você precisa encontrar a sua.

O príncipe assentiu, com o cabelo loiro colado à cabeça por culpa das algas, respirou várias vezes e voltou a mergulhar. Leto o seguiu.

Ao fim de uma hora tinham recolhido meio balde de belas gemas.

— Boa pesca — disse Leto, agachado na coberta ao lado de Rhombur que, fascinado pelo tesouro, mergulhou as mãos no balde —.

Você gosta?

Rhombur grunhiu. Um prazer infantil brilhava em seus olhos.

— Estou com fome — disse Leto —. vou preparar as bolsas alimentícias.

— Eu também estou esfomeado. *Er*, precisa de ajuda?

Leto se levantou e ergueu seu nariz aquilino com ar altivo.

— Senhor, sou o herdeiro do ducado, e um longo histórico a minhas costas testemunha minha capacidade para preparar uma bolsa alimentícia.

Encaminhou-se à cozinha, enquanto Rhombur classificava as gemas, parecendo um menino brincando com bolinhas de vidro.

Algumas eram esféricas, outras disformes e picadas. Rhombur se perguntou por que algumas possuíam brilho interior, enquanto outras pareciam apagadas em comparação. Deixou as três maiores sobre a coberta do meio e viu a luz do sol brilhar sobre elas, uma pálida sombra comparada com o brilho preso em seu interior. Observou suas diferenças e se perguntou o que fariam com aquele tesouro.

Sentia falta de sua coleção de gemas e cristais, ágatas e geodas de IX. Aventurou-se em covas, túneis e poços para encontrá-las. Dessa forma tinha aprendido muita geologia... mas os Tleilaxu tinham expulsado a ele e sua família do planeta. Viu-se obrigado a abandonar tudo. Rhombur decidiu que, se alguma vez voltasse a ver sua mãe, poderia lhe dar um maravilhoso presente.

Leto apareceu na porta da cozinha.

— A comida está pronta. Venha comer antes que esfrie.

Rhombur foi sentar se à pequena mesa, enquanto Leto servia duas terrinas fumegantes de sopa de ostras caladana, regada com vinho dos vinhedos da Casa Atreides.

— Minha avó inventou esta receita. É uma de minhas favoritas.

— Não está nada mal. Embora você a tenha feito. — Rhombur bebeu da terrina e lambeu os lábios —. Estou contente por, *er*, minha irmã não tet vindo — disse, tentando dissimular o tom zombeteiro —. Com certeza teria vindo com vestido de gala e não poderia nadar conosco.

— Certamente — respondeu Leto, pouco convencido —. Tem razão.

Era evidente para todos que Kailea e ele flertavam, embora Rhombur compreendesse que, devido aos aspectos políticos, um romance entre eles seria

imprudente no melhor dos casos, e perigoso no pior.

O sol brilhava sobre a coberta, esquentava as pranchas de madeira, secava a água salpicada... e expunha as frágeis gemas coralinas ao ar oxidante. De súbito, e em uníssono, as três gemas maiores explodiram em labaredas incandescentes.

Leto ficou em pé de um salto, derrubando sua terrina de sopa.

Chamas alaranjadas e azuis se ergueram e atearam fogo à coberta, incluído o bote salva-vidas. Uma das gemas coralinas explodiu e lançou fragmentos incandescentes em todas direções.

Ao fim de alguns segundos, duas gemas mais furaram a coberta e caíram na área de carga, onde devoraram as caixas. Alguma delas fez explodir o depósito de combustível de reserva, enquanto a segunda perfurava o fundo para apagar-se na água. O casco de vime, embora tratado com um produto químico anticombustão, não suportaria esse calor.

Leto e Rhombur saíram da cozinha e gritaram sem saber o que fazer.

— Fogo! Temos que apagar o fogo!

— São as gemas coralinas! — Leto procurou algo que servisse para extinguir as chamas —. Depreendem muito calor e não se apagam com facilidade.

A embarcação oscilou quando algo explodiu na adega. O bote salva-vidas estava rodeado de chamas.

— Poderíamos afundar — disse Leto —, e estamos muito longe da costa.

Agarrou um extintor e espalhou o conteúdo sobre as chamas.

Tiraram mangueiras e bombas de água de um compartimento e molharam o navio com água marinha, mas a área de carga já estava inundada. Uma fumaça negra e gordurosa surgia pelas rachaduras da coberta superior. Um assobio de alarme indicou que estava entrando muita água.

— Estamos afundando! — gritou Rhombur enquanto lia os instrumentos. Tossiu por causa da fumaça acre.

Leto lhe jogou um colete salva-vidas e prendeu outro ao redor da cintura.

— Está vendo o comunicador. Envia nossa posição e um SOS. Sabe como funciona?

Rhombur assentiu, enquanto Leto utilizava outro extintor químico, sem o menor êxito. Rhombur e ele ficariam presos ali. Tinham que chegar à terra.

Recordou os sermões do seu pai: Quando se encontrar em meio de uma crise, preocupe-se primeiro com o que possa solucionar. Depois, quando tiver esgotado todas as possibilidades, dedique-se aos aspectos mais difíceis.

Rhombur gritava pelo comunicador e repetia a chamada de socorro.

Leto ignorou o incêndio. O navio estava afundando e logo estaria submerso. Olhou para bombordo e viu água espumante ao redor do recife.

precipitou-se para a cabine.

Antes que o fogo chegasse aos motores de popa, colocou a embarcação em movimento, utilizou o cortador de emergência para partir a âncora e se lançou para o recife. A embarcação em chamas parecia com um cometa na água.

— O que está fazendo? — gritou Rhombur — Para onde vamos?

— Para o recife! Tentarei encalhar para não nos afundar. Depois apagaremos o fogo.

— Vai bater o barco contra o recife? Isso é uma loucura!

— Prefere afundar aqui?

Para sublinhar suas palavras, outro pequeno depósito de combustível explodiu, e toda a coberta estremeceu.

Rhombur se agarrou à mesa escorada da cozinha para conservar o equilíbrio.

— Como quiser.

— Recebeu resposta pelo comunicador?

— Não. Espero, *er*, que tenham ouvido.

Leto disse que continuasse tentando, coisa que Rhombur fez, mas em vão.

As ondas se encrespavam ao seu redor, até o corrimão da ponte.

Fumaça negra se erguia para o céu. O fogo chegou ao compartimento de máquinas. A embarcação afundou um pouco mais. Leto forçou as máquinas, sempre em direção as rochas. Ignorava se ia ganhar a aposta.

Como se fossem impulsionadas por um demônio, ergueu-se espuma a frente deles, ameaçando formar uma barreira, mas Leto não mudou o rumo.

— Aguente!

No último momento, o fogo tomou os motores. O navio continuou avançando por inércia e se chocou contra o recife denteado. Leto e Rhombur caíram ao chão. Rhombur recebeu um golpe na cabeça e se levantou, aturdido. Sangrava de um corte na testa, muito perto da velha ferida recebida durante a fuga de IX.

— Vamos! Pela amurada! — Leto gritou.

Agarrou seu amigo e o tirou da cabine aos empurrões. Extraiu do compartimento dianteiro mangueiras e bombas de água portáteis, que atirou para as águas espumantes.

— Afunde a ponta desta mangueira na maior profundidade possível.

Tente não se cortar no recife.

Rhombur subiu para o corrimão, seguido por Leto, que tentou conservar o equilíbrio. O navio estava imobilizado, assim no momento afogar-se estava descartado. Só tinham que se preocupar com o desconforto.

As bombas entraram em ação, e os dois rapazes utilizaram suas mangueiras. Uma espessa cortina de água caiu sobre as chamas. Rhombur secou o sangue que o cegava e continuou trabalhando. Molharam a embarcação com incontáveis correntes, até que por fim as chamas começaram a retroceder.

Rhombur tinha um aspecto patético e maltrapilho, mas Leto experimentava um

estranho júbilo.

— Animo, Rhombur. Pense que em IX tivemos que escapar de uma revolução que quase destruiu o planeta. Em comparação, este pequeno contratempo parece uma brincadeira, não é?

— *Er*, de acordo — disse Rhombur num tom lúgubre —. Fazia séculos que não me divertia tanto.

Os dois se sentaram mergulhados até a cintura em água, enquanto continuavam utilizando as mangueiras. A fumaça se erguia para o céu espaçoso de Caladan como um sinal de auxílio.

Não demoraram a ouvir o longínquo rugido de motores potentes, e momentos depois apareceu à vista uma embarcação de alta velocidade, provida de asas e quilha dupla, capaz de alcançar grandes velocidades sobre a água. Aproximou-se, a um distância prudente das rochas. Na coberta de proa, Thufir Hawat meneava a cabeça em sinal de desaprovação, olhando para Leto.

Entre as responsabilidades do governo está a necessidade de castigar... mas só quando a vitima assim exige.

Príncipe Raphael Corrino, Discursos sobre liderança em um império galáctico, 12.º edição

A mulher, com o cabelo desgrenhado, as roupas rasgadas e inadequadas para o deserto, corria pela areia procurando um meio de escapar.

Janeas Milam olhou para o alto e piscou para conter as lágrimas que escorriam de seus olhos. Quando viu a sombra da plataforma suspensora onde o barão Harkonnen e seu sobrinho Rabban estavam, apertou o passo.

Seus pés afundaram na areia e perdeu o equilíbrio. Cambaleou para a extensão aberta, mais tórrida, mais seca, mais letal.

O martelo de areia enterrado a sotavento de uma duna próxima, vibrava, pulsava... chamava.

Tentou encontrar um refúgio de rochas, cavernas frescas, até mesmo a sombra de um penhasco. Ao menos queria morrer sem que a vissem, para que não

pudessem rir dela. Mas os Harkonnen a tinham lançado em meio de muitas dunas.

Da plataforma suspensora, o barão e seu sobrinho observavam os esforços da mulher, uma diminuta figura humana na areia. Os observadores estavam vestidos com trajes destiladores, com as máscaras baixadas.

Tinham retornado a Arrakis vindo de Giedi Prime umas semanas antes, e Janess tinha chegado na nave prisão do dia anterior. A princípio, o barão havia pensado em executar a traidora em Barony, mas Rabban queria que ela sofresse perante seus olhos, nas areias calcinadas, como castigo por ter ajudado Duncan Idaho a escapar.

— Parece insignificante ali embaixo, não é? — comentou o barão, sem interesse. Às vezes seu sobrinho tinha idéias esplêndidas, embora carecesse da concentração necessária para colocá-las em prática. — Isto é muito mais satisfatório que uma simples decapitação, e benéfico para os vermes. Comida para eles.

Rabban emitiu um som gutural.

— Isso não deve demorar. Estes martelos de areia sempre atraem algum verme.

O barão estava erguido em toda sua estatura sobre a plataforma, sentindo o calor do sol e o suor em sua pele. Seu corpo doía, uma sensação que experimentava fazia vários meses. Impulsionou a plataforma para frente, para poder ver melhor à vítima.

— Esse menino se transformou em um Atreides — murmurou —, pelo que me disseram. Trabalha com os touros salusanos do duque.

— Se voltar a vê-lo, é homem morto. — Rabban secou o suor de sua testa torrada pelo sol —. A ele e a qualquer Atreides que pegar.

— Você age como um boi, Rabban. — O barão apertou o ombro forte do seu sobrinho —. Mas não gaste energias com coisas insignificantes. Nosso verdadeiro inimigo é a Casa Atreides, não um simples menino de quadras. Uma menino de quadras... *hummm*...

Janess escorregou de bruços pela encosta de uma duna e ficou em pé de novo. O

barão riu.

— Nunca conseguirá se afastar do batedor a tempo — comentou.

As vibrações ressonantes continuavam pulsando clandestinamente, como o longínquo tamborilar de uma canção de morte.

— Aqui faz muito calor — grunhiu Rabban —. Podia ter trazido um dossel.

Levou o tubo do traje destilador a boca e tomou um pouco de água.

— Eu gosto de suar. Faz bem para a saúde, limpa os venenos do sistema.

Rabban se remexeu, inquieto. Quando se cansou de contemplar os esforços inúteis da mulher, olhou para a distância em busca do monstro.

— O que aconteceu com o planetólogo que o imperador nos enviou?

Uma vez o levei para caçar vermes.

— Kynes? Quem sabe. — O barão bufou —. Está sempre no deserto, vem a Carthag para enviar relatórios quando lhe dá vontade, e depois desaparece outra vez. Faz tempo que não sei nada dele.

— E se sofrer algum mal? Não poderíamos nos colocar em confusões por perdê-lo de vista?

— Duvido muito. A mente de Elrood já não é o que era. — O barão emitiu uma risada depreciativa —. Claro que a mente do imperador não era grande coisa nem em seu melhor momento.

A mulher de cabelo escuro, coberta agora por uma capa de pó, continuava correndo entre as dunas. Caiu e voltou a levantar-se, sem querer se render.

— Isto me aborrece — se queixou Rabban —. Ficar aqui olhando não é nada emocionante.

— Alguns castigos são fáceis — observou o barão —, mas fácil nem sempre é suficiente. Liquidar essa mulher não serve para apagar a mancha que deixou na honra da Casa Harkonnen... com a ajuda da Casa Atreides.

— Pois façamos algo mais — propôs Rabban com um sorriso de orelha a orelha —. Aos Atreides.

O barão sentia o calor em seu rosto descoberto e o silêncio ensurdecedor do deserto. Quando sorriu, a pele de suas bochechas pareceu que ia se rachar.

— Talvez o façamos.

— O que, tio?

— Talvez tenha chegado o momento de nos desfazer do velho duque. Basta de espinhos em nosso flanco.

Rabban gorjeou de impaciência.

Com uma calma estudada para enervar seu sobrinho, o barão focou seus binóculos e varreu a distância com diferentes aumentos. Confiava em localizar o verme, antes dos ornitópteros. Por fim, sentiu os tremores que se aproximavam. Seu pulso se sincronizou com o batedor: *tump... tump...*

turnp.. .

Um montículo móvel se destacou no horizonte, uma crista de areia como se um peixe monstruoso nadasse abaixo da superfície. No ar imóvel e silencioso, o barão captou o som áspero e abrasivo da besta. Agarrou o cotovelo de Rabban e apontou.

A unidade de comunicação chiou no ouvido de Rabban, e uma voz filtrada falou em voz tão alta que o barão ouviu as palavras. Rabban deu um golpe no aparelho.

— Já sabemos! Nós o vimos.

O barão continuou suas meditações enquanto o verme se aproximava como uma locomotiva.

— Fiz contato com... certos indivíduos em Caladan, sabe? O velho duque é uma pessoa apegada a seus hábitos. E os hábitos podem ser perigosos. — Sorriu e entreabriu os olhos para protegê-los do brilho —. Já enviamos alguns agentes, e tenho um plano.

Janess virou-se e correu, tomada pelo pânico. Tinha visto o verme.

O montículo chegou ao batedor. Como se uma onda gigantesca engolisse um mole, o batedor desapareceu em uma imensa boca coberta de dentes de cristal.

— Mova a plataforma — ordenou o barão —. Siga-a!

Rabban manipulou os controles e se ergueu sobre o deserto para ter luma vista melhor.

O verme mudou de direção, para seguir as vibrações dos passos da mulher. A areia se ondulou de novo quando o gigante mergulhou abaixo dela e se lançou como um tubarão em busca de uma nova presa.

Janess se deixou cair no alto de uma duna, tremula. Procurou não fazer o menor ruído. A areia escorregou a seu redor. Conteve o fôlego.

O monstro parou. Janess rezou em silêncio, morta de terror.

Rabban conduziu a plataforma até situar-se acima da mulher, Janess olhou para os Harkonnen, com a mandíbula tensa, os olhos penetrantes como adagas, sentindo-se como um animal encurralado.

O barão Harkonnen agarrou uma garrafa de licor de especiaria, esvaziada durante a longa espera da execução. Ergueu a garrafa de cristal marrom como se fosse brindar, sorridente.

O verme esperava, alerta ao menor movimento.

O barão jogou a garrafa para a mulher. O cristal deu voltas no ar e se chocou com a areia a poucos metros dos pés de Janess.

O verme se precipitou para ela.

Janess correu colina abaixo, enquanto proferia maldições contra os Harkonnen, seguida por uma pequena avalanche de areia, mas a terra se abriu abaixo ela.

A boca do verme se abriu, uma caverna de dentes cintilantes sob a luz do sol, para engolir Janess e tudo que a rodeava. Uma nuvem de pó se levantou quando a gigantesca criatura se enterrou na areia, como uma baleia sob o mar.

Rabban tocou sua unidade de comunicação e perguntou se a nave de rastreamento tinha gravado holos de alta resolução.

— Nem sequer vi seu sangue, não a ouvi gritar. — Parecia decepcionado.

— Pode estrangular um dos meus criados, se isso o consolar —

ofereceu o barão —. Mas só porque estou de bom humor.

Contemplou as dunas pela plataforma, consciente do perigo e da morte escondidos abaixo delas. Desejou que seu velho rival, o duque Paulus Atreides, estivesse no lugar da mulher. Teria utilizado todas as holocâmaras disponíveis, para desfrutar de todos os ângulos e saborear a experiência uma e outra vez, como fazia o verme.

Tanto faz, pensou o barão. Tenho pensado em algo igualmente interessante para o velho.

Diga a verdade. Sempre é mais fácil, e com freqüência é o argumento mais poderoso.

Axioma Bene Gesserit

Duncan ldaho olhou para o monstruoso touro salusano através dos barrotes que criavam um campo de força ativado em sua jaula. Seus olhos de menino se cravaram nos multifacetados do feroz animal. Tinha um lombo negro coberto de escamas, múltiplos chifres e dois cérebros que tinham um só pensamento: destruir tudo que se movesse.

Fazia semanas que o menino trabalhava nos estábulos, e se esforçava ao máximo nas tarefas mais desprezíveis. Dava de comer e beber aos touros, cuidava deles e limpava suas jaulas enquanto os animais eram retidos atrás barreiras de força.

Gostava do seu trabalho, apesar de outros o considerarem degradante. Duncan não achava isso. Considerava mais que suficiente seu pagamento de liberdade e felicidade. Devido à generosidade de seu benfeitor, o duque Paulus Atreides, amava-o de todo coração.

Duncan comia bem, dispunha de uma habitação confortável e roupa limpa. Embora ninguém exigisse, trabalhava até deixar a pele. Sempre havia momentos

para relaxar, e ele e outros empregados tinham um ginásio e uma sala de pulverização. Também podia ir banhar-se no mar, e um homem cordial dos moles o levava para pescar de vez em quando.

O velho duque tinha cinco touros para suas touradas. Duncan tentara aproximar-se dos animais, tentava domá-los com subornos de erva verde e fruta fresca, mas um exasperado Yresk, o responsável pelos estábulos, tinha-o pilhado com as mãos na massa.

— O velho duque os quer para suas touradas. Acha que os prefere mansos? — Seus olhos inchados se dilataram de raiva Tinha aceito o menino obedecendo as ordens do duque, mas a contra gosto, e não lhe dispensava nenhum trato especial —. Quer que ataquem, não que ronronem na arena.

Duncan baixara os olhos. Sempre obediente, não voltou a tentar amansar os touros.

Tinha visto hologravações das touradas do duque, assim como das tarefas de outros famosos matadores. Embora a morte de seus magníficos tutelados o entristecesse, a valentia e segurança do duque Atreides o assombrava.

A última tourada celebrada em Caladan acontecera em homenagem à partida de Leto Atreides para outro planeta. Agora, depois de muitos meses, haveria outra, pois o velho duque tinha anunciado homenagearia seus convidados de IX, que tinham se instalado em Caladan como exilados.

Exilados. Em certo sentido, Duncan também o era...

Embora seu dormitório estivesse em um edifício anexo comunal, onde viviam muitos trabalhadores do castelo, Duncan passava a noite às vezes nos estábulos, para ouvir os sons que os animais produziam. Tinha suportado circunstâncias muito piores em sua vida. Os estábulos eram confortáveis, e gostava de ficar a sós com os animais.

Sempre que dormia ali ouvia os movimentos dos touros em seus sonhos. Adaptava-se a seus estados de ânimo e instintos. Não obstante, há dias notava um nervosismo crescente nos animais, como se soubessem que sua antiga nêmeses, o velho duque, pensava em realizar outra tourada.

De pé em frente as jaulas, Duncan observou marcas recentes, onde os touros

salusanos tinham arremetido para libertar-se ou atacar inimigos imaginários.

Não era normal. Duncan sabia. Tinha passado tanto tempo estudando os touros que acreditava compreender seus instintos. Conhecia suas reações, sabia como provocá-los e acalmá-los, mas aquele comportamento era incomum.

Quando comentou isso com Yresk, o homem pareceu alarmar-se.

Coçou seu escasso cabelo branco mas logo sua expressão mudou. Cravou seus olhos desconfiados em Duncan.

— Escute, esses touros não tem nada. Se eu não o conhecesse bem, pensaria que é outro Harkonnen disposto a criar problemas. Continue com suas tarefas.

— Harkonnen! Eu os odeio.

— Você viveu com eles, rato de estábulo. Os Atreides aprenderam a viver sempre vigilantes. — Deu uma cotovelada em Duncan —. Já terminou suas tarefas, ou quer que te arranje mais?

Yresk tinha vindo de Richese muitos anos antes, de modo que não era um verdadeiro Atreides. Mesmo assim, Duncan não quis contradizê-lo, mas continuou tentando.

— Fui um escravo. Tentaram me caçar como se fosse um animal.

Yresk franziu suas espessas sobrancelhas. Devido a seu corpo gorducho e seu cabelo arrepiado e desgrenhado parecia um espantalho.

— A velha inimizade entre as Casas ainda perdura, mesmo entre as pessoas humildes. Como sei que não quer me enganar?

— Não falei sobre os touros por esse motivo, senhor — disse Duncan —. Estou preocupado, isso é tudo. Não sei nada sobre inimizades entre Casas.

Yresk riu.

— As rixas entre os Harkonnen e os Atreides são milenares. Não sabe nada a respeito da Batalha de Corrin, a grande traição, a Ponte de Hrethgir? Que um covarde antepassado Harkonnen quase frustrou a vitória dos humanos sobre as

odiadas mentes mecânicas? Corrin foi nosso último baluarte, e teríamos perecido se um Atreides não nos tivesse salvado.

— Nunca aprendi sobre a história — admitiu Duncan —. Tinha bastante trabalho em encontrar comida.

Por trás das dobras de pele enrugada, os olhos do administrador eram grandes e expressivos, como se tentasse fingir que era um homem velho e afável.

— Bem, bem, a Casa Atreides e a Casa Harkonnen foram aliadas em outro tempo, amigas até, mas tudo acabou com aquela traição. A inimizade perdurou, e você, rapaz, veio de Giedi Prime. Do planeta natal dos Harkonnen. — Yresk encolheu seus ombros ossudos —. Não espera que confiemos em você, não é? Agradeça pela confiança que o velho duque depositou em você.

— Mas eu não tive nada que ver com a Batalha de Corrin —

protestou Duncan, que não entendia nada —. O que tem isso a ver com os touros? Aconteceu há muitos séculos.

— Não tenho tempo para mais conversa. — Yresk pegou uma pá de esterco que estava pendurada na parede —. À partir de agora, guarde suas suspeitas para si.

Embora Duncan se esforçasse e fizesse o possível para ganhar seu sustento, sua procedência de um planeta dominado pelos Harkonnen não deixava de lhe causar problemas. Outras meninos de quadra, não só Yresk, tratavam-no como se fosse um espião... embora Duncan ignorasse o que Rabban poderia esperar de um infiltrado de nove anos. Entretanto, nunca havia se sentido tão ofendido com isso.

— Está acontecendo algo com os touros, senhor — insistiu —. É

necessário que o duque saiba antes da tourada.

Yresk riu de novo.

— Quando necessitar do conselho de um menino para cumprir meu trabalho pedirei, jovem Idaho.

O responsável pelos estábulos partiu, e Duncan voltou a observar os ferozes

touros salusanos, que lhe devolveram o olhar com seus olhos facetados.

Algo terrível estava acontecendo. Sabia disso, mas ninguém o ouvia.

Se contemplarmos do ponto de vista adequado, as imperfeições podem ser muito valiosas. As Grandes Escolas, com sua busca incessante da perfeição, consideram difícil de compreender este postulado, basta demonstrar que nada no universo é infeliz.

Das filosofias da Velha Terra,

um dos manuscritos recuperados

Na escuridão do dormitório isolado e protegido que tinha recebido no complexo da Escola Materna, Mohiam se levantou na cama e apalpou seu ventre volumoso. Sentiu a pele tensa e esticada, sem a flexibilidade da juventude. Sua camisola estava empapada de suor e o pesadelo continuava gravado em sua mente. Visões de sangue e chamas palpitavam no fundo de sua cabeça.

Tinha sido um presságio, uma mensagem... uma aterradora premonição que nenhuma Bene Gesserit podia ignorar.

Perguntou-se quanta melange sua enfermeira teria lhe administrado, se teria interagido com outros medicamentos. Ainda sentia o sabor amargo de canela e gengibre em seu paladar. Quanta especiaria uma mulher grávida podia tomar? Mohiam estremeceu. Por mais que tentasse racionalizar seu terror, não podia ignorar a importância da mensagem.

Sonhos... pesadelos... predições... Terríveis acontecimentos que sacudiriam o Império durante milênios. Um futuro que devia ser abortado!

Não se atrevia a desprezar o aviso, mas o teria interpretado da maneira correta?

A reverenda madre Gaius Helen Mohiam era um simples calhau no início de uma avalanche.

A Irmandade sabia o que estava fazendo? Sabia algo sobre o bebê que crescia em seu interior, que nasceria dentro de um mês? O núcleo da visão se concentrou em sua filha. Algo importante, algo terrível... As reverendas madres não tinham contado tudo, e agora até as irmãs da Outra Memória estavam assustadas.

Lá fora estava chovendo e as velhas paredes de gesso gotejavam umidade. Embora radiadores de uma precisão absoluta mantivessem sua habitação a uma temperatura confortável, o calor caseiro procedia das brasas de um fogo que ardia em frente a sua cama, um anacronismo ineficaz, mas o aroma de lenha e o brilho amarelo alaranjado dos carvões inspirava uma espécie de complacência primitiva.

As fogueiras da destruição, as chamas de um inferno que se propagavam de um planeta a outro através da galáxia. Jihad! Jihad! Esse seria o destino da humanidade se os planos da Bene Gesserit para sua filha falhassem.

Mohiam se acalmou e fez uma verificação rápida de seus sistemas corporais. Nenhuma emergência, tudo funcionava normalmente, todas as leituras bioquímicas eram ótimas.

Tinha sido somente um pesadelo... ou algo mais?

Mais racionalização. Sabia que não devia desculpar-se, mas atender aos ensinos da premonição. A Outra Memória sabia a verdade.

As irmãs submetiam Mohiam a uma estrita observação. Uma luz púrpura no canto da habitação estava conectada a um *visicom* de visão noturna, com monitores no outro extremo que informavam à reverenda madre Anirul Sadow Tonkin, a jovem parecia possuir mais importância do que lhe dava sua idade. No sonho de Mohiam, as Vozes da Outra Memória tinham insinuado o papel de Anirul no projeto. O pesadelo tinha soltado suas língua, tinha transformado suas lembranças reticentes em explicações veladas.

Kwisatz Haderach. O caminho mais curto. O messias e superser das Bene Gesserit, desejado e esperado durante tanto tempo.

A Irmandade contava com numerosos programas de reprodução, desenhados a partir de diversas características da humanidade. Muitos careciam de importância, alguns eram meras falácias ou diversões. Nenhum possuía a transcendência do programa do *Kwisatz Haderach*.

No princípio do projeto, que remontava a cem gerações, as reverendas madres que conheciam seus mistérios tinham jurado guardar silêncio, inclusive na Outra Memória, exceto para revelar todos os detalhes a irmãs muito especiais de cada geração.

Anirul era uma delas, a mãe Kwisatz. Sabia tudo sobre o programa.

Por isso até a madre superiora lhe dá atenção!

Nem sequer Mohiam tinha recebido informação a respeito, apesar de a menina que crescia em seu útero se encontrar a apenas três passos da culminação do programa. A esta altura, o verdadeiro plano genético já era uma realidade. O futuro dependeria dessa menina. Sua primeira filha, a defeituosa, tinha sido um passo em falso, um equívoco. E qualquer equívoco podia desencadear o terrível futuro que vira em seu sonho.

O pesadelo de Mohiam lhe mostrara o destino da humanidade se o plano tomasse um caminho errado. A premonição tinha sido como um presente, e face à dificuldade da decisão, não podia desprezá-la. Não se atrevia.

Anirul conhece meus pensamentos, o terrível ato predito em meu sonho? É uma advertência, uma promessa, ou uma ordem?

Pensamentos... A Outra Memória... Uma multidão de memórias ancestrais que lhe ofereciam conselhos, temores, advertências. Já não podiam silenciar seus conhecimentos sobre o *Kwisatz Haderach*, como sempre tinham feito. Agora Mohiam podia convocá-las, e vinham discretamente, individualmente ou em multidão. Podia pedir seu assessoramento coletivo, mas não queria fazê-lo. Já tinham lhe revelado o suficiente para despertá-la com um grito nos lábios.

Não devemos permitir equívocos.

Mohiam devia tomar uma decisão sem ajuda externa, escolher seu próprio caminho e determinar a melhor maneira de eliminar o destino espantoso e sangrento que vira no sonho.

Levantou-se da cama e se encaminhou cansada até a habitação contigua, para a creche onde cuidavam dos bebês. Seu ventre inchado dificultava seus movimentos. Mohiam se perguntou se as espiãs da Irmandade estariam vigiando.

Já dentro da creche, detectou a respiração irregular de sua primeira filha Harkonnen, de nove meses de idade. Em seu útero, sua segunda filha esperneou e se agitou. Ela a estaria incentivando? O bebê teria desencadeado a premonição?

A Irmandade necessitava de uma criança perfeita, forte e saudável.

As crias defeituosas eram irrelevantes. Em qualquer outra circunstância, a Bene Gesserit teria encontrado uma utilidade para aquele ser aleijado, mas Mohiam compreendera seu papel fundamental no programa *Kwisatz Haderach*, e também o que aconteceria se o programa se desviasse por um caminho errado.

O sonho estava vivo em sua mente, como um *holoesquema*. Tinha que obedecê-lo sem pensar, simples assim. Faça-o. O consumo contínuo de melange desencadeava, às vezes, visões prescientes, e Mohiam não tinha a menor duvida a respeito do que vira. A visão era tão clara como um cristal, milhões de pessoas assassinadas, o Império caído, a Bene Gesserit quase destruída, a galáxia arrasada por outra Jihad. Tudo isso ocorreria se o plano saísse errado. O que importava uma vida não desejada ante a possibilidade de tais ameaças?

Sua primeira filha do barão Harkonnen se interpunha no caminho, significava um perigo. Podia interferir na progressão correta da escada genética. Mohiam devia eliminar todas as possibilidades do engano acontecer, do contrário suas mãos se manchariam com o sangue de milhões de pessoas.

Minha própria filha?

Recordou-se que na realidade não lhe pertencia. Era um produto do índice de reprodução da Bene Gesserit, e propriedade de todas as irmãs que se comprometeram (sabendo ou não) com o programa de reprodução global. Tinha dado a luz outras filhas para a Irmandade, mas só duas podiam ser portadoras de uma combinação de genes tão perigosa.

Duas. Mas só podia haver uma. Do contrário, o perigo seria muito grande.

Esta menina nunca se adaptaria ao plano mestre. A Irmandade já a descartara. Talvez algum dia a menina fosse educada como criada ou cozinheira da Escola Materna, mas nunca chegaria a nada importante. De qualquer forma, Anirul mal se aproximara e percebeu que ela recebia poucos cuidados das outras irmãs.

Eu a amo, pensou Mohiam, e se repreendeu por aquele arrebatamento de emoção. Era preciso tomar decisões difíceis e pagar certos preços. Uma fria onda de lembranças procedentes da visão a invadiu, e reafirmou sua determinação.

Massageou com suavidade o pescoço e a têmpora da menina, mas logo retirou as

mãos. Uma Bene Gesserit não sentia nem demonstrava amor, nem romântico nem familiar. Eram sentimentos considerados perigosos e impróprios.

Mohiam culpou uma vez mais as mudanças químicas em seu corpo de grávida, e tentou analisar seus sentimentos, reconciliá-los com os ensinos recebidos durante toda sua vida. Se não queria a menina porque o amor estava proibido... por que não... Engoliu em seco, incapaz de traduzir em palavras a ideia terrível. E se amava a menina, contra todos os ditados, era mais um motivo para agir como devia.

Elimine a tentação.

Sentia amor pela menina ou só compaixão? Não queria comentar aqueles pensamentos com nenhuma irmã. Sentia vergonha de experimentá-

los, mas não pelo que ia fazer.

Haja com rapidez. Acabe com isso de uma vez!

O futuro exigia que Mohiam agisse daquela maneira. Se não agisse incentivada pelo presságio, planetas inteiros morreriam. Um imenso destino aguardava sua nova filha, e para assegurar esse destino devia sacrificar a outra.

Mas Mohiam hesitava, como se a grande carga maternal a impedisse.

Acariciou a garganta da menina. Pele cálida, respiração lenta e regular. Nas sombras, Mohiam não podia ver os ossos faciais disformes e o ombro fundo. A pele era pálida. A menina parecia tão frágil... remexeu-se e choramingou. — Mohiam sentiu a respiração morna do bebê contra sua mão. Fechou o punho e lutou para recuperar o controle de suas emoções.

— Não devo temer — sussurrou —. O medo é o assassino da mente... — Mas estava tremendo.

Viu outro *visicom* pela extremidade do olho, ele projetava um brilho púrpura na escuridão da creche. Interpôs o corpo entre a câmara e a menina, dando as costas aos monitores. Concentrou sua atenção no futuro, não no que estava fazendo. Em certas ocasiões, até uma reverenda madre tinha consciência...

Mohiam fez o que o sonho lhe ordenara, e apertou um travesseiro contra o rosto

da menina, até que os sons e movimentos cessaram.

Uma vez concluída a missão, ainda tremula, alisou os lençóis sobre o pequeno corpo, apoiou a cabeça da menina sobre o travesseiro e cobriu seus braços e o ombro disforme com uma manta. De repente se sentiu muito velha. Muito mais do que era.

Pronto, Mohiam apoiou a palma da mão sobre seu ventre inchado.

Você não pode nos falhar, filha.

Quem governa assume uma responsabilidade irrevogável para com os governados. É um administrador. Em certas ocasiões, isso exige um ato desinteressado de amor que pode ser divertido só para os governados.

Duque Paulus Atreides

No elegante camarote da praça de touros reservado à Casa Atreides, Leto escolheu um assento almofadado de verde, ao lado de Rhombur e Kailea. *Lady* Helena Atreides, pouco aficionada a tais exibições públicas, ainda não tinha chegado. Para a ocasião, Kailea Vernius estava vestida com sedas e cintas, véus coloridos e um voluptuoso vestido especialmente confeccionado para ela. Leto pensou que estava arrebatadora.

Os céus carregados não ameaçavam chuva, mas a temperatura era fresca e o ar úmido. Mesmo naquela altura podia sentir o cheiro de pó e sangue seca na arena, os corpos apertados do povo, a pedra das colunas e bancos.

Paulus Atreides dedicara a tourada aos filhos exilados da Casa Vernius, acontecimento anunciado a todo Caladan mediante a rede de mensageiros. Tourearia em sua honra, simbolizando de certa maneira sua repulsa contra a conquista ilegal de IX.

Ao lado de Leto, Rhombur se inclinou, ansioso, com seu queixo quadrado apoiado nas mãos e a vista cravada na arena. Tinham cortado e penteado seu cabelo loiro, mas mesmo assim parecia desgrenhado.

Esperaram o passeio com impaciência e certa preocupação com a segurança do duque.

Bandeiras coloridas ondeavam no ar, além dos estandartes com o falcão Atreides no camarote real. Nesta ocasião, o chefe da Casa Atreides não ocupava seu assento, pois ia ser o protagonista da festa.

Os gritos dos espectadores retumbavam na praça. A multidão aclamava e aplaudia. Uma orquestra tocava *balisets*, flautas de osso e instrumentos de sopro, música animada que aumentava a excitação da multidão.

Leto passeou a vista enquanto escutava a música e o bulício dos espectadores. Perguntou-se qual seria a causa do atraso da sua mãe. A multidão não demoraria a notar sua ausência.

Por fim, rodeada de suas damas, *lady* Helena chegou. Caminhava orgulhosa, a cabeça erguida, mas sua expressão era sombria. As damas a deixaram à porta do camarote e voltaram para seus assentos do nível inferior.

Helena, sem dirigir palavra a seu filho nem saudar seus convidados, tomou assento na alta cadeira esculpida junto à de seu marido. Tinha ido à capela uma hora antes para encomendar-se ao seu Deus. Era tradicional que o matador dedicasse certo tempo à meditação religiosa antes da corrida, mas o duque Paulus preferia verificar seu equipamento e exercitar-se.

— Fui rezar por seu pai, para que se salve de sua estupidez —

murmurou para Leto —. Rezei por todos nós. Alguém tem que fazê-lo.

— Estou seguro de que ele agradecerá — sorriu Leto, não muito convencido.

A mulher meneou a cabeça, suspirou e olhou para a arena quando pelos alto-falantes que rodeavam a praça soou uma banda de trompetistas.

As meninos de quadra, vestidos com elegância incomum, hasteavam bandeiras e pendões de cores vivas enquanto corriam através da arena.

Momentos depois, o duque Paulus apareceu montado sobre um corcel branco, uma entrada majestosa que realizava cada vez melhor. Plumas verdes adornavam o arreio do animal, e as cintas de seu jaez flutuavam ao redor das mãos e braços do seu cavaleiro.

O duque vestia um deslumbrante traje magenta e negro com lantejoulas, uma

bandagem cor esmeralda brilhante e a *montera* típica de matador, adornada com emblemas Atreides que indicavam o número de touros que tinha matado. As calças e mangas largas ocultavam o arranjo do seu escudo corporal protetor. Uma capa púrpura caía de seus ombros.

Leto procurou Duncan Idaho, que com tanto atrevimento tinha conseguido entrar a serviço do duque. Deveria ter participado do passeio, mas Leto não o viu.

O corcel branco galopou em círculo, enquanto o duque levantava sua mão enluvada para saudar seus súditos. Deteve-se em frente ao camarote e fez uma reverência para sua esposa, que estava sentada muito rígida. Como era de esperar, agitou uma flor vermelha e soprou um beijo. A multidão prorrompeu em vivas, talvez imaginando impossíveis histórias românticas entre o duque e sua dama.

Rhombur se inclinou em sua cadeira incômoda e disse a Leto:

— Nunca tinha visto nada semelhante. Morro, *er*, de impaciência.

Nos estábulos, atrás dos barrotes do campo de força, o touro salusano emitiu um bramido e carregou contra a parede. A madeira se estilhaçou e as travas de ferro reforçados chiaram.

Duncan retrocedeu aterrorizado. Os olhos do animal eram de um vermelho acobreado, parecia que em suas órbitas ardiam brasas. O aspecto do touro era raivoso e malvado, o pesadelo de um menino transformado em realidade.

O menino estava vestido com sedas *merh* brancas e verdes que o duque tinha dado aos meninos de quadra para festejar o acontecimento.

Duncan nunca tinha usado, nem sequer meio usado, objetos tão elegantes, e se sentia incomodado com elas nos estábulos sujos. Mas ainda estava mais inquieto com outra coisa.

Os criados o tinham esfregado, cortado seu cabelo e limpo suas unhas. Sentia a pele em carne viva por causa das fricções. Tecido branco rodeava seus punhos, por cima de suas mãos calosas. Ao trabalhar nos estábulos, seu aspecto imaculado não duraria muito.

A uma distância prudente do touro, Duncan endireitou a roupa.

Contemplou a besta enquanto bufava, chutava o chão e atacava uma vez mais a parede da jaula. Duncan meneou a cabeça, alarmado.

Virou-se e viu Yresk. O responsável pelos estábulos apontou para o feroz touro salusano.

— Parece que está ansioso por enfrentar nosso duque.

— Algo está errado, senhor — insistiu Duncan —. Nunca vi este animal tão furioso.

Yresk arqueou suas sobrancelhas cheias e coçou o cabelo grisalho.

— Quer dizer em todos os seus anos de experiência? Já lhe disse que parasse de se preocupar.

O sarcasmo irritou Duncan.

— Será que não percebe, senhor?

— Os touros salusanos são criados para serem ferozes, rato de estábulo. O duque sabe o que se faz. — Yresk cruzou seus braços de espantalho sobre o peito, mas não se aproximou da jaula —. Além disso, quanto mais nervoso estiver, melhor lutará, e nosso duque gosta de oferecer um bom espetáculo. O povo adora.

Para sublinhar as palavras de Yresk, o touro se precipitou contra o campo de força, ao mesmo tempo em que emitia um profundo bramido. O

animal se cortara na cabeça e lombo por causa de sua obstinação em arremeter contra tudo o que aparecia a sua frente.

— Deveríamos escolher outro touro, não esse Yresk.

— Besteira — respondeu o homem, cada vez mais impaciente —. O

veterinário dos estábulos os examinou. Você deveria estar se preparando para o passeio, em vez de causar problemas aqui. Vá agora mesmo, se não quiser se atrasar.

— Só quero evitar problemas, senhor — insistiu Duncan —. Eu mesmo irei falar

com o duque. Possivelmente ele me escute.

— Não fará nada disso, rato de estábulo. — Yresk se moveu com a velocidade de uma enguia e o agarrou pelas lapelas do traje —. Já tive bastante paciência contigo, mas não posso permitir que estrague a tourada.

Não vê toda essa gente?

Duncan se remexeu e pediu auxílio, mas os outros meninos já se agrupavam em frente as portas para o desfile ao redor da arena. A banda emitiu uma nota ensurdecedora e a multidão gritou de impaciência.

Yresk o jogou no interior de um estábulo vazio, e depois ativou o campo de força. Duncan caiu sobre um montão de esterco pisoteado.

— Pode assistir o espetáculo daí — disse Yresk com semblante triste

—. Eu devia imaginar que um simpatizante dos Harkonnen como você me causaria problemas.

— Mas eu odeio os Harkonnen!

Duncan se levantou, tremulo de raiva. Sua roupa de seda totalmente suja. Lançou-se contra os barrotes, igual ao touro, mas não tinha a menor chance de escapar.

Yresk sacudiu a roupa para estar apresentável e se encaminhou para a entrada. Antes de sair olhou para Duncan.

— O único motivo de estar aqui, rato de estábulo, é que o duque gostou de você. Mas eu dirigi estábulos durante mais de vinte anos, e sei muito bem o que faço.

Na jaula contígua a de Duncan, o touro salusano jogava faíscas como uma caldeira a ponto de explodir.

O duque se erguia no centro do arena. Deu media volta lentamente e absorveu energia do entusiasmo da multidão. Dirigiu a seus admiradores um sorriso radiante, transbordante de confiança. A resposta foi um rugido de aprovação. Quanto seu povo amava as diversões!

Paulus conectou seu escudo corporal parcialmente. Teria que agir com cautela. Em uma mão segurava a muleta4, que utilizaria para distrair o animal. Tinha ao seu dispor banderilhas5 com pontas de seta impregnadas em veneno para utilizar caso necessário. Aproximaria-se do animal e as cravaria no seu lombo. Injetariam um neuroveneno que enfraqueceria pouco a pouco o touro até que lhe desse o golpe de graça.

Paulus tinha toureado dúzias de vezes, sobretudo como comemoração das principais festividades de Caladan. mostrava-se em plena forma diante da multidão e gostava de exibir suas habilidades e valentia.

Era sua forma de agradecer a devoção de seus súditos. Na aparência, cada vez que se enfrentava um daqueles animais raivosos alcançava a plenitude de suas faculdades físicas. Confiava que Rhombur e Kailea apreciassem e se sentissem em casa.

4 *A muleta é um pedaço de flanela vermelha que se usa como instrumento de engano para tourear no último terço da lide. Na parte superior coloca-se-lhe um pau, do qual ela fica suspensa, caindo simetricamente para ambos os lados, estando fixada na extremidade de fora por um espigão de ferro e na parte de dentro, junto ao toureiro, por um camarão. Juntamente com a espada, constitui aquilo a que se chamam aprestos para matar.*

5 *Farpa com haste de madeira, com cerca de 70cm, e armada de um ferro, com arpão de uma só farpa com 4 cm de comprimento.*

Só uma vez, quando era muito mais jovem, Paulus havia se sentido ameaçado. Um touro preguiçoso o incitara a desconectar o escudo, mas logo se converteu em um torvelinho de chifres e cascos. Esses animais mutantes não só eram violentos, mas também contavam com a inteligência de dois cérebros, e Paulus tinha cometido o engano de esquecer isso. O

touro tinha aberto seu flanco com uma chifrada. Paulus tinha caído na areia e teria morrido destroçado se seu companheiro não fosse o jovem Thufir Hawat.

Ao ver o perigo, o *Mentat* se lançara contra o animal. O feroz touro tinha infligido uma longa ferida na perna de Hawat, que lhe deixou uma cicatriz permanente. A cicatriz se transformou num aviso de sua intensa devoção ao duque.

Agora, sob o céu nublado e rodeado de seus súditos, o duque saudou e respirou fundo. Uma banda indicou que a corrida ia começar.

A Casa Atreides não era a família mais poderosa do Landsraad, nem a mais rica. Mesmo assim, Caladan proporcionava muitos recursos: os campos de arroz *pundi*, os abundantes peixes dos mares, a colheita de algas marinhas, todos os frutos e produtos das terras cultiváveis, instrumentos musicais feitos à mão e talhas de osso confeccionados pelos povos aborígenes do sul. Em anos recentes tinha aumentado a demanda por tapeçarias das irmãs em Isolamento, um grupo religioso confinado nas colinas terraplanadas deste continente. Em conjunto, Caladan proporcionava tudo que seu povo podia desejar, e Paulus sabia que a fortuna de sua família estava assegurada. Agradava-lhe muito saber que um dia deixaria tudo isso a Leto.

O touro mutante carregou.

— Ei, touro!

O duque riu e fez uma finta com a muleta. Um dos chifres se moveu com lentidão suficiente para atravessar o campo Holtzman, e o duque saltou para um lado, de modo que o corno apenas roçou sua armadura.

O público emitiu uma exclamação afogada ao ver como o corno tinha passado perto de seu amado líder. A besta se deteve e chutou a areia.

Paulus sustentou a muleta com uma mão e agarrou uma banderilha.

Deu uma olhada no camarote ducal e levou a ponta da banderilha à testa em sinal de saudação. Leto e o príncipe Rhombur ficaram em pé, mas Helena continuou sentada, com expressão preocupada e as mãos enlaçadas sobre o regaço.

O touro virou-se e voltou a orientar-se. Geralmente, os touros salusanos ficavam aturdidos depois de errar seu alvo, mas aquele não.

Paulus compreendeu que seu rival possuía mais energia, vista e fúria que todos os anteriores. De qualquer modo sorriu. Derrotar aquele inimigo poderoso proporcionaria seu melhor momento e um tributo apropriado para os exilados ixianos.

O duque efetuou alguns quantos passes mais, sempre longe do alcance dos chifres, afim de agradar os espectadores emocionados. O

escudo parcial brilhava a seu redor.

Quando quase tinha transcorrido uma hora, e perceber que o touro não se cansava e continuava obcecado em matá-lo, o duque decidiu que tinha chegado o momento de encerrar a tourada. Utilizaria seu escudo, um truque que um dos melhores matadores do Império lhe ensinara.

Na próxima vez que o touro atacou, seus chifres ricochetearam no escudo pessoal do duque, e a colisão desorientou o animal.

Paulus cravou uma banderilha no lombo da besta. O sangue jorrou da ferida. O duque soltou a banderilha. Em teoria, o veneno começaria a agir imediatamente e queimaria os neurotransmissores do duplo cérebro do animal.

A multidão prorrompeu em vivas e o touro rugiu de dor, cambaleante quando suas patas pareceram ceder. O duque pensou que era efeito do veneno mas, para sua surpresa, o touro salusano ficou em pé uma vez mais e se lançou sobre Paulus que se esquivou mas, o animal conseguiu prender a muleta entre seus múltiplos chifres e a despedaçou.

O duque entreabriu os olhos ia ser mais difícil que o esperado. O

público soltou um grito de consternação e se viu forçado a lhe dedicar um valente sorriso. Sim, as tarefas difíceis são as melhores, e o povo de Caladan recordaria esta tourada durante muito tempo.

Paulus ergueu sua segunda banderilha, fendeu o ar como se fosse um florete e se virou para o touro. Tinha perdido a muleta, de modo que o principal objetivo da fúria do animal seria seu corpo. Sua única arma era a banderilha, e sua única proteção era o escudo parcial.

Viu que os guardas, inclusive Thufir Hawat, levantavam-se preparados para ajudar. O duque levantou uma mão para detê-lo. Devia fazê-lo sem ajuda. Não ia permitir que uma turba de soldados fossem resgatá-lo quando as coisas ficavam ruins.

O touro chutou o chão e olhou-o com seus olhos multifacetados, e o duque

percebeu um brilho de compreensão neles. O animal sabia muito bem quem ele era, e queria matá-lo. Claro que Paulus tinha intenções semelhantes.

O touro carregou a grande velocidade. Paulus se perguntou porque a neurotoxina ainda não o afetara. Como é possível? Eu mesmo impregnei as banderilhas em veneno. Mas era mesmo veneno?

Enquanto se perguntava se estava sendo vítima de uma sabotagem, ergueu a banderilha para receber o touro, que espumava pelo nariz e boca.

Quando se encontravam a poucos metros de distância, a besta se desviou para a direita. O duque brandiu a banderilha, mas o animal o atacou de uma direção diferente. Desta vez, a banderilha alcançou uma protuberância da pele mas não se afundou, sim caiu sobre a areia.

Por um momento Paulus ficou desarmado. Retrocedeu e recuperou a banderilha. Quando deu as costas ao touro, ouviu que ele se detinha e voltava à carga, mas a uma velocidade tão impossível que lhe veio em cima em um instante, com os chifres dispostos.

Paulus saltou para um lado mas o touro passou a cabeça por seu escudo parcial. Seus chifres, compridos e curvos, afundaram-se nas costas do duque, romperam suas costelas e penetraram em seus pulmões e coração.

O touro emitiu um mugido de triunfo. Para horror da multidão, levantou o duque Paulus e o sacudiu. A areia se tingiu de sangue. O duque se agitou como um boneco empalado nos chifres.

O público guardou um silêncio de morte.

Thufir Hawat e os guardas saltaram para a arena e seus fuzis laser transformaram o touro em um montão de carne chamuscada. Fragmentos de seu corpo voaram em todas as direções. A cabeça decapitada, mas intacta, caiu sobre a areia com um ruído surdo.

O corpo do duque descreveu piruetas no ar e aterrissou na areia pisoteada.

No camarote ducal, Rhombur soltou um grito de incredulidade.

Kailea rompeu a chorar. *Lady* Helena afundou o queixo no peito e soluçou.

Leto ficou em pé, pálido como um morto. Abriu e fechou a boca, mas não encontrou palavras para descrever suas emoções. Esteve a ponto de saltar à arena, mas compreendeu que seria inútil. Não podia fazer nada por seu pai.

O duque Paulus Atreides, aquele magnífico governante, tinha morrido.

Uivos ensurdecedores surgiram dos degraus. Leto sentiu que as vibrações faziam vibrar o camarote ducal. Não podia afastar os olhos de seu pai, destroçado e ensangüentado sobre a areia, e sabia que aquela visão de pesadelo o perseguiria até o fim de seus dias.

Thufir Hawat estava de pé junto ao duque, mas nem sequer um *Mentat* podia fazer algo.

A voz serena de sua mãe se ergueu sobre o clamor da multidão, e Leto ouviu suas palavras com clareza, como punções de gelo.

— Leto, meu filho — disse —. Você agora é o duque Atreides.

Princípio da vacina antimáquinas; todo engenho tecnológico contém as ferramentas de seu contrário, e por fim de sua própria destruição.

Gian Kana,

Czar das Patentes Imperiais

Os invasores não demoraram para provocar mudanças permanentes nas prósperas cidades subterrâneas. Muitos ixianos inocentes morreram e muitos desapareceram, enquanto C'tair esperava que alguém o descobrisse e matasse.

Durante suas breves escapadas, C'tair descobriu que Vernii, a antiga capital de IX, tinha sido rebatizada como Hilacia pelos Tleilaxu. Os fanáticos usurpadores tinham chegado ao extremo de mudar os registros imperiais para chamar o nono planeta do sistema Alkaurops como Xuttuh em lugar de IX.

C'tair desejava estrangular o primeiro Tleilaxu que encontrasse mas decidiu conceber um plano mais sutil.

Os Bene Tleilax estavam destroçando a cidade, para transformá-la em um inferno.

Detestava as mudanças, a ousadia dos Tleilaxu. Além disso, a julgar pelo que via, os Sardaukar imperiais tinham colaborado na abominação.

No momento, C'tair não podia fazer nada a respeito. Tinha que aguardar o momento apropriado. Estava sozinho. Seu pai se exilara em Kaitain e temia retornar, sua mãe tinha sido assassinada e a Corporação se apropriara de seu irmão gêmeo. Só ele permanecia em IX, como um rato, escondido nas paredes.

Mas até os ratos podiam causar danos consideráveis.

Ao longo dos meses, C'tair aprendeu a passar desapercebido, apenas mais um acovardado e insignificante cidadão. Mantinha os olhos baixos, as mãos sujas, a roupa e o cabelo desalinhados. Ninguém podia imaginar que era o filho do ex-embaixador em Kaitain, que tinha servido fielmente à Casa Vernius, coisa que ainda faria se descobrisse uma maneira. Tinha passeado com inteira liberdade pelo *Grand Palais*, tinha escoltado a filha do conde. Atos semelhantes, se fossem descobertos, significariam sua sentença de morte.

Sobretudo, não podia permitir que os invasores, inimigos dos avanços tecnológicos, descobrissem seu esconderijo e os aparelhos que ocultava. Talvez constituíssem a última esperança de IX.

Em seus percursos pelas grutas da cidade, C'tair viu que tinham arrancado sinais, rebatizado ruas e bairros, e os anões (todos homens, nenhuma mulher) tinham ocupado todos os centros de pesquisa para adaptá-los a suas operações secretas e nefastas. As ruas, passarelas e instalações estavam guardadas por diligentes Sardaukar disfarçados, ou pelos Dançarinos Faciais invasores.

Pouco depois de consolidar sua vitória, os Tleilaxu tinham aparecido em público para falar aos subóides rebeldes a descarregar sua ira sobre objetivos cuidadosamente selecionados. C'tair tinha visto os operários agruparem-se ao redor da instalação que tinha fabricado os novos *meks* de combate autodidatas.

— A Casa Vernius foi a responsável por este desastre! — gritou um carismático agitador subóide —. Ressuscitaram as máquinas pensantes.

Destruam este lugar!

Enquanto os ixianos sobreviventes contemplavam horrorizados a cena, os subóides destruíram as janelas de plaz e jogaram bombas térmicas contra a

pequena fábrica. Cheios de ardor religioso, uivaram e jogaram pedras.

Um Mestre Tleilaxu, em pé sobre uma plataforma elevada, lançou ordens através de alto-falantes e amplificadores.

— Somos seus novos senhores, e nos encarregaremos de que as fábricas de IX se adaptem às normas da Grande Convenção. — As chamas continuavam crepitando, e alguns subóides lançaram vivas, mas a maioria dava a impressão de não estar escutando —. Temos que reparar estes danos o quanto antes e devolver este planeta a seu funcionamento normal, com melhores condições para os subóides, é claro.

C'tair viu o edifício em chamas e se sentiu desolado.

— Por conseguinte, toda a tecnologia ixiana será controlada por uma junta religiosa, afim de velar por sua idoneidade. Toda tecnologia questionável será erradicada. Ninguém lhes pedirá que ponham em perigo suas almas trabalhando em máquinas heréticas.

Mais aplausos, mais plaz destroçado, alguns gritos.

O preço da conquista seria enorme para os Tleilaxu, mesmo com apoio imperial. Como IX era um dos motores econômicos mais poderosos do Império, os novos governantes não podiam permitir que as cadeias de produção diminuíram seu ritmo. Os Tleilaxu, como exemplo de suas boas intenções, destruiriam alguns produtos duvidosos, como os *meks* autodidatas, mas C'tair duvidava que desprezassem os aparelhos ixianos mais produtivos.

Graças as promessas dos novos senhores, os subóides tinham voltado para o trabalho, para o qual tinham sido criados, mas desta vez seguindo só ordens dos Tleilaxu. C'tair compreendeu que muito em breve as fábricas voltariam a vomitar mercadorias, e toneladas de *Solaris* encheriam as arcas dos Bene Tleilax como recompensa por sua cara aventura militar.

Não obstante, o segredo e as medidas de segurança impostas por gerações da Casa Vernius se tornariam seu contrário. IX sempre estivera envolto em mistério, de modo que quem sentiria a diferença? Assim que os clientes se sentissem satisfeitos com as exportações, ninguém se importaria com a política interna de IX. Todos esqueceriam o acontecido. A tragédia seria apagada.

Os Tleilaxu deviam contar com isso, pensou C'tair. Todo o planeta de IX (nunca se referia a ele como Xuttuh) estava isolado do Império e era considerado um enigma, assim como durante séculos os planetas natais dos Bene Tleilax estiveram.

Os novos senhores proibiram as viagens a outros planetas e impuseram o toque de recolher. Os Dançarinos Faciais localizaram os

"traidores" em esconderijos muito parecidos com os de C'tair, e os executaram sumariamente. A repressão prosseguia, mas C'tair jurou que não desistiria do seu objetivo. Aquele era seu planeta, e lutaria por sua liberdade com as armas que tivesse a seu alcance.

Não disse a ninguém seu nome, procurou passar desapercebido, mas escutava, absorvia todos os rumores, ao mesmo tempo em que imaginava planos. Como não sabia em quem confiar, acreditava que todos que o rodeavam eram informantes, fossem Dançarinos Faciais ou simples renegados. Às vezes era fácil reconhecer um informante por suas perguntas diretas: "Onde você trabalha? Onde vive? O que está fazendo nesta rua?"

Mas outros não eram tão fáceis de detectar, como a anciã com quem tinha iniciado uma conversa. Só queria perguntar a direção de uma obra para onde tinha sido designado. A mulher não o sondara mas tinha tentado parecer inofensiva... como um menino com uma granada no bolso.

— Uma interessante seleção de palavras — disse, mas C'tair nem sequer recordava sua frase —. E seu acento... Por acaso é da nobreza ixiana?

Dirigiu um olhar significativo para os edifícios estalactite calcinados do teto.

C'tair tinha gaguejado uma resposta.

— Não, mas trabalhei como criado toda mim vida, e talvez seus costumes repugnantes me contagiaram. Rogo que me desculpe.

Partiu rapidamente depois de fazer uma reverência, sem esperar que ela lhe explicasse como chegar ao local que tinha perguntado.

Sua reação tinha sido desajeitada, até mesmo prejudicial para suas intenções, de modo que se livrou das roupas que tinha levado e não voltou a passar por aquela

rua estreita. Depois procurou mudar a forma de falar.

Sempre que podia, evitava conversar com desconhecidos. Sentia-se incomodado com o fato de muitos ixianos oportunistas terem entregue sua lealdade aos novos senhores e renegado a Casa Vernius em menos de um ano.

Nos primeiros dias de confusão posteriores à conquista, C'tair tinha procurado fragmentos tecnológicos abandonados, com os quais construíra o transceptor transdimensional de Davee Rogo. Ao fim de pouco tempo, a tecnologia mais primitiva tinha sido confiscada e declarada ilegal. C'tair roubou tudo que pôde. Acreditava que valia a pena correr esse risco.

Sua luta poderia continuar durante anos, talvez décadas.

Pensou na infância compartilhada com D'murr e o inventor aleijado, Davee Rogo, que dedicara sua amizade aos dois meninos. Em seu laboratório privado, oculto em uma nervura de carvão da casca superior, o velho Rogo tinha ensinado aos jovens muitos princípios interessantes, assim como alguns de seus protótipos. O inventor ria, com olhos cintilantes, quando animava os meninos a montar e desmontar alguns de seus inventos. C'tair aprendera muitas coisas sob a tutela do aleijado.

C'tair lembrou da falta de interesse que seu irmão Navegante mostrara quando lhe falara da visão que tivera entre os escombros. Talvez o fantasma de Rogo não tivesse retornado dentre os mortos para lhe dar instruções. Nunca tinha visto uma aparição semelhante, mas a experiência, fora uma mensagem sobrenatural ou uma alucinação, tinha-lhe permitido realizar uma ação muito humana: comunicar-se com seu irmão gêmeo, manter o vínculo fraterno embora D'murr estivesse imerso nos mistérios da Corporação.

C'tair, encurralado em seus diversos esconderijos, tinha que viver de uma forma errática, e entrava em contato com a mente de seu irmão sempre que era possível usando o transceptor. Seguiu com orgulho e emoção as primeiras viagens de D'murr pela dobra espacial, como piloto aprendiz e em sua própria nave da Corporação. Depois, há poucos dias, tinham concedido autorização para a primeira missão comercial de D'murr, ele pilotaria um transporte colonial sem tripulação que dobraria o vazio a grande distância do Império.

Se seu trabalho para a Corporação continuasse se destacando, o Navegante Cadete D'murr Pilru seria promovido, transportaria mercadorias e pessoas entre

os principais planetas das Casas Maiores, e talvez pelas cobiçadas rotas de Kaitain. transformaria-se em um Navegante, e talvez chegasse a Timoneiro...

Mas o aparelho de comunicações apresentava problemas constantes.

Os cristais de silicato tinham que ser fatiados com um cortador a laser e montados com precisão. Só funcionavam por poucos minutos antes de desintegrar-se por causa da tensão. Rachaduras finas como cabelos os inutilizavam. C'tair tinha utilizado o artefato em quatro ocasiões para contatar seu irmão, e a cada vez teve que cortar e montar novos cristais depois da comunicação.

C'tair estabeleceu contatos cautelosos com grupos do mercado negro, que lhe forneciam o que necessitava. Os cristais de silicato contrabandeados tinham a aprovação, gravada a laser, da Junta de Supervisão Religiosa. Os grupos do mercado negro tinham descoberto formas de falsificar as marcas de aprovação, e as gravavam em todas as partes, frustrando assim os esforços das forças de ocupação.

De qualquer modo, tratava com os vendedores o mínimo possível, para diminuir as probabilidades de ser capturado, coisa que, por outro lado, limitava o número de vezes que podia falar com seu irmão.

C'tair esperava atrás de uma barreira com outras pessoas inquietas e suarentas, que se recusavam a reconhecer-se. Olhou para os estaleiros, onde o esqueleto do Cruzeiro inacabado descansava. No alto, fragmentos do ciclo projetado continuavam às escuras e avariados, e os Tleilaxu não pareciam inclinados a repará-lo.

Câmeras e alto-falantes leves flutuavam sobre a multidão, que esperava um anúncio e mais instruções. Ninguém queria perguntar, ninguém queria escutar.

— Este Cruzeiro é de um desenho Vernius não autorizado. — Os alto-falantes flutuantes transmitiram uma voz assexuada que ressoou contra as paredes de rocha —, e não respeita as normas da Junta de Supervisão Religiosa. Seus senhores Tleilaxu vão recuperar o desenho anterior, e esta nave tem que ser desmontada imediatamente.

Sussurros de frustração se ergueram da multidão.

— É preciso recuperar as matérias primas e formar novas equipes de trabalhadores. A construção recomeçará dentro de cinco dias.

A mente de C'tair deu voltas, enquanto organizadores vestidos com mantos marrom passeavam entre a multidão e formavam as equipes. Como filho de um embaixador tinha acesso a informação não disponível para outros jovens de sua idade. Sabia que o Cruzeiro antigo tinha uma capacidade de carga muito menor e funcionava com menos eficácia. Que objeção religiosa podia haver contra o aumento dos lucros? O que os Tleilaxu ganhavam com um transporte espacial menos eficaz?

Então recordou uma história que seu pai tinha lhe contado em épocas mais felizes, sobre como o velho imperador Elrood tinha ficado insatisfeito com a inovação, pois reduzia seus lucros com impostos. As peças começavam a se encaixar. A Casa Corrino tinha enviado tropas Sardaukar camufladas para manter subjugada à população ixiana, e C'tair compreendeu que ao adotar o desenho dos Cruzeiros os Tleilaxu pretendiam agradecer ao imperador pelo apoio militar.

Engrenagens dentro de engrenagens dentro de engrenagens...

Sentiu-se desolado, um motivo insignificante e corriqueiro tinha provocado a perda de milhares de vidas, a destruição das gloriosas tradições de IX, a derrocada de uma nobre família e a erradicação de uma forma de vida planetária. Estava furioso com todos os implicados, inclusive com o conde Vernius, que deveria ter previsto tudo isso e tomado cuidados para não criar inimigos poderosos.

A ordem de começar a trabalhar foi transmitida pelo sistema de megafonia, e C'tair foi atribuído a uma das equipes de subóides encarregadas de desmontar a nave inacabada e recuperar suas peças.

Esforçou-se por manter o rosto inexpressivo. Agarrou um laser para cortar componentes e secou o suor da testa. Sentia vontade de usar o laser contra os Tleilaxu. Outras equipes foram empilhando as vigas mestras e as pranchas metálicas, para serem usadas no novo projeto.

C'tair recordou uma época melhor e mais ordenada, quando estava com Kailea e D'murr na coberta de observação superior. Parecia ter transcorrido uma eternidade desde então. Tinham visto um Navegante partir da gruta no último

Cruzeiro construído. Talvez fosse a última nave com essas características, a menos que C'tair pudesse derrotar os invasores.

A magnífica nave foi desmontada pouco a pouco. Os ruídos ensurdecedores e os aromas químicos eram horríveis. Os subóides sempre trabalhavam assim? Nesse caso, começava a compreender por que se rebelaram. O que não acreditava era que a violência tivesse sido incitada pelos próprios trabalhadores.

Fora instigada pelo próprio imperador Elrood, afim de destruir a Casa Vernius e esmagar o progresso? C'tair ignorava como e onde os Bene Tleilax se encaixavam naquela rede de intrigas. De todas as raças, era a mais odiada da galáxia conhecida. Não havia dúvidas de que Elrood poderia ordenar a qualquer Grande Casa que continuasse os trabalhos em IX sem prejudicar a economia do Império. Que mais o imperador *Padishah* tinha tramado com aqueles fanáticos religiosos? Por que sujava as mãos com eles?

C'tair, enojado, notou outras mudanças na gruta, instalações modificadas, enquanto continuava trabalhando no desmantelamento do Cruzeiro. Os novos senhores Tleilaxu eram seres inquietos que corriam de um lado para outro com movimentos furtivos, montavam operações clandestinas nos edifícios maiores de IX, fechavam antigas instalações, quebravam janelas, erguiam cercas atordoantes e campos minados.

Protegem seus segredos sujos.

C'tair achava que sua missão era descobrir todos aqueles segredos, utilizando os meios que fossem necessários, por mais tempo que levasse.

Os Tleilaxu deviam sucumbir...

Pergunta definitiva: por que existe a vida? A resposta: pelo puro prazer de viver.

Anônimo,

de suposta origem Zenzunni

Duas reverendas mães estavam falando no alto de um montículo desprovido de árvores. Atrás das nuvens, o pálido sol, Laoujin, projetava as longas sombras de seus hábitos negros colina abaixo. Ao longo dos séculos, um número indeterminável de reverendas mães tinham escolhido o mesmo ponto, sob o

mesmo sol, para discutir temas graves relacionados com sua época.

Se as duas mulheres o desejassem, podiam revisitar aquelas crises do passado mediante a Outra Memória. A reverenda madre Anirul Sadow Tonkin realizava essas viagens mentais com maior freqüência que as demais. Cada circunstância significava um ínfimo passo adiante no longo e tortuoso caminho. Durante o último ano deixara crescer o cabelo castanho acobreado, e agora seus cachos caiam até o queixo.

Estavam construindo um edifício de cimento branco. Como abelhas, as operárias, cada uma com uma reprodução exata em sua mente, dirigiam a pesado equipamento que colocava em seu lugar os módulos do teto. Para os poucos observadores externos, Wallach IX, com suas bibliotecas e escolas Bene Gesserit, sempre parecia igual, mas a Irmandade vivia uma constante adaptação para a sobrevivência.

— Trabalham muito devagar. Já deveriam ter terminado — disse Anirul enquanto massageava a testa. Sofria de enxaquecas crônicas há um tempo. Agora que Mohiam estava a ponto de dar a luz, as responsabilidades de Anirul como Mãe Kwisatz eram tremendas —.

Percebe como faltam poucos dias para o nascimento?

— Não culpe ninguém além de você mesma, Anirul. Ordenou que ela não fosse para uma sala de partos normal — a madre superiora Hanshka disse com severidade —. Todas as irmãs conhecem a importância do acontecimento. Muitas suspeitam que não se trata de apenas mais uma menina, que não se perderá na teia dos nossos programas de reprodução.

Algumas até falaram em *Kwisatz Haderach*.

Anirul colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— É inevitável. Todas as irmãs conhecem nosso sonho, mas poucas suspeitam de como ele está perto de transformar-se em realidade. —

recolheu as saias e sentou-se sobre a erva. Apontou a construção, de onde vinham ruídos de carpintaria — Mohiam dará a luz dentro de uma semana, madre superiora, e ainda não temos o telhado.

— Elas terminarão em tempo, Anirul. Acalme-se. Todos se esforçam ao máximo para cumprir suas ordens.

Anirul reagiu como se a tivessem esbofeteado, mas dissimulou o fato. A reverenda madre me considera uma garota incontrolável e impetuosa. Talvez tinha sido muito insistente com as instruções para a instalação, e as vezes a madre superiora olhava para ela com certo ressentimento. Estará com ciúmes porque a Outra Memória me escolheu para dirigir um programa tão ambicioso? Sente-se ofendida pelo alcance de meus conhecimentos?

— Não sou tão jovem como me trata — disse Anirul, sabendo de que era um erro. Poucas Bene Gesserit levavam o peso da história como ela.

Poucas conheciam todas as maquinações, todos os passados do programa do *Kwisatz Haderach*, todos os fracassos e êxitos durante milênios, todas as alterações do plano durante mais de noventa gerações —. Possuo os conhecimentos necessários para triunfar.

A madre superiora olhou para ela com o cenho franzido.

— Pois tenha mais fé em nossa Mohiam. Já entregou nove filhas à Irmandade. Confio que controle o momento exato que escolher para dar a luz, mesmo que atrase o parto se for necessário. — Alguns cabelos frágeis escaparam de sua toca e bateram sobre a bochecha da anciã —. Seu papel nisto é muito mais importante que qualquer pavilhão de partos.

Anirul não se intimidou pelo tom de reprimenda.

— É verdade, e não vamos enfrentar outro fracasso, como o último.

Nem mesmo uma reverenda madre podia dominar todas as facetas do desenvolvimento embrionário. Podia adaptar seu metabolismo através de seus processos internos, mas não o metabolismo da criança. Escolher o sexo do bebê exigia uma correção da química da mãe, consistente para escolher o óvulo e esperma necessários. Mas assim que o zigoto começava a crescer no útero, o feto se tornava independente e iniciava um processo de separação da mãe.

— Imagino que esta menina será fundamental — disse Anirul —, um ponto crítico.

Ouviu-se um impacto estrondoso, e Anirul fez uma careta. Uma das seções do telhado tinha caído no interior do edifício e as operárias se apressaram a corrigir

o erro.

A madre superiora proferiu uma blasfêmia.

Graças a hercúleos esforços, o pavilhão de partos foi terminado a tempo, enquanto a Madre Kwisatz. Anirul passeava de um lado para outro.

Apenas umas horas antes do parto, operárias e robôs deram os últimos toques à construção. Transportaram e conectaram equipamentos médicos.

Globos de luz, camas, mantas... até um reconfortante fogo na arcaica chaminé que Mohiam tinha pedido.

Enquanto Anirul e Harishka inspecionavam a obra que ainda cheirava a pó e materiais de construção, detiveram-se para contemplar a ruidosa entrada de uma maca motorizada que transportava uma Gaius Helen Mohiam a ponto de dar a luz. Estava consciente e já começava a experimentar contrações. As reverendas madres e enfermeiras uniformizadas de branco a acompanhavam, e todas cacarejavam como galinhas.

— Foi por pouco, madre superiora — disse Anirul —. Eu não gosto que surjam tensões adicionais em uma tarefa já por si complexa.

— Estou de acordo — disse Harishka —. As irmãs serão repreendidas por sua letargia. Claro que se seus planos tivessem sido menos ambiciosos...

Anirul, ignorou a madre superiora, tomou nota dos adornos e decoração do quarto, com suas incrustações de pérola e marfim e as talhas de madeira. Talvez devia ter ordenado que se concentrassem mais na funcionalidade que na extravagância...

Harishka cruzou seus braços sobre o peito.

— O desenho desta nova instalação é similar ao anterior. Era realmente necessário?

— Não se parece em nada — replicou Anirul. Seu rosto avermelhou, e eliminou o tom defensivo de suas palavras —. A antiga sala de partos já não servia para nada.

A madre superiora desenhou um sorriso condescendente.

Compreendia a necessidade de um edifício descontaminado, sem lembranças antigas nem fantasmas.

— Anirul, graças a nossa Missionária Protetora manipulamos as superstições dos povos atrasados... mas se supõe que as irmãs não são supersticiosas.

Anirul aceitou o comentário com bom humor.

— Asseguro-lhe, madre superiora, que tal conjectura é ridícula.

Os olhos cor avelã da anciã cintilaram.

— Segundo outras irmãs, você pensava que a sala de partos antiga estava amaldiçoada, e que isso provocou as deformidades na menina... e sua morte misteriosa.

— Não é o momento mais adequado para falar disto, madre superiora.

Examinou os preparativos frenéticos: Mohiam deitada na cama de parto, as irmãs fazendo provisão de toalhas quentes, líquidos e almofadinhas. Os monitores da incubadora piscavam na parede. Parteiras de primeira classe se moviam de um lado para outro, tomando precauções para o caso de surgirem complicações imprevistas.

Mohiam parecia serena, concentrada em sua importante tarefa, mas Anirul observou seu aspecto envelhecido, como se tivesse perdido os últimos vestígios de juventude.

Harishka apoiou uma mão robusta sobre o braço de Anirul, em um desdobramento surpreendente de intimidade.

— Todas carregamos nossas superstições primitivas, mas temos que dominá-las. De momento, não se preocupe com outra coisa que não seja esta menina. A Irmandade necessita de uma filha sã, depositária de um futuro poderoso.

O pessoal médico testou os equipamentos e tomou posições ao redor de Mohiam, que inalou profundamente. Suas bochechas estavam avermelhadas por causa do cansaço. Duas parteiras a colocaram na postura de parto ancestral.

Mohiam começou a cantarolar para si, e uma careta de dor apareceu em seu rosto quando as contrações aconteceram com maior velocidade.

Anirul pensou no que a madre superiora acabava de lhe dizer. Em segredo, um mês atrás Anirul tinha consultado um mestre de *Feng Shui* sobre o antigo pavilhão de partos. Era um homem enrugado de aparência terráquea, e praticava uma antiquísima filosofia Zensunni segundo a qual a arquitetura, a disposição dos móveis e a potência da cor e luz se combinavam para aumentar o bem-estar dos habitantes de uma casa ou instalação. O homenzinho assentiu, afirmou que a antiga instalação não estava harmonizada e ensinou a Anirul o que devia fazer.

Agora, enquanto observava a luz abundante que banhava a cama de Mohiam, vinda de janelas e clarabóias, em vez de globos de luz artificial, Anirul afirmou para si que não tinha sido supersticiosa. O *Feng Shui* ensinava a harmonizar-se com a natureza e a ter consciência do próprio entorno, uma filosofia que, em último caso, parecia muito com a maneira Bene Gesserit.

Aproximou-se da cama de Mohiam e olhou para a paciente. Anirul confiava que o ancião tivesse razão. Esta filha era sua última chance.

Ocorreu muito depressa, assim que Mohiam se concentrou.

O choro de um bebê invadiu a habitação, e Anirul levantou uma menina perfeita, para que a madre superiora a visse. Até as vozes da Outra Memória se elevaram em um grito de vitória. Todos sorriam, satisfeitos pelo nascimento tão desejado. A menina esperneava e agitava os bracinhos.

As irmãs envolveram mãe e filha em toalhas e deram a Mohiam um grande copo de suco para restaurar seus fluidos corporais. Anirul lhe mostrou a menina. Com a respiração ainda entrecortada devido aos esforços, Mohiam a pegou, olhou para ela e depois se permitiu um sorriso de orgulho.

— Ela deve se chamar Jessica, que significa “saúde” — anunciou Mohiam. Quando as outras irmãs se afastaram, Mohiam olhou para Anirul e Harishka, que estava a seu lado. Disse em um sussurro quase inaudível

—: Sei que esta menina é um elemento fundamental do programa *Kwisatz Haderach*. As vozes da Outra Memória confirmaram. Tive uma visão, e sei que nos espera um futuro horrível se fracassarmos.

Anirul e a madre superiora trocaram um olhar de inquietação.

Harishka respondeu em voz baixa, e olhou de soslaio como se esperasse que a revelação espontânea debilitasse o controle da Mãe Kwisatz sobre o programa.

— Tem que guardar segredo. Sua filha será a avó do *Kwisatz Haderach*.

— Eu suspeitava. — Mohiam se deixou cair sobre os travesseiros e meditou sobre a responsabilidade daquela revelação —. Tão logo...

Ouviram-se aplausos e vivas diante do edifício, pois a notícia tinha se espalhado como um rastro de pólvora. As galerias situadas sobre as seções da biblioteca e as salas de discussão se encheram de acompanhantes e mestras, que festejavam o evento, embora só um punhado conhecesse o verdadeiro significado da menina no programa de reprodução.

Gaius Helen Mohiam entregou a menina às parteiras, para evitar qualquer tipo de vínculo maternal proibido pela Bene Gesserit. Embora mantivesse a compostura, sentia-se exausta, esgotada até os ossos. Jessica era a décima filha que dava à Irmandade, e esperava que seus deveres nesse sentido tivessem terminado para sempre. Olhou para a reverenda madre Anirul Sadow Tonkin. Não podia fazer nada melhor que o que acabava de fazer. Jessica... Seu futuro.

Na verdade sou afortunada por participar deste acontecimento, pensou Anirul enquanto olhava para a esgotada mãe. Era-lhe estranho que, dentre todas as irmãs que tinham trabalhado por este objetivo durante milhares de anos, dentre todas as que agora observavam ansiosas na Outra Memória, fora ela a encarregada de fiscalizar o nascimento de Jessica. A própria Anirul guiaria a menina durante seus anos de aprendizagem até a transcendental união sexual a que estava destinada, afim de impulsionar o programa de reprodução até o penúltimo degrau.

A menina, envolta em uma manta, tinha parado de chorar por fim e jazia pacificamente na protetora calidez de seu berço.

Anirul olhou pelo plaz protetor e tentou imaginar o aspecto de Jessica quando fosse adulta. Recriou o rosto longo e magro do bebê, e visualizou uma dama alta de grande beleza, com as feições nobres de seu pai, o barão Harkonnen, lábios grossos e pele suave. O barão nunca conheceria sua filha nem saberia seu nome, pois este seria um dos segredos mais zelosamente guardados da Irmandade.

Um dia, quando Jessica fosse maior, receberia a ordem de gerar uma filha, e esta menina seria apresentada ao filho de Abulurd Harkonnen, o meio-irmão menor do barão. Naquele momento, Abulurd e sua esposa só tinham um filho, Kabban, mas Anirul tinha posto em marcha um meio de sugerir que tivessem mais. Isto aumentaria as probabilidades de que um varão sobrevivesse até alcançar a maturidade. Também melhoraria a seleção genética, assim como as probabilidades de um acoplamento sexual positivo.

Anirul contemplava um imenso quebra-cabeças onde cada uma das peças era um acontecimento diferente dentro do incrível programa de reprodução das Bene Gesserit. Agora só faltava encaixar alguns poucos componentes, e o *Kwisatz Haderach* se transformaria em realidade, o homem todo-poderoso que saltaria os abismos do espaço e do tempo, a ferramenta definitiva da Bene Gesserit.

Anirul se perguntou, como em tantas ocasiões anteriores, se um homem semelhante poderia fazer as Bene Gesserit recuperarem o verdadeiro ardor religioso, como o fanatismo da família Butler. E se outros o reverenciassem como a um Deus?

Imagine, pensou. As Bene Gesserit, que utilizavam a religião para manipular, seduzidas por seu próprio líder messiânico. Duvidava que isso fosse acontecer.

A reverenda madre Anirul foi juntar-se à celebração com as outras irmãs.

O método mais seguro de guardar um segredo é convencer as pessoas de que todos sabem.

Antiga sabedoria Fremen

— Você conseguiu muitas coisas, Umma Kynes — disse o caolho Heinar.

Os dois homens estavam sentados sobre um promontório rochoso que dominava o *sietch*. O *naib* o tratava de igual para igual, usava até mesmo um respeito exagerado. Kynes tinha parado de discutir com as gentes do deserto a cada vez que o chamavam *Umma*, que queria dizer

“profeta”.

Heinar e ele contemplavam o ocaso acobreado, que se esparramava sobre as dunas do Grande Erg. Ao longe, uma neblina imprecisa pendia sobre o

horizonte, os últimos restos da tormenta de areia do dia anterior.

Potentes ventos tinham varrido as dunas, aplanado sua superfície e voltado a perfilar a paisagem. Kynes se apoiou contra a rocha e bebeu sua taça de café de especiaria picante.

Quando viu que seu marido se dispunha a sair do *sietch*, uma grávida Frieth se deslocara atrás dos dois homens. Um trabalhado serviço de café descansava entre ambos sobre uma pedra Lisa. Frieth preparara o café junto com uma seleção dos pasteizinhos crocantes que Kynes tanto gostava.

Quando se lembrou de lhe agradecer por sua amabilidade, Frieth já tinha desaparecido como uma sombra na caverna.

Depois de uma longa pausa, Kynes concordou com o comentário do *naib*.

— Sim, consegui muitas coisas, mas ainda há muito por fazer.

Pensou nos complicados planos necessários para realizar seu sonho de um Dune renascido, um nome que logo seria conhecido no Império.

O Império. Quase nunca pensava no velho imperador. Suas próprias prioridades, a ênfase de sua vida, tinham mudado de uma forma radical.

Kynes nunca poderia voltar a ser um simples planetólogo imperial, sobretudo depois de viver com o povo do deserto.

Heinar segurou a mão do seu amigo.

— Dizem que o ocaso é um momento adequado para a reflexão e análise. Falemos do que conseguimos, e não permitamos que o abismo vazio do deserto nos sobressalte. Está neste planeta a pouco mais de um ano, mas já encontrou uma nova tribo e uma nova esposa. — Heinar sorriu

—. E logo terá seu primeiro filho, talvez um varão.

Kynes lhe devolveu o sorriso com expressão ofegante. Faltava muito pouco para que Frieth desse a luz. De algum jeito, surpreendia-se com o fato dela ter ficado grávida, porque se ausentava com muita freqüência.

Ainda não estava seguro de como reagiria diante de seu iminente papel de pai. Nunca tinha pensado nisso.

Entretanto, o nascimento encaixava-se perfeitamente com o plano que desenvolvera para este planeta surpreendente. Seu filho, que seria o líder dos Fremen depois que ele morresse continuaria seus esforços. O

plano mestre se prolongaria durante séculos.

Como planetólogo, tinha que pensar a longo prazo, coisa que os Fremen não faziam, embora, tendo em conta seu passado longo e tortuoso, deveriam estar acostumados a isso. O povo do deserto contava com uma história oral que remontava a milhares de anos. No *sietch* se contavam histórias que descreviam suas intermináveis peregrinações de planeta em planeta, um povo escravizado e açoitado, até que por fim decidiram fundar um lar onde ninguém suportava viver.

Os costumes Fremen eram conservadores, tinham mudado pouco de geração em geração, e este povo não estava habituado a pensar em termos de progresso. Como davam por certo que seu entorno era inalterável, transformaram-se em seus prisioneiros, quando deveriam ser seus senhores.

Kynes confiava em mudar tudo isso. Tinha delineado seu grande plano, incluindo cronogramas para plantar árvores e acumular água, pedras angulares de cada avanço sucessivo. Dune seria resgatado do deserto, hectare por hectare.

Suas patrulhas exploravam a superfície, colhiam amostras do Grande Bled, amostras geológicas do Pequeno Erg e da Planície Funeral, mas muitos fatores de terraformação continuavam sendo variáveis desconhecidas.

A cada dia encaixavam algumas peças. Quando expressou o desejo de contar com mapas mais detalhados da superfície do planeta, ficou estupefato ao descobrir que os Fremen tinham planos topográficos detalhados, inclusive estudos sobre o clima.

— Por que não me foram enviados antes? — perguntou —. Era o planetólogo imperial, e os mapas cartográficos efetuados por satélite eram do mais imprecisos.

O velho Heinar sorrira e piscado o seu único olho.

— Pagamos um suborno generoso à Corporação Espacial para impedir que nos observem com muita atenção. O custo é alto, mas os Fremen são livres e os Harkonnen continuam na pobreza, junto com o resto do Império.

Kynes ficou atônito, mas lhe agradou saber que contava com a informação geográfica que necessitava. Enviou imediatamente comerciantes para que chegassem a um acordo com os contrabandistas e obtiveram sementes modificadas geneticamente de plantas do deserto resistentes. Tinha que desenhar e construir todo um ecossistema a partir de nada.

Durante as assembléias do conselho, os Fremen perguntaram a seu profeta qual seria o próximo passo, quanto duraria o processo, quando Dune se transformaria em um lugar verde e exuberante. Kynes tinha examinado seus cálculos. Como um professor quando responde à pergunta absurda de um menino, Kynes dera de ombros e respondido:

— Demorará entre trezentos e quinhentos anos. Talvez demore um pouco mais.

Alguns Fremen emitiram gemidos de desespero, enquanto o resto escutava com estoicismo o *Umma*, para depois começar a satisfazer seus pedidos. Entre trezentos e quinhentos anos. Não viveriam para vê-lo. Os Fremen tinham que mudar seus hábitos.

Como se tivesse recebido uma visão de Deus, Uliet tinha se sacrificado por aquele homem. Desde aquele momento, os Fremen se convenceram da inspiração divina de Kynes. Só tinha que apontar o dedo, e os Fremen do *sietch* obedeciam.

Outra pessoa teria abusado daquela posição de poder, mas Pardot Kynes se limitou a continuar trabalhando. Imaginava o futuro em termos de eras e planetas, não de indivíduos ou territórios.

Agora, enquanto o sol desaparecia por trás das areias em uma sinfonia de cor, Kynes tomou seu café de especiaria e passou o braço pela barba. Apesar do que Heinar havia dito, considerava difícil refletir com paciência sobre o último ano... As exigências dos séculos vindouros lhe pareciam muito mais importantes.

— Heinar, quantos Fremen existe? — perguntou com a vista cravada na distância. Tinha ouvido histórias a respeito de outros *sietch*, tinha visto os Fremen isolados em cidades e povoados Harkonnen, mas pareciam fantasmas de

uma espécie em vias de extinção —, Quantos há em todo o planeta?

— Quer que contemos nossos números, *Umma* Kynes? — perguntou Heinar, não com incredulidade mas para esclarecer uma ordem.

— Preciso saber a extensão da população para projetar nossas atividades de terraformação. Tenho que saber quantos trabalhadores temos disponíveis.

Heinar se levantou.

— Assim se fará. Contaremos nossos *sietchs* e a seus habitantes.

Enviarei cavaleiros da areia e ciélagos *distrans* a todas as comunidades, e logo terá os números.

— Obrigado.

Kynes pegou sua taça, mas antes que pudesse recolher os pires, Frieth saiu correndo da cova e recolheu todas as peças do serviço de café.

A gravidez não tinha diminuído sua velocidade.

O primeiro censo Fremen, pensou Kynes. Uma ocasião histórica.

Stilgar, com expressão ofegante, apresentou-se nos aposentos de Kynes na manhã seguinte.

— Estamos fazendo as malas para sua longa viajem, *Umma* Kynes.

Muito ao sul. Temos que lhe ensinar coisas importantes.

Desde que tinha se recuperado da ferida, Stilgar se convertera em um dos seguidores mais devotos de Kynes. Parecia que sua relação com o planetólogo, seu cunhado, aumentava seu prestígio social. Em qualquer caso, Stilgar não trabalhava em benefício próprio, mas para o de todos os Fremen.

— Quanto tempo durará a viagem? — perguntou Kynes —. Para onde vamos?

O jovem sorriu de orelha a orelha.

— É uma surpresa! Deve ver com seus próprios olhos, do contrário não

acreditaria. Considere um presente.

Kynes, curioso, olhou para seu canto de trabalho. Levaria suas notas para documentar a viagem.

— Mas quanto durará?

— Vinte batedores — respondeu Stilgar na terminologia do deserto profundo, e depois gritou por cima do ombro enquanto saía —: Muito para o sul!

Frieth, a esposa de Kynes, a quem faltava muito pouco para dar a luz, dedicava longas horas trabalhando nos teares e nos bancos de reparo de trajes destiladores. Kynes terminou o café da manhã, sentado a seu lado, embora falassem pouco entre si. Frieth se limitava a olhar, e Kynes pensava que ela não entendia nada.

Ao que parecia, as mulheres Fremen viviam em seu mundo particular, possuíam seu próprio lugar na sociedade daqueles moradores do deserto, sem nenhuma relação com a interação que Kynes tinha presenciado no Império. Não obstante, dizia-se que as mulheres Fremen eram as combatentes mais implacáveis no campo de batalha, e que se um inimigo ferido ficasse a sua mercê mais valia matar-se no ato.

Por outro lado, existia o mistério das *Sayyadinas*, as mulheres santas do *sietch*. Até o momento, Kynes só tinha visto uma, vestida com um longo hábito negro como as Bene Gesserit, e nenhum Fremen parecia gostar de falar delas. Diferentes mundos, diferentes mistérios.

Kynes pensava que algum dia seria interessante compilar um estudo sociológico sobre como reagiam e se adaptavam as diferentes culturas a ambientes extremos. Perguntava-se como as cruéis realidades de um planeta afetariam os instintos naturais e os relacionamentos tradicionais dos sexos. Mas já tinha bastante trabalho. Além disso, não era um sociólogo mas um planetólogo.

Kynes finalizou o café da manhã e beijou sua mulher. Afagou seu ventre volumoso.

— Stilgar diz que devo acompanhá-lo em uma viagem. Voltarei o mais rápido possível.

— Quanto tempo demorará? — perguntou Frieth, pensando no nascimento

iminente do menino. A que parecia, obcecado com sua visão de longo prazo dos acontecimentos para o planeta, Kynes não tinha tomado nota da data do parto, e não o incluíra em seus planos.

— Vinte batedores — disse, embora ignorasse o que significava aquela distância.

Frieth arqueou as sobrancelhas em sinal de surpresa. Depois baixou a vista e começou a limpar a mesa.

— Até a viagem mais longa transcorre rapidamente quando o coração está contente. — Seu tom traía certa decepção —. Esperarei sua volta, meu marido. — Vacilou —. Escolha um bom verme.

Kynes não sabia a que se referia.

Momentos depois, Stilgar e dezoito jovens, com a indumentária típica do deserto, guiaram Kynes por tortuosos passadiços até sair para o enorme mar oriental de areia. Kynes sentiu uma pontada de preocupação. A extensão árida parecia imensa e perigosa. Alegrava-se por não estar sozinho.

— Cruzaremos o Equador e seguiremos para o sul, *Umma* Kynes, até as terras de outros Fremen, onde ocultamos nossos projetos secretos. Logo verá.

Os olhos de Kynes se arregalaram. Tinha ouvido relatos terríveis e arrepiantes sobre as desabitadas regiões do sul. Cravou a vista na distância, enquanto Stilgar checava o traje destilador do planetólogo, apertava os fechos e ajustava os filtros até ficar satisfeito.

— Mas como viajaremos?

Kynes sabia que o *sietch* tinha seu próprio ornitóptero, que na realidade era um simples transportador, sem capacidade para carregar tanta gente.

— Iremos montados, *Umma* Kynes. — Indicou com uma sacudida de cabeça para o jovem que tinha transportado Stilgar, depois de ser ferido, no carro terrestre de Kynes —. Hoje, Ommun se transformará em nosso cavaleiro de areia. É um grande acontecimento para nosso povo.

— Tenho certeza disso — disse Kynes, picado pela curiosidade.

Os Fremen avançaram em fila indiana. Sob os mantos usavam trajes destiladores, e calçavam botas *temag* para o deserto. Seus olhos de um azul anil olhavam de um passado muito remoto.

Uma figura escura se adiantou ao grupo e correu sobre a crista de uma duna. Agarrou uma estaca larga e a afundou na areia, manipulou os controles, e Kynes ouviu o *tump* retumbante de uma vibração repetida.

Kynes já tinha escutado aquele som durante a caçada de vermes de Glossu Rabban.

— Ele tenta atrair um verme?

Stilgar assentiu.

— Se Deus quiser.

Ommun, ajoelhado na areia, extraiu um pacote de ferramentas envolto em tecido. Selecionou-as e as separou com supremo cuidado.

Longos ganchos de ferro de ferro, pontas afiadas e cilindros de corda.

— O que ele está fazendo? — perguntou Kynes.

O batedor continuava seu ritmo regular. Os Fremen, carregados com mochilas e provisões, esperavam.

— Venha. Precisamos estar preparados para a chegada do *Shai-Hulud.*

Stilgar indicou ao planetólogo que o seguisse, enquanto tomavam posições. Os Fremen sussurraram entre si.

Ao pouco, Kynes percebeu o que só tinha experimentado uma vez, o vaio inesquecível, o rugido veloz de um verme de areia que se aproximava, atraído inexoravelmente pela vibração do batedor.

Ommun se agachou sobre a duna, segurando os ganchos e as pontas.

Grossos rolos de corda pendiam de sua cintura. Mantinha uma imobilidade absoluta. Seus companheiros esperavam sobre uma duna próxima.

— Ali! Consegue ver? — disse Stilgar, incapaz de conter a emoção.

Apontou para o sul, onde a areia ondulava como se uma nave de guerra subterrânea se dirigisse em linha reta para o batedor.

Kynes não sabia o que estava acontecendo. Ommun tentaria lutar com a grande besta! Era uma espécie de cerimônia ou sacrifício pela sua longa viajem através do deserto?

— Prepare-se — disse Stilgar, e apertou o braço de Kynes —. Nós o ajudaremos em tudo que pudermos.

Antes que o planetólogo pudesse fazer outra pergunta, um enorme vórtice de areia se formou ao redor do batedor. Ommun se retesou, preparado para saltar.

Então, a enorme boca do verme de areia emergiu das profundezas e engoliu o batedor. O enorme lombo do animal surgiu do deserto.

Ommun correu atrás do verme e saltou sobre seu lombo arqueado e com os ganchos de ferro se içou sobre um de seus segmentos.

Kynes contemplava a cena estupefato, incapaz de organizar seus pensamentos ou compreender o que aquele jovem ousado estava fazendo.

Isto não pode estar acontecendo, pensou. É impossível.

Ommun fincou um de seus ganchos na fenda que separava dois segmentos e depois puxou com força, separando os bem protegidos anéis e deixando a descoberto a pele abaixo.

O verme se retorceu, mas Ommun subiu e plantou outro gancho, de forma que o verme se viu obrigado a emergir mais do subsolo. No ponto mais elevado do lombo, atrás de sua cabeça, o jovem Fremen cravou uma estaca e deixou cair as longas cordas, para que pendessem pelos lados.

Ergueu-se orgulhoso sobre o verme e indicou aos outros que se aproximassem.

Os Fremen lançaram vivas e correram para o verme, junto com Kynes, que fazia o possível para não perder o equilíbrio. Três jovens escalaram as cordas e cravaram mais ganchos de ferro para impedir que o verme mergulhasse. O

enorme animal começou a avançar, confuso, como se não entendesse o que estavam fazendo aqueles seres molestos.

Enquanto os Fremen corriam, jogavam as provisões para o alto. As mochilas foram subidas para o lombo do verme com mais cordas. Os primeiros cavaleiros montaram uma estrutura o mais rápido possível.

Açulado por Stilgar, um perplexo Kynes corria junto ao verme descomunal.

O planetólogo sentiu o calor de fricção que surgia de debaixo do animal, e tentou de imaginar que improváveis fogos químicos formavam um forno nas vísceras do verme.

— Vamos, *Umma* Kynes! — gritou Stilgar ao mesmo tempo que lhe ajudava a introduzir os pés nos laços das cordas. Kynes subiu desajeitadamente, e suas botas encontraram apoio na pele áspera do verme.

Subiu e subiu. A energia interna do *Shai-Hulud* o fazia perder o fôlego, mas Stilgar o ajudou a reunir-se com os outros Fremen, agrupados atrás da cabeça do verme.

Tinham improvisado uma tosca plataforma com um assento, um palanquim. Outros Fremen seguravam as cordas para conter o animal, como se fosse um cervo furioso. Kynes, agradecido, deixou-se cair no assento e cruzou os braços. Experimentava uma desconcertante sensação, como se fosse cair de um momento para outro e quebrar a cabeça. O

movimento ondulante do verme revirou seu estômago.

— Geralmente, estes assentos se reservam para nossas *Sayyadinas*

— explicou Stilgar —. Mas sabemos que ainda é incapaz de montar no *Shai-Hulud*, de modo que este será um lugar de honra para nosso profeta.

Não há do que envergonhar-se.

Kynes assentiu e olhou para frente. Outros Fremen felicitaram Ommun, que tinha coroado com êxito aquele importante rito de iniciação.

Agora, era um respeitável cavaleiro da areia, um verdadeiro homem no *sietch*.

Ommun puxou as cordas e os ganchos de ferro para guiar o verme.

— *Haioyoh*!

A enorme criatura acelerou o passo em direção ao sul...

Kynes viajou durante todo o dia, enquanto o vento açoitava seu rosto e o sol se refletia na areia. Não tinha forma de calcular a velocidade do verme, mas sabia que devia ser impressionante.

Percebeu o aroma de correntes de oxigênio e pedra queimada que o verme deixava ao passado. Dada a escassez de vegetação em Dune, o planetólogo compreendeu que os vermes deviam gerar grande parte do oxigênio atmosférico.

Era tudo que podia fazer, hospedado em seu palanquim. Não podia tirar suas notas e cadernos, que guardava na mochila pendurada nas costas.

Que magnífico relatório resultaria daquele lance, embora soubesse que jamais poderia enviar tal informação ao imperador. Só os Fremen conheciam este segredo, e assim continuaria. Estamos montados em um verme! Agora tinha outras obrigações, lealdades novas e mais importantes.

Séculos antes, o Império tinha convocado centros de análise biológicas em pontos estratégicos da superfície do Dune, mas essas instalações não funcionavam mais. Kynes as havia reaberto e utilizado algumas forças imperiais destinadas ao planeta para manter as aparências.

A maioria de centros estavam ocupados por seus próprios Fremen.

Assombrava-lhe a facilidade dos irmãos do *sietch* para infiltrar-se no sistema, descobrir coisas e usar a tecnologia. Era uma raça que se adaptava maravilhosamente, e adaptar-se era a única forma de sobrevivência em um lugar como Dune.

Sob a direção de Kynes, os operários Fremen desmontavam o equipamento das estações biológicas isoladas, voltavam com as peças necessárias para os *sietch* e enchiam formulários para informar a perda ou deterioração dos materiais. O Império, ignorante do que acontecia, substituía os instrumentos perdidos por outros novos, e os encarregados das estações podiam continuar seu trabalho.

Depois de horas de rápida viagem através da Grande Extensão, o enorme verme começou a mostrar-se remisso, muito fatigado, e Ommun custou para controlá-lo. O verme parecia querer enterrar-se no chão, embora isso exporia sua pele sensível às areias escaldantes.

Por fim, Ommun o obrigou a parar. Os homens do deserto saltaram para o chão, enquanto Kynes descia pouco a pouco. Ommun jogou as mochilas e desmontou, deixando que o verme, muito cansado para atacá-

los, afundasse-se na areia. Os Fremen tiraram os ganchos de ferro para que o verme, seu *Shai-Hulud,* pudesse recuperar-se.

Os homens correram para uma linha de rochas, onde havia covas e refúgio, assim como um pequeno *sietch* que lhes deu as boas-vindas e a promessa de comida e conversa para a noite. Rumores sobre o propósito do planetólogo se espalharam por todos os lugares secretos de Dune, e o líder do *sietch* lhes disse que era uma grande honra receber ao *Umma* Kynes.

No dia seguinte, o grupo retomou a marcha no lombo de outro verme, e depois de outro. Kynes, pouco a pouco, começou a compreender o que significava uma viagem de vinte batedores.

O vento era fresco a areia brilhante, e os Fremen desfrutavam muito com seu grande aventura. Kynes ia sentado em seu palanquim como um imperador, sem deixar de contemplar a paisagem. Para ele as dunas eram um espetáculo fascinante.

Um mês antes, perto do *sietch* de Heinar, Kynes tinha saído em seu pequeno ornitóptero imperial para explorar sem rumo fixo. Uma pequena tormenta o desviara de seu curso. Recuperou o controle, face às fortes rajadas de vento, mas ficou atônito ao olhar para o ponto em que a tormenta tinha deixado descoberto uma depressão plaina e branca: uma salina.

Kynes tinha visto salinas em outros planetas, mas nunca em Dune. A formação geológica se assemelhava com um ovóide branco que refletia o sol, e apontava as fronteiras do que, milhares de anos antes, tinha sido um mar aberto. Emocionou-se ao pensar que, no passado, aquela salina talvez tinha sido um grande oceano interior.

Kynes aterrissara para examinar o pó. Ajoelhou-se e afundou os dedos na

superfície branca. Lambeu um dedo para confirmar suas suspeitas. Sal amargo. Agora não havia mais dúvida de que em outros tempos havia extensões de água mas, por algum motivo, tinham desaparecido.

À medida que vários vermes os transportavam até cruzar a linha do Equador e entravam no hemisfério sul do planeta, Kynes viu muitas outras coisas que recordavam suas descobertas: depressões deslumbrantes que talvez eram os restos de antigos lagos. Mencionou isto a seus guias Fremen, mas só explicaram sua existência mediante mitos e lendas carentes de rigor científico. Seus companheiros de viagem pareciam mais interessados em destino.

Por fim, depois de dias longos e exaustivos, abandonaram o último verme e entraram nas paisagens rochosas das regiões mais austrais de Dune, perto do círculo antártico, aonde os enormes *Shai-Hulud* se negavam a viajar. Embora alguns mercadores de água tivessem explorado as calotas polares do norte, as latitudes mais baixas continuavam quase desabitadas, envoltas no mistério. Ninguém até lá, exceto estes Fremen.

Cada vez mais entusiasmado, o grupo caminhou durante um dia sobre cascalho, até que Kynes viu o fim o que seus companheiros desejam tanto lhe mostrar. Ali, os Fremen tinham criado um imenso tesouro.

Não longe da diminuta calota polar, em uma região onde se dizia que o clima era muito frio e inóspito para a vida, os Fremen de vários *sietch* tinham montado um acampamento secreto. Seguindo o leito de um riacho, entraram em um *canyon* escarpado. O solo era composto de pedras arredondadas pela água que tinha passado por ali milênios antes. O ar era frio, mas mais quente do que o planetólogo supunha no círculo antártico.

De um penhasco abrupto, onde o gelo e o vento frio que soprava na cúpula davam lugar a um ar mais suave no fundo, escorria água pelas rachaduras da rocha que, quando chegava a estação, corria pelo leito do riacho que tinham seguido para chegar àquele ponto. Os Fremen tinham instalado cristais e amplificadores nas paredes do penhasco para esquentar o ar e derreter o gelo do chão. E ali, no chão rochoso, plantas tinham crescido.

Kynes ficou sem fala. Era seu sonho, diante de seus próprios olhos!

Perguntou-se se a fonte poderia vir de águas termais, mas ao tocá-la percebeu que era muito fria. Provou-a, e descobriu que não era sulfurosa, mas fresca, a

melhor que tinha bebido desde que chegara a Dune. Água pura, não reciclada mil vezes com filtros e trajes destiladores.

— Aqui está nosso segredo, *Umma* Kynes — disse Stilgar —. Nós fizemos isso em menos de um ano.

Moitas de erva robusta cresciam espalhadas pelo leito do riacho, girassóis do deserto de um amarelo brilhante, e até mesmo as trepadeiras de uma aboboreira. Mas o mais assombroso eram as fileiras de palmeiras jovens, que se aferravam à vida, absorviam a umidade que se filtrava entre as rachaduras da rocha e subia de um nível freático enterrado sob o chão do *canyon*.

— Palmeiras! — exclamou —. Vocês já começaram.

— Sim, *Umma* — assentiu Stilgar —. Aqui se vê o futuro de Dune.

Tal como nos prometeu, pode ser feito. Fremens de todo o planeta já começaram a tarefa de dispersar erva nas ladeiras favorecidas pelo vento das dunas.

Kynes resplandecia. Eles tinham acreditado, apesar de tudo! Aquela erva dispersa desdobraria suas raízes, armazenaria água e estabilizaria as dunas. Com equipamento roubado das estações de análise biológicas, os Fremen poderiam continuar o trabalho de criar ralos, eruer armadilhas de vento e descobrir novas formas de apoderar-se de cada gota de água transportada pelo vento...

O grupo permaneceu no *canyon* por vários dias, e o que viu ali aturdiu Kynes. Fremen de outros *sietch* apareciam a intervalos regulares. O

lugar parecia um novo ponto de encontro do povo escondido. Chegaram emissários para contemplar com reverência as palmeiras e as plantas que cresciam ao ar livre, para aspirar o tênue aroma de umidade que se desprendia das rochas.

Uma noite chegou um cavaleiro de areia com suas ferramentas, em busca do *Umma* Kynes. O recém-chegado, sem fôlego, baixou os olhos respeitosamente.

— Seguindo suas ordens, a contagem terminou — anunciou —.

recebemos informação de todos os *sietch* e agora sabemos quantos Fremen há.

— Estupendo — disse Kynes sorridente —. Necessito de um número aproximado para planejar nosso trabalho.

Esperou. O jovem ergueu a vista e olhou-o nos olhos.

— O número de *sietch* supera os quinhentos.

Kynes suspirou. Muito mais do que esperava!

— E os Fremen que vivem em Dune são, aproximadamente, dez milhões. Necessita das cifras exatas, *Umma* Kynes?

Kynes soltou uma exclamação afogada. Incrível! Os cálculos imperiais e os informes dos Harkonnen diziam que não passavam de algumas centenas de milhares, um milhão no máximo.

— Dez milhões! — Abraçou o mensageiro estupefato, jubiloso. —

Com este exército de operários poderemos remodelar todo o planeta.

O mensageiro sorriu e retrocedeu com uma reverência, para agradecer a honra que o planetólogo lhe concedera.

— E há mais notícias, *Umma* Kynes — disse o jovem —. Me ordenaram lhe comunicar que sua esposa Frieth deu a luz a um menino forte e são, que sem dúvida será algum dia o orgulho do *sietch*.

Kynes emitiu outra exclamação de júbilo. Era pai! Olhou para Ommun, Stilgar e outros membros de sua expedição. Os Fremen ergueram as mãos e o encheram de felicitações. Não permitira que a idéia revoasse em sua mente até agora, mas sentiu que uma onda de orgulho se impunha para sua surpresa.

Enquanto pensava em sua felicidade, Kynes olhou para as palmeiras, a erva e as plantas, e depois para o fragmento de céu azul emoldurado entre as paredes do *canyon*. Frieth lhe dera um filho!

— Agora, os Fremen são dez milhões um — disse.

O ódio é um sentimento tão perigoso quanto o amor. A capacidade de experimentar um significa a capacidade de experimentar seu contrário.

Instruções tutelares para a Irmandade,

Arquivos Bene Gesserit, Wallach IX

Os dois sóis mortiços do sistema binário do Kuentsing brilhavam nos céus sombrios de Bela Tegeuse. O mais próximo, vermelho como sangue, tingia de púrpura o ciclo do entardecer, enquanto o primário, branco como o gelo, muito longínquo para proporcionar calor ou luz em excesso, pendia como um buraco iluminado no crepúsculo. Um planeta pouco atraente e com a superfície árida, não figurava nas principais rotas espaciais da Corporação e poucos Cruzeiros faziam escala ali.

Naquele lugar tétrico, a senhora fiscalizava suas hortas e se recordava que era seu lar provisório. Mesmo depois de passado quase um ano, ainda se sentia uma estranha.

Olhou para seus empregados. Usando um nome falso tinha utilizado parte de seus bens restantes para comprar uma pequena propriedade, com a esperança de viver ali até poder se reunir com os outros. Desde sua desesperada fuga não os tinha visto nem recebera notícias, e tampouco tinha baixado a guarda por um instante.

Elrood ainda estava vivo, e os caçadores continuavam à espreita.

Globos luminosos banhavam os campos de luz, alimentando as fileiras de plantas e frutas exóticas que seriam disputadas pelos funcionários ricos.

Mais à frente dos campos cultivados, a vegetação nativa de Bela Tegeuse era robusta e áspera, muito pouco promissora. A luz solar de Kuentsing não era suficiente para facilitar a fotossíntese das delicadas plantas da senhora.

Sentiu o frio que agredia seu rosto. Sua pele sensível, que em outros tempos tinha acariciado um imperador, estava agora rachada e esfolada devido à dureza dos elementos. Mas jurara que seria forte, se adaptaria e resistiria. Seria mais fácil se pudesse informar aos seus filhos que estava viva. Ansiava por vê-los, mas não se atrevia a entrar em contato, pelo perigo que existia para ela e para os que a tinham acompanhado na fuga.

Maquinaria de coleta estralava ao longo das filas de cultivos e colhia os frutos. Os globos luminosos estendiam sombras similares a seres furtivos que

percorriam os campos. Alguns dos trabalhadores contratados cantavam enquanto colhiam produtos muito frágeis para a coleta mecânica.

Cestas vazias preparadas para o mercado esperavam no centro de recolhimento.

Só alguns de seus criados mais fiéis a seguiram nesta nova vida. Não queria deixar cabos soltos, ninguém que pudesse informar aos espiões imperiais, e tampouco queria pôr em perigo seus fiéis companheiros de exílio.

Só ousava falar com extrema cautela com seus poucos vizinhos. Só conversas furtivas, olhares fugazes e sorrisos. Em qualquer parte podia haver agentes ou *visicoms*.

A senhora, graças a uma série de documentos de identidade falsificados, transformou-se em uma mulher respeitável chamada Lizett, uma viúva cujo marido fictício (comerciante local e funcionário de baixa patente na CHOAM) tinha-lhe deixado recursos econômicos suficientes para administrar a propriedade.

Toda sua existência tinha mudado: acabaram-se as atividades frívolas na corte, a música, os banquetes, as recepções, seu cargo na Landsraad, até as tediosas reuniões do Conselho. Vivia o dia, sentindo saudades dos velhos tempos, sem outro remédio além de aceitar aquela nova vida da melhor maneira possível.

O pior era a possibilidade de não voltar a ver seus filhos.

Como um general que passa suas tropas em revista, a senhora passeou entre os cultivos e examinou os frutos espinhosos de cor vermelha que pendiam das trepadeiras. Esforçou-se por memorizar os nomes dos produtos exóticos que cultivava. O importante era mostrar uma fachada convincente e poder manter conversas corriqueiras sem levantar suspeitas.

Sempre que saía de sua casa usava um belo colar de manufatura ixiana, um hologerador camuflado. Cobria seu rosto com um campo que deformava suas belas feições, suavizava as maçãs do seu rosto, alargava seu queixo delicado, alterava a cor de seus olhos. Sentia-se a salvo... até certo ponto.

Viu uma chuva de estrelas cadentes perto do horizonte. Na distância brilhavam as luzes das fazendas e de uma aldeia, mas isto era muito diferente. Foguetes? Transporte ou lançadeiras?

Bela Tegeuse não era um planeta populoso. Seus recursos eram escassos, assim como escuro e sangrento seu legado histórico. Muito tempo atrás tinha albergado colônias de escravos, povos valentes e rebeldes que proporcionavam escravos para outros planetas. Ela também se sentia prisioneira, mas ao menos estava viva e sabia que sua família estava a salvo.

“Aconteça o que acontecer, nunca baixe a guarda, meu amor — seu marido dissera antes que se separassem —. Nunca.”

Neste constante estado de alerta, a dama observou as luzes de alerta de três ornitópteros que se aproximavam do longínquo espaçoporto.

Tinham acionado seus faróis de busca, embora esta fosse a melhor luz do dia que Bela Tegeuse podia oferecer, no zênite do entardecer duplo.

Sentiu medo, mas continuou imóvel, envolta em uma capa azul.

Preferia as cores de sua Casa, mas não se atrevia a guardar esses objetos em seu roupeiro.

Uma voz chamou da casa.

— Madame Lizett! Alguém se aproxima, e se nega a responder nossas saudações!

Voltou-se e viu a figura de ombros estreitos de Omer, um de seus criados dos velhos tempos, um homem que a acompanhara porque não lhe ocorreu nada melhor a fazer. Não havia alternativa mais importante e satisfatória, Omer tinha lhe assegurado, e ela agradecia por sua devoção.

A senhora teve a idéia de fugir dos ornitópteros, mas a desprezou. Se os intrusos eram quem temia, não tinha nenhuma chance de escapar. E se não fossem, não devia temer nada.

Os ornitópteros chegaram com o barulho de motores. Aterrissaram sobre seus campos cultivados, derrubaram os globos luminosos e esmagaram a colheita.

Quando as portas dos três aparelhos se abriram e os soldados saíram, soube que estava condenada.

Como se estivesse em um sonho, pensou em um momento mais feliz, a chegada de outros soldados. Tinha acontecido durante sua juventude na corte imperial, quando a sensação embriagadora de ser uma cortesã real começava a desaparecer. O imperador tinha passado muito tempo com ela durante uma temporada, mas depois seu interesse se dissipou e preferiu outras concubinas, como era de esperar. Mas não havia se sentido repudiada, porque Elrood continuou lhe proporcionando sustento e proteção.

Entretanto um dia, depois que a rebelião de Ecaz foi esmagada, assistira um desfile vitorioso de soldados imperiais pelas ruas de Kaitain.

As bandeiras eram brilhantes, os uniformes perfeitos e imaculados, os homens galhardos. À cabeça da coluna, vislumbrou pela primeira vez seu futuro marido, um guerreiro orgulhoso com ombros largos e sorriso amplo.

Até à distância, sua presença a deslumbrara, e sentiu que sua paixão despertava de novo, e nesse momento o considerou o maior de todos os soldados que retornavam...

Os soldados acabavam de chegar a Bela Tegeuse eram muito diferentes, muito mais aterradores, com o uniforme cinza e negro dos Sardaukar.

Um *burseg* se adiantou e mostrou a insígnia de sua patente. Com um gesto brusco indicou a seus homens que tomassem posições.

A senhora se aferrou à impostura, com apenas um fio de esperança, e se adiantou para recebê-lo com o queixo erguido.

— Sou madame Lizett, a proprietária deste imóvel. — Sua voz adotou um tom de dureza quando desviou a vista para as colheitas esmagadas —. Vocês ou seus superiores repararão todos os danos causados por sua estupidez?

— Cale a boca! — ladrou um soldado, ao mesmo tempo em que apontava seu fuzil laser.

Idiota, pensou a dama. Poderia usar um escudo. Nesse caso, se o soldado tivesse disparado, aquela parte da Bela Tegeuse teria desaparecido por obra de uma explosão atômica.

O comandante *burseg* ergueu a mão para deter o soldado, e a senhora

compreendeu a farsa: um soldado fanfarrão e descontrolado para intimidá-

la, e um oficial firme para fazê-la colaborar. O soldado bom e o soldado mau.

— Estamos aqui cumprindo ordens imperiais — disse o *burseg* —.

Estamos investigando o paradeiro dos traidores sobreviventes de certa Casa renegada, apelamos ao direito de conquista e exigimos sua colaboração.

— Desconheço os aspectos legais — disse a senhora —, mas não sei nada de renegados. Só apenas uma viúva que tenta levar adiante uma modesta fazenda. Permita que meus advogados conversem com você. Fico satisfeita em colaborar no que puder, mas temo que se decepcionarão.

— Isso é mentira — grunhiu o soldado fanfarrão.

Os empregados tinham parado suas atividades, petrificados. O

burseg avançou e se plantou a frente da mulher, que não se alterou. O

homem estudou seu rosto e franziu o sobrecenho. A senhora sabia que sua aparência camuflada não coincidia com a que o homem esperava encontrar.

Sustentou seu olhar sem pestanejar.

De repente o homem arrancou o colar ixiano, fazendo desaparecer seu disfarce.

— Eu prefiro assim — disse o *burseg* —. Então não sabe nada de renegados, não é? — Soltou uma gargalhada desdenhosa.

Fulminou-o com o olhar. Mais soldados Sardaukar saíram dos três ornitópteros e tomaram posições ao redor. Alguns se dirigiram ao interior da casa, enquanto outros revistavam o celeiro, o silo solar e outros edifícios adjacentes. Será que suspeitavam que escondia todo um exército? Segundo seu estilo de vida habitual, parecia que logo mal poderia permitir-se roupa nova e comida quente.

Outro Sardaukar de rosto sombrio a agarrou pelo braço. Ela tentou escapar, mas o homem lhe subiu a manga da capa e a roçou com uma pequena cureta. A senhora soltou uma exclamação, pensando que o soldado a envenenara, mas o Sardaukar se limitou a analisar a amostra de sangue que colhera.

— Identidade confirmada, senhor — anunciou para seu comandante

—. *Lady* Shando Vernius de IX.

Os soldados retrocederam, mas Shando não se moveu. Sabia o que a esperava.

Durante mais de um ano, o velho imperador se comportara de uma maneira cada vez mais irracional. Sua mente e seu corpo se deterioravam.

Elrood sofria de mais delírios de grandeza que de costume e acumulava mais ódio do que um corpo podia conter, mas continuava a ser o imperador, e seus decretos eram cumpridos ao pé da letra.

Só o que temia era que a torturassem para lhe arrancar informação sobre o paradeiro de Dominic, o que desconhecia. Talvez se limitassem a terminar a tarefa.

Omer saiu por uma porta lateral da casa, gritando. Brandia uma tosca arma de caça que encontrara em um armário. Que idiota, pensou. Valente, dedicado e leal, mas totalmente idiota.

— Minha senhora! — gritou Omer —. Deixem-na em paz!

Alguns Sardaukar apontaram para os outros trabalhadores, mas a maioria não desviou seus fuzis dela. Olhou para o céu e pensou em seu amado esposo e seus filhos queridos, e esperou que não encontrassem um final similar. Mesmo nesse momento admitiu que, se pudesse escolher, faria tudo igual outra vez. Não lamentava a perda de prestígio e riquezas que abandonar a corte real lhe trouxera. Shando conhecera um amor que poucos membros da nobreza chegavam experimentavam.

Pobre Roody, pensou com uma pontada de pena. Você nunca compreendeu esse tipo de amor. Como de costume, Dominic estava certo.

Visualizou-o mentalmente tal como o conhecera pela primeira vez: um jovem e belo soldado que retornava vitorioso da batalha.

Shando ergueu uma mão para tocar a visão do rosto de Dominic pela última vez...

Então os Sardaukar abriram fogo.

Devo governar com unhas e dentes, como um falcão entre aves menores.

Duque Paulus Atreides,

declaração Atreides

Duque Leto Atreides: Regente do planeta Caladan, membro do Landsraad, chefe de uma Grande Casa... Esses títulos não significavam nada para ele. Seu pai tinha morrido.

Leto se sentia pequeno. Derrotado e confuso, não estava preparado para a carga que tinham recaído sobre ele, de uma forma tão cruel, com apenas quinze anos. Sentado na poltrona desconfortável e muito grande, onde o afável velho duque concedia audiências, Leto se sentia deslocado, um impostor.

Não estou preparado para ser duque!

Tinha decretado sete dias de luto oficial, durante os quais pretendia entender os assuntos mais difíceis como chefe da Casa Atreides. Até receber as condolências das demais Grandes Casa era muito para ele, sobretudo a carta oficial do imperador Elrood IX, escrita sem dúvida por seu *chambelán* mas assinada pela mão tremula do ancião. “Um grande homem do povo tombou — dizia a nota do imperador —. Receba minhas mais sinceras condolências e preces por seu futuro.”

Por alguma razão, Leto interpretou aquelas linhas como uma ameaça.

Algo sinistro no torcido da assinatura, talvez, ou na eleição das palavras.

Leto tinha queimado a mensagem na chaminé de seus aposentos privados.

O mais importante para ele foi receber as demonstrações de dor do povo de Caladan: flores, cestas de pescado, bandeiras bordadas, poemas e canções escritas por aspirantes a bardos, desenhos e pinturas que mostravam o velho duque em toda sua glória, vitorioso na arena.

Em privado, quando ninguém podia ser testemunha de sua fraqueza, Leto chorava. Sabia como o povo amava o duque Paulus, e recordava a sensação de

poder que o invadiu no dia que seu pai e ele ergueram a cabeça de um touro na arena. Naquele momento desejou ser duque, rodeado de amor e lealdade.

Agora desejava qualquer outro destino, menos esse.

Lady Helena se fechou em seus aposentos, ignorando todos os criados que tentavam atendê-la. Leto nunca tinha percebido muito amor ou afeto entre seus pais, e neste momento ignorava se a dor de sua mãe era sincera ou fingida. Só recebia seus sacerdotes pessoais e conselheiros espirituais. Helena se aferrava aos sutis significados que extraía dos versículos da Bíblia Católica Laranja.

Leto sabia que precisava sair daquela confusão. Tinha que tirar forças de fraqueza e entregar-se à tarefa de governar Caladan. O duque Paulus teria zombado da tristeza de Leto, e o teria repreendido por não assumir imediatamente as obrigações de sua nova vida. “Chora em privado, rapaz — haveria dito —, mas nunca exiba nenhum sinal de fraqueza por parte da Casa Atreides.” O jovem jurou esforçar-se ao máximo. Seria o primeiro dos muitos sacrifícios que seu novo cargo exigiria.

O príncipe Rhombur se aproximou de Leto, que continuava sentado no trono da sala de audiências vazia. Leto tinha a vista cravada na parede em frente, onde havia um retrato de seu pai vestido como matador.

Rhombur apertou o ombro de seu amigo.

— Você comeu, Leto? Precisa conservar as energias.

Leto respirou fundo e se virou para seu camarada de IX, cujo rosto largo refletia preocupação.

— Não. Quer tomar o café da manhã comigo?

Levantou-se com movimentos rígidos da poltrona incômoda. Tinha chegado o momento de enfrentar seus deveres.

Thufir Hawat os acompanhou durante um café da manhã que se estendeu durante horas, enquanto traçavam planos e estratégias para o novo regime. Quando se fez uma pausa na conversa, o *Mentat* inclinou a cabeça e cravou a vista nos olhos de Leto.

— Embora não o tenha expressado com palavras, meu duque, prometo-lhe minha inteira lealdade e renovo meu compromisso com a Casa Atreides. Farei tudo que estiver ao meu alcance para ajudá-lo e aconselhá-

lo. — Sua expressão endureceu —. Mas têm que compreender que suas decisões serão suas e só suas. Meus conselhos podem ser contrários à opinião do príncipe Rhombur ou de sua mãe, ou de outros conselheiros.

Nesses casos, você decidirá. É o duque. É a Casa Atreides.

Leto estremeceu e sentiu a responsabilidade que recaía sobre seus ombros como um Cruzeiro da Corporação a ponto de cair.

— Tenho consciência disso, Thufir, e necessitarei de toda a ajuda possível.

Endireitou-se na cadeira e bebeu a calda de açúcar de uma terrina de pudim de arroz pundi quente, preparado por um *chef* que conhecia suas preferências desde que era menino. Já não parecia igual. Suas papilas gustativas pareciam adormecidas.

— Como vai a investigação sobre a morte de meu pai? Foi um acidente, tal como parece, ou foi preparada?

O *Mentat* franziu o sobrecenho.

— Não me atrevo a afirmar nada, meu duque, mas temo que foi um assassinato. As provas apontam para um plano tortuoso.

— Como? — exclamou Rhombur. Seu rosto se enrijeceu —. Quem atentou contra o duque? Como?

Não sentia afeto apenas por Leto, mas também pelo patriarca Atreides que concedera asilo a ele e sua irmã. Um sentimento visceral sussurrou a Rhombur que talvez tivessem castigado Paulus por sua bondade para com os exilados de IX.

— Eu sou o duque, Rhombur — disse Leto —. Acalme-se. Eu me encarregarei disso.

Leto quase ouviu as engrenagens que zumbiam dentro da complexa mente do

Mentat.

— As análises químicas dos tecidos musculares do touro mostraram leves rastros de duas drogas — disse Hawat.

— Pensei que examinavam as bestas antes de cada corrida.

Leto entreabriu os olhos e por um momento não conseguiu afastar lembranças de sua infância, quando ia aos estábulos para olhar os enormes animais, e o responsável, Yresk, tinha-lhe deixado dar de comer aos touros, para horror das meninos de quadras.

— Nosso veterinário é cúmplice do complô?

— Antes da tourada foram feitas as análise costumeiras. — Thufir apertou seus lábios manchados de vermelho e enquanto controlava seus pensamentos e meditava sua resposta —. Infelizmente, não se analisou o que era pertinente. O touro foi enfurecido durante dias com um poderoso estimulante que se acumulou em seu corpo, administrado lenta e incessantemente.

— Isso não devia ser suficiente — replicou Leto —. Meu pai era um bom matador. O melhor.

O *Mentat* sacudiu a cabeça.

— Também administraram ao touro um agente neutralizador, um agente químico que rebateu a neurotoxina contida nas banderilhas do duque e, ao mesmo tempo, liberou o estimulante. O animal se transformou em uma máquina de matar ainda mais poderosa, justo quando o duque começava a sentir os efeitos do cansaço.

Leto foi às nuvens. Levantou-se da mesa e olhou para o onipresente detector de venenos. Passeou de um lado para outro e deixou que o pudim de arroz esfriasse. Depois deu meia volta e falou em tom crispado, recordando as técnicas de liderança que tinha aprendido.

— *Mentat*, me faça uma projeção primária. Quem fez isto?

Thufir entrou em modo *Mentat*. Um jorro de dados passou pelo computador em seu crânio, um cérebro humano que simulava as capacidades dos antigos e odiados inimigos da humanidade.

— A possibilidade mais provável: um ataque pessoal de um inimigo político da Casa Atreides. Tendo em conta o momento, suspeito que castigaram o velho duque por seu apoio à Casa Vernius.

— Exatamente o que eu suspeitava — murmurou Rhombur. O filho de Dominic Vernius parecia já um adulto, endurecido e curtido. Desde sua chegada a Caladan tinha amadurecido, fortalecido seus músculos. Seus olhos tinham adquirido um brilho desumano.

— Mas nenhuma Casa nos declarou inimizade — respondeu Leto

—. O antigo rito da vingança exige requisitos e formalidades, não é assim, Thufir?

— Não podemos confiar que lodos os inimigos do velho duque tenham respeitado essas formalidades — disse Hawat —. Temos que agir com muita cautela.

Rhombur avermelhou de ira e pensou em sua família, expulsa de IX.

— Há quem manipule as formalidades para satisfazer suas necessidades.

— Possibilidade secundaria — respondeu o *Mentat* — O objetivo pôde ser o duque Paulus em pessoa, não a Casa Atreides, o resultado de uma pequena vingança ou ressentimento pessoal. O culpado pôde ser um peticionário local descontentes com uma decisão do duque. Mesmo este assassinato tendo conseqüências galáticas, pode ser que a causa tenha sido algo corriqueiro, embora pareça irônico.

Leto meneou a cabeça.

— Não posso acreditar nisso. O povo amava meu pai. Nenhum de seus súditos teria se rebelado contra ele.

Hawat não se alterou.

— Meu duque, não subestime o poder do amor e da lealdade, e não subestime o poder do ódio pessoal.

— *Er*, qual é a possibilidade mais segura? — perguntou Rhombur.

Hawat olhou para seu duque.

— Um ataque para enfraquecer a Casa Atreides. A morte do patriarca o deixa, meu senhor, em uma posição vulnerável. Ainda é jovem e inexperiente.

Leto respirou fundo mas conteve sua ira.

— Seus inimigos considerarão a Casa Atreides instável, e talvez iniciarão uma manobra contra nós. Pode ser que seus aliados o considerem um problema, e o apóiem com... limitado entusiasmo. É um momento muito perigoso.

— Os Harkonnen? — perguntou Leto.

Hawat deu de ombros.

— É possível. Ou algum de seus aliados.

Leto apertou as têmporas e respirou fundo de novo viu que Rhombur o observava inquieto.

— Continue suas investigações, Thufir — disse —. Como conhece as drogas injetadas no touro salusano, sugiro que concentre seus interrogatórios nos estábulos.

O menino de quadras Duncan Idaho se erguia frente a seu novo duque. Fez uma reverência orgulhosa, disposto a jurar lealdade de novo.

Tinha sido banhado, embora continuasse usando as roupas próprias de seu ofício e tivesse o cabelo desgrenhado.

Mal era capaz de conter sua raiva. Tinha certeza que a morte do duque Paulus poderia ser evitada se alguém o tivesse ouvido. Sua dor era imensa, e sentia a dúvida de que não se esforçara o bastante. Deveria ter insistido mais, ou falado com alguém mais além do responsável pelos estábulos? Perguntou-se se devia revelar seus esforços, mas se calou.

Leto Atreides, muito pequeno para o grande trono, entreabriu seus olhos cinzas e olhou para Duncan.

— Garoto, lembra-se quando veio a esta casa. — Seu rosto parecia mais magro e

muito mais velho que quando o vira pela primeira vez —. Foi logo depois que escapei de IX com Rhombur e Kailea.

Os dois refugiados também estavam sentados no salão do trono, junto com Thufir Hawat e um contingente de guardas. Duncan desviou a vista para eles e depois voltou a atenção para o jovem duque.

— Contaram-me histórias sobre sua fuga dos Harkonnen, Duncan Idaho — continuou Leto —, e sobre as torturas e encarceramento que sofreu. Meu pai confiou em você quando lhe concedeu um emprego no castelo de Caladan. Sabe que não fazia isso com freqüência?

Duncan assentiu.

— Sim, meu senhor. — Sentiu que seu rosto avermelhava, devido à culpa que sentia por ter falhado com seu benfeitor —. Sim, eu sei.

— Mas alguém drogou os touros salusanos antes da última corrida de meu pai, e você foi um dos encarregados de cuidar dos animais. Por que não o vi no passeio quando todos os outros desfilaram ao redor da arena?

Lembro que o procurei com o olhar. — Sua voz tomou um tom muito mais penetrante— . Duncan Idaho, você foi enviado aqui, todo inocência e indignação, como assassino camuflado a serviço dos Harkonnen?

Duncan retrocedeu, consternado.

— De maneira nenhuma, meu senhor! — exclamou —. Tentei avisar a todo mundo. Sabia que algo acontecia com os touros. Eu disse várias vezes ao mestre Yresk, o chefe dos estábulos, mas ele não fez nada. riu de mim. Discuti com ele. Por isso não estava no passeio. Pretendia avisar o velho duque, mas o chefe dos estábulos me prendeu em um deles durante a corrida. — As lágrimas foram a seus olhos —. Todos os belos objetos que seu pai me deu se sujaram. Nem sequer o vi cair na arena.

Leto, surpreso, ergueu-se no trono. Olhou para Hawat.

— Vou averiguar, meu senhor — disse o *Mentat*.

Leto estudou o menino. Duncan Idaho não demonstrava temor, apenas profunda

tristeza. Leto acreditou ler franqueza e devoção em seu rosto jovem. O refugiado de nove anos parecia muito satisfeito em trabalhar no castelo de Caladan, apesar de seu emprego humilde de menino de quadras.

Leto Atreides não tinha muitos anos de experiência na arte de julgar as pessoas e sopesar o coração dos homens, mas intuía que podia confiar naquele menino abnegado. Duncan era teimoso, inteligente e impetuoso, mas não um traidor.

Haja com cautela, duque Leto, disse a si mesmo. O Império utiliza muitas artimanhas, e esta poderia ser uma delas. Pensou no velho chefe de estábulos. Yresk servia a Caladan desde o matrimônio de conveniência dos pais de Leto... Era possível que semelhante plano tivesse permanecido em latente durante tantos anos? Supôs que sim. As implicações lhe produziram calafrios.

Lady Helena, sem escolta, entrou na sala de audiências furtivamente.

Havia profundas olheiras sob seus olhos. sentou-se ao lado de Leto, no trono reservado para as ocasiões em que tomava assento junto a seu marido. A mulher, com as costas eretas e em silêncio, examinou o menino que se erguia a frente de ambos.

Momentos depois, o chefe dos estábulos Yresk foi introduzido no salão pelos guardas. Seu cabelo branco estava revolto, e seus olhos inchados pareciam dilatados e inseguros. Quando Thufir Hawat terminou de resumir a história que Duncan Idaho contara, o responsável pelos estábulos riu e seus ombros ossudos se afundaram com alívio exagerado.

— Depois de todos os anos que o servi, vai acreditar neste rato de estábulo, neste Harkonnen? — Virou os olhos em sinal de aborrecimento

—. Por favor, meu senhor!

Exageradamente dramático, pensou Leto. Hawat também percebeu.

Yresk levou um dedo aos lábios, como se lhe acabasse de ocorrer uma possibilidade.

— Agora que mencionou, meu senhor, é muito possível que o menino tenha envenenado o touro. Não podia vigiá-lo o tempo todo.

— Isso é mentira! — gritou Duncan —. Queria avisar o duque, mas você me prendeu em um estábulo. Por que não fez nada? Eu avisei várias vezes, e agora o duque está morto.

Hawat escutava com olhos distantes, os lábios manchados de vermelho depois de ter tomado um gole de suco de safo. Leto percebeu que tinha entrado em modo *Mentat* para analisar todos os dados que recordava sobre os acontecimentos relacionados com o jovem Duncan e com Yresk.

— Então? — perguntou Leto ao chefe dos estábulos. Obrigou-se a não pensar nos bons momentos passados com aquele homem gorducho, que sempre cheirava a suor e esterco.

— Pode ser que esse rato de estábulo tenha choramingado um pouco, meu senhor, mas porque tinha medo dos touros. Não posso suspender uma tourada porque um chorão se assusta com os animais. — Bufou depreciativamente —. Cuidei deste cachorrinho, dei-lhe todas as oportunidades...

— Mas o ignorou quando avisou sobre os touros, e agora meu pai está morto — disse Leto. Observou que, de repente Yresk parecia assustado

—. Por que fez isso?

— Projeção possível — anunciou Hawat —. Por meio de *lady* Helena, Yresk trabalhou para a Casa Richese toda sua vida. Richese manteve laços com os Harkonnen no passado, assim como uma relação de inimizade com IX. Possivelmente não tenha consciência de sua participação em um plano global, ele...

— Como? Isto é absurdo! — insistiu Yresk. Coçou seu cabelo branco —. Não tenho nada com os Harkonnen.

Desviou a vista para *lady* Helena, mas ela se negou a olhar para ele.

— Não interrompa meu *Mentat* — advertiu Leto.

Thufir Hawat olhou para *lady* Helena, que o contemplava com expressão gélida. O *Mentat* cravou a vista em seu filho.

— Resumo: o matrimônio de Paulus Atreides com Helena, da Casa Richese, foi

perigoso, mesmo em seu momento. O Landsraad o considerou uma forma de enfraquecer os laços entre os Richese e os Harkonnen, no entanto o conde Libam Richese aceitou o matrimônio como uma última tentativa de salvar parte da fortuna familiar, em um tempo em que estava perdendo Arrakis. Quanto à Casa Atreides, o duque Paulus recebeu um posto de diretor da CHOAM e se transformou em membro do Conselho com direito a voto, algo que esta família não teria obtido de outra forma.

Quando o cortejo nupcial chegou aqui com *lady* Helena, possivelmente nem todos os membros juraram inteira lealdade a Casa Atreides. Pôde estabelecer-se algum tipo de contato entre agentes Harkonnen e o chefe de estábulos Yresk, sem o conhecimento de *lady* Helena, é obvio.

— Isso são conjeturas infundadas, mesmo para um *Mentat* —

replicou Yresk.

Leto observou que procurava apoio em algum dos pressente, com exceção de Helena, cujos olhos parecia evitá-lo agora.

Leto olhou para sua mãe, sentada em silêncio a seu lado e se fixou na tensão em sua mandíbula. Um calafrio percorreu sua espinha dorsal.

Através da porta fechada de seu dormitório, Leto tinha ouvido suas palavras relativas à política do seu pai. “Foi você que tomou a decisão, Paulus. A decisão errada.” As palavras ressoaram na mente de Leto. “Isso custará caro, para você a para sua Casa também.”

— *Er*, ninguém vigia um chefe de estábulos, Leto — disse Rhombur em voz baixa.

Mas Leto continuou observando sua mãe. Yresk tinha chegado a Caladan com o cortejo nupcial de sua mãe. Teria recorrido a ele? Que tipo de vínculo mantinha com aquele homem?

Sua garganta secou quando todas as peças se encaixaram em sua mente e alcançou uma certeza que devia ser similar a do *Mentat*. Ela era a responsável! *Lady* Helena Atreides tinha colocado o mecanismo em movimento. Talvez contara com alguma ajuda externa, possivelmente dos Harkonnen, e Yresk fora encarregado de por o plano em prática.

Mas era ela quem tinha tomado a decisão de castigar Paulus. Sabia no fundo de sua alma. Com um filho de quinze anos, agora controlaria Caladan e tomaria as decisões que julgasse mais pertinentes.

“Leto, meu filho, você agora é o duque Atreides.” Essas tinham sido as suas palavras, poucos minutos depois que seu marido morrera. Uma curiosa reação para uma mulher afligida pela dor.

— Rogo que não acredite nisso — disse Yresk retorcendo as mãos

—. Eu nunca trairia a Casa que sirvo, meu senhor. — Apontou para Duncan —. E este rato de estábulo é um Harkonnen. Chegou de Giedi Prime não faz muito tempo.

Lady Helena estava sentada muito rígida, e quando por fim falou, olhou desafiante para seu filho:

— Você conhece Yresk desde que era um menino, Leto. Por acaso acusa um membro do meu séquito? Não seja ridículo.

— Ainda não acusei ninguém, mãe — disse ele com cautela —. Só estamos discutindo este ponto.

Como chefe da Casa Atreides, devia se esforçar por se distanciar de sua infância, de quando era um menino ansioso que perguntava ao chefe de estábulos se podia ver os touros. Yresk tinha lhe ensinado a domesticar animais, montar em cavalos velhos, fazer nós e prender um arnês. Mas aquele menino de olhos admirados era agora o novo duque da Casa Atreides.

— Temos que estudar as provas antes de extrair conclusões.

O rosto de Yresk refletiu sentimentos desencontrados, e de repente, Leto teve medo do que podia dizer. Encurralado e temeroso por sua vida, implicaria Helena? Os guardas escutavam com atenção. Kailea observava e assimilava cada detalhe. Não havia dúvida de que outras pessoas escutariam e repetiriam o que fosse dito na sala. O escândalo sacudiria Caladan, e talvez o próprio Landsraad.

Mesmo se sua mãe tivesse tramado o acidente na tourada, mesmo se Yresk tivesse seguido ordens, subornado ou chantageado, Leto não queria que o homem confessasse em público. Necessitava da verdade, mas em particular. Se

corresse a notícia de que *lady* Helena era a instigadora da morte do velho duque, a Casa Atreides se rasgaria. Sua própria autoridade seria prejudicada, e não haveria outra opção senão deixar cair todo o peso da justiça sobre sua própria mãe.

Estremeceu ao pensar na obra sobre Agamenon e na maldição de Atreo, que tinha açoitado sua família desde os primórdios da história.

Respirou fundo, consciente de que devia ser forte.

“Faça o que for necessário, rapaz — havia dito seu pai —. Sempre que tomar decisões justas, ninguém o questionará.” Mas qual era a decisão justa agora?

Helena se levantou e falou com Leto em um frio tom maternal.

— A morte do meu marido não foi uma traição, mas um castigo de Deus. — Apontou para Rhombur e Kailea, que pareciam estupefatos —.

Meu amado duque foi castigado por sua amizade com a Casa Vernius, por permitir que estes meninos vivessem no castelo. Sua família violou os mandamentos, e mesmo assim Paulus os recebeu com os braços abertos.

Meu marido foi vítima de seu orgulho, não de um insignificante chefe de estábulos. É simples assim.

— Já ouvi o suficiente, mãe — disse Leto.

Helena lhe dirigiu um olhar de indignação, como se ainda fosse um menino.

— Não terminei que falar. Ser duque significa mais do que imagina...

Leto procurou conservar a calma em sua voz e em sua compostura.

— Eu sou o duque, mãe, e você guardará silêncio, do contrário ordenarei aos guardas que a retirem da sala e a encerrem sob chave em uma de suas torres.

Helena empalideceu e seus olhos se moveram de um lado a outro enquanto tentava dissimular sua surpresa. Não conseguia acreditar que seu filho tivesse falado daquela maneira, mas preferiu não insistir. Como de costume, esforçou-se por manter as aparências. Tinha visto uma expressão similar no velho duque, e

não ousou desencadear a tormenta.

— Leto, rapaz — disse Yresk, embora fosse mais sábio guardar silêncio —, você não pode acreditar neste rato de estábulo...

Leto olhou para o homem, tão parecido com um espantalho, e comparou seu comportamento com o de Duncan. O rosto de Yresk estava coberto de suor.

— Concedo-lhe mais crédito — disse Leto —. E não volte a me chamar de rapaz.

Hawat se adiantou.

— Poderíamos obter mais informação através de um interrogatório.

Eu interrogarei pessoalmente o chefe de estábulos.

— Será melhor em privado, Thufir — disse Leto —. Com você a sós.

Fechou os olhos por um breve momento e engoliu em seco. Sabia que mais tarde teria que enviar uma mensagem a Hawat para que o chefe de estábulos não sobrevivesse ao interrogatório, por temor do que pudesse revelar. O quase imperceptível assentimento do *Mentat* informou a Leto que tinha compreendido a insinuação. Toda informação que Hawat extraísse do chefe de estábulos devia ser um segredo entre o duque e ele.

Yresk uivou quando os guardas agarraram seus braços, mas Hawat lhe tampou a boca com a mão.

Então, como se tivesse sido calculado para ocorrer no momento de maior confusão, os guardas abriram as portas principais do salão para dar passagem a um homem uniformizado. Entrou com passo decidido, o olhar cravado em Leto. Sua placa de identificação eletrônica revelava que era um Mensageiro oficial, recém desembarcado de um transporte no espaçoporto de Baía City. Leto ficou tenso, consciente de que aquele homem não podia trazer boas notícias.

— Meu senhor, sou portador de terríveis novas.

As palavras do Mensageiro produziram um arrepiou em todos os presentes. Os guardas continuavam segurando Yresk, e Hawat indicou com um gesto que o

tirassem antes dali.

O mensageiro avançou para o trono e ficou imóvel, e depois respirou fundo para preparar-se. Como conhecia a situação de Caladan, com o novo duque e os ixianos exilados, escolheu suas palavras com cautela.

— É meu triste dever informar que *lady* Shando, marcada como renegada e traidora pelo imperador Elrood IX, foi localizada e, obedecendo ao decreto imperial, executada por tropas Sardaukar em Bela Tegeuse.

Todos os membros de seu séquito também foram justiçados.

Rhombur se deixou cair sobre o degrau de mármore contiguo ao trono real. Kailea, que tinha contemplado a cena em silêncio, rompeu a chorar. apoiou-se contra uma parede e golpeou uma coluna de pedra com seu punho frágil até sangrar.

Helena olhou para seu filho com tristeza e assentiu.

— Está vendo, Leto? Outro castigo. Eu tinha razão. Os ixianos e seus cúmplices estão condenados.

Leto lhe dirigiu um olhar de ódio e se virou para os guardas.

— Acompanhem minha mãe a seus aposentos, e ordenem a seus criados que preparem malas para uma longa viajem. — Controlou o tremor na sua voz —. Acredito que a tensão dos últimos dias exige que seja levada para um lugar tranqüilo, muito longe daqui.

Em circunstâncias adversas tudo ser se teansforma em outra coisa, que evolui ou degenera. O que nos faz humanos é saber o que fomos em outro tempo, e recordar, esperemos, a forma de realizar a mudança.

Embaixador C’ammar Tilru,

Mensagens em defesa de IX

O sistema de alarme silencioso de seu esconderijo despertou uma vez mais. C'tair, coberto de suor por causa dos seus pesadelos recorrentes, levantou-se, preparado para lutar contra os inimigos que o assediavam.

Mas os Bene Tleilax ainda não tinham descoberto seu refúgio secreto, embora estivessem perto graças a seus malditos sensores. Seu cubículo a prova de transmissões estava equipado com um monitor interno automático que funcionaria sem problemas durante séculos, mas os fanáticos utilizavam aparelhos localizadores de tecnologia para detectar o funcionamento de máquinas proibidas. cedo ou tarde o apanhariam.

Agiu com silenciosa eficácia e desconectou tudo: luzes, ventilação e calefação. Depois se sentou na escuridão sufocante, à espera. Não ouviu nada, exceto sua própria respiração. Ninguém forçou a porta camuflada.

Depois de um longo momento se movimentou.

Os sensores aleatórios danificariam seriamente a capacidade de seu escudo para ocultar a ele e seus componentes tecnológicos. C'tair sabia que devia roubar um desses artefatos. Se pudesse analisar o modo de funcionamento da tecnologia Tleilaxu, montaria um sistema que rebatesse seus efeitos.

Quase todas as manhãs, os corredores e salas públicas do antigo *Grand Palais* (agora um edifício de escritórios governamentais Tleilaxu) estavam vazios. C'tair saiu de um poço de ventilação oculto em um armazém próximo ao corredor principal. Dali havia pouca distância até um elevador que saía do edifício, atravessava outros edifícios estalactite e descia aos níveis inferiores. Nada o impedia de manter as aparências e seguir com a vida, mas suas probabilidades aumentariam se pudesse neutralizar os sensores de alta tecnologia.

O investigador podia continuar nesta instalação, ou talvez tivesse mudado para um nível diferente. C'tair saiu e esquadrinhou o corredor. Já tinha descoberto todos os segredos dessa parte do edifício.

Embora carregasse uma pistola atordoante e um fuzil laser, temia que as redes sensoras dos Tleilaxu as detectassem. Então, patrulhas especiais sairiam em sua busca. Por isso empunhava uma faca afiada. Seria eficaz e silencioso. A melhor opção.

Por fim, avistou um Tleilaxu calvo e de rosto magro que se aproximava pelo corredor. Segurava com ambas as mãos uma pequena tela e estava tão absorto em suas leituras que não reparou em C'tair, até este se precipitar sobre ele com a faca.

C'tair quis expressar seu ódio aos gritos, mas se limitou a rugir. A boca do Tleilaxu desenhou um pequen “O”, que deixou a mostra dentes diminutos como pérolas. Antes que pudesse gritar, C'tair lhe cortou a garganta.

O homem caiu sobre uma poça de sangue, mas C'tair se apoderou do exploratório antes que tocasse o chão. Contemplou-o com cobiça, indiferente às convulsões do homem que sangrava sobre as lajes reluzentes do que tinha sido o *Grand Palais* da Casa Vernius.

C'tair não sentiu o menor remorso. Já tinha cometido numerosos delitos, pelos quais seria executado se os fanáticos o capturassem. Que importava mais um enquanto sua consciência estivesse tranqüila? Quantas pessoas os Tleilaxu tinham aniquilado? Quanta história e cultura ixianas sua conquista tinha destruído? Quanta sangue tinham derramado?

C'tair arrastou o cadáver até o poço de acesso que conduzia ao seu esconderijo e depois limpou o sangue derramado. Esgotado, deteve-se um momento quando um fragmento de sua vida anterior passou por sua mente.

Olhou para suas mãos ensangüentadas e se perguntou o que pensaria a doce e delicada Kailea se o visse agora. Cada vez que iam visitá-la, C'tair e seu irmão se vestiam impecavelmente.

Dedicou um breve instante a lamentar aquilo que os Tleilaxu o obrigaram a se transformar, e depois se perguntou se Kailea também tinha mudado, que provas atrozes teria padecido. Reparou que ignorava se ainda estava viva.

Mas não sobreviveria muito mais se não apagasse os rastros do crime e desaparecesse em seu esconderijo.

O investigador Tleilaxu pesava muito para seu tamanho, o que sugeria uma estrutura óssea compacta. Jogou o cadáver de pele cinzenta em um coletor de entropia nula. O sol se elevaria no céu muito antes que o corpo começasse a se decompor.

Depois de se lavar e trocar de roupa, C'tair começou a trabalhar na tarefa mais imediata. Transportou o equipamento roubado para seu banco de trabalho. Os comandos do aparelho eram rudimentares: um botão negro e uma tela que identificava máquinas e sinais tecnológicos. Havia marcas em linguagem codificada Tleilaxu, que decifrou sem problemas pronunciando as palavras em

frente a um decodificador que tinha levado para seu esconderijo no início da rebelião.

Compreender as complexidades do aparelho Tleilaxu tomou bastante tempo. C'tair teve que trabalhar com muito cuidado, devido à provável existência de um sistema anti manipulação capaz de fundir as peças internas. Não se atreveu a abri-lo com uma ferramenta. Teria que utilizar métodos mais sutis.

Desejou uma vez mais que o espírito do velho Rogo reaparecesse e o aconselhasse. C'tair se sentia muito sozinho naquela habitação secreta, e em várias ocasiões teve que reprimir a tentação de deixar-se levar pela auto compaixão, Extraiu forças da certeza de que estava fazendo algo muito importante. O futuro de lX podia depender das batalhas furtivas que conseguisse ganhar. E para proteger seu refúgio, C'tair precisava desentranhar o mistério do maldito exploratório Tleilaxu...

Por fim, depois de dias de frustração, utilizou uma sonda com a esperança de criar um esquema do interior do exploratório. Para sua surpresa, ouviu um clique. Deixou o aparelho sobre a mesa de trabalho e o examinou com cautela. Uma juntura se abriu de um lado. Fez pressão em ambos os lados e o exploratório se abriu sem explodir ou fundir-se. Não só descobriu as entranhas do aparelho, mas também um holoprojetor ativado através de uma cavilha que reproduzia no ar uma imagem do Guia do Usuário, um homem holográfico que explicava satisfeito tudo que precisava saber sobre o exploratório.

O Guia do Usuário não se preocupava que alguém roubasse a tecnologia do aparelho, pois dependia de um estranho e caro espelho richesiano que nenhum estrangeiro tinha conseguido duplicar. Construídos a base de minerais e polímeros desconhecidos, acreditava-se que tais cristais continham prismas geodómicos entrelaçados com outros prismas.

Enquanto C'tair examinava o exploratório, admirou sua construção e pela primeira vez suspeitou que Richese estava comprometido no complô contra IX. O ódio era profundo, e os richesianos colaborariam de bom grado na destruição de seus principais rivais...

C'tair devia utilizar seu conhecimento intuitivo, as peças dos componentes e o cristal richesiano para construir um artefato que neutralizasse o exploratório. Depois de repetidas perguntas o fastidiosamente solícito Guia, começou a pensar

em uma solução...

A reunião noturna com os contrabandistas do mercado negro tinha destruído seus nervos, com muitos olhares por cima do ombro, mas o que outra coisa podia fazer? Só aqueles comerciantes ilegais podiam procurar os escassos componentes que precisava para seu neutralizador de exploratórios.

Por fim, depois de acabar suas compras, retornou ao silencioso edifício nas alturas, e usou um cartão de confundir identificações biométricas para enganar o posto de entrada e se fazer passar por um técnico Tleilaxu. Enquanto subia no elevador até o antigo *Grand Palais*, em direção a seu esconderijo, C'tair pensou nos numerosos desenhos que tinha deixado sobre seu banco de trabalho. Estava ansioso por retomar seu trabalho.

Quando saiu para o corredor, viu que errara o andar. Em vez de portas sem janelas e salas de armazenamento, aquele piso possuía numerosos escritórios de plaz transparente. Luzes noturnas alaranjadas brilhavam. Em portas e janelas escritos em idioma Tleilaxu havia letreiros detestáveis.

Deteve-se e examinou o local. Não tinha entrado muito nas capas de rocha. Em outro tempo, pensou, aquelas habitações tinham sido salas de conferências, escritórios de embaixadas, salas de reuniões para os membros da corte do conde Vernius. Agora seu aspecto era meramente funcional.

Antes que pudesse voltar, C'tair ouviu algo a sua esquerda, um ruído de passos, e deslizou para o elevador para voltar para seu andar. Muito tarde. Tinha sido visto.

— Você, desconhecido! — gritou um homem em *galach* com acento ixiano —. Aproxime-se para que eu possa vê-li.

Devia ser um dos colaboracionistas, um renegado ixiano que tinha vendido sua alma ao inimigo, as custas de seu próprio povo.

C'tair manuseou seu cartão de confundir identidades, e tremeu ao ouvir as pesadas botas que se aproximavam. Passou o cartão pelo leitor do elevador. Ouviram-se mais vozes. Temia que disparassem a qualquer momento.

Depois de um instante interminável o elevador se abriu, mas ao entrar C'tair deixou cair a bolsa com as peças recém compradas. Não tinha tempo para

recuperá-las.

Blasfemou e marcou o andar correto, com um sussurro severo e autoritário. A porta se fechou bem a tempo, e as vozes desapareceram.

Receava que os guardas avariassem o elevador ou chamassem os Sardaukar, de modo que precisava fugir rapidamente. O trajeto até seu andar pareceu ser eterno.

A porta se abriu, e C'tair olhou cauteloso para a direita e esquerda.

Nada. Voltou a entrar no elevador e o programou para que parasse nos próximos quatro pisos, e depois o enviou vazio para as alturas.

Segundos mais tarde parou, suado, em frente a porta do seu refúgio, agradecido por ter se salvado, mas irritado consigo mesmo por seu descuido. Tinha perdido os preciosos componentes, e também tinha dado aos Tleilaxu uma pista dos seus propósitos.

Agora iriam procurá-lo.

Durante um tempo, todos vivemos à sombra de nossos predecessores. Não obstante, nós que decidimos o destino dos planetas chegamos a um momento em que não nos transformamos em sombras, mas em luz.

Príncipe Raphael Corrino.

Discursos sobre a liderança

Como membro oficial do Conselho Federado das Grandes e Menores Casa, o duque Leto Atreides embarcou em um Cruzeiro e viajou para Kaitain para participar da nova assembléia do Landsraad. Vestido pela primeira vez com seu manto oficial extra-planetário, recuperara-se o suficiente da morte de seu pai para fazer sua primeira aparição em público.

Depois que Leto tomou a decisão de ir, Thufir Hawat e outros peritos em protocolo se fecharam com ele nas salas de conferências do castelo para lhe dar um treinamento rápido de diplomacia. Os conselheiros o rodeavam como professores severos e insistiam que para ser um bom governante devia compreender e analisar todos os fatores sociais, econômicos e políticos em jogo.

A luz áspera dos globos banhava a habitação de pedra, no entanto a brisa marinha entrava pela janela, acompanhada pelo retumbar das ondas e os gritos das gaivotas. Leto prestava atenção às aulas.

O novo duque tinha insistido que Rhombur se sentasse a seu lado durante as sessões.

— Um dia precisará saber sobre estas coisas, quando sua Casa for restaurada — disse. Alguns conselheiros tinham aceitado com cuidadoso ceticismo, mas não o contrariaram.

Quando partiu do espaçoporto de Baía City, acompanhado só por Thufir Hawat como escolta e confidente, os conselheiros o advertiram a controlar seu caráter impulsivo.

Leto tinha apertado a capa ao redor dos ombros.

— Compreendo — disse —, mas meu sentido da honra me obriga a cumprir meu dever, — a antiga tradição garantia a Leto o direito de aparecer ante o fórum do Landsraad e apresentar uma solicitação. Uma solicitação de justiça. Como novo duque, ia com intenções ocultas, e suficiente ira e ingenuidade juvenil para acreditar no triunfo face às advertências dos seus conselheiros. Entretanto, recordou com tristeza as poucas vezes que seu pai tinha apresentado petições ao Landsraad. Paulus sempre tinha voltado para casa vermelho de ira, expressando desprezo para a irritante burocracia.

Mas Leto começava de zero e com esperanças impolutas.

Sob os eternos céus ensolarados de Kaitain, o enorme Salão de Oratória do Landsraad se erguia, desmesurado e imponente, como o pico mais alto na cordilheira de edifícios legislativos e escritórios governamentais que rodeavam um terreno elipsoidal. O Salão tinha sido construído graças a contribuições de todas as Casas, e cada família nobre tentou superar a outras em magnificência. Os representantes da CHOAM

tinham colaborado na arrecadação de fundos ao longo do Império, e só graças a uma ordem especial de um imperador anterior, Hassik Corrino III, executaram-se os planos exorbitantes de construção do Landsraad, para que não fizesse sombra ao palácio imperial.

Depois do holocausto nuclear de Salusa Secundus e a mudança da sede imperial, todos tinham esperado estabelecer uma otimista nova ordem.

Hassik III desejara demonstrar que, face à quase total destruição da Casa Corrino, o Império e seus assuntos continuariam funcionando em um nível mais dinâmico que nunca.

Bandeiras das Grandes Casa ondeavam como um arco íris de escamas de dragão ao longo das muralhas exteriores do Salão do Landsraad. Leto tentou localizar a insígnia verde e negra da Casa Atreides, e por conseguiu. Em troca, as cores púrpura e cobre da Casa Vernius tinham sido retirados e queimados em público.

Thufir Hawat não deixava o jovem duque sozinho em nenhum momento. Leto sentia falta da presença de seu amigo Rhombur, mas ainda não era prudente que o jovem exilado abandonasse o refúgio de Caladan.

Dominic Vernius ainda não tinha dado sinais de vida, nem mesmo depois de receber a notícia da morte de Shando. Leto sabia que estaria chorando a perda, e preparando a vingança...

Em qualquer caso, Leto deveria se expor sem ajuda. Seu pai não teria esperado menos dele. Sob o brilhante sol de Kaitain, ergueu os ombros, pensou na história familiar e em todo o acontecido dos obscuros dias de Atreo. Avançou pelas ruas pavimentadas e não se permitiu sentir-se inferior ante a grandeza do Landsraad.

Quando entraram no Salão de Oratória em companhia dos representantes de outras famílias, Leto viu as cores da Casa Harkonnen, com o símbolo do grifo branco. Com apenas um olhar para as bandeiras, recordou os nomes das outras famílias: as Casas Richese, Teranos, Mutelli, Ecaz, Dyvetz e Canidar. No centro de todas as bandeiras pendia a insígnia, muito maior, da Casa Corrino, em escarlate e ouro com o símbolo central do leão.

A fanfarra que anunciou sua entrada e a de outros representantes foi ensurdecedora. Enquanto os homens e algumas poucas mulheres entravam, um pregoeiro anunciava o nome e posição de cada pessoa. Leto só viu alguns nobres de verdade. A maioria dos presentes eram embaixadores, líderes políticos ou aduladores pagos.

Embora possuísse um título real, Leto não se sentia poderoso ou importante. Afinal, o que era um duque de uma Casa de categoria média, comparado com o

primeiro-ministro de uma família rica? Embora controlasse a economia e a população de Caladan, assim como as outras posses dos Atreides, muitas Grandes Casas possuíam mais riquezas e planetas. Por um momento se imaginou como um peixinho nadando entre tubarões, mas afastou esses pensamentos temendo que diminuíssem sua confiança. O velho duque nunca se permitiria o luxo de sentir-se pequeno.

Já no enorme Salão, perguntou-se onde encontraria os assentos ocupados em outro tempo pela Casa Vernius. Só lhe proporcionava uma pequena satisfação saber que, apesar de seu controle sobre IX, jamais se permitiria aos Bene Tleilax tal honra. O Landsraad nunca permitiria que os desprezados representantes dos Tleilaxu entrassem naquele clube tão exclusivo. Geralmente, Leto não teria aceito esses consolos, mas neste caso fez uma exceção.

Quando o Conselho se iniciou, entre intermináveis formalidades, acomodou-se em um assento negro e marrom situado a um lado, similar ao dos dignitários das outras Casas. Hawat o acompanhou, e Leto contemplou o ritual, ansioso por aprender e preparado para intervir, mas devia esperar que o chamassem.

Os chefes das famílias reais não podiam perder tempo com tais assembléias, e enquanto se falava e discutia sobre temas corriqueiros, Leto não demorou para compreender por quê. Pouco ficava claro dos discursos intermináveis sobre detalhes protocolares ou a lei imperial.

Entretanto, Leto pensava em dar tratamento oficial àquela assembléia. Quando o painel luminoso indicou que tinha chegado sua vez de falar, o jovem cruzou a enorme extensão e subiu a um palanque central.

Tentou não aparentar sua idade adolescente, recordou a imponente presença de seu pai e os vivas que o saudavam na arena, quando levantava uma cabeça de touro.

Leto contemplou as caras aborrecidas e respirou fundo. Os amplificadores transmitiriam suas palavras aos ouvintes dispostos a escutar.

Além disso, seriam gravadas como documentário. Seria um discurso crucial para ele. Quase nenhuma daquelas pessoas tinha a menor ideia a respeito de sua personalidade, e poucos conheciam seu nome. Leto compreendeu que formariam uma impressão dele a partir de suas palavras, e sentiu sobre seus ombros um peso ainda maior.

Esperou até estar seguro de ter captado a atenção de todos os presentes, embora duvidasse que, depois de tantas horas de reunião, alguém tivesse energia para concentrar-se em algo novo.

— Muitos dos senhores foram amigos e aliados de meu pai Paulus Atreides — começou —, que acaba de ser traiçoeiramente assassinado. —

Desviou a vista de maneira visível para os assentos reservados à Casa Harkonnen. Não sabia os nomes nem o título dos dois homens que representavam à Casa inimiga.

Sua insinuação ficou muito clara, embora não lançasse acusações concretas nem apresentasse provas. O chefe de quadras Yresk, que não tinha sobrevivido ao interrogatório, tal como Leto tinha solicitado, confirmara a cumplicidade de Helena, mas não pôde dar mais detalhes sobre os conspiradores. As palavras do novo duque Atreides ganharam a atenção dos aborrecidos membros da câmara.

Os Harkonnen sussurraram entre si e lançaram olhares nervosos e irritados para o estrado. Leto se virou para o núcleo central de representantes.

Bem diante dele, no assento da Casa Mucelli, reconheceu o velho conde Flambert, um ancião cuja memória se eclipsara muitos anos atrás.

Estava acompanhado de um ex-candidato a *Mentat* de cabelo loiro, que fazia as vezes de gravador portátil do conde. A única missão do frustrado aspirante a *Mentat* era recordar coisas para o ancião Flambert. Embora jamais tivesse finalizado seu treinamento como computador humano, o fracassado *Mentat* servia adequadamente às necessidades do conde senil.

A voz de Leto chegou a toda a assembléia, tão clara e concisa como o tangido dos sinos em uma fria manhã de Caladan.

— Na porta do imperador há um letreiro que diz: “A lei é a ciência definitiva.” Por isso vim até aqui em nome de uma antiga Grande Casa, que já não pode expressar-se por si mesma. A Casa Vernius era uma fiel aliada de mim família.

Vários assistentes sopraram. Outros se remexeram, inquietos. Já tinham escutado muitas coisas sobre Vernius.

O jovem Atreides continuou, impertérrito.

— O conde Dominic Vernius e sua família foram obrigados a declarar-se renegados depois da conquista ilegal de IX pelos Bene Tleilax, uma raça que todos os aqui presentes consideram depravada e repugnante, não merecedora de estar representada nesta augusta assembléia. Quando a Casa Vernius pediu ajuda e apoio contra a rebelião, todos se esconderam nas sombras. — Leto teve a cautela de não acusar explicitamente ao imperador Elrood, embora soubesse quem tinha incentivado as hostilidades.

Um murmúrio se ergueu no Salão do Landsraad, acompanhado por expressões de confusão e indignação. Leto compreendeu que agora o viam como um jovem arrivista, um rebelde descarado que desconhecia a verdadeira ordem das coisas no seio do Império. Tinha tido a infeliz ideia de colocar sob a luz, assuntos muito desagradáveis.

— Todos consideravam Dominic Vernius um homem honrado, digno de confiança. Todos comercializavam com IX. Quantos dos senhores chamamos o conde Dominic de amigo?

Passeou um rápido olhar ao redor, mas voltou a falar antes que alguém reunisse coragem para levantar a mão.

— Embora eu não seja membro da família Vernius, os invasores Tleilaxu ameaçaram minha vida. Escapei graças a meu pai. O conde Vernius e sua esposa também fugiram, abandonando todas as suas posses, e muito recentemente *lady* Shando Vernius foi assassinada, depois de ser acossada como um animal. — Sentiu dor e ira, mas respirou fundo e prosseguiu —: Saibam, todos os que me ouvem, que guardo sérias reservas pelos Bene Tleilax e seus recentes atos ultrajantes. Eles tem que ser levados à justiça. A Casa Atreides não é aliada do governo ilegal de IX. Como se atrevem a rebatizar o planeta como Xuttuh? O Império é civilizado ou estamos mergulhados na barbárie? — Aguardou. O pulso ressoava em sua cabeça —. Se o Landsraad ignorar esta tragédia incrível, é porque não percebe que pode acontecer o mesmo a qualquer um de nós.

Um representante da Casa Harkonnen falou com brutal franqueza.

— A Casa Vernius se declarou renegada. Em cumprimento da antiga lei, os Sardaukar do imperador e os caçadores de recompensas tinham direito a perseguir e eliminar a esposa do renegado. Vá com cuidado, filhotinho de duque. Só lhes concedemos direito a dar asilo aos seus filhos movidos pela bondade de

nossos corações. Nada exigia isso.

Leto acreditava que os Harkonnen estavam enganados, mas não queria discutir um ponto legal, sobretudo sem o assessoramento do Thufir.

— De maneira que qualquer Casa pode ser perseguida e seus membros assassinados pelos Sardaukar? Se um poder aniquila uma Grande Casa do Landsraad, os senhores se limitarão a tapar os olhos e esperar não ser os próximos?

— O imperador não age por capricho! — gritou alguém, e obteve eco em algumas vozes isoladas.

Leto compreendeu que aquela demonstração de patriotismo e lealdade era uma provável conseqüência da saúde declinante de Elrood.

Fazia meses que o ancião não governava, deitado em seu leito e quase agonizante. Cruzou os braços.

— Pode ser que eu seja jovem, mas não sou cego. Reflitam sobre isto, membros do Landsraad, com suas alianças flutuantes e falsas lealdades. Que garantia podem oferecer mutuamente, se suas promessas são levadas pelo vento? — Então, repetiu as palavras com que seu pai o recebera quando desceu da nave de resgate —: A Casa Atreides valoriza a lealdade e a honra acima da política.

Levantou uma mão, e sua voz adquiriu autoridade e energia.

— Quero que se lembrem da Casa Vernius. Pode acontecer o mesmo a qualquer um dos senhores, e assim será se não forem cautelosos. Em quem podem depositar sua lealdade, se cada Casa se voltar contra a outra a menor oportunidade?

Viu que suas palavras impressionavam alguns representantes, mas no fundo de seu coração sabia que, se solicitasse uma votação para retirar o preço de sangue sobre a Casa Vernius, poucos o apoiariam. Leto respirou fundo. Deu meia volta, mas acrescentou por cima do ombro:

— Talvez todos devessem pensar em sua situação particular.

Perguntem-se: em quem posso confiar realmente?

Encaminhou-se para o arco de entrada da câmara do Conselho do Landsraad. Não houve aplausos... mas tampouco vaias. Só um silêncio tenso, e suspeitou que havia tocado um ponto sensível de alguns membros.

Ou possivelmente seria apenas puro otimismo? O duque Leto Atreides tinha muito que aprender sobre assuntos de estado, como sem dúvida lhe diria Hawat durante a viagem de volta, mas jurou que jamais seria como os lacaios impostores daquela câmara. Até o fim de seus dias seria sincero e leal. Com o tempo, outros perceberiam, inclusive possivelmente seus inimigos.

Thufir Hawat se reuniu com ele nos portais, e ambos saíram do enorme Salão de Oratória enquanto o Landsraad continuava a assembléia sem eles.

A História demonstra que o avanço da tecnologia não é uma curva ascendente contínua. Há períodos estáveis, aumentos repentinos e retrocessos.

Tecnologia do Império, 502.” edição

Enquanto duas figuras sombrias observavam, o doutor Yungar passou um exploratório Suk sobre o ancião, que jazia com o rosto macilento em sua cama coberto com volumosas mantas, lençóis bordados e tecidos transparentes. O diagnosticador zumbia.

Ele nunca mais precisará de suas concubinas, pensou Shaddam.

— O imperador morreu — anunciou Yungar, enquanto jogava seu longo cabelo grisalho sobre o ombro.

— Ao menos agora descansa em paz — disse Shaddam em voz baixa e rouca, embora um calafrio supersticioso percorresse sua espinha dorsal.

Elrood teria descoberto, no final, quem era o responsável pela sua morte?

Pouco antes de expirar, os olhos reptilianos do velho se cravaram em seu filho. O príncipe herdeiro, com um nó no estômago, recordou aquele terrível dia em que o imperador tinha descoberto a cumplicidade de Shaddam no assassinato de Fafnir, seu filho mais velho... e a risada afogada do velho quando tinha descoberto que seu filho menor tinha misturado anticoncepcionais na comida de sua própria mãe, Fala, para que não concebesse outro filho que rivalizasse com ele.

Elrood teria suspeitado? Tinha amaldiçoado seu filho antes de expirar?

Bem, agora era muito tarde para que mudar de opinião. O velho regente tinha morrido, afinal, e Shaddam fora o responsável. Não, ele não.

Fenring. Caso necessário, seria o bode expiatório. Um príncipe herdeiro jamais admitiria qualquer culpa.

Logo deixaria de ser príncipe herdeiro. Seria imperador, por fim.

Imperador Padishah do Universo Conhecido. Era necessário, não obstante, que dissimulasse seu entusiasmo. Teria que esperar até depois da coroação oficial.

— Era de esperar, é obvio — disse Hasimir Fenring a seu lado, com sua enorme cabeça encurvada e o queixo apoiado no peito —. Há tempo que o pobre homem estava degenerando, *hummmm*.

O médico Suk fechou o instrumento e o guardou no bolso do manto.

Tinham ordenado que todos saíssem dos aposentos: as concubinas, os guardas, até mesmo o *chambelán* Hesban.

— Entretanto, há algo estranho neste caso — disse Yungar —. Há dias que me sinto inquieto... Não é somente porque um ancião tenha falecido por causas naturais. Temos que ser muito cautelosos com nossa análise, já que se trata do imperador...

— Tratava-se do imperador — corrigiu Shaddam.

— Foi isso que quis dizer.

O médico Suk passou uma mão pela tatuagem em forma de diamante em sua testa. Shaddam se perguntou se estava aborrecido porque não ia mais receber os suculentos honorários por seus cuidados.

— Meu bom doutor, o imperador Elrood era velho e sofria grandes tensões. — Fenring se inclinou e tocou a testa fria do velho, que recordava a Shaddam uma rocha coberta de pergaminho, como se o estivesse benzendo —. Nós testemunhamos as visíveis mudanças em sua saúde e capacidade mental há, digamos, dois anos. Seria melhor que não fossem feitas insinuações e suspeitas

infundadas, que só serviriam para prejudicar a estabilidade do Império, sobre tudo em tempos difíceis, *hummmm*? O

imperador Padishah Elrood IX tinha mais de cento e cinqüenta anos de idade, e foi protagonista de um dos reinados mais longos na história dos Corrino. Deixemos assim.

Shaddam pigarreou.

— Que outra coisa poderia ser, doutor? A segurança que rodeava meu pai é impenetrável, há guardas e detectores de venenos por toda parte.

Ninguém pôde atentar contra ele.

Yungar passeou seu olhar inquieto entre o príncipe herdeiro e o homem escondido atrás dele.

— Identidade, motivo e oportunidade. Essas são as perguntas, e embora não seja detetive, estou seguro de que um *Mentat* poderia responder às três. Reunirei meus dados e os submeterei a uma junta de revisão. É apenas uma formalidade, mas tem que ser feita.

— Quem faria isso a meu pai? — perguntou Shaddam, ao mesmo tempo em que se aproximava mais. A rudeza do doutor o irritava, mas aquele Suk já demonstrara sua natureza pomposa. Parecia que o morto os observava de seu leito, acusando-os com seus dedos curvados.

— Primeiro precisarei reunir mais provas, senhor.

— Provas? De que tipo?

Acalmou-se. Sua testa se cobriu de suor, e passou uma mão por seu cabelo avermelhado impolutamente penteado. Talvez estava exagerando a situação.

Fenring parecia muito sereno e se deslocou para o outro lado da cama, perto dos restos da última cerveja de especiaria que o imperador tinha tomado.

O doutor sussurrou a Shaddam:

— Como Suk leal é meu dever avisá-lo, príncipe Shaddam, de que talvez

também corra perigo. Certas forças, conforme relatórios que vi, não querem que a Casa Corrino continue no poder.

— Desde quando a Escola Suk obtém relatórios a respeito de alianças e intrigas imperiais? — perguntou Fenring, que tinha se aproximado silenciosamente. Não tinha ouvido as palavras concretas, mas há anos tinha aprendido a valiosa arte de ler os lábios. Ajudava muito em suas atividades de espionagem. Tinha tentado ensinar o truque a Shaddam, mas este ainda não tinha dominado o dom.

— Temos nossas fontes — disse o médico Suk —. Infelizmente, tais contatos são necessários mesmo para uma escola como a nossa, dedicada a cura. — Shaddam sorriu com ironia, recordando a insistência do medico em que pagassem todos os seus honorários antes de ver o paciente —.

Vivemos tempos perigosos.

— Suspeitam de alguém em particular? — perguntou Shaddam, seguindo o olhar do médico. Talvez pudessem culpar o *chambelán* Hesban.

Preparar provas falsas, espalhar rumores.

— Em sua posição, seria prudente suspeitar de todos, senhor. Eu gostaria de fazer uma autópsia no imperador Elrood. Com a ajuda de um colega da Escola Interior, analisaremos cada órgão, cada tecido, cada célula... só para ter certeza.

Shaddam franziu o sobrecenho.

— Parece-me uma terrível falta de respeito com meu pai.

Horrorizava-o pensar em... cirurgia. Melhor deixá-lo descansar em paz.

Temos que preparar imediatamente os funerais de Estado. E minha cerimônia de coroação.

— Ao contrário — insistiu Yungar —, demonstraremos respeito para com sua memória se tentamos descobrir o que ocorreu. Talvez alguém implantou algo em seu corpo, quando seu comportamento começou a mudar, algo que causou uma morte lenta. Um médico Suk seria capaz de detectar os sinais mais sutis, mesmo depois de dois anos.

— Só de pensar em autópsia fico doente — disse Shaddam —. Sou o herdeiro do Império, e proíbo isso.

Olhou para o cadáver, e os pelos dos seus braços se arrepiaram, como se o fantasma do velho flutuasse sobre sua cabeça. Lançou um olhar de preocupação para as sombras da extinta chaminé.

Tinha esperado experimentar júbilo quando seu pai por fim lhe cedesse o Trono do Leão Dourado, mas agora, consciente de que seu *chaumurky* tinha sido o causador de sua morte, a pele de Shaddam se arrepiou.

— Segundo a lei imperial, poderia insistir oficialmente nisso, senhor

— explicou o médico Suk com voz pausada —. E devo fazê-lo, para seu próprio bem. Vejo que não tem experiência no terreno das intrigas, já que cresceu protegido na corte. Considera-me um estúpido, mas lhe asseguro que não estou enganado. Sinto isso nas vísceras.

— Possivelmente o bom doutor esteja certo — disse Tenring.

— Como pode...? — Shaddam percebeu um brilho peculiar nos olhos de Fenring e olhou para o médico —. Tenho que consultar meu conselheiro.

— É claro.

Os dois homens se retiraram para a porta.

— Você está louco? — sussurrou Shaddam, quando Fenring e ele estavam a uma distância prudente.

— Siga a corrente, por enquanto. Depois, por culpa de algum... —

Fenring sorriu e escolheu a palavra precisa — mal-entendido, o velho Elrood será incinerado antes que possam abri-lo.

— Entendo — disse Shaddam, e se voltou para Yungar —. Chame seu colega e façam o que for necessário. Meu pai será transportado à enfermaria.

— Levará um dia para que o outro médico chegue — disse o Suk —.

Preciso que o cadáver seja congelado.

Shaddam sorriu.

— Assim se fará.

— Nesse caso me despeço, senhor.

O médico fez uma reverência e partiu rapidamente. Seu longo rábico grisalho, rodeado com um aro de prata, pendia-lhe sobre as costas.

Quando ficaram sozinhos, Fenring disse com um sorriso torcido:

— Era isso ou matar o bastardo, e não devíamos correr esse risco.

Uma hora depois, devido a uma desafortunada cadeia de mal-entendidos, o imperador Elrood IX foi reduzido a cinzas no crematório imperial, e seus restos se perderam. Um servo e dois médicos da corte pagaram com sua vida pelo engano.

Minha memória e a história são as duas caras da mesma moeda.

Entretanto, com o tempo a história inclina-se a apresentar uma opinião favorável dos acontecimentos, no entanto a memória está condenada a preservar os piores aspectos.

Lady Helena Atreides,

diário pessoal

Pai, eu não estava preparado.

As marés noturnas de Caladan eram violentas e a chuva impulsionada pelo vento tamborilava sobre as janelas da torre do castelo.

Outro tipo de tormenta se desencadeava no interior do duque Leto: a preocupação pelo futuro de sua Casa.

Tinha fugido desta tarefa durante muito tempo... durante meses, de fato. Aquela noite não desejava outra coisa senão sentar-se em uma habitação aquecida por um bom fogo, em companhia de Rhombur e Kailea.

Em vez disso, tinha decidido examinar por fim alguns objetos pessoais do velho duque.

As coisas do seu pai estavam guardadas em arcas alinhadas contra uma parede. Os criados tinham alimentado o fogo com grossos troncos, e uma jarra de vinho quente impregnava a habitação com o aroma especiado de *terrameg* e um pouco da cara melange. Quatro globos luminosos proporcionavam luz suficiente.

Kailea tinha encontrado uma capa de pele em um armário, e se envolveu com ela para aquecer-se, mas a dotava de um aspecto impressionante. Devido as mudanças radicais ocorridas em sua vida, a filha de Vernius era uma sobrevivente nata. Parecia que, por pura força de vontade, Kailea modificava para melhor tudo que a rodeava.

Graças aos inconvenientes políticos derivados de qualquer romance com a família renegada, o duque Leto, regente agora de uma Grande Casa, sentia-se cada vez mais atraído por ela, mas recordava o conselho número um de seu pai: “Nunca se case por amor, ou trará a ruína para nossa Casa.”

Paulus Atreides tinha lançado aquela máxima em seu filho tantas vezes como qualquer outra diretriz sobre liderança. Leto sabia que nunca poderia desobedecer a ordem do velho duque. Estava muito arraigada em seu ser.

Mas se sentia atraído por Kailea, embora até o momento não tivesse reunido coragem para expressar seus sentimentos. Acreditava que ela sabia.

Kailea possuía uma mente forte e lógica. Lia-o com seus olhos esmeralda, na curva de sua boca felina, nos olhares furtivos que lhe dirigia.

Com permissão de Leto, Rhombur recostou outras arcas em busca de lembranças de guerra que falassem da amizade entre Paulus Atreides e Dominic Vernius. Tirou um xale grande bordado e o desdobrou.

— O que é isto? Nunca vi seu pai usando isso.

Leto examinou o desenho e viu o que era: o falcão da Casa Atreides abraçando a lâmpada richesiana do conhecimento.

— Acho que é a capa que usou no casamento.

— Ah — disse Rhombur —. Perdão.

Dobrou a capa e voltou a guardá-la na arca.

Leto meneou a cabeça e respirou fundo. Sabia que ia encontrar muitas lembranças que o comoveriam, mas devia superá-las.

— Meu pai não escolheu morrer, Rhombur. Minha mãe tomou decisões por sua conta e risco. Poderia ter sido uma valiosa conselheira para mim. Em outras circunstâncias, teria agradecido sua ajuda e diretrizes, mas agora... — Suspirou e olhou com amargura para Kailea —. Como disse, tomou decisões por sua conta e risco.

Só Leto e o *Mentat* sabiam a verdade sobre a cumplicidade de Helena no assassinato, e era um segredo que Leto havia jurado levar para a tumba. Como o chefe de estábulos tinha morrido durante o interrogatório, Leto tinha as mãos manchadas de sangre pela primeira — mas última —

vez. Nem mesmo Rhombur e Kailea suspeitavam de nada.

Tinha enviado sua mãe para longe do castelo de Caladan com dois de seus criados, escolhidos por ele. Para seu “descanso e bem-estar”, *lady* Helena tinha sido conduzida a este continente, onde viveria em condições primitivas com as irmãs do Isolamento, uma retrógrada comunidade religiosa. Helena, com altivez mas sem pedir explicações ao seu filho, tinha aceito o castigo. Embora dissimulasse, Leto chorava a perda de sua mãe, e o assombrava ter ficado sem pais em questão de poucos meses. Entretanto, Helena tinha cometido o ato de traição mais aberrante contra sua própria família e sua própria Casa, e Leto nunca poderia perdoá-la nem vê-la de novo. Matá-la estava descartado, a idéia apenas tinha cruzado sua mente.

Afinal, era sua mãe. Além disso, perdê-la de vista também era uma questão prática, porque tinha poucas posses para administrar, e o bem-estar dos cidadãos de Caladan era prioritário. Era preciso que se dedicasse a governar.

Rhombur extraiu de outra arca um velho baralho de cartas feitas à mão e algumas relíquias do velho duque, que incluíam honras militares, uma faca sem fio e uma pequena bandeira manchada de sangue. Leto descobriu conchas marinhas, um lenço colorido, um poema de amor anônimo, uma mecha de cabelo castanho avermelhado (não era a cor de Helena), uma mecha de cabelo

loiro e braceletes esmaltados desenhados para uma mulher.

Sabia que seu pai tivera amantes, embora Paulus nunca tivesse levado nenhuma ao castelo de Caladan como concubina oficial. Limitou-se a se divertir, e não havia dúvida de que tinha obsequiado suas mulheres com jóias, tecidos ou doces.

Leto fechou a tampa da arca. O duque Paulus tinha direito a suas lembranças, seu passado e seus segredos. Nenhuma daquelas lembranças tinha diminuído a riqueza da Casa Atreides. Precisava ocupar-se da política e dos negócios. Thufir Hawat, outros conselheiros da corte e até o príncipe Rhombur estavam fazendo o possível por guiá-lo, mas Leto se sentia como um recém-nascido que devia aprender tudo a partir de zero.

Kailea serviu uma caneca de vinho quente e a estendeu para Leto, e depois serviu outras duas para ela e seu irmão. O duque bebeu com ar pensativo, saboreando o líquido especiado. O calor impregnou seus ossos e ele sorriu.

Kailea contemplou a curiosa parafernália e ajustou uma mecha de cabelo atrás da orelha. Leto observou que seu lábio inferior tremia.

— O que aconteceu, Kailea?

A jovem respirou fundo e olhou para seu irmão, e depois para Leto.

— Nunca poderei revisar as coisas de minha mãe. Nem as do *Grand Palais*, nem as poucas que levaram quando fugimos.

Rhombur abraçou sua irmã, mas ela continuou olhando para Leto.

— Minha mãe guardava presentes do próprio imperador, tesouros que ele lhe deu quando abandonou seu serviço. Tinha tantas lembranças, tantas histórias para me contar, mas eu não a escutava...

— Não pense assim — disse Rhombur, tentando consolá-la —.

Criaremos nossas próprias lembranças.

— E faremos que outros nos recordem — disse Kailea com voz quebradiça.

Leto, comovido e cansado, acariciou o selo ducal que carregava no dedo. Ainda

o sentia como um peso estranho, mas sabia que nunca voltaria a tirá-lo, até que em um futuro longínquo o entregasse a seu filho para que continuasse a tradição da Casa Atreides.

A chuva aumentou contra os muros e janelas do velho castelo de pedra, enquanto o mar chocava ondas espumantes contra os escarpados.

Leto se sentia muito pequeno, comparado com a imensidão de Caladan.

Embora a noite fosse inóspita, quando o duque trocou sorrisos com Kailea e Rhombur, sentiu-se confortável e satisfeito em sua casa.

Leto soube da morte do imperador enquanto três criados tentavam pendurar a cabeça do touro salusano na sala de jantar. Os criados utilizavam cordas e polias para erguer o monstruoso troféu até um ponto da parede sem adornos.

Um sombrio Thufir Hawat observava a cena, com as mãos enlaçadas às costas. O *Mentat* tocou com ar ausente a longa cicatriz em sua perna, uma lembrança do dia em que salvou um Paulus muito mais jovem de outro touro raivoso. Desta vez, entretanto, não tinha agido com rapidez suficiente...

Kailea estremeceu quando olhou para o animal.

— Será difícil comer nesta sala, com essa coisa nos olhando. Ainda vejo o sangue em seus chifres.

Leto contemplou o touro com olhar apreciativo.

— Eu o entendo como um aviso de que nunca podemos que baixar a guarda. Até um animal obtuso, graças à intervenção de conspiradores humanos, pode aniquilar o líder de uma Grande Casa do Landsraad. —

Sentiu um arrepiou —. Pense nisso, Kailea.

— Não é um pensamento muito consolador — murmurou, com os olhos brilhantes de lágrimas. Piscou para contê-las e voltou para suas atividades.

Com uma pasta de cristal riduliano a frente dela sobre a mesa, concentrou suas energias em estudar as contas da casa. Aplicou o que tinha aprendido no Escritório Orbital de IX e analisou os ganhos das posses Atreides para

determinar como se distribuíam o trabalho e a produtividade pelos continentes e mares de Caladan. Leto e ela tinham falado do assunto em profundidade, apesar da sua juventude. Kailea Vernius era muito hábil para os negócios, descobriu Leto com prazer.

— Ser duque não consiste só em esgrima e força — Thufir Hawat havia dito em certa ocasião, muito antes das calamidades recentes —. A administração das pequenas coisas é uma batalha frequentemente mais difícil.

Por algum motivo, aquelas palavras ficaram gravadas na mente de Leto, e agora estava descobrindo sua sabedoria implícita...

O mensageiro imperial, recém desembarcado de um Cruzeiro da Corporação, entrou na sala vestido com as cores escarlate e dourada imperiais.

— Solicito uma audiência com o duque Leto Atreides — disse.

Leto. Rhombur e Kailea ficaram petrificados, ao recordar a horrível noticia que tinham recebido da última vez que um arauto entrara na sala de audiências. Leto rezou para que não tivesse acontecido nada ao fugitivo Dominic Vernius em sua fuga. Aquele mensageiro oficial usava as cores da Casa Corrino, e parecia que repetira a mensagem dúzias de vezes.

— É meu dever anunciar a todos os membros das Grandes e Pequenas Casa do Landsraad que o imperador Padishah Elrood IX morreu, depois de uma longa enfermidade no ano cento e trinta e oito de seu reinado. Que a história recorde com afeto sua regência, e que sua alma encontre a paz eterna.

Leto ficou estupefato. Um dos criados quase deixou cair a cabeça do touro salusano, mas Hawat gritou para que o homem se concentrasse no trabalho.

O imperador tinha reinado pela duração normal de duas vidas.

Elrood vivia em Kaitain, rodeado de guardas, protegido de toda ameaça, escravo da especiaria geriátrica. Leto jamais tinha pensado que fosse morrer algum dia, embora durante os dois últimos anos tivesse ouvido rumores a respeito da crescente fraqueza de Elrood.

Leto se virou para o mensageiro.

— Rogo que transmita nossas condolências ao príncipe herdeiro Shaddam. Quando se celebrará o funeral de Estado? A Casa Atreides assistirá, é obvio.

— Não será necessário — respondeu o mensageiro —. A pedido do trono, só haverá uma pequena cerimônia para os familiares próximos.

— Entendo.

— Entretanto, Shaddam Corrino, que logo será coroado imperador Padishah do Universo Conhecido, Shaddam IV, solicita sua presença e seu juramento de lealdade na cerimônia de posse do Trono do Leão Dourado.

Estão realizando os últimos preparativos para a coroação.

Leto deu um olhar fugaz para Thufir Hawat.

— Assim será — respondeu.

O mensageiro continuou.

— Depois de definido o protocolo e o calendário oficial, Caladan será informado.

Fez uma reverência, passou a capa púrpura e dourada ao redor de seus braços e deu meia volta. Saiu do salão, em direção a um veículo que o transportaria ao espaçoporto para seguir viagem ao próximo planeta imperial, onde repetiria a mensagem.

— Bem, *er*... uma boa notícia — disse Rhombur com amargura. Seu rosto estava pálido, mas decidido —. Se não fosse pelos ciúmes e a intervenção do imperador, minha família poderia superar a crise de IX. O

Landsraad teria enviado ajuda.

— Elrood não queria que superássemos a crise — disse Kailea, ao mesmo tempo que levantava a vista dos registros de contas —. Só lamento que minha mãe não tenha vivido para escutar esta notícia.

Os lábios de Leto se curvaram em um sorriso de prudente otimismo.

— Isto nos proporciona uma oportunidade inesperada. Pensem bem.

Elrood era o único que tinha uma rixa pessoal contra a Casa Vernius. Sua mãe e ele compartilharam um passado doloroso, e todos sabemos que esse é o verdadeiro motivo de sua negativa de retirar o preço de sangue por sua família. Era algo pessoal.

Hawat olhou para Leto. Escutava em silêncio, a espera do que seu novo duque ia sugerir.

— Tentei falar com o Conselho do Landsraad — disse Leto —, mas são uma turma de inúteis que não querem se comprometer. Não farão nada para nos ajudar. Mas meu primo Shaddam... — passou a língua pelo lábio inferior —. Só o vi três vezes, mas minha avó materna também era filha de Elrood. Posso mencionar laços de sangue. Quando Shaddam for coroado novo imperador, solicitarei que os anistie. Quando a Casa Atreides jurar lealdade, pedirei que recorde a grande historia da Casa Vernius.

— Por que acha que ele concordará? — perguntou Kailea —. O que ganha com isso?

— Seria um ato de justiça — disse Rhombur.

Sua irmã olhou para ele como se tivesse perdido o juízo.

— Fará isso para estabelecer o tom do seu reinado — disse Leto —.

Qualquer novo imperador deseja forjar uma imagem, demonstrar que é diferente de seu predecessor, que não foi influenciado pelos velhos costumes. Possivelmente Shaddam seja propenso ao perdão. Dizem que não se entendia com seu pai, e não tenho dúvida de que vai querer afirmar sua própria personalidade depois de mais de cem anos sob o reinado de Elrood.

Kailea se jogou nos braços de Leto e o abraçou desajeitadamente.

— Seria maravilhoso recuperar nossa liberdade, Leto, e as posses familiares. Talvez possamos fazer algo por salvar IX.

— Não pode perder a esperança, Kailea — disse Rhombur com cauteloso otimismo —. Se puder imaginar, possivelmente aconteça.

— Não devemos ter medo de pedir — disse Leto.

— De acordo — disse Rhombur —. Se alguém puder conseguir, esse é você, meu amigo.

Leto, inflamado pelo otimismo e determinação, começou a desenvolver um plano para sua viagem oficial a IX.

— Faremos algo que não esperarão — disse —. Rhombur e eu apareceremos juntos na coroação.

Viu o olhar alarmado do Mentat

— É perigoso levar o filho de Vernius, meu senhor.

— Por isso não o esperarão.

Do que sentidos precisamos, que somos incapazes de ver e ouvir do outro mundo que nos rodeia?

Bíblia Católica Laranja

Alguns consideravam bela a aridez rochosa do Posto de Guarda Florestal, uma maravilha da natureza, mas o barão Vladimir Harkonnen não gostava de ficar longe de edifícios fechados, ângulos retos, metal e plástico. O ar lhe parecia viciado e desagradável sem as emanações da indústria, dos lubrificantes e da maquinaria. Muito inquietante, muito hostil.

Não obstante, o barão conhecia a importância do seu destino, e se distraía contemplando o desconforto, ainda maior, do seu *Mentat*. Piter De Vries, com um manto sujo e o cabelo revolto, esforçava-se por continuar ereto. Apesar de seu mente funcionar como uma máquina poderosa, seu corpo era esquelético e fraco.

— Tudo aqui é tão primitivo, meu barão, tão sujo e frio — disse De Vries com olhos arregalados —. Tem certeza de que temos que nos afastar tanto? Não existe outra alternativa?

— Algumas pessoas pagam muito para visitar lugares como este —

respondeu o barão —. Eles os chamam de reservas naturais.

— Piter, feche o bico e não se atrase — disse Rabban.

Subiam uma ladeira em direção a um muro de arenito coberto de gelo e rodeado de covas.

O *Mentat* franziu o sobrecenho e respondeu com sua língua afiada.

— Este não é o lugar onde aquele menino fez você e seus caçadores de idiotas, Rabban?

O sobrinho do barão se virou e cravou o olhar no *Mentat*.

— Da próxima vez eu caçarei você se não conter a língua.

— O prezado *Mentat* do seu tio? — respondeu De Vries em tom indiferente —. Onde iria encontrar um substituto?

— Tem razão — admitiu o barão com uma risada.

Rabban resmungou algo para si mesmo.

Previamente, os guardas e peritos em caça do barão tinham vasculhado a isolada reserva de caça, uma medida de segurança para que os três homens pudessem ir sozinhos, sem seu séquito habitual. Rabban, armado com uma pistola maula e um rifle de calor, insistia que podia dar conta de todos os cães selvagens e outros predadores que os atacassem. O

barão não tinha tanta confiança no sobrinho, sobretudo considerando que um menino tinha demonstrado ser mais esperto que ele, mas ao menos ali estavam a salvo de olhares indiscretos.

Ao chegar ao alto do montículo, os três descansaram por um instante, e logo subiram outra costa. Rabban abria a marcha, e foi afastando galhos até que chegaram a uma extensão de arenito. Uma rachadura de pouca profundidade desenhava um espaço negro entre a pedra e o chão.

— É aqui — disse Rabban —. Sigam-me.

O barão se ajoelhou e dirigiu um anel de luz para a abertura da cova.

— Siga-me, Piter.

— Não sou um espeleólogo — respondeu o *Mentat* —. Além disso estou cansado.

— Não está em boa forma — replicou o barão, enquanto respirava fundo para sentir seus músculos —. Precisa fazer mais exercício.

— O senhor não me comprou para isso, barão.

— Comprei-o para que fizesse tudo o que eu quisesse.

Agachou-se e passou pela abertura. O diminuto mas poderoso raio de luz sondou as trevas.

Embora o barão tentasse manter seu corpo em perfeito estado, tinha sofrido inesperadas dores e fraquezas durante todo o ano anterior. Ninguém tinha recebido (ou possivelmente ninguém tinha ousado fazer comentários) que também tinha começado a engordar, apesar de não ter mudado a dieta.

Sua pele parecia mais lustrosa e fofa. Tinha considerado a possibilidade de expor o problema a algum medico, até mesmo a um Suk, apesar dos custos exorbitantes da consulta. Pelo visto, a vida era uma cadeia incessante de problemas.

— Esse lugar cheira a urina de urso — se queixou De Vries enquanto passava pelo oco.

— Como sabe como cheira a urina de urso? — perguntou Rabban, e empurrou o *Mentat* para abrir caminho.

— Senti o seu cheiro. Não pode existir um animal selvagem mais fétido que você.

Os três se ergueram no interior e o barão acendeu um pequeno globo luminoso, que flutuou para o alto e iluminou o fundo da cova.. Era um lugar inóspito e coberto de musgo e pó, sem sinais de ter sido habitado por seres humanos.

— Uma estupenda projeção mimética, não? — disse o barão —. O

melhor que nosso povo já fez.

Estendeu uma mão coberta de anéis e a imagem na parede se tornou imprecisa.

Rabban localizou um pequeno saliente na parede e o apertou. Toda a parede se abriu, e revelou um túnel de acesso.

— Um esconderijo muito especial — disse o barão.

Acenderam-se as luzes de um passadiço que conduzia ao coração do penhasco. Uma vez lá dentro, fecharam a suas costas a projeção da parede falsa, De Vries olhou ao redor, assombrado.

— Guardou este segredo até de mim, barão?

— Rabban descobriu esta cova durante uma de suas caçadas.

Fizemos... algumas modificações utilizando uma nova tecnologia, uma técnica prodigiosa. Acredito que compreenderá as possibilidades assim que lhe explicar tudo.

— Um esconderijo muito inteligente — admitiu o *Mentat* —. Nunca sobram preocupações em relação aos espiões.

O barão ergueu a mão para o teto e gritou a pleno pulmão:

— Que o maldito príncipe herdeiro Shaddam seja jogado na latrina!

Não, melhor, nas cavernas do império mais profundas, incrustadas de excrementos e abrasadas pela lava.

A exclamação surpreendeu o próprio De Vries, e o barão riu.

— Aqui, Piter, como em nenhum outro lugar de Giedi Prime, os espiões não me preocupam.

Guiou-os até a câmara principal.

— Nós três poderíamos nos esconder aqui e resistir até mesmo a um ataque de

engenhos atômicos. Ninguém nos encontraria. Os contêineres de entropia nula contam com uma quantidade infinita de provisões e armas.

Aqui depositei tudo que é vital para a Casa Harkonnen, desde registros genealógicos até documentos econômicos, passando pelo material reservado para as chantagens. Todos os detalhes desagradáveis e fascinantes que acumulamos sobre as outras Casa.

Rabban se sentou em uma mesa polida e apertou um botão de um painel. De repente, as paredes se tornaram transparentes e mostraram vários cadáveres distorcidos sob uma luz amarelada, vinte e um no total, cjue pendiam entre folhas de plástico, em exposição.

— Esta é a equipe de construção — disse Rabban —. É nosso...

monumento especial em sua memória.

— Bastante faraônico — brincou o barão.

Os cadáveres estavam descoloridos e inchados, os rostos deformados em caretas macabras. Sua expressão misturava mais tristeza resignada que terror pela morte iminente. Qualquer um que construísse uma câmara secreta para os Harkonnen devia estar consciente de estar condenado desde o primeiro momento.

— Será um espetáculo desagradável quando começarem a apodrecer

— disse o barão —, mas com o tempo se transformarão em esqueletos esplêndidos.

Nas outras paredes foram gravados grifos azuis Harkonnen, assim como imagens pornográficas de humanos copulando, de bestialismo, desenhos sugestivos de um relógio mecânico que teria ofendido a maioria de observadores. Rabban soltou uma risita, enquanto parte masculinas e femininas interagiam seguindo um ritmo eterno e contínuo.

De Vries passeou a vista ao redor, analisou os detalhes e os aplicou a sua projeção *Mentat*.

O barão sorriu.

— A câmara está rodeada por uma projeção protetora que torna um objeto invisível para as longitudes de onda. Nenhum exploratório pode detectar este lugar usando visão, som, calor ou tato. Nós o chamamos de *não-campo*. Pense nisso. Estamos em um lugar que não existe para o resto do universo. É o lugar perfeito para conversarmos sobre nossos... deliciosos planos.

— Nunca tinha ouvido falar de um campo semelhante — disse De Vries —. Quem o inventou?

— Possivelmente você se lembra do pesquisador de Richese que veio nos visitar.

— Chobyn? — perguntou o *Mentat*, e depois respondeu a sua própria pergunta —. Sim, esse era o nome.

— Ele veio a nós em segredo, com uma técnica revolucionária desenvolvida pelos ríchesianos. É uma tecnologia nova e perigosa, mas nosso amigo Chon entreviu as possibilidades. Foi inteligente o bastante para oferecê-la à Casa Harkonnen em troca de uma remuneração generosa.

— Que pagamos sem reclamar — acrescentou Rabban.

— Valia até o último *solari* — continuou o barão. Tamborilou com os dedos sobre a mesa —. Aqui nem uma alma pode nos ouvir, nem mesmo um Navegante da Corporação com sua maldita presciência. Chobyn está trabalhando para nós em algo ainda melhor.

Rabban, impaciente, sentou-se em um dos assentos.

— Deixe de rodeios.

De Vries se sentou à mesa com os olhos brilhantes, enquanto suas capacidades *Mentat* analisavam as implicações de uma tecnologia invisível, sua possível utilização.

O barão passeou a vista de seu sobrinho para o *Mentat*. Que grande contraste entre este par, que representam os extremos do espectro intelectual. Tanto Rabban como De Vries necessitavam de supervisão constante, o primeiro devido a sua pouca inteligência e temperamento ruim, e o segundo porque seu brilhantismo podia ser igualmente perigoso.

Apesar de suas deficiências evidentes, Rabban era o único Harkonnen que podia suceder ao barão. Abulurd não era qualificado, certamente. Além daquelas duas filhas bastardas que a Bene Gesserit lhe tinha imposto, o barão não tinha filhos. portanto, devia treinar seu sobrinho no uso e abuso apropriados do poder, e morreria satisfeito se soubesse que a Casa Harkonnen continuaria como sempre.

Ainda seria melhor se os Atreides fossem destruídos,..

Talvez Rabban devesse ter dois *Mentats* que o guiassem. Devido a sua natureza feroz, o governo de Rabban seria especialmente brutal, em uma escala jamais vista em Giedi Prime, apesar do longo histórico de torturas e maus-tratos aos escravos Harkonnen.

O barão adotou uma expressão sombria.

— Calem-se e me escutem, os dois. Piter, quero que utilize suas capacidades de *Mentat* a cem por cem.

De Vries extraiu um frasco de suco de safo de um bolso interior.

Tomou um gole e apertou os lábios de uma forma que o barão considerou repulsiva.

— Meus espiões me trouxeram uma informação muito preocupante

— disse o barão —. Está relacionada com IX e com alguns planos que o imperador concebeu antes de morrer. — Seus dedos se agitaram ao ritmo das abominações que passavam por sua cabeça —. Este plano tem sérias implicações para a fortuna de nossa família. Nem sequer a CHOAM e a Corporação possuem essa informação.

Rabban grunhiu. De Vries se ergueu muito rígido, à espera de mais dados.

— Parece que o imperador e os Tleilaxu estabeleceram uma espécie de aliança para realizar experimentos blasfemos e ilegais.

— A merda e os vermes são primos irmãos — disse Rabban.

O barão riu da analogia.

— Soube que nosso amado imperador foi o instigador da queda de IX. Obrigou a Casa Vernius a declarar-se renegada e ajudou os Tleilaxu a iniciarem pesquisas e adaptarem seus métodos às instalações ixianas.

— A que pesquisas se refere, meu barão? — perguntou o *Mentat*.

O barão deixou cair sua bomba:

— Procuram um método biológico de sintetizar a melange.

Acreditam que podem produzir especiaria artificial, e assim eliminarão Arrakis, ou seja a nós, dos canais de distribuição.

Rabban bufou.

— Impossível. Ninguém pode conseguir isso.

Mas a mente de De Vries dava voltas enquanto as peças da informação iam se encaixando.

— Eu não subestimaria os Tleilaxu, sobretudo combinados com as instalações e a tecnologia de IX. Terão tudo que necessitarem.

Rabban se levantou.

— Se o imperador for capaz de fabricar melange, que será de nossas posses? O que será de todas as reservas de especiaria que acumulamos durante anos?

— Se a nova especiaria for semelhante e eficaz, a fortuna dos Harkonnen, apoiada na especiaria, vai se evaporar — explicou De Vries sem se alterar —. Da noite para o dia, como se diz.

— Exato, Piter! — O barão descarregou seu punho coberto de anéis sobre a mesa —. Colher especiaria em Arrakis é muito caro. Se o imperador contar com suas próprias reservas de melange, o mercado virá abaixo e a Casa Corrino controlará o resto: um novo monopólio, exclusivo do imperador.

— A CHOAM não fará nenhuma objeção — disse Rabban com surpreendente perspicácia.

— Nesse caso teremos que passar esta informação à Corporação Espacial — sugeriu De Vries —. Temos que revelar as manobras do imperador, e conseguir que Shaddam suspenda suas pesquisas. Nem a CHOAM nem a Corporação vão querer perder seus investimentos na produção de especiaria.

— E se o novo imperador chegar a um acordo com eles, Piter? —

perguntou o barão —. A Casa Corrino possui parte da CHOAM. Shaddam deseja iniciar seu reinado com um gesto espetacular. E se a CHOAM o convencer a lhes conceder acesso a especiaria sintética com um desconto extraordinário, em troca de sua colaboração? Para a Corporação seria interessante ter um fornecimento mais barato e de confiança. Poderiam abandonar Arrakis, se for muito difícil.

— Então, só nós ficaremos com o rabo ao ar — grunhiu Rabban —.

Todos pisotearão a Casa Harkonnen.

O *Mentat* falou com os olhos semicerrados.

— Nem sequer poderíamos apresentar uma queixa oficial às Casas do Landsraad. A notícia de um substituto da especiaria enlouqueceria as famílias federadas. As alianças políticas mudaram recentemente, e certo número de Casas veriam com bons olhos o fim de nosso monopólio. Se o preço da melange cair, não perderiam o sono. Os únicos que sairiam perdendo seriam os que investiram em reservas secretas e ilegais de especiaria, ou os que investiram nas operações de coleta de especiaria em Arrakis.

— Em outras palavras, de novo nós, e alguns de nossos mais firmes aliados — disse o barão.

— As Bene Gesserit, e seu amor entre elas, não se importariam de conseguir fornecimentos a preço menor.

O barão fulminou seu sobrinho com o olhar. Rabban deu uma risadinha.

— Que podemos fazer?

De Vries respondeu sem consultar o barão.

— A Casa Harkonnen terá que enfrentar sozinha o problema. Não podemos

esperar ajuda de ninguém.

— Lembre-se que nós somos um quase feudo de Arrakis — disse o barão —. Foi concedido com a permissão tácita da CHOAM e do imperador. Agora é como se estivéssemos em um gancho onde nos penduraram para secar. Temos que ser muito cautelosos.

— Precisamos de poderio militar para combater tantos inimigos —

disse Rabban.

— Temos que ser sutis — disse De Vries.

— Sutileza? — O barão arqueou as sobrancelhas —. De acordo, eu adoro provar coisas novas.

— Temos que interromper essas pesquisas Tleilaxu em IX — disse De Vries —, ou melhor ainda, destruí-las. Sugiro que a Casa Harkonnen liquide diversos bens, acumule uma reserva em metal e extraia os maiores benefícios de nossa produção atual de especiaria, porque pode desaparecer a qualquer momento.

O barão olhou para Rabban.

— Temos que espremê-la ao máximo. Ah, e direi ao idiota de seu pai que aumente a colheita de peles de baleia em Lankiveil. Temos que encher as arcas. As batalhas iminentes podem consumir muito dos nossos recursos.

O *Mentat* secou uma gota vermelha dos lábios.

— Temos que fazer tudo isto no mais absoluto segredo. A CHOAM

vigia nossas atividades econômicas, e detectaria qualquer manobra incomum. Não devemos permitir que a CHOAM e a Corporação se aliem ao nosso novo imperador contra a Casa Harkonnen.

— Temos que fazer o Império continuar dependendo de nós — disse o barão.

Rabban enrugou a testa, enquanto tentava abrir caminho desajeitadamente entre o labirinto de implicações.

— Mas se os Tleilaxu estão entrincheirados em IX, como vamos interromper estas investigações sem revelar sua verdadeira natureza, sem denunciar nossa implicação e fazer todos os nossos inimigos nos atacar?

De Vries contemplou as imagens sexuais das paredes. Os corpos podres pendiam nos expositores como espiões espectrais. Sua mente não parava de analisar dados.

— Alguém tem que lutar por nós, preferivelmente sem que saiba —

disse por fim.

— Quem? — perguntou Rabban.

— Para isso trouxe Piter — disse o barão —. Necessitamos de sugestões.

— Projeção primária — disse De Vries —. A Casa Atreides.

Rabban ficou boquiaberto.

— Os Atreides nunca lutariam por nós!

— O velho duque morreu — replicou o *Mentat* —, a Casa Atreides se encontra em uma situação instável. Leto, o sucessor de Paulus, é um jovenzinho impetuoso. Não tem amigos no Landsraad, e recentemente fez um discurso bastante embaraçoso no Conselho. Voltou para casa humilhado.

O barão esperou, impaciente por saber as idéias de seu *Mentat*.

— Segundo ponto: a Casa Vernius, firme aliada dos Atreides, foi expulsa de IX pelos Tleilaxu. Dominic Vernius é um fugitivo da lei e se oferece uma recompensa por sua cabeça, enquanto Shando Vernius foi executada recentemente, devido a sua condição de renegada. A Casa Atreides acolheu os dois filhos de Vernius. São muito unidos às vítimas dos Tleilaxu.

De Vries ergueu um dedo para relacionar os pontos.

— Agora, o impulsivo Leto é amigo íntimo do príncipe exilado de IX. O duque Leto culpa os Tleilaxu pela queda de IX, pela morte de Shando e pela situação de sua família. A Casa Atreides antepõe a lealdade e a honra à política, Leto

disse isso ao Landsraad. Talvez considere que seja seu dever ajudar Rhombur Vernius a reconquistar IX. Quem melhor para agir em nosso favor?

O barão sorriu.

— Assim... iniciar uma guerra entre a Casa Atreides e os Tleilaxu!

Dessa forma, a Casa Atreides e a pesquisa sobre a especiaria sintética serão destruídas.

Para Rabban era difícil imaginar tudo aquilo. A julgar pela expressão concentrada de seu rosto, o barão compreendeu que seu sobrinho se esforçava ao máximo por pensar e não perder os detalhes do plano. O

Mentat assentiu.

— Se agirmos com cautela, poderíamos obter isso de tal forma que a Casa Harkonnen fique completamente à margem das hostilidades.

Conseguiremos nosso objetivo sem sujar as mãos.

— Brilhante, Piter! Me alegro de não ter mandado executá-lo todas as vezes em que me irritou muito.

— E eu também — disse De Vries. O barão abriu uma câmara de entropia nula e extraiu uma garrafa de conhaque kirana.

— Temos que brindar. — Sorriu com astúcia —. Porque acabo de compreender quando e como faremos isso.

Seus dois ouvintes não podiam estar mais atentos.

— O novo duque está afligido pela complexidade da administração das suas posses. Assistirá à coroação de Shaddam IV, é obvio. Nenhuma Grande Casa ousaria ofender o novo imperador Padishah desprezando-o no seu dia mais glorioso.

De Vries captou a idéia imediatamente.

— Quando o duque Leto vir à coroação... será nossa oportunidade de dar o golpe.

— Em Kaitain? — perguntou Rabban.

— Um pouco mais interessante que isso, suspeito — disse De Vries.

O barão bebeu um gole do conhaque antigo.

— Será uma vingança deliciosa. Leto nem sequer imaginará, não saberá de onde vieram os tiros.

Os olhos de Rabban se iluminaram.

— Faremos ele se retorcer, tio!

O barão estendeu uma taça para seu sobrinho e outra para o *Mentat*.

Rabban tomou seu conhaque de um só gole, enquanto De Vries se limitou a contemplá-lo, como se estivesse realizando uma análise química visual.

— Sim, Rabban, ele se retorcerá e retorcerá, até que uma grande onda imperial o esmague.

Só um Tleilaxu pode pôr o pé no Bandalomg, a cidade Santa dos Bene Tleilax, pois seu chão sagrado está fanaticamente guardado por Deus.

Diplomada no Império,

uma publicação do Laminem

O edifício, que ainda mostrava sinais do incêndio, outrora tinha sido uma fábrica de *meks* de combate ixiano, uma das sacrílegas indústrias que desafiavam os

mandamentos da Jihad Butleriana. Mas não mais. Hidar Fen Ajidica contemplou as idas e vindas de contêineres e ajudantes, satisfeito por ver que o lugar fora purificado e dedicado a um bom uso.

Depois da vitória Tleilaxu, a instalação tinha sido esvaziada de sua venenosa maquinaria e abençoado por Mestres com hábito, para ser utilizada para os elevados propósitos dos Bene Tleilax. Apesar do apoio do velho imperador Elrood, já falecido, Ajidica nunca tinha considerado aquele projeto como pertencente ao Império. Os Tleilaxu não agiam em benefício de ninguém além deles e de seu Deus. Tinham seus próprios propósitos, que nunca seriam compreendidos por estrangeiros corruptos.

— A estratégia Tleilaxu sempre é tecida em uma rede de estratégias, onde qualquer uma delas pode ser a verdadeira estratégia — entoou o axioma de seu povo —. A magia de nosso Deus é nossa salvação.

Cada contêiner de *axlotl* guardava os ingredientes de um experimento diferente, e cada um representava uma alternativa à solução do problema da melange artificial. Nenhum estrangeiro jamais tinha visto um contêiner de *axlotl*, e nenhum compreendia sua verdadeira função. Para produzir a preciosa melange, Ajidica sabia que seria preciso utilizar métodos inquietantes. Se as Casas descobrissem ficariam horrorizadas, mas Deus os protegia, repetiu em sua alma secreta. Produziriam a especiaria em quantidades maciças.

Ao compreender a complexidade do projeto, o Mestre Pesquisador tinha chamado peritos tecnológicos de Tleilax, homens sábios com pontos de vista muito divergentes sobre a forma de alcançar o objetivo. Naquele momento inicial do processo precisava considerar todas as opções, estudar todas as provas para introduzir pistas diretamente no DNA das moléculas orgânicas, que os Tleilaxu chamavam de *A Linguagem de Deus*.

Todos os peritos tecnológicos concordaram que a especiaria artificial devia crescer como uma substância orgânica em um contêiner de *axlotl*, porque os contêineres eram fontes sagradas de vida e energia. Os Mestres Pesquisadores tinham criado incontáveis programas com resultados assombrosos, desde *baceres* a clones passando por *gholas*... embora tivessem produzido muitos fracassos.

Estes recipientes exóticos constituíam a descoberta Tleilaxu mais sagrada, e nem

sequer o príncipe herdeiro Shaddam, seus conselheiros e os Sardaukar conheciam seu funcionamento. Tão secreto e em segurança em IX, agora Xuttah, tinha sido uma exigência contida no pacto com o imperador Elrood. O velho tinha concordado com ironia depreciativa.

Devia ter suposto que se apoderaria daqueles segredos quando quisesse.

Muita gente mantinha tais hipóteses ridículas a respeito dos Tleilaxu.

Ajidica estava acostumado a ser menosprezado pelos idiotas.

Só um Mestre Tleilaxu ou um Pesquisador Tleilaxu de pura cepa podiam acessar este conhecimento. Ajidica aspirou o aroma de produtos químicos fétidos, o desagradável fedor úmido que era uma conseqüência inevitável do funcionamento dos contêineres. Aromas naturais. Sinto a presença de meu Deus, pensou, formando as palavras em *islarfliyat*, o antiquísimo idioma que nunca se falava em voz alta fora dos *kehls*, os conselhos secretos de sua raça. Deus é misericordioso. Só ele pode me guiar.

Um globo luminoso flutuava a frente de seus olhos, piscavam com um brilho vermelho... longo, longo, curto, pausa... longo, curto, o vermelho vira azul... cinco rápidas piscadas e volta ao vermelho. O emissário do príncipe herdeiro estava ansioso por vê-lo. Hidar Fen Ajidica sabia que não devia fazer Hasimir Fenring esperar. Apesar de não possuir nenhum título de nobreza, o impaciente Fenring era o amigo mais íntimo do herdeiro imperial, e Fenring compreendia as manipulações do poder pessoal melhor que a maioria de líderes do Landsraad. Ajidica sentia certo respeito pelo homem.

Ajidica se voltou, resignado, e atravessou sem problemas uma zona de identificação que teria sido mortal para qualquer um que não tivesse a permissão pertinente. Nem sequer o príncipe herdeiro poderia cruzá-la sem perigo. Ajidica sorriu ao pensar na superioridade de seu povo. Os ixianos utilizavam máquinas e campos de força por motivos de segurança, como os desajeitados e desumanos subóides tinham descoberto... provocando espantosas detonações e danos colaterais. Os Tleilaxu, por sua vez, usavam agentes biológicos liberados mediante engenhosas interações, toxinas e gases nervosos que acabavam com os infiéis *powindah* assim que punham o pé onde não deviam.

Na zona de espera, um sorridente Hasimir Fenring saudou Ajidica quando saiu da zona de identificação. De alguns ângulos, o homem de queixo pequeno

parecia uma doninha, e de outros um coelho, inofensivo na aparência mas na realidade muito perigoso. Os dois se encontraram no que tinha sido um vestíbulo ixiano, conectado por uma intrincada rede de elevadores de plaz transparente. Aquele assassino imperial tinha uma cabeça a mais de altura em relação ao Mestre Pesquisador.

— Ah, meu querido Ajidica — ronronou Fenring —, seus experimentos vão bem, *hummmm*? O príncipe herdeiro Shaddam deseja receber as últimas notícias, agora que vai iniciar a obra de seu Império.

— Estamos fazendo bons progressos, senhor. Nosso imperador não coroado recebeu meu presente, suponho.

— Sim, muito bonito, e lhe envia seus agradecimentos. — Fenring desenhou um sorriso tenso ao pensar no obséquio: um hermazorro de pele chapeada, capaz de autorreplicar-se, um peculiar brinquedo vivo que não servia absolutamente para nada —. De onde tirou um ser tão interessante?

— Somos adeptos das forças da vida, senhor.

Os olhos, pensou Ajidica. Vigie seus olhos. Revelam sentimentos perigosos. Malévolos, neste momento.

— Então vocês gostam de brincar de Deus?

— Só há um Deus Todo-poderoso — replicou Ajidica com indignação controlada —. Não me ocorreria ocupar seu lugar.

— Claro que não. — Os olhos de Fenring se entreabriram —. Nosso novo imperador lhe envia sua gratidão, mas salienta que teria preferido outro presente: uma amostra de especiaria artificial.

— Estamos trabalhando com esforço no problema, senhor, mas já dissemos ao imperador Elrood desde o primeiro momento que demoraríamos muitos anos, talvez décadas, para desenvolver um produto final. Até o momento, quase todo nosso trabalho se concentrou em consolidar nosso controle sobre Xuttah e adaptar as instalações existentes.

— Não realizaram progressos tangíveis, então? — O desprezo de Fenring era tão extremo que não pôde ser dissimulado.

— Temos muitos sinais promissores.

— Bem, posso comunicar a Shaddam a data em que receberá seu presente? Gostaria que fosse antes de sua coroação, dentro de seis semanas.

— Acredito que não será possível senhor. Recebemos uma provisão de melange como catalisador faz menos de um Mês Normal.

— Fornecemos especiaria suficiente para comprar vários planetas.

— É claro, é claro, e trabalhamos com a maior celeridade possível, mas é preciso alimentar e modificar os contêineres de *axlotl*, provavelmente durante várias gerações. Shaddam precisa ser paciente.

Fenring estudou o diminuto Tleilaxu, suspeitando que tentava enganá-lo.

— Paciente? Lembre-se, Ajidica, que um imperador não tem paciência ilimitada.

O anão não gostava daquele predador imperial.

Algo nos olhos enormes e nas palavras de Fenring transmitia uma ameaça latente, mesmo quando falava de temas corriqueiros. Não se engane. Este indivíduo será o novo homem forte do imperador... que me assassinará se eu fracassar.

Ajidica aspirou fundo, mas bocejou para não demonstrar temor.

Quando falou, o fez com absoluta serenidade.

— Quando Deus desejar nosso êxito, ele acontecerá. Agimos segundo seus planos, não os nossos, nem os do príncipe Shaddam. Assim é o costume do universo.

Um brilho perigoso cruzou os olhos de Fenring.

— Compreende a importância disto? Não só para o futuro da Casa Corrino e para a economia do Império... mas também para sua sobrevivência pessoal.

— Certamente. — Ajidica não reagiu à ameaça —. Meu povo aprendeu o valor da espera. Uma maçã colhida muito cedo pode estar verde e azeda, mas se

esperar que amadureça, ela será vermelha e deliciosa.

Quando estiver aperfeiçoada, a especiaria artificial alterará toda a estrutura de poder do Império. Não é possível criar essa substância da noite para o dia.

Fenring se irritou.

— Somos pacientes, mas isto não pode continuar.

— Se desejarem — disse Ajidica com expressão de generosidade —, podemos fixar reuniões periódicas para mostrar nossos trabalhos e seus progressos. Não obstante, tais distrações serviriam apenas para atrapalhar nossas pesquisas, nossa análise de substâncias e nossas disposições.

— Não, prossiga — grunhiu Fenring.

Tenho o bastardo onde queria, pensou Ajidica, e não ele não gosta disso. Mesmo assim, tinha a impressão de que esse assassino o mataria sem vacilar. Mesmo agora, sob a férrea vigilância das câmeras de segurança, não havia dúvida de que Fenring portava armas ocultas na roupa, pele e cabelo.

Atentará contra mim assim que não necessitar mais dos meus serviços, quando Shaddam pensar que tem tudo o que deseja.

Hidar Fen Ajidica também tinha suas armas ocultas. Tinha desenhado planos de contingência para lutar com os estrangeiros mais perigosos, afim de assegurar o controle dos Tleilaxu a qualquer momento.

É muito possível que nossos laboratórios descubram um substituto para a especiaria, pensou, mas nenhum *powindah* descobrirá jamais como se faz.

Nosso programa adquirirá a condição de fenômeno natural, a vida de um planeta é um imenso tecido, com as fibras entrelaçadas firmemente.

A princípio, as mudanças na vegetação e na fauna serão determinadas pelas forças físicas que manipularmos. Quando se estabilizarem, nossas mudanças se transformarão em influências controladoras, e também teremos que cuidar delas. Não esqueçam que só precisamos controlar três por cento da superfície de energia, e só três por cento, para derrubar toda a estrutura em nosso sistema auto-suficiente.

Pardot Kynets,

Os sonhos de Arrakis

Quando seu filho Liet completou um ano e meio, Pardot Kynes e sua esposa fizeram uma viagem ao coração do deserto. Vestiram seu filho com um traje destilador feito sob medida, para proteger sua pele do sol e do calor.

Agradava sobremaneira a Kynes dedicar tempo a sua família, ensinar os adiantamentos na transformação de Dune. Toda sua vida dependia de que compartilhassem seus sonhos.

Seus três amigos, Stilgar, Turok e Ommun, tinham insistido em acompanhá-los para os proteger, mas Kynes os dispensou.

— Passei mais tempo sozinho em locais desolados do que qualquer de vocês viverá. Uma viagem de alguns dias com minha família não representa nenhum problema. — Fez um gesto tranqüilizador com as mãos

—. Além disso, não os carreguei com trabalho suficiente, ou querem ainda mais?

— Se tiver mais — disse Stilgar —, nós o faremos com supremo prazer.

— Basta que... se mantenham ocupados — disse Kynes, perplexo, e depois partiu a pé com Frieth e o jovem Liet.

O menino estava montado em um dos três *kulons*, um asno do deserto domesticado introduzido em Dune por contrabandistas e prospectores.

O preço em água do animal era elevado, apesar da sua adaptação inata a um ambiente árido e hostil. Os Fremen tinham desenvolvido um traje destilador modificado de quatro patas para a besta, que recolhia toda a umidade que o animal exsudava. Não obstante, o traje dificultava os movimentos do animal (para não falar de seu aspecto ridículo), e Kynes decidiu desprezar essas medidas extremas, o que exigia contar com água extra para a viagem, que o animal carregava no lombo em *litrojons*.

Quando ainda não tinha amanhecido, o alto e barbudo Kynes guiou seu pequeno grupo por um trilha serpenteante que só um Fremen teria chamado de caminho. Seus olhos, assim como os de Frieth, eram do azul do Ibad. O asno do deserto

subia mansamente pelo penhasco inclinado.

Kynes não se importava de andar. Tinha feito isso durante quase toda sua vida, quando estudava a ecologia de Salusa Secundus e Bela Tegeuse. Seus músculos eram fortes e firmes. Além disso, quando andava a pé podia concentrar mais sua vista nos calhaus e grãos de areia que pisava, ao invés das montanhas longínquas ou do sol abrasador.

Frieth, querendo agradar seu marido, desviava sua atenção cada vez que Kynes apontava para uma formação rochosa, estudava a composição de um pedaço de chão ou examinava fendas protegidas, aptas para plantar vegetação no futuro. Depois de um momento de incerteza, também lhe mostrou coisas.

— A maior virtude de um Fremen reside em sua capacidade de observação — disse como se citasse um velho provérbio —. Quanto mais observamos, mais aprendemos. Esse conhecimento nos proporciona poder, sobretudo se os outros são cegos.

— Interessante.

Kynes sabia muito pouco sobre a vida anterior de sua esposa.

Estivera muito ocupado para perguntar detalhes sobre sua infância e suas paixões, mas ela não parecia ofendida por sua concentração quase exclusiva no projeto de terraformação. Na cultura Fremen, os maridos e as esposas viviam em mundos diferentes, ligados por poucas pontes, estreitas e frágeis.

Entretanto, Kynes sabia que as mulheres Fremen tinham fama de ferozes guerreiras, implacáveis no campo de batalha e mais temidas que os soldados imperiais no combate corpo a corpo. Até o momento não tinha visto aquela veia de ferocidade em Frieth, e esperava não vê-la jamais.

Seria tão formidável antagonista como amiga.

De repente, uma pequena amostra de vegetação chamou sua atenção.

Parou o *kulon* e se ajoelhou para inspecionar a diminuta planta verde que crescia em um oco sombreado, onde o pó e a areia se acumularam.

Reconheceu o espécime como uma planta estranha, e sacudiu o pó de suas folhas

cerúleas.

— Olhe, Frieth — disse como um professor, com os olhos brilhantes

—. Maravilhosamente resistente.

Frieth assentiu.

— Arrancamos essas raízes em épocas de necessidade. Diz-se que apenas um tubérculo pode proporcionar meio litro de água, suficiente para que uma pessoa sobreviva vários dias.

Kynes se perguntou quanto a irmã de Stilgar sabia sobre o deserto.

Até esse momento não lhe tinha revelado nada. Era culpa dele, disse para si mesmo, por não lhe dar a devida atenção.

O *kulon*, ansioso por comer as folhas frescas da planta, baixou o focinho para o chão, mas Kynes o afastou.

— Esta planta é muito importante para que a coma.

Explorou o terreno em busca de outros tubérculos, mas não viu nenhum. Pelo que tinha aprendido, sabia que aquelas plantas eram nativas de Dune, sobreviventes do cataclismo que secara ou encerrara a umidade do planeta.

Os viajantes fizeram uma pequena parada para alimentar seu filho.

Enquanto Frieth montava uma sombrinha flutuante sobre um saliente, Kynes relembrou o trabalho dos meses recentes e os grandes progressos que seu povo e ele tinham realizado no início do projeto, que demoraria séculos para frutificar.

Em épocas longínquas Dune tinha sido uma estação de análise botânica, um posto avançado onde se plantaram algumas mostras séculos atrás, nos dias da expansão imperial. Isto aconteceu antes que descobrissem as propriedades prescientes e geriátricas da melange. Quando o planeta era um deserto sem utilidade prática. As estações botânicas tinham sido abandonadas, assim como toda forma de vida animal e vegetal.

Muitas espécies tinham sobrevivido e sofrido transformações, ao mesmo tempo

em que demonstravam uma resistência e adaptabilidade notáveis: espadas mutantes, cactos e outros tipos de vegetação próprias de terrenos áridos. Kynes já tinha estabelecido um acordo com os contrabandistas para que trouxessem carregamentos das sementes e embriões mais promissores. Em seguida, equipes de Fremen tinham espalhado pelas areias as preciosas sementes, cada uma das quais era germe de vida, um grão no futuro de Dune.

Um mercador de água tinha informado Kynes da morte do imperador Elrood IX, o que lhe tinha recordado sua audiência em Kaitain, quando o governante o encarregara de investigar a ecologia de Arrakis. O

planetólogo devia todo seu futuro a esse único encontro. Tinha contraído uma dívida de gratidão com Elrood, mas duvidava que o velho imperador se lembrasse dele durante o último ano.

Depois de receber a notícia surpreendente, Kynes tinha pensado em deslocar-se até Arrakeen, embarcar em um Cruzeiro e assistir os funerais de Estado, mas decidiu que se sentiria completamente deslocado. Agora era um habitante do deserto, alheio às complexidades da política imperial.

Além disso, Pardot Kynes estava dedicado a uma tarefa muito mais importante.

Muito ao sul, longe dos espiões Harkonnen, os Fremen tinham plantado erva resistente em ladeiras expostas ao vento, para que se enraizassem de frente para os ventos do oeste predominantes. Uma vez estabilizadas, cresceram e cresceram, os Fremen transportaram a erva e chegaram a construir *sifs* gigantescos que formavam uma barreira sinuosa de muitos quilômetros, e alguns deles alcançavam uma altura de centenas de metros. Absorto em seus pensamentos, Kynes ouviu sua esposa se remexer sob a sombrinha flutuante. Falava com doçura com o pequeno Liet, enquanto este mamava através de uma dobra do traje destilador.

Kynes refletiu sobre a segunda fase do processo de transformação ecológica, durante a qual sua equipe plantaria plantas mais resistentes, acrescentaria fertilizantes químicos processados, construiria armadilhas de vento e precipitadores de orvalho. Mais adiante com cuidado para não violentar a nova e frágil ecologia, acrescentariam plantas mais profundas, que incluiriam amaranto, cinzento, retama negra e tamarisco anão, seguidas por espécies familiares do deserto como saguaro e cactos. O calendário se estendia até o horizonte, décadas

e séculos no futuro.

Nas zonas habitadas do norte de Dune, os Fremen deviam contentar-se com pequenas plantas e colheitas ocultas. A numerosa população Fremen conhecia o segredo da terraformação, dedicava seu sangue e suor coletivos, conseguiam ocultar dos olhos curiosos seu tarefa monumental e o sonho que a acompanhava.

Kynes tinha a paciência de contemplar a lenta metamorfose. Os Fremen tinham depositado uma grande fé em seu *Umma*. Sua confiança inquebrantável nos sonhos de um só homem, e a colaboração que dedicavam a suas difíceis exigências, enterneciam o coração de Kynes, mas estava decidido a lhes oferecer algo mais que sermões e promessas vazias.

Os Fremen mereciam ver um brilho radiante de esperança.

Havia outros que conheciam a Depressão de Gelo, é obvio, mas queria ser o primeiro a mostrá-la a sua esposa Frieth e a seu filho Liet.

— Vou levá-los para ver algo incrível — disse Kynes, enquanto sua mulher desmontava o mini acampamento —, Quero lhe mostrar como Dune pode ser. Então compreenderá por que trabalho tanto.

— Já compreendo, meu marido. — Frieth sorriu e fechou a tampa de sua mochila —. Não tem segredos para mim.

Olhou para ele com uma confiança estranha, e Kynes compreendeu que não era preciso explicar seus sonhos aos Fremen. A nenhum Fremen.

Quando avistou a trilha abrupta e difícil que os aguardava, Frieth decidiu levar a menino nos braços, em vez de carregá-lo sobre o *kulon*.

Kynes, absorto de novo em seus pensamentos, começou a falar em voz alta com Frieth, como se fosse seu mais devoto estudante.

— O que os analfabetos ecológicos não entendem de um ecossistema é que não é um sistema.

Agarrou-se a uma rocha da muralha montanhosa e se impulsionou para frente. Não se virou para observar as dificuldades do *kulon* para avançar. Seus cascos tropeçaram em uma rocha solta, mas continuaram adiante.

O pequeno Liet chorou brevemente nos braços de sua mãe, que continuou escutando seu marido.

— Um sistema mantém certa estabilidade variável, suscetível de ser destruída por um só passo em falso. O menor equívoco provoca a destruição total. Um sistema ecológico flui de um ponto a outro, mas se algo obstrui esse fluxo, a ordem vem abaixo. Uma pessoa inexperiente poderia não ver o desastre iminente até que fosse muito tarde.

Os Fremen já tinham introduzido insetos e animais escavadores, afim de que oxigenar o solo. Raposas, ratos cangurus, e animais maiores como lebres do deserto e ratos de areia, junto com seus predadores correspondentes, o falcão do deserto e o lobo anão, escorpiões, centopéias e aranhas, e até mesmo o morcego do deserto e vespas, todos interrelacionados na rede da vida.

Ignorava se Frieth compreendia o que dizia, ou se estava interessada.

Com seu silêncio, dava a entender que concordava totalmente. Por um momento, desejou que sua esposa discutisse com ele, mas Pardot Kynes era seu marido e os Fremen o consideravam um profeta. Suas crenças eram muito fortes para questionar o que dizia.

Kynes respirou fundo através de seus filtros nasais e continuou escalando a ladeira da montanha. Se não chegassem à boca da caverna antes do meio-dia, o sol os abrasaria. Teriam que procurar refúgio e não chegariam à Depressão de Gelo até o dia seguinte. Kynes, ansioso por mostrar-lhes seu tesouro ecológico, acelerou o passo.

As rochas se elevavam a frente deles e a sua direita como a espinha dorsal de um lagarto faminto, projetando sombras e afogando sons. O

kulon trotava incansável, farejava o chão em busca de algo para comer.

Frieth, que carregava o menino sem queixar-se, deteve-se de repente. Seus olhos azuis se dilataram e olharam de um lado para outro. Inclinou a cabeça para escutar.

Kynes, cansado, sentindo calor e impaciente por alcançar seu destino, caminhou cinco metros mais sem reparar em que sua esposa havia parado.

— Marido! — sussurrou ela com a vista cravada na barreira montanhosa.

— O que foi? — perguntou Kynes, e piscou.

Um ornitóptero blindado apareceu pelo outro lado da muralha montanhosa. Tinha distintivos Harkonnen.

Frieth estreitou o bebê contra seu seio e correu em busca de refúgio.

— Marido! Por aqui! — Introduziu o menino em uma pequena fenda rochosa e correu para Kynes antes que este conseguisse reagir —.

Harkonnen! Temos que nos esconder!

Agarrou-o pela manga do traje destilador.

O ornitóptero, com capacidade para dois homens, descreveu círculos perto da parede rochosa. Kynes compreendeu que eles os tinham visto.

Atacar os Fremen solitários e caçá-los com total impunidade constituía uma diversão para as tropas Harkonnen.

Surgiram armas do focinho chato do aparelho. A porta lateral de plaz se abriu, e um sorridente Harkonnen uniformizado apontou seu fuzil laser.

Tinha espaço suficiente para escolher seu alvo e apontar com calma.

Foi quando sua mulher passou junto ao asno do deserto, emitiu um grito aterrador e açoitou os quartos traseiros do animal. Assustada a besta empinou e correu trilha acima.

Frieth deu meia volta e desceu o penhasco a toda pressa, concentrada. Kynes se esforçou por segui-la. Caíram rolando pela ladeira, em busca de alguma sombra. Kynes não podia acreditar que tivesse deixado Liet sozinho, até compreender que seu filho estava muito melhor protegido que eles dois. O bebê, a salvo entre as sombras, tinha guardado um silêncio instintivo e não se movia.

Sentia-se desajeitado e exposto, mas Frieth, ao que parecia, sabia o que deviam fazer. Crescera como uma Fremen, e sabia fundir-se com o deserto.

O ornitóptero passou sobre eles e se dirigiu para o *kulon* apavorado.

Frieth devia saber que os Harkonnen eliminariam primeiro o animal. O

atirador mostrou pela porta seu rosto sorridente e torrado pelo sol. Disparou um raio branco-alaranjado quase invisível, que transformou o asno do deserto em partes de carne fumegante, vários dos quais rodaram pela penhasco, a cabeça e as patas dianteiras caíram, chamuscadas, sobre a trilha.

Depois, os disparos se concentraram na parede rochosa, e fragmentos de pedra saíram em todas direções. Kynes e Frieth correram em ziguezague, até se esconderem atrás de um saliente de lava rochosa, na qual ricochetearam os disparos. Kynes sentiu o aroma de ozônio e pedra chamuscada.

O ornitóptero se aproximou mais. O atirador apontou sua própria arma, sem permitir ao piloto que utilizasse as armas do aparelho.

Nesse momento as tropas que protegiam Kynes abriram fogo.

Muito perto da cova, e de almenas camufladas na muralha rochosa, canhoneiros Fremen dispararam contra o casco blindado do ornitóptero.

Raios laser brilhantes cegaram a porta da cabine. Um defensor invisível utilizou um lança-foguetes antiquado, apoiando-o sobre o ombro, para disparar pequenos explosivos obtidos dos contrabandistas. O projétil alcançou a parte inferior do aparelho, que oscilou no ar.

O atirador caiu no vazio e se chocou contra as rochas, seguido de seu fuzil laser.

Frieth estava agachada contra a parede do penhasco, abraçada a Kynes e assombrada pela inesperada aparição dos Fremen. Kynes imaginava que teria que enfrentar os atacantes com as mãos nuas, mas por sorte não tinha sido necessário.

Enquanto o ornitóptero dava voltas no ar, os Fremen abriram fogo contra suas partes mais fracas. O ar cheirava a fogo e metal queimado. O

piloto tentou estabilizar o aparelho, envolto em uma nuvem de fumaça negra, mas o ornitóptero se precipitou para o chão.

Chocou-se contra a parede do penhasco, partiu-se e continuou descendo na vertical. As asas articuladas continuaram batendo em vão, como músculos involuntários, até que o aparelho se desfez contra o chão.

— Que eu saiba, não há nenhum *sietch* por aqui — disse Frieth, sem fôlego e confusa —. Quem são estas pessoas? A que tribo pertencem?

— São soldados sob minhas ordens.

Observou que o piloto tinha sobrevivido à colisão. Parte da coberta se abriu, e o ferido se arrastou para fora, com um braço inerte. Ao fim de poucos momentos, soldados Fremen com uniforme de camuflagem saíram das rochas e se precipitaram para os restos do aparelho.

O piloto tentou retornar à duvidosa segurança do ornitóptero, mas dois Fremen o retiveram. Produziu-se o brilho branco-azulado de um *crys*, e o piloto morreu no ato. Mestres de água (manipuladores de corpos consagrados) levaram o cadáver para recuperar sua água. Kynes sabia que toda umidade ou produtos químicos fertilizantes extraídos daquele corpo seriam dedicados ao projeto da Depressão de Gelo, em vez de enriquecer uma única unidade familiar.

— O que pode haver tão importante aqui em cima? — perguntou Frieth —. O que você está fazendo, marido?

Kynes lhe dedicou um sorriso radiante.

— Você já vai descobrir. Queria que fosse nossa primeira visitante.

Frieth correu para tirar o menino de seu refúgio. Ergueu-o e verificou se não estava ferido. O pequeno Liet nem sequer chorava.

— É um verdadeiro Fremen — disse a mulher com orgulho, e o aproximou de Kynes.

Equipes de homens começavam a desmantelar o ornitóptero, e a retirar o metal, os motores e as provisões. Os Fremen mais jovens escalavam a perigosa parede do precipício para recuperar o fuzil laser.

Kynes e sua esposa passaram junto aos restos do *kulon*. Kynes exalou um suspiro de tristeza.

— Comeremos carne por fim. Não é algo freqüente, assim celebraremos na cova.

Os Fremen se esmeravam em eliminar os rastros da colisão.

Arrastaram os pesados componentes até túneis ocultos, camuflaram as marcas deixadas nas rochas e até alisaram a areia. Embora Kynes convivesse há muito tempo com aquela gente, sua eficácia ainda o assombrava.

Ficou à frente da comitiva e conduziu Frieth até a abertura protegida.

Passava do meio-dia e o sol queimava, com sua linha de fogo amarelo a crista trincada das montanhas. O aroma de umidade e o frio que surgia da cova eram vivificantes.

Kynes tirou os filtros e aspirou uma profunda baforada de ar. Indicou a sua mulher que o imitasse. Ela sorriu assombrada quando esquadrinhou as sombras.

— Cheiro a água, esposo.

Ele a agarrou pelo braço.

— Venha comigo. Isto é algo que quero que veja.

Quando dobraram uma esquina angulosa, cujo propósito era impedir a perda de luz e evaporação da gruta, Kynes apontou com um gesto empolado para o Éden que tinha criado na Depressão de Gelo.

Globos luminosos amarelos flutuavam no teto. O ar estava impregnado de umidade, enriquecido com as fragrâncias de flores, arbustos e árvores. O doce rumor da água corrente chegava de estreitos canais.

Brotos magenta e alaranjados explodiam em maciços de flores que pareciam plantados aleatoriamente.

Sistemas de irrigação vertiam gotículas de água em depósitos repletos de algas, ao mesmo tempo em que ventiladores agitavam o ar para manter constante o nível de umidade. A gruta fervia de vida com manchas de cor, mariposas, traças e abelhas, embriagadas pelo tesouro de pólen e néctar que as rodeava.

Frieth soltou uma leve exclamação, e por um momento Kynes vislumbrou o que ocultava a máscara de porcelana do seu rosto, e viu muito mais do que tinha percebido até então.

— Isto é o paraíso, meu amor!

Um colibri revoou a frente dela, mas se afastou em seguida. Os jardineiros Fremen cuidavam das plantas sem dissimular sua euforia.

— Um dia, jardins como este florescerão ao longo de Dune, ao ar livre. Isto é apenas uma vitrine de exposição, com colheitas, plantas, água, árvores frutíferas, flores decorativas, erva verde. É um símbolo para todos os Fremen, a mensagem da minha visão. Quando virem isto, compreenderão o que podem obter.

Escorria umidade pelas paredes da caverna, acariciando a rocha ressecada que só tinha conhecido sede durante incontáveis eras.

— Nem sequer eu tinha compreendido completamente... até agora —

disse Frieth.

— Compreende agora que vale a pena lutar, até mesmo morrer, por isso?

Kynes passeou pela cova, aspirando a fragrância das folhas e das flores. Viu uma árvore de onde pendiam frutos similares a laranjas amadurecidas. Agarrou um, grande e dourado. Nenhum dos trabalhadores pôs em dúvida seu direito a comê-lo.

— Um *portygul* — disse —, um dos frutos de que falei no *sietch* da Muralha Vermelha.

Entregou-o a Frieth como um presente, e ela o sustentou em suas mãos bronzeadas com reverência, pois era o maior tesouro que lhe tinham dado.

Kynes fez um gesto que abrangia toda a gruta.

— Lembre de tudo isto, minha esposa. Todos os Fremen têm que ver. Dune, nosso Dune, pode ser assim dentro de poucos séculos.

Até os inocentes carregam culpa a sua maneira. Ninguém vive sem pagar de

uma forma ou outra.

Lady Helena Atreides,

diário pessoal

Assim que recebeu a notícia da primeira coroação imperial em quase século e médio, a Casa Atreides começou a trabalhar nos preparativos. Da alvorada ao anoitecer, os criados do castelo de Caladan foram do guarda-roupa ao armazém, afim de reunir os objetos de vestir, jóias e presentes necessários para a viagem à corte imperial.

Nesse ínterim, Leto vagava por seus aposentos, tentava dar consistência a seu plano e decidir a melhor forma de obter a anistia para Rhombur e Kailea. O novo imperador, Shaddam, tem que atender minhas súplicas.

Seus conselheiros de protocolo tinham discutido durante horas sobre as cores adequadas das capas, braceletes e mantos de seda *merh*, se as jóias deviam ser chamativas ou discretas, caras gemas importadas de Ecaz ou mais simples. Por fim, devido a memorável ocasião compartilhada com Rhombur, Leto insistiu em levar uma pequena gema coralina que flutuasse em uma esfera transparente cheia de água.

Kailea tinha muita vontade de visitar o palácio imperial, onde sua mãe tinha prestado seus serviços, era o sonho de toda sua vida. Leto percebia o desejo em seus olhos verdes, a esperança em seu rosto, mas não teve outra alternativa senão proibir-lhe. Rhombur tinha que fazer parte do séquito para defender a causa de sua família, mas se fracassassem o herdeiro de Vernius poderia ser executado por abandonar seu refúgio. A vida de Kailea também correria perigo.

Não obstante, se sua missão tivesse êxito, Leto jurou a Kailea que a levaria a capital do planeta, em férias como nunca tinha sonhado.

Na hora silenciosa que precede ao amanhecer, Leto passeava por sua habitação, ouvindo o rangido das velhas vigas. Era o som confortável do lar. Quantas vezes outros duques tinham feito o mesmo enquanto meditavam sobre questões de Estado? Não tinha dúvida de que o duque Paulus percorrera aquele chão várias vezes, preocupado com as revoltas dos primitivos no moderado sul, ou com as exigências do imperador para que esmagasse rebeliões em outros planetas. Naqueles tempos, Paulus Atreides tinha manchado de sangue sua espada pela

primeira vez e se transformara em companheiro de armas de Dominic Vernius.

Durante toda sua vida, o velho duque tinha servido ao Império com talento e sutileza, soubera quando ser implacável e quando ser indulgente.

Utilizara a dedicação, a ética e a estabilidade econômica para moldar uma população devotamente fiel e orgulhosa da Casa Atreides.

Como Leto poderia estar a sua altura?

Sua voz ressoou na habitação.

— Pai, você me legou uma carga muito pesada.

Respirou fundo e deixou de compadecer-se, irritado. Faria tudo que estivesse em suas mãos por Caladan e pela memória do velho duque.

Em manhãs mais tranqüilas, Rhombur e ele teriam descido ao pátio de práticas para exercitar-se com facas e escudos sob o olhar vigilante de Thufir Hawat. Hoje, entretanto, Leto esperava descansar um pouco mais, esperança que não se materializou. Tinha dormido mau, atormentado pelo peso de decisões que precisava tomar. O mar se chocava contra o penhasco, águas turbulentas que refletiam o estado de ânimo de Leto.

Envolveu-se em uma capa forrada de pele de baleia importada, prendeu o cinturão e desceu descalço a escada que conduzia ao grande salão. Percebeu o aroma de café amargo, e o tênue aroma da melange que acrescentaria em sua taça. Leto sorriu, consciente de que o cozinheiro insistiria que o jovem duque recebesse uma injeção adicional de energia.

Ouviu ruídos na cozinha, pois estavam enchendo as unidades de preparação de comida, dispondo o café da manhã e atiçando as antiquadas chaminés. O velho duque sempre tinha preferido fogo de verdade em algumas estadias, e Leto tinha continuado a tradição.

Quando atravessou descalço a Sala das Espadas, a caminho do salão de banquetes, topou com um personagem inesperado.

Duncan Idaho, o jovem menino de quadras, tinha pego uma espada cerimoniosa de Paulus, longa e muito trabalhada, de seu armeiro. Segurava-a com a ponta

apoiada contra o chão de lajes. Embora a espada fosse quase do seu tamanho, Duncan segurava o pomo com decisão.

O menino virou-se, sobressaltado ao ser descoberto. Leto ia lhe perguntar que fazia ali, só e sem permissão, mas viu os olhos arregalados de Duncan, e as lágrimas que sulcavam seu rosto.

O menino, envergonhado mas cheio de orgulho, se ergueu em toda sua estatura.

— Sinto muito, meu senhor duque. — Sua voz expressava um profundo pesar. Contemplou a espada e depois o retrato de Paulus Atreides na parede do fundo da sala de jantar. O patriarca olhava do quadro com invencível determinação. Estava vestido de matador, como se nada no universo pudesse desviá-lo de seu propósito —. Sinto muita falta dele —

disse Duncan.

Leto sentiu um nó na garganta e se aproximou do menino.

Paulus tinha deixado sua marca em muitas vidas. Até neste menino que trabalhava com os touros, um menino normal — que mesmo assim tinha conseguido enganar os caçadores Harkonnen e fugir de Giedi Prime

—, sentia a perda como uma ferida mortal.

Não sou o único que ainda chora a morte de meu pai, compreendeu Leto. Apertou o ombro de Duncan, em um silêncio mais eloqüente que uma longa conversa.

Duncan se apoiou na espada como se fosse uma muleta. Sua pele ruborizada recuperou o tom normal, e respirou fundo.

— Vim... vim lhe fazer uma pergunta, meu senhor, antes que parta para Kaitain.

Ouviu-se o tinido de panelas ao longe, e movimentos apressados dos criados. Alguém não demoraria para subir aos aposentos de Leto com a bandeja do café da manhã. Encontrariam seu quarto vazio.

— Pergunte — disse.

— É sobre os touros, senhor. Agora que Yresk morreu, eu cuido deles todos os dias, eu e outros meninos de quadra... mas o que vai fazer com eles? Toureará como seu pai?

— Não! — exclamou Leto, sentindo um calafrio de medo —. Não —

repetiu com mais calma —. Acredito que não. Os dias de touradas em Caladan terminaram.

— Então o que eu vou fazer, meu senhor? Tenho que continuar cuidando dos animais?

Leto conteve uma gargalhada. Na sua idade, aquele menino deveria estar brincando, levando alguns recados, e com a cabeça cheia de fantasias sobre as grandes aventura que o aguardavam na vida. Mas nos olhos de Duncan viu uma pessoa muito mais velha que sua idade biológica.

— Escapou da cidade prisão dos Harkonnen, não é?

Duncan assentiu e mordeu o lábio inferior.

— Lutou contra eles em sua reserva florestal quando só tinha oito anos de idade. Matou vários, e se lembro bem, arrancou um artefato que tinham implantado em seu ombro e fez uma armadilha para os caçadores Harkonnen. Humilhou muito mesmo a Glossu Rabban.

Duncan assentiu de novo, sem orgulho, só confirmando os fatos.

— E atravessou o Império e chegou a Caladan, o lugar que considerava seu destino. Nem a distância de vários continentes o impediu de chegar a nossa porta.

— Tudo isso é certo, meu duque.

Leto apontou a espada cerimonial.

— Meu pai utilizava essa espada para exercitar-se. Por enquanto é muito grande para você, mas talvez com um pouco de instrução se transforme em um bom guerreiro. Um duque sempre precisa guardas e protetores de confiança. — umedeceu os lábios —. Acha que está capacitado para isso?

Os olhos verde-azulados do menino brilharam. Sorriu.

— Vai me enviar para a escola de armas de Ginaz, para que possa chegar a ser um mestre espadachim?

— Ei, ei! — Leto soltou uma súbita gargalhada que o surpreendeu, porque se parecia muito com a de seu pai — Não nos precipitemos, Duncan Idaho. Vamos forçá-lo até o limite de suas possibilidades, e depois veremos se merece tal recompensa.

Duncan assentiu com solenidade.

— Eu a merecerei.

Leto chamou os criados com um gesto. Tomaria o café da manhã com o menino e continuariam conversando.

— Pode contar comigo, meu duque.

Leto aspirou profundamente. Quem dera possuísse a confiança inquebrantável daquele menino.

— Sim, Duncan, acredito em você.

Parece que as inovações possuem vida e consciência próprias.

Dadas as condições ideais, uma idéia radicalmente nova, uma mudança paradigmática, pode aparecer em muitas mentes simultaneamente. Ou pode permanecer oculta nos pensamentos de um homem durante anos, décadas, séculos... até que ocorre o mesmo a outra pessoa. Quantas descobertas brilhantes morrem sem ter nascido, ou permanecem adormecidas, sem que o Império as aceite?

Defensor do Povo de Richese.

Impugnação contra o Landsraad, o verdadeiro domínio do intelecto: Propriedade privada ou riquezas para a galáxia.

O transporte subterrâneo depositou seus dois passageiros nas profundezas da fortaleza Harkonnen e, com programada precisão, impulsionou-os por uma via

de acesso.

A cápsula, com o barão e Glossu Rabban, precipitou-se para o caos de *Harko City*, uma mancha fumegante na paisagem onde os edifícios se aglutinavam. Que o barão soubesse, não existia mapa detalhado do subsolo da cidade, pois continuava crescendo como um cogumelo. Não estava muito seguro de onde iam.

Enquanto conspirava contra os Atreides, havia insistido que Piter De Vries encontrasse um espaço amplo para um laboratório e uma fábrica secretos. O *Mentat* tinha conseguido, e o barão não fez mais perguntas. O

transporte, enviado por De Vries, conduzia-os a essa instalação.

— Quero conhecer todo o plano, tio — disse Rabban, que se remexia inquieto ao seu lado —. Diga o que vamos fazer.

No cubículo dianteiro, um piloto surdo-mudo conduzia o aparelho. O

barão não prestava atenção aos edifícios escuros que deixavam para trás nem nos gases de escapamento e resíduos que as fábricas emitiam. Giedi Prime produzia produtos suficientes para autoabastecer-se, e recebia somas modestas procedentes do comércio de peles de baleia em Lankiveil e das minas de alguns asteróides. Entretanto, os autênticos benefícios da Casa Harkonnen, que diminuíam todos os outros, provinham da exploração da especiaria em Arrakis.

— O plano, Rabban, é simples — respondeu por fim —, e tenho a intenção de lhe oferecer um papel fundamental nele. Se for capaz de executá-lo.

Os olhos do seu sobrinho se iluminaram e seus lábios grossos se torceram num sorriso. De maneira surpreendente, soube guardar silêncio e esperar que o barão continuasse. Talvez, com o tempo aprenda...

— Se tivermos êxito, Rabban, nossa fortuna aumentará de uma forma drástica. Ainda melhor, obteremos satisfação pessoal ao saber que arruinamos por fim com a Casa Atreides, depois de tantos séculos de feudo.

Rabban esfregou as mãos, mas os olhos negros do barão se endureceram quando continuou.

— Se fracassar, me encarregarei de que seja levado a Lankiveil, onde receberá a instrução que seu pai pretende lhe dar, junto com canções e poemas sobre o amor fraternal.

Rabban sorriu.

— Não fracassarei, tio.

O veículo chegou a um laboratório blindado e protegido com medidas de alta segurança, e o surdo-mudo indicou por gestos que saíssem do veículo. O barão não teria sido capaz de voltar a fortaleza Harkonnen nem que sua vida dependesse disso.

— O que é este lugar? — perguntou Rabban.

— Um centro de pesquisa — disse o barão, e indicou que seguisse adiante —. Aqui estamos preparando uma surpresa desagradável.

Rabban se adiantou, ansioso por ver a instalação. O lugar cheirava a solda e residuais, fusíveis queimados e suor. Piter De Vries saiu para recebê-los, com um sorriso em seus lábios manchados. Seu passo afetado e seus movimentos sinuosos lhe davam a aparência de um lagarto.

— Faz semanas que está aqui, Piter. É melhor que tenha algo bom para nos mostrar. Eu lhe disse que não desperdiçasse o tempo.

— Não precisa se preocupar, meu barão — respondeu o *Mentat*, e indicou que entrassem na zona principal do laboratório —. Chobyn, nosso melhor pesquisador, superou a si mesmo.

— Pois eu pensava que os richesianos eram melhores em imitações que em inovações verdadeiras — disse Rabban.

— Sempre há exceções — respondeu o barão —. Vamos ver o que Piter quer nos mostrar.

O que De Vries tinha prometido enchia quase toda a câmara: uma nave de guerra Harkonnen modificada, de cento e quarenta metros de diâmetro. Esbelta e polida, tinha sido utilizada com êxito em batalhas convencionais para golpear duro e fugir a toda velocidade. Agora tinha sido reconvertida seguindo as

especificações de Chobyn, com os estabilizadores verticais reduzidos, o motor substituído e uma seção da cabine de tropa eliminada para abrir espaço para a tecnologia necessária. Todos os registros de sua existência tinham desaparecido dos arquivos Harkonnen. Piter De Vries era um perito em manipulações semelhantes.

Um homem gorducho, calvo e com uma cavanhaque cinzento saiu do compartimento de motores da nave de combate, manchado de graxa e lubrificantes.

— Meu barão, senhor, fico feliz que tenha vindo ver o que construí para o senhor. — Chobyn guardou uma ferramenta no bolso do macacão

—. Esta instalação está terminada. Meu não-campo funcionará perfeitamente. Sincronizei-o com a maquinaria desta nave.

Rabban golpeou com os nódulos o casco, perto da cabine do piloto.

— Por que é tão grande? Cabe de sobra um carro terrestre blindado.

Como vamos trabalhar em segredo com isto?

Chobyn arqueou as sobrancelhas, sem reconhecer o homem corpulento.

— O senhor é..?

— É Rabban, meu sobrinho — disse o barão —. fez uma pergunta interessante. Pedi uma nave menor e discreta.

— É o menor que pude conseguir — respondeu Chobyn bufando —.

Cento e quarenta metros é a menor capa de invisibilidade que um gerador de não acampo pode projetar. As dificuldades são... incríveis. Eu...

O pesquisador pigarreou, impaciente.

— Deve aprender a superar idéias preconcebidas, senhor. A compreender o que temos aqui. A invisibilidade compensa com folga qualquer diminuição na capacidade de manobra. — Enrugou o sobrecenho de novo —. Qual o problema do tamanho, se ninguém pode vê-lo? Esta nave de ataque cabe amplamente na

área de carga de uma fragata.

— Assim será, Chobyn — disse o barão —. Se funcionar.

De Vries passeava junto ao flanco da nave.

— Se ninguém souber da existência da nave, Rabban, não correrá nenhum perigo. Imagine o caos que pode criar! Será um assassino fantasma.

— Oh, sim! — de repente, Rabban compreendeu —. Eu?

Chobyn fechou uma escotilha de acesso atrás dos motores.

— Tudo é simples e funcional. A nave estará pronta amanhã, quando partirem para a coroação do imperador Padishah.

— Eu a testei, barão — disse De Vries.

— Excelente — disse o barão — demonstrou ser muito valioso, Chobyn.

— Eu vou pilotar isso? — perguntou Rabban outra vez, como se ainda não acreditasse na idéia. Sua voz se quebrou de entusiasmo. O barão Harkonnen assentiu. Seu sobrinho, apesar das suas deficiências, era ao menos um piloto e atirador excelente, além de ser o herdeiro do barão.

O inventor sorriu.

— Acredito que tomei a decisão correta quando fui ao senhor diretamente, barão. A Casa Harkonnen compreendeu imediatamente as possibilidades da minha descoberta.

— Quando o imperador souber, pedirá uma não nave para ele —

disse Rabban —. Até é possível que envie os Sardaukar para roubá-la.

— Tomaremos medidas para que Shaddam não descubra por enquanto — respondeu Piter De Vries enquanto esfregava as mãos.

— Você deve ser um homem brilhante, Chobyn — disse o barão —.

Inventar isto!

— De fato, limitei-me a adaptar um campo Holtzman para nossos fins. Há séculos, a matemática de Holtzman foi desenvolvida para campos e motores que dobravam o espaço. Eu só me limitei a levar os princípios alguns passos adiante.

— E agora espera se transformar em um homem mais rico do que jamais sonhou, não é? — murmurou o barão.

— Mereço isso, não acha, senhor? Olhe o que criei para o senhor. Se tivesse ficado em Richese e seguido os canais oficiais, teria que enfrentar anos de legalismos, autenticação de títulos e pesquisas de patente, depois do que meu governo teria ficado com a maior parte dos lucros derivados de meu invento, para não falar dos plagiadores que tentariam me roubar ao descobrir o que eu estava fazendo. Um ajuste sem importância aqui, outro ali, e aparece alguém com uma patente diferente, que em essência é a mesma.

— Assim guardou o segredo até vir a nós? — perguntou Rabban —.

Ninguém mais conhece esta tecnologia?

— Exato. Possuem os únicos geradores de não-campo do universo.

Chobyn cruzou os braços sobre seu macacão manchado.

— Possivelmente por enquanto — disse o barão —, mas os ixianos eram muito hábeis, e os Tleilaxu também são. Cedo ou tarde alguém conseguirá um artefato como este, se já não o tiverem.

Rabban se aproximou mais do richesiano desprevenido.

— Sei a que se refere, barão — disse Chobyn com um dar de ombros

—. Não sou um homem ambicioso, mas eu gostaria de obter algum lucro do meu invento.

— É um homem prudente — disse o barão, e dirigiu um fugaz mas significativo sorriso para seu sobrinho robusto —. E merece uma boa recompensa.

— É sábio guardar o segredo sobre coisas importantes — respondeu Rabban.

Colocou-se atrás do inventor, que se sentia muito lisonjeado pelos elogios.

Rabban agiu rápido. Enlaçou o pescoço de Chobyn com o braço musculoso e depois apertou como uma prensa. O inventor ofegou mas não emitiu o menor som. O rosto de Rabban avermelhou por causa do esforço, mas não retirou o braço até que ouviu o agradável rangido da coluna vertebral ao partir-se.

— Todos temos que ser cautelosos com nossos segredos, Chobyn —

murmurou o barão, sorridente —. Você não foi.

Chobyn desabou como um boneco. A força hercúlea de Rabban o impedira de soltar um grito final ou uma blasfêmia gutural.

— Isso foi prudente, meu barão? — Perguntou De Vries —. Não deveríamos ter testado a nave primeiro, para nos assegurar de que somos capazes de reproduzir a tecnologia?

— Por que? Não confia em nosso inventor, o finado Chobyn?

— Funciona — disse Rabban —. Além disso, estava vigiado por *visicons*, e temos os planos detalhados e as hologravações que fez durante o processo de construção.

— Já cuidei dos operários — disse o *Mentat* —. Não haverá vazamentos.

Rabban sorriu com ansiedade.

— Reservou algum para mim?

De Vries deu de ombros.

— Bem, eu já me diverti, mas não sou um porco. Deixei alguns. —

Indicou uma fileira de portas sólidas começando pela direita. Há cinco em macas, drogados. Divirta-se.

O *Mentat* deu uns tapinhas no ombro do corpulento Harkonnen.

Rabban avançou um par de passos para a porta, mas depois vacilou e olhou para o seu tio, que ainda não tinha lhe dado permissão para partir. O

barão estava observando De Vries.

O *Mentat* pervertido enrugou o cenho.

— Somos os primeiros a ter uma não nave, barão. Com a vantagem da surpresa, ninguém suspeitará de nossas intenções.

— Minhas intenções — corrigiu o barão.

O *Mentat* assentiu e depois utilizou um transmissor manual para falar com vários trabalhadores do laboratório.

— Limpem este lixo e levem a nave à fragata antes da decolagem de amanhã.

— Quero que confisque todas as notas e registros tecnológicos —

ordenou o barão quando o *Mentat* apagou o comunicador.

— Sim, meu senhor — disse De Vries —. Cuidarei disso pessoalmente.

— Pode ir — disse o barão ao seu impaciente sobrinho —. Uma ou duas horas de relaxamento lhe farão bem para concentrar sua mente no trabalho que nos espera.

Demonstram habilidades sutis e muito eficazes nas artes relacionadas da observação e coleta de dados. A informação é seu produto comercial.

Relatório imperial sobre as Bene Gesserit,

utilizado com propósitos pedagógicos

— Isto impressiona de verdade — disse a irmã Margot Rashino Zea, enquanto olhava para os imponentes edifícios que se erguiam a cada lado do enorme ovalóide que formava a praça compartilhada pelo Império e o Landsraad —. Um espetáculo para todos os sentidos.

Depois de longos anos no nublado e bucólico Wallach IX, tanta beleza feria seus olhos.

Uma névoa refrescante se erguia da fonte situada no centro da praça, uma extraordinária composição artística que media cem metros de altura. A fonte, construída em forma de nebulosa, estava cheia de planetas e outros corpos

celestes que projetavam jorros perfumados em miríades de cores.

Finos esguichos criavam cachos irisados que dançavam no ar silencioso.

— Ah, sim, vejo que nunca esteve em Kaitain — disse o príncipe herdeiro Shaddam, que caminhava junto à adorável Bene Gesserit loira.

Guardas Sardaukar seguiam a uma distância prudente, convencidos de que estavam perto o bastante para impedir que algo ocorresse ao herdeiro imperial. Margot reprimiu um sorriso, satisfeita por perceber como as pessoas alheias à Irmandade a subestimavam.

— Eu já o tinha visto antes, senhor, mas a familiaridade não diminui minha admiração pela magnífica capital do Império.

Margot, vestida com um novo hábito negro que ondulava quando se movia, ia flanqueada por Shaddam e Hasimir Fenring. Não escondia seu longo cabelo dourado, seu rosto fresco, sua beleza. As pessoas costumavam esperar que as Bene Gesserit fossem velhas bruxas cobertas com túnicas escuras, mas muitas, como Margot Rashino Zea, eram muito atraentes.

Graças a uma exata liberação de seus feromonas e a flertes seletivos podia utilizar sua sexualidade como uma arma. Mas aqui não, ainda não. A Irmandade tinha outros planos para o futuro imperador.

Margot era quase da mesma altura que Shaddam, e muito mais alta que Fenring. Atrás deles, fora do alcance dos ouvidos, seguia-os um séquito de três reverendas madres, mulheres que tinham sido investigadas e registradas pelo próprio Fenring. O príncipe herdeiro ignorava seu papel naquele encontro, mas Margot ia explicar-lhe os motivos.

— Deveria ver estes jardins de noite — disse Shaddam —. A água parece uma chuva de meteoros.

— Ah, sim — disse Margot com um leve sorriso. Seus olhos verde-acinzentados cintilaram —. É meu lugar favorito a noite. Vim duas vezes desde minha chegada... enquanto esperava esta entrevista privada, senhor.

Embora tentasse manter uma conversa corriqueira com a representante da poderosa Bene Gesserit, Shaddam se sentia inquieto.

Todos queriam algo, todos tinham intenções ocultas, e todos os grupos pensavam que ele lhes devia favores ou que possuíam elementos suficientes de extorsão para modificar suas opiniões. Fenring já se ocupara de alguns desses parasitas, mas chegariam mais.

Sua inquietação atual estava menos relacionada com a irmã Margot que com suas preocupações pela crescente desconfiança e agitação que reinava nas Grandes Casas. Mesmo sem uma autópsia dos Suks, vários membros importantes do Landsraad tinham suscitado perguntas incômodas sobre a misteriosa morte do imperador. As alianças estavam mudando.

Impostos e contribuições de vários planetas ricos se atrasaram, sem causa justificada. E os Tleilaxu afirmavam que demorariam anos para produzir a prometida especiaria sintética.

Shaddam e seu conselho interno voltariam a falar do início da crise nessa manhã, continuação das reuniões que se encadearam durante toda a semana. A duração do reinado de Elrood tinha forçado uma estabilidade (quando não um entancamento) ao longo do Império. Ninguém se recordava de como realizar uma troca ordenada de poderes.

Em muitos planetas as forças militares tinham sido aumentadas e colocadas em estado de alerta. Os Sardaukar de Shaddam não eram exceção. Os espiões estavam mais ocupados que nunca, em todos os frontes. Em alguns momentos se perguntava se impor um novo destino ao leal *chambelán* Aken Hesban (confinado em um diminuto escritório de paredes de pedra situado nas vísceras de uma mina asteróide) não havia sido um erro, mas o chamaria imediatamente se a situação piorasse.

Mas fará frio em Arrakis antes que isso aconteça.

A inquietação de Shaddam o tornava assustadiço, até mesmo supersticioso. Seu condenado pai morrera, enviado aos infernos descritos na Bíblia Católica Laranja, mas ainda sentia o sangue invisível em suas mãos.

Antes de sair do palácio para reunir-se com a irmã Margot, Shaddam tinha pego uma capa qualquer, para esquentar os ombros de um frio imaginário. A capa dourada pendia no guarda-roupa, junto com muitos outros objetos que nunca tinha usado. Só agora recordou que era uma das favoritas de seu pai.

Ao perceber isso, sua pele se arrepiou. O fino tecido lhe produzia comichões e o fazia tremer. Sentia que a fina corrente de ouro rodeava seu pescoço como um nó.

Ridículo, pensou. Os espíritos dos mortos não ocupavam objetos inanimados, não podiam lhe fazer mal. Uma Bene Gesserit seria capaz de perceber seu mal-estar, e não podia permitir que aquela mulher acumulasse tanto poder sobre ele.

— Eu gosto dessas obras de arte — disse Margot. Apontou um andaime fixo na fachada do Salão da Oratória do Landsraad, onde um grupo de pintores trabalhavam em um mural que mostravam cenas de belezas naturais e avanços tecnológicos de todas as partes do Império —.

Acredito que seu bisavô, Vutier Corrino II, foi em grande parte responsável.

— Ah, sim... Vutier foi um grande mecenas das artes — disse Shaddam com certa dificuldade. Resistiu ao impulso de tirar a capa e jogá-

la no chão, e jurou que a partir daquele momento só usaria os objetos que lhe pertencessem —. Disse que um espetáculo sem calidez ou criatividade não significava nada.

— Acredito que deveria ir direto ao assunto, irmã — sugeriu Fenring ao observar o desconforto de seu amigo, embora não imaginasse a causa

—. O tempo do príncipe herdeiro é muito valioso. Aconteceu muita agitação depois da morte do imperador.

Shaddam e Fenring tinham assassinado Elrood IX.

O fato nunca poderia ser apagado e, segundo os rumores, não tinham escapado das suspeitas. Havia possibilidades de uma guerra entre o Landsraad e a Casa Corrino, a menos que o príncipe herdeiro consolidasse sua posição, e logo.

Margot insistira tanto na importância de certo assunto, para o qual tinha utilizado toda a sigilosa influência da Bene Gesserit, que lhe tinham concedido audiência ao fim de pouco tempo. O único período disponível era durante os passeios matutinos de Shaddam, hora que reservava para a reflexão pessoal (“para chorar por seu pai morto”, segundo os rumores que Fenring espalhara pela corte).

Margot dedicou um deslumbrante sorriso e um movimento de seu cabelo cor mel ao homem com cara de doninha. Seus olhos verdes o estudaram.

— Sabe muito bem o que quero falar com seu amigo, Hasimir —

disse, empregando um tom familiar que assombrou o herdeiro imperial —.

Não o preparou?

Fenring sacudiu a cabeça e Shaddam viu que se enfraquecia na presença da mulher. O mortífero homem não era o mesmo. Fazia vários dias que a delegação da Bene Gesserit tinha chegado, e Margot Rashino Zea tinha passado muito tempo com Fenring, ambos mergulhados em profundas discussões. Shaddam inclinou a cabeça e intuiu certo afeto, ou ao menos respeito mútuo, entre os dois. Impossível!

— *Hummmm,* pensei que você expressaria isso melhor que eu, irmã

— disse Fenring —. Senhor, a encantadora Margot trouxe uma proposta interessante. Acredito que deveria escutá-la.

A Bene Gesserit olhou para Shaddam de uma forma estranha.

Percebeu meu desconforto? Perguntou-se apavorado. Conhece os motivos de meu estado de ânimo?

O suspiro da fonte afogou suas palavras. Margot agarrou as mãos de Shaddam. Seu tato era suave e quente. O futuro imperador cravou a vista em seus olhos sensuais e sentiu que recuperava a energia.

— Deve ter uma esposa, senhor — disse ela. — E a Bene Gesserit pode lhe proporcionar a melhor candidata para o senhor e para a Casa Corrino.

Shaddam, sobressaltado, olhou para seu amigo e retirou as mãos com brutalidade. Fenring sorriu, inquieto.

— Logo será coroado imperador — continuou Margot —. A Irmandade pode ajudá-lo a consolidar seu poder, mais que com aliança com apenas uma Grande Casa do Landsraad. Quando vivo, seu pai estabelecera alianças matrimoniais com as famílias Mutelli, Hagal e Ecaz, assim como com sua mãe, da Hassika V.

Entretanto, nestes tempos difíceis acreditamos que será mais benéfico para o senhor aliar-se com o poder e os recursos da Irmandade Bene Gesserit. — Falava com firmeza e tom convincente.

Shaddam reparou que o séquito de irmãs se deteve e olhava para ele.

Os Sardaukar continuavam vigilantes mas imóveis, como estátuas. Olhou para o rosto perfeito de Margot, seu cabelo dourado, sua presença hipnótica.

Surpreendeu-se quando de repente ela apontou o dedo.

— Está vendo a mulher do centro? A de cabelo brônzeo?

Ao perceber o gesto, uma reverenda madre se adiantou. Shaddam forçou a vista e a achou bastante atraente. Não tão adorável como Margot, infelizmente, mas parecia jovem e fresca.

— Chama-se Anirul, uma Bene Gesserit de Fila Escondida.

— O que significa isso?

— Só um de nosso títulos, senhor, muito comum na Irmandade. Não significa nada fora da ordem e é irrelevante para seu trabalho de imperador.

— Margot fez uma pausa —. Só precisa saber que Anirul é uma de nossas melhores irmãs. Nós a oferecemos em matrimônio.

Shaddam ficou boquiaberto.

— Como?

— As Bene Gesserit são muito influentes, como já sabe. Podemos resolver suas dificuldades atuais com o Landsraad. Isso o deixaria com as mãos livres para se dedicar a seu trabalho de imperador e assegurar um lugar na história. Alguns de seus avós o fizeram, e com resultados positivos. — Entreabriu seus olhos verdes —. Conhecemos os problemas que enfrenta, senhor.

— Sim, sim, eu sei.

Shaddam olhou para Fenring, como se o homem com cara de doninha pudesse

lhe dar explicações. Depois indicou a Anirul que avançasse. Os guardas olharam inquietos, sem saber se deviam acompanhá-

la.

O olhar de Margot se tornou mais intenso.

— O senhor agora é o homem mais poderoso do universo, mas o poder político está equilibrado entre o senhor, o Conselho do Landsraad, e as poderosas forças da Corporação Espacial e da Bene Gesserit. Seu matrimônio com uma das irmãs seria... mutuamente benéfico.

— Além disso, senhor — acrescentou Fenring, com os olhos maiores que de costume —, uma aliança com outra Grande Casa criaria certos...

problemas. Sua união com uma família poderia ofender outra. Não queremos provocar outra rebelião.

Embora estivesse surpreso, a sugestão não desagradou Shaddam. Um dos adágios de seu pai sobre a liderança indicava que um governante devia ouvir seus instintos. A capa enfeitiçada pendia sobre seus ombros como um peso. Talvez os poderes da Irmandade pudessem afugentar qualquer força infiltrada no objeto e no palácio.

— Essa Anirul parece muito atraente.

Shaddam observou a mulher quando avançou e parou a frente dele, com os olhos baixos.

— Então, considerará nossa proposta, senhor? — perguntou Margot, e deu um respeitoso passo para trás, à espera da decisão.

— Considerá-la? — Shaddam sorriu —. Já fiz isso. Em minha posição tenho que tomar decisões rápidas. — Olhou para Fenring com os olhos entreabertos —. Não concorda, Hasimir?

— *Hummmm,* isso depende de se escolhe um novo objeto ou uma esposa.

— Sábio conselho na aparência — disse Shaddam —, mas falto de engenho, diria eu. Está claro que é amigo da irmã Margot, e você arrumou este encontro

sabendo muito bem o pedido que ela apresentaria. Portanto, devo supor que está de acordo com a teoria da Bene Gesserit.

Fenring fez uma reverência.

— A decisão é sua, senhor, independentemente de minha opinião ou meus sentimentos para com esta bela mulher que tenho ao meu lado.

— Muito bem. Minha resposta é... sim. — A reverenda madre Anirul nem sequer sorriu —. Acha que tomei a decisão correta, Hasimir?

Fenring, pouco acostumado a ser pilhado em falta, pigarreou.

— É uma bela dama, senhor, e não tenho dúvidas que será uma esposa soberba. Por outro lado, a Bene Gesserit seria um aliado excelente, sobretudo nestes difíceis tempos de transição.

O príncipe herdeiro riu.

— Parece um de nossos diplomatas. Diga sim ou não, sem subterfúgios.

— Sim, majestade. Ou seja, digo sim, sem vacilar. Anirul é uma dama de esplêndida educação e disposição... um pouco jovem, mas provida de uma grande sabedoria. — Fenring olhou para Margot —. Tenho certeza que ela é fértil.

— Os herdeiros reais fluirão de sua virilha — respondeu Margot.

— Bela imagem! — exclamou Shaddam com uma gargalhada estentórea —. Tragam-na para que possa conhecê-la.

Margot levantou a mão, e Anirul se aproximou do príncipe herdeiro.

As outras Bene Gesserit emitiram murmúrios de satisfação.

Shaddam examinou a mulher e observou que sua futura esposa possuía um rosto delicado. Reparou em diminutas rugas ao redor dos olhos de corsa, embora o olhar fosse juvenil e os movimentos ágeis. Continuava com a cabeça baixa. Olhou um momento para o príncipe herdeiro, como se estivesse acanhada, e desviou a vista.

— O senhor tomou uma das decisões mais importantes de sua vida,

— disse Margot —. Seu reinado se iniciará sobre uma base firme.

— Isto é motivo de celebração, com toda a pompa e esplendor de que o Império for capaz — disse Shaddam —. De fato, anunciarei que o matrimônio acontecerá no mesmo dia de minha coroação.

Fenring sorriu.

— Será o maior espetáculo da história do Império.

Shaddam e Anirul trocaram um sorriso e pela primeira vez tocaram suas mãos.

Quando o centro da tormenta não se move, é que está em seu caminho.

Antiga sabedoria Fremem

A fragata Atreides partiu do espaçoporto de Baía City com um carregamento de estandartes, roupas finas, jóias e presentes destinados à coroação do imperador. O duque Leto queria contribuir de maneira visível à magnificência da cerimônia imperial.

— É uma boa tática — disse Thufir Hawat com o semblante sombrio

—. Shaddam sempre gostou do luxo que seu cargo traz. Quanto melhor vestido for e mais presentes lhe oferecer, mais impressionado ficará... e portanto se sentirá mais inclinado a satisfazer seu pedido.

— Pelo visto, valoriza mais a forma que a substância — murmurou Leto —. Mas as aparências enganam, e não me atrevo a subestimá-lo.

Kailea tinha posto seu vestido azul celeste e lilás para se despedir, mas ficaria no castelo, sem que ninguém visse seu belo adorno. Leto sabia quanto ela ansiava ir à corte imperial, mas se negou a mudar de opinião. O

velho Paulus também tinha lhe ensinado as virtudes da teimosia.

Rhombur surgiu vestido com calças, uma camisa de seda sintética *merh* e um ondeante manto púrpura e cobre, as cores da Casa Vernius.

ergueu-se orgulhoso, enquanto Kailea soltava uma exclamação ao ver a valentia de seu irmão, que exibia a herança familiar. Parecia muito mais adulto, musculoso e bronzeado.

— Alguns poderiam considerar isso como arrogância, meu duque —

disse Hawat, e apontou a vestimenta de Rhombur.

— Tudo é um jogo, Thufir. Temos que recuperar a grandeza que se perdeu quando os Tleilaxu obrigaram esta nobre família a declarar-se renegada. Temos que demonstrar a falta de perspicácia da decisão de Elrood. Temos que ajudar Shaddam a compreender que a Casa Vernius poderia ser um grande aliado do trono imperial. Afinal — apontou para o orgulhoso Rhombur —, prefeririam ter como aliado este homem ou os Tleilaxu?

O Mestre de Assassinos lhe recompensou com um leve e contido sorriso.

— Eu não diria isso na cara de Shaddam.

— Diremos sem palavras — replicou Leto.

— Você será um duque formidável, meu senhor — disse Hawat.

Saíram para a pista de aterrissagem, onde o habitual complemento de soldados Atreides, dobrado em número para a ocasião, tinha terminado de subir à fragata que os conduziria ao Cruzeiro que aguardava.

Kailea deu um abraço formal em Leto. Seu vestido colorido rangeu com os movimentos, e Leto apertou a bochecha contra um pente dourado em seu cabelo acobreado escuro. Sentiu a tensão nos braços de Kailea, e intuiu que ambos desejavam fundir-se em um abraço muito mais apaixonado.

Depois, com lágrimas nos olhos, a filha de Dominic e Shando Vernius abraçou seu irmão.

— Tome cuidado, Rhombur. Isto é muito perigoso.

— Talvez seja a única maneira de limpar o nome de nossa família —

respondeu ele —. Temos que nos entregar à misericórdia de Shaddam.

Possivelmente seja diferente de seu pai. Não ganhará nada mantendo a sentença contra nós, e tem muito a perder, sobretudo considerando a agitação que percorre o Império. Necessita do apoio de todos os seus amigos.

Sorriu e produziu um elegante redemoinho com a capa púrpura e cobre.

— Os Bene Tleilax arruinarão IX — observou Kailea —. Não têm nem idéia de como realizar negócios em escala planetária.

Leto, Rhombur e Hawat seriam os representantes de Caladan.

Insolentes, talvez, e impertinentes em demasia... ou tomariam sua atitude como uma demonstração de serenidade e confiança? Leto confiava neste último.

Como duque, sabia que desafiar abertamente a política imperial era imprudente, mas seu coração o impulsionava a jogar se as apostas eram altas, em especial quando tinha a razão do seu lado. Isso também tinha sido ensinado pelo velho duque.

Seu pai lhe ensinara que um blefe executado com coragem costumava dar melhores resultados que um plano conservador e sem imaginação. Por que não este? Faria o velho duque algo similar, ou teria escolhido um método mais seguro, aconselhado por sua esposa? Leto ignorava, mas se alegrava de que agora ninguém se interporia em seu caminho, sobretudo a severa e inflexível *lady* Helena. Quando decidisse casar-se, sua esposa não se pareceria em nada com ela.

Tinha enviado um Mensageiro oficial ao convento das irmãs do Isolamento, para informar sua mãe que Rhombur e ele iriam a Kaitain. Não explicou seu plano nem comentou os perigos, mas queria que estivesse preparada para o pior. Como não havia mais herdeiros, *lady* Helena se transformaria na regente da Casa Atreides se as coisas saíssem erradas, se Leto fosse executado ou morresse em um “acidente”. Embora soubesse que ela planejara a morte de seu pai, não havia outra alternativa. Era uma questão de necessidade.

Carregaram para a bordo as últimas peças da bagagem e depois de alguns segundos a fragata sulcou os céus cinzentos de Caladan. Esta viagem seria diferente dos anteriores. Dela dependia o futuro da linhagem de Rhombur... e talvez o seu.

Tendo em conta toda a pompa cerimonial, Leto teria sorte se lhe concedessem uma audiência quatro dias depois da coroação. Nesse momento, ele e Rhombur apresentariam o pedido oficial a Shaddam, explicariam o caso e se entregariam a sua mercê.

Nos primeiros dias do novo regime, o novo imperador Padishah arriscaria-se a turvar as festividades com a confirmação de uma sentença de morte? Muitas Casas ainda viam presságios em cada ação, e havia rumores que Shaddam era tão supersticioso como qualquer outro. Este presságio seria muito claro. Com sua decisão, Shaddam estabeleceria o aspecto de seu reinado. Desejaria começar negando justiça? Leto esperava que não.

A fragata ducal ocupou o lugar designado na enorme e lotada área de carga do Cruzeiro. Lançadeiras cheias de passageiros manobravam com cautela para ocupar seu lugar, junto com transportes e naves de carga que guardavam os produtos comerciais de Caladan: arroz pundi, medicamentos extraídos de algas marinhas, tapeçarias e pescado congelado. Naves particulares ainda estavam carregando mercadorias. A enorme nave da Corporação ia de planeta em planeta em sua rota indireta para Kaitan, e a área de carga estava abarrotada de naves vindas de outros planetas do Império, que iam assistir à coroação.

Enquanto esperavam, Thufir Hawat olhou para o cronômetro montado em uma parede da fragata.

— Ainda faltam três horas antes que o Cruzeiro esteja preparado para a partida. Sugiro que utilizemos esse tempo para treiná-los, meu senhor.

— Você sempre sugere isso, Thufir — disse Rhombur.

— Porque são jovens e necessitam de muita instrução — replicou o *Mentat*.

A luxuosa fragata de Leto contava com tantas diversões, que seu séquito e ele podiam esquecer que estavam fora do planeta, mas já relaxara o bastante, e o nervosismo lhe injetava uma nervosa energia que precisava descarregar.

— Tem algo em mente, Thufir? O que se pode fazer aqui?

Os olhos do Mestre de Assassinos se iluminaram.

— No espaço há muitas coisas que um duque e um príncipe —

apontou para Rhombur — podem aprender.

Uma nave de combate sem asas, do tamanho de um ornitóptero, saiu da fragata e se afastou do Cruzeiro. Leto dirigia os controles, Rhombur estava no assento do co-piloto. Leto recordou por um instante sua breve tentativa de exercitar-se na nave orbital ixiana. Quase um desastre.

Hawat, atrás de ambos os jovens, sustentava um protetor móvel contra colisões. Com seu arnês de segurança parecia um pilar de sabedoria, e olhava com expressão severa para seus dois tutelados. Um painel de emergência flutuava a frente de Hawat.

— Esta nave é diferente de um bote no mar, jovens senhores — disse Hawat —. Ao contrário das naves maiores, aqui temos gravidade zero, com todas as vantagens e restrições que isso trás. Ambos praticaram com as simulações, mas agora estão a ponto de fazê-lo no espaço real.

— Eu serei o primeiro a disparar — disse Rhombur. Era o acordo ao qual tinham chegado.

— E eu piloto — acrescentou Leto —, mas trocaremos de lugar dentro de meia hora.

— Não é provável, senhor duque — disse Hawat —, que encontre uma situação que exija um combate, mas...

— Sim, sim, sempre devo estar preparado — interrompeu Leto —.

Se me ensinou algo, Thufir, é isso.

— Primeiro têm que aprender a manobrar.

Hawat fez Leto descrever uma série de curvas e arcos pronunciados.

mantinham-se a distância do enorme Cruzeiro, mas perto o bastante para que constituísse um verdadeiro obstáculo àquela velocidade. Em certo momento, Leto reagiu com muita rapidez e lançou a nave em uma incontrolada queda em espiral, que solucionou ajustando os motores de reação em direção contrária como freios.

— Reação e contra-reação — disse Hawat —. Quando você e Rhombur sofreram aquele acidente de navio em Caladan, puderam encalhar em um recife para evitar que a situação piorasse. Aqui, entretanto, não existe rede de segurança. Se perderem o controle, não se recuperarão até tomar as contramedidas necessárias. Poderiam cair e se desintegrar na atmosfera ou, já no espaço, se precipitar no vazio.

— *Er*, hoje não faremos nada disso — disse Rhombur. Olhou para seu amigo —. Gostaria de praticar um pouco de tiro ao alvo, Leto, se puder manter estável este traste por alguns minutos.

— Sem problema.

Hawat se agachou entre os dois jovens.

— Trouxe alvos de treino. Rhombur, tente destruir tantos quantos puder. Pode utilizar as armas que desejar. Raios laser, explosivos convencionais ou projéteis de multifase. Mas antes, meu senhor — apertou o ombro de Leto —, vamos para o outro lado do planeta, onde não corremos o risco de acertar o Cruzeiro se os disparos de Rhombur falharem.

Leto deu uma risada e voou sobre as nuvens de Caladan em direção à face escura do planeta. Lá embaixo, brilhavam fileiras de luzes das cidades que acompanhavam as costas longínquas. Atrás dele, o brilho do sol de Caladan formava um halo contra o eclipse escuro do planeta.

Hawat lançou uma dúzia de globos brilhantes aleatoriamente.

Rhombur segurou o controle de armas, uma alavanca provida de painéis multicoloridos, e disparou em todas as direções. Quase todos os projéteis erraram, embora volatilizasse um globo com um jorro do canhão multifase.

Mas tinha sido uma casualidade, e Rhombur não se orgulhou disso.

— Paciência e autodomínio, príncipe — disse Hawat —. Deve utilizar cada disparo como se fosse o último. Não despreze sua importância.

Quando tiver aprendido a acertar o alvo, poderá ser mais liberal com as munições.

Leto perseguiu os globos, enquanto Rhombur disparava. Quando conseguiu eliminar por fim todos os alvos, Leto e ele trocaram de posições e continuaram praticando as manobras.

Duas horas transcorreram em um abrir e fechar de olhos, e por fim o *Mentat* ordenou que retornassem ao Cruzeiro da Corporação, afim de acomodarem-se antes que o Navegante dobrasse o espaço e guiasse a nave para Kaitain.

Leto, acomodado em sua poltrona coroada com o símbolo do falcão, contemplou pela janela as numerosas naves que enchiam a área do Cruzeiro. Bebeu um gole de vinho quente, que o fez lembrar Kailea e a noite em que tinham examinado as posses do velho duque. Desejava interlúdios plácidos e companhia carinhosa, embora soubesse que passaria muito tempo antes que sua vida serenasse de novo.

— As naves estão muito juntas — disse —. Isso me deixa nervoso.

Dois transportes Tleilaxu estavam perto da fragata Atreides. Do outro lado dos transportes, uma fragata Harkonnen estava no lugar que a Corporação lhe tinha atribuído.

— Não há nada com que se preocupar, meu duque — disse Hawat

—. Segundo as regras da guerra ditadas pela Grande Convenção, ninguém pode disparar uma arma dentro de um Cruzeiro. Qualquer Casa que violasse essa norma não voltaria a ter acesso a nenhuma nave da Corporação. Ninguém correria esse risco.

— Nossos escudos estão conectados, para o caso de precisarmos? —

perguntou Leto.

— Infernos carmesins, nada de escudos, Leto! — disse Rhombur, e depois riu —. Você devia ter aprendido algo mais sobre os Cruzeiros em IX... ou passava todo o tempo olhando para minha irmã?

Leto avermelhou.

— A bordo de um Cruzeiro — explicou Rhombur — os escudos interferem com o sistema de propulsão Holtzman, e impedem que o espaço se dobre. Um escudo

ativo interrompe o transe de navegação de um Navegante. Morreríamos no espaço.

— Também está proibido por nosso contrato de transporte com a Corporação — acrescentou Hawat, como se esse motivo legal tivesse mais peso.

— De modo que estamos aqui desprotegidos, nus e confiantes —

grunhiu Leto, que continuava olhando para a nave Harkonnen.

— Consegue me fazer lembrar quantas pessoas me desejam ver morto — disse Rhombur com uma careta.

— Todas as naves que estão dentro deste Cruzeiro são igualmente vulneráveis, príncipe — disse Hawat —, mas o maior perigo o aguarda em Kaitain. No momento, eu penso em descansar um pouco. A bordo de nossa fragata estamos a salvo.

Leto olhou para o longínquo teto do Cruzeiro. Em uma minúscula câmara de navegação, um Navegante, em um contêiner de gás de especiaria alaranjado, controlava a gigantesca nave.

Apesar das garantias de Hawat, Leto continuou nervoso. Ao seu lado, Rhombur também se remexia, mas se esforçava por dissimular seu nervosismo. O jovem duque exalou um suspiro e se reclinou no assento, com a intenção de acalmar seus nervos e preparar-se para a crise política que ia desencadear em Kaitain.

As tormentas geram tormentas. A raiva gera raiva. A vingança gera vingança. As guerras geram guerras.

Aforismo Bene Gesserit

As escotilhas do casco externo do Cruzeiro estavam seladas, as aberturas fechadas, e a nave preparada para partir. O Navegante não demoraria para cair em transe, e a viagem se iniciaria. O próximo e último destino da rota seria Kaitain, onde representantes das Grandes e Pequenas Casa do Landsraad tinham começado a chegar para assistir a coroação do imperador Padishah Shaddam IV.

O Navegante afastou o gigantesco Cruzeiro do poço gravitacional de Caladan e saiu para o espaço, preparado para ligar os enormes motores Holtzman que o

transportariam de salto em salto através da dobra espacial.

Os passageiros das fragatas alojadas na área de carga não sentiram movimento algum, nem vibrações de motores, nem mudança de posição, nem som. As naves apinhadas continuavam em seus espaços isolados como tabuletas de dados no complexo de uma biblioteca. Todas as Casas seguiam as mesmas normas, e depositavam sua fé na capacidade de um único ser mutante para encontrar uma rota segura.

Como ovelhas em um matadouro, pensou Rabban, enquanto subia em sua nave invisível.

Poderia ter volatilizado uma dúzia de fragatas em um abrir e fechar de olhos. Liberado seus instintos. Rabban teria sentido muito prazer com essa matança, a jubilante sensação da violência mais extravagante...

Mas esse não era o plano, ao menos por hora.

Seu tio tinha desenvolvido um estratagema de extrema delicadeza.

“Preste atenção e aprenda”, havia dito. Bom conselho, admitiu Rabban.

Estava descobrindo os benefícios da sutileza e o prazer da vingança saboreada durante longo tempo.

Isso não significava que Rabban renunciasse aos métodos mais ásperos de violência, nos quais era um especialista. Ao contrário, acrescentaria os métodos do barão a seu repertório homicida. Seria uma pessoa muito capacitada quando herdasse a liderança da Casa Harkonnen.

Em certo momento, as escotilhas da fragata Harkonnen se abriram, e o campo de contenção diminuiu o suficiente para permitir que a esbelta nave de guerra de Rabban descesse ao vazio hermético da área de carga do Cruzeiro.

Antes que alguém pudesse ver a nave, manipulou os controles como Piter De Vries tinha ensinado e conectou o não acampo. Não percebeu a menor diferença, não viu nenhuma mudança nas imagens transmitidas por seus monitores. Mas agora era um fantasma assassino: invisível, invencível.

Para qualquer observador, e para os sensores externos, todos os sinais

eletromagnéticos que incidissem no não-campo ricochetearíam e transformariam a nave em um lugar vazio. Os motores da nave de ataque, mais silenciosos que um sussurro, não emitiam sons ou vibrações detectáveis.

Ninguém suspeitaria de nada. Ninguém seria capaz de imaginar uma nave invisível.

Rabban ativou os controles de manobra e afastou em silêncio o mortífero aparelho da fragata Harkonnen, em direção ao veículo Atreides.

A nave de Rabban era muito grande para seu gosto, pouco manejável e excessivamente volumosa para deslocar-se rapidamente, mas sua invisibilidade e silêncio absoluto faziam a diferença.

Seus dedos grossos manipularam os painéis de controle, e experimentou uma mescla de alegria, poder, glória e satisfação. Logo, uma nave cheia de asquerosos e sujos Tleilaxu seria destruída. Centenas de passageiros morreriam.

Antes, Rabban sempre utilizara sua posição na Casa Harkonnen para conseguir o que desejava sem que ninguém contestasse, para manipular e matar os poucos desventurados que se interpunham em seu caminho. Claro que fazia isso apenas para se divertir. Agora estava realizando uma função vital, um ato do qual dependia o futuro da Casa Harkonnen. O barão o escolhera para esta missão, e jurou que o faria bem. Não queria ser enviado de volta para seu pai.

Rabban manobrou a nave com suavidade, sem pressa. Tinha toda a viagem transe espacial para desencadear uma guerra.

Rodeado pelo não campo, sentia-se como um franco-atirador. Claro que este era um tipo de operação diferente, que exigia mais sofisticação que aniquilar vermes de areia em Arrakis, mais delicadeza que caçar crianças na reserva florestal dos Harkonnen. Neste caso, seu troféu seria uma mudança na política imperial. Talvez pendurasse os troféus de maior poder e fortuna para a Casa Harkonnen em sua parede, dissecados e montados. A nave invisível se aproximou da fragata Atreides. Quase podia tocá-la.

Rabban conectou seus silenciosos sistemas de armas e verificou se todos os seus projéteis de multifase estivessem preparados. Dadas as circunstâncias, a manipulação seria manual. A queima roupa era impossível errar.

Rabban girou sua nave e apontou os canhões para dois transportes Tleilaxu que, graças a um generoso suborno pago pelos Harkonnen à Corporação, estavam estacionados junto à fragata Atreides.

Vindos de Tleilax Sete, não havia dúvida de que as naves carregavam produtos genéticos, a especialidade dos Bene Tleilax. Cada nave estaria sob comando de Mestres Tleilaxu, com uma tripulação de Dançarinos Faciais, seus servos metamorfos. A carga seria carne de bacer, enxertos animais, ou alguns daqueles abomináveis *gholas*, clones cultivados a partir de seres humanos mortos e alimentados em contêineres de *axlotl*, para que famílias aflitas pudessem ver de novo seus entes queridos falecidos. Tais produtos eram muito caros, por isso os Tleilaxu eram riquíssimos, apesar de jamais lhes ser concedido a patente de Grande Casa.

Isto era perfeito! Enquanto todo o Landsraad escutava, o jovem duque Leto Atreides tinha jurado vingança contra os Tleilaxu por todas as maldades cometidas contra a Casa Vernius. Leto não fez rodeios. Todos sabiam o quanto odiava os ocupantes daqueles transportes Tleilaxu.

O renegado Rhombur Vernius estava a bordo da fragata Atreides, outra pessoa que seria apanhada na rede Harkonnen, outra vítima da iminente e sangrenta guerra entre os Atreides e os Tleilaxu.

O Landsraad acusaria Leto de ter perdido a cabeça, induzido a cometer atos ofensivos por seus amigos ixianos exilados, e pela inconsolável dor causada pela morte de seu pai. Pobre Leto, um jovem tão pouco preparado para lidar com as pressões a que era submetido...

Rabban sabia muito bem a que conclusão o Landsraad e o Império chegariam, porque seu tio e, De Vries o *Mentat* pervertido lhe tinham explicado detalhadamente.

Rabban se colocou a frente da fragata Atreides, invisível e protegido pelo anonimato. Apontou para as naves Tleilaxu. Com um sorriso em seus lábios grossos, estendeu a mão para os controles.

E abriu fogo.

Tio Holtzman foi um dos inventores ixianos mais férteis da história.

Costumava cair em transes criativos e se fechava durante meses para trabalhar sem interrupções. Às vezes, quando saía, podia ser hospitalizado, e sua prudência e bem-estar sempre eram preocupantes, Holtzman morreu jovem, pouco mais de trinta anos normais, mas os resultados de seus esforços mudaram a galáxia para sempre.

Cápsulas biográficas,

um videolivro imperial

Quando Rabban partiu na fragata Harkonnen, orgulhoso de sua missão, o barão se sentou em uma cadeira de observação e contemplou a imensa área de carga do Cruzeiro. O Navegante já tinha ligado os motores e enviado a gigantesca nave através da dobra espacial. As naves menores estavam alinhadas, ignorantes do desastre que se abateria sobre elas...

Embora soubesse para onde olhar, não conseguia ver a nave invisível, é óbvio. O barão consultou seu cronômetro e soube que a hora se aproximava. Contemplou a fragata Atreides, silenciosa e arrogante em seu ancoradouro, e cravou a vista na nave Tleilaxu. Repicou com os dedos sobre o braço da cadeira, olhou e esperou.

Passaram-se longos minutos.

Enquanto planejava o ataque, o barão Harkonnen planejara que Rabban utilizasse um canhão laser para atacar às naves Tleilaxu, mas Chobyn, o desenhista richesiano da nave experimental, tinha deixado uma advertência em suas notas. O novo não campo estava relacionado de alguma forma com o Efeito Holtzman primitivo, que dotava os alicerces para os escudos. Até as crianças sabiam que, quando o raio de um canhão laser acertava um escudo, a explosão resultante era semelhante a uma detonação atômica.

O barão não queria correr esse risco, mas como tinha eliminado o inventor richesiano, não podia lhe fazer mais nenhuma pergunta. Talvez devesse ter pensado nisso antes.

Bem, não importava. Não eram necessários canhões laser para infligir danos às naves Tleilaxu, pois as naves transportadas pelos Cruzeiros não podiam ativar seus escudos. Os projéteis de multifase (os projéteis de artilharia de alta potência recomendados pela Grande Convenção para diminuir os danos colaterais)

encarregariam-se do trabalho. Esses projéteis penetravam na fuselagem de uma nave e destruíam seu interior com uma detonação controlada, depois da qual, as explosões das duas fases seguintes extinguiam os incêndios e salvavam os restos da fuselagem. Seu sobrinho não compreenderia os detalhes técnicos do ataque.

Rabban só sabia apontar e disparar. Era tudo que precisava saber.

Por fim, o barão viu uma diminuta explosão de fogo amarelo e branco, e dois mortíferos projéteis de multifase saíram disparados, como se tivessem sido lançados da parte dianteira da fragata Atreides. Os projéteis, parecendo fragmentos de chamas viscosas, acertaram o alvo. Os transportes Tleilaxu bambolearam e um brilho vermelho iluminou seu interior.

Oh, como o barão desejava que outras naves tivessem presenciado a cena!

Um impacto direto incinerou o casco de uma nave em questão de segundos. O outro projétil alcançou a seção de cauda da segunda nave Tleilaxu, e a inutilizou sem matar ninguém. Isso daria as vítimas uma excelente oportunidade de responder ao fogo dos agressores Atreides.

Então começaria a escalada.

— Bem! — sorriu o barão, como se falasse com a frenética tripulação Tleilaxu —. Vocês já sabem o que devem fazer. Sigam seu instinto.

Depois de disparar, a nave de Rabban se afastou entre duas fragatas estacionadas.

Por uma freqüência de emergência, ouviu a nave Tleilaxu transmitindo mensagens de socorro.

— Transportes Bene Tleilax atacados pela fragata Atreides!

Violação da lei da Corporação! Solicitamos ajuda imediata!

Nesse momento, o Cruzeiro se encontrava no vazio, em trânsito entre duas dimensões. Não podiam revidar nem receber intervenção da lei até que saíssem da dobra espacial e chegassem a Kaitain. Mas então já seria muito tarde.

Rabban confiava que aconteceria algo mais que uma simples briga de bar. Seus

amigos e ele iam com freqüência a bares dos povoados próximos a Giedi Prime. Armavam confusão, quebravam algumas cabeças e iam embora.

Uma tela do painel de controle mostrou um gráfico da imensa área de carga, onde pontos cinzentos representavam cada nave. Os pontos fixaram laranjas quando as naves de várias Grandes Casas ligaram suas armas, preparadas para defender-se na iminente guerra total.

Rabban, que se sentia como um camundongo invisível no chão de uma sala de baile abarrotada, guiou sua não-nave por trás de um cargueiro Harkonnen, para que ninguém visse que este abria uma escotilha e deixava entrar um assassino invisível.

Já a salvo dentro da nave, Raban desligou o não campo, e a nave se tornou visível em frente a tripulação Harkonnen. Abriu a escotilha e saltou para a plataforma, enquanto secava o suor da testa. Seus olhos brilhavam de entusiasmo.

— As outras naves já começaram a disparar?

Soaram buzinas. Vozes em pânico eram ouvidas pelo sistema de comunicações, como metralha de uma pistola maula. Vozes frenéticas que falavam em *galach* imperial e códigos de batalha ressoaram pelos comunicadores do Cruzeiro.

— Os Atreides declararam guerra aos Tleilaxu! Dispararam!

Rabban gritou à tripulação:

— Ativem as armas! Vigiem que ninguém dispare em nós! Esses Atreides são uns canalhas! — Soltou uma risada baixa.

Uma grua depositou a pequena nave entre duas paredes falsas.

Alguns painéis se fecharam, e nem sequer os sensores da Corporação poderiam detectar a nave. De qualquer modo, ninguém procuraria a nave, já que não existiam veículos voadores invisíveis.

— Defenda-se! — gritou outro piloto pelo sistema de comunicação.

A seguir se ouviu uma mensagem Tleilaxu.

— Anunciamos que temos a intenção de responder à agressão.

Estamos em nosso direito. Não houve provocação... aconteceu uma flagrante violação das normas da Corporação.

Outra voz, rouca e profunda:

— Mas não se vêem armas na fragata Atreides. Pode ser que não tenham sido eles os agressores.

— Isso é um truque! — gritou o Tleilaxu —. Uma de nossas naves foi destruída e a outra sofreu avarias graves. Não viram com seus próprios olhos? A Casa Atreides tem que pagar caro por sua ousadia.

Perfeito, pensou Rabban, admirado com o plano do seu tio. A partir desse momento crucial podiam ocorrer várias coisas, mas o plano continuaria funcionando. Todos sabiam que o duque Leto era impetuoso, e acreditavam que tinha cometido um ato covarde. Com sorte, sua nave seria destruída em um ataque de represália, e o sobrenome Atreides afundaria na infâmia graças a ação traiçoeira de Leto.

Ou podia ser o início de uma longa e sangrenta inimizade entre a Casa Atreides e os Tleilaxu.

Em qualquer caso, o jovem duque não escaparia.

Na ponte de comando da fragata Atreides, Leto fez um esforço para acalmar-se. Como sabia que sua nave não tinha disparado, demorou alguns momentos para compreender as acusações.

— Os disparos aconteceram muito perto, meu duque — disse Hawat

—, pouco abaixo de nossa proa.

— Então não foi um acidente? — respondeu Leto, abatido. A nave Tleilaxu destruída ainda emitia um brilho alaranjado, enquanto o piloto da outra nave não parava de vociferar.

— Infernos carmesins! Alguém disparou contra os Bene Tleilax —

disse Rhombur, enquanto olhava por uma janela de plaz —. E já era hora, se quer saber minha opinião.

Leto ouviu a cacofonia da rádio, incluindo as chamadas de auxílio dos Tleilaxu. A princípio se perguntou se devia oferecer ajuda as naves danificadas, mas o piloto Tleilaxu começou a acusar os Atreides e a pedir seu sangue.

Observou o casco danificado da nave Tleilaxu destruída, e viu que os canhões de seu companheiro ferido giravam para ele.

— Thufir! O que ele está fazendo?

O comunicador revelou uma furiosa discussão entre os Tleilaxu e quem se negava a acreditar na culpa dos Atreides. Pouco a pouco, mais vozes foram se somando à dos Tleilaxu. Alguns afirmavam ter visto a nave Atreides disparar. Isso estava gerando uma situação perigosa.

— Infernos carmesins, acreditam que você fez isso, Leto — disse Rhombur.

Hawat já se precipitara para o painel de armas.

— Os Tleilaxu estão preparados para contra-atacar, meu duque.

Leto abriu um canal do sistema de comunicações. Em questão de segundos, seus pensamentos se aceleraram e comprimiram de um modo que o assombrou porque não era um *Mentat*. Era como um sonho, em que tudo se comprime, a incrível sucessão de imagens que conforme contavam, passava pela mente de uma pessoa às portas da morte. Um pensamento muito negativo. Tinha que encontrar uma solução

— Atenção! — gritou ao microfone —. Aqui fala o duque Leto Atreides. Não disparamos nas naves Tleilaxu. Nego todas essas acusações.

Sabia que não acreditariam e que não poderia evitar uma explosão de hostilidades que poderia dar lugar a uma guerra total. E então soube o que devia fazer.

Rostos do passado desfilaram por sua mente, e se aferrou a uma lembrança de seu avô paterno, Kean Atreides, que olhava-o com ansiedade, com um rosto sulcado de rugas que parecia um mapa das experiências de sua vida. Seus

bondosos olhos cinzentos, iguais aos seus, refletiam uma força que seus inimigos costumavam ignorar, para azar eles.

Oxalá possa ser tão forte como meus antepassados...

— Não dispare — disse ao piloto Tleilaxu, com a esperança de que os outros capitães o escutassem.

Outra imagem se formou em sua mente: seu pai, o velho duque, com os olhos verdes e a mesma expressão, mas em um rosto que tinha a idade de Leto, adolescente. Mais imagens desfilaram em um segundo: seus tios e primos richesianos, os leais criados, servos, membros do governo e militares. Todos exibiam a mesma expressão, como se fossem um organismo múltiplo, e o estudavam de diferentes perspectivas, à espera de tomar uma decisão sobre ele. Não viu amor, aprovação nem falta de respeito em seus rostos, apenas a mais absoluta indiferença, como se na verdade tivesse cometido um ato vil e já não existisse.

Apareceu fugazmente o rosto depreciativo de sua mãe.

Não confie em ninguém, pensou.

Foi tomado por uma sensação de desalento, e logo a seguir de absoluta solidão. No mais profundo de seu ser, Leto viu seus próprios olhos cinzas, que o observavam inexpressivamente. Fazia frio ali, e estremeceu.

A liderança é uma tarefa solitária.

A dinastia Atreides desapareceria com ele naquele momento, ou geraria filhos cujas vozes se juntariam as de todos os Atreides desde os dias dos antigos gregos? Tentou ouvir seus filhos na cacofonia, mas não sentiu sua presença.

Os olhos acusadores não vacilaram.

Leto pensou: O governo é uma sociedade protetora. O povo está sob sua responsabilidade, prosperará ou morrerá segundo as decisões que eu tomar.

As imagens e os sons desapareceram, e sua mente se transformou em um lugar escuro e silencioso.

Sua viagem mental tinha durado um segundo, e agora Leto sabia exatamente o que devia fazer, sem pensar nas conseqüências.

— Ative os escudos! — gritou.

Rabban, que olhava para uma tela de observação situada no interior da inocente fragata Harkonnen, ficou surpreso pelo que viu. Subiu correndo de uma coberta para a seguinte, até que se plantou, congestionado e sem fôlego, diante de seu tio. Antes que o indignado mas tímido piloto Tleilaxu pudesse abrir fogo, um escudo começou a brilhar ao redor da nave Atreides.

Mas os escudos eram proibidos pelo contrato de transporte da Corporação, porque interrompiam o transe do Navegante e desorganizavam o campo da dobra espacial. Os enormes geradores Holtzman do Cruzeiro não funcionariam bem com a interferência. Tanto Rabban como o barão praguejaram.

O Cruzeiro vibrou quando saiu da dobra espacial.

Na câmara de navegação situada no alto do recinto de carga, o veterano Navegante sentiu que seu transe se dissolvia. Suas ondas cerebrais se paralisaram.

Os motores Holtzman grunhiram, e a dobra espacial ondeou a seu redor, perdeu estabilidade. Algo falhara na nave. O Navegante girou em seu contêiner de melange. Seus pés e mãos se agitaram, e pressentiu a escuridão que o envolvia.

A imensa nave se desviou de sua rota e saiu catapultada para o universo real.

Enquanto Rhombur caía ao chão atapetado da fragata, Leto agarrou um amparo para não perder o equilíbrio. Murmurou uma prece silenciosa.

Sua tripulação e ele só podiam torcer para que o Cruzeiro não emergisse dentro de um sol.

Thufir Hawat, como uma árvore ao lado de Leto, conseguiu manter o equilíbrio por pura força de vontade. O professor *Mentat* estava em transe, atravessando escuras regiões de lógica e análise. Leto não estava seguro de que suas projeções pudessem lhes ser úteis naquele momento. Talvez as conseqüências de um desastre como resultado de ativar um escudo dentro de um Cruzeiro eram tão complicadas que exigiam camadas e camadas de análise.

— Primeira projeção — anunciou Hawat por fim. Umedeceu seus lábios —. Expulsos da dobra espacial, as probabilidades de colidir contra um corpo celeste estão em uma entre...

A fragata sofreu uma sacudida, e algo golpeou a coberta. A comoção afogou as palavras de Hawat, e o homem voltou a mergulhar no reino secreto de seu transe *Mentat*.

Rhombur ficou em pé e ajustou os auriculares sobre seu cabelo loiro despenteado.

— Ativar escudos em um Cruzeiro em movimento? É tão errado como, *er*, alguém disparar contra os Tleilaxu. — Olhou para seu amigo com os olhos arregalados —. Parece um dia apropriado para cometer loucuras.

Leto se inclinou sobre um painel de instrumentos e realizou alguns ajustes.

— Não tive opção — disse —. Agora compreendo. Alguém tentou nos culpar pelo ataque aos Tleilaxu, um incidente que poderia desencadear uma guerra entre as facções do Landsraad. Imagino todos os antigos feudos entrando em jogo, estratégias de batalhas planejadas aqui mesmo, no Cruzeiro. — secou a testa. Havia sentido a intuição em suas vísceras, como algo deduzido por um *Mentat* —. Tive que parar tudo, Rhombur, antes que as hostilidades explodissem.

O movimento errático do Cruzeiro cessou por fim. Os ruídos de fundo emudeceram.

Hawat saiu por fim do transe.

— Têm razão, meu duque. Quase todas as Casas têm um representante a bordo deste Cruzeiro, para assistir à coroação e o casamento do imperador. As estratégias bélicas planejadas aqui teriam se estendido ao coração do Império, se conselhos de guerra seriam reunidos e alianças entre planetas e exércitos seriam feitas. De forma inevitável, teriam surgido mais facções, como ramos de um Jacarandá. Desde a morte de Elrood as alianças estão mudando, ao mesmo tempo em que as Casas procuram novas oportunidades.

O rosto de Leto avermelhou. Seu coração martelava.

— Há paióis de pólvora espalhados ao longo do Império, e um deles se encontra

nesta área de carga. Preferiria ver todos os ocupantes do Cruzeiro mortos, porque isso não seria nada comparado com a alternativa.

Conflagrações em todos os cantos do universo. Milhões de mortos.

— Caímos numa armadilha? — perguntou Rhombur.

— Se a guerra explodir aqui, ninguém se importará se nós dispararmos ou não. Temos que cortar as hostilidades pela raiz, e depois haverá tempo para descobrir as respostas. — Leto agarrou um microfone e falou com voz firme e autoritária —. O duque Leto Atreides chama o Navegante da Corporação. Responda, por favor.

A linha crepitou e uma voz ondulante respondeu, forte e distorcida, como se o Navegante fosse incapaz de recordar como falar com simples humanos.

— Todos poderíamos ter morrido, Atreides. — Pronunciou o nome da Casa de uma forma que recordou a Leto a palavra “traidor” —. Estamos em um setor desconhecido. Dobra espacial dissolvida. Escudos impedem transe de navegação. Baixe os escudos imediatamente.

— Não posso fazer isso — respondeu Leto.

Pelo comunicador ouviu que chegavam mensagens à câmara de navegação, acusações e exigências iradas das naves que viajavam a bordo.

O Navegante voltou a falar.

— Atreides tem que desconectar os escudos. Obedeça as leis e normas da Corporação.

— Negativo. — Leto continuava firme, mas sua tez tinha empalidecido e sua expressão mal ocultava seu horror —. Não acredito que possa nos tirar daqui enquanto meus escudos estiverem ativados, de modo que ficaremos aqui, em qualquer lugar que seja, até que aceite meu...

pedido.

— Depois de destruir uma nave Tleilaxu e ativar seus escudos têm a desfaçatez de fazer uma solicitação! — gritou uma voz com sotaque Tleilaxu.

— Atreides impertinente. — Era a voz do Navegante, que soava como se estivesse submerso em água.

Seguiram-se mais comunicações, que o Navegante silenciou com brutalidade.

— Faça seu pedido, Atreides.

Leto passeou a vista pelos olhares inquisitivos de seus amigos, e depois falou pelo sistema de comunicação,

— Primeiro, asseguro-lhe que nós não disparamos contra os Tleilaxu, e nossa intenção é provar isso. Se baixarmos nossos escudos, a Corporação tem que garantir a segurança de minha nave, da minha tripulação, e transferir a jurisdição deste assunto ao Landsraad

— Ao Landsraad? A nave se encontra sob jurisdição da Corporação Espacial.

— São obrigados pela honra — disse Leto —, como os membros do Landsraad, como eu mesmo. No Landsraad existe um procedimento legal conhecido como Julgamento de Confisco.

— Meu senhor! — protestou Hawat —. Não pode sacrificar a Casa Atreides, todos seus séculos de tradição...

Leto desligou o microfone e apoiou uma mão no ombro do *Mentat*.

— Se milhões de seres tiverem que morrer para conservar o feudo, Caladan não valerá esse preço. — Thufir Hawat baixou a vista em sinal de aquiescência —. Além disso, sabemos que nós não disparamos. Um *Mentat* de sua categoria não teria muito trabalho para prová-lo.

Leto voltou a ligar o microfone.

— Me submeterei ao Julgamento de Confisco, mas todas as hostilidades têm que cessar imediatamente. Não haverá revanche, ou me negarei a desativar meus escudos, e este Cruzeiro permanecerá aqui, no meio do nada.

Leto pensou em blefar: ameaçar disparar os canhões laser contra seus próprios escudos para provocar a temida explosão atômica que pulverizaria o Cruzeiro. Em vez disso, decidiu mostrar-se razoável.

— Do que serve prolongar a discussão? Rendi-me, e me entregarei ao Landsraad em Kaitain para ser submetido ao Julgamento de Confisco.

Estou tentando apenas impedir uma guerra em grande escala por culpa de uma conclusão errada. Nós não atacamos ninguém. Estamos dispostos a enfrentar as acusações e as conseqüências, caso nos declarem culpados.

A linha continuou muda, e depois voltou a vida com um rangido.

— A Corporação Espacial aceita as condições. Garanto a segurança da nave Atreides e sua tripulação.

— Nesse caso, escute isto — disse Leto —. Sob as normas do Julgamento de Confisco, eu, duque Leto Atreides, renunciarei a todos os meus direitos e me porei a mercê do tribunal. Nenhum outro membro de minha Casa poderá ser detido ou submetido a procedimento legal.

Reconhece a jurisdição do Landsraad nesta matéria?

— Sim — respondeu o Navegante com tom mais firme, mais acostumado a falar agora.

Por fim, ainda nervoso, Leto desativou os escudos da fragata e se jogou em sua poltrona, tremulo. As outras naves desconectaram suas armas, embora a ira de suas tripulações ainda não tivesse acabado.

Agora começaria a verdadeira batalha.

Na longa história de nossa Casa, a desgraça nos perseguiu incansavelmente, como se fôssemos sua presa. Quase poderia acreditar na maldição de Atreo, que remonta à antiga Grécia da Velha Terra.

Duque Paulus Atreides.

De um discurso a seus generais.

No passeio ladeado por prismas do palácio imperial, a prometida do príncipe herdeiro, Anirul, e sua acompanhante, Margot Rashino Zea, cruzaram com três jovens moças da corte imperial. A cidade se estendia até o horizonte, e grandes obras enchiam as ruas e edifícios, preparativos para a espetacular cerimônia de

coroação e as posteriores bodas do imperador.

O trio de cortesãs conversava animadamente, mas mal podiam mover-se com seus pesados vestidos, plumas ornamentais reluzentes e pesadas jóias. Não obstante, emudeceram quando as Bene Gesserit vestidas de negro se aproximaram.

— Um momento, Margot. — Anirul parou em frente as três jovens com penteado complicado e as espetou, com apenas um pingo de Voz —: Não percam seu tempo com fofocas. Façam algo produtivo, para variar.

Esperam-nos muitos preparativos antes que todos os representantes cheguem.

Os olhos de uma mulher, uma beldade de cabelo escuro, acenderam-se de ira por um instante, mas depois pensou melhor. Seu rosto adquiriu uma expressão conciliadora.

— Têm razão, senhora — disse, e sem mais conduziu suas acompanhantes para uma ampla arcada de rocha de lava salusana que levava aos aposentos dos embaixadores.

Margot trocou um olhar com a Madre Kwisatz.

— Mas por caso as fofocas não são comuns nas cortes imperiais, Anirul? — brincou —. Não é sua principal ocupação? Eu diria que essas damas estavam realizando sua tarefa de uma maneira admirável.

Anirul olhou carrancuda para ela, e pareceu mais velha do que sua aparência sugeria.

— Deveria ter lhes dado instruções específicas. Essas mulheres são meros adornos, como as fontes. Não têm a menor ideia de como ser produtivas.

Depois de anos vivendo em Wallach IX, e de descobrir através da Outra Memória a magnitude das realizações das Bene Gesserit ao longo da história imperial, considerava preciosas as vidas humanas, cada uma como uma faísca diminuta na fogueira da eternidade. Mas essas cortesãs não aspiravam outra coisa além de ser petiscos apetitosos para os homens poderosos.

Na realidade, Anirul não possuía jurisdição sobre essas mulheres, nem sequer

como futura esposa do príncipe herdeiro. Margot apoiou uma mão delicada em seu braço.

— Tem que ser menos impulsiva, Anirul. A madre superiora reconhece seu talento e aptidões, mas diz que tem que se controlar. Todas as formas de vida que prosperam se adaptam a seu ambiente. Agora está na corte imperial, e tem que se adaptar ao seu novo ambiente. As Bene Gesserit têm que trabalhar como se fossem invisíveis.

Anirul sorriu com ironia.

— Sempre considerei minha franqueza uma de minhas principais qualidades. A madre superiora Harishka sabe. Permite-me falar de temas polêmicos e aprender coisas que, de outra forma, não teria aprendido.

— Se os outros forem capazes de escutar.

Margot arqueou suas sobrancelhas pálidas.

Anirul continuou passeando, com a cabeça erguida como uma imperatriz. Pedras preciosas brilhavam na diadema que cobria seu cabelo brônzeo. Sabia que as cortesãs cochichavam sobre ela, perguntavam-se que missão secreta tinha levado a corte às Bene Gesserit, que feitiços tinham usado para seduzir Shaddam. Ai, se soubessem. Suas fofocas e especulações só serviriam para potencializar o atração de Anirul.

— Parece que nós também temos coisas para cochicharmos — disse.

— É obvio. A filha de Mohiam?

— E além disso o problema dos Atreides.

Quando chegaram a um jardim, Anirul aspirou o aroma de um sebe de rosas safira. A doce fragrância despertou seus sentidos. Margot e ela se sentaram em um banco, do qual podiam ver todas as pessoas que se aproximavam, embora falassem aos sussurros, para o caso de haver espiões nos arredores.

— O que os Atreides têm com a filha de Mohiam?

A irmã Margot, uma das agentes mais eficazes da Bene Gesserit, conhecia certos

detalhes sobre a próxima fase do programa do *Kwisatz Haderach*, e a própria Mohiam também tinha sido informada.

— Pense a longo prazo, Margot, pense nos mapas genéticos, na cadeia de gerações que acompanhamos. O duque Leto Atreides está preso, seu título e sua vida estão em perigo. Pode ser que pareça um nobre insignificante de uma Grande Casa pouco importante, mas pense no desastre que essa situação poderia significar para nós.

Margot respirou fundo quando as peças do quebra-cabeças encaixaram em sua mente.

— O duque Leto? Quer dizer que necessitamos dele para... — Não pôde pronunciar o mais secreto dos nomes: *Kwisatz Haderach.*

— Na próxima geração temos que contar com genes Atreides —

disse Anirul, repetindo as palavras das agitadas vozes que falavam em sua cabeça —. As pessoas tem medo de apoiar Leto neste assunto, e todos sabemos por quê. Pode ser que alguns magistrados simpatizem com sua causa por razões políticas, mas ninguém acredita na inocência de Leto. Por que cometeu essa estupidez? É incompreensível.

Margot meneou a cabeça com tristeza.

— Embora Shaddam tenha expressado em público sua neutralidade, em particular fala contra a Casa Atreides. Não acredita na inocência de Leto — disse Anirul —. Embora pode ser que o assunto não seja tão simples. Talvez o príncipe herdeiro esteja relacionado de algum modo com os Tleilaxu, algo que não revelou a ninguém. Acha isso possível?

— Hasimir não me disse nada. — Margot se deu conta de que tinha utilizado o nome, e sorriu para sua companheira —. Ele compartilha alguns segredos comigo. Com o tempo, seu homem também os compartilhará com você.

Anirul pensou em Shaddam e em Fenring, que nunca paravam de conspirar.

— Então estão tramando algo. Juntos. Talvez o destino de Leto faça parte de seu plano?

— Talvez.

Anirul se inclinou no banco de pedra para estar mais protegida pela sebe de rosas.

— Margot, nossos homens querem que a Casa Atreides caia por algum motivo... mas a Irmandade tem que conseguir a linhagem de Leto para finalizarmos nosso programa. Nisso depositamos nossas esperanças, e o trabalho de séculos depende disso.

Margot Rashino Zea, que não entendia tudo, olhou para Anirul com seus olhos verdes.

— Nossa necessidade de um herdeiro Atreides não depende de sua consideração de Grande Casa.

— Não? — Anirul explicou com paciência seus piores temores —. O

duque Leto não tem irmãos nem irmãs. Se seu estratagema fracassar e no Julgamento de Confisco o condenarem, poderia suicidar-se. É um jovem muito orgulhoso, e seria um golpe terrível depois da morte de seu pai.

Margot entreabriu os olhos, cética.

— Leto parece muito forte. Com seu caráter, continuará lutando, aconteça o que acontecer.

Alguns pássaros voaram sobre suas cabeças, e seus cânticos pareciam cristais ao quebrar-se. Anirul os seguiu com o olhar.

— E se um Tleilaxu vingativo o assassinar, mesmo que o imperador o perdoe? E se um Harkonnen aproveitar a oportunidade para provocar um

“acidente”? Leto Atreides não pode se permitir o luxo de perder a proteção da sua posição nobre. Precisamos que continue vivo, e preferivelmente em posição de poder.

— Sei o que quer dizer, Anirul.

— Terá que proteger este jovem duque a todo custo, e para começar temos que

proteger o nível social de sua Grande Casa. Não pode ser condenado.

— Tem que haver uma forma — disse Margot com um sorriso tenso

—. Até Hasimir poderia aplaudir minha idéia, se descobrisse, apesar da sua oposição instintiva. Claro que não lhe diremos nenhuma palavra, e tampouco a Shaddam, mas deixará todos os jogadores na mais absoluta confusão.

Anirul aguardou em silêncio, mas seus olhos brilhavam de curiosidade. Margot se aproximou mais da sua companheira.

— Utilizaremos nossa suspeita da conexão Tleilaxu para um retorcido estratagema dentro de outro estratagema. A questão é: poderemos fazer isso sem prejudicar Shaddam ou a Casa Corrino?

Anirul ficou rígida.

— Meu futuro marido e o Trono do Leão Dourado são elementos secundários em nosso programa de reprodução.

— Tem razão, é obvio — assentiu Margot, como se estivesse surpreza com sua indiscrição —. Como devemos agir?

— Começaremos enviando uma mensagem a Leto.

A verdade é um camaleão.

Aforismo Zensunni

Na segunda manhã do confinamento de Leto na prisão do Landsraad em Kaitain, um funcionário chegou para que assinasse documentos importantes, o pedido oficial de um Julgamento de Confisco e a entrega oficial de todas as propriedades da Casa Atreides. Era o momento da verdade para Leto, o momento em que devia ratificar o perigoso roteiro que escolhera.

Embora não houvesse dúvida de que era uma prisão, a cela contava com duas habitações, um sofá confortável, uma mesa de Jacarandá de Ecaz, um leitor de videolivros e outros complementos de qualidade similar. Tais cortesias lhe tinham sido concedidas por sua posição no Landsraad.

Nenhum líder de uma Grande Casa jamais seria tratado como um delinquente comum, ao menos até que perdesse tudo como resultado do processo ou se declarasse renegado como a Casa Vernius. Leto sabia que talvez nunca voltasse a desfrutar desses luxos, a menos que pudesse provar sua inocência.

Sua cela tinha calefação, comida abundante e saborosa, uma cama confortável, onde acabara adormecendo enquanto preparava suas alegações. Tinha poucas esperanças de resolver o problema com facilidade e rapidez. O Mensageiro só podia trazer mais problemas.

O funcionário, um tecnocrata do Landsraad, usava um uniforme marrom do Landsraad, com galões chapeados. Dirigiu-se a Leto como *monsieur* Atreides, sem o título de duque, como se os documentos do confisco já tivessem sido processados. Leto preferiu não notar aquela falha de protocolo, embora continuasse sendo oficialmente duque até que se assinassem os papéis e a sentença estivesse selada com o polegar dos magistrados do tribunal. Em todos os séculos do Império, o Julgamento de Confisco só tinha sido invocado em três ocasiões. Em dois dos casos, o acusado perdera, e as Casas em litígio se arruinaram.

Leto esperava superar a situação. Não podia permitir que a Casa Atreides caísse em desgraça menos de um ano depois da morte de seu pai.

Isso lhe garantiria um posto nos anais do Landsraad como o mais incompetente líder de uma Casa na história do Império.

Leto, trajando seu uniforme negro e vermelho dos Atreides, sentou-se a uma mesa de plaz azul. Thufir Hawat, em sua condição de conselheiro *Mentat*, sentou-se ao seu lado. Juntos, examinaram o dossiê. Como na maioria de assuntos oficiais do Império, as declarações das testemunhas e os documentos do julgamento estavam gravados em folhas microdelgadas de papel de cristal riduliano, registros permanentes que durariam milhares de anos.

Quando as tocava, cada folha se iluminava para permitir o exame do texto. O velho *Mentat* gravava cada página na memória. Mais tarde, assimilaria tudo até o último detalhe. Os documentos explicavam com precisão o que ocorreria durante os preparativos e o julgamento. Cada página tinha as marcas de identificação de diversos funcionários do tribunal, incluídas as dos advogados de Leto.

Como parte do procedimento, tinham liberado e permitido a volta a Caladan da

tripulação da fragata Atreides, embora muitos seguidores leais ficassem em Kaitain para oferecer seu apoio silencioso. Qualquer culpa individual ou coletiva tinha sido assumida por seu comandante, o duque Atreides. Além disso, garantia-se a segurança dos filhos de Vernius, com independência da categoria da Casa. Mesmo que o julgamento tivesse o pior resultado, Leto podia consolar-se com sua pequena vitória. Seus amigos continuariam a salvo.

Segundo as condições do confisco, que nem sequer sua mãe podia revogar de seu retiro com as irmãs do Isolamento, o duque Leto entregava todas as posses da família (incluídas as armas atômicas e a administração do planeta Caladan à administração do Conselho do Landsraad, enquanto se preparava para ser julgado por seus iguais.

Um julgamento que podia voltar-se contra ele.

Não obstante, ganhasse ou perdesse, Leto sabia que evitara uma conflagração em escala galáctica e salvo milhões de vidas. Agira corretamente, sem pensar nas conseqüências que recairiam sobre ele. O

velho duque Paulus teria feito o mesmo em tais circunstâncias.

— Sim, Thufir, tudo isto é correto — disse Leto quando voltou a última página de cristal riduliano. Tirou o anel com o selo ducal, desprendeu o falcão vermelho de seu uniforme e entregou os objetos ao tecnocrata. Teve a sensação de ser desmembrado.

Se perdesse, as posses de Caladan ficariam a mercê do Landsraad, e os habitantes do planeta se tornariam meros espectadores de latrocínio.

Tinha sido despojado de tudo, e seu futuro e sua fortuna depositados no limbo. Talvez entreguem Caladan aos Harkonnen, pensou desesperado, só para nos humilhar,

O tecnocrata lhe entregou uma magna pluma. Leto apertou seu dedo indicador contra o diminuto artefato de tinta e assinou os documentos de cristal. Sentiu um tênue chiado de eletricidade estática na folha, ou talvez fosse obra de seu nervosismo. O tecnocrata acrescentou seu sinal de identificação como testemunha. Hawat o imitou com reticência.

Quando o tecnocrata partiu, Leto anunciou:

— Agora sou um plebeu, sem título nem feudo.

— Só até nossa vitória — disse Hawat —, independentemente do resultado, sempre será meu duque — acrescentou com um leve tremor na voz.

O *Mentat* passeou pela cela como uma pantera dos pântanos cativa.

Deteve-se, de costas para uma janela que dava para uma imensa dependência do palácio imperial. O sol da manhã mantinha o rosto de Hawat na sombra.

— Estudei as provas oficiais, os dados recolhidos pelos exploratórios no hangar do Cruzeiro e as declarações das testemunhas. Concordo com seus advogados, a situação é muito ruim, meu senhor. Temos que começar com a presunção de que não instigou este ato, e trabalharemos a partir daí.

Leto suspirou.

— Thufir, se você não acredita em mim, não teremos a menor chance no tribunal.

— Tenho certeza da sua inocência. Bem, existem diversas possibilidades, que enumerarei em ordem de probabilidade crescente.

Primeiro, embora se trate de uma possibilidade muito remota, a destruição da nave Tleilaxu pode ter sido acidental.

— Necessitamos de algo melhor, Thufir. Ninguém acreditará nisso.

— Bem, talvez os Tleilaxu tenham destruído sua própria nave para implicá-lo. Sabemos que dão pouco valor a vida. Talvez a tripulação e passageiros fossem apenas *gholas*, bens descartáveis. Podem cultivar outras duplicadas em seus tanques de *axlotl*.

Hawat juntou os dedos das mãos.

— Infelizmente, o problema reside na falta de motivo. Os Tleilaxu criariam um plano tão tortuoso só para se vingar por ter dado proteção aos filhos da Casa Vernius? O que ganhariam com isso?

— Lembre-se, Thufir, que manifestei uma clara hostilidade contra eles no Salão

do Landsraad. Pode ser que também me considerem seu inimigo.

— Sim, mas não me parece provocação suficiente, meu duque. Não, isto é algo mais importante, o suficiente para que o autor corresse o risco de provocar uma guerra em grande escala. — Fez uma pausa —. Sou incapaz de adivinhar o que os Tleilaxu ganhariam com a destruição da Casa Atreides. No máximo, é um inimigo sem importância para eles.

Leto se concentrou, mas se o *Mentat* era incapaz de descobrir uma cadeia associativa, ainda menos seria um simples duque.

— De acordo. Qual é a outra possibilidade?

— Sabotagem ixiana. Um ixiano renegado que queria atentar contra os Tleilaxu. Uma tentativa desajeitada de ajudar o exilado Dominic Vernius. Também é possível que o próprio Vernius esteja comprometido, embora não se saiba nada dele desde que se declarou renegado.

— Sabotagem? Como?

— É difícil saber. A destruição do interior da nave Tleilaxu sugere um projétil de multifase. As análises dos resíduos químicos confirmam.

Leto se reclinou em sua cadeira.

— Mas como? Quem poderia disparar este projétil? Não podemos esquecer que as testemunhas afirmam ter visto projéteis lançados de nossa fragata. Essa zona do hangar estava vazia. Você e eu estávamos olhando. A nossa era a única nave próxima.

— As poucas respostas que posso proporcionar são muito improváveis, meu duque. Uma nave de ataque pequena poderia ter disparado esse projétil, mas é impossível ocultar um veículo com essas características. Até um indivíduo provido de um aparelho de respiração teria sido detectado no hangar, e isso sem citarmos um lança mísseis manual. Além disso, durante a viagem na dobra espacial ninguém poderia sair das naves.

— Não sou um *Mentat*, Thufir, mas isto cheira a Harkonnen —

murmurou Leto, enquanto desenhava círculos com o dedo sobre a mesa de plaz

azul. Tinha que pensar, tinha que ser forte.

Hawat lhe ofereceu uma análise concisa.

— Quando algo execrável ocorre, três caminhos principais conduzem invariavelmente ao culpado: dinheiro, poder ou vingança. Este incidente foi uma cilada, e seu objetivo era destruir a Casa Atreides, e pode ser que esteja relacionado com a conspiração que matou seu pai.

Leto exalou um profundo suspiro.

— Nossa família gozou de alguns anos de tranqüilidade sob o comando de Dmitri Harkonnen e seu filho Abulurd, que nos deixaram viver em paz. Agora temo que a velha inimizade tenha ressuscitado. Pelo que me disseram, o barão está ansioso.

O *Mentat* sorriu sombriamente.

— Exatamente o que eu pensava, meu senhor. Mas me desconcerta o método usado, com tantas naves como testemunhas. Demonstrar esta conjectura no tribunal não será fácil.

Apareceu um guarda em frente a porta provida de barrotes de energia e entrou com um pequeno pacote. Sem pronunciar palavra nem olhar para Leto, deixou-o na mesa e saiu.

Hawat passou um scanner sobre o pacote suspeito.

— Um cubo de mensagem — disse.

O *Mentat* indicou a Leto que se afastasse, abriu o pacote e revelou um objeto escuro. Não encontrou marcas do remetente, mas parecia importante.

Leto pegou o cubo, que brilhou depois que reconheceu a digital do seu polegar. Desfilaram palavras ante seu rosto, sincronizadas com os movimentos de seus olhos, duas frases que continham uma informação surpreendente: “O príncipe herdeiro Shaddam, assim como seu pai antes dele, mantém uma aliança secreta e ilegal com os Bene Tleilax. Esta informação pode ser muito valiosa para sua defesa, se tiver coragem de utilizá-la.

— Thufir! Olhe isto.

Mas as palavras se dissolveram antes que o *Mentat* pudesse ler. A seguir o cubo se autodestruiu em sua palma. Não tinha nem idéia de quem podia ter enviado semelhante revelação. É possível que tivesse aliados secretos em Kaitain?

Inquieto de repente, quase paranóico, Leto empregou o código Atreides, a linguagem secreta que o duque Paulus tinha ensinado a poucos membros de sua corte. O rosto aquilino do jovem se escureceu quando revelou o que tinha lido e perguntou quem podia tê-lo enviado.

O *Mentat* refletiu e respondeu com seus próprios sinais.

Os Tleilaxu não são famosos por suas proezas militares, mas esta relação explicaria sua vitória fácil sobre os ixianos e sua tecnologia de defesa. É possível que os Sardaukar tenham controlado em segredo a população. — E acrescentou —: Shaddam está metido nisto, e não quer que se saiba.

Os dedos de Leto perguntaram:

— Mas o que isso tem a ver com o ataque ao hangar do Cruzeiro?

Não vejo relação.

Hawat umedeceu seus lábios manchados e falou num sussurro.

— Possivelmente não existe, mas tanto faz, se pudermos utilizar essa informação quando estivermos na pior situação. Proponho-lhe um blefe, meu duque. Um blefe espetacular e desesperado.

Em um Julgamento de Confisco, as normas habituais referentes às provas não se aplicam. Não é obrigatório revelar as provas à parte contrária nem aos magistrados antes do julgamento. Isto coloca a pessoa que possui informação secreta em uma posição de poder privilegiada, diretamente proporcional ao perigo extremo que corre.

Regra sobre as provas de Rogam,

3º edição

Quando o príncipe herdeiro Shaddam leu o inesperado cubo de mensagem de Leto Atreides, uma onda de raiva tornou seu rosto púrpura.

“Senhor, a minha defesa inclui a revelação de todos os dados referentes a sua relação com os Tleilaxu.”

— Impossível! Como ele terá descoberto?

Shaddam gritou uma obscenidade e lançou o cubo contra a parede.

Fenring correu para recolher os fragmentos, ansioso por ler a mensagem.

Shaddam o fulminou com a vista, como se tudo fosse culpa do seu conselheiro.

Era noite e ambos tinham abandonado o palácio para ir ao apartamento de cobertura privado de Fenring e desfrutar de alguns momentos de quietude. Shaddam passeou pela peça espaçosa, seguido por Fenring. Embora ainda não tivesse sido coroado, Shaddam sentou-se em uma enorme poltrona do balcão como se ela fosse um trono. O príncipe herdeiro olhou para seu *Mentat*.

— Bem, Hasimir, como acha que meu primo soube de nosso acordo com os Tleilaxu? Que provas possui?

— *Hummmm*, pode ser que seja um blefe...

— Tal hipótese não pode ser mera coincidência. Não vamos considerar um blefe, mesmo que seja. Não podemos correr o risco de a verdade ser revelada no tribunal — grunhiu Shaddam —. Não aprovo o Julgamento de Confisco, nunca aprovei. Ele rouba a responsabilidade da partilha dos bens de uma Grande Casa pelo trono imperial, de mim.

Acredito que é um modelo lamentável.

— Mas não se pode fazer nada a respeito, Shaddam. É uma lei que remonta aos tempos butlerianos, quando a Casa Corrino foi escolhida para governar as ações da humanidade. Console-se por saber que, em tantos milhares de anos, esta é a quarta vez que é invocada. Parece que o ato desesperado de apostar tudo em uma carta não é muito popular.

Fenring se deteve na borda do balcão e olhou para as estrelas.

Baixou a voz até transformá-la em um sussurro detestável.

— Talvez eu devesse visitar Leto Atreides em sua cela, *hummmm*?

Para descobrir exatamente o que sabe e como descobriu. É a solução mais óbvia para nosso pequeno dilema.

Shaddam se reclinou na cadeira, mas era muito dura para suas costas.

— O duque não dirá nada. Tem muito a perder. Talvez esteja blefando, mas não tenho dúvidas de que cumprirá sua ameaça.

Os enormes olhos do *Mentat* se obscureceram.

— Quando faço perguntas, Shaddam, obtenho respostas. — Fenring apertou os punhos —. Já deveria saber disso, depois de tudo o que fiz por você.

— O *Mentat* Thufir Hawat não o deixará sozinho nem que eu insista, e é um adversário formidável. É chamado de o Mestre de Assassinos.

— Esse também é meu talento, Shaddam. Imaginaremos uma forma de separá-los. Ordene, e eu me encarregarei de que se cumpra.

Estava ansioso pela perspectiva de matar, e a provocação aumentava seu prazer. Os olhos de Fenring brilhavam, mas Shaddam o dissuadiu.

— Se for tão preparado como parece, Hasimir, terá tomado todo tipo de precauções. Assim que Leto se sentir ameaçado, revelará o que sabe, e quem sabe de quais medidas de segurança se rodeou, sobretudo se planejou isto desde o começo.

“... de todos os dados sobre sua relação com os Tleilaxu ...”

Uma brisa fria cruzou o balcão, mas Shaddam não entrou.

— Se nosso projeto for descoberto, as Grandes Casas poderiam proibir meu acesso ao trono, e uma força de ataque do Landsraad seria lançada contra IX.

— Agora se chama Xuttah, Shaddam — murmurou Fenring.

— Ou isso.

O príncipe herdeiro passou uma mão pelo cabelo avermelhado penteado com brilhantina. A mensagem direta do prisioneiro Atreides o impressionara mais que a destruição de cem planetas. Imaginou se a notícia teria preocupado o velho Elrood. Mais que a maciça revolta no setor de Ecaz, no início de seu reinado?

Observe e aprenda.

Cale-se, velho abutre!

Shaddam franziu o sobrecenho.

— Pense, Hasimir. Parece muito evidente. Existe alguma possibilidade de Leto não ter destruído as naves Tleilaxu?

Fenring passou um dedo pelo seu queixo bicudo.

— Duvido, Shaddam. A nave Atreides estava ali, tal como as testemunhas confirmaram. As armas tinham sido disparadas, e Leto não dissimulava sua raiva contra os Bene Tleilax. Lembra do seu discurso ao Landsraad? Ele é culpado. Ninguém poderia acreditar no contrário.

— Acredito que até um pirralho de dezesseis anos poderia ser mais sutil. por que solicitou um Julgamento de Confisco? — Shaddam detestava não compreender as pessoas e seus atos —. Um perigo ridículo.

Fenring demorou alguns segundos antes de deixar cair sua idéia como se fosse uma bomba.

— Porque Leto sabia desde o primeiro momento que lhe enviaria essa mensagem?

Apontou para os fragmentos do cubo. Tinha que sublinhar o óbvio, porque Shaddam permitia com freqüência que a raiva paralisasse sua mente. Apressou-se a continuar.

— Talvez esteja pensando o contrário, Shaddam. Pode ser que Leto atacou os Tleilaxu consciente de que poderia utilizar o incidente como pretexto para solicitar um Julgamento de Confisco, um foro público onde revelaria tudo o que sabe sobre nós. Todo o Império estará escutando.

— Mas por que, por que? — Shaddam estudou suas unhas bem manicuradas, vermelho de confusão —. O que tem contra mim? Sou seu primo!

Fenring suspirou.

— Leto Atreides é muito amigo do príncipe exilado de IX. Se descobriu nossa participação no golpe de estado, e a pesquisa que os Tleilaxu fazem sobre a especiaria sintética, não seriam motivos suficientes?

Herdou um profundo e equivocado sentido de honra do seu pai. Pense nisto: Leto assumiu a missão de castigar os Bene Tleilax. Mas se permitirmos que seja julgado pelo Landsraad, é possível que revele nossa implicação para nos arrastar em sua queda. Simples assim, *hummmm*? Ele cometeu o crime, sabendo que o protegeríamos... para nos proteger. De qualquer forma, terá nos castigado. Ao menos deixou uma porta aberta.

— Ah, sim. Mas isso é...

— Chantagem. Shaddam?

O príncipe herdeiro respirou fundo.

— Maldito seja! — levantou-se, por fim com aspecto imperial —.

Maldito seja! Se estiver certo, Hasimir, não teremos outro remédio senão ajudar.

A lei escrita do Império não pode mudar, independente da Grande Casa que detenha o poder ou de que imperador se sente no Trono do Leão Dourado, os documentos da Constituição imperial estão estabelecidos há milhares de anos. Isto não quer dizer que cada regime seja legalmente idêntico. As variações emanam de sutilezas de interpretação e de lacunas jurídicas microscópicas, que chegam a ser bastante amplas para deixar passar um Cruzeiro.

Lei do Império: comentários e impugnações

Leto estava deitado em sua cela. Sentia a morna carícia de um mecanismo de massagem que trabalhava os músculos tensos do seu pescoço e costas. Ainda não sabia o que ia fazer.

Até o momento não tinha recebido nenhuma resposta do príncipe herdeiro, e

estava convencido de que seu blefe não funcionaria. De qualquer forma, confiar na mensagem secreta tinha sido um tiro às cegas, pois Leto não tinha nem idéia do que significava. Hora após hora, seu *Mentat* e ele discutiam os méritos do seu caso e a necessidade de confiar em suas aptidões.

Encontrava-se rodeado de artigos pessoais e comodidades para enfrentar as longas horas de ansiedade, contemplação e aborrecimento: videolivros, roupa de qualidade, instrumentos de escrita, até mensageiros que esperavam a frente da sua cela para levar cubos de mensagem pessoais a quem desejasse. Todos sabiam o que estava em risco naquele julgamento, e nem todos em Kaitain queriam que Leto ganhasse.

De um ponto de vista técnico, devido aos procedimentos legais em que se envolvera, já não possuía bens pessoais. De qualquer modo, agradecia seu uso. Os videolivros e a roupa proporcionavam uma sensação de estabilidade, um vínculo com o que ele considerava sua vida anterior.

Desde o misterioso ataque no interior do Cruzeiro, sua vida mergulhara no caos.

Todo o futuro de Leto, o destino de sua Casa e suas posses em Caladan dependiam do Julgamento de Confisco. Tudo ou nada. Se fracassasse, sua Grande Casa se encontraria em uma situação ainda pior que a da renegada família Vernius. A Casa Atreides não existiria.

Nesse caso, ao menos não terei que me preocupar em negociar um casamento de conveniência para estabelecer melhores contatos com o Landsraad, pensou com ironia. Exalou um profundo suspiro, pensou em Kailea e em seus sonhos de um futuro que nunca se tornariam realidade. Se lhe tirassem seus títulos e posses, Leto Atreides poderia escolhê-la como esposa sem pensar em dinastias nem em política... mas ela o desejaria se não fosse duque, com seus sonhos de Kaitain e da corte imperial?

“Não sei como, mas sempre descubro algo positivo em qualquer contrariedade”, havia dito Rhombur. um pouco do otimismo do seu amigo não faria mal neste momento.

Thufir Hawat, sentado em frente ao escritório de plaz azul, passava as holopáginas projetadas, uma compilação das possíveis provas que utilizariam contra Leto, assim como uma análise da lei do Landsraad. Esta informação incluía as conclusões provisórias dos advogados de Leto e as projeções *Mentat*

de Hawat.

O caso se apoiava em provas circunstanciais, mas de muito peso, começando com o discurso de Leto ao Conselho do Landsraad. Tinha um motivo evidente, e já tinha declarado a guerra verbal contra os Tleilaxu.

— Tudo aponta para minha culpa, não é? — perguntou Leto.

Levantou-se na cama oscilante, e a máquina de massagem parou imediatamente.

Hawat assentiu.

— Com muita perfeição, meu senhor. E as provas cada vez são piores. Os canhões de uma de nossas naves de combate foram examinados durante a investigação, e descobriram que tinham sido disparados. Um resultado muito negativo, e que se soma as outras provas.

— Thufir, sabemos que os projéteis foram disparados. Assim declaramos desde o princípio. Rhombur e eu saímos para praticar antes que o Cruzeiro dobrasse o espaço. Todos os membros da nossa tripulação são testemunhas.

— Os magistrados podem não acreditar. A explicação é muito conveniente, como se fosse um álibi planejado. Pensarão que praticamos afim de explicar as análise das armas, porque sabíamos que íamos disparar contra os Tleilaxu. Um truque muito simples.

— Sempre foram peritos em detalhes retorcidos — disse Leto com um sorriso —. Examinam tudo repetidas vezes, analisam cada aspecto, efetuam cálculos e projeções.

— Isso é justamente o que necessitamos agora, meu duque.

— Não esqueça que temos a verdade de nosso lado, Thufir, e que é uma aliada poderosa. Nos apresentaremos ao tribunal de nossos iguais com a cabeça erguida, e contaremos o acontecido e, sobretudo, o que não aconteceu. Têm que acreditar, ou os séculos de honra e honradez Atreides não significarão nada.

— Oxalá possuísse sua energia e seu otimismo — respondeu Hawat

—. Demonstra uma firmeza e serenidade notáveis. — Uma expressão agridoce apareceu no rosto do *Mentat* —. Seu pai o ensinou bem. Estaria orgulhoso de você. — Apagou o holoprojetor, e as páginas das provas desapareceram no ar sufocante da prisão —. Até o momento, entre os magistrados e membros do júri do Landsraad com direito a voto, contamos com alguns que sem dúvida o declararão inocente, graças a alianças do passado.

Leto sorriu, mas notou o nervosismo do seu *Mentat*. Levantou-se da cama e, coberto com uma bata azul, passeou descalço pela habitação.

Sentiu frio e subiu a temperatura da cela.

— Muita gente acreditará depois de que ouvirem minha declaração e visto as provas.

Hawat olhou para ele como se fosse outra vez um menino.

— Contamos com a vantagem de a maioria de seus aliados votarem a favor de sua inocência só porque desprezam a praga Tleilaxu. Independente de sua opinião sobre o caso, você tem sangue nobre, é membro de uma família respeitada do Landsraad. É um deles, e não o destruirão para compensar os Bene Tleilax. Várias Casas nos deram seu apoio por respeito ao seu pai. Ao menos um magistrado ficou impressionado pela coragem de sua primeira aparição no Conselho do Landsraad, alguns meses atrás.

— Mas todo mundo acredita que cometi um ato terrível. — Leto franziu o sobrecenho —. Esses outros motivos são uma piada.

— Eles não o conhecem, é pouco mais que um menino com fama de insolente e impulsivo. Por hora, meu duque, o que tem que nos preocupar é o veredito, não os motivos. Se triunfar, terá muitos anos para consolidar sua reputação.

— E se perder, nada mais importará.

Hawat assentiu com solenidade e se ergueu como um monólito.

— Não existem regras fixas para um Julgamento de Confisco. É um foro livre, sem formalidades sobre as provas ou os procedimentos, um contêiner sem contenção. Sem os mecanismos normais, não temos que revelar a corte as provas que apresentaremos, mas tampouco os demais devem fazê-lo. Não saberemos as mentiras que nossos inimigos contarão, ou se falsificaram provas instrumentais. Não veremos as supostas provas que os Tleilaxu possuem, nem conheceremos os testemunhos das testemunhas. Dirão muitas coisas desagradáveis a respeito da Casa Atreides. Precisa estar preparado.

Leto ergueu a vista quando ouviu um ruído, e viu um guarda desconectar o campo de confinamento para dar passagem a Rhombur. O

príncipe ixiano vestia uma camisa branca com a hélice de Vernius no pescoço. Tinha o rosto congestionado devido à sessão que acabava de terminar no ginásio, e o cabelo molhado da ducha. O anel de *opafogo* cintilava em sua mão direita.

Leto pensou nas semelhanças entre sua situação e a do seu amigo, as duas Casas tomadas pela desordem, quase aniquiladas. Rhombur, que tinha recebido a proteção provisória do tribunal, ia vê-lo todo dia à mesma hora.

— Terminou seus exercícios? — perguntou Leto com forçado tom risonho,

apesar do pessimismo de Hawat.

— Hoje quebrei a máquina de treinamento físico — respondeu Rhombur sorrindo —. Deve ter sido construída por uma dessas Casas Menores de má fama. Controle de qualidade inexistente. Nada igual a qualidade ixiana.

Leto riu quando Rhombur e ele entrelaçaram as pontas dos dedos no semi aperto de mãos do Império.

Rhombur coçou seu cabelo loiro molhado.

— O exercício me ajuda a pensar. Estes dias está difícil me concentrar em algo. *Er*, minha irmã lhe enviou seu apoio através de um Mensageiro recém-chegado de Caladan. Achei que você gostaria de saber.

Talvez o anime.

Sua expressão se tornou séria, revelando a tensão de sua longa odisséia, os sinais sutis de dor e maturidade forçada que um rapaz de dezesseis anos não deveria ter padecido, Leto sabia que seu amigo estava preocupado com seu destino e o de sua irmã, caso a Casa Atreides perdesse o julgamento. Duas grandes e nobres famílias destruídas em um lapso de tempo insolitamente curto. Talvez Rhombur e Kailea fossem procurar seu pai renegado...

— Thufir e eu estávamos falando dos méritos do nosso caso — disse Leto —. Ou da falta de méritos, como diz ele.

— Eu não disse isso, meu duque — protestou Hawat.

— Bem, trago boas notícias — anunciou Rhombur —. A Bene Gesserit deseja contribuir com Reveladoras da Verdade no julgamento.

Essas reverendas madres podem descobrir que está mentindo.

— Excelente — disse Leto. — Isto acabará com o problema em um instante. Assim que eu falar, poderão verificar que digo a verdade. Pode ser tão simples?

— Geralmente o testemunho de uma Reveladora da Verdade seria inadmissível — advertiu Hawat —, mas é possível que neste caso se abra uma exceção, embora eu duvide. As bruxas guardam intenções secretas, e os jurisconsultos

afirmam que, por conseqüência, são subornáveis, o que invalida seu testemunho.

Leto piscou, surpreso.

— Subornáveis? Não conhecem muitas reverendas madres. —

Refletiu a respeito e considerou várias possibilidades —. Mas intenções secretas? Por que a Bene Gesserit faria esse oferecimento? O que ganham com minha inocência ou minha culpa?

— Vá com cuidado, meu duque — advertiu Hawat.

— Vale a pena tentar — disse Rhombur —. Mesmo que não seja aceito, o testemunho de uma Reveladora da Verdade daria mais peso à versão dos acontecimentos de Leto. As Reveladoras da Verdade poderiam examinar a você e a todos os que o rodeavam, incluídos eu, Hawat, a tripulação da fragata e os criados de Caladan. Sabemos que suas histórias coincidirão. Demonstrarão nossa inocência sem sombra de dúvida. —

Sorriu —. Estaremos de volta a Caladan antes que perceba.

Hawat não parecia muito convencido.

— Quem entrou em contato, príncipe? Que irmã da Bene Gesserit lhe comunicou este generoso oferecimento? O que pediu em troca?

— Não pediu, *er*, nada — respondeu Rhombur.

— Ainda não, talvez — disse Hawat —, mas essas bruxas pensam a longo prazo.

O príncipe ixiano coçou a testa.

— Ela se chama Margot. Faz parte do séquito de *lady* Anirul, e suponho que veio para assistir ao casamento imperial.

Leto teve uma idéia.

— Uma Bene Gesserit vai casar se com o imperador. Será isto obra de Shaddam, em resposta a nossa mensagem?

— As Bene Gesserit não são garotas dos recados — disse Hawat —.

Sua independência é lendária. Fizeram esta oferta porque quiseram, porque lhes beneficia de alguma forma.

— Não perguntei por que — disse Rhombur —, mas pense nisto: seu oferecimento só poderia nos beneficiar se Leto for inocente.

— Eu sou!

Hawat sorriu para Rhombur.

— Certamente a Bene Gesserit sabe que Leto não está mentindo, do contrario não fariam essa sugestão.

Perguntou-se o que as irmãs sabiam, e o que esperavam conseguir.

— A menos que queiram me pôr a prova — sugeriu Leto —. Se aceitar sua Reveladora da Verdade, saberão que não estou mentindo. Se eu recusar, se convencerão de que escondo algo.

Hawat olhou por uma janela da cela.

— Lembrem-se que estamos ansiosos por um julgamento que é uma casca vazia. Existem queixas contra as Bene Gesserit, e contra seus métodos estranhos e misteriosos. As Reveladoras da Verdade podem trair seu juramento e mentir, por um propósito mais importante. Bruxaria, feitiçaria... Talvez não devêssemos aceitar sua ajuda.

— Acha que é um truque? — perguntou Leto.

— Sempre suspeito de tudo — disse o *Mentat*. Seus olhos cintilaram

—. É algo inato em mim. Pode ser que essas bruxas sejam mensageiras do Império. Que alianças estão ocultando?

O pior tipo de alianças são aquelas que nos enfraquecem. Pior ainda é quando o imperador não reconhece tal aliança pelo que ela é.

Príncipe Raphael Corrino,

Discursos sobre a liderança.

O príncipe herdeiro Shaddam não fez nada para que o representante dos Tleilaxu se sentisse confortável ou acolhido no palácio. Shaddam detestava estar na mesma habitação que ele, mas a reunião era necessária.

Sardaukar armados até os dentes escoltaram Hidar Fen Ajidica por um passadiço, vários corredores de manutenção, escadas semi ocultas e uma sucessão de portas com barrotes.

Shaddam tinha escolhido a habitação mais privada, uma câmara tão secreta que não aparecia nos planos do edifício. Muito tempo antes, poucos anos depois da morte do príncipe herdeiro Fafnir, Hasimir Fenring tinha descoberto a estadia durante suas explorações. Pelo visto, a habitação secreta tinha sido utilizada por Elrood nos primeiros tempos de seu interminável reinado, quando tinha tomado concubinas extra-oficiais, além das reconhecidas oficialmente.

Havia uma só mesa na gélida habitação. As paredes e o chão cheiravam a mofo. As mantas e lençóis da estreita cama colada a parede se reduzira a fibras e penugem. Um vetusto buquê de flores, agora petrificado em folhas e caules enegrecidos, adornava o canto em que o tinham abandonado décadas atrás. O lugar transmitia a impressão desejada, embora Shaddam soubesse que os Bene Tleilax não fossem famosos por prestar atenção às sutilezas.

Do outro lado da mesa, Hidar Fen Ajidica, trajando suas roupas marrons, enlaçou as mãos cinzentas sobre a superfície de madeira. Piscou e olhou para Shaddam.

— Mandou me chamar, senhor? Interrompi minhas pesquisas seguindo suas ordens.

Shaddam agarrou uma bandeja de carne de bacer gelatinosa que um dos guardas tinha levado, pois não tivera tempo para comer. Saboreou o molho de cogumelos com manteiga, e depois empurrou o prato para Ajidica.

O pequeno homem se recusou a tocar na comida. Shaddam franziu o sobrecenho.

— Vocês fabricam a carne de bacer. Não consomem seus próprios produtos culinários?

Ajidica negou com a cabeça.

— Embora nós sejamos os criadores desses seres, não os consumimos. Peço que me perdoe, senhor. Falemos do que é importante.

Estou ansioso por retornar a Xuttah e aos meus laboratórios.

Shaddam soprou e decidiu ir direto ao assunto. Esfregou as têmporas, onde sua permanente dor de cabeça ameaçava piorar.

— Devo lhe fazer um pedido... Não, uma exigência, em minha qualidade de imperador.

— Perdoe-me, senhor príncipe — interrompeu-o Ajidica —, mas ainda não foi coroado.

Os guardas ficaram tensos. Os olhos de Shaddam se arregalaram.

— Há algum homem mais poderoso que eu em todo o Império?

— Não, meu senhor. Foi apenas uma precisão semântica.

Shaddam se inclinou sobre a mesa como um predador, tão perto que sentiu os desagradáveis aromas do outro homem.

— Escute, Hidar Fen Ajidica, seu povo tem que retirar as acusações contra Leto. Não quero que este caso chegue aos tribunais. — reclinou-se de novo, pegou outro pedaço de carne e continuou com a boca cheia —.

Retire suas acusações e eu lhes darei uma recompensa. E o assunto será encerrado.

A solução era simples e hábil. Como o Tleilaxu não respondeu imediatamente, Shaddam tentou ser magnânimo.

— Depois de falar com meus conselheiros, decidi que os Tleilaxu devem ser compensados por suas perdas. — Fez uma careta —. Só as perdas reais. Os *gholas* não contam.

— Entendo, senhor, mas lamento dizer que pede algo impossível —

respondeu Ajidica —. Não podemos esquecer este crime cometido contra o povo

Tleilaxu e sua honra.

Shaddam quase engasgou com o pedaço de carne.

— “Tleilaxu” e “honra” são palavras que não combinam.

Ajidica o ignorou.

— Entretanto, todo o Landsraad soube deste horrível acontecimento.

Se retirarmos as acusações, a Casa Atreides sairá totalmente impune. — A ponta de seu nariz tremeu —. Sem dúvida o senhor é um grande estadista e sabe que não podemos voltar atrás.

Shaddam estava furioso. Sua dor de cabeça estava piorando.

— Não estou pedindo. Estou ordenando.

O homem refletiu por alguns segundos, e seus olhos escuros cintilaram.

— Posso perguntar por que o destino de Leto Atreides é tão importante para o senhor? O duque representa uma Casa pouco importante.

Por que não o joga aos lobos e no concede um desagravo?

Shaddam emitiu um grunhido.

— Porque Leto sabe de suas pesquisas sobre a especiaria artificial em IX.

De repente as feições inexpressivas da Ajidica se alarmaram.

— Impossível! Mantivemos a segurança mais rigorosa.

— Então por que ele me enviou uma mensagem dizendo o contrário?

— respondeu Shaddam, a ponto de levantar-se de seu assento —. Leto utiliza este conhecimento para me chantagear. Se for declarado culpado no julgamento revelará o que sabe e nossa cumplicidade. O Landsraad se rebelará contra mim. Pense nisso: meu pai, com minha ajuda, permitiu que uma Grande Casa do Landsraad fosse destruída. Algo sem precedentes! E

não só por uma Casa rival, mas por seu povo, os Tleilaxu.

O pesquisador pareceu ofender-se, mas não replicou.

Shaddam grunhiu, mas se recordou que devia guardar as aparências.

— Se descobrirem que fiz tudo isto afim de ter uma fonte privada de especiaria artificial, deixando sem benefícios o Landsraad, a Bene Gesserit e à Corporação, meu reinado não durará uma semana.

— Estamos em um beco sem saída, senhor.

— Não, não estamos! — explodiu Shaddam —. O piloto da nave Tleilaxu sobrevivente é sua testemunha chave, obriguem-no a mudar seu testemunho. Talvez não tenha visto com tanta clareza como pensou a princípio. Serão bem recompensados, com recursos procedentes de minhas arcas e da Casa Atreides.

— Não é suficiente, senhor — disse Ajidica, com uma irritante expressão impassível —. Os Atreides têm que ser humilhados por suas ações. Têm que ser humilhados em público. Têm que pagar.

O imperador olhou com desprezo para o pesquisador Tleilaxu.

— Quer que envie mais Sardaukar a IX? Estou certo de que algumas legiões vigiariam muito de perto suas atividades.

Ajidica continuou imperturbável.

O olhar do Shaddam se endureceu.

— Mês após mês esperei, e ainda não me deu o que preciso. Agora diz que pode demorar décadas. Nenhum de nós durará tanto se Leto revelar o que fizemos.

O príncipe herdeiro afastou a bandeja. Embora a preparação do prato fosse perfeita, apenas o saboreara porque sua mente estava em outra parte, embotada pela dor de cabeça. Por que era tão difícil ser imperador?

— Faça o que quiser, senhor — disse Ajidica —. Leto Atreides não será perdoado, e tem que ser castigado.

Shaddam enrugou o nariz e se despediu do homenzinho. A partir do momento em que fosse coroado imperador do Universo Conhecido, teria muitas outras coisas que fazer, coisas importantes.

Oxalá pudesse livrar-se daquela maldita dor de cabeça.

O pior tipo de proteção é a confiança. A melhor defesa é a suspeita.

Hasimir Fenring

Thufir Hawat e Rhombur Vernius podiam entrar e sair da cela a vontade, Leto tinha jurado por sua honra — e em parte por sua própria segurança — não abandoná-la, O *Mentat* e o príncipe ixiano saíam com freqüência para discutir os detalhes das declarações com diversos membros da tripulação da fragata Atreides e com qualquer um que pudesse ajudar sua causa.

Nesses intervalos, Leto se sentava em seu escritório. Embora o velho *Mentat* o advertisse para que nunca desse as costas à porta, Leto pensava que não corria perigo naquela cela de alta segurança.

Desfrutou de alguns momentos de silêncio e concentração, enquanto examinava as numerosas projeções das provas que lhe tinham preparado.

Mesmo que guardas Sardaukar o escoltassem, teria se mostrado reticente a passear pelo palácio imperial, sabendo que a sombra da acusação pendia sobre ele. Não demoraria para comparecer ante seus iguais e proclamar sua inocência.

Ouviu um ruído no campo de confinamento da cela, a suas costas, mas não voltou a vista. Terminou suas notas sobre a destruição da primeira nave Tleilaxu e adicionou um detalhe técnico que não tinha considerado antes.

— Thufir? — perguntou Leto —. esqueceu algo?

Olhou para trás.

Um alto guarda do Landsraad se erguia com seu uniforme e uma expressão estranha em seu rosto largo. Sua pele parecia pastosa, como grafite. Leto percebeu uma peculiar estupidez em seus movimentos. Um inquietante tom cinzento na pele das mãos, mas não do rosto...

Leto deslizou a mão por baixo da mesa e empunhou a faca que Hawat tinha levado às escondidas. Não tinha sido difícil para o guerreiro *Mentat*. Leto não mudou sua postura nem sua expressão afável.

Todas as lições que o *Mentat* lhe ensinara afloraram em seus músculos, despertos e preparados. Sabia que algo estava acontecendo, e que sua vida corria perigo.

De repente, o homem se livrou do uniforme, e quando este caiu, o mesmo aconteceu com seu rosto inexpressivo. Uma máscara! Também se desprenderam as mãos e os braços.

Leto saltou para um lado e se refugiou atrás da mesa. Agachado, segurou a faca e considerou suas chances.

O corpo do guarda se partiu pela cintura, revelando um par de anões Tleilaxu de rosto flexível. Um saltou dos ombros do outro. Ambos vestidos com roupas negras que marcavam todos os músculos.

Os assassinos Tleilaxu começaram a rodeá-lo. Seus olhos diminutos brilhavam. Algo refulgia em suas mãos: quatro armas, sem dúvida letais.

Um deles se lançou sobre Leto.

— Morra, demônio *powindah* — gritou.

Leto pensou em refugiar-se sob a escrivaninha ou a mesa auxiliar, mas decidiu que se matasse um anão as chances se igualariam. Sem vacilar, lançou a faca e cortou a jugular do atacante.

Um dardo prateado passou assobiando junto a orelha de Leto, que se lançou para trás da mesinha auxiliar, que continuava projetando imagens por cima da escrivaninha. Um segundo dardo se cravou na parede, junto a sua cabeça.

Então ouviu o zumbido de um fuzil laser. Um raio de luz púrpura atravessou a habitação e o segundo Tleilaxu caiu fulminado. Seu rosto se fundiu, abrasado pelo raio. Um cheiro de carne queimada impregnou o ar.

— Quebraram nossa segurança — ouviu o capitão dizer, seu inesperado salvador.

— Eu não chamaria isso de segurança — replicou Hawat.

— Cortaram a garganta deste com uma faca — disse um dos guardas.

— De onde saiu essa faca? — O capitão ajudou Leto a levantar —.

Eles o feriram, senhor?

Leto olhou para seu *Mentat*, mas deixou que Hawat respondesse.

— Tendo em conta suas eficazes medidas de segurança, senhor —

ironizou Hawat —, como poderia alguém introduzir uma arma aqui?

— Lutei com um dos atacantes — explicou Leto — e o matei com sua própria arma. — Seus olhos cinzentos piscaram. Seu corpo tremia por causa da adrenalina —. Imagino que os Bene Tleilax não querem esperar pelo resultado do julgamento.

— Infernos carmesins! — exclamou Rhombur ao entrar e ver aquela ofensa —. Sem dúvida isto não beneficiará os Tleilaxu no julgamento. Se estavam tão seguros de ganhar, por que quiseram fazer justiça com suas próprias mãos?

O capitão da guarda se voltou para seus homens e ordenou que tirassem os corpos.

— Os assassinos dispararam dois dardos — disse Leto, e apontou os pontos onde eles se cravaram.

— Tomem cuidado quando os manipularem — advertiu Hawat —. É

possível que estejam envenenados.

Quando Leto, Rhombur e Hawat ficaram a sós, o *Mentat* introduziu uma pistola maula na gaveta inferior do escritório.

— Para o caso de novo ataque — disse —. Da próxima vez uma faca não será suficiente.

Visto da órbita, o planeta IX é pacifico e antigo, mas sob sua superfície são desenvolvidos projetos imensos e executadas grandes obras.

Desta forma, nosso planeta é uma metáfora do Império, Dominic Vernius,

As explorações secretas de IX.

Hasimir Fenring estendeu a Shaddam alguns documentos escritos na linguagem secreta que o príncipe herdeiro e ele tinham inventado durante sua infância. Podiam estar seguros de que seus segredos não seriam descobertos. Shaddam se sentou no trono da sala de audiências, e a luz interior do dossel de cristal Hagal projetou seu brilho, como uma água marinha iluminada pelo fogo.

Fenring fervia de energia suficiente para os dois.

— São os dossiês das Grandes Casas do Landsraad que assistirão ao Julgamento de Confisco. — Seus grandes olhos pareciam buracos negros no labirinto de sua mente —. consegui descobrir algo vergonhoso e ilegal em todas elas. Em resumo, contamos com meios suficientes de persuasão.

Shaddam se inclinou no trono, como se estivesse surpreso. Seus olhos, avermelhados devido à insônia, cintilaram de ira.

Fenring já o vira a beira do pânico em ocasiões anteriores, quando tinham acordado a morte de seu irmão, Fafnir.

— Acalme-se, Shaddam, *hummmm*? — sussurrou —. Já cuidei de tudo.

— Maldito seja, Hasimir! Se alguém desconfiar de nossas tentativas de suborno, a ruína cairá sobre a Casa Corrino. Não podemos permitir que ninguém descubra nossa implicação neste plano! — Shaddam meneou a cabeça, como se o Império já estivesse ruindo —. Perguntarão por que nos preocupamos tanto em salvar um duque insignificante.

Fenring sorriu para transmitir confiança ao príncipe.

— O Landsraad é composto de Grandes Casas, muitas das quais são nossas aliadas, Shaddam. Algumas insinuações entre os nobres, um pouco de melange gratuita, alguns subornos e ameaças...

— Sempre segui suas sugestões, talvez com muita freqüência. Mas não demorarei para ser o imperador de um milhão de planetas, e terei que pensar sem ajuda. E pretendo fazer isso agora mesmo.

— Os imperadores têm conselheiros, Shaddam. Sempre. — Fenring compreendeu que devia ser mais cauteloso. Algo tinha inquietado Shaddam, algo recente. O que ele sabe que eu não sei?

— Por uma vez, não utilizarei seus métodos, Hasimir — respondeu Shaddam —. Encontraremos outra forma.

Fenring, intrigado, ficou ao lado do príncipe herdeiro, como um igual. Entretanto, por algum motivo, Shaddam tinha mudado. Que tinha acontecido? Desde meninos não tinham mamado do mesmo peito, quando a mãe de Hasimir tinha sido a ama de leite de Shaddam? Quando adolescentes, não tinham recebido instrução juntos? Quando maiores não tinham tramado planos e conspirações juntos? Por que agora se negava a escutar

seus

conselhos?

Fenring se aproximou do ouvido do príncipe herdeiro. Procurou parecer contrito.

— Peço que me perdoe, senhor, mas, *hummmm*... Tinha certeza que aprovaria, e as notas foram entregues aos representantes apropriados, notas em que se solicita seu apoio ao imperador quando chegar o momento de votar no julgamento.

— Sua ousadia chegou até esse ponto? Sem me consultar antes? —

Shaddam avermelhou de indignação —. Pensou que me deixaria arrastar, planejasse o que planejasse?

Shaddam tinha se enfurecido. Que mais o incomodava? Fenring se agastou um passo do trono.

— Por favor, senhor. Está exagerando, perdendo a perspectiva.

— Ao contrário, acredito que estou ganhando perspectiva. — Suas narinas se dilataram —. Acha que sou um idiota, não é, Hasimir? Desde que éramos crianças sempre me explicou as coisas. Sempre pensou mais depressa que eu, sempre foi mais inteligente, mais desumano, ou ao menos aparentava isso. Entretanto, acredite ou não, posso me encarregar de qualquer situação sem sua ajuda.

— Nunca duvidei de sua inteligência, meu amigo. Graças a sua posição na Casa Corrino, seu futuro sempre esteve garantido, mas eu tive que lutar dia após dia para consolidar o meu. Quero ser seu porta-voz e seu confidente.

Shaddam se inclinou em seu trono.

— Ah, sim. Pensei que você era o cérebro atrás do trono e que eu sua marionete.

— Marionete? É claro que não

Fenring se afastou outro passo. Shaddam era muito instável, e Fenring não sabia o que estava acontecendo. Ele sabe de algo que eu ignoro. Shaddam nunca tinha questionado os atos de seu amigo, nem se interessava pelos detalhes dos subornos e da violência.

— *Hummmm*... Sempre pensei na melhor forma de ajudá-lo a ser um grande governante.

Shaddam ficou em pé e olhou para o homem com cara de doninha que se erguia a um metro do trono. Fenring decidiu não retroceder nem um passo mais. O que ele sabe? Que notícia lhe deram?

— Nunca faria nada para prejudicá-lo, velho amigo. Faz muito tempo que, *hummmm*, nos conhecemos. — levou a mão ao coração, ao estilo do Império —. Sei como pensa e o conheço... sem limitações, *hummmm*? De fato é muito brilhante. O problema é que demora a tomar decisões difíceis, embora necessárias.

Shaddam se aproximou e lhe disse:

— Tenho que tomar uma decisão difícil, Hasimir, e depende do resultado de suas maquinações.

Fenring esperou, temeroso das idéias mau aconselhadas que o príncipe herdeiro pudesse ter, mas não se atreveu a discutir.

— Saiba disto: não vou perdoar sua conduta deplorável. Se esta cadeia de subornos se voltar contra nós, minha mão não vacilará quando assinar sua sentença de morte por traição.

Fenring empalideceu, e sua expressão estupefata satisfez o príncipe.

Tendo em conta o volúvel ânimo de seu amigo, Fenring tinha certeza de que seria capaz de assinar a ordem. Apertou as mandíbulas e decidiu pôr fim àquela loucura.

— O que disse a respeito de nossa amizade é certo, Shaddam. —

Mediu suas palavras —. Mas eu teria sido um louco de não ter tomado certas precauções para revelar sua implicação em certas... *hummmm*, como posso dizer... aventuras. Se algo me ocorrer, tudo virá à luz: a causa da morte de seu pai, as atividades relacionadas com a especiaria artificial em IX, até o assassinato de Fafnir quando éramos adolescente. Se eu não tivesse envenenado seu irmão, agora ele estaria sentado no trono. Você e eu estamos juntos. Progredimos... ou caímos.

Shaddam não pareceu surpreso.

— Ah, sim. Muito previsível, Hasimir. Sempre me avisou que não se deve ser previsível.

Fenring teve o cuidado de parecer envergonhado. Guardou silêncio.

— Foi você que me enredou em um plano que ninguém sabe se algum dia obteremos algo tangível. — Os olhos de Shaddam cintilaram —.

Especiaria sintética, nada menos! Oxalá nunca tivesse me envolvido com os Tleilaxu. E agora posso sofrer as desagradáveis conseqüências desta conspiração. Veja onde seu plano nos levou?

— *Hummmm*, não discutirei com você, Shaddam. Mas conhece os riscos do projeto, e os enormes lucros potenciais. Precisa ter paciência.

— Paciência? Neste momento vejo apenas duas possibilidades —

sentou-se de novo no trono —. Como você disse, ou serei coroado, e você e eu chegaremos ao topo, ou cairemos juntos, para o exílio ou a morte. —

Suspirou —. Assim, corremos um perigo mortal, tudo por culpa de sua maldita conspiração da especiaria.

Fenring recorreu a sua última e desesperada idéia, enquanto seus grandes olhos se moviam de um lado para outro em busca de uma escapatória.

— Você recebeu uma notícia ruim, senhor. Me diga o que aconteceu.

No palácio imperial aconteciam poucas coisas sem que Fenring fossse informado imediatamente.

Shaddam cruzou as mãos. Fenring se inclinou para frente, com os olhos atentos. O príncipe herdeiro suspirou, resignado.

— Os Tleilaxu enviaram dois assassinos para matar Leto em sua cela.

Fenring se sobressaltou e perguntou se a notícia era boa ou ruim.

— Conseguiram?

— Não, não. Nosso jovem duque se defendeu com êxito. Mas isto me causa uma grande preocupação.

Fenring se encolheu, surpreso com a notícia.

— Mas isso é uma loucura. Pensei que já tinha falado com nosso contato Tleilaxu e ordenado que...

— Eu o fiz — interrompeu Shaddam —, mas ao que parece você não é o único que se zomba de minhas ordens. Ou Ajidica ignorou minhas instruções, ou não controla mais os seus.

Fenring grunhiu, aliviado por ter desviado a ira do príncipe.

— Temos que responder com firmeza. Faça Hidar Fen Ajidica saber que deve obedecer as ordens do imperador rapidamente, ou o castigo será implacável.

Shaddam olhou para ele mostrando cautela, já não tão franco e cordial como antes.

— Você sabe muito bem o que deve fazer, Hasimir.

Fenring aproveitou a oportunidade de congraçar-se com o príncipe.

— Sempre sei, senhor. — E se afastou pela sala de audiências.

Shaddam passeou em frente ao trono, afim de se acalmar e ordenar os pensamentos. Quando Fenring chegou à arcada, de repente o príncipe gritou:

— Nossas diferenças não acabam aqui, Hasimir. As coisas mudarão depois que eu for coroado.

— Sim, senhor. Deve fazer... *hummmm*, o que considera apropriado.

Fenring fez uma reverência e abandonou a sala, contente por sair com vida.

Quando é preciso realizar determinadas ações, sempre existem alternativas. O importante é cumprir a missão.

Conde Hasimir Fenring,

Embaixador em Arrakis.

O piloto Tleilaxu que tinha sobrevivido ao ataque dentro do Cruzeiro era uma testemunha material do julgamento, e portanto se viu obrigado a permanecer em Kaitain. Não era um prisioneiro, e se ocupavam de suas necessidades, embora ninguém procurasse sua companhia. Os Bene Tleilax nem sequer tinham revelado seu nome. O homem queria voltar ao trabalho, voltar para a nave.

Entretanto, devido ao grande número de convidados que chegavam para assistir à cerimônia de coroação e ao casamento imperial, era difícil de acomodá-lo. Os encarregados de protocolo de Shaddam, secretamente satisfeitos, só puderam lhe oferecer uma pequena e austera habitação.

O piloto não pareceu se importar, o que irritou os encarregados de protocolo. Não se queixou de nada enquanto esperava para dar seu testemunho a justiça e condenar assim o abominável Leto Atreides.

As noites de Kaitain eram perfeitas, claras e cheias de estrelas e luas.

A escuridão nunca era total, mas atenuada por sucessivas auroras. Mesmo assim, quase toda a capital dormia durante certas horas.

Hasimir Fenring se introduziu com facilidade na habitação do Tleilaxu. movia-se

silenciosamente e não utilizava iluminação alguma.

Estava acostumado com a noite: ela era sua amiga.

Fenring nunca tinha visto um Tleilaxu adormecido, mas quando se aproximou da cama, descobriu que o piloto estava desperto, completamente acordado. O homem de pele cinza olhou para ele na escuridão como se pudesse ver melhor ainda que o assassino de Shaddam.

— Tenho uma pistola maula apontada para seu peito — disse o Tleilaxu —. Quem é você? Veio me matar?

— *Hummmm*, não. — Fenring se recuperou imediatamente —. Sou Hasimir Fenring, companheiro inseparável do príncipe herdeiro Shaddam, e trago uma mensagem e um pedido.

— Quais são? — perguntou o piloto.

— O príncipe herdeiro Shaddam lhe pede que reconsidere os detalhes do seu testemunho, *hummmm*? Deseja que a paz reine entre as Casas do Landsraad, e não quer que uma sombra assim caia sobre a Casa Atreides, cujos membros serviram aos imperadores Padishah desde a época de nossa Grande Revolução.

— Besteira — replicou o Tleilaxu —. Leto Atreides disparou contra nossas naves, destruiu uma e danificou a minha. Há centenas de mortos.

provocou a pior tormenta política dos últimos tempos.

— Claro, claro! — disse Fenring —. E vocês podem impedir que se propague mais, *hummmm*? Shaddam deseja começar seu reinado com paz e prosperidade. É incapaz de pensar em termos mais amplos?

— Só penso em meu povo, e na punição para o homem que acabou com eles. Todo mundo sabe que o Atreides é culpado. Ele tem que pagar por seus atos. Só então nos sentiremos vingados. — Sorriu com seus lábios magros. A pistola não se desviou nem um milímetro. Fenring compreendeu por que aquele homem havia alcançado a patente de piloto. Estava claro que tinha coragem suficiente —. Depois, Shaddam terá um reinado tão tranqüilo quanto desejar.

— Isso me entristece — disse Fenring em tom de decepção —.

Transmitirei sua resposta ao príncipe herdeiro.

Cruzou os braços e fez uma reverência de despedida, ao mesmo tempo em que estendia as palmas para frente. O movimento disparou duas pistolas maula presas em seus punhos, e dois dardos mortíferos se cravaram na garganta do piloto.

O Tleilaxu apertou instintivamente o gatilho da pistola, mas Fenring se esquivou agilmente das setas que se cravaram na parede e vibraram por alguns segundos. O ocupante da habitação ao lado esmurrou a parede para exigir silêncio.

Fenring estudou sua obra. Todas as provas se encontravam na habitação, e os Bene Tleilax compreenderiam o significado daquilo: depois da revoltante tentativa de assassinato de Leto Atreides, desobedecendo as ordens de Shaddam, Hidar Fen Ajidica tinha que tomar cuidado.

Os Tleilaxu se orgulhavam de sua capacidade para guardar segredos.

Não havia dúvida de que eliminariam discretamente o nome do piloto da lista de testemunhas, e não voltariam a mencioná-lo. E desse modo suas alegações teriam menos peso.

Não obstante, Fenring confiava que este assassinato não aumentasse ainda mais o desejo de vingança do homenzinho. Como reagiria Hidar Fen Ajidica?

Fenring saiu da habitação e se fundiu com as sombras. Deixou o corpo, para o caso de os Bene Tleilax desejarem ressuscitá-lo como *ghola*.

Afinal, devia ter sido um bom piloto.

Ao tramar qualquer ato de vingança, é conveniente saborear os preparativos e todos os seus momentos, pois acontece com freqüência que a forma de execução é muito diferente da pensada a princípio.

Hasimir Fenring.

Despacho de Arrakis.

O barão Vladimir Harkonnen não podia sentir-se mais satisfeito com o rumo que os acontecimentos tinham tomado. Teria ficado ainda mais satisfeito se o resto

do Império pudesse apreciar as deliciosas complexidades do seu plano, mas jamais poderia revelá-las.

Por ser uma Casa importante, os atuais administradores da produção de especiaria em Arrakis, os Harkonnen foram alojados em luxuosas habitações de uma asa isolada do palácio. Já tinham recebido os passes para a coroação e casamento.

Entretanto, antes de toda a pompa e cerimônia, o barão teria o triste dever de presenciar o terrível julgamento de Leto Atreides. Agitou os dedos sobre sua perna e umedeceu os lábios grossos. Ai, a carga da nobreza.

Estava sentado em uma macia poltrona anil, e embalava uma esfera em seu regaço. No interior da bola transparente brilhavam holoimagens de jogos artificiais e exibições luminosas, prévias dos festejos que Kaitain viveria dentro de alguns dias. Em um canto da estadia, uma chaminé musical emitia notas suaves e calmantes. Nos últimos tempos se sentia cansado com freqüência, notava o corpo fraco e tremulo.

— Quero que abandone o planeta — disse o barão a Glossu Rabban sem parar de olhar para a esfera de cristal —. Não o quero aqui durante o julgamento e coroação.

O homem de ombros largos se irritou. Cortara o cabelo muito curto, sem elegância, para sua aparição em público, e usava um colete de pele almofadado que lhe dava ainda mais aspecto de barril.

— Por quê? Fiz tudo o que me pediu, e nossos planos foram coroados de êxito. Por que me manda embora agora?

— Porque não o quero aqui — disse o barão —. Não posso permitir que alguém o veja e pense que teve algo a ver com a situação do pobre Leto. Seu aspecto é muito... maligno.

O sobrinho do barão franziu o sobrecenho, ainda desafiador.

— Mas quero olhar nos olhos dele quando ouvir sua sentença.

— Por isso deve partir. Não entende? Isso o delatará.

Rabban grunhiu e se rendeu.

— Posso assistir à execução, ao menos? — Parecia a ponto de chorar.

— Depende de quando ela acontecer. — O barão olhou para os dedos cheios de anéis e repicou com eles sobre a suave superfície da esfera.

— Não se preocupe, garantirei que o acontecimento seja gravado para seu prazer.

O barão se levantou da poltrona com esforço e rodeou o cinturão de sua bata. Suspirou e passeou pela habitação descalço. Viu a banheira trabalhada, com seus complicados controles de massagem e temperatura.

Como seu corpo continuava atormentado por dores misteriosas, decidiu tomar um longo e sibarítico banho.

Rabban, ainda aborrecido, continuou imóvel na soleira dos opulentos aposentos do barão.

— O que devo fazer, tio?

— Pegue o primeiro Cruzeiro disponível. Quero que vá para Arrakis e vigie a produção de especiaria. Que os lucros não parem de aumentar. —

Sorriu e moveu os dedos para se despedir do seu sobrinho —. Não faça essa cara. Divirta-se caçando alguns Fremen. Já fez sua parte nesta conspiração, e muito bem, por certo. — Sua voz soou consoladora —. Mas temos que ser cautelosos. Sobretudo agora. Preste atenção ao que faço e trate de aprender disso.

Rabban assentiu e partiu. Sozinho por fim, o barão começou a pensar na forma de localizar algum jovenzinho de pele suave que o atendesse no banheiro. Queria estar completamente relaxado e preparado para o dia seguinte.

Amanhã não teria nada melhor que fazer além de observar e saborear o acontecimento, quando o jovem Leto se encontrasse apanhado em mais armadilhas do que podia imaginar.

Logo a Casa Atreides deixaria de existir.

O que é mais importante, a forma que a justiça adota ou o resultado? Por mais que o tribunal diseccione as provas, os alicerces da verdade permanecem incólumes. Infelizmente para muitos acusados, com freqüência só a vítima e o perpetrador conhecem a verdade genuína.

Todos os outros têm que tomar sua própria decisão.

Lei do Landsraad,

condições e análises.

Na manhã do julgamento. Leto Atreides se distraiu escolhendo seu traje. Outros, na mesma situação, teriam usado seus objetos mais caros, camisas de seda *mehr*, colares e pulseiras, junto com capas forradas de pele de baleia e elegantes chapéus adornados com plumas e lantejoulas.

Em vez disso, Leto se decidiu por calças simples, uma camisa de riscas azuis e brancas e uma boina de pescador, a vestimenta simples que deveria usar se fosse condenado. De seu cinturão pendia uma bolsa com iscas de pesca e a bainha vazia de uma faca. Um plebeu comum, que seria.

Com esta atitude, Leto proclamava ao Landsraad que sobreviveria, qualquer que fosse o resultado do julgamento. As coisas simples lhe bastariam.

Seguindo o exemplo de seu pai, sempre havia tentado tratar bem a seus leais, até o extremo de muitos soldados e criados o considerarem um dos seus, um camarada. Agora, enquanto se vestia, começou a pensar em si mesmo como um homem simples, e descobriu que a sensação não o desagradava. Fazia que compreendesse o tremendo peso da responsabilidade que recaía sobre seus ombros desde a morte do velho duque.

Ser um humilde pescador significaria um alívio em certo sentido. Já não teria que se preocupar com conspirações, alianças instáveis e traições.

Pena que Kailea nunca aceitaria ser mulher de um pescador.

Além disso, não posso decepcionar meu povo.

Em uma breve carta enviada de Caladan, sua mãe tinha expressado seu desacordo com o Julgamento de Confisco. Para ela, a perda de posição social

relacionada com a destruição da Casa Atreides seria um golpe mortal, embora agora (de forma transitiva, imaginava ela) vivesse com austeridade entre as irmãs do Isolamento.

Devido à decadência da Casa Richese, Helena tinha contraído matrimônio com um membro da Casa Atreides, afim de equilibrar a cambaleante fortuna de sua família depois que o imperador Elrood retirara o semifeudo de Arrakis e o concedera aos Harkonnen.

Como dote de Helena, a Casa Atreides tinha recebido poder político, uma diretoria na CHOAM e o direito a voto no Landsraad. Mas o duque Paulus nunca tinha proporcionado a sua mulher a fabulosa fortuna que ela desejava, e Leto sabia que sua mãe ainda abrigava esperanças de recuperar as glórias passadas de sua família. Tudo isto seria impossível para ela se Leto perdesse o julgamento.

Depois de receber a citação de comparecimento no meio da amanhã, Leto se encontrou com seus assessores legais no corredor: duas brilhantes advogadas *elaccanas*, Clere Ruim e Liruda Viol, famosas por seus sucessos. Tinham sido recomendadas pelo embaixador ixiano no exílio, Cammar Pilru, e Thufir Hawat as interrogara minuciosamente.

As advogadas usavam trajes escuros e se ateriam aos formalismos legais, embora neste julgamento Leto sabia que tudo dependia dele.

Precisava de provas concretas a seu favor.

Clere Ruim entregou uma fina folha de cristal riduliano, que continha uma breve declaração.

— Perdoe-me, lorde Leto. Isto acaba de chegar faz alguns momentos.

Leto, assustado, leu as palavras. A seu lado, os ombros de Hawat se nublaram, como se tivesse adivinhado o conteúdo do documento. Rhombur se aproximou para tentar ler as gravuras do cristal.

— O que é, Leto? Deixe vê-lo.

— O tribunal decidiu que nenhuma Reveladora da Verdade Bene Gesserit pode falar em meu nome. Tal testemunho não será considerado.

Rhombur explodiu de indignação.

— Infernos carmesins! Mas se tudo é plausível em um Julgamento de Confisco! Não podem fazer isso.

A outra advogada *elaccana* meneou a cabeça, inexpressiva.

— Adotaram a postura de que as demais leis imperiais atuam em seu contrário. Numerosas normas proíbem expressamente o testemunho das Reveladoras da Verdade. Talvez os requisitos das provas sejam flexíveis em um procedimento como este, os magistrados decidiram que essa flexibilidade não as inclui.

— Assim... adeus Reveladoras da Verdade. — Rhombur franziu o sobrecenho —. Era nossa maior esperança.

Leto ergueu a cabeça.

— Nesse caso teremos que fazê-lo sem ajuda. — Olhou para seu amigo —. Venha, quase sempre é você o que me transmite otimismo.

— Um elemento positivo — atravessou Bruda Viol — é que os Tleilaxu eliminaram o piloto sobrevivente da lista de testemunhas. Não deram explicações.

Leto exalou um suspiro de alívio, mas Hawat disse:

— Mesmo assim restam muitos testemunhos acusadores, meu duque.

A seguir se dirigiram para a lotada sala do tribunal do Landsraad. A advogada Ruim se sentou no final da longa mesa da defesa, diante do alto estrado dos magistrados. Sussurrou algo ao ouvido de Leto, mas este estava lendo os nomes dos magistrados designados: sete duques, barões, condes e senhores escolhidos aleatoriamente entre as Grandes e Pequenas Casa do Landsraad.

Esses homens decidiriam sua sorte.

Como os Tleilaxu não pertenciam a nenhuma Casa real e tinham sido expulsos do Landsraad depois da queda de IX, não estavam representados.

Nos dias anteriores ao julgamento, indignados dignitários Bene Tleilax tinham

exigido justiça nos pátios do palácio, mas depois do atentado contra a vida de Leto, guardas Sardaukar os tinham dispersado.

Os magistrados entraram solenemente na sala. Tomaram assento no estrado curvo de madeira maciça que se abatia sobre a mesa da defesa. As bandeiras e emblemas de suas Casas pendiam atrás de cada cadeira.

Leto, que tinha sido informado por suas advogadas e Hawat, reconheceram a todos. Dois magistrados, o barão Terkillian Irma de Anbus IV e lorde Bain Ou'Garce de Hagal, tinham sido fiéis aliados econômicos da Casa Atreides. Um, o duque Pard Vidal de Ecaz, era um inimigo jurado do velho duque e aliado dos Harkonnen. Outro, o conde Antón Recheie, tinha fama de aceitar subornos, o que o transformava em presa fácil dos Harkonnen.

Empate, pensou Leto. Os outros três magistrados podiam decidir-se por qualquer dos lados, mas sentiu o cheiro da traição no ar. Viu-o nas expressões dos magistrados, na forma em que evitavam olhá-lo nos olhos.

Já se decidiram me condenar, perguntou-se.

— Temos más notícias, duque Leto — disse Bruda Viol. Seu rosto era quadrado e severo, desprovido de paixão, como se tivesse visto tantas injustiças que nada a impressionava —. Acabamos de descobrir que um dos três magistrados indecisos. Rincon de Casa Fazcel, perdeu uma imensa fortuna nas mãos de IX em uma guerra comercial relacionada com as minas dos asteróides do sistema Klytemn. Há cinco anos os conselheiros de Rincon o impediram de declarar uma guerra feudal contra Dominic Vernius.

A outra advogada assentiu e baixou a voz.

— Chegou a nossos ouvidos o rumor de que Rincon considera sua queda a única oportunidade de apropriar-se de IX, agora que a Casa Vernius se declarou renegada.

Um fio de suor frio correu pelas costas de Leto.

— Este julgamento tem alguma relação com o que ocorreu realmente no Cruzeiro? — ironizou amargurado.

Tanto Bruda Viol como Clere Ruim olharam para ele desconcertadas.

— Três a dois, meu duque — disse Hawat —. Portanto, temos que ganhar nos dois juízes indecisos e não perder nenhum dos poucos apoios que conseguimos.

— Tudo sairá bem — disse Rhombur.

A sala do tribunal, blindada e sem janelas, tinha sido em outros tempos chancelaria ducal durante as obras de construção de Kaitain. Seu teto gótico abobadado estava adornado com afrescos de tema militar e os emblemas e escudos das Grandes Casas. Leto se concentrou no falcão vermelho dos Atreides. Embora tentasse conservar a calma, uma terrível sensação de perda o invadiu, um desejo do que nunca voltaria a existir. Em pouco tempo tinha perdido tudo que seu pai deixara, e a Casa Atreides se encontrava a beira da ruína.

Quando sentiu que as lágrimas brotavam em seus olhos, amaldiçoou-se por sua fraqueza momentânea. Nem tudo estava perdido. Ainda podia ganhar. Ganharia! Apertou os lábios e rechaçou a onda de desespero. O

Landsraad estava observando-o e tinha que ser forte o bastante para enfrentar tudo que o esperava. Não podia entregar-se ao desespero, nem a nenhuma outra emoção.

Os observadores enchiam a sala e discutiam exaltados. Duas mesas flanqueavam a mesa da defesa. Seus acusadores sentaram-se à mesa da esquerda: representantes designados pelos Tleilaxu, talvez patrocinados pelos Harkonnen e outros inimigos dos Atreides. O odiado barão e seu séquito se acomodaram na tribuna dos espectadores. Na outra mesa se sentavam os aliados e amigos dos Atreides. Leto saudou cada um com um sorriso de confiança.

Mas seus pensamentos não eram tão audazes, pois devia admitir que seu caso tinha poucas chances de sucesso. Os fiscais apresentariam a prova das armas disparadas da nave Atreides, dúzias de testemunhas neutras convencidas de que os disparos não podiam ter vindo de outra nave. Até sem o testemunho do piloto Tleilaxu, bastaria o de outros observadores. O

testemunho de seus companheiros e da tripulação não seria suficiente, nem o dos numerosos amigos da família que atestariam sua firmeza moral.

— Talvez a proscrição das Reveladoras da Verdade nos permita para uma apelação — sugeriu Clere , mas isso não consolou Leto.

De repente, por um corredor lateral, os Tleilaxu chegaram com seus *Mentats* pervertidos. Chegaram com a mínima pompa, mas com o estrépito de um veículo com aspecto diabólico. Rodava sobre rodas engripadas, acompanhado do ruído de engrenagens. Fez-se silêncio na sala e os espectadores esticaram o pescoço para contemplar o engenho mais aterrador que tinham visto em sua vida.

Com certeza fazem isso de propósito, pensou Leto, para me deixar mais nervoso.

Os Tleilaxu passaram com seu veículo detestável diante da mesa da defesa e olharam para Leto com olhos escuros e ferozes. O público começou a murmurar. Continuando, o cortejo Tleilaxu se deteve sob o estrado dos juízes.

— O que significa isso? — exclamou um dos magistrados, o barão Terkillian, e se inclinou para frente com o sobrecenho franzido.

O líder dos Tleilaxu dirigiu um olhar de ódio a Leto e se voltou para o magistrado.

— Excelências, nos anais da jurisprudência imperial os Julgamentos de Confisco são escassos, mas a lei é inequívoca: “Se a defesa do acusado é desprezada, este perderá todas as suas posses, sem exceção.” Todas.

— Sei. — Terkillian Irmã continuava áspero —. Que relação tem isso com este artefato?

O porta-voz Tleilaxu respirou fundo.

— Pretendemos reclamar não só as posses da Casa Atreides, mas também a pessoa do odioso criminoso Leto Atreides, incluído suas células e seu material genético.

O público soltou um murmúrio de surpresa, e os ajudantes Tleilaxu manipularam os controles da máquina. Folhas de serra começaram a girar, e arcos elétricos saltaram de uma agulha longa a outra. Aquele artefato era atroz e exagerado, sem dúvida de propósito.

— Com este engenho sangraremos o duque Leto Atreides nesta sala, até a última gota. Nós o esfolaremos, e arrancaremos seus olhos para usá-

los em nossas análises e experimentos. Todas as suas células serão nossas, para

os propósitos que decidirmos. — Inspirou pelo nariz —. Estamos em nosso direito!

Leto permaneceu imóvel, com um esforço desesperado por ocultar sua angústia. Um suor frio desceu por suas costas. Queria que seus advogados dissessem algo, mas guardaram silêncio.

— Talvez o acusado descubra alguma vantagem em seu destino —

sugeriu o Tleilaxu com um sorriso perverso —, já que não tem herdeiro: com suas células temos a opção de ressuscitá-lo como um *ghola*.

Para obedecer todas as suas ordens, pensou Leto, horrorizado.

Rhombur lançou um olhar desafiante aos Tleilaxu da mesa da defesa, enquanto Hawat continuava sentado a seu lado como uma estátua. As duas advogadas tomavam notas.

— Acabemos com esta palhaçada — trovejou lorde Bain Ou'Garee

—. Decidiremos esta questão mais tarde. Comecemos o julgamento. Quero escutar o que o Atreides tem a dizer em sua defesa.

Leto compreendeu que estava perdido, mas procurou não demonstrar. Todos os presentes na sala sabiam que odiava os Tleilaxu e conheciam seu apoio à família ixiana exilada. Podia chamar testemunhas que atestassem sua retidão moral, mas ninguém o conhecia realmente. Era jovem e inexperiente, empurrado pela tragédia ao papel de duque. A única vez que os membros do Landsraad tinham visto Leto fora quando tinha falado ao Conselho dando mostras de seu temperamento impetuoso.

Saltaram faíscas da máquina de dissecação dos Tleilaxu, como uma besta faminta e impaciente. Leto teve certeza que não haveria apelação.

Antes que chamassem a primeira testemunha, as enormes portas de latão esculpidas se abriram de súbito e golpearam as paredes. Um murmúrio percorreu a sala e Leto ouviu o ressoar de botas com saltos de metal sobre o chão de marmorita.

Voltou a cabeça e viu o príncipe herdeiro Shaddam, vestido com peles púrpuras e

douradas, em vez de seu habitual uniforme Sardaukar.

Seguido por uma escolta de elite, o futuro imperador avançou decidido e prendeu a atenção de todos. Quatro homens armados até os dentes escrutinaram o público, preparados para usar a violência ante qualquer manifestação.

Um Julgamento de Confisco já era bastante insólito no tribunal do Landsraad, mas a aparição do futuro imperador Padishah não tinha precedentes.

Shaddam passou junho a Leto sem olhar para ele. Os Sardaukar tomaram posições atrás da mesa da defesa, o que aumentou a inquietação de Leto.

O rosto de Shaddam era impenetrável, e seu lábio superior se agitava levemente. Era impossível saber suas intenções. A mensagem o ofendera?, perguntou-se Leto. Ou pensa em aceitar meu blefe? Vai me esmagar diante de todo o Landsraad? Quem me defenderia se o fizesse?

Shaddam chegou em frente ao estrado e ergueu a vista.

— Antes que o julgamento comece — anunciou —, quero fazer uma declaração. O tribunal me permite?

Embora Leto não confiasse em seu primo longínquo, teve que admitir que o porte de Shaddam era majestoso e elegante. Pela primeira vez viu aquele homem como uma verdadeira presença por direito próprio, não só a sombra de seu pai, o velho Elrood. A coroação de Shaddam seria celebrada dentro de dois dias, seguida de suas bodas com Anirul, acontecimentos que talvez Leto não viveria para ver. A poderosa Bene Gesserit tinha dado seu apoio ao iminente reinado de Shaddam, e todas as Grandes e Pequenas Casas queriam estar a seu lado.

Sente-se ameaçado por mim?, pensou.

O presidente do tribunal assentiu efusivamente.

— Senhor, seu interesse no caso nos honra. É obvio que este tribunal o escutará. — Leto conhecia só os dados históricos sobre aquele magistrado, o barão Lareira Olin, do planeta Risp Vil, rico em titânio —.

Rogo que fale.

— Com a permissão da corte — disse Shaddam —, eu gostaria que meu primo Leto Atreides se colocasse a meu lado. Preciso comentar sobre estas acusações maliciosas e espero evitar que o tribunal desperdice o valioso tempo dos seus membros.

Leto, estupefato, olhou para Hawat. O que está havendo? “Primo”?

Da maneira como dissera, soou como uma palavra carinhosa... mas ele e eu nunca fomos amigos. Leto era o simples neto de uma das esposas de Elrood, a segunda, nem sequer da mãe de Shaddam, A árvore genealógica Corrino se estendia entre as Casas do Landsraad. Qualquer relação consangüínea significaria pouco para Shaddam.

O magistrado assentiu. As advogadas de Leto estavam perplexas, sem saber como reagir. Leto ficou em pé com cautela e avançou para o príncipe herdeiro com os joelhos trêmulos. Deteve-se a um passo dele.

Embora tivessem peso e traços faciais similares, estavam vestidos de forma muito diferente, exemplificando os dois extremos sociais. Com sua tosca indumentária de pescador, Leto se sentiu como uma bolinha de pó em meio de um furacão.

Fez uma reverência, mas Shaddam salvou o abismo entre ambos, apoiando uma mão no ombro de Leto. O imaculado manto do príncipe herdeiro se derramou como uma cascata sobre o braço do jovem Atreides.

— Falo do coração da Casa Corrino, o sangue dos imperadores Padishah — começou Shaddam —, com as vozes solidárias de todos os meus antepassados que se relacionaram com a Casa Atreides. O pai deste homem, o duque Paulus Atreides, lutou corajosamente pela causa imperial contra os rebeldes de Ecaz. Nem na batalha nem assediada pelos maiores perigos a Casa Atreides cometeu, que eu saiba, a menor traição nem ato desonroso, até remontar a seu heroísmo e sacrifício na ponte do Hrethgir, durante a Jihad Butleriana. Jamais foram assassinos covardes. Eu os desafio a provarem o contrário.

Entreabriu os olhos, e os magistrados afastaram a vista, incômodos.

Shaddam passeou a vista de magistrado em magistrado.

— Quem dos senhores, conhecedores das histórias de suas Casas, pode dizer o

mesmo? Quem exibiu a mesma lealdade, a mesma honra sem mácula? Poucos de nós, para falar a verdade, podemos nos comparar com a Casa Atreides. — Fez uma pausa significativa, só interrompida por uma aguda descarga de estática procedente da ameaçadora máquina de dissecação Tleilaxu —. E por isso estamos aqui hoje, não é assim, cavaleiros? Pela verdade e pela honra.

Alguns magistrados assentiram, porque era o que se esperava deles, mas pareciam perplexos. Os líderes imperiais nunca apareciam nos tribunais do Landsraad. Por que Shaddam se envolvia em um assunto de relativa importância?

Ele leu minha mensagem!, compreendeu Leto. E esta é sua resposta.

De qualquer modo, esperava que alguma armadilha aparecesse de um momento para outro. Não entendia em que se colocara, mas a intenção de Shaddam não podia ser unicamente de resgatá-lo. De todas as Grandes Casas do Landsraad, a do Corrino era a mais tortuosa.

— A Casa Atreides sempre seguiu o caminho reto — continuou Shaddam, e ergueu um pouco mais sua voz majestosa —. Sempre! O jovem Atreides foi educado neste código ético familiar, e se viu obrigado a ocupar seu cargo antes do tempo devido a morte absurda de seu nobre pai.

Shaddam avançou um passo.

— Na minha opinião, é impossível que este homem disparasse contra as naves Tleilaxu. Tal ato seria contrário às crenças e princípios da Casa Atreides. As provas que demonstrem o contrário devem ser falsas.

Minhas Reveladoras da Verdade me confirmaram isso depois de falar com Leto e suas testemunhas.

Ele está mentindo, pensou Leto. Eu não falei com nenhuma Reveladora da Verdade!

— Mas, alteza real — disse o magistrado Prad Vidal, com o sobrecenho franzido —, os canhões de sua nave mostravam sinais de ter sido disparados, está insinuando que as naves Tleilaxu sofreram danos por causa de um acidente? Uma loucura! Coincidência?

Shaddam deu de ombros.

— Pelo que me diz respeito, o duque Leto explicou suas circunstâncias plenamente. Eu também voei em uma nave de combate para praticar. O resto da investigação não é concludente. Talvez tenha sido um acidente, sim, não provocado pelos Atreides. Pode ter sido causado por uma falha mecânica.

— Nas duas naves Tleilaxu? — perguntou Vidal.

Leto ficou sem fala. Shaddam estava a ponto de iniciar seu reinado.

Se o imperador utilizava sua influência a favor de Leto, que representante iria contrariar a coroa? As repercussões podiam ser graves e duradouras.

Tudo é uma questão de política, jogos do poder do Landsraad, troca de favores, pensou Leto, e se esforçou por oferecer uma aparência serena.

Nada disto tem relação com a verdade. Agora que o príncipe herdeiro tinha deixado clara sua postura, qualquer magistrado que votasse para condenar Leto desafiaria de forma aberta o novo imperador. Nem sequer os inimigos da Casa Atreides ousariam correr o risco.

— Quem sabe? — respondeu Shaddam, com um gesto que equivalia a desprezar a questão por ser irrelevante —. Talvez restos da primeira explosão acidental alcançaram à outra nave.

Ninguém engoliu essa explicação nem por um momento, mas o príncipe herdeiro lhes oferecia uma saída, uma plataforma sobre a qual pousar.

Os magistrados conferenciaram em voz baixa entre eles. Alguns admitiram que o raciocínio de Shaddam era plausível, mas Vidal não estava entre eles. O suor molhava sua testa.

Leto viu que o porta-voz Tleilaxu meneava a cabeça, manifestando em silêncio sua frustração. Parecia um menino aborrecido.

O príncipe herdeiro continuou.

— Estou aqui, por meu direito e dever de comandante supremo, para interceder por meu primo, o duque Leto Atreides. Solicito que anulem este julgamento e

lhe devolvam seus títulos e propriedades. Se atenderem este...

pedido, prometo enviar uma delegação de diplomatas imperiais para convencer os Tleilaxu a esquecerem o assunto e não se vingar dos Atreides em nenhum sentido.

Shaddam olhou fixamente para os Tleilaxu, e Leto teve a impressão de que o imperador também tinha o anão contra as cordas. Ao ver que Shaddam apoiava a Casa Atreides, sua arrogância ruiu.

— E se os querelantes não concordarem? — perguntou Vidal.

Shaddam sorriu.

— Oh, eles concordarão. Estou disposto a abrir as arcas imperiais para oferecer uma compensação generosa pelo que sem dúvida foi um desgraçado acidente. É meu dever manter a paz e a estabilidade do Império.

Não posso permitir que esta inimizade destrua o que meu querido pai forjou durante seu longo reinado.

Leto captou o olhar de Shaddam e detectou um brilho de medo sob sua pátina de fanfarronice. Shaddam o advertiu com um gesto que se mantivesse em silêncio, o que avivou ainda mais a curiosidade do duque pelos alarmes que seu blefe tinha disparado.

Em conseqüência, calou, mas Shaddam o deixaria viver depois disso, sem saber que provas possuía contra ele?

Depois de um breve conciliábulo entre seus colegas, o barão Lareira Olin pigarreou e anunciou:

— Este tribunal decide que todas as provas contra Leto Atreides são circunstanciais. Tendo em conta dúvidas tão extremas, não existem motivos suficientes para realizar um julgamento de conseqüências tão graves, sobretudo a luz do testemunho do príncipe herdeiro Shaddam. Portanto, declaramos Leto Atreides inocente e lhe devolvemos seu título e suas propriedades.

Leto, assombrado, recebeu a felicitação do futuro imperador, e depois foi rodeado por seus amigos e partidários. Todos estavam encantados, mas apesar de

sua juventude Leto não era ingênuo: sabia que muitos estavam contentes apenas pela derrota dos Tleilaxu.

Os assistentes prorromperam em vivas e aplausos, com exceção de uns poucos que guardaram silêncio. Leto se fixou neles, com a segurança de que Thufir Hawat fazia o mesmo.

— Leto, tenho que fazer algo mais — disse Shaddam, interrompendo o clamor.

E a seguir extraiu de sua manga uma faca com o punho cravejada de jóias, de uma cor verde-azulada translúcida, como quartzo de Hagal do trono imperial. Shaddam se aproximou do Leto com rapidez e todos emudeceram. Thufir Hawat ficou em pé de um salto, muito tarde.

Então, com um sorriso, Shaddam deslizou a faca na bainha vazia de Leto.

— Receba meus parabéns, primo — disse —. Receba esta faca em reconhecimento aos serviços que me prestou.

Fazemos o que é preciso. Malditas sejam a amizade e a lealdade.

Fazemos o que é preciso!

Diário pessoal de Lady Helena Atreides.

Hasimir Fenring meditava em seus aposentos privados, perplexo.

Como Shaddam pode me fazer isto?

A cápsula de mensagem com o selo oficial imperial, o leão de cera da Casa Corrino, jazia aberta sobre a cama. Tinha quebrado em pedaços o decreto de Shaddam, mas não antes de memorizar cada palavra.

Um novo destino. Um castigo? Uma promoção?

“Hasimir Fenring, em reconhecimento a seus infatigáveis serviços ao Império e ao trono do imperador Padishah, destino-o pela presente a um cargo recém criado como Observador Imperial em Arrakis. Devido a importância vital deste planeta para a economia imperial, contará com todos os recursos necessários para executar sua missão. Blá, blá, blá.

Como pode? Que forma estúpida de desperdiçar o talento do *Mentat*.

Que vingança mesquinha enviá-lo a um poço de areia, cheio de vermes e gentinha. Estava irado e desejava comentar o assunto com a fascinante Margot Rashino Zea, em que confiava mais do que o aconselhável. Afinal, era uma bruxa Bene Gesserit ...

Devido à importância vital do planeta! Soprou, aborrecido, e depois se dedicou a quebrar tudo que estava ao alcance de suas mãos. Sabia que Shaddam o castigara em um arrebatamento de indignação. O novo cargo era um insulto para um homem com as aptidões de Fenring, e o expulsava do centro do poder imperial. Precisava estar aqui, em Kaitain, no olho do furacão da política, não perdido em um esquecido canto do espaço.

Mas ninguém podia questionar ou descumprir o decreto de Shaddam.

Fenring tinha trinta dias para apresentar-se naquele planeta árido.

Perguntou-se se retornaria algum dia.

Todas as pessoas estão contidas em um só indivíduo, assim como toda a eternidade em um momento, e todo o universo em um grão de areia.

Aforismo Fremen.

O dia da coroação e bodas de Shaddam IV chegara, um ambiente festivo reinava em todos os planetas do Império. Multidões jubilosas se dedicavam a beber, dançar, assistir a espetáculos esportivos e exibições de fogos artificiais. O velho Elrood tinha reinado durante tanto tempo, que poucos recordavam a última vez que um novo imperador tinha sido coroado.

Em Kaitain, a capital, as multidões se amontoavam ao longo das magníficas avenidas, junto ao caminho que seguiria a comitiva imperial.

Era um dia ensolarado, como de costume, e os vendedores estavam esgotando suas reservas de lembranças, objetos comemorativos e refrescos.

Bandeiras da Casa Corrino ondeavam na brisa. Para a ocasião, todos vestiam as cores escarlate e ouro. Guardas Sardaukar custodiavam o caminho, embelezados com objetos de brocado dourado sobre seus uniformes cinza e negro. Imóveis

como estátuas, sustentavam seus rifles laser, indiferentes à fanfarra e o bulício da multidão, preparados para reagir com presteza mortífera ante a menor insinuação de ameaça à presença imperial.

Quando o príncipe herdeiro e *lady* Anirul passaram em uma limusine puxada por seis leões dourados de Harmonthep, milhares de gargantas prorromperam em vivas. Os animais, cujas crinas magníficas se agitavam com a brisa suave, foram engalanados com jóias.

O aspecto de Anirul era suntuoso. Saudou e sorriu. Tinha renunciado a seu hábito Bene Gesserit e usava uma cascata de babados, pulseiras e colares de pérolas. O sol se refletia nos prismas e jóias incrustados em seu diadema. A seu lado, Shaddam parecia um verdadeiro imperador, com seu cabelo avermelhado e um uniforme transbordante de galões e medalhas.

Como o matrimônio do príncipe herdeiro não fazia presumir o menor favoritismo para nenhuma Casa, o Landsraad tinha aceito Anirul como consorte imperial, embora muitos tivessem questionado suas origens misteriosas e sua filiação à Bene Gesserit. Depois da morte de Elrood, seguida pela coroação e bodas, o Império estava imerso em muitas mudanças. Shaddam confiava em aproveitar-se dessas circunstâncias.

Com expressão paternal, jogou *Solaris* e pacotes de pó de gemas para a multidão, conforme a tradição imperial. O povo o amava. Estava rodeado de riqueza. Com um estalo de seus dedos, podia condenar à aniquilação planetas inteiros. Assim era como tinha imaginado a tarefa de imperador.

Os trompetistas emitiram sons jubilosos.

— Não vai se sentar comigo, Hasimir? — perguntou a loira esbelta, ao mesmo tempo em que lhe dirigia um sorriso coquete durante a recepção anterior a coroação.

Fenring não soube se Margot Rashino Zea havia impostado uma voz sensual ou era a sua própria. O *Mentat* segurava uma bandeja de canapés exóticos. Detectores de venenos flutuavam como mariposas sobre os convidados. A recepção se prolongaria durante horas e os convidados poderiam tomar quantos aperitivos desejassem.

A irmã Margot Rashino Zea era mais alta que Fenring, e se aproximava muito

dele quando falava. Seu vestido coral e negro realçava a deliciosa perfeição de seu corpo e rosto. Usava um colar de pérolas caladano e um broche incrustado de ouro e pedras preciosas. Sua pele recordava leite mesclado com mel.

Ao seu redor, no vestíbulo da galeria do Grande Teatro, nobres de ambos os sexos vestidos com elegância conversavam e bebiam excelentes vinhos em taças. O cristal tilintava quando as taças em brindes repetidos se chocavam. Ao fim de uma hora, os reunidos seriam testemunhas do duplo acontecimento que seria celebrado no cenário principal: a coroação do imperador Padishah Shaddam Corrino IV e seu enlace matrimonial com *lady* Anirul Sadow Tonkin, da Bene Gesserit.

Fenring assentiu com a cabeça e dedicou uma reverência a sua acompanhante.

— Seria uma honra para mim me sentar a seu lado, adorável Margot.

Sentaram-se no banco. Margot inspecionou os canapés que ele tinha escolhido e pegou um.

Era uma festa alegre, pensou Fenring, sem os murmúrios de descontentamento que tanto tinham envenenado o palácio durante os últimos meses. Estava satisfeito com seus esforços neste sentido. Cimentara as alianças chave, e as Casas Federadas já não falavam em rebelar-se contra Shaddam. As Bene Gesserit tinham dado apoio público à estirpe dos Corrino, e não havia dúvida que as bruxas continuavam com suas maquinações secretas em outras Grandes Casas. Fenring considerava curioso que muitos nobres que se mostraram suspeitos e contrários a ele já não se contassem entre os vivos, mais curioso ainda porque ele não era o responsável.

O julgamento de Leto Atreides tinha terminado graças à intervenção do imperador, e os únicos que não tinham ficado satisfeitos com o veredicto eram os Bene Tleilax. Shaddam e ele os sossegariam muito em breve. O grande mistério que intrigava Fenring era que ninguém parecia saber com exatidão o que tinha ocorrido a bordo do Cruzeiro da Corporação.

Quanto mais observava e considerava a estranha cadeia de acontecimentos, mais começava a acreditar na possibilidade de que alguém tivesse criado uma cilada para o jovem Leto... mas quem e como?

Nenhuma Casa se gabou disso, e como todos, quase sem exceção, tinha

acreditado na culpa do Atreides, nem sequer as línguas mais violentas tinham espalhado rumores.

Fenring desejava saber o que tinha ocorrido, mesmo que fosse para acrescentar o método a seu próprio repertório. Não obstante, em seu novo destino em Arrakis teria poucas chances de desvendar o segredo.

Antes de continuar sua agradável conversa com Margot, ouviu os gritos da multidão reunida no exterior e o ressoar de trompetes.

— Shaddam e o séquito imperial estão a ponto de chegar — disse ela ao mesmo tempo em que movia sua cabeleira loira —. É melhor ocuparmos nossos assentos.

Fenring sabia que a carruagem do príncipe estava a ponto de entrar nos terrenos do teatro e dos edifícios governamentais. Tentou dissimular sua decepção.

— Mas você estará na seção reservada às Bene Gesserit, querida. —

Olhou para ela com olhos cintilantes, enquanto molhava uma parte do faisão de Kaitain em uma terrina de molho de ameixas —. Você gostaria que eu vestisse um de seus hábitos e fingisse ser membro da Irmandade? —

Engoliu a carne, saboreando-a, ela faria aquilo para estar a seu lado, *hummmm*? Ela lhe deu alguns leves golpes no peito. — Não podem dizer que você não é o que aparenta, Hasimir Fenring.

Ele entreabriu seus enormes olhos.

— O que quer dizer?

— Quem vai dizer que você e eu temos muito em comum. —

Apoiou um de seus generosos seios contra o braço de Hasimir—.

Possivelmente seja conveniente formalizarmos esta aliança que estamos criando.

Fenring passeou a vista em redor, para ver se alguém estava escutando. Os espiões o aborreciam. Depois se aproximou mais dela e disse com voz inexpressiva:

— Nunca quis me casar. Sou um eunuco genético, incapaz de gerar filhos.

— Isso significa que deveremos fazer certos sacrifícios, cada um a sua maneira, mas isso não me preocupa sabe? — Arqueou suas sobrancelhas douradas —. Além disso, imagino que conhece outras maneiras de agradar uma mulher. Eu, de minha parte, fui preparada para todas as eventualidades.

Um sorriso cruel cruzou o rosto de Fenring.

— Ah, sim? *Hummmm*. Minha querida Margot, tenho a impressão de que está submetendo a minha consideração um acordo comercial.

— E você, Hasimir, parece um homem muito mais prático que romântico. Acredito que formamos um bom casal. Os dois somos peritos em reconhecer planos complexos, meadas emaranhadas que relacionam ações na aparência independentes.

— Os resultados devem ser mortíferos, não é?

Ela estendeu seu guardanapo para secar um pouco de molho no canto da boca de Fenring.

— Precisa de alguém que cuide de você.

Fenring estudou a refinada forma com que elevava o queixo, a perfeição e precisão de sua linguagem, que tanto contrastava com suas vacilações e dificuldades ocasionais. Entretanto, percebeu o brilho dos segredos ocultos atrás daquelas pupilas deliciosas... muitos segredos.

Poderia dedicar anos para desvendar aqueles segredos, desfrutando de cada um.

Fenring se recordou que aquelas bruxas eram muito inteligentes. Não empreendiam ações individuais. As aparências sempre enganavam.

— Você e sua Irmandade têm em mente um propósito muito mais importante, minha querida Margot. Sei algumas coisas sobre a Bene Gesserit. São um organismo coletivo.

— Informei ao organismo de meus desejos.

— Informou, ou pediu permissão? Ou foi enviada para me seduzir?

A primeira dama da Casa Venene passou com um par de cãezinhos pelados. Seu vestido dourado era tão volumoso que alguns convidados tiveram que afastar-se para deixá-la passar. A mulher andava com a vista cravada à frente, como se tivesse medo de perder o equilíbrio.

Margot a contemplou e depois se voltou para Fenring.

— Existem indubitáveis vantagens para todos nós, e a madre superiora Harishka já me deu sua bênção. Conseguiria uma valiosa relação com a Irmandade, embora eu não vá revelar todos os nossos segredos.

Deu-lhe uma cotovelada de brincadeira, e Fenring esteve a ponto de deixar cair a bandeja.

— *Hummmm* — disse enquanto olhava para sua figura perfeita —. E

eu sou a chave do poder de Shaddam. Sou a pessoa em que ele mais confia.

Margot arqueou as sobrancelhas, pensativa.

— Por isso o mandou para Arrakis? Porque é seu confidente? Me disseram que a nova missão não o agrada muito.

— Como descobriu? — Franziu o sobrecenho e experimentou a incômoda sensação de que pisava em terreno falso —. Fui comunicado há apenas dois dias.

— Hasimir Fenring, tem que aprender a utilizar todas as circunstâncias em seu favor. Arrakis é a chave da melange, e a especiaria expande o universo. Nosso novo imperador talvez pense que o destinou a outra missão, mas na realidade lhe confiou algo de vital importância.

Pense; Observador Imperial em Arrakis.

— Sim, e o barão Harkonnen não ficará satisfeito. Suspeito que esteve ocultando pequenos detalhes desde o princípio.

A mulher o recompensou com um sorriso cálido.

— Ninguém pode ocultar-lhe tais coisas, querido. E tampouco a mim.

Fenring lhe devolveu o sorriso.

— Nesse caso, podemos aliviar os dias de exílio revelando nossos segredos.

Margot passou seus dedos finos e longos pela manga de Fenring.

— Arrakis é um lugar muito difícil para viver, mas... Conseguiria suportá-lo em minha companhia?

Fenring adotou cautela, como de costume. Embora a multidão estivesse infestada de vestidos extravagantes e plumagens exóticas, Margot era a mulher mais bela de toda a sala.

— Talvez, mas o que me atrai ali? É um lugar horrível, em todos os sentidos.

— Minhas irmãs o descrevem como um planeta cheio de antigos mistérios, e minha estadia nele aumentaria meu prestígio entre a Bene Gesserit. Poderia significar um passo importante em minha preparação para me transformar em reverenda madre. Pense: vermes de areia, Fremen, especiaria. Poderia ser muito interessante desvendar seus mistérios juntos.

Sua companhia me estimula, Hasimir.

— Refletirei sobre sua... proposta.

Sentia-se atraído para ela tanto física como emocionalmente...

sentimentos muito fastidiosos. Quando os tinha experimentado no passado, quisera rechaçar a atração, desfazer-se dela. Mas Margot Rashino Zea era diferente, ou ao menos parecia. O tempo diria.

Fenring ouvira rumores sobre os programas de reprodução da Bene Gesserit, mas devido a sua deformidade congênita, a Irmandade não devia cobiçar sua linha genética. Tinha que haver algo mais. Era evidente que os motivos de Margot transcendiam seus sentimentos pessoais, se é que sentia algo por ele. Devia ter intuído oportunidades nele, tanto para ela como para as irmãs.

Mas Margot também lhe oferecia algo, uma nova forma de chegar ao poder. Até

agora, sua única vantagem tinha sido Shaddam, seu companheiro de infância. Entretanto, a situação tinha mudado já que o príncipe se comportava de uma forma estranha. Shaddam havia sobrevalorizado suas próprias aptidões, tentado tomar decisões sozinho e pensar por si mesmo. Uma forma de agir imprudente e perigosa, e ao que parecia ainda não se dera conta disso.

Dadas as circunstâncias, Fenring necessitava de novos contatos em centros de poder. Como as Bene Gesserit.

Quando a limusine imperial parou na entrada, os convidados começaram a entrar no Grande Teatro. Fenring deixou a bandeja sobre uma mesa auxiliar e Margot agarrou seu braço.

— Senta comigo? — disse.

— Sim. — Fenring lhe piscou um olho —. E talvez faça algo mais que isso.

Margot sorriu, e ele pensou que, se algum dia fosse necessário, seria muito difícil matar essa mulher.

Cada Grande Casa tinha recebido uma dúzia de convites para o acontecimento que teria lugar no Grande Teatro, enquanto o resto da população do Império o veria retransmitido. Todo o universo falaria dos detalhes da magnífica cerimônia durante a década seguinte, tal como Shaddam desejava.

Como representante da Casa Atreides, o duque Leto se sentou com seu séquito nos assentos de plaz negro da segunda fila, nível principal. O

querido primo do imperador tinha mantido as aparências desde que o julgamento tinha finalizado, mas não acreditava que aquela fingida amizade perdurasse depois de sua volta a Caladan, a menos que Shaddam tentasse lhe devolvesse o favor. Cuidado com o que compra, havia dito o velho duque, porque pode haver um preço oculto.

Thufir Hawat estava sentado à direita de Leto, e um orgulhoso e efusivo Rhombur Vernius a sua esquerda. Do outro lado de Rhombur se sentava sua irmã Kailea, que tinha se juntado à delegação depois da desistência de Leto. Tinha ido apressada a Kaitain para assistir à coroação e dar apoio ao seu irmão. Seus olhos esmeralda brilhavam de entusiasmo e lançava exclamações de admiração ao ver tantas maravilhas. O coração de Leto se inflamava ao ver sua alegria, sentimento

que não tinha mostrado desde a fuga de IX.

Rhombur Vernius exibia cores púrpura e cobre, no entanto Kailea se decidiu por cobrir seus ombros com uma capa Atreides adornada com o emblema do falcão vermelho, assim como Leto. Kailea segurou seu braço e deixou que a acompanhasse ao seu assento.

— Escolhi estas cores por respeito ao anfitrião que nos concedeu asilo — disse com doçura —, e para celebrar a recuperação da Casa Atreides.

Beijou-o na bochecha.

Como a questão da sentença de morte sobre a Casa Vernius ainda pendia sobre o horizonte como uma nuvem de tormenta, os descendentes assistiram a festividade por sua conta e risco. Entretanto, dado o ambiente festivo, Thufir Hawat deduziu que estariam a salvo, desde que não prolongassem sua estadia. Quando disse isso a Leto, ele riu.

— Thufir, *Mentats* sempre dão garantias?

Mas Hawat considerou seu comentário divertido.

Embora nesse momento Kaitain fosse um dos lugares mais seguros do universo, Leto duvidava que Dominic Vernius aparecesse. Mesmo agora, depois da morte do vingativo Elrood, o pai de Rhombur não tinha ousado sair de seu esconderijo, nem tampouco enviara alguma mensagem.

Ao fundo do amplo teatro, tanto na platéia como nos anfiteatros, sentavam-se representantes de Casas Menores e das diversas facções, entre elas a CHOAM, a Corporação Espacial, os *Mentats*, os médicos Suk e outras bases de poder espalhadas entre um milhão de planetas. A Casa Harkonnen se isolou em um camarote. O barão, acompanhado do seu sobrinho Rabban, não olhou em nenhum momento em direção aos Atreides.

— As cores, os sons, os perfumes, tudo me aturde — disse Kailea, e respirando fundo se aproximou mais de Leto —. Nunca tinha visto nada igual, nem em IX nem em Caladan.

— Ninguém no Império tinha visto algo semelhante nos últimos cento e quarenta anos — respondeu Leto.

Na primeira fila, bem diante dos Atreides, sentou-se um grupo da Bene Gesserit vestidas com hábitos negros idênticos, inclusive a murcha madre superiora Harishka. A um lado da fila montava guarda um contingente dos Sardaukar, com uniformes cerimoniais.

A delegação Bene Gesserit saudou a reverenda madre Anirul, a futura imperatriz, quando passou junto ao grupo, acompanhada de uma numerosa guarda de honra e suas damas de companhia. Rhombur procurou com o olhar a loira atraente que tinha entregado o misterioso cubo de mensagem, e a descobriu sentada com Hasimir Fenring.

No teatro se respirava uma atmosfera de espera. Por fim, fez-se o silêncio.

Shaddam, vestido com o uniforme oficial de comandante em chefe dos Sardaukar, adornado com galões chapeados e o emblema do Leão Dourado da Casa Corrino, avançou pelo corredor sobre um tapete de veludo e damasco. Seu cabelo escuro brilhava. Os membros da corte o seguiam, vestidos em escarlate e ouro.

Fechava a comitiva o Supremo Sacerdote de Dur, que tinha coroado todos os imperadores desde a queda das máquinas pensantes. Face a obrigação de avalizar a coroação, o Supremo Sacerdote pulverizou com orgulho o pó vermelho sagrado de Dur a direita e a esquerda.

Ao ver o passo majestoso e o imaculado uniforme de Shaddam, Leto recordou o dia em que o príncipe herdeiro tinha percorrido outro corredor para testemunhar em sua defesa, vistoso com as sedas e jóias próprias de um imperador. Agora tinha mais aparência militar, de comandante em chefe de todas as forças imperiais.

— Uma evidente manobra política — murmurou Hawat no ouvido de Leto —. Percebe? Shaddam está dando a entender aos Sardaukar que se considera um deles, que são importantes para seu reinado.

Leto assentiu, pois conhecia bem aquela prática. Como seu pai antes dele, o jovem duque confraternizava com seus homens, comia com eles e assistia suas rotinas diárias para demonstrar que nunca pediria a suas tropas o que ele não fosse capaz de fazer.

— Me parece mais cena que conteúdo — disse Rhombur.

— A tarefa de governar um império sempre deixa uma fresta para as exibições — disse Kailea.

Leto recordou com dor a afeição do velho duque pelas touradas e outros espetáculos.

Shaddam se deleitava em seu esplendor, banhado em glória. Fez uma reverência quando passou em frente a futura esposa e o contingente da Bene Gesserit. Antes se celebraria a coroação. Shaddam se deteve no lugar previsto e se voltou para o Supremo Sacerdote de Dur, que sustentava a coroa imperial sobre uma almofada dourada.

Uma ampla cortina se abriu atrás do príncipe herdeiro para descobrir o estrado imperial, que tinha sido transportado até ali. O maciço trono imperial tinha sido esculpido em uma única peça de quartzo verde azulado, a maior jóia de sua classe jamais descoberta, que remontava aos tempos do imperador Hassik III. Projetores ocultos lançavam lasers sintonizados para as profundidades do bloco de cristal, que refratava uma coroa de arco íris.

O público conteve o fôlego ao contemplar a beleza do trono.

Não há dúvida que os cerimoniais cumprem uma importante função na vida do Império, pensou Leto. Exercem uma influência aglutinadora, convencem as pessoas de que fazem parte de algo significativo.

Essas cerimônias cimentavam a impressão de que era a Humanidade, e não o Caos, quem governava o universo. Até um imperador ególatra como Shaddam podia fazer o bem, pensou Leto... e desejou isso com ardor.

O príncipe herdeiro subiu solene para o estrado real e se sentou no trono, com a vista cravada a frente, o Supremo Sacerdote se colocou atrás dele e elevou a coroa sobre sua cabeça.

— Jura fidelidade ao Sacro Império, príncipe herdeiro Shaddam Raphael Corrino IV?

A voz do sacerdote se ouviu em todo o teatro, amplificada por alto-falantes de alta fidelidade. Essas mesmas palavras foram transmitidas a todo o planeta de Kaitain e a todo o universo.

— Sim — respondeu Shaddam com voz retumbante.

O Supremo Sacerdote depositou o símbolo do seu poder sobre a cabeça do príncipe, transformando-o em supremo monarca de pleno direito.

— Entrego o novo imperador Padishah Shaddam IV — disse aos dignitários —. Que seu reino brilhe como as estrelas!

— Que seu reino brilhe como as estrelas! — o público fez coro com entusiasmo.

Quando Shaddam se levantou do trono com a coroa cintilante na cabeça, o fez como imperador do Universo Conhecido. As milhares de pessoas reunidas no teatro o aplaudiram e aclamaram. Passeou a vista pelo público, que era um microcosmos de tudo quanto governava, e seu olhar se pousou na doce Anirul, imóvel ao pé do estrado com sua guarda de honra e damas de companhia. O imperador estendeu uma mão para indicar que se reunisse com ele.

Harishka, a madre superiora da Bene Gesserit, conduziu Anirul até Shaddam. As mulheres se moviam como se deslizassem, como se Shaddam fosse um ímã que as atraía até sua presença. Depois, a anciã Harishka voltou para seu assento com as outras Bene Gesserit.

O sacerdote dirigiu umas palavras ao casal, enquanto o novo imperador deslizava dois anéis de diamantes no dedo anelar de Anirul, e a seguir uma aliança de pedras *soo* vermelhas que tinha pertencido a sua avó paterna.

Quando foram declarados marido e mulher, o Supremo Sacerdote de Dur os apresentou a assembléia. Hasimir Fenring se inclinou para Margot.

— Subimos e vemos se o Supremo Sacerdote é capaz de improvisar outra cerimônia rápida?

Margot soltou uma risadinha e lhe deu uma cotovelada.

Naquela noite, os festejos na capital alcançaram um ponto alto de adrenalina, feromonas e música. O casal real assistiu um banquete, seguido de um grande baile, e depois de uma orgia culinária, comparada com a qual o banquete não tinha sido mais que um aperitivo. Quando os recém casados partiram para o palácio imperial, os nobres jogaram rosas de seda *mehr* e os seguiram.

Por fim, o imperador Shaddam IV e *lady* Anirul se retiraram para seu leito matrimonial. No corredor, nobres e damas ébrios tocavam sinos de cristal e outros instrumentos, interpretando a tradicional serenata nupcial que augurava fertilidade à união.

Este tipo de celebrações não tinha mudado muito durante milênios, e remontavam aos dias pré-butlerianos, até as raízes do Império. Mais de mil valiosos presentes foram dispostos sobre a grama do jardim. As oferendas seriam recolhidas pelos criados e distribuídas posteriormente entre o povo, e as festividades se prolongariam durante uma semana.

Quando todas as celebrações terminassem, Shaddam poderia dedicar-se por fim a arte de governar seu Império.

No final, o lendário acontecimento chamado "Golpe de Leto"

cimentou a imensa popularidade do duque Atreides. Projetou-se como um resplandecente farol de honra sobre um mar galáctico de escuridão. Para muitos membros do Landsraad, a sinceridade e a ingenuidade de Leto se transformaram em um símbolo de honra que envergonhou muitas Casas, de maneira que mudaram seu comportamento... ao menos durante um breve tempo, depois do qual se impuseram uma vez mais as antigas pautas familiares.

Origens da Casa Atreides:

Sementes do futuro no Império Galáctico, por Bronso de IX.

Furioso com o fracasso de sua conspiração, o barão Harkonnen percorria de um lado para outro os corredores de sua fortaleza em Giedi Prime. Ordenou a seus ajudantes que lhe trouxessem um anão para o torturar. Precisava dominar alguém, esmagá-lo por completo.

Quando Yh'imm, um dos responsáveis pelas diversões do barão, queixou-se de que não era digno dele castigar um homem apoiando-se só em seu tamanho, o barão ordenou que amputassem as pernas de Yh'imm na altura do joelho. Dessa maneira não haveria necessidade de procurar um anão.

Enquanto Yh'imm era levado entre uivos e súplicas até a sala de cirurgia Harkonnen, o barão pediu a seu sobrinho e a De Vries que se reunissem com ele em seu estúdio para uma conversa de vital importância.

O barão, que os esperava atrás de uma mesa cheia de papéis e informes de cristal riduliano, trovejou para si:

— Malditos sejam os Atreides, do jovem duque até seus bastardos antepassados! Oxalá todos tivessem morrido na batalha de Corrin. —

Virou-se quando De Vries entrou no estúdio, e quase perdeu o equilíbrio devido a seu desajeitado controle muscular. Agarrou-se a beira da mesa para não cair —. Como Leto conseguiu sobreviver ao julgamento? Não tinha provas, carecia de defesa. Não tem nem ideia do que na verdade ocorreu.

Os rugidos do barão chegaram até os corredores. Rabban vinha correndo.

— Maldito seja Shaddam por interferir! Acredita que por ser imperador tem direito a tomar partido? O que vai ganhar com isso?

Tanto Rabban como De Vries vacilaram na entrada do estúdio, sem o menor desejo de ser vítimas da fúria do barão. O *Mentat* fechou os olhos e massageou as sobrancelhas, enquanto tentava pensar no que dizer ou fazer.

Rabban se aproximou de um nicho, serviu-se uma taça de conhaque kirano e o engoliu de um gole.

O barão se afastou da mesa e passeou com grandes passos, com estranhos movimentos, como se lhe custasse manter o equilíbrio. Devido a seu recente aumento de peso, as roupas necessitavam de suspensórios.

— Deveria explodir uma guerra onde eu recolheria os restos depois da carnificina. Mas esse maldito Atreides impediu. Ao insistir que ocorresse esse Julgamento de Confisco, malditos sejam os antigos ritos, e por seu desejo de sacrificar-se por seus amigos e tripulantes, Leto Atreides ganhou o favor do Landsraad. Sua popularidade é imensa.

Piter De Vries pigarreou.

— Talvez, meu barão, tenha sido um erro atacar os Tleilaxu.

Ninguém quer os Tleilaxu por perto. Foi difícil provocar uma sensação de indignação geral. Nunca pensamos que este assunto acabaria em um julgamento.

— Nós não cometemos erros! — grunhiu Rabban em defesa do seu tio —. Se importa com sua vida, Piter?

De Vries não respondeu, mas tampouco demonstrou o menor temor, era um formidável lutador e possuía truques e experiência para acabar com o fanfarrão do Rabban se acabassem em uma luta corpo a corpo.

O barão olhou para seu sobrinho, decepcionado. Parece incapaz de captar algo oculto sob uma fina capa de sutileza.

Rabban fulminou o *Mentat* com o olhar.

— O duque Leto é apenas o impetuoso governante de uma Família sem importância. A Casa Atreides consegue seus ganhos vendendo arroz pundi!

— O fato é, Rabban — respondeu com suavidade o *Mentat* pervertido, com voz de serpente —, que pelo visto caiu nas graças dos membros do Landsraad. Admiram o que conseguiu. Nós o transformamos em herói.

Rabban se serviu de outra taça.

— O conselho do Landsraad se tornou altruísta? — soprou o barão.

— Isso é ainda mais inconcebível que o fato de Leto ganhar.

Ouviram-se sons detestáveis das salas de cirurgia, gritos de agonia que ressoaram pelos corredores até o estúdio do barão. Os globos de luz piscaram mas mantiveram seu nível de iluminação.

O barão olhou para De Vries e apontou com a mão em direção às salas de cirurgia.

— É melhor se encarregar disto, Piter. Quero que esse idiota sobreviva à cirurgia... ao menos até que me canse de torturá-lo.

— Sim, meu barão — disse o *Mentat*, e se dirigiu para as salas de cirurgia.

Os gritos se tornaram agudos, o barão ouviu o som de cortadores laser e uma serra.

O barão pensou em seu brinquedo novo e no que faria a Yh'imm enquanto o efeito dos sedativos começasse a diminuir. Era possível que os médicos tivessem realizado a tarefa sem usar sedativos? Talvez.

Extasiado, Rabban fechou os olhos para escutar. Se pudesse escolher, teria preferido caçar o homem na reserva de Giedi Prime, mas o barão pensava que isso representaria muitos problemas, correr, rastrear e checar rochas cobertas de neve. Além disso, fazia um tempo que sentia dores intensas nos membros, seus músculos se enfraqueceram e seu corpo estava perdendo a forma...

O barão inventaria suas diversões. Assim que tivessem cauterizado os cotos de Yh'imm, fingiria que era o duque Atreides em pessoa. Seria muito divertido.

O barão recuperou a calma e pensou que era absurdo aborrecer-se tanto pelo fracasso de um plano. Durante incontáveis gerações os Harkonnen tinham tecido armadilhas para seus inimigos mortais, mas era difícil acabar com os Atreides, sobretudo quando se viam encurralados. A inimizade remontava até a Grande Revolução, a traição e as acusações de covardia. Após isso os Harkonnen sempre tinham odiado os Atreides, e vice-versa.

E assim seria sempre.

Ainda temos Arrakis disse o barão. Ainda controlamos a produção de melange, embora estejamos sob a férula da CHOAM e o olho vigilante do imperador Padishah.

Sorriu para Rabban, que lhe correspondeu maquinalmente.

O barão agitou um punho no ar.

— Enquanto controlarmos Arrakis, controlaremos nossa fortuna. —

Apoiou a mão no ombro almofadado de seu sobrinho —. Arrancaremos especiaria das areias até que Arrakis não seja mais que um casca oca!

O universo contém fontes de energia não utilizadas e, portanto, inimagináveis. Elas estão diante dos nossos olhos, mas não as vemos.

Estão em nossas mentes, mas não pensamos nelas. Mas eu sim!

Tio Holtzman,

Conferência completas.

No planeta Junção, pertencente a Corporação Espacial, aquele que tinha sido D'murr Pilru foi conduzido ao tribunal dos Navegantes. Não lhe explicaram o motivo, e apesar de toda sua intuição e compreensão do universo, não conseguiu imaginar o que queriam dele.

Não estava acompanhado de nenhum outro novato, nenhum dos novos pilotos que tinham aprendido o funcionamento da dobra espacial com ele. Em um extenso terreno de raquítica erva negra, os contêineres herméticos cheios de especiaria do alto tribunal estavam dispostos em um semicírculo sobre lajes, onde ainda se podiam ver os sinais de milhares de convocações anteriores.

O contêiner de D'murr, menor, achava-se diante deles, solitário no centro do semicírculo. Como sua vida de Navegante era relativamente recente, pois ainda era um piloto de patente inferior, conservava quase toda sua forma humana dentro do contêiner. Os membros do tribunal, todos Timoneiros, exibiam cabeças enormes e olhos alterados de uma forma monstruosa, que esquadrinhavam através da neblina alaranjada e canela.

Algum dia serei como eles, pensou D'murr. Em outro tempo teria se encolhido de horror. Agora o aceitava como algo inevitável. Pensou em todas as revelações que o aguardavam.

O tribunal da Corporação falou com sua concisa linguagem matemática, pensamentos e palavras comunicadas por meio do tecido do espaço, muito mais eficaz que qualquer conversa humana. Grodin, o Instrutor Chefe, atuava como porta-voz.

— Você foi vigiado — disse Grodin.

Seguindo um procedimento estabelecido há muito tempo, os Instrutores da Corporação colocavam aparelhos de hologravação nas câmaras de navegação de todos os Cruzeiros e em todos os contêineres de treinamento dos aspirantes a Piloto. Aleatoriamente, as gravações eram recuperadas dos transportes e das naves de carga, e enviadas a Junção.

— Todas as provas são estudadas detalhadamente.

D'murr sabia que os empregados do Banco da Corporação e seus sócios comerciais da CHOAM deviam assegurar-se de que se cumprissem as normas de navegação e que respeitassem os dispositivos de segurança.

Parecia-lhe correto.

— A Corporação está perplexa com as transmissões não autorizadas que foram dirigidas a sua câmara de navegação.

O aparelho de comunicações de seu irmão! D'murr se remexeu em seu contêiner, compreendendo todas as implicações e os castigos que deveria enfrentar. Talvez se transformasse em um daqueles patéticos Navegantes fracassados, atrofiados e desumanos, o preço físico pago, mas sem nenhum benefício. Não obstante, D'murr sabia que suas aptidões eram muito apreciadas. Talvez os Timoneiros o perdoassem...

— Estamos curiosos — disse Grodin.

D'murr lhes contou tudo, até o último detalhe. Tentou recordar o que C'tair havia dito, e informou as condições no interior do isolado IX, a decisão dos Tleilax de voltar aos desenhos dos Cruzeiros mais primitivos.

Tal decisão os inquietava, mas o tribunal estava mais interessado no Funcionamento do *transcepun Rogo*.

— Nunca tivemos transmissões instantâneas pela dobra espacial —

disse Grodin. Durante séculos, todas as mensagens foram transportadas por mensageiros, em forma física, em uma nave física que atravessava o universo com mais rapidez que qualquer outro método de transmissão —.

Podemos aproveitar esta inovação?

D'murr compreendeu as possibilidades militares e econômicas do engenho, se se demonstrasse viável. Se bem que não conhecia todos os detalhes técnicos, seu irmão tinha inventado um sistema que intrigava sobremaneira à Corporação Espacial. Ela o queria.

Um membro do tribunal sugeriu a possibilidade de utilizar um Navegante com a mente potencializada em cada um dos extremos, em vez de um simples ser

humano como C'tair Pilru. Outro disse que possivelmente o vínculo era mais mental que tecnológico, uma conexão potencializada pela antiga intimidade dos gêmeos e a similitude de suas ondas cerebrais.

Talvez, entre os numerosos Pilotos, Navegantes e Timoneiros, a Corporação poderia encontrar outros com conexões mentais similares, embora não fosse provável. Entretanto, apesar do custo e das dificuldades, este método de comunicação era um serviço que devia ser testado, para depois oferecê-lo ao imperador em troca de uma grande soma.

— Você pode conservar sua patente de Piloto — disse Grodin, e deu por terminado o interrogatório.

Depois de sua volta triunfal de Kaitain, o duque Leto Atreides e Rhombur Vernius tinham esperado durante semanas pela resposta do novo imperador ao pedido de audiência. Leto estava preparado para abordar uma lançadeira e viajar ao palácio imperial assim que um correio chegasse com a confirmação. Tinha jurado que não faria menção a seu blefe, decidido a não tocar no tema da conexão entre os Corrino e os Tleilaxu, mas Shaddam IV devia estar curioso.

Se passasse outra semana sem receber resposta, Leto iria a Kaitain por iniciativa própria.

Aproveitando aquele momento de popularidade crescente, Leto desejava expor os assuntos da anistia e as reparações à Casa Vernius.

Acreditava que seria uma boa oportunidade para resolver a situação de uma forma positiva, mas à medida que os dias transcorriam, viu que a oportunidade escorria como areia entre seus dedos. Até o otimista Rhombur se mostrava frustrado e nervoso, enquanto Kailea ia se resignando a suas poucas opções.

Por fim, mediante um comunicado normal irradiado por um mensageiro humano, o imperador sugeria, pois quase não dispunha de tempo para reunir-se com seu primo, que utilizassem um método que acabava de ser oferecido pela Corporação Espacial, um procedimento instantâneo chamado *Cofradnet*. Implicava na conexão mental entre dois Navegantes da Corporação situados em sistemas estelares diferentes. Um Cruzeiro em órbita ao redor de Caladan e outro sobre Kaitain podiam, em teoria, facilitar uma conversa entre o duque Leto Atreides e o imperador Shaddam IV.

— Ao menos poderei lhe expor meus pedidos — disse Leto, embora jamais tivesse ouvido falar daquele método de comunicação. Shaddam parecia disposto a utilizá-lo, possivelmente porque desta forma ninguém seria testemunha de sua entrevista com Leto Atreides.

Os olhos esmeralda de Kailea se iluminaram, e nem sequer se importou com a cabeça de touro pendurada na sala de jantar. Foi colocar um vestido com as cores de Vernius, embora não fosse provável que a vissem durante a transmissão. Rhombur se apresentou na hora combinada, acompanhado por Thufir Hawat. Leto ordenou aos criados e guardas que saíssem da estadia.

O Cruzeiro que havia trazido o Mensageiro continuava em órbita geoestacionária sobre Caladan. Outro esperava sobre Kaitain. Os sofisticados Timoneiros da Corporação a bordo de cada nave, separados por uma distância imensa, utilizariam um misterioso procedimento que lhes permitiria expandir suas mentes através do vazio e acoplar pensamentos para criar uma conexão. A Corporação tinha testado com centenas de Navegantes, antes de encontrar dois capazes de estabelecer uma comunicação direta, mediante telepatia, presciência alimentada pela melange ou algum outro método ainda indeterminado.

Leto respirou fundo, incomodado por não ter mais tempo para ensaiar seu discurso, mas já tinha esperado muito. Não se atrevia a solicitar um adiamento...

Shaddam falou de um magnífico jardim botânico do palácio imperial rodeado de sebes. Usava um microfone no queixo, que transmitia suas palavras aos alto-falantes da câmara de navegação do Cruzeiro que sobrevoava seu planeta.

— Está me ouvindo, Leto Atreides? Aqui faz uma manhã ensolarada, e acabo de retornar de meu passeio matinal.

Tomou um gole de suco açucarado.

Quando as palavras do imperador chegaram à câmara de navegação da nave em órbita ao redor de Kaitain, o Timoneiro do Cruzeiro de Caladan experimentou em sua mente um eco do que seu colega tinha ouvido e interrompeu a comunicação para repetir as palavras do imperador no cintilante globo alto-falante que flutuava dentro de seu compartimento cheio de especiaria. Leto ouviu as palavras em seu próprio sistema de megafonia, distorcidas e sob volume, sem matizes emocionais De qualquer modo, eram as palavras do imperador.

— Sempre preferi o sol das manhãs de Caladan, primo — respondeu Leto, com a intenção de iniciar a conversa em termos cordiais —. Você deveria visitar nosso humilde planeta.

O Navegante de Caladan estava conectado de novo com seu colega, e as palavras de Leto se ouviram na outra nave e depois foram transmitidas a Kaitain.

— Este novo sistema de comunicações é maravilhoso — disse Shaddam, sem responder à sugestão de Leto. Entretanto, aparentava desfrutar com o *Cofradnet*, como se fosse um brinquedo novo —. Muito mais veloz que os mensageiros humanos, embora suponha que o preço será proibitivo. Ah, sim. Aqui está mais um monopólio da Corporação. Espero que não cobrem muito pelas mensagens urgentes.

Leto se perguntou se aquelas palavras foram dirigidas a ele ou aos espiões da Corporação.

Shaddam tossiu, som que não se repetiram no processo de tradução.

— Há muitos assuntos importantes nos planetas imperiais, e pouco tempo para analisá-los. Quase não disponho de ocasiões para cultivar amizades como a sua, primo. Do que deseja me falar?

Leto respirou fundo e seu rosto aquilino se endureceu.

— Grande imperador Shaddam, suplico-lhes que conceda anistia à Casa Vernius e a restitua ao lugar que lhe corresponde por direito no Landsraad. O planeta IX é vital para a economia, e não pode continuar nas mãos dos Tleilaxu. Já destruíram fábricas importantes e diminuíram a produção de materiais vitais para a segurança do Império. — E, como se se referisse a seu blefe, acrescentou —: Ambos sabemos o que está acontecendo na realidade, mesmo neste momento.

— Não posso falar desses assuntos através de intermediários — se apressou a responder Shaddam.

Os olhos de Leto se dilataram ao compreender o possível equívoco de Shaddam.

— Está insinuando que a Corporação é indigna de nossa confiança, senhor? Transporta exércitos para o Império e as Grandes Casas. Descobre planos de batalha antes que aconteçam. *Cofradnet* é mais segura que uma conversa cara a

cara na sala de audiências imperial.

— Mas ainda não examinamos os detalhes desse assunto —

protestou Shaddam, na defensiva.

Tinha sido testemunha da crescente popularidade e influência de Leto Atreides. Teria aquele arrivista contatos que chegavam até a Corporação Espacial? Passeou o olhar por seus jardins vazios e desejou que Fenring estivesse a seu lado, mas o homem com cara de doninha estava preparando sua viagem para Arrakis. Possivelmente foi um erro salvar Leto, pensou.

Leto defendeu com palavras precisas e concisas o caso dos ixianos, e assegurou que a Casa Vernius nunca fabricara tecnologia proibida. Apesar das suas promessas, os Tleilaxu não tinham apresentado provas ao corpo governante do Landsraad, e tinham posto mãos à obra devido a sua cobiça pelas riquezas de IX. Graças a conversas sustentadas com Rhombur, Leto proporcionou cifras aproximadas sobre o valor do feudo e os danos ocasionados pelos Tleilaxu.

— Isso me parece excessivo — disse Shaddam, com muita precipitação —. Os informes dos Bene Tleilax indicam cifras muito inferiores.

Ele esteve ali, pensou Leto.

— A explicação é evidente, senhor. Fizeram-no para minimizar a eventual indenização que teriam que pagar.

Leto prosseguiu, comentou os cálculos estimados de vidas ixianas perdidas, e falou do preço de sangue que Elrood havia oferecido pela morte de *lady* Shando. Depois, com voz tremula de emoção, fez algumas conjecturas sobre a desesperada fuga do conde Vernius, que continuava escondido em algum mundo longínquo e desconhecido.

Durante uma pausa na conversa. Shaddam irritou-se. Perguntou-se quanto sabia aquele descarado Leto sobre o assunto dos Tleilaxu. Tinha misturado insinuações, mas era um blefe? Como novo imperador precisava agir com celeridade para controlar a situação, mas não podia permitir que a Casa Vernius retornasse a seu lar ancestral. A pesquisa sobre a especiaria sintética era essencial. A família Vernius era uma vítima inocente (a Shaddam era indiferente o orgulho ferido ou o desejo de vingança de seu pai), mas não podia perdoar

àquela gente, como se não tivesse acontecido nada.

Por fim, o imperador pigarreou e falou.

— O máximo que podemos oferecer é uma anistia limitada. Como Rhombur e Kailea se encontram sob sua tutela, Leto, garanto-lhes proteção e perdão totais. A partir de hoje não haverá recompensa por suas cabeças.

Ficam absolvidos de qualquer maldade que tenham cometido. Dou-lhe minha palavra.

Leto viu uma expressão de júbilo incrédulo nos rostos de seus amigos.

— Obrigado, senhor — disse —, mas o que decide sobre a restituição da fortuna familiar?

— Nada de restituições! — respondeu Shaddam com um tom muito mais severo que o homem da Corporação conseguiu imitar —. A Casa Vernius não recuperará sua posição em Xuttah, antes IX. Ah, sim. Os Bene Tleilax me apresentaram abundante e concludente documentação, e sua veracidade me satisfez. Por razões de segurança imperial não posso divulgar os detalhes. Você já testou bastante a minha paciência.

— Qualquer prova cuja análise se nega carece de validade, senhor —

replicou Leto, irritado —. Deveria apresentar-se ante um tribunal.

— E quanto a meu pai e a outros sobreviventes da Casa Vernius —

perguntou Rhombur pelo microfone que Leto estava utilizando —, serão anistiados, seja qual for seu paradeiro? Meu pai não fez mal a ninguém.

A resposta de Shaddam, dirigida a Leto, foi veloz e aguda, como a mordida de uma serpente venenosa.

— Fui indulgente com você, primo, mas aviso que não deve abusar da sua sorte. Se não estivesse favoravelmente inclinado por você, nunca teria me rebaixado a atestar em seu favor, nem teria lhe concedido esta audiência, nem privilégios para seus amigos. Anistia para os dois, isso é tudo.

Leto se enfureceu ao ouvir aquelas palavras duras, mas manteve a compostura. Estava claro que não podia pressionar mais Shaddam.

— Sugiro que aceite estas condições enquanto estou disposto a concedê-las — disse Shaddam —. A qualquer momento podem ser apresentadas mais provas contra a Casa Vernius, e me veria obrigado a julgar com menor benevolência.

Leto conferenciou com Rhombur e Kailea, longe do microfone. Os jovens aceitaram a contra gosto.

— Ao menos conseguimos uma pequena vitória, Leto — disse Kailea com sua doce voz —. Nos garantiram a vida, e gozaremos de nossa liberdade pessoal, já que não de nossa herança. Além disso, viver aqui com você não é tão terrível. Como Rhombur costuma dizer, as coisas sempre podem melhorar.

Rhombur apoiou uma mão no ombro de sua irmã.

— Se isso basta para Kailea, basta para mim também.

— Trato feito — disse Shaddam. A aceitação tinha sido transmitida pelos intermediários da Corporação. — Os documentos oficiais serão preparados. — Então suas palavras se transformaram em facas —: Espero não voltar a ouvir falar deste assunto.

O imperador cortou com brutalidade a comunicação e os dois Navegantes interromperam seu contato mental. Leto abraçou Rhombur e Kailea, sabendo que por fim estavam a salvo.

Só os imprudentes deixam testemunhas.

Hasimir Fenring.

— Vou sentir falta de Kaitain — disse Fenring com tom sombrio.

Ao final do dia devia apresentar-se em Arrakis como Observador Imperial de Shaddam. Exilado no deserto, pensou com amargura. Mas Margot o ajudara a compreender as oportunidades de que disporia. Havia a possibilidade do imperador ter em mente algo mais que um simples castigo? Conseguiria levantar-se a uma posição de poder?

Fenring tinha crescido ao lado de Shaddam. Ambos eram duas décadas mais jovens que Fafnir, o teórico herdeiro do Trono do Leão Dourado. Com um príncipe herdeiro e um montão de filhas de suas diversas esposas, Elrood não tinha esperado muito do segundo príncipe, e por sugestão de sua mãe, uma Bene Gesserit, tinha permitido que Fenring assistisse as aulas com ele.

Com os anos, Fenring tinha se transformado em um "coordenador", uma pessoa que realizava tarefas necessárias para seu amigo Shaddam, por mais desagradáveis que fossem, incluindo o assassinato de Fafnir. Ambos compartilhavam muitos segredos, muitos para separarem-se agora sem graves repercussões... e os dois sabiam.

Shaddam está em dívida comigo, maldito seja! Quando o imperador encontrar tempo para refletir, compreenderia que não podia se permitir o luxo de ter Fenring como inimigo, nem sequer como servidor imperial reticente. Shaddam não demoraria em chamá-lo de volta. Era só uma questão de tempo.

De alguma forma, descobriria uma forma de fortalecer todas as circunstâncias a seu favor. *Lady* Margot, com quem se casara em uma cerimônia simples três dias antes, se encarregou dos demais criados. Ditou ordens sem cessar para que os preparativos da viagem se acelerassem.

Como irmã Bene Gesserit, tinha poucas necessidades e não tinha gostos extravagantes, mas como era consciente da importância das aparências, enviou uma nave a Arrakis carregada de roupas e enfeites para seu marido.

Eles se instalariam em uma residência privada, longe de Carthag, o centro de poder dos Harkonnen. Esta demonstração de independência e luxo acentuaria o poder de Shaddam e de seus olhos sempre vigilantes ante os governantes e funcionários Harkonnen.

Fenring, sorridente, observava Margot enquanto finalizava os preparativos. Era como uma corrente de cores alegres e cabelo, sorrisos alentadores e palavras severas para os que trabalhavam muito devagar.

Uma mulher magnífica! Sua nova esposa e ele guardavam segredos fascinantes, e o processo de mútuo descobrimento seria extremamente prazeroso.

Ao anoitecer partiriam para o planeta deserto, que os nativos chamavam de Dune.

Mais tarde, Fenring se sentou em frente ao console de jogos, à espera de que o imperador Padishah Shaddam IV efetuasse o próximo movimento.

Encontravam-se sozinhos em uma habitação de paredes de plaz situada no alto de um pináculo do palácio. Ao longe se ouvia o zumbido de ornitópteros.

Fenring cantarolava para si, embora soubesse que Shaddam odiava aquele costume. Por fim, o imperador deslizou uma varinha através do escudo brilhante à velocidade precisa, nem muito depressa nem muito devagar. A varinha ativou um disco giratório interior, e a bola negra que havia no centro do globo flutuou no ar. Shaddam liberou a varinha, e a bola caiu no receptáculo de número 9.

— Esteve praticando, senhor, *hummmm*? — disse Fenring —. Por caso um imperador não tem tarefas mais importantes? De qualquer modo, deve se esforçar mais se quiser me vencer.

O imperador contemplou a varinha que acabava de utilizar, como se lhe tivesse falhado.

— Quer trocar de varinha, senhor? — ofereceu Fenring em tom zombeteiro —. Essa não funciona bem?

Shaddam meneou a cabeça.

— Fico com esta, Hasimir. Será nossa última partida durante um tempo. — Respirou fundo —. Já lhe disse que posso dirigir as coisas sozinho. Mas isso não significa que não valorize seus serviços.

— É obvio, senhor. Por isso me enviou para um poço de pó habitado por vermes de areia e bárbaros fedorentos. — Olhou para Shaddam com frieza —. Acredito que é um grave equívoco, alteza. Nestes primeiros dias de seu reinado, necessita de conselhos bons e objetivos. Não pode enfrentar sozinho todas as tarefas, e em quem pode confiar mais que em mim?

— A verdade é que dirigi a crise de Leto Atreides bastante bem. Eu sozinho evitei o desastre.

— Admito que o resultado foi positivo, mas ainda não sabemos o que sabe sobre nós e os Tleilaxu. — Não queria aparentar muita preocupação. — *Hummmm*. Talvez esteja certo, mas se tiver solucionado o problema, me permita uma

pergunta. Se não foi Leto, quem disparou contra as naves Tleilaxu? E como?

— Estou refletindo sobre isso.

Os grandes olhos de Fenring cintilaram.

— Leto é muito popular neste momento, e talvez um dia seja uma ameaça para seu trono. Tanto importa se provocou a crise ou não, o duque Atreides a transformou em uma vitória inegável para ele e a honra de sua Casa. Superou um obstáculo infranqueável com absoluta elegância. Os membros do Landsraad percebem estas coisas.

— Isso sim, é verdade, é verdade... mas não há nada com se que preocupar.

— Não estou tão seguro, senhor. Talvez o descontentamento entre as Casas não se dissipou ainda, face ao que nos fez acreditar.

— Temos a Bene Gesserit do nosso lado, graças a minha esposa.

Fenring bufou.

— Com a qual se casou por minha sugestão, senhor. O fato das bruxas dizerem uma coisa, não significa que seja verdade. O que acontecerá se a aliança não bastar?

— Que quer dizer?

Shaddam indicou com impaciência a Fenring que era sua vez de jogar.

— Pense em como o duque Leto é imprevisível. Talvez esteja em segredo fazendo alianças militares para atacar Kaitain. Sua popularidade se traduz em mais poder, e não há dúvida de que é ambicioso. Os líderes das Grandes Casa estão ansiosos por falar com ele. Você, em troca, carece desse apoio popular.

— Tenho meus Sardaukar.

Rugas de dúvida se desenharam no rosto do *Mentat*.

— Tenha certeza que não estão infiltrados entre as legiões, vou estar em Arrakis, e essas coisas me preocupam. Acredito quando diz que pode dirigir a situação

sem ajuda. Só lhes dou meu melhor conselho, como sempre fiz, senhor.

— Agradeço por isso, Hasimir, mas não posso acreditar que meu primo Leto provocou a crise do Cruzeiro com o fim de alcançar este objetivo em particular. Era uma ação muito desajeitada e perigosa. Não podia saber que eu interviria a seu favor.

— Sabia que faria algo assim se descobrisse que possuía informação secreta.

Shaddam meneou a cabeça.

— Não. As chances de fracassar eram enormes. Esteve a ponto de perder todas as posses de sua família.

Fenring estendeu um dedo longo.

— Mas pense na glória que colheu. Pense no que aconteceu. Duvido que planejasse desta maneira, mas agora Leto é um herói. Seu povo o ama, todos os nobres o admiram e os Tleilaxu passaram por idiotas. Sugiro, senhor, já que insiste em fazê-lo sozinho, que vigie de perto as ambições da Casa Atreides.

— Obrigado por seu conselho, Hasimir — disse Shaddam enquanto estudava o console —. Ah, por certo, não lhe disse que vou... promovê-lo?

Fenring bufou.

— Eu não chamaria de promoção o fato de ser enviado a Arrakis.

“Observador Imperial” não soa muito impressionante, não é?

Shaddam sorriu e ergueu o queixo em um gesto muito imperial.

Imaginava que iria provocar essa reação.

— Ah, sim... mas que tal se for conde Fenring?

O *Mentat* ficou estupefato.

— Vai me nomear... conde?

Shaddam assentiu.

— Conde Hasimir Fenring, Observador Imperial em Arrakis. A fortuna de sua família aumentará, meu amigo. Tenho a intenção de estabelecê-lo no Landsraad.

— Com um diretório da CHOAM, como incentivo?

Shaddam riu.

— Tudo a seu tempo, Hasimir.

— Suponho que isso transforme Margot em condessa, não?

Seus grandes olhos brilharam quando Shaddam assentiu. Tentou dissimular seu prazer, mas o imperador o leu em seu rosto.

— E agora contarei por que esta missão é tão importante, para você e para o Império. Lembra-se de um homem chamado Pardot Kynes, o planetólogo que meu pai enviou a Arrakis alguns anos atrás?

— É claro.

— Bem, nos últimos tempos não nos foi de grande ajuda. Alguns relatórios erráticos, incompletos e, ao que parece, censurados. Um de meus espiões me informou que Kynes se misturou com os Fremen, que talvez tenha cruzado a linha divisória e agora seja um deles, um nativo.

Fenring arqueou as sobrancelhas.

— Um servidor imperial misturado com essa raça repugnante e primitiva?

— Espero que não, mas eu gostaria que descobrisse a verdade. Em essência, nomeio-o meu Czar da Especiaria Imperial, que fiscalizará em segredo as operações da melange em Arrakis assim como os progressos de nossos experimentos em Xuttah. Viajará entre esses planetas e o palácio imperial. Transmitirá só mensagens codificadas, e só a mim.

Quando Fenring assimilou a magnitude da missão e suas repercussões, experimentou um imenso júbilo. Sim, agora compreendia as possibilidades. Precisava contar a Margot. Com sua mente Bene Gesserit, adivinharia sem dúvida as vantagens adicionais.

— Isso é alentador, senhor. Uma tarefa digna de meus talentos peculiares. *Hummmm*, acredito que isso será divertido.

Fenring se concentrou no jogo, ativou o disco giratório interior e guiou a bola flutuante. Caiu no receptáculo do número 8. Meneou a cabeça.

— Uma pena — disse Shaddam e, com um movimento, deixou cair a bola final no número 10 e ganhou a partida.

O progresso e o lucro requerem um investimento substancial em pessoal, equipamentos e recursos. Entretanto, o recurso que quase sempre se ignora, mas que proporciona os maiores rendimentos, é a investimento em tempo.

Dominic Vernius,

As operações secretas de IX.

Não restava nada a perder. Não restava nada absolutamente.

O conde renegado e herói de guerra conhecido em outro tempo como Dominic Vernius tinha morrido, apagado dos registros e expulso do seio do Império. Mas o homem continuava vivendo sob diferentes aparências. Era uma pessoa que nunca se rendia.

No passado, Dominic tinha lutado pela glória do seu imperador. Em tempos de guerra tinha matado milhares de inimigos com naves de combate e fuzis laser manuais. Também tinha cheirado o sangue das vítimas quando utilizava espadas, ou suas mãos nuas. Lutava com todas as forças, trabalhava com todas as forças e amava com todas as forças.

E o pagamento pelo investimento de toda sua vida era a desonra, o desterro, a morte de sua esposa, a desgraça de seus filhos.

Apesar de tudo, Dominic era um sobrevivente, um homem com um objetivo. Sabia que devia esperar o momento adequado.

Embora o desalmado Elrood tivesse morrido, Dominic não o perdoara. O poder do trono imperial tinha sido o causador de tantas desgraças e tanta dor. Nem sequer o novo imperador traria uma melhora...

Tinha observado Caladan de longe. Rhombur e Kailea se encontravam a salvo. Seu refúgio era intocável até sem a presença carismática do velho duque. Tinha chorado a morte de seu amigo Paulus Atreides, mas não se atreveu a assistir seu funeral, nem a enviar mensagens codificadas para Leto, o jovem herdeiro.

Entretanto, havia sentido a tentação de apresentar-se em Kaitain durante o Julgamento de Confisco. Rhombur tinha abandonado Caladan e ido a corte imperial para apoiar seu amigo, apesar do risco de ser detido e executado. Se as coisas tivessem saído erradas, Dominic teria ido a corte para sacrificar-se por seu filho.

Mas não tinha sido necessário. Leto tinha sido eximido de toda culpa e posto em liberdade, e, com ele, também Rhombur e Kailea. Como tinha ocorrido? Dominic não conseguia entender. Shaddam em pessoa tinha salvado Leto. Shaddam Corrino IV, filho do desprezível imperador Elrood que destruíra a Casa Vernius, tinha fechado o caso como impulsionado por um capricho. Dominic suspeitava que o veredicto implicava subornos e extorsões, mas era incapaz de imaginar o que teria utilizado um duque inexperiente de dezesseis anos para chantagear o imperador do Universo Conhecido.

Não obstante, Dominic tinha decidido correr um risco. Cego pela dor, vestiu-se com trapos, tingiu sua pele de um tom avermelhado e viajou sozinho a Bela Tegeuse. Antes de prosseguir sua tarefa, devia ver o lugar onde sua esposa tinha sido assassinada pelos Sardaukar de Elrood.

Utilizou veículos de ar e de terra para explorar o planeta em segredo, sem atrever-se a fazer perguntas, embora muitos informes proporcionassem pistas sobre o ponto onde se cometera o massacre. Por fim, encontrou um lugar onde as colheitas tinham sido arrasadas e o terreno semeado de sal para que nunca mais voltasse a crescer nada. Tinham incendiado uma casa até os alicerces, que cobriram depois com cimento sintético. Não viu nenhuma tumba, mas sentiu a presença de Shando.

Meu amor esteve aqui, pensou.

Sob os dois sóis mortiços, Dominic se ajoelhou sobre a terra arrasada e chorou até perder a noção do tempo. Quando se esvaziou de lágrimas, uma imensa solidão tomou seu coração.

Agora estava preparado para dar o próximo passo.

E assim, Dominic Vernius viajou até os planetas mais afastados do Império e reuniu um punhado de leais que tinham escapado de IX, homens que preferiram acompanhá-lo, sem se importar com seu objetivo, que viver monotonamente em planetas agrícolas.

Entrou em contato com companheiros de armas que tinham lutado com ele durante a rebelião de Ecaz, gente a que devia a vida uma dúzia de vezes. Procurar esses homens trazia um grande perigo, mas Dominic confiava em seus antigos camaradas. devido a generosa recompensa que se oferecia por sua cabeça, sabia que nenhum deles o trairia.

Dominic esperava que o novo imperador Padishah Shaddam IV não percebesse os sutis movimentos e desaparecimentos de homens que tinham lutado sob o comando de Vernius quando Shaddam era apenas um adolescente e nem sequer o herdeiro oficial do trono, quando o príncipe herdeiro Fafnir era o primeiro na linha sucessória.

Tinham transcorrido muitos anos, tempo suficiente para que a maioria daqueles veteranos se sentassem para falar dos dias de glória, convencidos de que a guerra e o derramamento de sangue tinham sido mais emocionantes e gloriosos do que eram na realidade. Cerca de um terço não quis unir-se a sua causa, mas outros aceitaram e esperaram ordens.

Quando Shando se escondeu, tinha apagado todos os registros, mudado seu nome, utilizado créditos sem registro para adquirir uma pequena propriedade no mundo tenebroso de Bela Tegeuse. Seu único erro fora subestimar a persistência dos Sardaukar.

Dominic não cometeria o mesmo erro. Para alcançar seu objetivo, iria para um lugar onde ninguém pudesse vê-lo, um lugar de onde pudesse acossar o Landsraad e transformar-se em um espinho para o imperador.

Era a única arma que restava.

Preparado para iniciar seu verdadeiro trabalho, Dominic Vernius se sentou no comando de uma nave de contrabandistas tripulada por uma dúzia de homens leais. Os camaradas tinham reunido dinheiro e equipamento para ajudá-lo a dar um golpe mortal pela glória, honra, e talvez pela vingança.

Depois foi procurar a reserva de armas atômicas da família Vernius, armas

proibidas mas que todas as Grandes Casas do Landsraad possuíam.

Proibidas pela Grande Convenção, as armas atômicas ixianas tinham sido conservadas em segredo durante gerações, armazenadas na face escura de um pequeno satélite do quinto planeta do sistema Alkaurops. Os repugnantes Tleilaxu não sabiam nada a respeito.

Agora, a nave de Dominic estava carregada com armas suficientes para aniquilar um planeta.

“A vingança está nas mãos do Senhor”, afirmava a Bíblia Católica Laranja. Depois de todo seu sofrimento, Dominic não se sentia muito religioso, nem lhe importavam os detalhes da lei. Era um renegado, fora do alcance do sistema legal.

Imaginava como o maior contrabandista da história, oculto onde ninguém poderia localizar mas capaz de infligir graves prejuízos econômicos a todas as Casas que haviam traído e negado ajuda.

Com aquelas armas atômicas, deixaria sua marca na história.

Dominic utilizou um escudo para passar despercebido pela antiquada rede de satélites meteorológicos mantida pela Corporação, e levou sua nave e seu carregamento atômico a uma região polar desabitada do planeta deserto Arrakis. Um forte vento frio açoitou os uniformes puídos dos seus homens quando pisaram naquela terra desolada. Arrakis. Sua nova base de operações.

Passaria muito tempo antes que se voltasse a ouvir falar de Dominic Vernius. Mas quando estivesse preparado, todo o Império se recordaria dele.

Quatro coisas são as escoras de um planeta: os ensinos dos sábios, a justiça dos grandes, as orações dos virtuosos e a coragem dos valentes.

Mas todas estas coisas não valem nada sem um governante que conheça a arte de governar.

Príncipe Raphah Corrino,

Discursos sobre liderança galáctica.

Leto descia sozinho até a borda, ziguezagueando a trilha íngreme no escarpado e a escada que levava aos antigos moles que se elevavam sob o castelo de Caladan.

O sol do meio-dia se filtrava através de capas de nuvens e arrancava brilhos das plácidas águas que se estendiam até o horizonte. Leto se deteve sobre o escarpado de pedra negra e protegeu os olhos para olhar os bosques de algas marinhas, os barcos de pesca com suas tripulações e a linha dos recifes, que esboçavam uma topografia agreste sobre o mar.

Caladan: seu planeta; abundante em mares e selvas, terra cultivável e recursos naturais. Tinha pertencido à Casa Atreides durante vinte e seis gerações. Agora pertencia a ele.

Amava este lugar, o aroma do ar, o sal do oceano, o cheiro de algas e pescado. O povo sempre tinha trabalhado duro para seu duque, e Leto tentava fazer tudo por ele. Se tivesse perdido o Julgamento de Confisco, o que teria sido dos bons cidadãos de Caladan? Teriam observado alguma diferença se estas posses tivessem sido entregues ao governo de, digamos, a Casa Teranos, a Casa Mutelli ou qualquer outro membro respeitável do Landsraad? Talvez sim... talvez não.

Em qualquer caso, Leto não podia imaginar outro lugar para viver, porque aquela era a sede dos Atreides. Mesmo que lhe tivessem tirado tudo, teria retornado a Caladan para viver perto do mar.

Embora Leto soubesse ser inocente, ainda não compreendia o que tinha acontecido às naves dos Tleilaxu dentro do Cruzeiro. Precisava de provas para demonstrar que ele não tinha realizado os disparos que quase desencadearam uma guerra total. Ao contrário, tinha motivos de sobra, e por isso as outras Casas se mostraram reticentes a intervir em sua defesa, fossem aliadas ou não. Nesse caso teriam posto em perigo sua parte do butim se as posses dos Atreides tivessem sido confiscadas e divididas. Não obstante, durante aqueles dias, muitas Casas tinham expressado em silêncio sua aprovação pela maneira como Leto tinha protegido sua tripulação e seus amigos.

E então, milagrosamente, o imperador Shaddam o salvara.

Durante o vôo desde Kaitain, Leto conversara longamente com Thufir Hawat, mas nem o jovem duque nem o guerreiro *Mentat* tinham conseguido imaginar os motivos de Shaddam para socorrer os Atreides, ou por que tivera tanto medo do

blefe de Leto. Embora fosse um rapaz ainda inexperiente, Leto aprendera a não confiar em uma explicação de puro altruísmo, face ao que Shaddam havia dito ao tribunal. Uma coisa era segura: o imperador ocultava algo. Algo que implicava os Tleilaxu.

A pedido de Leto, Hawat tinha enviado espiões Atreides a muitos planetas, com a esperança de coletar mais informação, mas o imperador, advertido pela mensagem misteriosa e provocadora de Leto, seria mais cuidadoso que nunca.

No conjunto do Império, a Casa Atreides ainda não era muito poderosa e não exercia influência sobre a família Corrino, nem tinha motivos para procurar sua proteção. Os laços de sangue não bastavam.

Embora Leto fosse primo de Shaddam, muitos membros do Landsraad podiam remontar sua linhagem, mesmo que parcial, até os Corrino, sobretudo se voltassem até os dias da Grande Revolução.

E onde se encaixavam as Bene Gesserit? Eram aliadas de Leto, ou inimigas? Por que tinham ajudado? E quem tinha enviado a informação sobre a implicação de Shaddam? Leto suspeitara da existência de inimigos ocultos, mas não de aliados tão discretos. Mas o mais enigmático era quem tinha destruído as naves Tleilaxu.

Afastou-se dos escarpados e atravessou uma colina suave até chegar aos moles silenciosos. Todos os navios tinham zarpado, exceto um pequeno bote e um iate, em cuja bandeira descolorida ondeava o falcão dos Atreides.

O falcão estivera a beira da extinção.

Leto se sentou no final do mole principal, escutou o rumor das ondas e os grasnidos das gaivotas cinzentas. Sentiu o aroma do sal e pescado, e do ar fresco. Recordou a ocasião em que Rhombur e ele tinham ido recolher gemas coralinas, o incêndio acidental e o percalço quase mortal que tinham sofrido naqueles recifes longínquos. Nada importante, comparado com o ocorrido mais tarde.

Viu um caranguejo de rocha grudado a um pilar do mole, mas depois desapareceu nas águas verde azuladas.

— Está contente de ser duque, ou preferiria ser um simples pescador? — A voz do principe Rhombur soou alegre e bem humorada.

Leto se voltou, e sentiu o calor das pranchas banhadas pelo sol no fundilho das calças. Rhombur e Thufir Hawat caminhavam para ele. Leto sabia que o Mestre de Assassinos o repreenderia por dar as costas à praia, pois o rugido do oceano esconderia o ruído de alguém que se aproximasse furtivamente.

— Possivelmente as duas coisas — disse Leto, enquanto ficava em pé e sacudia a roupa —. O que for melhor para entender meu povo.

— "Compreender seu povo pavimenta o caminho que conduz à compreensão da liderança" — Thufir Hawat recitou a velha máxima Atreides —. Espero que estivesse meditando sobre a arte de governar, pois nos espera muito trabalho, agora que tudo voltou ao normal.

Leto suspirou.

— Normal? Creio que não. Alguém tentou desencadear uma guerra com os Tleilaxu e de passagem culpar minha família. O imperador tem medo do que imagina que eu sei. A Casa Vernius continua renegada, e Rhombur e Kailea estão exilados, embora ao menos tenham sido perdoados. Para ajudar, meu bom nome não foi inocentado. Muita gente pensa ainda que eu ataquei essas naves. — Pegou um calhau e o jogou na água —. Se isto significar uma vitória para a Casa Atreides, Thufir, é agridoce, no máximo.

— Talvez — disse Rhombur, de pé junto ao bote —. Mas isso é sempre melhor que uma derrota.

O velho *Mentat* assentiu, e o sol ardente se refletiu em sua pele enrugada.

— Comportou-se com um verdadeiro porte de honra e nobreza, meu duque, e a Casa Atreides ganhou o respeito de quase todo o Império. Isto é uma vitória que não deve ser menosprezada.

Leto ergueu a vista para as altas toras do castelo de Caladan, que se erguiam sobre o escarpado. Seu castelo, seu lar.

Pensou nas antigas tradições de sua Grande Casa, e em como se apoiaria nelas. Devido a seu cargo, era um eixo ao redor do qual giravam milhões de vidas. A vida de um simples pescador teria sido mais fácil e aprazível, mas não para ele. Sempre seria o duque Leto Atreides. Tinha seu sobrenome, seu título, seus amigos. E a vida era agradável.

— Venham, jovens senhores — disse Thufir Hawat —. É hora de outra lição.

Leto e Rhombur, muito animados, seguiram o Mestre de Assassinos de volta ao castelo.

EPÍLOGO

Durante mais de uma década correram rumores de que eu escreveria outra novela ambientada no universo de Dune, uma seqüência do sexto livro da série. Casa Capitular de Dune. Tinha publicado certo número de novelas de ficção científica, mas não estava seguro de querer embarcar em algo tão grande e ameaçador. Afinal, Dune é uma obra magna, uma das novelas mais complexas e intrincadas jamais escritas. Versão atualizada do mito do tesouro do dragão, Dune relata a história de gigantescos vermes de areia que guardam o prezado tesouro da melange, a especiaria geriátrica. É

uma pérola magnífica, com camadas de brilho sob a superfície que chegam até o núcleo.

Quando aconteceu a morte prematura de meu pai, em 1986, estava começando a pensar em uma novela que tinha o título provisório de Dune 7, um projeto que tinha vendido a *Berkley Books*, mas sobre o qual não existiam notas ou rascunhos conhecidos. Meu pai e eu tínhamos falado em termos gerais a respeito de colaborar em uma novela de Dune algum dia, mas não tínhamos fixado data, nem estabelecido detalhes específicos nem diretrizes. Seria depois que terminasse Dune 7 e outros projetos.

Nos anos posteriores pensei na série inacabada do meu falecido pai, sobretudo depois de concluir um projeto que me custou cinco anos, *Dreamer Of Dune*, uma biografia deste homem complexo e enigmático, uma biografia que me exigiu analisar os origens e temas da série Dune.

depois de muitas reflexões, pareceu-me que seria fascinante escrever um livro sobre os acontecimentos que ele havia descrito de uma forma tão tentadora no Apêndice de Dune, uma nova novela onde eu retrocederia dez mil anos no tempo, até a época da Jihad Butleriana, a lendária Grande Revolução contra as máquinas pensantes. Tinha sido um período mítico de um universo mítico, um período onde se formaram quase todas as Grandes Escolas, incluídas a Bene Gesserit, *Mentats* e os Mestres Espadachins.

Depois de conhecer meu interesse, escritores famosos me abordaram com ofertas de colaboração, mas ao dar voltas às idéias junto com eles não vi como o projeto pudesse progredir. Eram excelentes escritores, mas em contato com eles não sentia a sinergia necessária para uma tarefa tão monumental. Dediquei-me a outros projetos e deixei de lado o maior.

Ademais, ao mesmo tempo que meu pai tinha deixado muitos cabos soltos estimulantes no quinto e sexto livro da série, tinha escrito um epílogo para Casa Capitular de Dune que constituía uma maravilhosa dedicatória a minha falecida mãe, Beverly Herbert, sua esposa durante quase quatro décadas. Tinham formado uma equipe onde ela corrigia o trabalho dele e agia como caixa de ressonância de sua corrente de idéias. Uma vez os dois falecidos, parecia a conclusão certa abandonar o projeto.

O problema era que um indivíduo chamado Ed Kramer não parava de me perseguir. Editor de êxito e patrocinador de convenções de ficção científica e fantasia, queria recolher uma antologia de relatos breves ambientados no universo de Dune, escritos por autores conhecidos.

Convenceu-me de que seria um projeto interessante e significativo, e falamos de editá-lo. Não concluímos todos os detalhes, já que o projeto apresentava numerosas complexidades, tanto legais como artísticas.

Enquanto estávamos nisso, Ed me disse que tinha recebido uma carta do famoso autor Kevin J. Anderson, que tinha sido convidado a colaborar na antologia. Sugeriu o que ele chamou “uma conjectura aleatória”, e me perguntou pela possibilidade de trabalhar em uma novela longa, se possível uma continuação de Casa Capitular de Dune.

O entusiasmo de Kevin pelo universo de Dune transparecia em sua carta. De qualquer modo, posterguei a resposta durante um mês, pois não estava seguro. Apesar de seu demonstrado talento, eu duvidava. Era uma decisão muito importante. Eu queria me dedicar a fundo no projeto, e precisava participar para garantir a produção de uma novela fiel à série original, junto com O senhor dos Anéis, de J. R. R. Tolkien e um punhado de outras obras, Dune se destacava como um dos maiores exercícios criativos de todos os tempos, e o maior exemplo da construção de um universo de ficção científica na história da literatura. Para proteger o legado de meu pai, devia escolher a pessoa adequada. Li tudo de Kevin que caiu em minhas mãos, e fiz mais averiguações sobre ele.

Logo ficou claro que era um escritor brilhante, e sua reputação era impecável. Decidi conversar com ele por telefone.

Combinamos imediatamente, tanto no plano pessoal como no profissional. Além de me cair muito bem, sentia uma energia recíproca, um fluxo notável de idéias que beneficiaria a série. Depois de obter a aprovação de minha família, Kevin e eu decidimos escrever uma novela, não ambientada na época antiga, muito antes de Dune, mas centralizar nos acontecimentos ocorridos trinta ou quarenta anos antes do princípio de Dune, a história amorosa dos pais de Paul, o envio do planetólogo Pardot Kynes a Arrakis, os motivos da terrível e destruidora inimizade entre a Casa Atreides e a Casa Harkonnen, e muitos mais.

Antes de escrever um esboço detalhado, relemos os seis livros de Dune, e assumi a tarefa de redigir o Códice de Dune, uma enciclopédia de todos os personagens, lugares e maravilhas do universo de Dune. Era de vital importância determinar para onde meu pai levava a conclusão da série. Estava claro que se propunha a materializar algo transcendental em Dune 7, e tinha nos deixado um grande mistério. Não havia notas nem pistas, só minha lembrança de que ele utilizara um rotulador amarelo nos exemplares de bolso de Hereges De Dune e Casa Capitular de Dune pouco antes de sua morte, livros que ninguém conseguiu localizar depois do seu falecimento.

No início de maio de 1997, quando por fim conheci Kevin J.

Anderson e sua esposa, a autora Rebecca Moesta, novas histórias floresceram em nossas mentes. Como em estado de transe, nós as esboçamos e gravamos em fita. A partir destas notas as cenas começaram a se desenvolver, mas ainda discutíamos sobre a reviravolta que meu pai pensava imprimir à série.

Nos dois últimos livros. Hereges de Dune e Casa Capitular de Dune, introduziu uma nova ameaça, as desprezadas Honoráveis Madres, que devastavam grande parte da galáxia. Ao final de Casa Capitular, os personagens se encontravam encurralados, totalmente derrotados... e depois o leitor descobria que mesmo as Honoráveis Madres fugiam de uma ameaça ainda mais misteriosa, um perigo que espreitava os protagonistas da história, quase todos eles reverendas madres da Bene Gesserit.

Duas semanas depois de nosso encontro, recebi uma chamada telefônica de um advogado que se encarregou de assuntos relacionados a meus pais. Informou-me

que duas caixas de segurança pertencentes a Frank Herbert tinham aparecido em um banco do Scattle, caixas cuja existência desconhecíamos. Combinei uma entrevista com os diretores do banco, e as caixas de segurança foram abertas em um ambiente de grande emoção.

Dentro havia papéis e disquetes antigos que incluíam notas amplas para um Dune 7 não publicado, a longamente esperada sequencia de Casa Capitular de Dune. Agora, Kevin e eu sabíamos qual era o objetivo da série e podíamos tecer os acontecimentos de nossa novela.

Nos dedicamos com renovado entusiasmo à tarefa de preparar uma proposta literária que pudesse ser apresentada aos editores. Naquele verão tinha planejado uma viagem a Europa, uma celebração de aniversário que minha esposa Jan e eu planejávamos há muito tempo. Levei meu computador portátil e uma impressora de pouco peso, e Kevin e eu trocamos pacotes por correio urgente durante todo o verão. Quando retornei no final do verão, tínhamos uma proposta de 141 páginas para uma trilogia, a maior que tínhamos visto em nossas vidas. Meu projeto de Dune tinha passado da metade, mas ainda me esperavam meses de intenso trabalho antes de terminá-lo.

Enquanto esperava a resposta de alguma editora, recordei as muitas sessões de escrita que tinha desfrutado com meu pai, e minhas primeiras novelas dos anos oitenta que ele tinha recebido com carinhosas e atentas sugestões para melhorar. Tudo o que aprendera com ele, e mais, seria necessário para o imenso projeto da novela.

Brian Herbert

Não conheci Frank Herbert em pessoa, mas o conhecia bem graças a seus livros. Li Dune quando tinha dez anos, e o reli diversas vezes ao longo dos anos. Depois, reli e gozei todas as sequências. O Imperador Deus de Dune, recém saído da imprensa, foi a primeira novela de capa dura que comprei em minha vida (acabava de entrar na universidade). Depois procurei todas as suas novelas: O cérebro verde, *Hellstrom's Hive*, A barreira Saniaroga, Os olhos do Heisenberg, *Destination: Void*, *The Jesus Incident* e mais e mais e mais.

Para mim, Frank Herbert era o ápice do que a ficção científica devia ser, ambiciosa, com proporções épica, bem investigada e tecida, tudo no mesmo livro. Outras novelas do gênero acertavam em um ou dois destes aspectos, mas

Dune conseguiu totalmente. Quando tinha cinco anos, já tinha decidido que queria ser escritor. Quando tinha doze, sabia que queria escrever livros como os de Frank Herbert.

Durante meus anos universitários escrevi um punhado de relatos breves, e depois comecei minha primeira novela, *Resurrection Inc*., um relato complexo situado em um mundo futuro onde os mortos eram ressuscitados para servir os vivos. A novela estava infestada de comentários sociais, pinceladas religiosas, uma mistura de personagens e um argumento intrincado. Nessa época já tinha reunido méritos suficientes para ingressar na associação de Escritores de Ficção Científica Norte-americanos, e um dos principais benefícios foi encontrar ali o endereço de Frank Herbert. Prometeu-me que enviaria o primeiro exemplar assinado. A novela foi vendida quase imediatamente a *Signet Books*, mas Frank Herbert morreu antes de sua publicação.

Tinha lido com avidez os dois últimos livros de Dune, Hereges e Casa Capitular, nos quais Herbert tinha iniciado uma série de novos acontecimentos que alcançavam um clímax febril, destruía literalmente toda vida sobre o planeta Arrakis e deixava à humanidade ao beira da extinção. Aí abandonou a história por causa de sua morte. Sabia que seu filho Brian era também um escritor profissional com várias novelas de ficção científica em seu nome. Esperei, esperançoso, que Brian terminasse o rascunho de um manuscrito, ou ao menos descobrisse um esboço de seu pai. Algum dia, os fiéis leitores de Dune teriam uma solução para este desenlace incerto.

Enquanto isso, minha carreira de escritor florescia. Fui nomeado para o prêmio Bram Stoker e o prêmio Nébula. Estúdios de Hollywood compraram ou formularam opções por dois de meus *thrillers*. Enquanto continuava escrevendo novelas, encontrei um filão nas sequências de universos estabelecidos, como *Star Wars* e Arquivo X (ambos eu gostava).

Aprendi a estudar as regras e os personagens, para contar minhas próprias histórias dentro dos limites e expectativas dos leitores.

Depois, na primavera de 1996, passei uma semana no Vale da Morte (Califórnia), que sempre foi um de meus lugares favoritos para escrever.

Uma tarde fui de excursão a um *canyon* isolado e longínquo, absorto no argumento que ia ditando. Ao fim de uma hora descobri que tinha tomado o

caminho errado, e tive que andar mais quilômetros do que os calculados para voltar ao meu carro. Durante aquele longo passeio, no meio do deserto, meus pensamentos giravam em torno de Dune.

Haviam se passado dez anos desde a morte de Frank Herbert, e já tinha decidido que Dune ia terminar de uma forma aberta. Ainda queria saber como se desenvolvia a história... mesmo que eu tivesse que escrevê-

la.

Não conhecera Brian Herbert, nem sequer tinha motivos para supor que consideraria minha sugestão. Mas Dune era minha novela favorita de ficção científica, e não me ocorria um trabalho melhor. Decidi que perguntar não custava nada...

Esperamos que tenham desfrutado ao visitar o universo de Dune novamente através de nossos olhos. Foi uma imensa honra examinar milhares de páginas das notas originais de Frank Herbert, afim de recriar alguns dos ambientes que surgiram de sua investigação, sua imaginação e sua vida. Ainda considero Dune tão emocionante e estimulante como a primeira vez que a li, há muitos anos.

Kevin J. Anderson